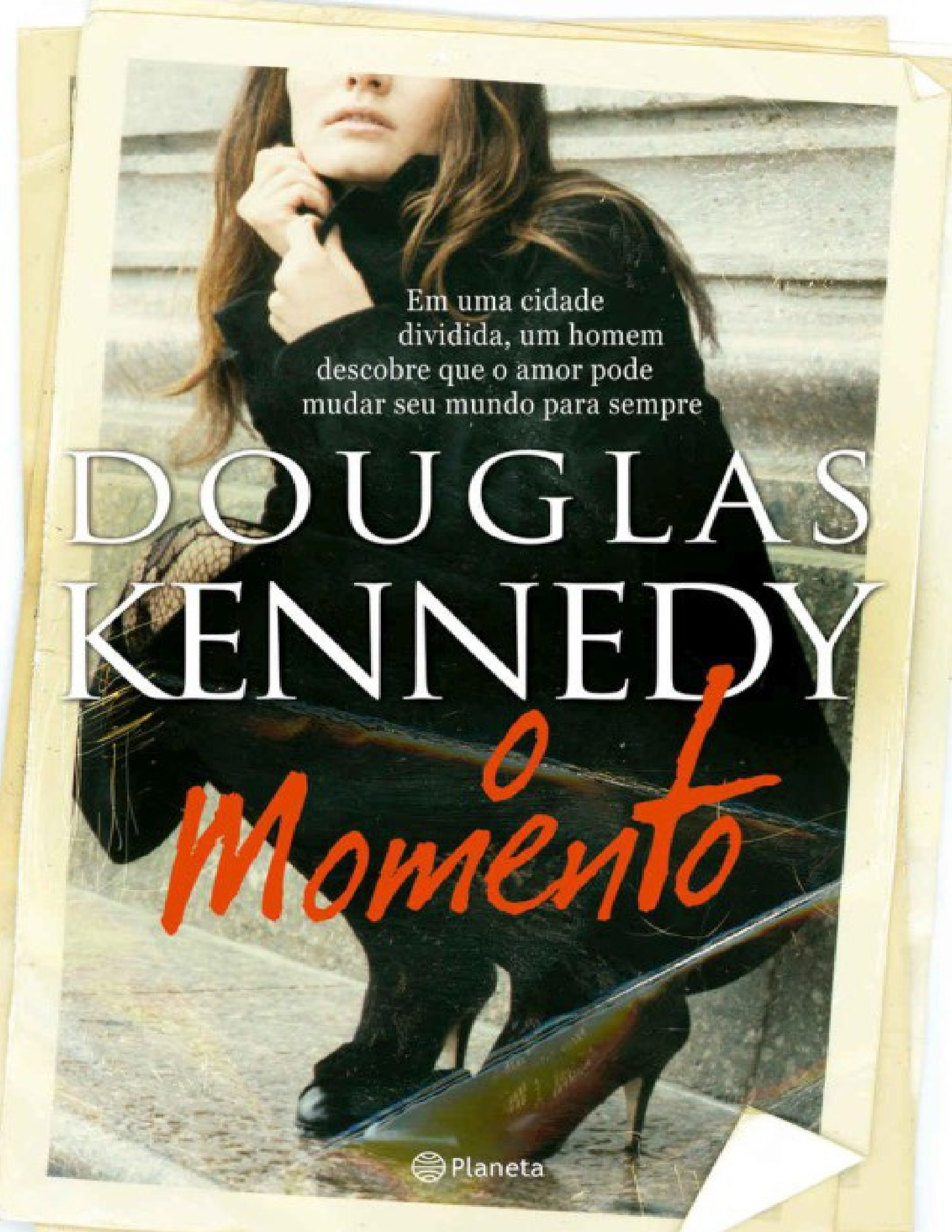


The book cover features a photograph of a woman with long brown hair, wearing a black turtleneck sweater and black high-heeled shoes. She is sitting on a set of stone steps, with her hands clasped near her chin. The background is a blurred outdoor setting. The text is overlaid on the image. The title 'O Momento' is in a large, red, handwritten-style font. The author's name 'DOUGLAS KENNEDY' is in a white, serif, all-caps font. A short blurb is in a smaller, white, sans-serif font. The publisher's logo and name are at the bottom.

Em uma cidade
dividida, um homem
descobre que o amor pode
mudar seu mundo para sempre

DOUGLAS
KENNEDY

O
Momento



Momento

DOUGLAS
KENNEDY

Momento

Tradução

Júlio de Andrade Filho

 Planeta

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K43m

Kennedy, Douglas, 1955-

O momento / Douglas Kennedy ; [tradução Júlio de Andrade Filho]. - São Paulo : Planeta, 2014. 528 p. : il.

Tradução de: The moment

ISBN 978-85-422-0345-5

1. Ficção americana. 2. Romance. I. Andrade Filho, Júlio. II. Título.

13-08069

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 — 3º andar — conj. 32B

Edifício New York

05001-100 — São Paulo — SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para cinco grandes amigos:
Noeleen Dowling de Grangegorman, Dublin;
Anne Ireland, de Falmouth, Maine;
Howard Rosenstein de Montreal, Quebec;
Judy Rymer de Sydney, New South Wales;
e Roger Williams – que mora do outro lado da rua em Wiscasset, Maine.

E em memória de outro grande amigo,
Joseph Strick (1924-2010).

Oh, I have made myself a tribe
out of my true affections,
and my tribe is scattered!
How shall the heart be reconciled
to its feast of losses?¹
— Stanley Kunitz, *The Layers*

== *Parte um* ==

Comecei o dia com os papéis do divórcio. Já tive melhores cafés da manhã na vida. E embora soubesse que eles estavam chegando, o momento em que realmente pousaram na minha mão ainda me balançou. Porque a sua chegada de fato anunciava: este é o início do fim.

Eu moro em uma pequena casa de campo. Ela está localizada em uma estrada perto da cidade de Edgecomb, Maine. A casa é simples: dois quartos, um estúdio, a sala de estar e a cozinha ampla em um único ambiente, paredes caiadas e assoalhos de madeira manchados. Comprei-a há um ano, quando recebi um dinheiro extra. Meu pai tinha acabado de morrer. Embora estivesse quebrado no momento em que seu coração explodiu, ele ainda tinha uma apólice de seguro em vigor, ainda de seus dias como executivo de uma grande empresa. A apólice era de trezentos mil dólares. Como eu era filho único e o último sobrevivente da família — minha mãe já tinha partido desta vida alguns anos antes —, eu era também o único beneficiário. Meu pai e eu não éramos próximos. Eu costumava fazer-lhe uma visita anual de três dias em seu asilo no Arizona. E sempre enviava a ele cada um dos meus livros de viagens assim que eram publicados. Além disso, nosso contato era mínimo — um longo constrangimento enraizado que sempre restringia qualquer proximidade ou tentativa de familiaridade entre nós. Quando viajei sozinho para Phoenix a fim de organizar o funeral e fechar sua casa, um advogado local entrou em contato comigo. Ele disse que tinha elaborado o testamento do meu pai e perguntou se eu sabia que estava prestes a receber um belo prêmio da companhia de seguros Mutual of Omaha Insurance Corporation.

— Mas papai andou quebrado por vários anos — retruquei ao advogado. — Então por que ele não sacou essa apólice e viveu dos lucros?

— Boa pergunta — disse o advogado. — Especialmente porque eu mesmo o aconselhei a fazer isso. Mas o velho era muito teimoso, muito orgulhoso.

— Nem me fale... — retruquei. — Eu tentei enviar para ele algum dinheiro uma vez, não que eu tivesse muito a oferecer. Mas ele devolveu o meu cheque.

— Nas poucas vezes em que vi o seu pai, ele se gabava sobre o filho, o conhecido escritor.

— Eu, conhecido escritor? Bem longe disso...

— Bem, mas você tem seus livros publicados — respondeu o advogado. — E ele estava muito orgulhoso do que você tinha conseguido.

— Isso é novidade para mim — disse eu, subitamente tentando segurar as lágrimas.

Papai raramente fazia algum comentário sobre meus livros.

— Essa geração do seu pai — continuou o advogado — muitas vezes não conseguia articular uma porcaria de frase sobre o que estava sentindo. Mas ele obviamente queria que você tivesse algum tipo de legado dele, por isso esperamos que você receba um pagamento de trezentos mil nas próximas duas semanas.

Voei de volta para o leste no dia seguinte. Em vez de retornar para a casa em Cambridge que eu compartilhava com minha esposa, me vi de repente alugando um carro no aeroporto Logan e dirigindo-o em direção ao norte. Era início da noite quando saí do aeroporto. Levei o carro para a Interestadual Noventa e Cinco e dirigi. Três horas mais tarde, eu estava na Rota Um em Maine. Passei pela cidade de Wiscasset, em seguida atravessei o rio Sheepscot e acabei estacionando em um hotel de beira de estrada. Era meados de janeiro. O mercúrio do termômetro estava bem abaixo de zero. A nevasca recente deixou tudo branco brilhante, e eu era o único hóspede na pousada.

— O que o traz até aqui nesta época do ano? — perguntou-me o funcionário na recepção.

— Não faço ideia — respondi.

Eu não consegui dormir naquela noite e bebi praticamente toda a garrafa de Bourbon que tinha guardado na minha mala de viagem. Com a primeira luz do dia, voltei para meu carro de aluguel e comecei a dirigir. Segui a estrada a leste, uma via estreita de duas pistas de asfalto que serpenteava ao descer uma colina e por uma curva sinuosa. Uma vez que aquela curva foi superada, a recompensa era espetacular. Porque lá, à minha frente, estava uma extensão congelada, sombreada em água-marinha; uma vasta baía protegida, cercada por florestas geladas, com uma névoa de baixa altitude pairando sobre a sua superfície glacial. Freei e saí do carro. Um vento boreal estava soprando. Ele se chocava contra meu rosto e deixava meus olhos irritados. Mas eu me forcei a caminhar até a beira da água. Um sol raquítico estava tentando iluminar o mundo. Sua potência era tão fraca que a baía continuou manchada pela névoa, fazendo-a parecer tanto etérea quanto mal-assombrada. Embora o frio fosse brutal, eu não podia tirar meus olhos daquela paisagem espectral. Até que outra rajada de vento me fez afastar dali da margem.

E naquele exato momento, eu vi a casa de campo.

Ela estava posicionada sobre um pequeno pedaço de terra, acima da baía. Seu projeto era muito básico, uma estrutura simples e sólida, com as laterais cobertas por madeira branca surrada pelas intempéries. Sua pequena entrada de carros estava vazia. Não havia luzes acesas dentro, mas posicionada na frente da casa existia uma plaqueta em que se lia “Vende-se”. Puxei meu *notebook* e anotei o nome e o número do telefone do corretor imobiliário de Wiscasset que estava cuidando disso. Minha ideia era chegar mais perto da casa para examiná-la com cuidado, mas o frio finalmente forçou-me de volta para o carro. Fui em busca de uma lanchonete que servisse café da manhã. Encontrei uma na periferia da cidade. E então descobri que o escritório do corretor ficava na rua principal. Trinta minutos depois de eu ter atravessado a porta da frente da imobiliária, estávamos de volta à casa de campo.

— Bem, preciso alertá-lo de que o lugar é um pouco primitivo — disse o corretor. — Mas a estrutura da casa em si é muito boa. E, claro, está à beira d’água. Melhor ainda, é parte de um inventário. Como está à venda há quase um ano e meio, acho que a família vai aceitar uma oferta razoável.

O corretor estava certo. Devo dizer que aquela casa era, digamos, mais do que rústica, mas tinha sido bem adaptada para as condições do inverno. E graças a papai, o preço de duzentos e vinte mil dólares que eles estavam pedindo era agora bem acessível para mim. Ofereci cento e oitenta e

cinco mil à vista e, no fim daquela manhã, fui informado de que a oferta tinha sido aceita. No dia seguinte, e como cortesia do corretor imobiliário, conheci um empreiteiro local que estava disposto a refazer a casa dentro do meu orçamento de sessenta mil dólares. E ao fim desse mesmo dia finalmente telefonei para casa e tive que responder a muitas perguntas de minha esposa, Jan, sobre o porquê de eu haver ficado fora de contato durante as últimas setenta horas.

— Porque, no caminho de volta para casa do enterro de meu pai, eu comprei uma casa.

O silêncio que se seguiu a essa declaração foi daqueles bem extensos e, só agora consigo compreender, foi também o momento em que a paciência de Jan comigo finalmente se esgotou.

— Por favor, me diga que isso é uma piada — disse ela.

Mas não era uma piada. Foi uma declaração de princípios, e dotada de uma quantidade considerável de subtexto. Jan parecia ter entendido isso. E, realmente como eu previa, a partir do momento em que lhe informei sobre aquela compra por impulso, o cenário de nossa vida em comum ficou irremediavelmente trincado.

Ainda assim, segui em frente e finalizei os arranjos da compra da casa. O que, por sua vez, pode significar que eu realmente desejava que as coisas acabassem daquele jeito.

Mas aquele momento de permanente cisma e desconfiança entre nós dois não aconteceu antes de oito meses. Um casamento, especialmente um de vinte anos de duração, raramente termina com um estrondo decisivo. É mais como, mal comparando, todas as fases que a pessoa passa diante de uma doença terminal: raiva, negação, súplicas, e depois mais raiva, negação... Embora nunca parecêssemos alcançar a parte da “aceitação” daquela “jornada”. Em vez disso, durante um fim de semana de agosto, quando chegamos até a cabana agora reformada, Jan decidiu me dizer que, para ela, o casamento estava acabado. E ela deixou a cidade no ônibus seguinte.

Não foi um fim com um estrondo, foi só com...

Uma tristeza tênue...

Fiquei em minha casa de campo pelo resto do verão, retornando somente uma vez para nossa casa em Cambridge, durante um fim de semana em que Jan estava fora, para arrumar todos os meus bens (livros, papéis e as poucas roupas que eu possuía). Então, eu voltei para o norte.

Não com um estrondo, apenas com um...

Meses se passaram. Fiquei sem viajar durante um tempo. Minha filha Candace me visitava no chalé um fim de semana por mês. Toda segunda terça-feira do mês (a escolha foi dela), eu dirigia meia hora da minha casa até a faculdade em que ela estudava em Brunswick para levá-la para jantar fora. Quando nos reuníamos, a gente conversava sobre suas aulas e seus amigos e sobre o livro que estava escrevendo. Mas nós raramente mencionávamos sua mãe, exceto por uma noite depois do Natal, quando ela me perguntou:

— Você está bem, papai?

— Não estou mal... — respondi, sabendo que eu estava parecendo reticente.

— Você devia conhecer alguém.

— É mais fácil falar do que fazer no sertão do Maine. De qualquer forma, eu tenho um livro para terminar.

— Mamãe sempre disse que, para você, os livros ficavam sempre em primeiro lugar — retorquiu Candace.

— Você concorda com isso? — perguntei.

— Sim e não. Você viajava um montão. Mas, quando estava em casa, você era legal.

— Eu ainda sou legal?

— Muito legal — disse ela, dando um apertão no meu braço. — Mas, sei lá, eu gostaria que você não ficasse tão sozinho.

— A maldição do escritor — observei. — Você tem que estar sozinho, você tem que ser obsessivo, e aqueles próximos a você costumam achar que isso é muito difícil de suportar. E quem pode culpá-los, não é?

— Minha mãe disse uma vez que você nunca a amou realmente, que seu coração estava em outro lugar.

Olhei para minha filha com atenção.

— Havia muitas coisas antes de sua mãe — retruquei. — Ainda assim, eu a amava.

— Mas nem sempre.

— Bem, Candace, aquilo foi um casamento e com tudo o que implica isso. E ele durou vinte anos.

— Mesmo se o seu coração estivesse em outro lugar?

— Você está fazendo um monte de perguntas — respondi.

— Só porque você é tão evasivo, pai — disse ela.

— O passado já passou há muito...

— E você realmente quer se esquivar dessa pergunta, não é?

Eu sorri para aquela minha filha muito precoce e sugeri que tomássemos mais um copo de vinho.

— Tenho uma pergunta de alemão, pai — disse ela, aparentemente mudando de assunto.

— Pode mandar.

— Nós estávamos traduzindo Lutero outro dia em sala de aula.

— Seu professor é um sádico? — perguntei.

— Não, só alemão. De qualquer forma, enquanto a gente estudava uma coleção de aforismos de Lutero, achei algo pertinente...

— Pertinente a quem?

— A nenhuma pessoa em particular. Mas eu não tenho certeza de que traduzi a citação de forma correta.

— Hum... — disse eu. — E você acha que eu posso te ajudar?

— Você é fluente, pai. *Du sprichst die Sprache.*²

— Apenas depois de umas duas taças de vinho — brinquei.

— A modéstia demais é uma coisa muito chata, pai...

— Tudo bem, vá em frente, me diga qual a citação de Lutero.

— *Wie bald “nicht jetzt” “nie” wird.*

Não vacilei e traduzi direto:

— Quão rapidamente o “agora não” se transforma em “nunca”.

— Adorei essa citação — disse Candace.

— E, como acontece com todas as grandes citações — respondi —, ela fala uma certa verdade. O que a fez selecionar essa em especial?

— Porque estou preocupada em ser uma pessoa do tipo “agora não”.

— Mas — retruquei espantado — por que você está dizendo isso?

— Não consigo viver o momento, não me permito ser feliz onde estou, entende?

— Você não está sendo um pouco dura consigo mesma, minha filha?

— Acho que não — respondeu ela. — Porque eu sei que você é assim também.

Wie bald “nicht jetzt” “nie” wird.

— O momento... — comecei a dizer, como se estivesse tentando falar essa palavra pela primeira vez —... É um lugar muito superestimado.

— Mas é tudo o que nós temos, certo? Esta noite, esta conversa, neste momento. O que mais existe?

— O passado — respondi.

— Eu sabia que você ia dizer isso, porque essa é a sua obsessão. Está em todos os seus livros. Por que “o passado”, papai?

— Porque ele sempre informa o presente.

E porque você nunca pode realmente escapar de seu controle, não mais do que pode enfrentar a verdade com relação àquilo que está terminando em sua vida. Considere o seguinte: meu casamento pode ter começado a se desintegrar há uma década, e o primeiro sinal do fim do jogo pode ter sido dado naquele dia de janeiro, quando comprei a casa no Maine. Mas realmente não aceitei a irrevogabilidade de tudo isso até a manhã depois do meu jantar com Candace, quando alguém bateu na minha porta de casa muito cedo pela manhã.

Por ora, os poucos vizinhos que já conheci sabem que não sou uma pessoa de acordar cedo. E isso me torna um ser raro neste canto do Maine, onde todos parecem se levantar uma hora ou coisa parecida antes do amanhecer e onde nove da manhã já é considerado o meio do dia.

Mas eu nunca emergi no mundo antes do meio-dia. Eu sou um homem da noite. Costumo começar a escrever depois das dez da noite e geralmente fico trabalhando até as três da madrugada, altura em que embalo uma ou duas doses de uísque noturno, assisto a um filme antigo ou leio um

livro, finalmente indo para a cama por volta das cinco. Eu tenho vivido assim desde que comecei a escrever, vinte e sete anos atrás, um fato que minha mulher achou um tanto encantador no início do nosso casamento e uma fonte de grande frustração depois. “Entre suas viagens e depois de se matar de trabalhar a noite toda, não tenho vida com você” era um lamento comum, ao qual só poderia responder: “Eu me declaro culpado!”. Agora, depois que meu aniversário de cinquenta anos já passou há muito tempo, continuo preso ao meu estilo de vida vampírico; e as poucas vezes em que vi o amanhecer foram aquelas noites ocasionais em que me senti sortudo por estar inspirado e escrevi durante a noite toda.

Mas, nesta manhã de janeiro, uma série de ruidosas batidas autoritárias na porta da rua me fez acordar assim que os primeiros raios de um sol de inverno rasgavam o céu noturno. Por um confuso momento, pensei estar em meio a um louco devaneio kafkiano, com as forças policiais de algum sinistro governo chegando para me prender por crimes de pensamento não especificados. Mas depois meu sentido voltou. Olhando para o meu relógio de cabeceira, vi que era apenas um pouco depois das sete e meia. As batidas na porta se intensificaram. Havia realmente alguém esmurrando do lado de fora.

Saí, peguei meu roupão de banho e vaguei até a porta da frente. Quando abri, vi um homem enfiado em um casaco e um chapéu de malha do lado de fora. Uma mão estava por trás de suas costas. Ele parecia gelado e irritado.

— Então você está aqui, afinal — disse ele, e uma névoa de ar congelado acompanhou suas palavras.

— Desculpe?

— Thomas Nesbitt?

— Eu... Sim...

De repente, a mão escondida atrás das costas surgiu. Ele estava segurando um grande envelope. Como se fosse uma professora vitoriana usando uma régua para disciplinar uma criança, ele bateu o envelope direto na palma da minha mão direita.

— Você foi intimado, Sr. Nesbitt — disse o homem.

Então ele se virou e entrou no carro.

Fiquei parado na porta por alguns minutos, ignorando o frio. Fiquei olhando para aquele enorme envelope da Corte, tentando chegar a um acordo com o que acabara de acontecer. Quando senti os meus dedos dormentes, finalmente voltei para dentro da casa. Sentado à mesa da cozinha, abri o envelope. O que ele continha era um pedido de divórcio do estado de Massachusetts. Meu nome – Thomas Alden Nesbitt – fora impresso ao lado do da minha esposa – Jan Rogers Stafford. Ela foi nomeada como petionária. E eu, o reclamado. Antes que meus olhos pudessem entender alguma coisa do que estava escrito, empurrei o documento para longe de mim. Engoli em seco. Eu sabia que isso ia acontecer. Mas há uma diferença enorme entre o teórico e o severo papel impresso da realidade. Um divórcio, não importa o quanto seja esperado, ainda é uma terrível admissão de fracasso. O sentimento de perda, especialmente depois de vinte anos, é imenso. E agora...

Este documento. Esta afirmação definitiva do fato irreparável.

Como é possível abrir mão daquilo que um dia foi considerado tão essencial em sua vida?

Naquela manhã de janeiro, eu não tinha resposta para tal pergunta. Tudo o que eu tinha era uma petição dizendo que meu casamento acabou, e a questão implacável inquietante estava em minha frente: poderíamos nós, *eu*, ter encontrado um caminho em meio àquela sombria floresta?

“Minha mãe disse uma vez que você nunca a amou realmente, que seu coração estava em outro lugar.”

Não era tão fácil assim. Mas não há dúvida de que o histórico informa tudo tão bem em nossas vidas, e que é tão difícil se libertar de certas coisas imutáveis que continuam a pesar sobre nós.

Mas por que procurar respostas quando nenhuma vai servir de bálsamo para nada? Eu disse a mim mesmo, olhando para a petição do outro lado da mesa. *Faça o que sempre faz quando a vida desaba em cima de você. Fuja.*

Assim, enquanto esperava que o café coasse, comecei a dar uns telefonemas. O primeiro foi para minha advogada em Boston, que me pediu que assinasse a intimação e depois enviasse a ela. E também me deu um pequeno conselho: não entre em pânico. Depois, fiz um telefonema para um pequeno hotel que ficava a cinco horas de carro ao norte daqui, para saber se eles tinham um quarto disponível para os próximos sete dias. Quando eles confirmaram que tinham uma vaga, eu lhes pedi que esperassem minha chegada por volta das seis da tarde. Em uma hora, já tinha tomado banho, feito a barba e arrumado minha mala. Peguei meu *laptop*, meu conjunto de esquis e carreguei tudo isso em meu jipe. Liguei para minha filha em seu celular e deixei uma mensagem informando que estaria fora pela próxima semana, mas que voltaria para o jantar com ela na terça-feira da semana seguinte. Tranquei o chalé e olhei meu relógio de pulso. Nove em ponto. Na hora em que subi em meu jipe, a neve começou a cair. Dentro de instantes, as condições eram quase de uma nevasca. Mas, mesmo assim, forcei meu veículo para pegar a estrada e naveguei cuidadosamente em direção ao cruzamento com a Rota Um. Olhando no retrovisor, vi que minha casa tinha desaparecido. Uma simples mudança climática e tudo o que é concreto e crucial para nós pode desaparecer em um instante, lançado fora de vista por uma nevasca que tingiu tudo de branco.

A neve ficou mais pesada quando me virei para o sul e parei na agência de correios em Wiscasset. Assim que aqueles documentos, agora assinados, foram despachados, voltei a dirigir, só que agora em direção a oeste. A visibilidade, nesta altura, era inexistente, tornando impossível qualquer tipo de movimentação e a qualquer velocidade. Eu deveria ter abandonado o navio, encontrado um hotel na beira da estrada e me aconchegado por lá até que a nevasca passasse. Mas agora eu estava aprisionado naquele mesmo estado de espírito irascível que me dominava quando me sentia incapaz de escrever: *Você vai descobrir um caminho no meio disso tudo...*

Demorou pouco mais do que seis horas para chegar ao meu destino. Quando finalmente entrei no estacionamento do meu hotel em Quebec City, não pude evitar senão me perguntar que diabos eu estava fazendo lá.

Estava me sentindo tão cansado por causa de todos os eventos daquele dia que caí na cama às

dez da noite. Consegui dormir até o amanhecer. Quando acordei, lá estava ele, o momento habitual de perplexidade, seguido pela chegada da angústia. Outro dia, outra luta para manter aquela dor em um nível tolerável. Depois do almoço, vesti a roupa apropriada e me dirigi ao norte, ao longo do rio, para um centro de esqui que, certa vez, tinha visitado com Jan. A temperatura, pelo menos de acordo com o indicador em meu carro, estava quase vinte abaixo de zero. Estacionei o jipe e desci do carro, o frio dilacerante e vingativo. Puxei meus esquis e bastões para fora da porta traseira do carro e fui caminhando até o início da trilha. Calcei os esquis, as botas se encaixando no lugar certo com um clique decisivo. Imediatamente me empurrei para dentro da densa floresta através da qual a trilha tinha sido aberta. O frio estava agora tão severo que meus dedos enrijeceram. Era impossível fechá-los em torno dos meus bastões. Mas eu me forcei a ganhar velocidade. O chamado esqui *cross-country* é na verdade uma prova de resistência, especialmente em temperaturas abaixo de zero. Somente quando você ganha o suficiente de propulsão para a frente a fim de aquecer seu corpo é que o insuportável se torna aceitável. Este processo levou cerca de meia hora, cada dedo gradualmente entrando em um nível de descongelamento com o acúmulo de calor no corpo. Depois de ter andando cerca de cinco quilômetros é que eu estava realmente aquecido e concentrado no movimento ritmado de *empurrar-deslizar-empurrar-deslizar*, necessário para fazer os esquis se moverem, que fiquei alheio a tudo ao meu redor.

Até o instante em que a trilha fez uma curva fechada e de repente me enviou pela vertiginosa encosta de uma colina. *Isso é o que dá você se meter por uma trilha de esquiadores profissionais*. Mas os treinamentos que fiz no passado subitamente vieram à tona e eu cuidadosamente levantei meu esqui esquerdo para longe da pista esburacada e o posicionei sobre a neve supostamente mais macia. Então eu virei a ponta para dentro em direção ao outro esqui. Normalmente, essa manobra deve reduzir a velocidade e permitir que você controle os mergulhos e as curvas acentuadas da pista. Mas a trilha estava tão congelada, tão lisa com as agruras sofridas pelos ocupantes anteriores, que eu simplesmente não conseguia ir mais devagar. Tentei arrastar meus bastões. Não adiantou. Foi quando de repente levei meus esquis de volta para a trilha, levantei os bastões e deixei ir em frente. Estava agora em uma trajetória de descida numa velocidade feroz: tudo de velocidade, nada de lógico, nenhuma ideia do que poderia existir mais à frente. Por alguns breves momentos, houve a alegria da queda livre, o abandono da prudência, a sensação de que nada mais importava, apenas esse mergulho em direção...

... A uma árvore. Ela estava bem ali adiante, seu tronco maciço acenando para mim. A gravidade estava me enviando diretamente para seu epicentro. Nada que pudesse deter meu choque, que me enviaria ao esquecimento. Por um nanossegundo, estive prestes a receber isso de bom grado... Até que enxerguei o rosto de minha filha bem à minha frente e me senti esmagado por um horrível pensamento: *ela terá que viver com isso pelo resto de sua vida*. Foi nesse ponto que algum instinto racional despertou dentro de mim e eu me atirei para longe do súbito impacto. No momento em que desabei sobre a neve, escorreguei por alguns metros. A neve não era nem um pouco macia, como se fosse um travesseiro. Na verdade, parecia mais um lençol congelado, uma vasta planície desolada. Meu lado esquerdo bateu em sua superfície de concreto, depois a minha cabeça, o mundo ficou embaçado, e...

Eu estava ciente de alguém se agachando ao meu lado, verificando meus sinais vitais, falando francês rapidamente em um telefone. Além disso, tudo era muito nebuloso, vago. Eu não estava sabendo de muita coisa, além do fato de que estava sentindo dor em todos os lugares. Eu desmaiei, acordando novamente enquanto estava sendo erguido e colocado em uma maca, e então carregado em um trenó, amarrado e...

Agora, percebi que estava sendo arrastado por um terreno irregular. Recuperei a consciência por tempo suficiente para virar o pescoço e me ver sendo embarcado em um *snowmobile*, uma moto de neve. Então, meu cérebro começou a embaçar de novo e...

Eu estava em uma cama. Em uma sala. Com lençóis brancos firmemente estendidos, paredes cor de creme, teto com placas de forração com jeito industrial. Estiquei o pescoço e vi diversos tubos e fios que emanavam do meu corpo. Comecei a vomitar. Uma enfermeira veio correndo em minha direção. Ela pegou uma tigela ou algo parecido e segurou-a diante de mim enquanto eu soltava tudo para fora. Quando tudo foi expelido, comecei a soluçar. A enfermeira colocou um braço em volta de mim e disse:

— Alegre-se... Você está vivo!

Um médico chegou cerca de dez minutos depois. Ele me disse que eu havia tido sorte de escapar. Um ombro deslocado, que, enquanto eu estava inconsciente, eles conseguiram “recolocar” no lugar. Alguns hematomas espetaculares na minha coxa esquerda e também na caixa torácica. Quanto ao estado da minha cabeça... Bem, ele tinha feito uma ressonância magnética no meu crânio e não conseguiu encontrar nada de errado com ele.

— Você tomou uma pancada forte. Uma concussão. Mas, evidentemente, deve ter uma cabeça muito dura, pois não havia nenhum dano sério.

Será que meu coração era também tão duro?

Depois, eu descobri que estava em um hospital de Quebec. Ficaria ali ainda por mais dois dias, fazendo fisioterapia para meu ombro machucado e também mantido sob observação para que pudessem perceber quaisquer “complicações neurológicas” imprevistas. A fisioterapeuta, uma mulher de Gana com um olhar irônico para praticamente tudo, me disse que eu deveria agradecer a alguma força divina pelo meu bem-estar.

— É óbvio que você deveria estar em um lugar péssimo a esta altura — disse ela. — Mas como se safou com muito pouco dano, então alguém sem dúvida estava cuidando de você...

— Ah, é? E quem seria esse “alguém”?

— Talvez seja Deus. Talvez seja algum poder sobrenatural. Ou talvez, apenas talvez, tudo se resuma a você. Tinha um esquiador bem atrás de você, o homem que telefonou pedindo ajuda, que nos contou que você vinha descendo à toda morro abaixo, como se não desse a mínima para o que poderia lhe acontecer. Mas então, no último minuto, você acabou saltando para longe da árvore. Você salvou a si mesmo. O que, evidentemente, significa que você queria ver outro dia. Parabéns: você está de volta com a gente.

Eu não sentia nenhuma alegria, nenhum prazer em ter sobrevivido. Mas enquanto estava

sentado naquela estreita cama de hospital, olhando para as placas esburacadas do teto, continuei repetindo aquele momento em que me atirei na neve. Até aquela fração de segundo, eu estava escravizado ao declive, como se houvesse uma parte de mim que acolhesse uma pureza existencial, uma cura imediata para tudo o que me atormentava.

Mas então...

Eu me salvei. Salvei a mim mesmo, escapando com nada mais do que algumas manchas roxas, uma dor no ombro e uma cabeça dolorida. E apenas quarenta e oito horas depois de ser internado no hospital, tive alta e me senti capaz de entrar num táxi, voltar à área das pistas de esqui e recolher meu jipe abandonado. Embora não estivesse usando uma tipoia, meu ombro doía a cada vez que tinha que virar o volante bruscamente, por todo o caminho até o Maine. Mas a viagem de volta não teve nenhum problema mais sério.

“Você pode se tornar um pouco deprimido agora”, alertou-me a fisioterapeuta durante nossa última sessão juntos. “Acontece frequentemente na esteira de tais coisas. E quem pode culpá-lo? Você escolheu viver.”

Cheguei a Wiscasset pouco antes do anoitecer, a tempo de pegar minha correspondência na agência dos correios. Havia um bilhete escrito em um papel amarelo em minha caixa postal, informando que um pacote de grandes dimensões esperava por mim no balcão principal. Jim, o homem que administrava a agência, notou que estremei quando segurei o pacote.

— Você se machucou? — perguntou ele.

— Pois é...

— Foi um acidente?

— Algo parecido com isso.

O pacote que ele me entregou era, na verdade, uma caixa que tinha vindo de meus editores de Nova York. Eu cometi o erro de enfiar a caixa debaixo do meu braço esquerdo, que estremeceu mais uma vez enquanto meu ombro enfraquecido me dizia para não fazer isso de novo. Enquanto eu assinava o formulário, afirmando que tinha recebido a encomenda, Jim disse:

— Se você não estiver se sentindo bem amanhã e não tiver condições de ir ao supermercado, basta me telefonar com sua lista de compras e cuidarei de tudo para você.

Havia muitas vantagens de se viver no Maine, mas o melhor de tudo era a maneira que todos respeitavam a privacidade um do outro, embora sempre estivessem prontos a lhe ajudar se isso fosse necessário.

— Bem, acho que serei capaz de empurrar o carrinho pela seção de legumes — respondi. — Mas muito obrigado pela sua gentileza.

— Esse é o seu novo livro na caixa?

— Se for, alguém deve ter terminado para mim.

— Entendi...

Peguei meu carro e fui até minha casa, a escuridão de janeiro aumentando minha melancolia.

A fisioterapeuta tinha razão: escapar da morte deixa você mais interiorizado, mais sensível à natureza melancólica de estar aqui. E um casamento fracassado é também uma morte – uma morte viva, se isso é possível, uma vez que a pessoa com quem você não vive mais continua ali, consciente, circulando entre nós, existindo muito bem sem você.

“Você sempre foi ambivalente sobre mim, sobre *nós*”, disse Jan em várias ocasiões antes do fim. Mas como eu poderia explicar isso, como explicar que, com exceção da nossa filha maravilhosa, continuo ambivalente com relação *a tudo*? Se você não está reconciliado consigo mesmo, como poderia se reconciliar com os outros?

A casa estava escura e gelada quando cheguei. Retirei do carro a caixa que recebera de Nova York e a deposei em cima da mesa da cozinha. Acionei o termostato. Preparei um fogo no robusto forno a lenha que ocupava um canto da sala. E me servi de um uísque pequeno. Enquanto esperava que o aquecimento central funcionasse para valer, vasculhei o punhado de cartas e revistas que eu tinha recuperado da caixa de correio. Então voltei minha atenção para o pacote. Usei uma tesoura para cortar a fita grossa com a qual tinham fechado o pacote. Assim que a tampa da caixa foi aberta, espiei lá dentro. Havia uma carta de Zoe, assistente de meu editor, posicionada no topo de um envelope acolchoado grande e volumoso. Quando peguei a carta para ler, vi o que estava escrito à mão no envelope, e o carimbo e os selos dos correios alemães. No canto esquerdo do pacote estava o nome do remetente: *Dussmann*. Isso me fez parar. Era o nome dela. E o endereço: Jablonski Strasse 48, Prenzlauer Berg, em Berlim. Era esse o endereço dela desde...?

Dela...

Petra...

Petra Dussmann.

Comecei a ler a carta de Zoe:

Isto aqui apareceu para nós a seus cuidados faz apenas alguns dias. Não quis abrir, para o caso de ser algo pessoal. Caso seja alguma coisa questionável ou estranha, me avise e cuidamos disso.

Espero que o novo livro esteja correndo bem. Estamos todos ansiosos para lê-lo. Lembranças...

“Caso seja alguma coisa questionável ou estranha...”

Não, é apenas o passado. Um passado que eu tinha tentado sepultar há muito tempo. Mas aqui estava ele de novo, de volta para perturbar um presente já conturbado.

Wie bald “nicht jetzt” “nie” wird.

Quão rapidamente o “agora não” se transforma em “nunca”.

Até que um pacote chega... E tudo aquilo de que você passou anos tentando se esquivar aparece correndo de volta para sua vida.

Quando é que o passado deixa de ser um salão espectral cheio de sombras?

Quando nós podemos viver com ele.

Dois

Eu sempre quis fugir. É um desejo que passei a ter a partir dos oito anos de idade, quando descobri os prazeres da evasão.

Era um sábado de novembro e meus pais estavam brigando novamente. Não havia nada de incomum nisso. Meus pais estavam sempre brigando. Naquela época, morávamos em um apartamento de quatro cômodos na Rua Dezenove com a Segunda Avenida. Eu era um garoto de Manhattan, nascido e criado lá. Meu pai trabalhava como executivo de nível médio em uma agência de publicidade, um “cara do comercial” que queria ser um “cara do criativo”, mas nunca teve o “dom da palavra” para ser um bom redator. Minha mãe era dona de casa. Havia tido uma breve carreira de atriz antes que eu chegasse ao mundo. O apartamento era apertado. Dois quartos estreitos, uma sala de estar pequena e uma cozinha ainda menor, e nenhum dos aposentos podia conter as frustrações que os meus pais exalavam diariamente.

Foi somente anos mais tarde que comecei a compreender a dinâmica estranha que existia entre eles, uma necessidade profunda de ficar com raiva em relação a qualquer coisa, de viver num inverno sem fim de descontentamento. Mas, naquela época, tudo o que eu sabia era que a minha mãe e meu pai não gostavam um do outro. Naquele sábado de novembro em questão, uma discussão entre eles aumentou. Meu pai disse algo doloroso. Minha mãe o chamou de cretino e fugiu para o quarto. A porta bateu atrás dela. Levantei os olhos do livro que estava lendo. Meu pai estava segurando a maçaneta da porta da frente, sem dúvida com a intenção de abri-la e de poder se afastar de tudo isso. Ele se atrapalhou com o bolso da camisa procurando seus cigarros e acendeu um. Algumas tragadas profundas de fumaça e ele conseguiu manter sua raiva sob controle. Foi nesse momento que fiz a pergunta que vinha querendo fazer havia dias:

— Posso ir à biblioteca?

— De maneira nenhuma, Tommy — respondeu ele. — Eu estou indo para o escritório para recuperar o atraso em alguns trabalhos.

— Posso ir sozinho?

Foi a primeira vez que pedi para sair do apartamento sozinho. Papai pensou sobre o assunto durante algum tempo.

— Você acha que consegue chegar lá sozinho? — perguntou ele.

— São apenas quatro quarteirões — respondi.

— Sua mãe não vai gostar...

— Eu não vou demorar muito.

— Não importa — retrucou ele. — Mesmo assim, ela não vai gostar.

— Por favor, papai.

Ele deu mais uma longa tragada em seu cigarro. Por mais que fosse durão – afinal, tinha sido

um fuzileiro naval durante a guerra —, meu pai era um escravo de minha mãe, uma mulher pequena e zangada que nunca conseguira superar o fato de que já não era mais a princesa que fora criada para ser.

— Você vai estar de volta em uma hora? — perguntou.

— Eu prometo.

— E vai se lembrar de olhar para os dois lados ao atravessar a rua?

— Sim...

— Se chegar tarde, teremos problemas — ameaçou ele.

— Eu não vou, pai — respondi.

Papai enfiou a mão no bolso e entregou-me um dólar.

— Tome, leve este dinheiro.

— Não preciso de dinheiro, pai, é uma biblioteca.

— Mas você pode querer parar no mercadinho e comprar um *egg cream*.

O *egg cream*, leite e cobertura de chocolate com *club soda*, era a minha bebida preferida. Não tinha nem ovos nem creme...

— Eles custam apenas um centavo, pai. — Mesmo naquela época eu estava sempre ciente do preço das coisas.

— Você pode comprar alguns quadrinhos ou colocar o troco em seu cofrinho.

— Então, eu posso ir?

— Sim, você pode ir.

Quando eu estava vestindo meu casaco, minha mãe saiu do quarto.

— O que você acha que está fazendo? — ela me perguntou.

Eu contei e ela imediatamente se voltou para meu pai.

— Como você se atreve a dar permissão para ele fazer isso sem antes me consultar?

— O menino tem idade suficiente para andar algumas quadras sozinho — respondeu ele.

— Bem, eu não vou permitir isso.

— Tommy, corra — disse papai.

— Thomas, você vai ficar aqui — ela rebateu.

— Vá! — papai disse.

Quando minha mãe começou a gritar coisas ao meu pai, fiz um caminho mais curto para a porta da rua e fui embora.

Uma vez lá fora, senti uma pontada de medo. Pela primeira vez em toda a minha vida, eu estava por minha conta, sozinho. Sem a supervisão dos pais, sem a mão estendida para orientar, restringir ou me disciplinar. Eu andei até a esquina da Rua Dezenove e da Segunda Avenida. Esperei a luz do sinal ficar verde. Olhei para os dois lados várias vezes. Atravessei a rua. Quando cheguei ao outro lado, não senti uma grande sensação de realização ou de liberdade. Eu estava simplesmente

ciente da promessa que fiz ao meu pai de estar de volta dentro de uma hora. Então continuei caminhando rumo ao norte, exercendo grande prudência em cada cruzamento de rua. Quando cheguei à Rua Vinte e Três, virei à esquerda. A biblioteca ficava no meio da rua. A seção infantil era no primeiro andar. Vasculhei as prateleiras e encontrei dois novos livros de detetives da série dos *Hardy Boys* e que eu ainda não tinha lido. Registrei os dois livros no balcão e em seguida corri para a rua, refazendo os passos que me levariam de volta para casa. No meio do caminho, parei no mercado da Rua Vinte e Um. Peguei um banquinho no balcão, abri um dos meus livros e pedi um *egg cream*. O atendente pegou meu dólar e me devolveu noventa centavos de troco. Olhei para o relógio na parede. Eu ainda tinha vinte e oito minutos antes de ter que estar em casa. Fiquei curtindo meu refresco, lendo meu livro e pensando: “Isso é bem legal”.

Cheguei em casa cinco minutos antes do combinado. Durante o tempo em que estive ausente, meu pai saiu e encontrei minha mãe sentada na cozinha em frente a sua enorme máquina Remington de escrever. Ela estava fumando um Salem e datilografando. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, mas ela parecia concentrada e determinada.

— Como foi na biblioteca? — perguntou.

— Foi bom. Posso ir de novo na segunda-feira?

— Vamos ver — disse ela.

— O que você está escrevendo? — perguntei.

— Um romance.

— Uau! Você escreve romances, mãe? — perguntei de novo, muito impressionado.

— Estou tentando — respondeu, sem parar de datilografar.

Atirei-me no sofá e fiquei lendo um de meus livros dos *Hardy Boys*. Meia hora depois, minha mãe parou de escrever e me disse que ela ia tomar um banho. Ouvi-a puxar o papel para fora da máquina de escrever. Quando ela desapareceu no banheiro e abriu as torneiras, aproximei-me da mesa de jantar. Ela havia deixado duas páginas do manuscrito de braços ao lado da máquina de escrever. Peguei-os. A primeira página continha apenas o título do livro e seu nome:

A MORTE DE UM CASAMENTO

Um romance

por

Alice Nesbitt

Peguei a página seguinte. A frase de abertura dizia:

O dia em que descobri que meu marido não me amava mais foi o dia em que meu filho de oito anos de idade fugiu de casa.

De repente, ouvi mamãe gritar:

— Como você se atreve?

Ela veio correndo em minha direção, a boca apertada com raiva. Mamãe puxou as páginas da minha mão e bateu no meu rosto:

— Você nunca, *nunca* deve ler o que escrevo!

Comecei a chorar e corri para meu quarto. Peguei um travesseiro da minha cama e fiz o que sempre fazia quando as coisas ficavam fora de controle em casa: me escondi no armário, fechando a porta atrás de mim. Com o travesseiro agarrado e bem apertado, soluzei, oprimido pelo sentimento de que eu estava sozinho em um mundo muito difícil. Dez, talvez quinze minutos se passaram. Em seguida, escutei uma batida na porta do armário.

— Eu fiz chocolate com leite para você, Thomas.

Não respondi nada.

— Desculpe ter batido em você...

Eu não disse nada.

— Thomas, por favor... Eu estava errada.

Continuei em silêncio.

— Você sabe que não pode ficar aí dentro o dia todo, não sabe?

Ela tentou abrir a porta.

— Thomas, isso não é engraçado.

Eu não disse nada.

— Seu pai vai ficar muito zangado...

Finalmente, eu falei:

— Meu pai vai entender. Ele odeia você, também.

Este último comentário provocou um soluço terrível em minha mãe. Ouvi-a tropeçar para longe da porta e para fora do meu quarto. O seu choro aumentou. Tornou-se tão alto que, mesmo de dentro do meu autoencarcerado esconderijo, dava para ouvi-la soluçando. Levantei-me e abri a porta do armário. Imediatamente tive que reajustar meus olhos para toda aquela luz da tarde que entrava em cascatas pela janela de meu quarto. Segui o som de lamento da mamãe. Ela estava deitada de bruços em sua cama.

— Eu não odeio você — eu disse.

Ela continuou chorando.

— Eu só queria ler o seu livro.

Ela continuou chorando.

— Eu vou sair para a biblioteca de novo.

O choro parou instantaneamente. Mamãe sentou-se na cama.

— Você está planejando fugir? — perguntou ela.

— Como o menino em seu livro?

— Isso foi faz de conta.

— Eu não quero fugir — menti. — Só quero voltar para a biblioteca.

— Você promete que vai voltar para casa?

Assenti com a cabeça.

— Tenha cuidado na rua.

Quando me virei para sair, minha mãe disse:

— As coisas que os escritores fazem são muito íntimas para eles. Foi por esse motivo que fiquei com raiva...

Ela deixou a frase morrer.

E eu saí porta afora.

Décadas mais tarde, durante a terceira vez que saímos, lembro-me de contar esta história para Jan.

— E sua mãe chegou a terminar de escrever o livro? — perguntou ela.

— Nunca mais vi mamãe datilografando novamente. Mas talvez ela trabalhasse com ele enquanto eu estava na escola.

— Talvez tenha um manuscrito escondido em alguma caixa, no sótão, perdida em algum lugar.

— Eu não achei nada — respondi — quando meu pai me pediu para retirar todas as coisas dela depois que ela morreu.

— E foi câncer de pulmão que teve...?

— Sim, ela estava com quarenta e seis anos. Mamãe e papai nunca pararam de brigar e nunca pararam de fumar. Causa e efeito.

— Mas seu pai ainda está conosco? — perguntou Jan.

— Sim — respondi —, papai está em sua quinta namorada desde a morte de minha mãe e ainda fumando vinte cigarros por dia.

— E, enquanto isso, você nunca parou de fugir.

— Mais um pouco de causa e efeito.

— Quem sabe nunca tenha encontrado uma boa razão para ficar quieto em seu lugar — disse ela, cobrindo a minha mão com as dela.

Apenas encolhi os ombros e não respondi.

— Bem, agora você me deixou interessada — disse ela.

— Todo mundo tem uma velha dor, ou duas...

— Verdade, mas há dores com as quais se pode viver, e há aquelas que parecem nunca desaparecer. Qual é a sua?

Eu sorri e disse:

— Oh, eu vivo com a maioria das coisas.

— E agora você está parecendo muito insensível...

— Não tem nada de errado com isso — retruquei, mudando de assunto.

Jan na verdade nunca ficou sabendo que dor era aquela, e quanto ela continuou a me assombrar. Sempre evitei discutir sobre isso. Com o tempo, porém, ela veio a acreditar que isso realmente ainda causava impacto no presente e se tornava um efeito tendencioso sobre nós dois. Da mesma forma, Jan também chegou à conclusão de que havia uma parte significativa de mim que estava fechada a qualquer intimidade real. Mas aquela análise foi alcançada apenas um bom tempo depois...

E, no encontro seguinte, que também foi o primeiro em que dormirmos juntos, pude perceber que ela decidira que eu era... Bem, *diferente*. Jan era advogada, associada a uma grande firma em Boston. Ganhava seu dinheiro representando grandes corporações, mas também insistia em atuar voluntariamente em pelo menos um caso por ano, para “aliviar minha consciência”, como dizia ela. Ao contrário de mim, estivera em um longo relacionamento, um colega advogado que conseguiu um emprego no oeste e usou a mudança como desculpa para dar um fim ao caso deles.

— Você pensa que as coisas estão sólidas e daí descobre que não é bem assim — disse ela. — Depois fica se perguntando por que a sua antena não captou o fato de que tudo estava dando errado.

— Não sei, talvez ele estivesse te dizendo uma coisa e pensando outra — comentei. — Que é muitas vezes como essas coisas acontecem. Todo mundo tem uma parte de si que prefere não revelar. É por isso que nunca poderemos realmente entender até mesmo as pessoas mais próximas a nós. O desconhecimento dos outros e todas essas coisas...

— E o lugar mais estranho é o seu “eu”. Essa é uma citação direta de seu livro sobre o Alaska. — disse Jan.

— Bem, eu seria um grande mentiroso se não dissesse que fiquei lisonjeado.

— É um ótimo livro...

— Sério?

— Você quer dizer... Que tem dúvida disso?

— Assim como tenho a desconfiança habitual relacionada aos escritores sobre tudo aquilo que já ousei colocar no papel...

— Mas qual o motivo de tanta incerteza?

— Acho que faz parte, suponho... — respondi.

— Bem — retrucou ela —, na minha profissão incerteza não é permitido. Na verdade, um advogado incerto nunca é confiável.

— Mas certamente você tem uma medida de incerteza?

— Não quando eu estou defendendo um cliente ou apresentando um argumento final. Eu tenho que ser incontestável. Em particular, por outro lado, não tenho muita certeza sobre todas as coisas.

— Fico feliz em ouvir isso — eu disse, cobrindo-lhe a mão com a minha.

Esse foi o início real das coisas entre nós, o momento em que ambos decidimos abrir nossas defesas e nos entregar um ao outro. Será que o amor depende muitas vezes da hora certa para acontecer? Quantas vezes já ouvi amigos dizerem que se casaram porque estavam *prontos* para se casar? Essa foi a história de meu pai, uma que ele me contou logo após minha mãe morrer. E começou assim:

Era 1957. Ele tinha saído do Corpo de Fuzileiros Navais já fazia uns quatro anos, tendo depois ido para a Universidade da Colúmbia pelo G.I. Bill³. Tinha acabado de conseguir um trabalho como executivo júnior na agência Young & Rubicam. A irmã dele estava se casando com um antigo correspondente de guerra que virou relações públicas — um casamento que começou a se desintegrar logo após a lua de mel em Palm Beach e se arrastou por quinze anos, até o marido dela morrer de tanto beber e explodir as coronárias. Mas no dia feliz em questão, papai viu uma mulher baixinha cruzando um salão lotado da festa de um casamento no Hotel Roosevelt. Seu nome era Alice Goldfarb. Papai a descreveu como sendo a antítese das meninas irlandesas que comiam “charque com repolho” nas festas de São Patrício e que ele conheceu ao crescer em Prospect Heights, no Brooklyn. O pai dela era joalheiro no bairro dos diamantes e a mãe, uma fofoqueira profissional. Mas Alice tinha estudado nas escolas certas e sabia conversar sobre música clássica e balé, e Arthur Miller e Elia Kazan. E meu pai, apesar de ser um sujeito inteligente, mas intelectualmente inseguro por ser um “mano” do Brooklyn, ficou encantado e um pouco lisonjeado que essa garota doce do Central Park West estivesse interessada nele.

E lá estava ele, o coroinha que tinha se tornado um veterano da Guerra da Coreia e um jovem executivo de uma agência de propaganda. Com vinte e seis anos de idade. Sem responsabilidades com ninguém mais, exceto ele mesmo. O mundo era para ser conquistado por ele.

— E o que foi que eu fiz? — perguntou-me ele enquanto nos sentávamos sozinhos na limusine que seguia o carro funerário que se dirigia para o cemitério com o caixão da minha mãe. — Fui atrás daquela princesinha, mesmo sabendo desde o início, e bem lá no fundo, que jamais conseguiria fazê-la feliz; sabia que aquela garota tinha algo com algum oftalmologista com consultório na Avenida Park e dono de uma casa de veraneio perto de um clube de campo de judeus na ilha. Mas, ainda assim, tinha que atirar na direção dela. E o resultado foi...

Mas ele nunca terminou a frase, afundando-se no banco estofado e espesso do carro e procurando seus cigarros enquanto engolia um soluço profundo, angustiado.

“E o resultado foi...”

O quê? Decepção? Infelicidade? Tristeza? Sensação de aprisionamento? Raiva? Desassossego? Desespero? Resignação?

Escolha qualquer um dos itens acima para preencher o espaço em branco. Como qualquer dicionário irá mostrar-lhe, há um grande número de sinônimos em nosso idioma que reflete nossas queixas com a vida.

“E o resultado foi...”

Um péssimo casamento que durou vinte e quatro anos, que viu os dois atores desse melodrama interpretando intermináveis jogos destrutivos e minha mãe cometer suicídio a prestações, cortesia dos maços de cigarros. Digamos que minha mãe, que finalmente havia rompido um relacionamento com um contador chamado Lester Hamburger apenas uma semana antes, não tivesse aparecido naquele casamento no Hotel Roosevelt. Ou digamos que tivesse ido, mas levando Lester a reboque. Será que aquele olhar através do salão teria então sido trocado? Será que meu pai teria tido, portanto, a chance de conhecer alguém mais carinhoso, mais amoroso, menos crítico? Teria mamãe ficado com aquele ricaço boêmio com quem ela sempre falava que desejava se casar, embora nem Lester Hamburger nem meu pai apoiador de Nixon fossem exatamente o Rimbaud e o Verlaine de Manhattan... Mas de uma coisa se pode ter certeza: se Alice Goldfarb e Dan Nesbitt não tivessem se ligado, sua infelicidade comum jamais teria existido, e a trajetória de suas vidas teria sido completamente diferente.

Ou quem sabe, não...

Da mesma forma, se eu não tivesse procurado tocar a mão de Jan Stafford naquele nosso terceiro encontro... Bem, certamente eu não estaria aqui sentado neste chalé, olhando ansiosamente para a petição de divórcio que ainda ocupava o mesmo lugar sobre a mesa da cozinha, e da qual fugi alguns dias atrás. Você pode empurrar esse envelope para um lado ou nem chegar perto, mas ele ainda estará lá. Não vai embora, simplesmente. Você foi a pessoa nomeada como reclamado. Está agora respondendo a um processo legal. Esse é um fato do qual você não consegue mais se esquivar. Perguntas serão feitas, respostas serão exigidas. E um preço deverá ser pago.

Minha advogada se manteve em contato comigo por *e-mail* algumas vezes depois que fui intimado.

“Ela está pedindo a casa em Cambridge e quer que você pague a faculdade de Candace, caso a menina decida seguir esse caminho”, escreveu a advogada em uma de suas mensagens. *“Considerando que a renda de sua esposa é cinco vezes maior do que a sua, e que a sua renda é totalmente baseada naquilo que você escreve, podemos argumentar que sua esposa está em uma posição financeira muito melhor do que...”*

Deixe-a ficar com a casa, e vou descobrir um jeito de pagar as mensalidades da faculdade de Candace. Não quero me meter nessas dispendiosas disputas legais nem criar mais rancor. Só quero um rompimento limpo e rápido.

Empurrei o envelope para longe. Eu ainda não estava preparado para me envolver com ele. Em vez disso, levantei-me e subi a estreita escada que levava até o segundo andar da minha casa. Uma vez lá, abri a porta do meu escritório: um quarto, longo e estreito com estantes que cobriam a maior parte do espaço disponível e minha mesa de frente para a parede. Peguei a garrafa de malte escocês guardada no arquivo localizado à esquerda da mesa. Derramei uma dose no copo e sentei-me em minha cadeira. Enquanto esperava que a tela do monitor se iluminasse, dei um gole no uísque, seu calor turvo entorpecendo o fundo de minha garganta. A memória é como um amontoado de emoções. Um pacote inesperado chega, e o passado vem de volta em cascata. Mas embora essa onda de lembranças e associações possa, a princípio, parecer algo aleatório, uma das grandes verdades

incontestáveis sobre a memória e as lembranças que vivem nela é o fato de que não há tal coisa como uma lembrança aleatória. Todas elas estão de algum modo interligadas, porque tudo é uma narrativa. E a narrativa com a qual todos nós lidamos é a vida que chamamos de nossa.

Por esse motivo, enquanto o uísque escorria pela minha garganta e o monitor de meu computador banhava a sala, até então escura, com um brilho eletrônico, que me vejo de volta ao balcão do mercadinho na Rua Vinte e Um, com meu livro encostado ao meu *egg cream*. Esse talvez tenha sido o primeiro momento em que realmente compreendi a necessidade da solidão. Quantas vezes, desde então, eu me vi sozinho em algum lugar, seja em um local familiar ou estranho, com material de leitura encostado a uma garrafa de alguma coisa, ou com um caderno aberto na minha frente, esperando a quota de palavras desse dia. Nessas circunstâncias, não importando se o local era distante ou difícil de chegar, nunca me senti isolado ou sozinho. Nessas ocasiões, assim como agora, muitas vezes penso silenciosamente: *Não importam os efeitos colaterais que a infelicidade de meus pais possam ter causado em mim, serei eternamente grato a eles por me autorizarem a ir para a rua naquele sábado de novembro, há mais de quarenta anos, coisa que me permitiu descobrir que se sentar em algum lugar sozinho, longe do turbilhão das coisas do cotidiano, tem a absoluta facilidade de limpar tudo.*

Mas a vida, é claro, nunca lhe deixa em paz. Você pode se trancar numa casinha lá longe, numa estrada vicinal no Maine, e um processo legal vai encontrar o caminho até chegar a sua porta. Ou um pacote vai cruzar o oceano, e por mais que tente não evitará ser transportado para vinte e cinco anos antes, para um café chamado Kreuzberg localizado em um canto de Berlim. Você tem um livro encadernado em espiral aberto à sua frente e uma antiga caneta-tinteiro Parker vermelha na mão, que seu pai lhe deu de presente, e está escrevendo alguma coisa na página. Então, você ouve uma voz. Uma voz de mulher:

— *So viele Wörter.*

Tantas palavras.

Você olha para cima. E lá está ela. Petra Dussmann. Daquele momento em diante, as coisas mudaram. Mas isso só aconteceu porque você mesmo respondeu de volta:

— *Ja, so viele Wörter. Aber vielleicht sind die Ganzen Wörter Abfall.*

Sim, tantas palavras. Mas talvez todas as palavras sejam uma porcaria.

Se você não tivesse tentado um pouco dessa autodepreciação, ela poderia ter seguido em frente? E se ela tivesse seguido em frente...?

Como podemos explicar a trajetória das coisas? Eu não tenho a menor ideia. Tudo que sei é que...

São seis e quinze de uma noite no fim de janeiro. E hoje tenho palavras para escrever. Depois de ter acabado de dirigir por seis horas na neve, e tendo acabado de receber alta de um hospital, eu poderia dar desculpas diversas para evitar o trabalho nesta noite. Mas esta sala retangular é o único lugar em que eu posso exercer meu domínio completo sobre a forma das coisas. Quando eu escrevo, o mundo segue adiante da maneira como eu quero que ele siga. Existe uma ordem nas coisas. Posso

somar ou subtrair o que quiser em minha narrativa. Eu posso criar qualquer desenlace que desejar. Não há nenhum processo legal para resolver. Não há o sentimento de inadequação pessoal nem aquela tristeza paralisante que paira sobre tudo. E não há caixas que acabaram de chegar pelo correio, cujo conteúdo permanece trancado.

Quando escrevo, eu estou no controle.

Só que é tudo uma mentira. Enquanto digito a primeira frase da noite – e engulo a última gota de uísque –, continuo tentando extirpar a minha ansiedade com relação à caixa no andar de baixo. E continuo falhando.

Por que escondemos as coisas dos outros? Poderia ser porque, no fundo, todos nós temos um medo central: o horror de finalmente sermos descobertos?

De repente, eu estava fora da minha cadeira e dirigindo-me ao sótão. Uma vez lá, abri um dos arquivos em que guardo meus antigos manuscritos. Esses arquivos tinham sido enviados para cá vindos da minha antiga casa em Cambridge e permaneceram intocados desde a minha chegada ao Maine. Mas eu ainda sabia imediatamente onde estava guardado o manuscrito que procurava. Puxando-o para fora da gaveta, tive que limpar uma década de poeira acumulada sobre a espessa pasta que tinha sido enterrada aqui. Fazia seis anos desde que digitei a palavra final. E assim que terminei de escrever tudo aquilo, não pude me obrigar a ler o manuscrito. E assim ele foi enterrado no arquivo. Até hoje.

Desci de volta ao meu estúdio e, depois de largar o manuscrito sobre a mesa, me servi do segundo uísque da noite. Logo que a bebida encheu o copo, estava de volta na minha cadeira, puxando o manuscrito para mais perto de mim...

Quando uma história não é uma história?

Quando você a viveu.

Mas, mesmo assim, ela é apenas a sua versão das coisas.

É isso mesmo. Minha narrativa. Minha renderização. E a razão, depois de todos esses anos, pela qual me encontro onde estou agora.

Puxei o manuscrito para fora da pasta, olhando para a folha de rosto que, todos aqueles anos atrás, eu tinha deixado em branco.

Então vire a página e comece.

Joguei o uísque para o fundo de minha garganta. Respirei fundo. Virei a página.

Parte dois

Berlim, ano de 1984. Acabava de completar vinte e seis anos. E, como a maioria dos residentes desse território ainda juvenil da idade adulta, estava realmente convencido de que sabia muito da vida e das suas complexidades inerentes.

Em contrapartida, agora, já transcorridos tantos anos de tudo aquilo, vejo quão ignorante e inexperiente eu era a respeito de quase tudo e, em particular, dos mistérios do coração.

Até então sempre resisti em me apaixonar. Esquivava-me sempre de todo compromisso emocional e de toda declaração explícita de sentimentos. Todos nós revivemos repetidamente nossa infância durante a vida adulta, e para mim cada relação amorosa me parecia uma armadilha em potencial, um laço capaz de aprisionar-me no tipo de casamento que havia levado minha mãe a se matar fumando sem parar e deixou em meu pai a convicção de ter vivido uma existência limitada e circunscrita.

— Nunca tenha filhos — uma vez meu pai me disse. — Filhos te aprisionam em uma vida que você nunca quis ter.

É verdade que ele tinha três martinis no corpo quando me disse isso, mas o fato de que pudesse confessar para mim, seu único filho, que se sentia aprisionado na vida fez que eu me sentisse, por mais curioso que possa parecer, mais próximo dele. Ele tinha confiado em mim, e isso já era muito. Durante a maior parte da minha infância, meu pai tinha passado quase todo o tempo buscando maneiras de não estar em casa. Quando estava conosco, costumava envolver-se em uma nuvem de raiva silenciosa e fumaça de cigarro que me fazia vê-lo (inclusive numa idade bem jovem) como alguém envolvido em uma interminável luta consigo mesmo. Tentava desempenhar o papel de pai tradicional, mas não o conseguia, como eu tampouco conseguia interpretar o papel de típico menino americano. Em tudo o que se refere a ir para o acampamento com os escoteiros, ganhar prêmios de civismo ou alistar-se na infantaria da marinha (todas as coisas genuinamente americanas que meu pai apreciava desde criança), eu era um fracasso. Sempre me escolhiam por último quando formavam equipes na escola. Sempre estava encapsulado em algum livro. Bem na entrada da adolescência, eu passava os fins de semana percorrendo a cidade e procurando refúgio nos cinemas, nos museus e nas salas de concerto. Isso foi o lado bom de crescer em Manhattan: eu tinha tudo à mão. Eu fui o tipo de adolescente que ia ver os circuitos de Fritz Lang no cinema da Rua Bleecker, que comprava meia-entrada de estudante para ver a Boulez dirigindo Stravinsky e Schoenberg na Filarmônica de Nova York e que frequentava livrarias e teatros do circuito alternativo à Broadway, e que sempre pareciam ser administrados por romenos neuróticos. Os estudos nunca foram problema para mim. Até então havia adquirido certos hábitos diligentes com relação ao trabalho, talvez porque começava a compreender que o trabalho era a única fonte de equilíbrio à minha disposição; e porque sabia que, me aplicando e cumprindo com minhas tarefas, poderia manter todo o mal sob controle.

Meu pai aprovava minha conduta.

— Nunca pensei que diria para meu único filho que eu gosto de vê-lo estudar e ler o tempo todo. Mas a verdade é que eu estou bastante impressionado, levando em conta as suspensões que eu arranjava na sua idade. A única coisa que me preocupa é que sempre vejo você indo sozinho ao cinema, ao teatro e aos concertos. Não tem amigos, nem sai com as garotas... — disse meu pai.

— Eu saio com Stan... — disse, referindo-me a um gênio de matemática da minha classe, que era viciado em cinema como eu e não se importava de passar o sábado inteiro assistindo a quatro filmes seguidos. Estava obeso e era bastante esquisito, mas nós dois éramos uns solitários e não nos enquadrávamos muito bem na ética de fazer parte da equipe, tão própria da escola preparatória à qual nos haviam enviado. Não é incomum procurar amigos que nos ajudem a compreender que não somos a única pessoa no mundo que se sente desajeitado no trato com os demais ou que duvida de si mesmo.

— Stan é aquele garoto gordinho, não? — perguntou meu pai. Ele o havia visto uma vez quando meu amigo tinha vindo para casa depois do colégio.

— Sim — respondi eu. — Ele é bastante corpulento.

— Corpulento? — exclamou meu pai. — Se ele fosse meu filho, eu o enviaria para um acampamento de treinamento para que fizessem ele queimar toda aquela gordura.

— Stan é um cara legal — repliquei.

— Mas ele irá morrer antes dos quarenta — respondeu meu pai.

E nisso meu pai não se equivocou. Stan e eu continuamos sendo amigos durante os trinta anos seguintes. Depois de uma carreira brilhante na Universidade de Chicago, ele foi viver em Berkeley, em cuja universidade ensinou cálculo matemático em um nível incrivelmente avançado. Procurávamos nos ver sempre que um de nós ia casualmente ao lado do país onde vivia o outro. Quando voltei para os Estados Unidos no verão de 1984, adotamos o costume de nos falar por telefone mais ou menos a cada quinze dias. Ele nunca se casou, mas teve uma namorada atrás da outra, que em sua maioria não parecia se incomodar por seu cada vez mais desmesurado peso. Foi a única pessoa em quem confiei para contar tudo o que havia ocorrido em Berlim em 1984 e sempre recordarei seu comentário depois de ouvir a história:

— Provavelmente nunca conseguirá superar isso — disse Stan.

Jan nunca sentiu qualquer afinidade particular com Stan, porque ela sabia que ele a considerava muito fria e distante para mim.

— Realmente você vem construindo um casamento interessante — disse Stan no último fim de semana que passou conosco em Cambridge.

Ele tinha vindo para dar uma conferência no MIT. Fomos jantar depois de sua dissertação sobre a teoria dos números binários. A conferência nos impressionou pelo assunto incrivelmente complicado. Pelo fato de Stan ser quem era, sua palestra sobre um tema tão complexo ainda fez aflorar sua faceta mais pedante, algo que para mim ressoou esquisito, e para Jan lhe pareceu uma desagradável demonstração de vaidade. Durante o jantar no restaurante afegão (escolhido por ele)

onde nos reunimos depois da palestra, Jan insinuou em algumas ocasiões que não apreciava em nada seus desdobramentos de exibicionismo erudito. Quando Stan me parabenizou pela publicação do que até então era meu livro mais recente (sobre uma rota pelo Ártico canadense), Jan tentou fazer um comentário sagaz:

— Possivelmente é o primeiro livro escrito sobre a relação entre cães de trenó e o arraigado egocentrismo de um autor.

Stan não disse nada. Depois, quando Jan se retirou alegando um compromisso nos tribunais logo na primeira hora da manhã, acompanhei meu amigo até o hotel onde estava hospedado, próximo de Kendall Square. Quando estávamos na metade do caminho, ele observou:

— Você passa a vida fugindo, e sem dúvida o que mais deseja é conectar-se emocionalmente com alguém. Porém, como acontece com todo mundo, você tem agido de maneira contraintuitiva. Você se casou com uma mulher que, através dos anos, nunca se abriu realmente para você, o que tem lhe empurrado para viajar ainda mais e a construir a distância necessária para se proteger da frieza dela. É curioso, não? Ela se queixa de que você está fora o tempo todo e claramente faz todo o possível para mantê-lo longe. E agora estão emperrados em um padrão de comportamento que somente o divórcio poderá romper.

Guardou silêncio por um momento, como se estivesse me dando tempo para que assimilasse esse último comentário. Depois, com uma levíssima insinuação de ironia na voz, acrescentou:

— Mas, claro... O que poderei saber eu dessas coisas, não? — disse Stan.

Quando, algumas semanas mais tarde, suas artérias corroídas finalmente explodiram — uma notícia que me provocou uma crise incontrolável de choro —, essa última conversa mantida enquanto nos dirigíamos para o hotel em que ele estava hospedado em Cambridge continuava me assombrando. Quando outra pessoa formula uma verdade essencial sobre nós mesmos, com frequência a reinterpretamos de uma maneira que se torna mais aceitável para nós. Por exemplo, neste caso, eu a havia interpretado assim: “Pode até ser que Jan seja distante e crítica, mas que outra mulher estaria disposta a suportar suas ausências e sua necessidade de viver encerrado em você mesmo?”. No entanto, agora entendo o que o meu bom amigo pretendia dizer-me na realidade: que eu merecia estar com uma pessoa que me amasse tal como eu era, e se eu em algum momento conseguisse isso então me acomodaria em um lugar e ficaria mais quieto, modificando o esquema preestabelecido.

Mesmo assim, já fazia um bom tempo que eu estabelecera a rota de fuga. Quando comecei a sair com umas garotas, era incapaz de iniciar uma relação estável. Se alguma delas se aproximasse demais, ou se eu percebesse interesse ou amor de sua parte, eu sempre encontrava alguma desculpa para escapar. Era um especialista em livrar-me de qualquer vínculo. Essa minha faceta se tornou ainda mais pronunciada quando terminei os estudos universitários e voltei para Nova York com a determinação de me converter em um escritor. O que foi aquilo mesmo que escreveu Edna Saint Vincent Millay sobre a infância, aquilo de que a infância é o reino em que ninguém morre? Ao pertencer a uma geração que não conheceu as privações econômicas nem foi enviada para nenhuma guerra, meus vinte anos e a época imediatamente posterior foram um período em que minha vida, com a única exceção da morte da minha mãe, não pareceu afetada pelas realidades mais cruas. Não

sava na rapidez da passagem do tempo, nem na necessidade de me concentrar nos aspectos mais importantes da vida, e sim que eu me limitava a viver o momento. E quando recebi o diploma da universidade, subi no primeiro ônibus para Nova York e consegui um trabalho de assistente em uma editora. Corria o ano de 1980 e meu primeiro salário foi de dezesseis mil dólares anuais. Eu não tinha muito interesse no mundo editorial e estava convicto de não querer ser editor no futuro, mas o trabalho me permitiu alugar um pequeno estúdio na Rua Seis com a Avenida C e viver uma existência livre e dissoluta. Comparecia diariamente ao trabalho e repassava as enormes pilhas de manuscritos que ninguém tinha solicitado. Ia ao cinema cinco vezes por semana e usava a carteirinha de estudante ainda em vigor para conseguir os descontos nas entradas para a Filarmônica e no Balé de Nova York. Na maioria das noites, ficava acordado até tarde, tratando de escrever relatos curtos e frequentemente saía do meu minúsculo apartamento a tempo para escutar a última apresentação da noite em algum clube de jazz. De repente, não sei como, me encontrei envolvido em uma relação com uma violoncelista chamada Ann Wentworth.

Ela era uma jovem cuja figura somente se poderia descrever como esbelta: alta e esguia, de flutuante cabeleira loira e pele de pureza translúcida (como era possível alguém ter uma pele tão perfeita?). Eu me recordo do dia em que eu a conheci, em um café da manhã meio misturado com almoço improvisado na casa de um amigo, perto da Universidade de Columbia. Era um diminuto apartamento, do mesmo jeito que o meu, no centro, mas tinha quatro janelões que inundavam o único quarto com uma luz quase etérea. Quando vi Ann pela primeira vez, ela vestia uma saia de tecido leve que no doce e suave resplendor da manhã de verão destacava suas longuíssimas pernas. Lembro-me de ter pensado, naquela mesma hora, que ali estava a nova-iorquina boêmia dos meus sonhos... E se já não bastasse, ela tocava violoncelo!

E não apenas, ou simplesmente, tocava violoncelo. Sim, ela possuía talento. Estudava na Julliard e inclusive seus companheiros diziam que ela era uma intérprete digna de tirar o chapéu: um autêntico talento e uma grande inteligência.

Mas o que mais me impressionou em Ann a princípio foi a sua mescla de sofisticação e inocência. Sabia muitíssimo de livros e música, e isso me encantava. Eu adorava o seu sorriso envolto numa certa melancolia, como se ao lado de seu extrovertido otimismo — ela mesma dizia que preferia ver o copo meio cheio e considerar a vida como uma aventura cheia de possibilidades — tivesse também uma faceta pensativa, reflexiva e nostálgica. Chorava com facilidade assistindo a filmes até mesmo ruins e ao ouvir certas passagens de algumas obras musicais (os movimentos lentos das sonatas de Brahms sempre a comoviam). Chorava depois de fazer amor, o que procurávamos repetir nos momentos sempre possíveis. E chorou terrivelmente quando, depois de quatro meses saindo juntos, decidi colocar fim em nosso relacionamento.

Nada entre nós havia desandado de forma irreparável, nem tínhamos o tipo de desacordo que pudesse conduzir a uma ruptura permanente. Não, o único erro de Ann havia sido revelar-me que me amava de verdade. Havia organizado um fim de semana prolongado para nós dois no chalé que sua família tinha nos montes Adirondacks, era dia 30 de dezembro. Durante a noite tinham caído trinta centímetros de neve. Na lareira ardia o fogo, a cabana exalava o aroma de pinho e tínhamos

terminado um jantar maravilhoso, regado com um vinho excelente. Estávamos no sofá, abraçados, e então ela me olhou nos olhos e me disse:

— Sabe de uma coisa? Meus pais estão juntos desde que tinham vinte anos... E isso faz mais de um quarto de século! Minha mãe me contou alguns anos atrás que, quando viu meu pai, soube que era ele. Sentiu que era o seu destino. Isso foi o mesmo que senti quando eu vi você.

Esforcei-me para sorrir, tratando de dissimular meu incômodo. Mas sabia que não estava reagindo bem a seu comentário, expressado com tanta doçura e tanto amor. Ann também notou e em seguida me rodeou com seus braços e me disse que não pretendia me prender, ao contrário, estava disposta a me esperar já que eu tinha a intenção de ir a Paris para escrever durante um ano, ou que não queria se casar até que ambos completassem vinte e cinco anos.

— Não quero que você se sinta pressionado — disse Ann, tranquila e carinhosa. — Só quero que saiba que, para mim, você é o homem da minha vida.

Não voltamos a tocar no assunto, mas quando regressamos para a cidade, uns dias depois, passei uma noite inteira redigindo uma proposta para um livro sobre uma viagem pelo Nilo, desde o Cairo até Cartum. Dediquei toda a semana seguinte para escrever um capítulo de amostra, baseado em uma viagem de quinze dias para o Egito que havia feito no verão logo após terminar a universidade. Graças a meu trabalho no setor editorial, conhecia vários agentes literários e consegui que uma em particular se interessasse pelo livro proposto. Fiz uma sondagem, visitei algumas editoras e, finalmente, uma editora disse que não costumava correr riscos com autores novatos e muito jovens, mas que estava disposta a me dar modestos três mil dólares como adiantamento pelo livro. Eu aceitei sem pensar duas vezes. Pedi uma dispensa de quatro meses no trabalho que meu chefe não concedeu, assim sendo, eu pedi demissão. Depois eu dei a notícia para Ann. Creio que o que mais a perturbou não foi que eu fosse me perder durante vários meses no extremo mais distante do Norte da África, e sim o fato de que estava já há oito semanas trabalhando para conseguir aquilo e nem sequer lhe havia insinuado que estava tramando minha fuga.

— Por que não me disse nada? — me perguntou Ann em um tom de voz sereno, embora seu olhar delatasse que se sentia ferida.

Encolhi os ombros e desviei o olhar. Ela me pegou pela mão.

— Por um lado, estou muito feliz por você, Thomas. É o seu primeiro livro, encomendado por uma importante editora! É uma notícia fantástica! Mas, por outro lado, não consigo entender que tenha feito tudo isso em segredo.

Voltei a encolher os ombros, desgostoso comigo mesmo por ser tão covarde.

— Thomas, por favor, me diga alguma coisa. Eu te amo! E há tantas coisas boas entre nós! — disse Ann.

Eu soltei a mão dela.

— Não posso mais — disse em um tom de voz talvez um pouco mais forte que um sussurro.

Até então, Ann me olhava incrédula.

— O que é que você não pode mais? — perguntou Ann.

— Não posso mais com isto, não posso mais conosco. De toda forma, você ficará mais bem acompanhada de um cara mais simpático, que aspire a vida simples que você...

E quando eu lhe disse “vida simples” me arrependi, porque vi o efeito que minhas palavras surtiram nela. Foi como se eu tivesse lhe dado um tremendo soco.

— “Vida simples”? Você acha que é isso que eu quero para nós? — disse Ann.

É claro que eu sabia que Ann não era uma réplica da minha mãe, como também sabia que ela nunca me empurraria para a espécie de inferno doméstico que tanto encolerizava meu pai (embora ele mesmo tenha sido um dos seus arquitetos). Por mais que ela tratasse de me tranquilizar, dizendo que não tinha intenção de me pressionar para que eu me casasse com ela o quanto antes, o certo é que... Bem, Ann já tinha dito que me amava. Havia me dito que eu era o homem com quem ela queria compartilhar sua vida e eu simplesmente não suportava saber disso, nem sentir essa responsabilidade, e, assim sendo, eu lhe disse:

— Não estou preparado para o tipo de compromisso que você quer ou precisa.

Uma vez mais, Ann tratou de pegar minha mão, mas eu não deixei. Pela segunda vez, vi o assombro e a dor em seu olhar.

— Thomas, por favor, não me afaste de você, não assim desta forma. Vá para o Egito por três ou quatro meses. Eu te esperarei. Nada mudará entre nós e quando você voltar, nós poderemos... — disse Ann.

— Eu não vou voltar.

Seus olhos se umedeceram e começou a chorar.

— Eu não estou entendendo — disse Ann em voz baixa. — Nós somos...

Fez uma pausa e depois disse a palavra que eu sabia que diria, a que estava temendo desde o princípio:

— ... Felizes — disse Ann.

Seguiu-se um longo silêncio enquanto ela esperava a minha resposta. Mas eu não lhe dei nenhuma.

Vários meses depois, eu acordei em um hotel barato do Cairo sentindo-me extremamente só, com uma solidão e uma sensação de deslocamento que se faziam enormes, e me obriguei a repassar mentalmente aquela última conversa com Ann, uma vez e outra mais, enquanto me perguntava por que eu a afastara de mim. Conhecia a resposta, naturalmente. Tentei me convencer de que tinha sido melhor assim. Depois de tudo, havia tomado a decisão menos conformista e mais audaz. Eu era um homem sem nenhum desses vínculos que aprisionam uma pessoa. Podia flutuar através da vida, sair em aventuras, viver romances e inclusive escapar para o fim do mundo caso me apetecesse. Eu tinha somente pouco mais de vinte anos. Que sentido haveria em me vincular a alguém que não iria fazer outra coisa senão limitar meus horizontes?

No entanto, a pergunta que me consumia naquela noite no hotel Cairo era a seguinte: “Mas você, de verdade, amava Ann Wentworth?”.

E a resposta era: “Se eu tivesse estado aberto à ideia, o amor teria surgido por si só”. Mas,

como eu sentia um terror abjeto, desprezível sobre tudo que significava amar e ser amado, me pareceu melhor dinamitar nossa relação e arrancar o mal pela raiz com relação a todas as possibilidades de ficarmos juntos no futuro.

Por isso, depois daquela dolorosa noite de insônia no hotel no Cairo, eu decidi tirar da cabeça todos esses sentimentos. Entreguei-me às minhas viagens egípcias com uma veemência que surpreendeu inclusive a mim. Todos os dias buscava tudo o que era inovador, incomum, radical e desse modo eu afugentava as dúvidas. Porém, seis meses depois, após uma série de voos que tomei após sair do Cairo e passar por Roma, e que por fim me depositaram em Nova York, a sensação de vazio me golpeou em cheio. Quando voltei para meu apartamento, que durante aqueles meses de minha ausência havia sido sublocado a um amigo ator, eu descobri que o mencionado cavalheiro tinha os hábitos higiênicos de uma ratazana de esgoto. Passei a primeira semana dedetizando e tentando solucionar o feroz problema das baratas. Quando o apartamento voltou a ser habitável, dediquei duas outras semanas a pintá-lo e lixar o chão e mudar as lajotas do banheiro. Eu sabia que o verdadeiro propósito das reformas era escapar da obrigação de me colocar para escrever o livro, além de me impedir de telefonar para Ann Wentworth para averiguar se ela queria voltar comigo.

A verdade é que nem eu mesmo sabia o que queria. Eu sentia sua falta, mas também sabia que uma só ligação telefônica de minha parte seria como ceder aos seus desejos. A tentação era grande, por muitas razões evidentes. Ela era uma mulher encantadora e cheia de talento e – mais importante ainda – uma excelente pessoa que me adorava e que só queria o melhor para mim, e para nós dois. Era natural que, durante muitas noites, eu ficasse olhando para o telefone e dissesse para mim mesmo que tinha que telefonar a ela. Por outro lado, eu também me dava conta de que telefonar para Ann teria sido uma capitulação: submissão, renúncia, algo motivado pelo circunstancial.

Somente agora vejo o rapaz que tentava se convencer de que ainda o esperavam novas aventuras naquele enorme e agitado mundo e de que a estabilidade e a felicidade eram sinônimos de aprisionamento.

Assim sendo, o telefone continuou no gancho e nunca ninguém discou o número do pequeno apartamento de Ann perto de Columbia. De toda maneira, porém, eu tinha um livro para escrever, e assim, quando meu estúdio já estava pintado e a ordem geral voltou a reinar na minha diminuta parcela de Manhattan, comecei a trabalhar. Tinha uns três mil e quinhentos dólares no banco e eu calculava que demoraria uns seis meses para transformar minhas numerosas cadernetas de anotações em algo parecido com uma narrativa convincente. Naquela época não era necessário ser um alto executivo para viver em Manhattan. O aluguel do estúdio me custava trezentos e dez dólares por mês. O cinema ainda custava cinco dólares e se conseguiam entradas baratas para o Carnegie Hall por oito dólares. No café ucraniano da esquina da minha casa, era servido um café da manhã por dois dólares e cinquenta centavos. Como eu sabia que com o dinheiro que tinha no banco daria para viver uns quatro meses, consegui um trabalho na hoje desaparecida livraria da Rua Oito, trinta horas por semana, a quatro dólares a hora. Este pagamento cobria meus gastos com comida e as despesas do apartamento e inclusive me permitia sair algumas noites por semana.

Os oito meses que finalmente demorei a escrever *Insolação: um percurso pelo Egito* me

parecem agora uma época de grande simplicidade. Não tinha compromisso, nem dívidas, nem vínculos. Quando datilografei a última linha do meu primeiro livro (uma noite em janeiro, com uma nevasca e temporal), celebrei com um copo de vinho e um cigarro, depois me derrubei na cama e dormi catorze horas seguidas. Então, vieram outras tantas semanas para eliminar repetições, ideias malogradas, metáforas manjadas e todos os exemplos de má qualidade literária que sempre seguem listadas em meus rascunhos de referência. Eu entreguei pessoalmente o manuscrito à editora. Depois fui passar duas semanas na casa de um amigo de universidade em Key West para curtir umas férias de baixo custo no paraíso tropical americano, durante as quais me estendi ao sol, percorri bares, evitei os romances de Ernest Hemingway e tentei não me preocupar com meu livro.

O resultado foi que Judit Kaplan, até então minha editora, considerou que o livro estava “benfeito por ser o primeiro” e que “era possível ser uma boa leitura”. Sua publicação, oito meses depois, não suscitou mais do que seis resenhas por todo o país. Entretanto, houve uma importante nota no *The New York Times* com uma crítica vital, positiva, que me valeu uma série de telefonemas de diversas editoras de várias boas revistas. Foram vendidos quatro mil exemplares do livro e pouco tempo depois foi liquidado o restante da tiragem. Mas eu havia publicado um livro, e Judit (convencida de que me animaria, sobretudo depois do comentário cheio de louvores do *The New York Times*) me convidou para comer em um restaurante italiano caro uma semana depois de meu regresso de Adís Abeba, para onde a revista *Traveller* havia me enviado.

— Você sabe o que Tolstói disse sobre o jornalismo? — me perguntou Judit após inteirar-se de que eu estava atolado de matérias para as revistas e que havia até deixado o trabalho na livraria. — Que é um bordel. E como acontece com a maioria dos bordéis, quando se torna cliente, você volta de tempos em tempos.

— Para mim, as reportagens que faço para as revistas são só uma desculpa para viajar pelo mundo à custa de outros cobrando um dólar por palavra.

— Então, se eu lhe perguntasse o que pensa de escrever outro livro para nós... — disse Judit.

— Eu lhe diria que eu já tenho uma ideia.

— Que bom! E eu responderia que já é um excelente começo. E qual seria essa ideia? — perguntou Judit.

— Uma só palavra: Berlim.

Durante a meia hora seguinte eu delineei a ela o meu projeto de passar um ano na cidade e escrever um livro que seria algo assim como um pouco ficção que acontecia na realidade: doze meses nessa ilha do Ocidente que flutua perto do bloco do Leste, o lugar onde os dois grandes “ismos” do século XX se roçavam como placas tectônicas, uma cidade orgulhosa de seu anarquismo e de seu hedonismo e de ter conservado certo ambiente decadente da República de Weimar, mas que ao mesmo tempo atraía certo tipo de forasteiro desejoso de viver na atmosfera tensa e claustrofóbica de uma metrópole com um passado carregado de horrores e um presente de convivência diária com a monocromática sordidez do comunismo.

— Não me diga que tudo isso acaba de passar pela sua cabeça! — exclamou Judit quando eu

terminei de lhe contar. — Entretanto, tenho que reconhecer que parece o preâmbulo de um livro muito bom... Sobretudo se puder repetir o foco do livro do Egito e criar interesse pelas pessoas que for conhecendo. Esse é o seu ponto forte, Thomas: a fascinação que lhe inspira o mundo de outras pessoas, o modo em que dá a entender que cada vida é um romance.

Fez uma pausa para beber um gole de seu vinho.

— Agora, volte para casa e escreva uma proposta vitoriosa que me permita convencer os rabugentos sujeitos do departamento de vendas e *marketing*. E fale para a sua agente me telefonar.

A proposta foi escrita e apresentada em menos de uma semana. Três semanas depois recebi a aprovação da editora (ah, que tempos bons eram aqueles quando era tão simples publicar e as editoras estavam dispostas a apoiar as modestas ideias de um autor!). Minha agente negociou bem o contrato e ela conseguiu para mim nove mil dólares de adiantamento sobre os direitos, cuja metade me pagariam no ato. Como era o triplo do valor acordado do meu contrato anterior, eu estava eufórico, sobretudo porque pude agitar, esfregar o contrato bem debaixo dos narizes de vários chefes de redação e conseguir que *Traveller*, *National Geographic* e *The Atlantic Monthly* me encomendassem suas respectivas reportagens, o que agregou, entre todos os pedidos, cinco mil dólares a mais para meu caixa. Comecei a pesquisar certos detalhes, como o custo de vida, e descobri que em um bairro um pouco ruim, como o de Wedding, seria possível alugar um quarto num andar compartilhado por uns cento e cinquenta marcos alemães por mês, o que naquela época equivalia a uns cem dólares. Com a ideia de que o livro podia adquirir uma dimensão interessante e que implicasse, embora tangencialmente, nas complexidades da Guerra Fria, enviei meu currículo e um exemplar de meu livro sobre o Egito à sede da Rádio Liberty em Washington. A Rádio Liberty era uma emissora financiada pelo governo dos Estados Unidos para difundir notícias e promover a visão norte-americana do mundo em todos os países por trás da Cortina de Ferro. Em minha carta de apresentação, explicava que tinha pensado em passar um ano em Berlim e perguntava se não haveria algum tipo de trabalho para um redator em seus escritórios da cidade.

Não esperava receber resposta. Eu havia feito aquilo somente por uma motivação casual, pois supunha que eles provavelmente só contratariam anticomunistas furiosos e que, além disso, fossem bilíngues. Porém, numa tarde, chegou a mim uma carta de Washington. O remetente era um tal de Huntley Cranley, diretor de programação, que tinha avaliado meu livro como interessante e avisando que meu currículo fora remetido para Jerome Wellmann, a pessoa que estava à frente da Rádio Liberty em Berlim. Ele me pedia na carta para que eu entrasse em contato com esse homem quando chegasse à cidade. A partir daí, o próprio senhor Wellmann decidiria se me receberia ou não em seu escritório.

Uma semana depois (com meu apartamento novamente sublocado, minha única mala preparada e um pesado casaco militar às costas), dobrei a carta, enfiei-a em um dicionário alemão-inglês e a guardei na mala de mão. Apaguei as luzes, fechei a porta com duas chaves e peguei o ônibus que se dirigia para o aeroporto Kennedy, numa fria noite de janeiro, com uma chuva que não se decidia em se transformar em neve. Despachei a mala, peguei o bilhete de embarque, passei pelos controles habituais de segurança, acomodei-me no reduzido espaço do assento designado, vi como se

perdia o perfil de Manhattan na invernal bruma noturna e, tranquilamente, bebi até dormir enquanto o avião alcançava a altura de cruzeiro, tomava velocidade e se punha rumo ao leste.

Quando acordei, muitas horas depois, tinha a cabeça espessa e nebulosa por ter abusado das minigarrafas de uísque. Olhei pela janela e não vi nada, exceto o acinzentado das nuvens densas.

Depois, as nuvens se transformaram em bruma, a bruma se dissipou e abaixo, lá longe...

Terra, campos, edifícios. As linhas de uma cidade sobre a borda curva do horizonte, todo esse quadro refratado através do intumescimento na cabeça de ter passado a noite sentado, dormindo em uma poltrona extremamente estreita. Faltavam uns dez minutos para a aterrissagem. Enfieei a mão no bolso do casaco e tirei a carteira em que guardava tabaco e o papel para enrolar o cigarros, que haviam sido meus companheiros desde meu último ano na universidade e que sem dúvida alguma haviam me ajudado a resistir aos momentos de nervosismo transcorridos diante de minha mesa ao longo do último ano. Dito em termos mais simplistas, eu havia me convertido em um fumante embrutecido durante o processo de escrever o meu primeiro livro, e precisava de pelo menos quinze cigarros para chegar ao fim da maioria dos dias. Nesse momento, embora estivesse escrito na placa de aviso que era proibido fumar, eu já tinha tirado minha parafernália de fumante e me colocado a enrolar rapidamente o cigarro para acendê-lo assim que estivesse fora do edifício do terminal.

Terra, campos, edifícios. Mais concretamente: o perfil dos arranha-céus de Frankfurt, a mais mercantil e esteticamente pobre das cidades alemãs. Eu estudava alemão desde meu primeiro ano na universidade. Minha relação com a língua sempre fora bastante complexa: amor pela densidade de suas formas e seu rigor estrutural, combinado com o esforço desesperado por assimilar o dativo e o tédio que produz ao se tratar de gravar um idioma na cabeça, sobretudo quando alguém não vive imerso nele. Havia brincado com a ideia de ir estudar um ano na Alemanha, mas em vez disso preferi ficar e dirigir o jornal da universidade. Como pude achar que ser o chefe de redação de um boletim de estudantes podia ser de algum modo mais importante do que passar um ano como príncipe, estudando em Tübingen ou Heidelberg e percorrendo diversas capitais europeias? Foi essa a última vez que tomei uma decisão com propósitos deliberadamente profissionais e acho que aprendi a lição: “Sempre que puder escolher entre algo prático e positivo em sua carreira e a possibilidade de sair da cidade, fique sempre com o segundo”.

Nesse momento, como se fosse para confirmar uma vez mais o dito, tinha voltado a fechar atrás de uma grande porta toda minha vida anterior e havia embarcado em um avião rumo ao leste. Depois de pousar no solo em Frankfurt e completar todas as formalidades aduaneiras, embarquei em outro avião que partia ainda mais em direção ao leste. Menos de uma hora depois, olhei pela janela e ali estava, bem abaixo de nós.

O Muro.

Quando o avião inclinou as asas e começou a voar em círculos sobre a frente oriental de Berlim, aquela longa e serpenteante construção de concreto armado se tornou mais definida. Inclusive, quando vista da altitude elevada na qual nos encontrávamos, se mostrava formidável, severa e conclusiva. Antes que as nuvens se abrissem e o Muro voltasse a ser uma realidade na paisagem, tínhamos passado meia hora entre solavancos nas turbulências do espaço aéreo da

República Democrática Alemã, o que se tornava inevitável (tal e como nos explicou o piloto americano), pela obrigação de voar a apenas três mil metros de altura sobre esse país estrangeiro.

— Eles se preocupam quando os aviões comerciais voam mais alto — me explicou a senhora sentada ao meu lado — porque temem que estejam sendo usados para espionagem. Temem que passem informação ao inimigo, que são todos os países fora do Pacto de Varsóvia, ou à “comunidade fraterna” de campos de prisioneiros socialistas, como Cuba, Albânia, Coreia do Norte...

Olhei para minha companheira de viagem. Tinha um pouco mais de cinquenta anos, vestia-se com seriedade e fumava um cigarro HB (tinha deixado o maço sobre o apoio de braços, entre nós); sua expressão levemente pesarosa e seu olhar inteligente refletiam cansaço. Obviamente — compreendi de imediato — ela era uma pessoa que havia visto muitas coisas que teria preferido não ver.

— Será que a senhora conhece diretamente uma dessas prisões? — perguntei.

— Por que diz isso? — replicou ela, antes de dar uma longa e profunda tragada no cigarro.

— Um simples pressentimento — eu respondi.

Amassou a bituca e pegou outro cigarro, dizendo:

— Já sei que irão acender o aviso de “Não fumar” dentro de alguns minutos, mas não posso sobrevoar este lugar sem acender um cigarro. É quase pavloviano⁴.

— Quando saiu de lá? — perguntei.

— Em 13 de agosto de 1961, algumas horas antes de fecharem todas as fronteiras e começarem a construir o Dispositivo de Detenção Antifascista que o senhor vê ali embaixo — a senhora respondeu.

— E como soube que tinha que partir? — eu perguntei.

— O senhor faz muitas perguntas. E não fala mal alemão. É jornalista? — perguntou a senhora.

— Não, somente alguém que faz muitas perguntas — respondi.

Minha companheira de assento fez uma pausa e me olhou intrigada, como se estivesse se perguntando se podia confiar em mim, e em contrapartida com muita vontade de contar sua história.

— Quer um cigarro de verdade? — a senhora me perguntou, ao ver que eu estava enrolando mais um dos meus, em cima da minha máquina portátil Olivetti de datilografar.

— Gostaria sim — respondi.

— Bonita máquina de escrever.

— Presente de despedida.

— De quem? — ela perguntou.

— De meu pai — respondi.

Na véspera de minha partida, eu havia me reunido com ele em seu “boteco japa” preferido, como ele chamava o restaurante japonês ao lado da Avenida Lexington que costumava frequentar nos anos quarenta. Depois de encher a cara com três saquetinis (martinis preparados com saquê), ele

pediu ao garçom que fosse buscar o que havia deixado no guarda-volumes da chapelaria. Resumindo, no fim ele me deu uma caneta-tinteiro e uma preciosa Olivetti vermelha, uma emblemática peça do estilo italiano moderno. Fiquei surpreso por sua generosidade e ao mesmo tempo impressionado por seu bom gosto. Mas, quando comentei o que eu citei por último, ele começou a rir e replicou:

— Foi Doris, a fulana com quem venho me entendendo ultimamente, ela escolheu o presente. Disse que um autor com livro já publicado como você precisa de uma máquina de escrever reluzente e eficiente como esta. E sabe o que eu lhe disse? “Qualquer dias desses tenho que ler o livro do meu garoto.”

Em seguida, fez uma careta de estranhamento, como se tivesse revelado algo que teria preferido manter em segredo.

— Ele deve ser um bom homem — disse a mulher sentada ao meu lado no avião, olhando para a elegante caixa de plástico que guardava a máquina de escrever.

Eu não disse nada. E me limitei a sorrir, e ela percebeu.

— Ele não é um bom homem? — ela perguntou.

— É um homem complexo — respondi.

— E provavelmente você o ama muito... E não sabe como expressar seus sentimentos. Por isso lhe deu um presente tão bonito. Se você não é jornalista, então deve ser algum tipo de escritor — ela disse.

— Ah sim... Isso mesmo. Mas, quem lhe aconselhou que saísse da RDA⁵? — eu lhe perguntei, mudando rapidamente de assunto.

— Ninguém. Eu ouvi uma conversa — ela respondeu.

Baixou a cabeça e também a voz.

— Meu pai... Era um membro importante do Partido em Leipzig e fazia parte de um grupo secreto, com uma missão designada pelos hierarcas de Berlim. Naquela época, eu tinha trinta anos. Estava casada, não tinha filhos e queria me separar do meu marido, que era funcionário no gabinete do Governo onde eu havia trabalhado. Como meu pai ocupava um lugar bastante elevado na hierarquia, minha posição poderia ser considerada como esplêndida, dentro do que era possível na RDA: era recepcionista-chefe em um dos grandes hotéis internacionais da cidade. Todos os sábados eu comia com meus pais; éramos bastante unidos, sobretudo porque eu era filha única. Meu pai me adorava, embora, dado seu vínculo com o Partido, eu nunca pudesse expressar claramente a ele o que pensava. Em nosso país, cada vez mais, era necessário estar ao lado do Partido, porque do contrário você ficaria excluído da sociedade e de tudo o que ela podia lhe oferecer. Eu queria viajar, mas isso era simplesmente impossível, a menos que quisesse fazer turismo em um dos nossos cinzentos estados socialistas irmãos. Nunca disse nada disso aos meus pais, porque os dois eram verdadeiros crentes. Em um daqueles sábados à tarde, enquanto voltava do banheiro, ouvi meu pai dizendo para a minha mãe que não saísse de casa nem atendesse ao telefone no dia seguinte porque naquela noite, ainda antes que a manhã chegasse, ia acontecer “uma mudança bem grande”.

“Logo depois, eu me senti como se estivesse desabando em queda livre. Fazia semanas, meses

que circulavam rumores sobre a intenção do governo de fechar finalmente a fronteira, que em Berlim continuava sendo permeável. Compreendi que me restavam somente algumas horas para agir se quisesse fazer algo.

“Olhei para o relógio. Faltavam doze minutos para as três da tarde. Recuperei o equilíbrio, voltei para a sala de estar e terminei de beber o café com meus pais. Depois pedi licença, dizendo a eles que ia para a piscina pública para nadar com uma amiga. Eu lhes dei um beijo de despedida e reprimi o desejo de abraçá-los com força, sobretudo ao meu pai, porque intuía que não voltaria e vê-los durante muito tempo.

“Voltei para casa de bicicleta. Por sorte, Stefan, meu marido, jogava futebol nessa tarde com outros funcionários da direção do gabinete onde trabalhava. Entrei em casa e peguei umas poucas coisas: uma muda de roupa, um pequeno bolo de dinheiro de marcos autênticos da Alemanha Ocidental, meu passaporte e todo o dinheiro da RDA que pude encontrar. Não levou mais de dez minutos. Então, fui de bicicleta para Hauptbahnhof e peguei o expresso das 15h48 para Berlim. Duas horas mais tarde, tinha chegado ao destino. Tinha um amigo na cidade, um homem chamado Florian, com quem eu mantinha (agora eu posso dizer) uma relação amorosa. Nada importante. Somente um pouco de consolo mútuo. Mas sempre nos víamos quando ele ia para Leipzig ou nas raras ocasiões em que eu visitava Berlim. Era jornalista do *Neus Deutschland*, o jornal diário do partido. Da mesma forma que eu, Florian era cada vez mais crítico com o regime, em particular, e tinha cada vez mais dúvidas sobre o futuro. Ele também havia me dito, duas semanas antes, quando estivera em Leipzig, que um amigo seu de Berlim conhecia um lugar por onde era possível passar de Friedrichshain para Kreuzberg sem ser visto, embora, até então, a fronteira entre as duas partes da cidade não tivesse sido fechada.

“Assim sendo, quando cheguei a Berlim, telefonei para Florian. Por sorte, estava em casa. Fazia pouco tempo que havia se divorciado e passado a tarde com Jutta, sua filha de cinco anos. Quando telefonei, ele acabara de voltar de deixá-la na casa de sua mãe. Seu apartamento era na região de Mitte. Fui andando desde Alexanderplatz até lá. Quando cheguei lhe pedi que saísse para a rua porque tinha medo de que houvesse microfones no seu andar. Então eu lhe disse o que sabia: que seria produzida “uma grande mudança” nessa madrugada e que estava convicta de que isso significava que fechariam a fronteira.

“Florian não me perguntou nem uma vez se eu tinha certeza. Ele acreditou em mim cem por cento. E começou a pensar em voz alta. Ele me disse: ‘Bem, você sabe que minha ex-mulher está numa posição bem elevada no Partido. Se eu voltar agora para pegar Jutta, ela suspeitaria. Mas então, quando fecharem a fronteira amanhã... Qual será a melhor opção? Que minha filha venha comigo para o Ocidente ou fique aqui com sua mãe?’

“O monólogo prosseguiu por vários minutos. Tinha anoitecido. Eram quase oito da noite. O tempo estava se esgotando. Consultei o relógio e lhe disse que tínhamos que sair imediatamente. Ele assentiu e me pediu que eu o aguardasse no lado de fora. Era uma quente noite de agosto. Fumei dois cigarros olhando a rua: edifícios acinzentados e deteriorados, pintados com as cores em tons monótonos e funcionais do comunismo. Pensei em meu pai e perguntei a mim mesma se a minha fuga

prejudicaria a sua carreira. Pensei em Florian, desejando que ele pudesse inventar uma desculpa para pegar Jutta e trazê-la conosco. Quando saiu, ele parecia bem abatido.

“‘Acabo de telefonar para a casa de Maria’, ele me disse. ‘Saíram. Se nós esperarmos até que voltem... Não há a menor possibilidade de que me deixe sair com Jutta às onze da noite sem perguntar o que está acontecendo. Assim sendo...’

“Baixou a cabeça e ouvi que ele reprimia um soluço. Então, secando os olhos ele me disse: ‘Tenho uma bicicleta a mais em casa. Vamos para Friedrichshain!’’. Em vinte minutos, fomos de bicicleta desde Mitte até um lugar próximo a uma estrada que percorria ambos os lados da fronteira. Havia dois *Volkspolizisten* de guarda do lado da Alemanha Oriental e um simples portão separava o leste do oeste. No entanto, nós vimos que a *Volkspolizei*⁶ estava pedindo a documentação, embora ainda fosse relativamente legal passar de um setor para o outro. Assim sendo, deslizamos disfarçadamente por uma rua lateral até o bloco de apartamentos cuja fachada dava para outra via paralela à fronteira. O amigo de Florian lhe havia dito que a chave para entrar no apartamento que nos interessava estava em cima da caixa de correspondências, no saguão de entrada. Contive a respiração enquanto Florian a procurava. Quando a encontrou e abriu a porta, nos encontramos em um lugar abandonado: vários colchões no chão, um banheiro imundo e uma janela quebrada. Havia uma corda de escalar atada ao batente da janela. Florian olhou para fora, na rua, e disse que tínhamos passagem livre. Jogou para fora a corda de nós e me indicou que descesse o quanto antes.

“Eu estava aterrorizada. Detesto alturas... E ali eram três andares. A escada de cordas para a descida me pareceu tão débil e frágil e ao mesmo tempo tão perigosa que pensei que não ia aguentar meu peso. E isso porque, até então, eu só pesava cinquenta quilos! Disse para Florian que não podia e que estava assustada demais, mas ele me agarrou literalmente pelo pescoço e me obrigou a sair pela janela.

“A descida demorou apenas trinta segundos, porque quando apoiei meu peso na ‘escada’ me dei conta de que só dispunha de uns instantes antes que as cordas cedessem. Quando eu ainda estava a uns três metros do chão, toda a estrutura veio abaixo. Logo em seguida, eu me vi caindo e, acredite-me, uma queda de três metros é bem alto. Caí sobre o pé esquerdo e quebrei o tornozelo em vários lugares. A dor foi indescritível. De cima, Florian começou a me sussurrar: ‘Corra! Vá correndo!’. ‘Você tem que vir comigo.’ ‘Preciso encontrar outra corda! Você cruza agora, nos encontraremos em Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche, em Ku’damm’, ele me disse. ‘Não posso caminhar’, respondi lá de baixo, ‘Acho que quebrei um tornozelo’. ‘Você não tem escolha. Vai!’, disse Florian. ‘Florian, salte!’ ‘Vamos, ande!’, gritou Florian para mim.

“E ele se enfiou no apartamento. O tornozelo estava me matando. Não podia apoiá-lo no chão, mas de algum modo consegui me arrastar trinta metros, através do descampado que era terra de ninguém, em direção ao Ocidente. Como ainda não haviam levantado o Muro, e ainda não havia arames que ativassem as minas terrestres, nem guardas armados que atiravam para matar, tampouco havia soldados ocidentais para me esperar quando cheguei mancando a Kreuzberg, senão unicamente um senhor turco que estava voltando para a sua casa e me encontrou jogada na rua, chorando de dor. Ele se agachou ao meu lado e me ofereceu um cigarro. Depois me disse que iria sair para buscar

ajuda e voltaria o quanto antes possível. Deve ter se passado mais ou menos uma hora até que ouvi a sirene da ambulância e até aquele momento eu já estava há um bom tempo perdendo e recuperando alternadamente a consciência. Depois disso, a lembrança seguinte é de estar acordando em um quarto de hospital. Um médico me explicou que eu havia fraturado o tornozelo e que havia tido um sério rompimento no tendão de Aquiles, além de me informar que eu tinha passado mais de oito horas inconsciente por causa da anestesia. Ao seu lado havia um policial que me deu as boas-vindas à República Federal e me comunicou que havia tido muita sorte, porque a Alemanha Oriental havia fechado todas as suas fronteiras pouco depois da meia-noite. ‘O senhor sabe se um homem chamado Florian Fallada conseguiu sair?’, eu perguntei ao policial. O agente encolheu os ombros e disse: ‘Não tenho nenhum conhecimento das pessoas que cruzaram a fronteira ontem à noite. Somente sei que agora é absolutamente impossível sair do lado oriental. Ele se converteu em um Estado hermeticamente fechado’, respondeu o policial.

O avião sacudiu bruscamente, com o bico orientado à terra. Então, de repente, abriu-se a cortina de nuvens e vi que faltavam poucos segundos para a aterrissagem. Os últimos dez minutos de voo haviam se esfumado da minha consciência, pela força narrativa da história daquela mulher.

— E a senhora sabe o que aconteceu com Florian? — eu lhe perguntei.

— Não soube nada sobre ele durante mais de dez anos — respondeu a mulher. — E eu, da minha parte, encontrei trabalho em Frankfurt, no setor de hotelaria e nesses dez anos me casei e me divorciei. Também cheguei a ser diretora de vendas para a Alemanha dos Hotéis da rede Intercontinental. Em 1972, na ocasião da feira de Leipzig, voltei para meu antigo país em uma viagem de negócios, embora ele não estivesse na cidade. O único jornal disponível no hotel era esse pasquim comunista, o *Neus Deutschland*. Olhei para o expediente editorial e adivinhe quem era o novo chefe de redação? Florian Fallada.

O avião tinha pousado e já se encontrava parado. Estava nevando. O pessoal de terra aproximava uma escada para a porta dianteira do avião.

— E a senhora nunca tentou entrar em contato com ele? Nunca tentou averiguar o que houve quando Florian não conseguiu cruzar a fronteira ao seu lado? — perguntei.

Ela me olhou como se eu fosse o homem mais ingênuo do mundo.

— Se eu tivesse me colocado em contato com Florian, teria destruído a sua carreira. E como é fato, eu o amei bastante... — a senhora me disse.

— Mas certamente deve ter querido saber por que não conseguiu passar a fronteira — perguntei.

Uma vez mais me olhou com uma espécie de ceticismo divertido.

— Florian não conseguiu passar a fronteira porque a corda para escalar se rompeu. Talvez não tivesse tempo de encontrar uma corda que lhe permitisse descer à terra de ninguém, ou talvez não quisesse deixar sua filha e ir embora, afinal de contas. Talvez simplesmente acreditasse no dever de ficar no local que considerava seu lar, apesar de todas as limitações que impunham essa decisão. Quem sabe? Mas o seu segredo (aquele de que não escapou do país por questão de minutos) só o

conhecia outra pessoa, além dele mesmo. Eu.

— Entretanto, agora o senhor também o conhece — continuou ela —, e talvez se pergunte por que razão esta desconhecida, esta mulher de certa idade que fuma e fala demais, decidiu contar para o senhor, o senhor Escritor Americano, uma história tão particular, tão privada. Sabe por quê? Porque hoje eu li no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* que Florian Fallada, chefe de redação do *Neus Deustchland*, morreu repentinamente de um ataque do coração, faz dois dias, em seu escritório na Berlim Oriental. E agora chegou o momento de nos despedirmos — disse a senhora.

— E como a senhora se chama? — eu lhe perguntei.

— Meu nome é assunto meu. Porém, eu já lhe dei uma boa história não? Encontrará muitas outras por aqui. O importante para o senhor será diferenciar entre as autênticas e as que são apenas castelos de areia.

O sistema de alto-falantes difundiu um eloquente tom de atenção. Todos começaram a se colocar de pé e a se preparar para sair ao mundo a partir dali. Segurei minha máquina de escrever enquanto vestia meu casaco.

— Deixe-me adivinhar — disse a mulher. — Seu pai se comporta como se não aprovasse as suas escolhas, mas, às suas costas, se orgulha de ter um filho escritor.

— Meu pai vive a sua vida — respondi.

— E o senhor nunca conseguirá que ele valorize a sua, assim sendo, não se preocupe. É jovem ainda. Tudo é ainda tábua rasa. *Mergulhe nas histórias alheias e adquira uma perspectiva da sua própria.*

Após dizer isso, a mulher fez um gesto de despedida com a cabeça e colocou rumo a sua própria vida. Mas, quando estávamos dentro do edifício do terminal, esperando nossas malas na passarela de bagagens, voltou a me ver e disse:

— *Willkommen in Berlin*⁷...

Dois

Kreuzberg.

A mulher do avião caiu da escada de cordas no distrito de Friedrichshain em Berlim Oriental e depois correu coxeando os trinta metros aproximadamente que a separavam de Kreuzberg. Logo em seguida um cavalheiro turco se aproximou para ajudar, encontrando-a caída na rua e contorcendo-se de dor. Poucas horas depois desse pequeno incidente, aquele trecho de terreno que a mulher tinha atravessado tornou-se uma das fronteiras mais controversas do planeta.

Friedrichshain a Kreuzberg. A poucos passos.

Até que colocaram um muro ali. E aqueles poucos passos se tornaram uma impossibilidade.

Em minha terceira manhã em Berlim, peguei a U-Bahn para a Moritzplatz e me vi olhando para a passagem de fronteira que existia agora em Heinrich-Heine-Strasse. Heinrich Heine. Eu o li na faculdade. Um dos santos padroeiros do Romantismo alemão e agora o nome de uma das principais passagens nas fronteiras entre o Oriente e Ocidente. Sem dúvida, as autoridades da Alemanha Oriental se aferraram aos poemas antiburgueses de Heine como prova de sua impecável credencial do “trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. Não há dúvida de que havia aqueles no Ocidente que simplesmente avaliavam esse escritor alemão como se fosse um daqueles volúveis personagens literários do século XIX, cuja obra estava em grande parte divorciada da realidade cotidiana e, como tal, teria que ser desprezada como o auge do narcisismo burguês. Fosse qual fosse a interpretação, quando me deparei com o ponto de controle de Heinrich-Heine, só pude pensar em uma coisa: *Assim como foi para ele em vida, isso continua cento e vinte e oito anos depois de sua morte. Porque ele permanece sendo um escritor que atravessou as contradições da consciência alemã e, como tal, merecia pertencer a ambos os lados desta terra agora dividida.*

No entanto, ao chegar a Berlim, três dias antes, me encontrava geograficamente muito longe da Heinrich-Heine-Strasse, uma vez que havia estabelecido uma residência temporária em uma pensão ao largo de Ku’damm, bem no coração de uma elegante praça chamada Savignyplatz. O local foi recomendado no guia “Berlim bem barato” que eu tinha comprado em Nova York. Aquela era uma pensão pequena e imaculadamente limpa, com apartamentos a quarenta marcos o pernoite, o que significava mais ou menos doze dólares em 1984 – bem acessível para ficar uma semana ou pouco mais, mas não uma possibilidade de longo prazo para um escritor que tinha recebido um pequeno adiantamento e trabalhava com um orçamento apertado. De frente para o quadrado verde e arborizado que era a Savignyplatz, a pensão Weisse era um pouso suave em Berlim. Meu quarto, com sua firme cama de solteiro, sua simples mobília no estilo escandinavo, o banheiro impecavelmente limpo, o amplo sistema de aquecimento, a espaçosa mesa sobre a qual estacionei minha máquina de escrever e a janela à prova de ruídos, era uma verdadeira delícia. Estava me sentindo meio confuso e cansado depois de treze horas de viagem por Nova York e Frankfurt, mas a matrona na recepção, que não era outra pessoa senão a Frau Weisse em pessoa, se encarregou imediatamente de me conceder

acesso ao quarto praticamente três horas antes do horário do *check-in*.

— Consegui um quarto para você com uma vista muito agradável — disse ela. — E como sabíamos que você chegaria hoje, ligamos o aquecimento bem cedo pela manhã. Berlim tem estado com um frio ártico nesses últimos dias. Por favor, não se arrisque a ficar congelado e ir lá fora. Eu detestaria ter que levar você ao hospital apenas poucos dias depois de sua chegada.

Mas é claro que eu me aventurei lá fora, mais ou menos três horas mais tarde, quando o vento feroz e a neve diminuíram de intensidade. Fui direto para a banca de jornal que ficava bem ao lado da estação de metrô da Savignyplatz, onde comprei um exemplar do *International Herald Tribune*, um pacote de tabaco Drum, papel para enrolar cigarros e meia garrafa de conhaque Asbach-Urbrand (a ideia de poder comprar álcool em uma banca de jornal sempre me agradou). Em seguida, me escondi do frio em um restaurante de massas. Comi um prato de espaguete à *carbonara* regado com uma taça de um áspero vinho tinto. Li o jornal e fumei vários cigarros enrolados acompanhados por dois cafés expressos. Estudei meus companheiros clientes. Eram divididos em dois grupos. Havia o pessoal de terno e que trabalhava nos escritórios alinhados ao lado da Kurfürstendamm, nas proximidades. Havia também o pessoal abastado das classes criativas, a julgar pelos equipamentos meio padronizados da vida urbana, como seus casacos de couro, blusas pretas de gola alta, óculos estilo Bertold Brecht e os maços de Gitanes. Não duvido que eles fossem o tipo de pessoas que indubitavelmente falavam a mesma *lingua franca*⁸ na qual todas as pessoas aculturadas das áreas metropolitanas do mundo são fluentes. E depois do almoço, quando fui capaz de suportar vinte minutos lá fora antes que o frio me enviasse correndo para meu quarto, minha caminhada em volta do quarteirão me levou a passar diante de elegantes exemplos esquecidos da arquitetura do século XIX, exemplificadas em blocos de apartamentos, de bem abastecidas e caras lojas de guloseimas, elegantes lojas de roupas, excelentes livrarias e estabelecimentos de música clássica. O resultado dessa apressada dança ao redor de ruas de gente abastada foi me informar de que eu havia pousado sem querer em um dos bairros mais agradáveis da Berlim Ocidental. Juntamente com as facilidades e o conforto da pensão Weisse...

Bem, uma coisa ficou clara para mim, que eu teria que sair desse lugar o mais rapidamente possível. Eu queria escrever um livro que refletisse os ritmos nervosos e irritados desta cidade nervosa. Mas como eu poderia me encharcar dessa irritação toda e, ao voltar para casa, retornar para um lugar que exalava uma vida tão boa? O que precisava era mergulhar em uma parte mais difícil da cidade.

Talvez a razão pela qual eu estivesse começando a ficar tão envolvido com a questão de “residência”, quando nem tinha realmente começado a entender a geografia mais básica da cidade, tivesse a ver com o livro que estava lendo naquele momento. Com a neve soprando forte lá fora e o frio, ambos me mantendo dentro de casa durante um bom tempo, passei a maior parte de meus primeiros dias em meu quarto ouvindo jazz em alguma estação de rádio da cidade e envolvido no romance de Christa Wolf, *The Quest for Christa T*. O que me intrigou mais sobre esse livro é que, embora a autora fosse uma escritora muito festejada e elogiada na Alemanha Oriental, o romance não era de modo algum um texto “oficial” sobre o regime. Pelo contrário, esse conto sobre uma mulher

essencialmente decente e comum, vivendo uma vida essencialmente decente e comum na Alemanha Oriental parecia atolado em um desespero silencioso. E tal como era, parecia um romance em que muita coisa fora deixada de lado, sem ser mencionada. Enquanto você lia, poderia começar a discernir seu subtexto: o fato de que ele falava sobre a opressão da uniformidade em uma sociedade que exigia obediência absoluta. Seu tema era a subjugação do indivíduo. Mas do jeito que declarava seu tema, por nunca afirmar qual era seu tema, tanto me fascinava quanto me enervava. Porque me fazia pensar: *Será que algum dia vou conseguir me encontrar de fato com este lugar? Ou cheguei a um cenário em que nada é o que parece ser; em que as divisões, o isolamento, a esquizofrenia geopolítica correm tão profundas e são tão multifacetadas que eu nunca vou ser capaz de penetrar seus muitos estratos, os véus por trás dos quais as pessoas se escondem?*

Meus dois primeiros dias trancado em Berlim me deram muito pouco material nessa linha. Por isso, na terceira noite na cidade, decidi ignorar o conselho de Frau Weisse para fugir das ruas e do risco de congelamento. Assim, na quarta noite me aventurei lá fora, ousando caminhar os quatro quilômetros que separavam a Savignyplatz da Filarmônica. A queda de neve que, durante as últimas setenta e duas horas tinha espalhado um manto branco sobre a cidade, havia parado, mas o vento que continuava soprando era polar. Depois de deixar para trás as luzes brilhantes de Kurfürstendamm, com suas lojas iluminadas, prédios modernos de escritório e um ambiente de animação comercial, comecei a me arrepender da minha decisão de desafiar o frio feroz, especialmente porque eu caminhava em direção a Filarmônica, mas sem ingresso. Os bilhetes para o concerto estavam esgotados havia muito tempo. Nem mesmo Frau Weisse, que parecia conhecer todo mundo, conseguiu contatar as fontes necessárias para me conseguir um assento.

— Isso sempre acontece quando Von Karajan está regendo, mas quem sabe, se você chegar lá bem cedo, tenha sorte...

Levei quase uma hora percorrendo o caminho para a Filarmônica. Mas, antes de chegar lá, me aproximei da Potsdamer Platz (que parecia um deserto, uma terra de ninguém) e tive meu primeiro encontro com o Muro. Quando o toquei com a minha mão enluvada, pareceu apenas que amplifiquei sua rigidez, sua profunda feiura. À distância, no lado oeste, consegui ver as luzes brilhantes de um vertiginoso prédio de escritórios, que pairava sobre o horizonte desafiador, exibindo seus lucros e sua ganância. O império editorial de Axel Springer tinha ali sua sede. Enquanto observava o que parecia ser uma redação em um dos andares mais altos, não pude deixar de pensar que as pessoas do outro lado da divisão podiam ver os jornalistas trabalhando em um país que não era o deles e para o qual eram proibidos de viajar. Enquanto isso, os jornalistas trabalhando lá em cima do lado oeste tinham, sem nenhuma dúvida, uma visão ampla da terra de ninguém que separava o Muro das verdadeiras ruas da Berlim Oriental. Será que eles enxergavam lá de cima os arames farpados, os cães de guarda, os guardas armados que tinham ordens de atirar para matar se os cidadãos em fuga não se entregassem? Ou acabariam perdendo o interesse nessa vista que tinham lá do alto de seus arranha-céus? Era tal a dicotomia inerente a uma estrutura infame como essa? Para um recém-chegado como eu, a realidade vazia e inexpressiva do Muro se solidificou de maneira fascinante. Como uma criança nascida na Guerra Fria, não podia deixar de pensar: *O que eu tenho diante de*

mim é o verdadeiro Muro de Berlim. Mas se você vivesse e trabalhasse a seu lado, será que passaria a vê-lo simplesmente como parte da cena urbana, como mais um fato prosaico da vida?

O frio me obrigou a continuar. Com a cabeça para baixo contra o vento, eu andei mais dez minutos até alcançar a Filarmônica. Cheguei pouco antes do início do concerto e tive sorte, porque na frente da sala estava uma mulher com uma entrada extra na mão. Era um bilhete com excelente localização e, a cento e trinta marcos, totalmente fora do meu orçamento. Mas existem certos momentos na vida em que fazer uma extravagância não é uma coisa completamente ruim... E um desses momentos é você ter a oportunidade de assistir à interpretação da Nona Sinfonia de Gustav Mahler pela Filarmônica de Berlim, conduzida por Von Karajan. Então, eu esqueci por um momento minhas preocupações financeiras, peguei a entrada para o concerto e corri para tomar meu lugar.

As luzes do auditório estavam esmaecendo quando me deixei cair sobre o assento. O palco foi banhado por uma luz amarela, e a orquestra e o público permaneceram em silêncio, esperando. Um simples objeto escultural (a plataforma de metal curvilínea) ocupava o centro do palco. Uma porta se abriu ao lado, e a figura de Herbert Von Karajan, que tinha então setenta e seis anos, surgiu. Embora encurvado, sua face granítica com uma expressão grave, os cabelos brancos e revoltos como uma tempestade de neve, o que chamava a atenção imediata de todos era sua atitude desafiadora em meio à devastação provocada pela idade. Apesar de sua coluna começar a falhar, ele ainda insistia em se comportar como o homem que tinha passado toda a sua vida enfrentando o mundo sem nunca se dobrar e mantinha a determinação de continuar exibindo a sua arrogância aristocrática. Seus passos em direção à frente da orquestra eram lentos, mas majestosos. Von Karajan agradeceu aos aplausos estrondosos de toda a sala, apertou as mãos do primeiro violinista e cumprimentou o restante dos músicos da Filarmônica de Berlim com um aceno de cabeça grave e severo. Posicionando-se naquela plataforma no meio do palco, com as costas absolutamente rígidas e os ombros elevados, o simples esforço físico de subir à plataforma de concerto havia agora dado lugar a uma atitude imperial. Ele levantou a cabeça para a orquestra, e o público sabia que o maestro estava pronto. A sala ficou em silêncio e permaneceu assim por pelo menos meio minuto, enquanto o maestro forçava a todos a se abstrair das interferências dos ruídos periféricos para ouvir apenas o absoluto silêncio da sala enorme. Então, ele levantou a batuta e fez o menor dos gestos, indicando o primeiro compasso. Um dos contrabaixos tocou um suave *pizzicato*, seguido por um *tremolo* da trompa e então emergiu o tema que era tão cheio de *tristesse*, que parecia uma lembrança melancólica de coisas do passado. E então, uma vez mais, essa sinfonia, a Nona de Mahler e a última que ele finalmente conseguiu completar antes de sua chocante e prematura morte aos cinquenta e um anos, se pareceu tanto uma premonição quanto a inevitabilidade da morte. Durante noventa minutos, Mahler nos arrastou em um resumo de ordem existencial do que significa ter vivido: todas as aspirações, todas as paixões, todos os sofrimentos, os reveses da sorte e o amor que ia e vinha. Mas, acima de tudo, havia um sentimento de rápida diminuição das coisas com o passar do tempo, de nossa impotência perante sua implacabilidade e como, no fim de qualquer narrativa individual, existe a fusão de tudo o que ainda resta em negro, que é a morte.

Durante toda a sinfonia, não pude tirar meus olhos de Von Karajan. Estivesse ele dobrado por

causa da curvatura de sua coluna, uma vez posicionado sobre aquela plataforma no meio do palco, uma vez mergulhado na vasta arquitetura da soberba sinfonia, sua presença não era menos do que elétrica. Quando as notas finais das cordas desapareceram, o maestro permaneceu em silêncio pelo menos por um minuto, com os braços levantados e cabeça baixa, perdido na imensidão daquele momento final, o seu coração detido em uma batida única e que incluía todos os presentes.

Quando Von Karajan finalmente baixou os braços com lentidão deliberada, o silêncio continuou pairando sobre a sala, como se cada um dos presentes estivesse sem fala e assombrado com aquilo que tinha acabado de ouvir. Então, como se estivessem respondendo a um sinal, a Filarmônica explodiu em aplausos convulsivos.

Depois de múltiplas ovações, Von Karajan finalmente seguiu à frente de seus músicos para fora do palco. A multidão começou a deixar a sala em silêncio. Depois de uma experiência tão profunda e transcendente, havia um quê de humildade no retorno às nossas vidas diárias. Mas talvez seja assim que eu prefira lembrar a experiência daquela noite. Você só começa a perceber a importância de um acontecimento, e suas consequências no sentido global de sua existência, muito depois que esse evento deu entrada naquele reino que é chamado de “memória”.

Saí da Filarmônica. No caminho para a estação de metrô na Anhalter Bahnhof, decidi que, com toda a complexidade de Mahler ainda girando em minha cabeça, talvez fosse cedo demais para voltar para a pensão Weisse e para meu quarto imaculado. Então, segui em direção ao sul para chegar à Moritzplatz, com a ideia de encontrar o lugar onde a mulher que eu tinha conhecido no avião atravessou para este lado do mundo.

Mas tudo que consegui ver em minha frente quando emergi da estação de metrô em Kreuzberg pela primeira vez foi um turbilhão de neve, uma vez que outra tempestade eclodiu enquanto eu estava no subterrâneo. Estava nevando e ventando de tal forma que a visibilidade era quase uma impossibilidade. Olhei para o relógio. Passava um pouco das dez e parte de mim gostaria de se virar e desaparecer novamente nas profundezas subterrâneas, pegando o primeiro trem que me levasse para Savignyplatz. Porém, um pouco mais adiante, havia um bar aberto, o Die Schwarze Ecke (“canto negro”), e o metrô operava até as três horas da manhã, então como eu poderia deixar que uma mera nevasca me impedisse de mergulhar em um lugar com nome de conto de detetive barato?

Com a cabeça baixa contra o vento e a neve, atravessei a rua e entrei no Die Schwarze Ecke. O bar realmente honrava seu nome. O interior era todo pintado de preto. Uma longa barra de metal cromado corria por todo o comprimento do local. A única iluminação existente vinha das lâmpadas fluorescentes que serviam para mostrar os murais que cobriam a superfície pintada de preto das paredes. Eram desenhos de natureza pseudoerótica: um motoqueiro barbudo e uma motoqueira loira em diferentes posições sexuais. Dizer que aqueles desenhos eram de muito mau gosto seria um eufemismo, mas a julgar pelas tatuagens no bíceps do motoqueiro atrás do balcão do bar (uma das quais representava uma mulher praticando felação) concluí que aquele deveria ser um tópico estético apreciado pelo pessoal da casa. Pedi uma cerveja Hefeweizen e uma dose de vodca em separado, peguei um banquinho no bar e comecei a enrolar um cigarro. *Heavy metal* tocava nos alto-falantes, o habitual som agressivo das guitarras e as pirotecnias da bateria, mas era mantido em uma altura que

ainda permitia as conversas. Não que houvesse uma grande quantidade de candidatos a um bate-papo nessa noite gelada de janeiro. Apenas um jovem *punk* no bar e uma garota também jovem com um pequeno pino de segurança preto preso em sua narina esquerda. O rapaz tinha cabelos pretos espetados, uma barba rala e uma careta de desgosto permanente. Estava fumando Lucky Strike e rabiscava em um bloco. Quando ele me ouviu pedir a cerveja e a vodca, levantou os olhos com desprezo para mim e disse:

— Americano?

— Sim.

— Que porra você está fazendo aqui? — perguntou em inglês.

— Tomando um drinque.

— E me obrigando a falar em sua merda de língua.

— Não obriguei você a fazer nada — retruquei.

— Seu imperialista de merda!

Mudei imediatamente meu idioma para alemão e falei:

— Não sou imperialista, e detesto esse negócio de colocar rótulos nas pessoas só por causa da nacionalidade delas. Mas, como eu vejo que você gosta desses clichês nacionalistas, acho que posso começar a chamar você de assassino de judeus...

Falei isso sem pensar muito, de forma não premeditada, e, a julgar pela expressão indignada do artistazinho e do motoqueiro atrás do bar, comecei a me perguntar se conseguiria sair do bar com meus dentes e dedos intactos. Mas então a garota *punk* com o piercing no nariz falou:

— Você é um idiota mesmo, Helmut — ela sussurrou para o garoto com ares de artista. — Como sempre, suas tentativas de chamar a atenção simplesmente demonstram como você é estúpido e limitado.

O artista olhou para ela com um sorriso de escárnio, mas o cara do bar disse:

— A Sabine tem razão, você é um palhaço, e agora vai pedir desculpas ao americano aqui.

O artista continuou escrevendo em seu caderno e não disse nada. Achei que esse era um bom momento para olhar para outro lado, então bebi a vodca e voltei a me concentrar no cigarro que estava enrolando. Passou-se um longo momento, durante o qual lambi o papel do cigarro, coloquei-o entre meus lábios e o acendi. E nesse ponto, o artista estava de pé ao meu lado com um copo na mão. Depositou o copo na minha frente e disse:

— Aqui em Berlim nós temos a tendência de ser um pouco agressivos. Sem ressentimentos?

Ele estendeu a mão. Eu aceitei e disse:

— Sem ressentimentos.

Peguei o copo com a nova dose de vodca, disse “Prost” e bebi de um só gole.

Se isto fosse um filme, o sujeito teria se apresentado a mim, teríamos nos tornado amigos íntimos e sólidos instantaneamente e o cara teria se tornado meu guia pelos meandros de Berlim. Eu teria entrado em seu círculo de artistas e escritores. E os dois teríamos ido visitar a República

Federal de moto, ele com sua namorada e eu com a irmã dele, bem estilo Wim Wenders.

Essa irmã, vamos chamá-la de Herta, teria provado ser uma talentosa pianista de jazz, e estaríamos então perdidamente apaixonados um pelo outro. Em algum momento, a gente passaria uma tarde em Munique quando eu sugeriria uma viagem até Dachau. E lá, no terreno deserto do antigo campo de concentração, observando os fornos crematórios sob uma nevasca suave, teríamos partilhado um momento de compreensão silenciosa dos horrores que o mundo pode...

Mas a vida nunca é um filme. Depois de pagar a minha dose de vodca e pedir desculpas como exigira o cara do bar, o artista pegou seu caderno de anotações. Erguendo o dedo médio em direção a ele, o jovem se virou e saiu para o frio. O motociclista do bar riu baixo e disse a Sabine:

— Ele vai voltar amanhã, como sempre.

— Esse cara é um merda... — respondeu ela.

— É... Você só está dizendo isso porque antes trepava com ele...

— Eu trepei com você também e continuo bebendo aqui. Mas isso pode ser porque eu tive o bom senso de evitar a repetição.

O cara sorriu, o que era definitivamente um alívio. Sabine, em seguida, olhou para mim e disse em voz alta:

— Me paga uma bebida e eu vou pra cama com você.

— Ei, é a primeira vez que me oferecem esse tipo de trato — disse eu.

— Não é um trato, americano — respondeu ela. — Você está aqui e eu só tenho três marcos no bolso, e pretendo comprar cigarros com eles. Então, eu preciso que você me pague uma bebida. Além disso, preciso que você venha comigo para a cama hoje à noite porque não quero dormir sozinha. E aí, tem algum problema com isso?

Eu tive que fazer um esforço para esconder o meu embaraço.

— Não... — respondi. — Não tem problema.

— Então, venha até aqui e me pague uma bebida. Falando nisso, você pode me pagar um monte de bebidas...

Sabine bebia rum e Coca-Cola: uma dose tripla de Bacardi jogada nas águas escuras de cola.

— Eu sei que é uma porra de coisa de adolescente beber Cuba Libre — disse ela. — O problema é que gosto dos efeitos do álcool, mas não do sabor.

Descobri que Sabine era de Hannover, que ela fazia esculturas de papel machê, que seu pai era um pastor luterano com quem não falava e que sua mãe tinha fugido com um cara que vendia suprimentos para a agricultura, e que era insuportavelmente pequeno-burguês para seu gosto. Ela me fez algumas poucas perguntas, simplesmente querendo saber de onde eu vim (“Sim, ouvi falar de Manhattan”) e o que eu fazia (“Todos os americanos que estão vindo para Berlim são escritores”). Mas dava para notar, pela indiferença de seu tom de voz, que ela estava fazendo isso apenas para cumprir a cortesia básica. Mas isso não incomodou nem um pouco, já que ela parecia feliz em falar sobre si mesma, de maneiras que variavam entre a amargura e um distanciamento irônico. Ela bebeu

duas Cubas Libres triplas e fumou seis cigarros durante os quarenta e cinco minutos que ficamos no bar. Então, quando o cara com pinta de motoqueiro começou a resmungar que queria fechar, eu me virei para Sabine e disse:

— Bem, sabe de uma coisa, se quiser retirar o convite, não tem problema para mim, entendeu?

— E é essa a sua maneira de informar que você não quer passar a noite comigo? — perguntou a garota.

— Não, não é nada disso — tentei consertar. — É só que eu não queria que você se sentisse obrigada a...

— Todos os americanos são assim tão idiotas com o sexo?

— Absolutamente — e lancei um sorriso para ela. — Você mora muito longe daqui?

— Cerca de dois minutos.

Deixei algumas moedas sobre o balcão e saímos do bar, segurando-nos um ao outro para suportar a força combinada de neve, vento e quantidade excessiva de álcool. O lugar onde ela morava ficava em um prédio degradado muito coberto de pichações. Era realmente apenas um quarto no quinto andar sem elevador, um quarto muito grande com um colchão no chão, um aparelho de som, uma grande quantidade de livros e discos espalhados descuidadamente, uma cozinha improvisada constituída por um fogão e uma pequena geladeira e roupas jogadas por toda parte. Obviamente, a ordem não era uma das virtudes de Sabine. Mas suas roupas espalhadas pela sala e os cinzeiros transbordando me chamavam menos a atenção do que suas esculturas de animais mutilados feitas de papel machê e penduradas pelas paredes. Se eu não estivesse tão bêbado, elas teriam me preocupado. Mas, em vez disso, as observei com um sorriso de espanto.

— George Orwell vive — disse eu.

Ela riu e foi pegar um pequeno cachimbo e um pouco de haxixe. Enquanto os Scorpions tocavam no aparelho estéreo, demos várias baforadas, tiramos as roupas um do outro e fizemos sexo muito chapados sobre o colchão. Lembro-me muito pouco do que fizemos, exceto que, por cortesia da erva, o ato em si demorou muito tempo. Teve aquele tipo de intensidade que, em outras circunstâncias na qual estivéssemos mais, digamos, sóbrios, poderia lhe fazer pensar que isso era algo mais do que dois estranhos se perdendo no prazer do corpo do outro durante uma noite solitária em uma cidade coberta de neve e isolada no coração da Europa Oriental. Quando terminamos, caímos em um sono profundo do qual só despertei em algum momento depois do meio-dia por causa do ruído do tráfego na rua e uma discussão doméstica em turco que vinha de algum apartamento próximo. Sabine ergueu-se em um cotovelo, olhou para mim com alguma curiosidade e perguntou:

— Qual é mesmo o seu nome?

Respondi. Ela olhou para seu relógio e disse:

— Merda. Eu tinha que estar no trabalho há dez minutos...

Estávamos vestidos e na rua dentro de cinco minutos. Era uma manhã fria e brilhante, com neve acomodada em grandes montes dos lados da calçada.

— Tenho que voar! — disse ela, e me deu um rápido beijo nos lábios.

— Posso ver você de novo? — perguntei.

Ela me olhou, sorriu e disse:

— Não.

E desapareceu assim que virou a esquina.

Se não estivesse tão frio e eu não estivesse com tanta fome, teria ficado parado naquela rua, rebobinando na mente aquele fora vespertino que eu acabara de receber no meio da cara. Em vez disso, decidi que precisava de um café da manhã atrasado. Mas quando me virei, procurando pelo café que sabia que existia no fim da rua, descobri que estava de frente para o Muro. Ter a visão dele dessa maneira repentina era o equivalente visual de ser esbofeteado. Virando-me novamente, olhei para os prédios sujos, os cestos transbordando de lixo, as mulheres turcas encurvadas em seu caminho para a feira livre, o cara com suas calças de couro rasgadas com correntes pendendo de sua panturrilha direita, aquela senhora idosa alemã piscando loucamente por causa do sol de inverno e tentando avançar pela calçada gelada com a bengala, os dois jovens *skinheads* que pareciam prontos para invadir um apartamento... Toda uma cena estranha de rua como se fosse pintada por Bruegel naquele canto de Kreuzberg.

Mais uma volta no corpo me deixou olhando a solene monotonia do Muro. Então, pensei: *Sim, este é o lugar onde vou escrever meu livro, este é o meu lugar.*

Depois de uma rápida viagem para o posto fronteiriço de Heinrich-Heine-Strasse, eu voltei a oeste em direção ao coração de Kreuzberg, com a determinação de encontrar, antes de cair a noite, um lugar para morar ali.

Três

Não se pode nunca subestimar o modo como a casualidade governa grande parte da existência humana, nem o fato de que estar em determinado lugar, num determinado momento, vai mudar a trajetória das coisas. Nunca se deve subestimar a maneira pela qual todos nós somos reféns dos ritmos aleatórios da vida.

Consideremos o seguinte:

Saí da Filarmônica com a ideia de voltar para a pensão. Em vez disso, decidi procurar um bar em Kreuzberg. Ao sair do metrô estive a ponto de dar meia-volta devido ao temporal de neve, mas cruzei a rua e entrei em um bar. Umas palavras desagradáveis com um artista me levaram a conversar com uma mulher que tinha um piercing no nariz. Passamos a noite juntos. Quando nós acordamos na manhã seguinte, ela me deixou plantado na rua. Decidi dar uma olhada no posto de fronteira mais próximo. Depois, eu me enfiei no primeiro café que encontrei. Assim que entrei, vi um anúncio em inglês pregado na parede:

Divide-se apartamento. Artista com quarto extra em seu estúdio procura inquilino. Preço razoável. Assim como as dependências. Almas cândidas, abstenham-se de se candidatar.

Havia um nome no anúncio (Alastair Fitzsimons-Ross) e um telefone. Eu os copiei. *Fitzsimons-Ross. Deve ser britânico* — disse a mim mesmo — *e, além disso, pretensioso, a julgar pelo comentário sobre as almas cândidas.* Em seguida, bebi vários copos de um espesso e coagulado café turco, comi uma fatia de pão e depois uma *baklava* (um dos mais tradicionais doces turcos) e perguntei se podia usar o telefone. O homem do balcão — de olhar triste, bigode ondulado e dentes manchados pelo cigarro — cobrou-me vinte centavos de dólar pelo privilégio. Olhei para o relógio. Eram 12h49. Disquei o número. O telefone tocou catorze vezes. Estava a ponto de desligar quando uma voz respondeu. Pelo tom da profunda estupefação, compreendi no ato que o cavalheiro do outro lado da linha telefônica deveria ter ido para a cama tão tarde quanto eu.

— Você sempre telefona para as pessoas a esta hora da madrugada? — disse a voz do outro lado da linha.

A voz soava aristocrática e rouca pelo tabaco, com um sotaque que eu descreveria como da BBC, só que um pouco menos seco.

— Já é quase uma da tarde — respondi. — Estou falando com Alastair Fitzsimons-Ross?

— E quem caralhos está perguntando? — disse Alastair.

— Eu me chamo Thomas Nesbitt — respondi.

— E é um porra de um americano... — disse Fitzsimons-Ross.

— Você é bastante perspicaz — retruquei.

— E como a maioria dos putos de merda dos americanos, você se levanta todas as manhãs às cinco da madrugada com as putas das suas vacas e por isso tem a puta cara de pau de telefonar para

as pessoas a esta hora da madrugada — disse Fitzsimons-Ross.

— Por acaso, sou de Manhattan e sei pouco sobre as vacas. E para seu governo, acabo de me levantar ao meio-dia... — disse eu.

— E o que pretende com esse telefonema? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Telefonei por causa do anúncio “divide-se apartamento”, mas como estou vendo que não nos entendemos muito bem...

— Um momento! Um momento! — disse Fitzsimons-Ross.

Então, lhe sobreveio um feroz ataque de tosse, a mesma da qual eu padecia pelas manhãs quando me submetia a uma overdose de tabaco na noite anterior.

— Merda... — disse finalmente Fitzsimons-Ross, quando sua tosse acalmou.

— Você está bem? — perguntei eu.

— Nada que um transplante de órgãos não possa curar. Você disse que estava interessado no quarto? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Isso mesmo — confirmei.

— Você tem nome? — perguntou ele.

— Sim, inclusive eu já lhe disse meu nome.

— Eu sei, eu sei... Mas a essa merda de hora da manhã... — disse Fitzsimons-Ross.

— Quer que eu lhe telefone mais tarde? — disse eu.

— Mariannenstrasse, número cinco. O nome está ao lado da campainha. Terceiro andar. Dentro de uma hora — disse o homem.

E desligou o telefone.

Passei a hora seguinte passeando por Kreuzberg. Gostei do que vi. Edifícios do século XIX em diversos estados de deterioração, porém ainda impressionantes em sua sensata solidez. Grafites por todas as partes, alguns relacionados com as violações dos direitos humanos por parte do governo turco (copiei vários slogans e depois pedi que os traduzissem para mim), e outros inspirados no que mais tarde descobriria que era o costumeiro discurso anarquista alemão sobre a aniquilação do Estado capitalista burguês. Kreuzberg não tinha absolutamente nada de burguês. Vi poucos cafês, mas me pareceram versões alemãs dos velhos botequins *beatniks* que balizavam o Greenwich Village da minha juventude. Os bares que eu vi eram locais de *heavy metal* como o que havia visitado na noite anterior, cervejarias tradicionais ao velho estilo ou enclaves turcos. Estes últimos estavam iluminados por tubos fluorescentes e povoados por homens de boina e olhos fundos que fumavam furiosamente, bebiam *raki* com café e falavam em tom conspiratório, ou observavam em silêncio o vazio com o olhar perdido dos solitários, dos exilados e dos pobres necessitados. Esses homens estavam por todas as partes nas ruas, como também havia grupo de mulheres turcas com o típico lenço muçulmano na cabeça (ou, bem poucas vezes, com o *chador* completo), empurrando o carrinho do bebê ou o andador e falando sem cessar entre si. Havia cabeças raspadas e *punks* como Sabine, com os cabelos em pé e a maçã do rosto adornada com tatuagens. Havia daqueles viciados muito

evidentes: pálidos e consumidos, com a expressão vazia e sem vida do drogado que somente consegue pensar na dose seguinte. Havia dezenas de barracas onde vendiam *faláfel* e pizzarias baratas e todo o tipo de loja onde se vendia casacos grandes e compridos estilo militar, casacos de couro para andar de moto e botas com reforços metálicos. Não havia lugar para os elegantes, nem para os ricos, nem para os glamorosos. Kreuzberg era um lugar barato. Era cru e vulgar. Um espaço misturado e profundamente heterogêneo. Era boêmio de verdade, e não um desses bairros supostamente boêmios onde se instalam as classes profissionais endinheiradas e os únicos artistas que restam são os que acumularam uma grande fortuna. Nada disso. Depois daquele breve percurso de inspeção, ficou claro para mim que Kreuzberg era um bairro onde se reuniam os forasteiros, onde era possível encontrar uma espécie de apoio para os pés num mundo inseguro e difícil. Durante meu longo passeio pelas suas ruas estreitas, não pude pensar em outra coisa: *Este é um daqueles lugares em que se oferece refúgio por pouco dinheiro a todo aquele que venha pra cá, e sem fazer perguntas. Aqui, qualquer pessoa pode se instalar e sobreviver com poucos recursos. Aqui, alguém pode se esquecer das ambições e simplesmente existir.* Era uma *tabula rasa*⁹ urbana sobre a qual seria possível traçar suas próprias normas e inventar um modo de vida próprio para o seu tempo disponível neste mundo.

O número cinco da Rua Mariannenstrasse era uma propriedade curiosa. Tinha o dobro do tamanho do resto dos edifícios da rua e parecia condenada pela comissão de planejamento urbano. As janelas do andar térreo estavam com tapumes, e a porta de entrada tinha marcas de pontapés, como se alguém tivesse tentado derrubá-la a golpes. As paredes estavam tão cobertas de grafites que nenhuma das legendas era legível. Bem ao lado havia uma pequena loja de conveniência — *ein Lebensmittelgeschäft* — que parecia candidata a uma multa das autoridades sanitárias, já que as frutas e verduras expostas estavam verdes de mofo. Detrás do balcão havia um homenzinho turco de meia-idade (ou pelo menos, eu supus que seria turco) que preparava um lanche para um cliente com um cigarro pendurado na boca. Mais lá para a frente, no fim da rua, do lado oposto de um pequeno parque, se erguia o Muro. Visto dessa distância, eu podia distinguir os últimos andares do que pareciam ser grandes blocos de apartamentos ao estilo soviético, a tão somente algumas centenas de metros da barreira internacional. Kreuzberg também tinha isso. Seus limites orientais coincidiam com o Muro. Estava por todas as partes, a qualquer momento que você se virasse.

Apertei a campainha que tinha marcada o nome “Fitzsimons-Ross”. Não houve resposta. Voltei a apertá-la e esperei trinta segundos. Toquei-a pela terceira vez. Só então um zumbido grave me indicou que já podia abrir a porta. Entrei no saguão de entrada, que era frio e cavernoso. Enquanto a porta se fechava atrás de mim, notei que meu hálito estava se condensando. A primeira coisa que me chamou a atenção foram as paredes. Eram de tijolo aparente e não pintado, com rebocos lascados e porosos, e sua solidez estrutural não inspirava exatamente confiança. Ao lado da escada havia um conjunto de caixas de correio amassadas e arrombadas. O ladrilho do chão sob meus pés reproduzia o tema geral da decrepitude arquitetônica. A única iluminação procedia de um solitário tubo fluorescente.

Continuei andando em direção à escada. No primeiro andar havia uma só porta com o símbolo

do dólar pintado de qualquer jeito sobre seus painéis e marcado com uma enorme letra “x” vermelha ao lado das palavras “*Kapitalismus ist Scheisse!*”¹⁰. No andar seguinte, a porta estava coberta de arame farpado, com uma pequena abertura para ter acesso à fechadura e à maçaneta. Ou o proprietário pretendia proibir a entrada ao mundo, ou era um sadomasoquista que achava interessante a possibilidade de arranhar a carne cada vez que entrava na sua casa. Em qualquer caso, eu me alegrei por não ser a porta de Fitzsimons-Ross.

Estava no andar seguinte. Quando cheguei, vi que era do mesmo estilo que os outros, só que este havia sido caiado de tal forma que o antigo acabamento marrom continuava aparecendo por debaixo da pintura branca aplicada com artísticas pinceladas. Do interior do apartamento saía algo barroco tocando a todo volume (um concerto de Brandemburgo?). Bati com força na porta. Ela se abriu sozinha. Enfiei a cabeça e percebi de cara o distinto cheiro medicinal de tinta. O ambiente era enorme. Da mesma forma que a porta dianteira, as paredes estavam caiadas e as pinceladas também se tornavam visíveis por todas as partes. Havia grandes holofotes industriais orientados para cada uma das quatro paredes, duas delas adornadas com telas descomunais, que resultavam ser temperamentais estudos geométricos de cor (brilhantes azuis-marinhos sutilmente transformados em matizes de celeste, cobalto e ciano). Sobre a parede mais distante, a pelo menos uns doze metros de distância, havia uma mesa alongada cheia de latas e tubos de tintas, trapos manchados e várias telas em diferentes fases de execução. Mas o que mais me impressionou daquele vasto estúdio (além do talento evidente dos quadros que estavam pendurados na parede) foi a ordem que reinava. Sim, o ambiente era rústico; as tábuas do chão estavam à vista e sem lixar e a cozinha americana ao lado do estúdio era menos do que básica. O único móvel era uma mesa baixa de zinco, um par de simples cadeiras vienenses e um sofá desengonçado coberto com um forro de tecido branco. A calefação era mínima. Pensei que o espaço, por ser tão amplo, sem dúvida tornava inútil se manter aquecido o tempo todo. No entanto, apesar de sua austeridade, eu logo gostei do lugar. O artista que o ocupava trabalhava com seriedade e não havia se entregado à sordidez ao estilo de *La Bohème*.

— Do modo que entrou... — disse Fitzsimons-Ross.

A voz (com o sotaque da BBC, mas convertida em brado para se fazer ouvir acima de Bach) procedia de uma escada no canto do salão-estúdio. Voltei-me e deparei-me com um homem de uns trinta e cinco anos sumamente alto, magro como um pau, extremamente pálido, com as maçãs do rosto afundadas, dentes horrorosos e olhos de um azul elétrico, num jogo de tom de cores do azul-marinho de seus quadros. Vestia calças *jeans* desbotadas, um grosso jérsei de gola alta que não fazia nada para ocultar seu estado abatido e um par de caríssimas botas de couro com cadarços manchados de tinta. Mas o mais magnético eram seus olhos. Tinham a frieza do *permafrost*¹¹ sobre um par de profundas olheiras. Sugeriam uma visão do mundo por sua vez desafiante e ao mesmo tempo vulnerável. De fato, desde o primeiro momento, tinha parecido que sua postura altaneira não era mais do que uma couraça. Depois de tudo, a arrogância sempre mascara a dúvida.

— De que forma você entrou? — voltou a gritar Fitzsimons-Ross por cima de Bach.

— A porta estava aberta... — disse eu.

— Assim sendo, você então decidiu entrar e ficar à vontade — disse Fitzsimons-Ross.

— Não estou precisamente preparando um café em sua cozinha — disse eu.

— Isso é uma insinuação? Está querendo dizer que gostaria de beber uma xícara de alguma coisa? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Não lhe diria que não. E se não se importar de abaixar um pouco o volume da música... — disse eu.

— Alguma objeção a Bach? — perguntou ele.

— Nada, em absoluto. Mas eu acho estranho gritar com um concerto de Brandemburgo de fundo — respondi.

Fitzsimons-Ross franziu ligeiramente o lábio superior.

— Um americano culto! Que espantoso! — exclamou.

— Não tão espantoso quanto um britânico arrogante — repliquei.

Ele ficou pensando por alguns instantes e depois atravessou o estúdio até o toca-discos, e levantou a agulha do sulco.

— Não sou britânico. Sou irlandês — disse Fitzsimons-Ross.

— Pelo seu sotaque, não parece — disse eu.

— Ainda restam algumas pessoas na Irlanda com este sotaque.

— Os West Brits? — perguntei eu.

— Vejo que você domina os termos pejorativos irlandeses — disse Fitzsimons-Ross.

— Alguns americanos leem e viajam.

— E vocês se reúnem uma vez por ano em um restaurante para contar suas histórias?

— Na verdade, nós nos reunimos em um bar de estrada. E o que você me dizia mesmo sobre o café?

— Que descortesia a minha! Mas eu bebo somente chá, sinto muito. Chá, vodca e vinho tinto — disse Fitzsimons-Ross.

— Então, um chá, obrigado — respondi eu.

— Você bebe chá? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Sim.

Ele foi para a cozinha e pegou uma chaleira maltratada, amassada e enferrujada.

— Que alívio! Outro dia desses bateram à minha porta uns compatriotas seus bastante esquisitos. Pareciam zumbis sorridentes, com uns trajes azuis horrorosos e crachás com os nomes presos na gola — disse Fitzsimons-Ross.

— Mórmons? — perguntei eu.

— Isso mesmo. Eu lhes ofereci uma xícara de chá e me olharam como se eu lhes houvesse perguntado se poderia me deitar com a irmã de algum deles.

— Para eles, tudo o que contém cafeína — chá, café, Coca-Cola — é proibido... Tampouco podem fumar ou beber.

— Então foi por isso que ficaram pálidos quando acendi um cigarro. Você não tem nada contra fumo, não?

— Você se refere a cigarros de tabaco, certo?

— Sim, claro, eu estava me esquecendo de que vocês, americanos, têm uma interpretação diferente para essa palavra — disse Fitzsimons-Ross.

— Por que você não deixa de uma vez por todas essa coisa de ficar repetindo “vocês, americanos”? — perguntei eu.

Eu disse aquilo sem irritação, sem violência, senão com um sorriso que esperava que fosse irônico.

— Você é bem direto, nova-iorquino. E tenho que reconhecer que já me esqueci do seu nome.

Eu lhe disse em seguida e então ele replicou:

— Deixe-me adivinhar. Como você é um cara bastante sério, prefere que lhe chamem de Thomas, em vez de Tom ou (Deus não permita e me livre disso) Tommy — disse Fitzsimons-Ross.

— Se me chamar de Thomas, fica tudo bem — disse eu.

— Então eu lhe chamarei de Tommy. Ou melhor, Tommy-Boy, só para contrariar você. E me diga, Tommy-Boy, você fuma? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Não sou Mórmon. Sim, eu fumo cigarro de tabaco, aqueles de enrolar — disse eu.

— Igual a John Wayne!

— Você diz muitas bobagens, apesar de ser um cara com tanto talento — disse eu.

A última parte do meu comentário lhe chamou a atenção. Depois de retirar do fogo a água que já estava fervendo, esquentou um bule grande de chá de porcelana marrom com um jorro de água, pegou uma lata de cor verde-escura, a abriu, jogou três colheradas de chá no bule e me perguntou:

— O que lhe faz acreditar que tenho talento? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Os quadros nas paredes.

— Você quer comprar um deles?

— Se eu estou aqui para alugar um quarto, duvido que tenha como pagar seus preços — disse eu.

— Como sabe que sou tão caro assim? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Intuição — respondi.

Ele verteu a água quente no bule, tampou e deu uma olhada no relógio.

— Demora quatro minutos para ficar pronto como é devido... A menos que você seja um daqueles desgraçados que bebem o chá como se fosse uma mijada clara — disse Fitzsimons-Ross.

— Eu prefiro como uma mijada escura — respondi.

Ele me atirou um maço meio amassado de Gauloises.

— Toma, fume um cigarro como se deve — disse Fitzsimons-Ross.

Peguei o maço, tirei um cigarro, acendi, dei uma tragada longa e profunda e voltei a

experimentar a sensação gustativa metálica, como a de um escapamento de automóvel, que sempre produzem os Gauloises.

— Quanto você acha que pode custar um desses quadros? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Não tenho nenhum conhecimento do mercado de arte, e menos ainda do mercado europeu — respondi.

— Se estivéssemos na galeria Kirkland de Belgravia, onde eu costumo expor, você teria que pagar quase três mil libras pelo privilégio de pendurar um Fitzsimons-Ross em uma das paredes da sua casa — disse ele.

— Isso é muito dinheiro.

— Nem tanto. Não estou no nível de Francis Bacon ou Lucian Freud. Ainda assim, David Sylvester me comparou uma vez com Rothko. Você conhece Sylvester?

— Receio que não — disse eu.

— Provavelmente ele é o crítico britânico de arte mais influente do pós-guerra.

— Fico feliz por você. E ele tem razão. Pela gama de cores, aqueles dois quadros ali têm decididamente um ar de “Rothko em excursão às ilhas gregas” — disse eu.

— Um comentário fácil e superficial.

— Você não gosta que o comparem com Rothko? — perguntei.

— Não, sobretudo porque sou completamente contrário a tudo o que Rothko representava — disse Fitzsimons-Ross.

— E o que era isso?

— Tristeza geométrica. Umas porras de portais em cada canto de seus putos quadros fúnebres! Todos esses tons terra, esses vermelhos sangue dissolvidos em sombras e autocompaixão! — disse Fitzsimons-Ross.

— Acreditei que estávamos falando do seu uso das formas retangulares e da cor — disse eu.

— E isso é o suficiente para me comparar com Mark Götterdämmerung Rothko, o autoflagelante?

— Você é o primeiro artista que eu conheço que não o admira.

— Então você acaba de perder sua Rothko-virgindade. Parabéns! Eu o deflorei. — disse Fitzsimons-Ross.

— O que se supõe que eu tenha que fazer? Rir em silêncio ou insultá-lo por ter feito um comentário tão estúpido? Sinto muito em lhe dizer, mas seus quadros demonstram que você tem um autêntico talento, no entanto quando fala não diz nada mais do que puras imbecilidades.

Fitzsimons-Ross fez uma pausa para amassar a bituca do seu Gauloises e servir o chá.

Depois abriu a pequena geladeira, na qual havia várias garrafas de vinho, umas quantas mais de cervejas, um compartimento de congelador aberto de onde sobressaía uma garrafa de vodca russa (ou pelo menos, para mim pareceu ser vodca, já que tinha uma etiqueta escrita em cirílico colada sobre o vidro) e uma única garrafa de leite. Tirou o leite, abriu a tampa e colocou uma quantidade tão

considerável do líquido branco em minha xícara que seu conteúdo adquiriu em seguida um matiz particularmente prosaico de marrom: a cor de uma poça de água suja de rua.

— Não faça essa cara de horror — disse Fitzsimons-Ross. — É assim que se deve beber um chá. Açúcar?

Aceitei uma colher cheia. Ele me apontou uma das cadeiras vienenses e eu me sentei, enquanto ele acendia outro Gauloises.

— Deixe-me adivinhar — disse Fitzsimons-Ross. — Você é escritor e veio para escrever o Grande Romance americano ou alguma outra imbecilidade do gênero.

— Sim, sou escritor, mas não escrevo romances — repliquei.

— Deus Santo! Não me diga que você é um porra de um poeta!... Fiquei até as tampas de poetas durante o ano que passei na Trinity College de Dublin! Cheiravam mal, tinham os dentes cariados e frequentavam *pubs* como o McDaid's, onde metiam o pau em todo o mundo, elogiavam-se mutuamente sobre quão brilhantes eram, denegriam o chefe de redação de alguma revistinha meio patética por se atrever a sugerir uma ou duas modificações e, em geral, conseguiam que todos ao seu redor perdessem a vontade de ler a porra de um poema pelo resto de suas vidas.

— Estou vendo que você não tem uma opinião muito boa sobre poetas ou poemas — disse eu.

— Fico feliz que tenha notado.

— Em todo caso, não sou um “porra de poeta” — disse eu.

Daí eu lhe contei rapidamente a que eu me dedicava profissionalmente, mencionando o livro que eu tinha publicado e o que haviam me encomendado.

— Poderia ver um exemplar desse livro? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Pode sim. E você é de Dublin? — perguntei.

— De um lugar perto. De Wicklow. Você esteve alguma vez por lá?

— Uma vez só. Powercourt, Glendalough, Roundwood...

— Esse é o meu pedaço: Roundwood — disse Fitzsimons-Ross.

— É um lugar muito bonito.

— Roundwood House era a antiga casa da minha família, uma grande mansão clássica anglo-irlandesa, antes de o meu pai perder tudo... — disse Fitzsimons-Ross.

— Como foi? — perguntei eu.

— Da maneira mais comum e habitual na Irlanda: dívidas e álcool.

— Parece uma história interessante. Conte-me mais.

— Vai escrevê-la inteira mais tarde? Talvez para usá-la contra mim?

— Sou escritor, assim sendo, há sim algum risco de que eu escreva. Mas, isso na verdade, o preocupa? — perguntei.

— Na realidade, não. Além do mais, quem vai ler o que você escreve? — disse Fitzsimons-Ross.

— O meu último livro vendeu apenas quatro mil exemplares, então, de certa forma, você tem razão — disse eu.

Ficou me observando e estudando com atenção.

— Eu não vou conseguir irritá-lo, certo?

— Não, e tenho certeza de que vai continuar tentando — respondi. — Tenho uma pergunta rápida antes de ver o andar superior e ela se resume a uma só palavra: silêncio. Aprovo seus gostos musicais, mas você sempre escuta música a todo volume e o tempo todo?

— Com frequência, sim — disse Fitzsimons-Ross.

— Então, não há sentido algum ficarmos aqui conversando sobre alugar a parte superior, porque não sou capaz de viver num lugar onde há música a todo volume — disse eu.

— Hum... Você é um artista sensível, hein? — disse Fitzsimons-Ross.

— Necessito de silêncio quando escrevo, é só isso — disse eu.

— E eu preciso do dinheiro do aluguel que você irá me pagar, então é possível que possamos chegar a um acordo, sobretudo tendo em conta que costumo pintar em silêncio — disse Fitzsimons-Ross.

— Então, por que me disse que sempre escuta música a todo volume? — perguntei.

— Porque gosto de me comportar como um louco filho da puta... E em geral, não me privo disso — respondeu Fitzsimons-Ross.

— Então, vamos lá, se eu alugo a parte superior, você me garante que quando eu estiver dormindo ou escrevendo... — disse eu.

— Haverá silêncio, sim — disse Fitzsimons-Ross.

Levando em conta sua necessidade anterior de provocar-me com seus comentários sarcásticos, me surpreendeu que me respondesse com tanta seriedade. Por mais que falasse de sua seleta galeria em Londres, era evidente que tinha problemas com dinheiro. A menção do crápula do seu pai era um indício a mais de que eu tinha diante de mim um homem com dificuldades para conservar um teto sobre sua cabeça.

— Por quanto me sairia por mês? — perguntei.

— Já conversaremos sobre isso depois de avaliar o espaço — disse Fitzsimons-Ross.

Depois, apoiando a xícara de chá na mesa, ele me disse:

— Está pronto para a inspeção?

Ficamos os dois de pé.

— Isto aqui, este pedaço aqui faz parte do meu domínio: o estúdio, a cozinha e a sala de estar. Durmo aí... — disse Fitzsimons-Ross.

Ele me assinalou uma porta no outro lado do estúdio. Estava aberta e vi que dentro havia uma cama de casal bem simples, impecavelmente feita, com os lençóis esticados e engomados.

— Você viveu na Grécia, certo? — perguntei.

— Tão evidente assim?

— Muitíssimo. As paredes caiadas, os azuis luminosos de suas telas... Que diabos você está fazendo aqui, onde tudo é frio e cinzento e com o Muro erguido a poucos metros de distância?

— O mesmo que você. Fugindo. Viver em um lugar acessível e interessante. Sim, Santorini também era bem acessível, e o ano que passei lá foi uma loucura fodida, mas carecia de interesse. Era como muitos dos homens com quem dormi por lá e em outros lugares: belos, mas vazios — disse Fitzsimons-Ross.

Esse era um dado a mais que meu interlocutor havia deixado cair na conversa, embora eu já tivesse suspeitado.

— Todos os seus amantes são como as ilhas gregas?

Fitzsimons-Ross soltou uma gargalhada, seguida de um acesso de tosse brônquica.

— Em meus sonhos — respondeu Fitzsimons-Ross. — Mas eu já falei demais. Vamos para o piso de cima para que eu possa lhe mostrar o lugar onde viverá.

— O que o faz pensar que vou ficar? — perguntei eu.

— Você virá porque não terá como resistir à complexidade de tudo isso. E porque você não gosta de sujeira e o que eu lhe ofereço é uma vida dissoluta, mas limpa — disse Fitzsimons-Ross.

“Uma vida dissoluta, mas limpa” — repeti, provando o ritmo da frase. Talvez eu a pegasse para mim.

Detrás da cozinha havia uma pequena escada em caracol que conduzia ao piso superior, dividido em três ambientes: um estúdio amplo com uma diminuta cozinha americana, um dormitório e um banheiro. A área da cozinha era quase nominal: uma geladeirinha, uma estante com um forno e uma pia. O banheiro era igualmente minúsculo, mas tinha lugar para um chuveiro. Havia uma cama bem simples de casal em um canto do pequeno dormitório e um armário de madeira. Porém, a amplitude do estúdio, de uns quarenta metros quadrados, era invejável. Havia um velho sofá revestido com uma coberta de tecido de cor creme e uma mesa simples que podia fazer o papel de uma escrivaninha de trabalho mais do que dignamente. O mais agradável do lugar era que toda a mobília havia sido lixada e envernizada sobre a madeira natural, o que, somado às paredes brancas, lhe conferia uma limpeza sóbria. Pareceu para mim um lugar ideal para refugiar-me da desordem que espreitava nas ruas, e inclusive dos domínios de Fitzsimons-Ross, do piso abaixo.

Isso era o mais curioso do meu futuro companheiro de apartamento. À primeira vista, qualquer observador pouco atento o teria catalogado como licencioso, desordeiro e com uma boca mais suja do que uma latrina. Entretanto, pelo pouco que tinha podido ver dos espaços onde vivia e trabalhava (e do ambiente que seria meu e que ele havia desenhado como evidente reflexo de seus ambientes no piso abaixo), era óbvio que possuía um caráter metódico e ordenado. Essa observação talvez tenha me levado a perguntar se Fitzsimons-Ross seria, como eu, uma dessas pessoas que encontram uma tranquilidade profunda nas coisas superficiais e que consideram que a disciplina nas tarefas domésticas as autoriza a manifestar sua natureza mais obscura em outras áreas da vida. Mas, provavelmente, eu ainda não havia feito essa reflexão naquele momento. A única coisa que vi na

ocasião foi que Fitzsimons-Ross tinha certo ar de um Isherwood irlandês e sabia expressar seu bom gosto com o mínimo de recursos financeiros.

— Bastante agradável — disse eu. — Espero poder me permitir isso.

— Onde está vivendo agora? — perguntou Fitzsimons-Ross.

Eu lhe descrevi a pensão Weisse e o quanto ela me agradava.

— Então, fique em Savignyplatz e escreva sobre seus vizinhos banqueiros ou sobre o *merchant* de arte que embolsa cinco milhões de marcos de lucro ao ano. Aqui, em Kreuzberg, você verá drogados cagando na rua e turcos bestiais batendo em suas mulheres. E verá a mim, em flagrante delito com qualquer prostituto homossexual ou com o primeiro finlandês depressivo que encontrar no Die Schwarze Ecke — disse Fitzsimons-Ross.

— Conheço esse lugar. Entrei por acaso ontem à noite — disse eu.

— E por acaso saiu acompanhado?

— Como sabe? — perguntei eu.

— Porque Die Schwarze Ecke é o lugar aonde todo mundo vai em Kreuzberg para comprar droga e ligar-se a qualquer um que esteja sentado no balcão e não tenha muita pinta de doente mental. É o que tem esse boteco. Todos nós sabemos que é tóxico, mas nós o frequentamos exatamente pelas mesmas razões. Se quiser comprar haxixe, o único cara de confiança é Orhan, um anão turco, bastante gordo. Parece ter saído do elenco de Branca de Neve, mas o haxixe que ele vende... De primeira categoria! — disse Fitzsimons-Ross.

Acendeu outro cigarro. Depois perguntou:

— Vai ficar com o andar de cima, vai dividir o apartamento comigo? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Quanto você está pedindo? Não tenho muito dinheiro — disse eu.

— Com isso você está querendo dizer que não foi criado na Avenida Park com uma empregada negra chamada Beulah?

— Fui criado em um apartamento pequeno de dois dormitórios, em uma esquina pouco valorizada da Segunda Avenida — respondi.

— Ah! Um garoto que tem uma história para contar — disse Fitzsimons-Ross.

— Igual a você. E você ainda não me contou como seu pai esbanjou e chegou à bancarrota com o dinheiro da família.

— Pode ser que eu jamais lhe conte.

— Quanto você está pedindo por mês?

— Mil marcos...

— Isto é mais do que eu pago em meu apartamento em Nova York — disse eu.

— Mas este aqui é praticamente um apartamento independente — Fitzsimons-Ross.

— Só que aqui, numa péssima e suja região de Berlim, onde eu sei que poderia alugar um estúdio por trezentos marcos, você me pede mil marcos? Este valor é o que estou disposto a pagar,

trezentos marcos, e com calefação incluída — disse eu.

— Nem pensar — disse Fitzsimons-Ross.

— Então, adeus.

Virei as costas e me dirigi à escada, para ir embora.

— Quinhentos marcos — propôs ele.

— Trezentos e cinquenta marcos. Última oferta — disse eu.

— Quatrocentos e vinte e cinco marcos — disse Fitzsimons-Ross.

— Não penso em outro valor. Mas obrigado pelo chá e pela conversa — disse eu.

— De verdade, você é um porra de um nova-iorquino, não?

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

— Que você é um tacanho, mesquinho, mão-de-vaca de merda — disse Fitzsimons-Ross.

“Será que ele está me chamando de judeu?”, pensei, mas decidi ficar quieto.

Ou melhor:

— Quer saber de uma coisa? Não gostei nada do tom da sua voz e do que falou para mim.

— Trezentos e cinquenta marcos, então — disse Fitzsimons-Ross, deixando transparecer uma vez mais certo desespero.

Eu lhe estendi a mão e ele a aceitou.

— E então, o acordo está fechado? — perguntei eu.

— Eu acho que sim. Outra coisa: quero um mês de fiança — disse Fitzsimons-Ross.

— Você é o proprietário? — perguntei.

O acesso de tosse o fez expulsar toda a fumaça que tinha no pulmão.

— Eu? Proprietário de alguma coisa? — disse com ênfase em cada palavra. — Que ideia extraordinária! Tenho um senhorio turco bem desagradável, um autêntico peixe gordo, com correntes de ouro, secretários e um reluzente Mercedes preto com o qual passa surfando pelas ruas de Kreuzberg. Ele me menospreza. E o sentimento é mútuo. Vivo aqui há três anos e o homem me tinha oferecido um aluguel reduzido em troca de uma bela reforma no local e agora, que não é mais aquela lata de lixo que era, aumentou o aluguel, como é natural, e me cobra quatrocentos marcos a mais por mês — disse Fitzsimons-Ross.

— Por isso é que você precisa dividir o aluguel.

— Infelizmente, sim. Não me leve a mal, mas detesto a ideia de ter você aqui em cima. Não é que não tenha ido com a sua cara; somente não gosto de ter gente em casa — disse Fitzsimons-Ross.

Era evidente que Fitzsimons-Ross tinha a necessidade de manifestar seu sentimento de superioridade em qualquer ocasião, nem que fosse aproveitando a mínima brecha. Soube desde o princípio que minha relação com esse sujeito seria qualquer coisa, menos fácil. Porém, bem como acontecia na própria região de Kreuzberg, senti que seu desassossego (e sua necessidade de competir comigo em tudo) resultaria para mim em algo estimulante.

— Bem, eu já entendi, você quer estar só — eu disse. — Por mim, pode se fazer de Greta Garbo, se lhe apetece.

Então, comecei a descer a escada.

— Está bem! Está bem! — gritou Fitzsimons-Ross. — Eu fecharei a porra da minha boca.

— Voltarei com o dinheiro dentro de algumas horas — eu lhe disse.

— Você pode me pagar um mês de fiança e um mês adiantado?

— Suponho que sim. Você estará em casa às seis horas? — perguntei.

— Se você for voltar com dinheiro, não tenha nenhuma dúvida de que estarei. Eu me apresentei às 18h15 depois de passar pela pensão Weisse para pegar um punhado de cheques de viagem na minha mala e trocá-los em um banco próximo. Após passar algum tempo em um café, escrevendo sobre o que havia ocorrido pouco antes com meu futuro companheiro de apartamento, peguei o metrô de volta para Kreuzberg. Fitzsimons-Ross havia me dado o código do porteiro eletrônico antes de sair, assim sendo, não foi necessário tocar a campainha. Quando cheguei à porta de seu apartamento ouvi algo do período “*cool*” de Miles Davis (“Someday My Prince will Come”) trovejando no estéreo. Menos mal, afinal de contas ele já tinha me dito que escutava sim música a todo volume, mas que silenciaria quando eu estivesse lá. Bati à porta e ela se abriu sozinha. Entrei.

— Olá! — gritei.

Não houve resposta. Dirigi-me ao estúdio. Tampouco o vi por canto algum. Então olhei em direção ao dormitório. A porta estava aberta e o espetáculo que preencheu o meu campo visual me obrigou a abrir a boca para conseguir ar. Ali, deitado na cama, estava Fitzsimons-Ross, nu da cintura para cima, com um grosso torniquete de borracha apertando-lhe o bíceps esquerdo e uma agulha sobressaindo de uma veia protuberante no buraco do braço. Embora sua voz parecesse de outro mundo, ainda conservava uma estranha e convincente clareza.

— Você trouxe o dinheiro do aluguel? — perguntou Fitzsimons-Ross.

Por que eu não dei meia-volta e fui embora naquele mesmo instante?

Porque queria ver como iria acabar tudo aquilo, e porque até então estava pensando: “Tudo isso é material para o meu livro”.

— Sim — respondi —, eu trouxe.

— Deixe-o sobre a mesa da cozinha. E se não se importar de aquecer água... Me cairia muito bem uma xícara de chá — disse ele.

— Sem problema algum.

Fitzsimons-Ross me olhou com uns olhos que, ainda que vidrados pelas doses de narcótico, brilhavam com uma ártica incandescência azul.

— Não se esqueça de que o chá precisa repousar pelo menos quatro minutos — acrescentou.

— Tudo bem — disse eu.

Eu dei as costas ao homem com a agulha cravada no braço, pensando: *Bem-vindo ao meu novo lar.*

Quatro

—Sou um drogado muito exigente — contou-me Fitzsimons-Ross.

Tinha feito para ele seu chá, que bebia silenciosamente. Então, apresentei os setecentos marcos. Ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá um objeto metálico, que colocou sobre a mesa e empurrou em minha direção.

— Aqui está a chave — disse. — Mude-se para cá quando quiser.

— Eu tinha pensado em trazer minhas coisas amanhã e me mudar na sexta...

— Como achar melhor — respondeu ele. — Não se preocupe com nada disso. Tenho tudo já acertado, totalmente sob controle.

Eu não disse nada. Mas percebi o tamanho do esforço que ele estava fazendo para ser lúcido nesse momento, apesar de ter injetado o que presumi ser uma quantidade significativa de heroína na veia. Esta, eu acabei descobrindo com o tempo, era a estranha e infernal dualidade de Alastair Fitzsimons-Ross. Não importava que eu o tivesse apanhado em plena ação com seus injetáveis. Não importava ele me chamar de puto ou fazer comentários abertamente antissemitas (como sempre fazia). Não importava se ele acordava ao lado de um garoto de programa curdo que havia conhecido nos banheiros públicos próximos a Hauptbahnhof. O importante para ele era manter as aparências. Também estava determinado a ver a si mesmo sob a luz mais favorável – mesmo que, como mais tarde também vim a descobrir, o verniz de pessoa desbocada e cruel sob o qual ele se escondia era facilmente transpassado.

Mas tudo isso seriam descobertas futuras. Naquela ocasião, eu sentia apenas aquele estranhamento meio inebriante que surge quando você nota que está se jogando em uma situação que sabe que será, no mínimo, perigosa. Os escritores (como alguém disse uma vez) estão sempre traindo alguém. Eu sabia que tinha encontrado uma mina de ouro depois de passar cinco minutos com Alastair. Já montara na cabeça os capítulos iniciais de meu livro, e só podia esperar que o capítulo em que ele se injetava heroína fosse apenas o início de uma série de testemunhos dos momentos vividos pela ralé na mansão Fitzsimons-Ross.

Assim, na manhã seguinte anunciei que estava saindo da pensão Weisse e depois fui até a KaDeWe, a enorme loja de departamentos em Kurfürstendamm, para comprar dois conjuntos de lençóis brancos, toalhas brancas também, uma lâmpada de mesa, alguns pratos e talheres, e uma cafeteira. Eu carreguei tudo em um táxi, passei o endereço da Mariannenstrasse ao motorista e, depois, carreguei todas as minhas coisas pelos três lances de escada até chegar ao estúdio. Fitzsimons-Ross não estava à vista, então desempacotei minhas coisas e fiz a cama. Em seguida, fui comer alguma coisa no café que havia ali perto, o Istanbul, na Mariannenstrasse, número cinco.

O Istanbul era comandado por um homem baixo que fumava sem parar e com uma tosse que não cessava, chamado Omar (ele finalmente me disse seu nome depois de cerca de um mês em que

havia começado a usar seu local como meu escritório não oficial). Era um conjunto decadente, com mesas e cadeiras laminadas das mais baratas. Baratos também eram os licores que decoravam o bar. Havia espalhado pelas paredes diversos cartazes amarelados retratando vistas panorâmicas de locais como a Mesquita Azul, o Bósforo, o Palácio Topkapi e outras atrações na capital turca. O aparelho de fita cassete colocado ao lado da caixa registradora parecia sempre estar tocando a mesma música lamentosa sobre a mulher turca que (imaginei eu) tinha sido conquistada por aquele sedutor safado e depois abandonada. Mas eu me afeiçoei ao local de imediato, principalmente porque — com exceção do zumbido da música e das conversas sussurradas por um grupo de homens de meia-idade que sempre se entrincheiravam em uma mesa dos fundos, conspirando pela queda de um inimigo — ele estava sempre tranquilo. Mais importante ainda, Omar passou a me considerar um cliente fiel. Embora lhe dissesse meu nome, ele pareceu ter optado por ignorar as informações e continuou me chamando de *Schriftsteller*, “o escritor”. Também começou a abaixar o volume da música sempre que eu entrava no restaurante, e parecia aprovar as duas horas que eu passava todas as tardes sentado em uma mesa de canto, escrevendo em meu caderno, tentando capturar no papel tudo o que acontecera nas vinte e quatro horas anteriores. Tentando anotar tudo enquanto os detalhes ainda estavam frescos e pulando de um lado para outro dentro de minha cabeça.

Acabei passando a maior parte de meu tempo no Istambul. Graças à minha pouca idade de então, não tinha que me preocupar com questões mais prosaicas como a dieta, o ganho de peso e o mal que estava fazendo para o meu sistema cardiovascular consumir tantos cigarros, que eu considerava um componente essencial do processo de escrita. O Istambul tinha um cardápio barato e diversificado. Seus pratos, inspirados pelo lema “aqui cozinhamos de tudo”, variavam desde o espaguete à bolonhesa e à carbonara, cordeiro *kebab*, folhas de uva recheadas, *Wiener Schnitzel*, *Kofti*, pizzas diversas até o mais grego dos pratos, *moussaka*. A cozinha tinha duas qualidades básicas: 1) os pratos eram sempre, no pior dos casos, digeríveis, especialmente quando regados com duas canecas de meio litro da cerveja Hefeweizen e seguidos por uma xícara de café turco, e 2) nunca custavam mais do que seis marcos, com tudo incluído. Como naquela época odiava cozinhar (mesmo agora, que estou mais velho e moro sozinho, prefiro não gastar muito tempo para preparar os alimentos, já que talvez nunca tenha caído de amores por aquela assim chamada poesia da cozinha), o Istambul se tornou o refúgio ideal para mim.

Naquela primeira tarde, enquanto me preparava para devorar um prato de macarrão na que passaria a ser a minha mesa de canto, passei os olhos pelo pequeno território daquele café: o proprietário baixinho e tossindo sem parar atrás do balcão; o velho de rosto inexpressivo, sentado a uma mesa perto da janela, fumando e olhando a rua com os olhos vazios; o mastodonte suado com uma barriga de cerveja do tamanho de uma bola de boliche, que estava no momento bebendo doses de *raki* (licor derivado de uva com sabor de anis, considerado a bebida nacional da Turquia), o rosto molhado de lágrimas e cantando seu lamento para o insensível proprietário. Eu fumei três cigarros e escrevi um pouco sobre a minha descoberta de Fitzsimons-Ross com a agulha no braço, em seguida, descrevi a cena ao meu redor, no Istambul, refletindo que muitos moradores de Berlim eram fugitivos — se não de países totalitários ou pobres, talvez de uma vida que eles queriam deixar para trás ou dos laços que os uniam a outro lugar, ou talvez apenas deles mesmos. Dava a terra para trabalhar em

Berlim. E uma vez que chegasse aqui, você se encontrava trancado geograficamente numa caixa. Apesar de os residentes na Berlim Ocidental terem o direito de viajar, isso significava tomar um trem que atravessava a República Democrática Alemã, sem parar sequer uma vez. Fora isso, a única outra possibilidade era o avião. Eu tinha a sensação de que esta era a contradição inerente à vida na cidade. Berlim Ocidental era uma ilha de liberdade individual e política no meio de um cenário repleto de ditaduras. A cidade oferecia a todos os interessados a vir até aqui um grau de flexibilidade pessoal e moral que lhe permitia construir a sua própria variação da vida, dentro dos limites. Mas a palavra-chave era essa, “limites”. Porque estávamos todos encaixotados pelas realidades geopolíticas e por uma barreira que não se podia atravessar. Éramos livres, mas ao mesmo tempo estávamos presos.

Fui até a pequena loja de conveniência Spar localizada perto da estação do metrô de Kottbusser Tor, e comprei alguns suprimentos básicos: leite, cereais, suco de laranja, café, açúcar, uma seleção de frios, dois pedaços de pão de centeio, mostarda, duas garrafas de vodca polonesa (mais barata) e meia dúzia de garrafas de Hefeweizen (na verdade, eu escrevi toda a lista de compras em um dos meus cadernos de anotações, porque naquela época estava obcecado com o registro de cada mínimo detalhe). Naquela noite, depois de me deitar para dormir pela primeira vez no meu apartamento novo e quando comecei a conciliar o sono, fui acordado por um alarme interessante. Uma estridente música orquestral, com um toque cigano, trovejou no andar de baixo. Era tão alta e tão deliberadamente ensurdecadora que não pude deixar de pensar (mesmo em meio à minha sonolência): *Ele está tentando me testar, para mostrar quem é que manda aqui*. Sentei-me na beirada da cama, esfregando os olhos e tentando pensar em qual seria meu próximo passo. Agarrei meu roupão, vesti sobre a camiseta e a calça do pijama, respirei profundamente para ver se me acalmava... E comecei a descer as escadas.

Fitzsimons-Ross estava sentado na área do estúdio, vestido com calças e camiseta manchadas de tinta, os pés descalços também com manchas de tinta e um cigarro preso entre os lábios, aplicando uma camada de tinta azul brilhante com pinceladas hiper-rápidas em uma tela que antes estava em branco. O efeito era como assistir a um céu grego brilhante ser criado na frente de seus olhos. Fiquei fascinado com a facilidade de sua técnica, com a habilidade e a desenvoltura com que empunhava o pincel e a força de sua evidente concentração. Parte de mim estava furiosa com a música alta que tinha me arrancado do sono e eu queria desempenhar o papel de inquilino exigente, pronto para um confronto com o igualmente suscetível proprietário. Mas a outra parte (a do escritor que conhecia esses momentos, em que um devaneio criativo subitamente subordinava o mundo externo) sabia que interromper violentamente o livre fluxo do trabalho agora levantando o braço teria sido nada menos do que monstruoso. Então eu fui para o meu quarto, subindo a escada de forma tão silenciosa que o meu companheiro de quarto nem percebeu a minha presença. Uma vez lá em cima, fiz aquilo que sempre fazia quando resistia ao sono: comecei a trabalhar. Abri meu caderno de anotações e sentei-me na dura cadeira de madeira que ficava ao lado da mesa, tirei a capa de minha caneta-tinteiro e escrevi. Olhei para o relógio. Eram duas e quinze da madrugada. A música orquestral (era Bartok?)

terminou e foi substituída por Ella Fitzgerald cantando Cole Porter e depois por “A Love Supreme” de John Coltrane, aquela longa e sombria viagem espiritual. Independentemente de minha reação àquele barulhão noturno, eu tive que admitir o gosto musical de Fitzsimons-Ross era de alto nível.

A música parou de tocar abruptamente às quatro horas. Houve um longo silêncio, durante o qual eu deixei a caneta de lado, enrolei mais um cigarro, prendi-o nos lábios, peguei a garrafa de vinho meio cheia e dois copos e fui para baixo. Mas quando cheguei à área do estúdio, Fitzsimons-Ross já tinha encontrado outra distração. Estava sentado no sofá, com uma faixa de borracha apertando seu braço e uma agulha espetada na veia. No momento em que ele me viu, estava empurrando o êmbolo da seringa.

— Que porra você quer? — disse ele, com uma voz rouca que parecia vir de outro mundo. — Não viu que estou ocupado?

Subi a escada de volta, entrei em meu quarto, acendi o cigarro, bebi o vinho e finalmente caí na cama. Quando acordei eram onze horas da manhã e, do andar de baixo, subiam altos gemidos e grunhidos. Vagando em meio à inconsciência, levei alguns segundos aturdidos para perceber que eu estava ouvindo dois homens fazendo sexo. Como alarme de despertador, aquilo era uma novidade para mim. Depois de um minuto, ou pouco mais, dessa trilha sonora explícita de natureza sexual, eu estendi a mão, liguei o rádio e procurei encontrar uma estação de rock. Com The Clash tocando, levantei-me, fiz um café e fumei dois cigarros antes do café da manhã, pensando: *Hoje será o dia em que vou fazer contato com o cara da Rádio Liberty e amanhã será o dia em que atravesso para xeretar um pouco a Berlim Oriental.*

Depois de comer e de lavar a louça do café da manhã, desliguei o rádio e fiquei mais aliviado ao perceber que a função do andar térreo também fora concluída. Eu agarrei o meu casaco e cachecol, peguei meu caderno, caneta e fumo do cigarro e me aventurei para baixo.

Quando cheguei à área do estúdio de Alastair, fui direto para a porta da rua. Mas uma voz me deteve, dizendo:

— Muito bem, seja um merdinha grosseiro e nem me dê bom-dia.

Eu me virei e vi Fitzsimons-Ross sentado à sua longa mesa de cozinha, bebendo café e fumando Gauloises, acompanhado por um homem magro com a pele verde-oliva e que devia ter menos de trinta anos. Mantinha o cabelo bem curto, quase raspado, em sua orelha esquerda usava um brinco pequeno e ostentava uma aliança dourada no dedo indicador esquerdo. Vestia uma jaqueta de couro marrom-claro, que era bem desgastada, com a gola coberta de pele branca, o tipo de casaco que sempre associei aos criminosos de baixo padrão. Naturalmente, eu queria saber tudo sobre ele, considerando que tinha acabado de dormir com um homem e que também exibia no dedo um símbolo que anunciava: “Sou um cara casado”. Estava vendo aquele sujeito como mais um elemento da narrativa cada vez mais ampla sobre minha estadia em Berlim, e me perguntava que espécie de arranjo ou de envolvimento mantinha com meu senhorio.

— Bom-dia — disse eu.

— A cadela fala... — e então, expressando-se em um alemão cuja fluência impressionava,

Fitzsimons-Ross disse a seu amigo:

— Esse sujeito é meu inquilino, um americano, mas não é assim tão repugnante.

Em alemão, “repugnante” é “*abstossend*”. Fitzsimons-Ross cuspiu a palavra com tanto gosto que seu amigo pareceu vacilar quando ela desembarcou no ouvido dele.

— Este é Mehmet — continuou em alemão. — Diga alô ao Thomas.

Mehmet murmurou um rápido “*morgen*”, e então se levantou e disse:

— Tenho que ir.

— Sêrio? Tão cedo?

— Você sabe que entro no trabalho à uma.

— Vejo você daqui dois dias, então?

Mehmet apenas acenou com a cabeça. Então, sem olhar para mim, ele pegou o casaco e correu para a porta. Quando ela se fechou atrás dele, Fitzsimons-Ross me disse:

— Chá? Acho que ainda tem uma xícara no bule.

Aceitei o convite e sentei-me na cadeira que Mehmet tinha acabado de deixar vazia.

— Tenho a impressão de que você pegou o pobre menino de surpresa — disse Fitzsimons-Ross. — Como você deve ter percebido...

— Ele é casado...

— Bem, que rapaz observador que você é!

— Uma aliança de casamento é uma aliança de casamento.

— E essas pobres crianças turcas, elas têm famílias que essencialmente organizam suas vidas a partir do momento em que chegam ao mundo. A esposa de Mehmet é sua prima de segundo grau, uma garota um pouco rechonchuda demais. Mehmet me contou que percebeu que gostava de meninos aos quinze anos, mas imagine, se ele tivesse admitido esse tipo de coisa a seu pai, o que lhe teria acontecido. Especialmente considerando que trabalha para ele, na lavanderia que o velho tem na Heinrich-Heine-Strasse.

— Estou errado em supor que você *não* conheceu Mehmet lá?

— Bem, Tommy-Boy, o seu raciocínio dedutivo é realmente impressionante! Não, eu o conheci em circunstâncias muito mais românticas... Nos banheiros da Estação Zoo, um lugar de encontro muito popular para aqueles que praticam o “amor que não ousa falar seu nome”.

— Vejo que você conhece a obra de Oscar Wilde.

— Eu sou um protestante *gay* irlandês. Claro que eu conheço a porra do Oscar Wilde! Deixe-me lhe perguntar, nós o acordamos esta manhã, Mehmet e eu?

— Na verdade, sim...

— E você ficou horrorizado? Ofendido, talvez?

— Você esquece que eu sou de Nova York — respondi.

— Ah, sim! Um americano cosmopolita! Embora a frase soe um pouco como um oxímoro.

Bem, acho melhor se acostumar com a presença de Mehmet por aqui, porque nos encontramos três vezes por semana. Normalmente no fim da manhã. E ele sempre vai embora depois de uma hora e meia. Ele não vem em nenhuma outra hora, porque sua família islâmica fascista e onisciente poderia suspeitar. De qualquer forma, o arranjo é perfeito para mim. Mehmet e eu temos exatamente o que precisamos um do outro, dentro de limites cuidadosamente estabelecidos. Isso significa que não há problemas, não há confusão nem desordem.

— Falando em desordem, temos de falar sobre a música...

— Que tipo de música?

— A que você colocou para tocar na noite passada — respondi.

— Você não aprovou meu gosto musical, é isso? — perguntou ele.

— O que me incomoda é ser acordado às duas da manhã.

— Bem — começou Fitzsimons-Ross —, sinto muito, mas entre meia-noite e quatro é quando eu trabalho melhor. E eu não posso pintar sem música tocando, então...

— Mas quando conversamos pela primeira vez — retruquei — você me garantiu que não teria música alta se eu me mudasse para cá.

Ele estendeu a mão para o maço de cigarros e acendeu um.

— Eu menti — disse finalmente.

— Isso é óbvio. O problema é que eu não consigo dormir se você colocar a música tão alta — repliquei.

— Temo que terá que mudar seus hábitos de sono... Viva nas horas dos vampiros, como eu.

— Essa não é uma resposta satisfatória.

— E você espera que eu me importe com isso? — perguntou Fitzsimons-Ross com certa agressividade na voz.

— Tudo bem, então me devolva os setecentos marcos...

— Já gastei tudo. Estava com dívidas, você sabe. E agora...

— Agora você tem que cumprir sua parte do trato — interrompi.

— Não tenho que fazer porra nenhuma de nada, garoto americano.

— Claro que tem.

— O que vai fazer, me processar, americano? “Você terá notícias de meu advogado” e outras merdas desse tipo? — provocou ele.

A frase sobre o advogado foi dita com uma espécie de versão mais aguda do sotaque americano que alguns britânicos frequentemente imitam quando pretendem que nós, das colônias, nos coloquemos em nosso lugar. Naquele momento eu percebi que estava começando a ficar com raiva, mas eu nunca expressava raiva. Em vez disso, calei a boca e comecei a planejar:

— O trato que fizemos — comecei a falar em um tom de voz pouco mais alto do que um sussurro — é que não haveria música tocando enquanto eu estivesse aqui. E você terá que cumprir isso.

Virei-me e saí do apartamento.

Uma vez lá fora, eu tive que reprimir o desejo de desfechar um soco contra uma janela. Fitzsimons-Ross tinha razão: eu tinha sido ingênuo demais ao entregar essa quantia de dinheiro para um viciado. Mas acho que uma grande parte de mim sabia que eu estava procurando subconscientemente por um problema ao pagar adiantado uma quantia tão alta pelo aluguel, e fiz isso apenas para ver como as coisas se desenrolariam. Agora, precisava descobrir uma maneira de conseguir o que desejava (noites de silêncio) e sem comprometer o trabalho de Fitzsimons-Ross. Então, naquela tarde, tendo feito uma longa caminhada pelas ruas rarefeitas de Charlottenburg, encontrei uma loja de música e equipamentos musicais e comprei um par de fones de ouvido bem decentes e uma longa extensão de mais de dez metros, para conectá-los. O atendente olhou para mim com curiosidade, quando pedi um cabo tão comprido:

— É que o quarto é grande... — expliquei.

Então, quando o fim da tarde se aproximava, parei no Istambul e pedi a Omar para usar o telefone... E, também, se poderia dar esse telefone para as pessoas que quisessem falar comigo deixando suas mensagens (pois senti que seria melhor não correr o risco dessas pessoas caírem em uma conversa com Fitzsimons-Ross).

— Você está disposto a pagar algum dinheiro pelo serviço? — perguntou ele.

— Quanto?

— O mesmo valor que cobro da outra meia dúzia de pessoas para quem eu anoto os recados: cinco marcos por semana. É um bom serviço, garanto a você. E você tem direito a cinco chamadas locais por dia, gratuitamente.

— Bem, então parece que temos um acordo — respondi. — E será que posso fazer uma dessas chamadas locais agora mesmo?

Omar fez um sinal para que eu fosse até o bar, enquanto puxava um pesado telefone de baquelite do fundo do balcão atrás dele. Abri meu caderno, em que copiara o telefone de Jerome Wellmann, o chefe da Rádio Liberty, em Berlim. Depois de discar o número, fui atendido pela secretária do Sr. Wellmann, uma pessoa altamente eficiente e precisa.

— Herr Wellmann conhece o motivo de sua chamada? — perguntou ela.

— Quem sugeriu que eu ligasse foi o senhor Huntley Cranley.

O fato de eu responder em seu próprio idioma e mencionar o nome de um figurão dos escritórios da Rádio Liberty, em Washington, a fez parar por um momento para refletir.

— Qualquer um pode mencionar Herr Cranley — voltou a secretária. — Temos pessoas o tempo todo ligando para cá procurando emprego, e todas elas sempre dizem a mesma coisa, que conhecem alguém nos altos escalões em Washington, quando a realidade é que...

— O Sr. Cranley me informou que escreveria para o Sr. Wellmann sobre mim — interrompi.

— Então vou rever todos os telex que Herr Wellmann recebeu nos últimos dias do escritório central. E se eu perceber que está dizendo a verdade...

— Você está dizendo que estou mentindo?

— Por razões que certamente serão evidentes se você parar para pensar com calma e discernimento, é preciso investigar exaustivamente os empregados em potencial ou mesmo alguém que simplesmente deseja reunir-se com Herr Wellmann. Você deve compreender que, tendo em vista a natureza do nosso trabalho, devemos estar atentos em todos os momentos... Especialmente nesta cidade.

— Entendo... — respondi, acrescentando que as mensagens dirigidas a mim poderiam ser deixadas em um número de telefone, e ditei os seis dígitos que estavam impressos em um disco de plástico colado no centro do aparelho que estava usando.

— E que lugar é esse onde devemos deixar nossas mensagens? — perguntou ela. — Isto é, caso venhamos a lhe deixar alguma mensagem?

— É um café em Kreuzberg chamado Istambul...

E imediatamente após dizer isso, percebi que o próprio nome e a localização desse lugar deviam soar muito provavelmente como um local de reuniões clandestinas de espiões da Guerra Fria.

— E por que você recolhe suas mensagens nesse café? — insistiu a secretária.

— Porque fica na esquina de minha casa... E porque não tenho telefone em casa.

— Muito bem — encerrou ela. — Se não receber notícias nossas dentro de quarenta e oito horas, significará que Herr Wellmann decidiu não entrar em contato com você. Tenha um bom-dia.

Isso acabou com a minha tentativa... Essa mulher era a estrita observância das regras de seu credo e sua razão de ser. Eu estava convencido de que, se pudesse, ela iria bloquear a mim qualquer oportunidade de trabalhar para Rádio Liberty e, conseqüentemente, o acesso a um mundo de possibilidades narrativas para o meu livro. Eu sabia que, inevitavelmente, abriria outros mundos durante a minha estadia em Berlim, mas estava ansioso para trabalhar com os combatentes da Guerra Fria, na luta pelo Ocidente no campo da propaganda.

— Parece que a coisa não foi muito bem... — disse Omar, quando lhe devolvi o telefone.

— Se eles me ligarem, você vai mandar me chamar? — perguntei, entregando-lhe os primeiros cinco marcos pela utilização do telefone do café Istambul.

— Se pagar por um serviço, você recebe um serviço.

“E um acordo é um acordo”, eu poderia ter acrescentado. Pelo menos, era dessa forma que eu enxergava o mundo. Mais especificamente, o acordo firmado com Fitzsimons-Ross quando eu aluguei o andar superior dele. Então, quando cheguei em casa naquela noite e vi que ele já havia saído, eu coloquei os fones de ouvido e o cabo de dez metros ao lado de seu aparelho de som com uma nota, dizendo:

Comprei-lhe isto. Eu acho que o cabo é longo o suficiente para que você possa mover-se livremente através do estúdio sem impedimento. O cara que me vendeu me garantiu que a qualidade do som dos fones de ouvido é muito boa. Espero que seja.

THOMAS

Então, eu subi as escadas e decidi ir para a cama cedo. Eram onze horas e eu já estava dormindo.

A música começou a roncar logo depois da meia-noite. Mas desta vez não era Bartok ou John Coltrane, ou qualquer coisa nesse sentido, algo mais refinado. Não, nessa noite era o *heavy metal* mais alto que alguém poderia imaginar, o tipo de explosão sonora equivalente a uma violenta colisão entre cinco veículos de uma só vez, escolhido sem dúvida para me fazer saber que Fitzsimons-Ross tinha rejeitado a solução dos fones de ouvido. Sentei-me na cama, peguei meu roupão e desci as escadas. Meu companheiro de apartamento estava completamente absorvido em seu trabalho na frente da tela, dando as costas para onde seu equipamento de som estava instalado. Por isso ele não me viu aproximar do toca-discos e levantar a agulha do disco de vinil. O silêncio repentino o fez virar-se ao mesmo tempo em que eu já havia desligado todos os cabos do toca-discos e me aproximava da janela. Quando eu a abri, ele berrou:

— Que porra você vai fazer?

— Nós tínhamos um acordo.

— Você não vai ter coragem de jogar isso...

— Depende de você... Vai respeitar a sua parte no acordo? — respondi.

— Eu não aceito chantagem.

— E eu não negocio com mentirosos — retruquei. — Ou você respeita o acordo, ou me devolve os setecentos marcos, ou seu toca-discos vai para a rua...

— Você acha que pode me dizer o que eu tenho que fazer?

— Tudo bem, como quiser.

Então, joguei o aparelho pela janela.

De repente, Fitzsimons-Ross ficou de cara no chão. Ele parecia genuinamente chocado com o que aconteceu. Sentado no chão, na frente de sua tela semiacabada, ele olhava para o espaço, sem dizer nada. De repente, adquiriu um ar de criança perdida e eu me senti estranhamente culpado pela minha franqueza, o que causou ao meu senhorio um evidente desgaste, mas eu também sabia que, se não tomasse uma providência, a música teria continuado a noite toda em um volume ensurdecedor.

Subi calmamente para o meu quarto, deixando-o sentado no chão. Bebi vários copos de vinho e fumei dois cigarros. Então, fui até a porta para ver se ele não estava subindo as escadas com um martelo na mão. Sim, eu sei que estava um pouco paranoico, mas o cara era um drogado com uma grande instabilidade emocional, por isso tudo era possível (ou assim eu pensei). Naquele momento, decidi sair daquela casa na tarde no dia seguinte.

Às duas da madrugada finalmente me deitei na cama e adormeci instantaneamente. Quando acordei era quase meio-dia. Um sol tímido de inverno filtrava-se através da veneziana. Depois do momento de perplexidade usual, comecei a preparar uma lista mental do que eu tinha que fazer: *Eu tenho que ir ao café Istanbul urgentemente e ligar para a pensão Weisse a fim de negociar um aluguel para um longo período. Depois, ligar para a Frau Gentileza e informar que o telefone de recados mudou, depois voltar para cá e arrumar minhas malas e deixar um bilhete de despedida*

para Fitzsimons-Ross dizendo que eu espero que os setecentos marcos o ajudem a comprar um toca-discos melhor (e, ao mesmo tempo, limpe a minha consciência).

Depois do ritual matinal de pão de centeio com queijo, seguido de dois cafés expressos bem fortes e o primeiro cigarro enrolado do novo dia, peguei meu casaco e desci a escada. Enquanto eu caminhava para a porta da rua, vi Fitzsimons-Ross. Ele já estava trabalhando, em pé diante do cavalete, com seu pincel dançando na tela em branco enquanto ele aplicava camada sobre camada de tinta azul sobre um retângulo. Nos ouvidos, usava os fones que eu tinha comprado para ele. O cabo se esticava através do espaço para o seu sistema de som, que já tinha um toca-discos substituto.

Comecei a balançar a cabeça em confusão, e, em seguida, Fitzsimons-Ross se virou e me viu. Ele tirou os fones de ouvido e disse uma única palavra:

— Puto.

Então, me deu um sorriso muito leve.

— Quer descer e tomar café comigo no café Istambul? — convidei.

Ele pensou por um momento.

— Eu acho que não tenho nada melhor para fazer — respondeu.

Bem, parecia que eu não iria me mudar, não por enquanto.

Cinco

Um dos muitos aspectos curiosos de Fitzsimons-Ross era sua capacidade para existir totalmente no presente. Eu o invejava por esse talento e pelo modo como esquecia rapidamente as coisas e não insistia em problemas passados nem nas supostas injustiças que pudesse ter sofrido. Podia queixar-se, sim, por uma crítica pouco amável que surgisse na imprensa sobre suas obras ou por um dos muitos “invejosos” de Dublin (a palavra lhe encantava) que o odiavam, como ele dizia, “pelo êxito que nominalmente tivesse alcançado até aquela data”. Mas quase nunca se lamentava pelas muitas iniquidades da vida, nem por seu lugar no mundo. Durante nossa refeição para aliviar a tensão no Istambul, ele não mencionou nem uma só vez a desagradável cena da noite anterior, nem sua posterior angústia, nem como havia conseguido um novo toca-discos antes do meio-dia. Ao contrário, sua expressão era irônica, divertida e atenta. O fato de nos encontrarmos em um espaço público parecia colocar em funcionamento algum tipo de mecanismo de autocensura que o impedia de proferir a torrente irreflexiva de termos escatológicos que normalmente compunham o seu discurso. Enquanto nós nos dispúnhamos a liquidar o litro de vinho da casa que o Istambul servia com o cardápio, eu lhe fiz uma pergunta que já estava há vários dias querendo fazer:

— Quanto tempo faz que virou um viciado?

— Quatro anos — respondeu Fitzsimons-Ross.

— E isso não é um empecilho para o seu trabalho? — perguntei.

— De forma alguma. De fato, eu poderia até dizer que a minha dependência da heroína impulsionou e favoreceu a minha carreira — respondeu ele.

— Você está se referindo a quê, ao aspecto criativo?

— Não, claro que não. Mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Ainda que seja evidente que não tenha provado heroína, você tem alguma experiência com alucinógenos? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Na universidade uma vez experimentei LSD.

— E aí, o que achou?

— Deixando de lado que fiquei acordado umas vinte e três horas, foi tudo muito psicodélico, muito tecnicolor... — disse eu.

— A heroína não tem nada a ver com isso. O que ela faz é enviar-lhe para um espaço interior tremendamente tranquilo e introvertido e não deixa que sintam nada... O que não é nada mal, tendo em conta que a vida é horrível na sua maior parte. E não quero parecer um vendedor da droga, mas é a colocação mais profundamente feliz que se possa fazer — disse Fitzsimons-Ross.

— Isso sem mencionar suas igualmente profundas propriedades adictas, ou seja, viciantes — disse eu.

— Ah vá, vá, Tommy-Boy... Estou vendo que não consegue controlar suas tendências

calvinistas.

— Talvez seja por isso que não sou drogado.

— Faça um favor a você mesmo e não se enrosque nunca com as drogas. Você tem uma personalidade bem estruturada demais para ser um drogado.

— E você não? — perguntei.

— Superficialmente, sim. Mas sou capaz de ceder ao meu lado caótico, porque encontrei a maneira de ser retentivo anal ao mesmo tempo. Nesse sentido, devo ser o único entre os drogados — disse Fitzsimons-Ross.

— Talvez devesse dar palestras motivacionais sobre a maneira de ser um viciado bem organizado.

— Talvez, e você deveria escrevê-las para mim. Mas não consegue despirocar, não é mesmo? Estou certo de que fuma maconha de vez em quando e bebe um pouco, mas uma parte de você detesta perder o controle. É uma pena que não seja judeu. Você tem uma moralidade típica de um filho da puta de um judeu — disse Fitzsimons-Ross.

— Deve ser porque eu sou — disse eu.

Fitzsimons-Ross fez uma cara de quem estava a ponto de cair pelo buraco de um elevador.

— Isso é brincadeira, certo? — perguntou ele.

— No judaísmo, a mãe transmite a religião, e como a minha mãe era judia, então eu sou um filho da puta de merda de um judeu — disse eu.

Procurei deixar claro no meu pronunciamento uma expressão que demonstrasse com muita nitidez o tanto que eu detestava isso. Era um prazer contemplar o desconforto e o incômodo de Fitzsimons-Ross.

— É só uma forma de falar — disse ele, enquanto procurava o maço de cigarros.

— Horrível, por sinal, o que me leva a pensar que você é antissemita.

— Você espera uma desculpa, não é mesmo? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Por que um merda de um judeu como eu iria esperar algo assim de um cavalheiro como você?

— Vou extirpar agora mesmo essa expressão do meu vocabulário. Mas há algo que eu tenho que lhe perguntar: você lamenta que tenham lhe circuncisado? — perguntou Fitzsimons-Ross.

Meneei a cabeça sem poder reprimir um sorriso. Mesmo nas piores circunstâncias Fitzsimons-Ross era sempre divertido.

— Acho que não vou lhe responder essa pergunta — respondi.

— Minha falta de educação não vai te livrar do almoço.

— Você está me perguntando se eu vou tratar de dividir a conta por sovinice, como qualquer judeu?

— *Touché.*

Chegaram nossas lasanhas, que demonstraram ser perfeitamente comestíveis. Fitzsimons-Ross, inclusive, ficou impressionado.

— Isto está muito bom. Não sei como não prestei atenção neste lugar até agora — disse ele.

— Talvez por que já tenha turcos suficientes em sua vida?

— Vamos combinar uma coisa? Você é um cachorro filho da puta!

— Que seja... Mas ainda não me explicou como faz para trabalhar enlouquecido pela heroína — disse eu.

— Sei, sei... “como caí nas diabólicas redes da droga”... Ah, vá Tommy-Boy! Você deveria escrever romancinhos, mais ou menos no estilo daquelas promiscuidades literárias. *As aventuras de uma bicha com a heroína* — disse Fitzsimons-Ross.

— Vou roubar o título agora mesmo — disse eu.

— Experimentei a heroína pouco depois de chegar a Berlim. A princípio eu a fumava e depois, Martin, o motoqueiro com quem eu estava ficando, me fez passar para a agulha. Quando me deu o primeiro “*up*”... Bem, existe uma razão muito boa para ela ser tão viciante! Comecei a usar em 1980 e devo dar graças a meu querido pai, que, mesmo ainda sendo um membro falido da aristocracia rural, me inculcou a ideia de que é preciso manter as aparências acima de tudo. Você pode dismantelar tudo, inclusive a fortuna da sua família e acabar com tudo que você ama, mas nunca, nunca, jamais deve aparecer em público com as calças sem passar e os sapatos sem lustrar. Em qualquer caso, graças a meu pai sempre fui muito escrupuloso no que diz respeito à higiene do drogado e por isso nunca compartilhei agulhas, o que, aliás, salvou a minha vida e, em contrapartida, custou a do pobre Martin. Eu estou lhe falando sobre a “peste”, claro, que me custou pelo menos umas duas dúzias de bons amigos por aqui e por ali. Por outro lado, também sempre tenho sido muito rígido (em todos os sentidos) no uso do preservativo. E isso também é uma coisa que preciso agradecer ao meu pai. *Vielen Dank*, Papa. Ele me converteu em uma cópia exata dele e isso, no processo, salvou a minha vida.

— Quando o seu pai morreu? — perguntei.

— Faz três anos, de cirrose hepática. Não há muitos fígados sãos no condado de Wicklow — respondeu Fitzsimons-Ross.

— Vocês eram muito próximos?

— Muitíssimo, embora ele não aprovasse minhas predileções sexuais. Mas devo dizer uma coisa a seu favor: ele me valorizava como artista. Durante o último ano (ele tinha somente cinquenta e oito anos quando partiu deste mundo), tentou se redimir de todas as diabruras absurdas, dos insultos, do modo em geral desenfreado e da insatisfação que caracterizaram a maior parte da sua vida. Naquela época, fazia tempo que minha mãe (que era totalmente inglesa e, portanto, a epítome da frieza) o havia deixado. Com o pouco dinheiro que lhe restava, meu pai estava vivendo em Roundstone, no alojamento do porteiro de uma enorme propriedade de um dos seus antigos camaradas. Quando os médicos anunciaram que lhe restavam apenas três meses de vida, e não muito mais do que isso, ele escreveu uma carta para mim aqui em Berlim e me pediu que voltasse “para

casa” por algum tempo para que nos pudéssemos nos “despedir” até que ele passasse desta para a melhor. E foi o que eu fiz, naturalmente. Para minha felicidade, tinha um amigo pintor em Dublin com contatos no norte da cidade, e esse contato me manteve abastecido de heroína. Mas nunca falei nada ao meu moribundo pai sobre esse meu pequeno e desagradável hábito. Se ele descobrisse, creio que ficaria muito mais triste e, além disso, furioso. No fundo, meu pai era um homem bastante bom que só pretendia amar e ser amado. Mas essa possibilidade escapou-lhe ao longo de sua vida, como escapa da maioria de nós.

Ele, em seguida, amassou a bituca do cigarro e acendeu outro.

— Você nunca se apaixonou? — perguntei.

— Somente umas dez vezes. E você? — perguntou Fitzsimons-Ross.

Fiz uma pausa para meditar sobre a resposta. E isso me fez sentir incomodado.

— Seu silêncio é bem eloquente — disse ele.

— Houve uma mulher que estava muito apaixonada por mim — respondi.

— Deixe-me ver se eu consigo adivinhar... Ela era boa demais para você? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Talvez — disse eu.

— Então, você também teve uma mãe que considerava a sua existência como sendo o pior acontecimento da sua vida... Com a única exceção de ter casado com seu pai? Por isso você está agora em Berlim, fugindo ainda da mulher que o desejava...

— A mulher em questão se matou fumando faz sete anos — disse eu.

— E você continua fugindo. E vou lhe dizer algo mais: isso nunca vai terminar. Sempre estará lutando contra isso. Faz quinze anos que não vejo a minha mãe. Ela abandonou meu pai para se casar com o coronel reformado Zé-Cuzão, ou alguém deste gênero, e viver em um desses repulsivos povoados no coração da Inglaterra, que tem nomes do tipo Chippendale-on-Tweed, para poder estar “rodeada de gente da sua mesma categoria”, como ela sempre dizia, dando a entender que nós, os irlandeses, não éramos bons o bastante para ela. O ruim é que meu pai tinha com ela uma relação de dependência. Ela satisfazia a necessidade dele de uma mãe, porque, pelo que pude saber, minha avó paterna era tão fria e depreciativa como minha mãe. Vejamos... Deixe-me adivinhar. Essa mulher que estava apaixonada por você...

Nesse ponto da conversa, eu o interrompi para fazer-lhe uma pergunta:

— Alguma vez você já considerou que poderia aliviar seus problemas financeiros deixando pouco a pouco a heroína? — perguntei eu.

— É bem curiosa a forma descarada com que muda de assunto cada vez que tocamos num tema doloroso ou incômodo para você. Não, não tenho nenhum interesse em livrar-me das proverbiais “cadeias que me prendem à droga”. A heroína me ajuda a trabalhar e torna a realidade mais tolerável — disse Fitzsimons-Ross.

— Talvez porque você... Também tenha resistido a apaixonar-se por alguém?

Um sorriso profundamente irônico se manifestou na cara de Fitzsimons-Ross.

— O “senhor” tem muito talento para evadir-se, *monsieur*. Pode ser que esse seja um aspecto-chave na vida de um escritor: a capacidade de evadir-se. E, a propósito, terá que me desculpar, porque tenho um encontro marcado *chez moi* com Mehmet dentro de meia hora. Isso significa que, bem, a não ser que queira nos ouvir em ação...

— Vou dar uma volta.

— Eu supus que você diria isso. Conheço bem os caras do seu nível: liberais, criativos, de mentalidade aberta e inclusive com alguns amigos veados, mas, na vida íntima, tudo isso lhe provoca repugnância — disse Fitzsimons-Ross.

— Assim sendo, ler a mente dos demais é outra de suas muitas virtudes? — perguntei eu.

— Claro que sim. E quais são seus planos para mais tarde?

Quando procurei no interior do casaco o pacote de tabaco e o papel de enrolar o cigarro, notei que estava com o passaporte americano com o material de fumar. Olhei para o relógio. Eram apenas 12h30.

— Pode ser que eu vá para o estrangeiro — respondi.

— Você quer dizer... Para o outro lado? — perguntou Fitzsimons-Ross.

— Está somente a cinco minutos daqui...

— Mas você já esteve lá alguma vez?

— Não. Nunca estive lá.

— Então vá lá e dê uma olhada. Mas eu lhe asseguro que estará de volta às seis, convicto de que não fará nenhuma falta colocar um pé naquele lugar uma vez mais.

— É tão ruim assim? — perguntei.

— Suponho que, se você for membro da vertente de Dublin ou de Londres do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, então o paraíso dos operários que há do outro lado da fronteira encerrará muitas maravilhas para você... Sobretudo se estiver de posse de um passaporte ocidental que lhe permita abandonar o barco a qualquer momento, mas para o resto dos reclusos ali dentro... Como eu lhe disse, vá até lá e dê uma olhada. Talvez eu tenha problema com coisas excessivamente monocromáticas e não veja as virtudes por detrás do onipresente acinzentado dos muros. Talvez eu não seja tão bom observador quanto você — falou Fitzsimons-Ross.

— Ironia recebida — disse eu.

— Mas, por outro lado, se por casualidade você encontrar algum irmão socialista de Cuba ou de Angola e que venda heroína decente...

— Você é uma piada.

— É mesmo, as pessoas dizem isso mesmo sobre minha pessoa. Mas tente voltar são e salvo. E agora, se me desculpar...

Ele se levantou e saiu para a rua.

Seria este o momento mais oportuno para cruzar pela primeira vez para “o outro lado”?

Talvez não, porque já tinha perdido toda a manhã e o céu ameaçava deixar cair neve.

Ainda assim, peguei o U-Bahn (metrô) até Kochstrasse. Poderia ter cruzado a fronteira muito mais comodamente a poucos passos de onde eu me encontrava, em Heinrich-Heine-Strasse, mas pensando como sempre na futura narrativa que ia escrever, sabia que era imprescindível começar com a experiência essencial da Guerra Fria: o cruzamento da fronteira pelo Checkpoint Charlie. Quando o trem do metrô entrou freando na estação de Kochstrasse, uma onda de apreensão se apoderou de mim, causada unicamente pelo medo aos totalitarismos que haviam se arraigado em mim desde a época em que os mísseis russos nos apontavam desde Cuba, e que se reforçou mais para a frente quando lemos Solzhenitsyn no colégio, e depois na universidade, quando os filmes de Andrzej Wajda nos pintaram como era o estalinismo da sociedade polaca. Mas do que eu mais lembrava era a voz de meu pai, quando se tornaram mais fortes os protestos contra a guerra do Vietnã: *“Esses pacifistas não sabem apreciar o bem que vivem aqui. Se isto fosse Moscou e se eles se atrevessem a se reunir na rua para protestar contra algo, acabariam num campo de trabalhos forçados na Sibéria. Lá não dá para sair fazendo idiotices. Os sujeitos de lá sabem como fazer as pessoas se calar”*.

Embora até então pensasse que os comentários de meu pai eram meras trivialidades ditas quase como um reflexo, parte do que ele dizia calou profundamente em mim. Foi um pouco assim quando eu tinha oito anos de idade e fomos visitar uma tia da minha mãe perto de Ossining. Era uma casa bem estilo Grant Wood, e apesar de o estilo gótico americano por si só já me deixar nervoso, e de a tia Hester parecer uma múmia ambulante, meu pai não encontrou nada melhor para fazer do que me deixar ainda mais nervoso ao informar com ar de segredo que, se eu abrisse a porta do sótão, poderia encontrar uma surpresa muito desagradável. Talvez a lógica paterna que se escondia por detrás dessa advertência fosse me assustar para que o filho não revirasse as coisas da tia. Talvez meu pai somente quisesse me manter distante do quarto apelando ao medo. Fosse qual fosse o motivo, comecei a imaginar que detrás dessa porta havia um montão de coisas horríveis. A partir daquele momento, senti medo de entrar em todos os lugares que tivessem sido demarcados como *proibidos*.

À primeira vista, o Checkpoint Charlie tinha uma aura de inacessibilidade. Quando saí do metrô, vi diante de mim o cartaz tantas vezes fotografado: “Você está saindo do setor americano”. O subtexto, nas entrelinhas, deixava a mensagem bem mais clara: “Abandonem toda a esperança, vocês que irão entrar!”. Bem do lado direito havia um museu em um pequeno edifício com uma vitrine na fachada: o *Haus am Checkpoint Charlie*. A julgar pelas peças à vista, ele rendia homenagem à memória das pessoas mortas ou capturadas enquanto tentavam passar para o lado ocidental de Berlim. Consultei o relógio. Era um pouco mais de uma hora da tarde. Dirigi-me ao posto de guarda americano e tirei o passaporte norte-americano verde enquanto chegava mais próximo da janelinha da guarda. Dentro havia um oficial uniformizado que reparou no passaporte que eu levava na mão para que ele o examinasse.

— Boa-tarde, senhor! Posso lhe ajudar em algo?

— Tenho que fazer algum trâmite deste lado antes de passar pela fronteira? — perguntei.

— Não, não é necessário. E se surgir algum problema do outro lado, lembre-se de que lá temos uma embaixada. Você irá somente para passar o dia, certo? — perguntou o soldado.

Assenti.

— Bom, a menos que tenha intenção de se reunir com dissidentes ou distribuir Bíblias nas esquinas...

— Não, esse não é meu estilo — respondi.

— Então, você não terá problemas. E como terá que estar de volta antes da meia-noite...

— O senhor já cruzou alguma vez? — perguntei.

— Aqueles que vestem este uniforme, senhor, são proibidos. E tenha um bom-dia na Berlim Oriental! — disse o oficial.

Prossegui até o posto fronteiroço propriamente dito e me encontrei ante uma grade de grandes dimensões que ocupava toda a largura da rua. Ambos os lados da rua acabavam contra o Muro, e o arame farpado ensombrecia todas as áreas abertas. Havia dois membros da *Volkspolizist* a postos exatamente bem ao lado da grade. Quando eu me aproximei, me cumprimentaram com a cabeça e abriram o portão.

— Passaporte — me pediu um deles em alemão.

Eu lhe mostrei meu passaporte americano.

— Vá até ali — disse-me o *Volkspolizist* em um inglês bem ruim, assinalando-me uma casinha situada um pouco mais à frente.

— *Ich danke Ihnen* — agradei e segui andando enquanto ouvia a grade que se fechava atrás de mim com uma seca batida metálica.

Diante de mim, havia uma casinha pré-fabricada, ao lado da qual percebi vários homens armados até os dentes que montavam guarda. Por trás da janela de fibra de vidro havia outro *Volkspolizist* uniformizado, que pegou o meu passaporte e me perguntou se eu falava alemão. Quando eu lhe respondi em seu idioma, fez um gesto afirmativo e me informou que me outorgaria um visto de entrada por apenas um dia, válido até a meia-noite.

— Você deverá abandonar a República Democrática Alemã antes da meia-noite por este mesmo posto fronteiroço. Não pode sair do país por nenhuma outra fronteira. E agora você tem que fazer o câmbio de trinta marcos ocidentais por trinta marcos orientais.

Eu sabia que a taxa de câmbio estava absurdamente inflacionada, já que um marco da RDA, em sua cotação real, não valia mais de vinte *pfennigs* do dinheiro da Alemanha Ocidental, o que significava que a taxa real era de cinco para um. Mas eu tinha lido em vários guias e artigos sobre o que ocorria ao passar para a Berlim Oriental que esta era uma maneira pela qual o regime comunista conseguia obter moedas fortes. Este era um dos muitos componentes inegociáveis de um visto da República Democrática Alemã, sendo que a outra cláusula era “você deve estar fora daqui antes da meia-noite”. A tentativa de realmente viajar pelo país por um período de tempo maior era profundamente difícil, uma vez que o governo preferia que você viesse como parte de uma excursão oficial ou parte de um grupo com as credenciais esquerdistas corretas. Um escritor como eu jamais

teria a chance de conseguir um visto para viajar de forma independente, ou foi pelo menos isso que um funcionário da embaixada da Alemanha Oriental em Washington me contou nas cartas que trocamos antes de minha chegada ali, quando ainda pensava que eu poderia passar uma parte considerável de minhas aventuras na outra Alemanha. O cônsul deixou bem claro que eu só teria um visto prorrogado se fosse oficialmente convidado pela União dos Escritores da República Democrática Alemã. Mas como meu único livro até então (o cônsul evidentemente tinha se dado ao trabalho de descobrir o que eu tinha escrito) não exibia o tipo de credenciais socialistas que pudessem me favorecer com o pessoal da União dos Escritores, então eu estaria desperdiçando meu tempo perseguindo esta via de pesquisa.

Depois de ter ficado com os meus trinta marcos (e de chamar a moeda de *Westmark* e não de *Deutsche Mark*, como era o nome oficial), o *Volkspolizist* abriu um livro enorme pela letra “N” e passou vários minutos comprovando se meu nome e meu número de passaporte figuravam no registro. Foi nesse momento que eu pensei que talvez o cônsul em Washington tivesse enviado os meus dados para Berlim Oriental a fim de informar às autoridades locais que eu era um escritor bisbilhoteiro que provavelmente tinha pensado em visitar a RDA com intenção de difamá-la.

Porém, obviamente, o oficial não encontrou o meu nome na lista negra, já que fechou o livro dos indesejáveis e umedeceu a almofadinha para colar o selo de entrada. Enquanto ele o estampava em uma página em branco de meu passaporte, eu me pus a refletir uma vez mais sobre o medo que me inspiravam todos os policiais e os militares. Depois, o soldado empurrou o documento em minha direção e, com uma seca inclinação de cabeça, me disse que já havíamos terminado.

Então, um dos homens armados ao lado da casinha me deu uma batidinha no ombro e me indicou uma simples barreira, como as que se veem nos estacionamento. Ao lado dessa divisão solitária, além da qual se estendia Friedrichstrasse, havia outro punhado de *Volkspolizisten* armados. Enquanto eu me dirigia até esse último obstáculo antes de entrar na Berlim Oriental, observei que a relativa falta de medidas de segurança do lado oriental da fronteira era prova clara de que as autoridades sabiam muito bem que só um louco teria arriscado cometer o delito de “tentativa de fuga da República” pelo posto fronteiro mais famoso da cidade.

Passei por um último controle de passaporte, e o oficial que examinou minha documentação voltou a lembrar que eu devia abandonar o país por este posto fronteiro, e somente por este posto fronteiro, e antes da meia-noite. Então, após um sinal entre os oficiais, a barreira foi levantada e entrei na República Democrática Alemã. Enquanto eu fazia isto, não pude evitar perguntar a mim mesmo que prova de fidelidade exigiria o Estado aos *Volkspolizisten* que trabalhavam ali e que chantagem emocional exerceriam as autoridades sobre eles a postos em um posto fronteiro tão delicado. Eu me perguntei se eles advertiam abertamente que suas famílias se expunham a um grave castigo no caso de eles se atreverem a fugir da RDA e se existiria algum tipo de cumplicidade, implícita ou explícita, entre os membros do corpo oficial da polícia designada ao posto fronteiro. Mais revelador ainda teria sido averiguar que pensamentos passavam pela mente desses homens enquanto viam os ocidentais cruzarem com total liberdade aquela conflitiva fronteira, a mais importante linha divisória entre ideologias. Os carcereiros estavam possivelmente mais encarcerados

que seus concidadãos, a quem eles contribuíam para manter cativos, porque em cada uma de suas jornadas de trabalho eles se encontravam a poucos passos de um mundo onde as viagens não estavam restringidas e onde as pessoas gozavam de uma ampla margem de liberdade individual. Ou seriam esses homens os crédulos por definição, doutrinados para considerar o Ocidente uma máquina mercantil sem coração que aprisionava seus cidadãos em um ciclo interminável de necessidade consumista e de miséria?

Entretanto, em meio a essa batalha ideológica protagonizada pelos dois maiores complexos militares e industriais do mundo sob a sombra da destruição mútua assegurada pelos mísseis nucleares, se desenvolvia isso que chamam de vida cotidiana, como a do corpulento cinquentão de casaco de chuva com capuz malfeito, que cruzou comigo no caminho quando saí do posto fronteiriço. Levava uma maleta marrom de vinil e uma bolsa de plástico com duas garrafas de cerveja. Cobria a sua cabeça com um gorro de imitação de pele e se dirigia para um sombrio bloco de residências situado em uma rua mais além da Friedrichstrasse. Eu me perguntei qual seria o tipo de profissão desse homem. Era evidente que seu turno de trabalho tinha começado bem cedo, já que a uma e quinze da tarde já estava voltando para casa, carregado com garrafas de cerveja. Será que ele vivia em um apartamento diminuto? Estaria classificado como um cidadão de tão inquestionável lealdade que podia viver tão perto do Muro? Quando chegasse em casa, passaria o tempo vendo televisão ou lendo, ou sairia para se exercitar em algum centro de esportes vizinho? Será que ele teria algum *hobby* que o ajudasse a matar o tempo? Teria alguma mulher em sua vida? E se tivesse, será que eles viveriam juntos? Podia até ser que trabalhassem juntos em uma indústria de engarrafamento, ambos no turno das quatro da manhã até o meio-dia e, como ela estivesse casada com um policial, os amantes só poderiam encontrar-se clandestinamente algumas poucas vezes por semana, no apartamento dele, para desfrutar de umas poucas horas juntos. E essa mulher encurvada ali, vestida com um pobre abrigo cinza de tecido, que ia atrás do homem? Tinha a cabeça coberta com um cachecol cinza de cachemira, um cigarro entre os dedos da mão esquerda e uma sacola com narcisos de triste aspecto presa entre os dedos livres. Seria a mulher do policial disfarçada, que se mantinha a uma distância discreta de seu amante, enquanto os dois se dirigiam ao andar dele para um encontro às pressas?

Ou era só uma imaginação improvisada minha, inspirada em minha primeira cena de vida de rua na Berlim Oriental?

Quando o homem desapareceu por detrás da esquina seguido da mulher com o cachecol na cabeça, tive a minha atenção atraída para um edifício atarracado situado bem à minha direita. Um cartaz sobre o portão avisava: *Bulgarische Handels-bank*, Banco Comercial Búlgaro. O edifício (do século XIX, muito precisado de uma reforma e uma boa demão de pintura) tinha duas vidraças, ambas cobertas de pó. Coladas diretamente sobre o vidro, do lado de dentro, havia várias fotografias amareladas de felizes lavradores no campo que, com grande alegria, realizavam a colheita de trigo da temporada. Sobre aqueles instantâneos próprios do realismo socialista, captados em torno do ano de 1957, havia alguns cartazes escritos a mão que podiam ser traduzidos mais ou menos assim: “Temos fé no plano quinquenal!” e “Juntos construiremos o futuro socialista!”. Começou a nevar, e

algo me disse que era melhor sair andando. Historicamente, Friedrichstrasse tinha sido uma das principais avenidas comerciais de Berlim, mas a rua que eu vi estava vazia e com todas as persianas fechadas. De vez em quando, um Trabant passava arrastando-se ao lado da calçada. Havia poucos transeuntes envoltos em pesados casacos cinza que caminhavam com a cabeça abaixada para se proteger contra a neve. Uma loja de roupa se destacava pela escassez de peças expostas nas vitrines, pelo antiquado e insosso dos modelos, que pareciam ter sido desenhados para as vovozinhas, e pela assombrosa semelhança com um dos bazares beneficentes que se via às vezes no Lower East Side de Manhattan, com a diferença de que esta loja era a única de destaque na rua. Toda a Friedrichstrasse parecia um testamento à desídia municipal. As cidades são, de certo modo, exercícios visuais de fachadas. Elas são de fato a vestimenta arquitetônica do lugar, meio que definindo o espírito local. Paris desprende uma elegante majestade. Manhattan insiste constantemente em informar suas elevadas aspirações. Obviamente, trata-se simplesmente das primeiras impressões, de pegadas superficiais, taquigrafia urbana... Mas, da mesma forma que todos os tópicos fundem suas raízes em uma crua verdade básica, também é certo que as primeiras impressões visuais dizem muito de um terreno recém-descoberto. O que mais me impressionou em Friedrichstrasse, sobretudo quando virei à esquerda, por Unter den Linden, foi a descoberta de que Berlim era uma cidade prisioneira da estética coletivista que se tornara sua. Todas as percepções óticas deviam ser sombrias, monótonas, sem alma nem cor; um mundo fotografado em branco e preto, e muito granuloso.

Ali estava o Unter den Linden, o grande bulevar de passeio de Berlim, que conduzia ao Portão de Brandemburgo, ao Reichstag e à região dos bosques de Tiergarten. E quando cheguei à grande avenida, voltei meu olhar para o oeste. Como eu soube localizar o ponto cardinal? Porque o Muro interrompia brutalmente o traçado da avenida, com o Portão de Brandemburgo ao fundo. Também era possível distinguir ao longe o domo do Reichstag, há muito abandonado pela República Federal quando empreendeu sua reconstrução pós-guerra nos arredores tranquilos e funcionais de Bonn. Fiquei um bom tempo por ali, vistoriando o horizonte. Visto dali, o Muro dominava tudo. Nas ruelas do canto de Kreuzberg onde eu estava alojado, qualquer um podia chegar a pensar que o Muro era simplesmente o fim de uma ruazinha sem saída, um mero obstáculo ou o maior sinal de aviso de “Passagem Proibida” do mundo. Mas ali, no leste onde eu estava agora, neste mais cerimonial dos bulevares berlinenses, o Muro adquiria a categoria de obscenidade. Ao situá-lo diretamente ao fim da Unter den Linden, as autoridades da Alemanha Oriental queriam dizer aos seus cidadãos e para o resto do mundo: “Vamos nos amontoar aqui e o faremos por prazer. Agrada-nos alardear o extremismo desta medida e lembramos a todos que isto é um espaço fechado”.

Eu sempre desconfiara da habitual retórica anticomunista manifestada por Reagan e seus coleguinhas, da mesma forma que me encrespavam os nervos o lema “América: ame-a ou deixe-a” da autoproclamada maioria moral que aceitava sem mais nem menos todas as idiotices chauvinistas proferidas por qualquer dos conservadores ambiciosos que saíam à cena pública, desde o atroz Joe McCarthy em diante. Mas, quando eu me encontrei ali de pé, diante do Muro... Não é que experimentasse uma imediata conversão paulina, nem dissesse prontamente que iria votar a favor da reeleição de Reagan em novembro daquele ano. Talvez tivesse que procurar o núcleo da questão em meu medo às restrições e em ficar trancado numa vida que não desejava. Era assim que aquela

aberração me impactava, como um símbolo de confinamento e limitação. O Muro parecia dizer-me: “Vamos restringir sua liberdade. Nós exigiremos de você lealdade a uma doutrina e a um conjunto de normas sociais, e você não terá outra saída senão obedecer. Se decidir fazer parte da dissidência, se tentar fazer do seu sonho realidade por simplesmente se mover mais além das fronteiras com as quais lhe rodeamos, se você se atrever a publicar (ou somente expressar em voz alta) ideias contrárias à nossa doutrina, seremos implacáveis”.

Talvez o Muro fosse somente isso: uma tela branca sobre a qual se refletiam os medos e as contradições internas de cada um. Sem dúvida, haveria algumas pessoas dentro desse mundo que aceitariam o credo oficial de que o Muro somente existia para deter o avanço da perniciosa influência capitalista e imperialista. Talvez precisassem acreditar naquilo para tolerar as limitações que lhes impunham. Podia ser que alguns não sentissem saudades das liberdades de movimento e de expressão, e talvez outros estivessem convictos de que não tinham alternativa. Ainda assim, para este estrangeiro, para este ocidental, esse ponto de vista era o cúmulo do autoengano. No entanto, frequentemente, não enxergamos nossas vidas através de uma lente borrada que dissimula todas as verdades dolorosas que preferimos esconder? Mesmo quando dizemos que nosso ponto de vista é *o correto*, passamos por alto o fato de que se trata simplesmente *de nossa maneira* singular de considerar a vida e o mundo que nos rodeia. Tudo é subjetivo, incluindo a forma pela qual nós escolhemos olhar o Muro de Berlim.

Desci pela Unter den Linden bem ao lado da borda da barreira. Não havia guardas nem sentinelas nas torres. Pelo que eu havia lido, sabia que não era difícil subir o muro (media apenas uns cinco metros de altura), mas, uma vez do outro lado, o fugitivo em potencial se encontrava em uma terra de ninguém semeada de minas e patrulhada por cães de guarda. Quase ninguém conseguia atravessar esse terreno mortífero, porque a vigilância era muito intensa, e a distribuição das minas tinha sido feita de maneira extremamente densa. Também estava presente a conhecida política de “atirar para matar” dos guardas fronteiriços germano-orientais, que a aplicavam quando alguém não obedecia ao comando de voz de parar. Seguir correndo após ter sido descoberto naquela terra de ninguém era suicídio consumado. Ainda que a pena de prisão que costumava recair sobre os que tentavam fugir da RDA fosse de três anos, pela tentativa de “fugir da República” (mais a perda subsequente de todo privilégio de emprego ou moradia, o que resultava em uma vida ainda mais limitada e cinzenta), a vasta maioria dos potenciais fugitivos aceitava o inevitável quando eram surpreendidos na fuga. O número de tentativas de fuga havia caído de forma aguda nos últimos anos, desde que as autoridades haviam se tornado ainda mais implacáveis e cruéis no fechamento de todas as possíveis vias de escape. Que estranho seria aproximar-se dessa estrutura e vê-la como a parede da própria prisão, pensar, por exemplo, que a ideia de deixar tudo e ir embora à Paris por um ano, para escrever sobre a epopeia em verso que alguém sempre quis compor, estava fora de toda possibilidade! Que estranho seria viver em um país que tivesse levantado uma barreira ao seu redor como meio de reforçar a própria imobilidade!

Mas eu havia crescido com a ideia absurda de que o mundo inteiro era a minha arena e de que podia explorá-lo com total liberdade, desde que eu não me trancasse em mim mesmo. Isso era o

curioso da vida no Ocidente. Muitos daqueles que tiveram as oportunidades corretas, tanto socioeconômicas quanto educacionais, acabaram por escolher encerrar-se em vidas que não desejavam, reclamando da maneira como se viram presos e escravizados em dívidas, em financiamento de carros, no custo do colégio das crianças... Mas ali, bem, as ciladas e encerramentos que a vida nos traz tinham um significado bastante diferente do que na Berlim Oriental.

Dei a volta e passei as horas seguintes explorando a avenida que ia de Unter den Linden à Alexanderplatz. Um pouco mais além da Komische Oper, entrei por curiosidade em uma livraria grande e pouco abastecida chamada Karl Marx. Tinha, sobretudo, textos políticos já amarelados pelo tempo e edições da RDA de autores alemães orientais, como Heiner Müller ou Christa Wolf. Também havia uma pequena seção de literatura estrangeira traduzida para o alemão, mas as edições eram as oficiais da Alemanha do Leste e era evidente que as obras tinham superado a rigorosa censura pelas críticas que traziam ao sistema capitalista burguês em que haviam sido escritas: tudo de Dickens, *Madame Bovary* de Flaubert, *Uma tragédia americana* de Dreiser, *A letra escarlate* de Nathaniel Hawthorne, *Outro país* de James Baldwin, *Um sonho americano* de Norman Mailer e *O homem invisível* de Ralph Ellison.

Havia uma mulher bastante atraente sentada no balcão principal de informação da livraria. Aparentava ser da minha idade, uns vinte e cinco anos, e tinha o cabelo longo e negro, cuidadosamente penteado em tranças e preso ao alto da cabeça com um grande coque. Era magra e vestia um simples suéter preto, uma saia de veludo marrom mais curta do que o casaco e meias pretas. Apesar de sua figura delgada, eu me fixei de imediato na generosidade de seus seios, na agradável curvatura de seu quadril, na absoluta limpidez de sua pele perfeita, nos pequenos óculos de leitura pousados no meio do nariz, e que lhe conferiam um atraente ar intelectual, e na expressão de evidente seriedade de seus olhos. Ela estendeu a mão para pegar um maço de cigarros que supus serem de fabricação local. Era da marca f6 e o maço bem parecia uma reminiscência da Segunda Guerra Mundial. Enquanto tirava um, vi que não tinha filtro e que o tabaco parecia solto e desfiado.

— Quer provar um Marlboro? — me surpreendi perguntando-lhe.

Ela levantou o olhar para mim, assombrada pela pergunta e porque eu lhe falara em alemão. Eu me dei conta de que ela estava me estudando. Antes de cruzar a fronteira, havia passado pela lojinha da esquina do café Istanbul e havia comprado três maços de Marlboro com a ideia de que, quem sabe, me fossem muito úteis do “outro lado”. Notei que a moça se fixava na minha japona de couro, nas botas pretas inglesas e no cachecol que estava no meu pescoço e que de imediato me classificava como *Ausländer*, um estrangeiro. Depois vi que seu olhar percorria rapidamente o local para ver se havia alguém mais. Não havia ninguém, e assim sendo, fez um gesto de assentimento e sussurrou:

— Por que me ofereceu um cigarro? — perguntou a moça.

— Porque eu quero — respondi.

Eu me aproximei e lhe estendi o maço. Uma vez mais, olhou nervosamente os espaços entre as estantes e inclusive para a rua a fim de ver se havia alguém espiando através da vitrine. Não havia

ninguém. Ela estendeu a mão e tirou um cigarro do maço. Depois procurou uma caixa de fósforos, acendeu um e aproximou primeiro a chama para seu Marlboro, e depois para o que eu tinha entre os lábios. Deu uma tragada longa e profunda, e um sorriso pequeníssimo se formou em sua boca. Exalando a fumaça, ela me perguntou:

— Deixe-me ver se eu consigo adivinhar. Você andou pensando que a forma de se conectar com uma moça na Berlim Oriental era brincar de soldado aliado em 1945 e mostrar-se aqui com cigarros americanos. Por isso, esta manhã, antes de passar para este lado...

— Como você sabe quando eu cheguei? — perguntei.

— Porque todos chegam pela manhã e vão embora antes da meia-noite. Assim funciona o sistema. A menos que tenha vindo em visita oficial, claro. Mas, neste caso, você não estaria aqui, tentando me fazer abrir as pernas por pura gratidão por me oferecer e deixar fumar um dos seus cigarros americanos — disse a moça.

— O que lhe faz pensar que tenho segundas intenções?

— Você é um homem. Sempre há segundas intenções. Além do mais, é americano e, portanto, um instrumento do imperialismo ocidental para a exploração do povo.

Ela proferiu essa última parte de seu comentário com tão deliciosa ironia que me cativou ainda mais. A jovem notou e acrescentou:

— Ah, pela sua expressão vejo que se assusta que uma comunista tenha senso de humor! — disse ela.

— Você é comunista?

— Bem, eu vivo aqui, assim sendo, sou o que o sistema me diga que eu deva ser, porque desse modo posso trabalhar em uma livraria boa como esta, na capital, e viver num pequeno apartamento muito agradável em Mitte, que certamente você gostaria de ver — disse a moça.

— Isso é um convite? — perguntei.

— Não, somente um comentário na sequência das suas “segundas intenções” (você as chamou assim, não?) que abriga essa sua mente americana.

— Como você está tão certa assim de que eu sou americano?

— Ah! Por favor! É evidente. Mas você fala alemão muito bem, o que é uma surpresa — disse ela.

— Eu me chamo Thomas.

— Bem, não importa como eu me chamo, porque meu chefe, Herr Kreplin, voltará do almoço em menos de quinze minutos e se ele me vir falando com você...

— Entendo. Existe alguma possibilidade de nos vermos mais tarde?

— Onde? Em um café em meu bairro, onde todos verão que estou sentada com um americano? Ou quem sabe, no meu apartamento? É isso que você gostaria?

— Sim. Para dizer a verdade, sim, eu gostaria — respondi.

A forma como manifestei diretamente a minha resposta a fez parar um momento para pensar.

Uma vez mais, deu uma olhada rápida em direção à rua pela vidraça.

— Talvez eu também gostasse, mas não acho que meu namorado aprovaria. Não que ele mereça muito a minha fidelidade, mas o ruim de qualquer coisa que vá além de uma conversa informal nesta livraria é a possibilidade de que as autoridades saibam. Se eles ficam sabendo que eu fui vista em um bar com um estrangeiro (com um americano!), ou que tive o atrevimento de convidá-lo para meu apartamento (e, acredite-me, não faltará quem nos veja e vá informá-los), então eu ficarei sem o meu ótimo trabalho em uma das melhores livrarias de Berlim. E tudo isso por me deixar seduzir em troca de um Marlboro.

Deu outra profunda tragada.

— Contudo, é um cigarro muito bom — acrescentou ela.

— Fique com o maço — repliquei, colocando-o em sua mão.

Nesse momento, ela apoiou sua mão na minha mão e me disse:

— Você tem que ir embora. Vá agora mesmo, porque se Herr Kreplin me descobre aqui com você...

— Sem nenhum problema. Mas, por favor, diga-me o seu nome.

— Angela — respondeu a moça.

— Muito prazer em conhecê-la, Angela.

— Muito prazer em conhecê-lo, Thomas. E eu não lhe direi “até breve”, porque...

— É uma pena.

— Não — disse Angela, com uma voz que de repente se tornou áspera. — É uma realidade. E agora... *Auf Wiedersehen*.

Eu me despedi dela e fui embora. Quando me virei para olhar, vi que Angela guardava rapidamente o maço de Marlboro na bolsa com a ansiedade estampada no rosto. Um cinquentão com maleta de vinil e casaco cinza de plástico vinha em minha direção. Usava óculos de fundo de garrafa. Enquanto nos aproximávamos, me olhava com clara desconfiança. Depois que nós nos cruzamos, me virei e vi que entrava na Karl Marx Buchhandlung. Será que era Herr Kreplin? Se fosse ele mesmo, Angela tinha feito bem em pedir que eu me retirasse tão prontamente. O homem tinha todo o aspecto de um funcionário do regime, de um informante.

Como diabos você pode deduzir algo assim a partir de uma só olhada rápida na rua? Porque Angela havia dito que ele não aprovaria sua conversa com um americano e, portanto...

Todos nós fazíamos esse tipo de suposições, ou não? Sobretudo quando a delicada *realpolitik* da divisão entre o leste e o oeste aumentava a tensão. E é certo que eu experimentava uma estimulante tensão enquanto caminhava pelas ruas da Berlim Oriental: a tensão de encontrar-me em um lugar proibidíssimo, onde a corrente subterrânea da paranoia própria do Estado policial era tangível. Berlim Oriental era o monstro de todos os pesadelos da Guerra Fria.

Dirigi-me ao norte pela sucessão de edifícios habsburguanos, antes ornamentados, que abrigavam a Universidade de Humboldt. Aproximei-me da entrada principal pensando que talvez

fosse interessante entrar, tentar bater um papo com os estudantes de uma universidade do bloco do Leste e talvez inclusive tomar umas cervejas em uma *Stube* da região com algumas pessoas que conhecesse. Porém, quando fui chegando cada vez mais perto da porta, vi que um guarda uniformizado pedia a documentação a todos os que entravam no edifício. Olhou para mim e, por sua expressão, compreendi que havia me catalogado imediatamente como ocidental e que estava se perguntando por que razão me dirigia para a entrada de uma universidade da Alemanha Oriental. Sorri, esperando que minha expressão lhe transmitisse a ideia de que eu mesmo me considerava um turista idiota, perdido em um lugar equivocado. Dei meia-volta rapidamente e me pus a caminho outra vez para Unter den Linden.

Eu me encontrava em uma área que evidentemente não havia sido arrasada pelos bombardeios aliados que tinham devastado Berlim. O setor ocidental da cidade, em contrapartida, havia sido destruído mais além de uma possível reparação. Os escassos edifícios antigos que se conservavam no oeste (as elegantes propriedades em torno da Savignyplatz e uns poucos hotéis do fim do século passado) eram comparáveis aos dois passageiros de um Jumbo que saem com vida quando o resto dos passageiros tinha morrido. A destruição havia sido tão exaustiva, tinha arrasado tanto, que se conservava muito pouco do passado. Talvez fosse essa uma das ironias mais estranhas da divisão da cidade no pós-guerra. As potências ocidentais tinham recebido os bairros mais destruídos e, em colaboração com a nova República Federal emergente, haviam reconstruído a cidade em uma desordenada mescla de estilos modernos que irradiava uma energia pouco convencional. O setor oriental também tinha sofrido terríveis bombardeios, mas muitos de seus distritos haviam ficado relativamente intactos e quase todos os grandes edifícios cerimoniais que conduziam à Alexanderplatz tinham conseguido sobreviver. O problema era que aquele país não dispunha de fundos necessários para restaurá-los e devolver-lhes a seu passado de esplendor, e a estética comunista dominante era brutal e se baseava no uso massivo de concreto armado.

Assim, após a deteriorada magnificência da Universidade Humboldt e da Ópera Estatal e depois da extraordinária visão do Berliner Dom (essa vasta variação da catedral de São Paulo, com a cúpula negra carbonizada como um mudo testemunho das realidades históricas), cheguei a um edifício público construído pela República Democrática da Alemanha, talvez o mais horrendo que havia visto até então. Era uma larga e achatada caixa de concreto estendida sobre vários quarteirões, de linhas angulosas e bruscas, cujos blocos de cor cinza apresentavam um desagradável acabamento de pedra projetada. Era um monumento cívico profundamente estalinista, a manifestação mais patente do modo pelo qual a hierarquia desse país via o mundo. Era o *Palast der Republik*, a sede do Parlamento e o centro nevrálgico administrativo do Partido Socialista dos Trabalhadores, que sempre ganhava as eleições legislativas arranjadas com noventa por cento dos votos. Esteticamente, o Palácio da República refletia a barbárie visual do Muro e parecia dizer aos transeuntes: “Nesta República Popular ninguém acredita no poder redentor da beleza. Temos somente esta visão crua da vida, que é dura, cruel e desagradável”.

Um pouco mais à frente, pela Unter den Linden, o bulevar desembocava em uma das localizações geográficas mais importantes da literatura alemã do século XX: Alexanderplatz, onde

Alfred Döblin ambientou seu famoso romance *Berlim Alexanderplatz*, de 1929. A obra não somente pinta um vasto retrato da vida no autêntico centro físico de Berlim, mas também se mantém ainda hoje como um dos principais romances surgidos durante a República de Weimar, aquela idade de ouro alemã entre as duas guerras mundiais, quando o país experimentou uma revolução criativa e se afixou como o grande inovador artístico de sua época. Muito do que germinou durante a República de Weimar (as colaborações entre Brecht e Weil, os densos *Bildungsromans* de Thomas Mann ou os visionários longas-metragens da primeira época de Fritz Lang) era extremamente vanguardista e em grande parte chegou a redefinir a paisagem artística mundial. A chegada do nazismo no fim dos anos 1920 foi a pesada bota que amassou esse breve e fugaz intervalo da enlouquecida liberdade criativa e do relaxamento dos costumes. Pelas fotografias que eu tinha visto, sabia que Alexanderplatz havia sido em grande parte arrasada durante a última guerra, e que o governo da Alemanha Oriental tinha decidido levantar uma estrutura emblemática (uma altíssima torre de televisão) no epicentro dos bombardeios. Mas não estava preparado para ver a transformação de toda a área em um gueto de edifícios altos: desfiladeiros de concreto, tristes blocos de moradias e locais comerciais desertos. Não havia cor, nem vegetação, nem a menor faísca de nada que fizesse dessa paisagem um lugar tolerável e habitável.

Eu me enfiei em um café bem em frente à parada de ônibus elétricos da Alexanderplatz. Todas as superfícies eram de linóleo, um tecido impermeável, e estavam iluminadas com tubos fluorescentes; tinham um aspecto engordurado e exalavam um cheiro de couve-de-bruxelas e repolho sendo cozidos. Eu me sentei a uma das mesas. Uma mulher apenas, de grande quadril e cara redonda, com bobes no cabelo, atendia no balcão.

— *Ja?* — me perguntou sem vontade.

— Um café, por favor — disse eu.

Enquanto eu esperava, tirei o bloco de anotações e comecei a escrever tudo o que havia me acontecido desde que havia cruzado o Checkpoint Charlie. Também tirei um cigarro do meu maço de Marlboro e o acendi.

— Me dá um? — disse uma voz que vinha de um canto do café.

Levantei a cabeça e vi um sujeito mais ou menos da minha idade. Tinha a tez escura e o cabelo preto cortado bem rente à cabeça, vestia um casaco marrom de couro gasto e umas calças *jeans* bem desbotadas, em que era possível adivinhar que um dia tinham sido azuis por algumas riscas que ainda sobravam no tecido. Diante dele, em sua mesa, havia uma xícara de café e um maço de cigarros f6.

— Sim. Pegue. Fique à vontade — disse eu, enquanto lhe lançava o maço.

Ele o pegou no voo, tirou um cigarro e acendeu em seguida.

— Em Luanda nós podemos comprar Marlboro — disse em um bom alemão, embora com bastante sotaque (como eu).

— Você é angolano? — perguntei.

— Isso mesmo. Como assim? Você já ouviu falar de Luanda? Já estive lá? — perguntou o

rapaz.

— Ainda não. Mas eu gosto de estudar mapas. E o que você faz aqui, em Berlim Oriental?

— Passa o dia sentado neste café e importuna as pessoas, como sempre.

Essa havia sido a voz da mulher que estava no balcão, enquanto me trazia o café. Em seguida, acrescentou:

— Eu sempre lhe digo que não quero ver gente como ele por aqui, mas ele continua vindo.

— O rapaz não está me importunando — repliquei. — E terá que me explicar a que se refere quando diz que não quer “gente como ele”.

A mulher me olhou com expressão irascível e colocou bruscamente o café sobre a minha mesa, o que fez que uma parte dele se derramasse sobre o pires.

— Trinta *pfennigs* — ela disse.

— Quer um cigarro? — perguntei, estendendo o maço de Marlboro.

Ela pegou um no mesmo instante e se enfiou com rapidez na cozinha, por detrás do balcão.

— Ela me odeia — disse o sujeito.

— Eu diria que ela odeia todo mundo — disse eu.

— Nisso, você não está errado — disse ele. — Posso?

Assinalou com um gesto a cadeira que tinha a meu lado.

— Sim, claro.

Então, eu cometi o erro de dar um gole no café. Tinha a cor de urina escura e o sabor estava em consonância com o aspecto.

— Você é americano? — me perguntou o rapaz.

— Sim — respondi.

— Você veio com o visto de um dia?

— Isso mesmo.

— Berlim Ocidental deve ser legal...

— Nunca estive lá? — perguntei.

— Não me permitem — respondeu o rapaz.

— Como não? Se não é alemão oriental...

— É uma das condições da minha bolsa de estudos. Não me deixam sair do país, exceto para voltar para Luanda. E como meus estudos são de três anos...

— O que você está estudando?

— Engenharia química.

— E o curso é bom por aqui?

— Os professores sabem o que falam — respondeu o rapaz. — O resto dos estudantes... Não tenho amigos, exceto outros dois angolanos. Antes de vir para cá, eles me haviam dito que as pessoas da República Democrática da Alemanha adoravam os africanos dos “países socialistas irmãos”. Que

“as mulheres se jogam em cima de vocês”, isso que haviam me dito. O certo é que eu vim e todo mundo age como se eu não existisse. Eu gostaria de voltar para Luanda, mas meu pai me disse que sua posição no partido angolano sofreria bastante se eu abandonasse tudo agora.

Tudo isso ele me disse em voz baixa, enquanto a mulher, que tinha voltado a surgir da cozinha, nos olhava com o semblante franzido desde o balcão, tentando ouvir o que nós dizíamos. A razão pela qual o angolano havia decidido me transmitir toda essa informação de maneira tão repentina e com tanta liberdade era evidente. Era a mesma de quando um companheiro de voo nos conta seus mais obscuros segredos e nos damos conta de que a pessoa em questão tem uma necessidade diligente de expressar o que continuamente a atormenta, e de que sabe que estamos fora do seu círculo de contatos e não temos influência nem poder algum sobre sua vida.

— Posso...? — perguntou, apontando o maço de cigarros.

— Vamos lá. Vá em frente. Fique com eles, se quiser — disse eu.

Ele pareceu autenticamente surpreso.

— Mesmo?

— Claro — respondi.

A mulher do balcão voltou a ficar de cara feia.

— Ela irá contar para alguém. Eu moro aqui em frente. Venho com frequência, embora o café seja uma merda. Porém, é o único lugar nos arredores onde se pode sentar e tomar uma xícara de café. Agora ela irá me denunciar por falar com um estrangeiro. Se tiver sorte, é possível que me deportem.

Ele se levantou, guardou o maço de cigarros no bolso.

— Obrigado pelo maço de Marlboro — disse o rapaz.

E foi embora.

E quando ele já havia saído, voltei para as minhas anotações e deixei que o horroroso café esfriasse enquanto dava uma olhada de vez em quando para a mulher do balcão. Estava sentada em um banco, ao lado da geladeira, fumando e olhando com olhos vazios as placas amareladas e cheias de mofo do teto rebaixado. Tinha as pálpebras pesadas e o rosto de alguém extenuado, como se fosse a expressão visual de uma palavra em alemão: *Weltschmerz*, cujo significado literal é de alguém cansado da vida. Pensei que eu teria gostado de conhecer suas preocupações. E assim, lhe perguntei:

— Teve um dia difícil?

Embora fosse evidente que ela tinha me ouvido, não desviou o olhar das placas do teto e sua resposta não passou de um mero encolhimento de ombros. Peguei minhas coisas e com um simples “*Auf Wiedersehen*”, me dirigi para a porta.

— Poderia me dar outro cigarro? — perguntou-me a mulher.

Eu me aproximei e lhe pus na mão meu último maço de Marlboro.

— Fique com eles — disse eu.

— Não precisa, não — respondeu ela, enquanto me devolvia o maço. — Só um cigarro. Nada

mais.

Abri o maço e ela tirou um só Marlboro, com uma pequena inclinação de cabeça como que demonstrando agradecimento. Depois colocou o cigarro atrás da orelha e voltou a fixar o olhar nas placas do teto. A interação havia terminado. Eu tinha que ir embora.

Passei grande parte do resto da tarde percorrendo dois distritos: Mitte e Prenzlauer Berg, verdadeiros bairros com uma interessante tradição arquitetônica. As bombas aliadas também haviam respeitado muito de seus edifícios. Quase quatro décadas de indiferença municipal no tocante à manutenção haviam deixado em um estado lamentável a maioria dos edifícios, casas e prédios de apartamentos que havia sido construídas no século XIX. Diferentemente do que acontecia com os anônimos edifícios estalinistas que definiam Alexanderplatz e seus arredores, ali se conservava uma sensação de vida cotidiana, sem a presença opressiva do Estado. Era verdade que tudo precisava de uma demão de pintura e que a falta de mercadorias à venda nos escassos comércios era assombrosa. Mas em Kollwitzplatz, no coração de Prenzlauer Berg, havia um pequeno parque, com brinquedos infantis, onde as mães balançavam as crianças ou se sentavam com elas nos bancos para fumar ou conversar. Não importava que sua roupa fosse cinza como a paisagem urbana, nem que os brinquedos do parque fossem, na melhor das hipóteses, austeros. Tampouco importava a existência de um gigantesco cartaz afixado na lateral do edifício vizinho, exortando as pessoas a trabalhar pelo plano quinquenal, exibindo ainda o retrato no mais puro estilo realista socialista do homem que havia muito tempo continuava sendo o chefe de Estado: Erich Honecker, uma figura com óculos grossos de armação preta, cabelos brancos sem vida e expressão vazia que fazia lembrar um implacável inspetor da Fazenda.

Não, o que importava naquela praça era que havia crianças correndo e mães conversando entre si. O ambiente me fez recordar que, muito além das cruas realidades superficiais de Berlim Oriental, a tranquilizadora corrente subterrânea da vida ainda palpitava na cidade. Havia comida para preparar, camas a fazer, crianças para levar à escola e trabalhos para cumprir. Havia coisas como a viagem da casa até o trabalho, o jantar pela noite, o livro, a televisão ou talvez inclusive um espetáculo na rua (um filme, uma peça de teatro ou um concerto) para passar a noite e depois a volta para a cama, e quem sabe, os prazeres (ou para alguns o tormento) do sexo, seguidos de sonhos que cada um pudesse conciliar, profundo ou difícil e entrecortado. O acúmulo de dias como esses (com as rotinas das quais poucas vezes nos afastamos) constitui para a maioria de nós a via geral de nossa vida consciente. A felicidade do casal, ou a infelicidade no casamento, a profissão que inspira ou o trabalho que embrutece, a relação íntima transcendente ou a relação prosaica ou inexistente... Todos os prazeres e dilemas, o espectro completo da experiência humana, se manifestam nas paisagens sociais, estejam ou não rodeados por um muro.

Quando começara a cair a noite, encontrei um pequeno restaurante de aspecto deprimente ao lado de Kollwitzplatz que, da mesma forma que o café onde havia estado antes, era todo linóleo e tinha tubos fluorescentes. Em todas as partes cheirava a repolho ou couve-de-bruxelas sendo cozidos. Bebi uns copinhos de vodka polonesa (muito agradável) e pedi um filé empanado, que mostrou ser insípido e excessivamente espesso na maneira do empanar. Eu o reguei com duas garrafas de cerveja

local, bem aceitável, que combinada com as vodcas anteriores fez germinar em mim uma agradável sensação de euforia. O custo total da bebida e da má comida foi de um marco e cinquenta *pfennigs*. Olhei para o relógio. Já eram quase oito horas. Voltei para Prenzlauer Allee e peguei um bonde até Alexanderplatz, onde fiz a baldeação com o U-Bahn que tinha estação em Stadmitte. Se a cidade houvesse ficado unificada, a estação seguinte seria Kochstrasse. Mas a rede do metrô de Berlim Oriental morria abruptamente em Stadmitte. Não tinha alternativa a não ser sair outra vez à rua, a Friedrichstrasse, a mesma que antes. Uma vez mais me voltei para o oeste e vi as barreiras de Checkpoint Charlie a escassa distância. Pensei em ir para algum outro lugar, mas a essa hora na Berlim Oriental tudo parecia estar trancado e enclausurado pelo resto da noite. Eu sabia que, em breve, retornaria para lá e que iria à ópera, ou para ver uma peça de teatro no Berliner Ensemble ou para procurar, quem sabe, algum boteco com *jazz* ao vivo onde pudesse penetrar um pouco mais na inacessibilidade da cidade. Mas, com a forte nevasca que estava caindo (e sem nenhum lugar para onde ir deste lado do Muro), segui andando na direção oeste, a caminho do posto fronteiriço. Quando cheguei lá, me sentia congelando e percebi que era a única pessoa na fronteira. Um guarda saiu do pequeno posto situado ao lado da barreira e a levantou para me deixar passar para a zona da aduana. Mesmo naquela noite de vento e neve, vi três guardas armados até os dentes, de pé ao ar gelado, que me olhavam atentamente enquanto me dirigia até o controle de passaportes.

Dentro da cabine, entreguei minha documentação ao oficial uniformizado.

— Leva alguma mercadoria ilegal? — perguntou ele.

“Pareço tão idiota assim?”, estive a ponto de perguntar-lhe. Mas, em vez disso, neguei com a cabeça e disse:

— Não, senhor — respondi.

— Não comprou nada? — perguntou o oficial.

E tem alguma coisa para comprar aqui?, pensei.

— Não, senhor.

Ele estudou a minha expressão, tentando verificar se eu dava mostras de nervosismo ou ansiedade. Eu só tinha frio. Então, colocando tinta no carimbo, o estampou no meu passaporte. Ele o devolveu para mim e disse-me:

— *Auf Wiedersehen*.

Eu o cumprimentei com uma inclinação de cabeça e, com o passaporte ainda na mão, passei os dois últimos postos de controle antes de chegar a uma grande barreira que se estendia diante do “setor americano”. Uma vez ali, observei que havia três oficiais de guarda: um para efetuar o último controle do meu visto de saída e abrir a barreira, e os outros dois (supus) para vigiar seu colega enquanto este me deixava passar. Era assim que evitavam a fuga pela fronteira... Ou seja, com os mesmos guardas que deviam vigiá-la? Estavam todos, de alguma maneira, vigiando-se mutuamente e assegurando que dessa forma nenhum fugitivo escapasse?

Quem sabe o guarda estivesse lendo o meu pensamento. Entregou-me o passaporte e com a voz rouca e hostil, me disse:

— Pode ir.

Depois, abriu a barreira e me indicou com um gesto que eu caminhasse.

Voltei para o Ocidente. Quando cheguei à entrada do U-Bahn, eu me virei para ver o Checkpoint Charlie. Mas ele também já havia se desvanecido. A neve havia purificado tudo, como sempre faz, apagando o que preferimos não ver.

Seis

Fitzsimons-Ross estava trabalhando quando passei pela porta. Ele tinha um pincel na mão e estava aplicando vigorosamente uma camada de azul de fundo sobre uma tela em branco. Estava ouvindo uma espécie de *free jazz* no aparelho de som estéreo, algo tão cacofônico quanto descontroladamente animado. E ele realmente parecia ser membro de alguma tribo tuaregue, uma vez que estava com meio corpo coberto de tinta azul-marinho. Mas assistir a ele mergulhando e balançando com esse *jazz* completo, empunhando o pincel com tal fluidez, com tanta técnica e conhecimento, me deixou maravilhado com sua sensação de imersão total, o prazer, a liberação, o consolo de se ver perdido numa tela e ser realmente capaz de controlar a trajetória de algo. Esse é o grande consolo que espreita por trás de toda arte: o fato de que, durante o ato de criação, você tem poder sobre as coisas. Uma vez que a pintura está nas mãos do proprietário da galeria de arte, ou o seu manuscrito com seu editor, você já não é dono nem da tela nem do manuscrito, tampouco tem poder e domínio sobre o destino que sua obra terá. Mas quando você está trabalhando nela, ela ainda é toda sua. Você a possui, é dono dela. De vez em quando há um aqui e agora no mundo do trabalho criativo, como o que eu estava presenciando. Uma mudança estranha ocorre em seu cérebro, e você deixa de pensar, de imaginar ou de cogitar sobre o que acontece em seguida. Passa a estar simplesmente fazendo. O trabalho toma conta de você, assume o controle. E agora você se encontra tão imerso no epicentro, tão absorto em sua trajetória, que quase se sente possuído por essa força que está lhe empurrando para a frente.

Observando a maneira como Fitzsimons-Ross agora atacava a tela, tudo que eu conseguia pensar era: *É isso. O momento. A forma mais desenfreada de romance que se pode imaginar. É um puro e louco amor.*

Arrastei-me lá para cima, não querendo perturbar o fluxo de seu trabalho. Assim que entrei em meu quarto, eu vi um pedaço de papel deixado em cima de minha mesa, no qual havia sido rabiscado: “Estive no Café Istambul esta tarde e Sua Eminência Omar disse que a secretária de Herr Wellmann ligou para você hoje. Ela pede que você ligue para ela de volta”.

E abaixo deste foi rabiscado o nome de Alastair.

A música tocava no térreo. Embora estivesse profundamente cansado depois do meu longo dia no outro lado, eu sabia que pedir a Fitzsimons-Ross para baixar o volume seria o mesmo que matar o momento. Então, abri uma garrafa de vinho e meu caderno de anotações e passei o restante da noite sobre o papel. A música foi desligada por volta das quatro da manhã. Ainda acordado, vaguei lá para baixo. Fitzsimons-Ross estava sentado na mesa da cozinha, uma garrafa de vodca e um copo sobre a mesa, e parecia desgastado, um pouco tonto, e tão coberto de tinta que era como se tivesse estado na linha de fogo de Jackson Pollock. Ele estava acendendo um Gauloises e reabastecendo seu copo. Dei uma olhada para a tela na qual estivera trabalhando. As nítidas linhas de seus quadrados e retângulos, e que tão bem caracterizavam as telas anteriores, de repente estavam borradas nas bordas. O efeito

era instantaneamente hipnótico, como se o seu mundo rigidamente geométrico estivesse se tornando menos distinto, progressivamente mais nervoso. O azul que permeava o fundo já não era mais aquela sombra azul brilhante ou aquele vago azul-celeste que lembrava Santorini em meio a uma manhã quente de verão. Ao contrário, esse azul era mais escurecido, mais problemático, mais inclemente em seu cromatismo. Um azul que refletia uma visão de mundo mais perto de Berlim do que da Grécia, embora, a menos que quisesse me sujeitar a receber uma torrente de xingamentos, eu não ousaria fazer essa observação em voz alta na presença de Fitzsimons-Ross. De qualquer forma, foi ele quem começou a conversa, olhando por cima de sua vodka com olhos que, apesar do fim de noite, daquela sensação de peso pós-trabalho-maratona, ainda mostravam uma estranha e concentrada incandescência, um brilho que só esmaecia depois que ele desse a si mesmo o primeiro de seus dois picos diários:

— Não vi você chegar...

— Você estava muito ocupado — respondi.

— Você não me disse para desligar a música.

— Eu não queria perturbá-lo. Você parecia bastante envolvido.

— Então você estava me espionando — retrucou ele.

— Muito boa, aquela tela...

— Não é uma “tela”, é uma “pintura”, caralho.

— Ainda assim, gostei.

Recebi como resposta um encolher de ombros de Fitzsimons-Ross. Então ele pegou um objeto da prateleira atrás dele.

— Comecei a ler este lixo...

Ele atirou o objeto em minha direção. Era o meu livro sobre o Egito.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei.

— Na verdade, eu *comprei* um exemplar.

— Sério? — perguntei.

— Não fique tão surpreso, porra. Há uma livraria que vende livros em inglês não muito longe do Café Paris em Kantstrasse. E, *voilà*, Thomas Nesbitt no Egito!

— Fiquei feliz...

— Isso não significa que eu tenha gostado do livro.

— E não gostou? — perguntei.

— Na verdade, achei até que está benfeito para um primeiro livro, e isso vindo de mim não é pouca coisa. Você é talentoso. Você é um observador de primeira linha...

— Eu ouvi um “mas” chegando... — comentei.

— Esse “mas” não é uma crítica, em vez disso, uma observação.

— E qual é?

— Eu acho — disse ele — que você não foi fodido o suficiente pela vida. Pode ser que ache que sim... Os pais infelizes no casamento, um ou dois relacionamentos que não deram em nada, principalmente porque você não conseguia se comprometer e...

— Eu nunca disse isso! — interrompi.

— Nem precisa, Tommy-Boy. Isso está tatuado na porra da sua testa. *Oh, por favor, me ame... Oh, por favor, não me pressione...*

— Isso não é justo — disse eu, pensando: *Como é que esse cara conseguiu me ler tão bem assim?*

— Pode ser que não seja, mas é assim que é. Acertei na mosca. E como pude ser tão preciso assim? Porque eu fui cortado nesse mesmo tecido insensível, garoto. Você precisa se permitir ser ferido, criança. Isso vai levar você para longe dessa sua perspicácia, da qual você tem muita agora, e jogá-lo para os reinos mais sombrios. Mas não se fie muito na minha palavra, eu dependo da heroína, na base de duas doses por dia, para nivelar o campo do jogo em que opero...

— Você nunca se apaixonou?

— Repetidamente...

— Não — repliquei —, estou falando sério.

Ele apontou para a garrafa de vodca e para a cadeira vazia na mesa de sua cozinha. Fui até um armário e peguei um copo d'água, em seguida me juntei a ele. Meu locatário serviu-me uma dose e empurrou o maço de cigarros para mim.

— De verdade? — disse depois, repetindo a palavra em uma versão falsa do meu sotaque. — Se eu fiquei apaixonado de verdade?

— Essa foi a pergunta.

Ele engoliu sua bebida de um só gole e serviu-se de outra dose.

— Os fatos. Eu pensei que tinha encontrado a pessoa com quem eu queria passar o resto da minha vida. O proprietário de uma galeria em Londres. Não é o dono de *minha* galeria. Eu nunca misturo esses dois mundos. Não, Frederick tinha suas instalações em outro lugar e ele ficou bem longe de minhas preocupações comerciais. Era vinte e seis anos mais velho do que eu, para começar. Antigo aluno de Harrovian, Oxbridge, muito chique, muito aristocrata. Tudo o que eu odeio, e secretamente admiro, sobre os ingleses do caralho. Sendo o herdeiro de uma família bastante conhecida, ele manteve sua bichice fora da vista. Casou-se com alguma infeliz e bastante estúpida aristocrata, que, é claro, era loira e se chamava Amanda. Foi esfolado vivo legalmente quando ela descobriu o seu “pequeno segredo sujo”. Nessa época eu tinha entrado em sua vida. Quando eu o conheci, Frederick estava preso entre o desejo de viver a vida que ele queria e a necessidade de viver a que tinha dito a si mesmo que deveria. “Deve manter as aparências, meu velho”, e todas essas banalidades no estilo Terence Rattigan.

— Mas então — continuou — eu entrei na vida dele e ele na minha. E ele parecia tanto ser o cara certo. Em cada maldito aspecto. Eu tinha encontrado minha alma gêmea, por assim dizer, e ele a dele. Depois de algumas semanas, *shazam*. Ele decidiu deixar a casa da família e viver comigo. Eu

— tinha um estúdio em Hackney — terrível lugar, mas barato. Frederick, sendo Frederick, nos encontrou um apartamento em Mayfair. Pequeno, mas maravilhoso. Montamos a casa juntos. Nós fomos vistos juntos em público, e muito como um casal. E isso foi há sete anos, quando as coisas eram muito mais enrustidas. Frederick pagou muito caro, tanto financeira quanto socialmente, para ficar comigo e não se preocupar em esconder isso. “Por que eu deveria esconder o fato de que, pela primeira vez na minha vida, estou feliz?”, ele me disse um dia antes de morrer. E isso veio de um homem que, mesmo comigo no início, era tão malditamente fechado sobre suas emoções.

— Como ele morreu? — perguntei.

— De forma limpa. Foi do coração, sentado à sua mesa na galeria. Ele estava no meio de um telefonema quando... *Puf!* Seu coração simplesmente desistiu. Uma vida inteira de cigarros e carne vermelha e repleta de todas as complexidades contra as quais ele lutou. Tudo isso fez seu coração simplesmente desistir de funcionar. Ele tinha apenas cinquenta e três anos, e nós estivemos juntos por apenas oito meses. Oito sublimes meses. Deus sabe que Frederick tinha o seu lado bem mal-humorado. E *moi...* Bem, eu sinto que você já sabe que não sou o homem mais equilibrado e mais simples que já andou sobre este planeta. Mas como eu posso colocar isso? Naqueles meses juntos, eu acordava todas as manhãs pensando: *Estou com Frederick e essa maldita vida é maravilhosa*. Foi a primeira e última vez que eu abracei uma visão tão absurdamente positiva das coisas. A morte de Frederick matou isso. Matou-a permanentemente.

— Não tenha tanta certeza disso.

— Ah, eu tenho, certamente tenho. Sei muito bem também a verdade das coisas, eu já tive meu momento sob o sol, e agora...

— Ele pode não ter sido o último amor de sua vida — disse eu.

— Lá vai você de novo com seu lado Pollyanna — retrucou ele. — Essa parte da minha vida está realmente morta e enterrada. Eu não pretendo continuar indo para aquele lugar novamente. E estou feliz por ter um acordo como o que eu tenho com Mehmet — três vezes por semana, sem laços, sem vínculos que venham a unir nós dois.

— Enquanto isso — comentei —, suas pinturas estão ficando cada vez mais escuras.

— Possivelmente porque eu me reconciliei com a minha condição geral. Eu tenho o meu trabalho. Eu tenho um amante que significa pouco para mim além do aspecto prático da coisa. Vendo apenas o suficiente de minhas obras a cada ano para conseguir dinheiro suficiente e sustentar meus vícios. E, graças ao seu dinheiro todos os meses, agora consegui superar as violentas ameaças daquele impostor de meu senhorio. Então, até que é uma vida bastante razoável... Para um viciado...

Ele apagou o cigarro, dizendo:

— Por falar nisso... Já passou um pouco da sua hora de dormir, minha criança. Como você bem sabe, para poder dormir preciso tomar meu “remédio”. E já que eu imagino que você seja um pouco... Digamos... Enjoado com agulhas, sua bicha...

— Não precisa dizer mais nada — disse eu, subindo as escadas.

Dormi até o meio-dia e acordei com os sons reveladores de Fitzsimons-Ross e Mehmet

fazendo amor. Liguei o rádio em um volume bem alto para bloquear a sua trilha sonora. Depois de fazer café da manhã e tomar banho, eu esperei até que ouvi a batida da porta do andar de baixo anunciando a partida de Mehmet. Então me aventurei escada abaixo. Como sempre, após seu encontro com Mehmet, Fitzsimons-Ross ou estava misturando as tintas, ou esticando as telas ou desenhando, o que ele chamava de “um trabalho preparatório que também era uma ideia que eu tinha em mente”. Quando desci naquela manhã, com a intenção de ir até o Café Istambul e pegar o telefone mais próximo, ele olhou para mim com desconfiança considerável e que também trazia consigo uma pitada de vergonha.

— Acho que fui atingido por um ataque de tagarelice na noite passada — disse ele, levantando os olhos de uma bandeja de pintura em que ele tinha feito a mistura de cores.

— Sério? Eu não tinha notado — respondi.

— Falar sobre si mesmo... É uma coisa tão tediosa. E tão americana...

— E tão irlandesa... Quer que eu lhe traga alguma coisa? — perguntei.

— Dois maços de Gauloises e outro litro de Stolichnaya — respondeu ele, mencionando a vodca russa que sempre bebeu. — Há trinta marcos em meu casaco pendurado perto da porta.

A jaqueta, um artigo de couro marrom e muito surrado, estava suspensa em um cabide vitoriano de madeira já se dobrando com a idade. Procurei dentro do bolso do casaco e encontrei o dinheiro ao lado de um pequeno pacote de pó branco, firmemente atado dentro de um saco plástico pequeno.

— Parece que você se esqueceu de algo — disse eu, segurando o que era tão evidentemente um saco de heroína.

— Oh, que merda — disse ele, deixando cair a varetinha com a qual mexia a mistura de tintas e marchando em minha direção. — Eu pensei que tinha perdido isso.

Ele estendeu a mão aberta e eu deixei cair o saco sobre ela.

— Bem, foi encontrado — disse eu.

— E em um lugar tão óbvio que eu não olhei. Jesus, eu sou uma catástrofe.

Fui para a rua. Uma vez dentro do Istambul, pedi um café e solicitei a Omar para usar o telefone. Ele colocou o aparelho sobre o balcão. Como eu tinha copiado o número do telefone da Rádio Liberty em meu caderno, bastou abri-lo e discar o número do escritório de Jerome Wellmann. A mesma mulher intrometida da outra vez foi quem atendeu ao telefone. Quando eu lhe disse quem era, sua resposta foi tão ditatorial como sempre:

— Herr Wellmann irá ver você amanhã, às onze horas. Você tem nosso endereço?

— Sim, *estou livre* às onze — disse eu, acrescentando: — E *não*, eu não tenho seu endereço.

— Bem, então anote — disse ela —, uma vez que certamente não estamos na lista telefônica. Você vai precisar trazer seus documentos de identidade com você. Não entrará sem eles. Não se atrase, pois Herr Wellmann tem uma agenda muito ocupada amanhã.

Na manhã seguinte, cheguei aos escritórios da Rádio Liberty uns bons dez minutos antes do

horário marcado. Estava usando o único casaco vistoso que tinha trazido comigo, marrom de veludo com um retalho de camurça também marrom sobre os cotovelos, um suéter preto de gola alta e *jeans* azul-escuro que eu, pela primeira vez, tinha me preocupado em passar a ferro naquela manhã. Senti que estava parecendo muito com um morador de Greenwich Village por volta de 1955 e só precisava de um exemplar de bolso bem manuseado de Edna St. Vincent Millay saindo do meu casaco para completar o quadro.

Os escritórios da Rádio Liberty estavam em um sombrio canto industrial da cidade, no distrito com o nome decididamente irônico de Wedding. A gigante farmacêutica Bayer tinha um enorme bloco de escritórios em 1930 perto da estação de metrô de onde saí. Ele se elevava sobre uma paisagem de prédios de apartamentos sujos e edifícios industriais. Chauseestrasse — certa vez uma passagem de fronteira, agora fechada — assomava à frente, assim como o Muro, que definia o horizonte oriental mais próximo. A Rádio Liberty estava localizada a duas ruas distante de Hochstrasse, não muito longe do Humboldthain Volkspark. Fora alojada em um prédio simples de tijolos, baixo e sem nenhuma marcação especial. Você poderia facilmente imaginar que as instalações já teriam abrigado uma pequena fábrica de ferramentas de precisão. Não havia nada do lado de fora dizendo que este era o lar em Berlim Ocidental de uma conhecida rede de transmissão. Mas ficava bastante claro para qualquer um que andasse por ali que o empreendimento era dirigido por pessoas muito conscientes das questões de segurança. Havia uma alta cerca de arame do mesmo tipo das que cercavam os parquinhos de escolas em Nova York. O alto da cerca era de arame farpado. Uma porta giratória aparafusada tinha sido colocada dentro de uma canto inferior da cerca. Havia uma câmera de segurança voltada para o lado da rua da entrada. Quando me aproximei dali e toquei a campainha que estava imediatamente à sua direita, um homem robusto com um uniforme azul de segurança surgiu de uma pequena casinha no interior da área cercada.

— *Ja?* — ele perguntou, me olhando com cautela.

Eu trazia meu passaporte à mão e expliquei que tinha uma reunião marcada com Herr Wellmann. Ele recolheu meu documento de viagem, dizendo:

— Você espera.

Então ele foi para dentro de sua pequena cabine, deixando-me do lado de fora, pulando de um pé para outro, minhas mãos enluvadas mergulhadas profundamente nos bolsos do paletó, como forma de afastar o frio abaixo de zero que a cidade amargava. Após cerca de dez minutos, ele reapareceu e abriu o portão, dizendo-me:

— Você anda sempre em frente até a porta em que se lê “Recepção”. Frau Orff vai estar lá esperando.

— Quem é Frau Orff?

— Secretária de Herr Wellmann.

Ah, ótimo. *Ela*.

— Posso ter meu passaporte de volta, por favor? — perguntei.

— Você pegar na saída.

Ele apontou para a área de recepção.

Eu esperava encontrar-me cara a cara com uma mulher magra e altamente angulosa, com o comportamento de uma guarda de prisão ou uma madre superiora. Em vez disso, Frau Orff era uma mulher marcante em seus quarenta e poucos anos: alta, esguia, com longos cabelos castanhos soltos e um sorriso irônico no rosto que poderia facilmente ter agraciado uma atriz de cinema francês. Ela estava elegantemente vestida com uma saia de couro preta e uma camisa de seda vermelha. De imediato, notei o anel de casamento na mão esquerda. Ela percebeu que observei. Assim como também viu que fiquei abismado pela sua beleza, por isso o sorriso irônico, enquanto me oferecia sua mão fria, dizendo em uma voz ultrasseca:

— Herr Nesbitt. É um prazer.

Ela me levou para fora da recepção, que se parecia muito com a sala de espera de um consultório médico, e por uma área aberta de várias dezenas de mesas, todas em nichos formados por divisórias móveis. Esse espaço devia medir uns três mil metros quadrados e andávamos muito rapidamente (eu tive que me obrigar a parar de apreciar a cadência dos quadris de Frau Orff enquanto ela caminhava à minha frente) para que eu conseguisse perceber os habitantes daquele ninho de coelhos formados pelas mesas. Mais adiante, no fim da área aberta, podia se notar vários estúdios de transmissão: paredes de vidro à prova de som, permitindo que todos pudessem ver quem estava na frente do microfone em um dado momento. Entre dois daqueles estúdios, havia uma parede com uma porta. Do lado de fora, uma placa:

Jerome Wellmann, Direktor

Frau Orff abriu a porta. Estávamos agora em uma antessala com uma série de cartazes históricos da Rádio Liberty, que remontavam à década de 1950 e que decoravam as paredes. A mesa ultralimpa de Frau Orff fora posicionada ao lado de uma segunda porta, sobre a qual ela batera duas vezes com os nós dos dedos, e, em seguida, entrou assim que uma voz vinda de dentro disse:

— *Kommen sie doch herein.*

Ela entrou, e então surgiu um momento depois, a dizer:

— Herr Direktor vai vê-lo agora.

Notei que tinha me vestido corretamente para a entrevista com Jerome Wellmann, já que ele também estava com uma jaqueta de veludo cotelê (verde-escura) com recortes de camurça nas mangas e uma blusa marrom-escura de gola alta. Ele estava com cinquenta e poucos anos, tinha um rosto comprido e estreito, e uma barba bem esculpida. Seu escritório se encontrava forrado de livros, com fotografias emolduradas de Wellmann com políticos importantes (Ford, Carter, Helmut Schmidt) e figuras culturais de renome (Ayn Rand, Mstislav Rostropovich, Kurt Vonnegut, Leonard Bernstein), que tinham, evidentemente, visitado a sua operação durante uma viagem para Berlim. Achei intrigante que Wellmann tivesse misturado fotos de americanos de reconhecidas inclinações esquerdistas como Vonnegut e Bernstein com a rainha filósofa do liberalismo, Ayn Rand. Isso de certa forma informava a todos os visitantes que o ocupante daquele cargo não era um porta-voz do conservadorismo americano ortodoxo. O fato de que Wellmann pessoalmente se mostraria muito à vontade dando um

tutorial sobre Kant na Universidade de Columbia também enviava um sinal de que ele não era o típico soldado da Guerra Fria.

— Tenho certeza de que você sabe — disse ele, depois de fazer sinal para me sentar na cadeira em frente de sua mesa — que há operações da Rádio Liberty em Viena, em Hamburgo, em Trieste, em Munique. Nessas instalações, eles muitas vezes têm divisões separadas para, por exemplo, transmissões no idioma polonês, búlgaro ou tcheco. Mas aqui, dada a nossa posição única na cidade, nós nos concentramos exclusivamente em programas concebidos para os nossos ouvintes na República Democrática Alemã. Agora, tenho uma questão importante: *Wie fliessend ist ihr Deutsch?*

Quão fluente é o seu alemão?

Durante os trinta minutos seguintes, Jerome Wellmann sondou esta questão, falando exclusivamente comigo *auf Deutsch*. Eu consegui acompanhá-lo. Ele me questionou sobre meus anos de faculdade, sobre o meu livro acerca do Egito, sobre a minha vida em Kreuzberg (tomei cuidado para ser bastante seletivo sobre os detalhes da minha vida no *chez* Fitzsimons-Ross), e mais especificamente sobre as minhas reações primárias com relação à viagem de um dia que fiz por Berlim Oriental. Aqui, o narrador que existe em mim tomou conta da conversa. Eu teci um conto sobre a mulher que conheci na livraria, o engenheiro angolano, mas acima de tudo sobre a minha resposta visceral ao Muro do jeito que ele pode ser visto do outro lado do fosso. Finalmente, ele levantou a mão e disse:

— Tudo bem, você soube se vender. Nós temos um quadro, uma pequena inserção que vem logo após o principal noticiário das nove horas da noite intitulado, simplesmente, *Notas do exterior*. É um ensaio em que damos a um jornalista, a um escritor, rédeas livres para comentar sobre uma viagem, um evento atual. Nós o transmitimos em nossos dois serviços: em alemão e em inglês. Temos aqui vários tradutores que irão trabalhar com você uma vez que tenha entregado o texto e usamos vários locutores locais para ler o texto em alemão. Mas você também vai ler o texto original em nossa transmissão na língua inglesa. O que eu quero que você faça é essencialmente escrever algo na linha do que você acabou de me contar — *Cruzando o Muro pela primeira vez*, ou como quiser chamá-lo. Nunca digo aos escritores e redatores como fazer o trabalho deles, e você tem praticamente carta branca, especialmente porque sua opinião sobre as coisas em Berlim Oriental bate com o nosso ponto de vista. Escreva de um jeito interessante e sempre tenha em mente que falamos a favor de nossos ouvintes. Ou seja, em vez de assumir um ponto de vista maniqueísta das coisas, estamos certos, vocês estão errados, nós preferimos ver as coisas em todas as complexas tonalidades de cinza. Claro que isso nos causa todos os tipos de problemas com aqueles patriotas raivosos em nossa terra, que acham que devíamos estar tocando “God Bless America” a cada cinco minutos. O que esses fanáticos não compreendem é o fato de que somos uma ferramenta de propaganda muito forte por não sermos tão moralistas, confiantes e hipócritas sobre a vida no Ocidente. Mostramos que somos capazes de lançar um olhar crítico sobre nós mesmos.

— De qualquer forma — continuou —, se isso der certo, podemos discutir outras atribuições possíveis para você. Mas entenda que nosso orçamento não é o mais robusto imaginável. Nós

pagamos as taxas públicas de radiodifusão. Posso dar-lhe duzentos dólares para cada peça, mas isso também incluirá seu cachê para gravá-la. Se isso não for suficiente, eu temo que...

Esse dinheiro, à taxa de câmbio da ocasião, dava quinhentos e sessenta marcos alemães. Era o meu aluguel e a maioria das despesas do mês.

— Eu acho que está bem — respondi.

— Excelente! Você consegue entregar seu texto daqui a uma semana a contar de hoje? Vou informar o produtor que estou lhe passando esse encargo, Pawel Andrejewski. Ele é polonês, como você deve ter percebido, mas, como todas as pessoas que trabalham aqui, o alemão dele é excelente. Enfim, ele está gravando um programa agora, mas deve ficar livre em cinco minutos. Se vocês dois se derem bem, e vou avisando desde já, Pawel pode ser um sujeito bem complicado, mas é um dos meus melhores produtores... Bem, se você conseguir trabalhar com o homem, temos vários espaços vagos que precisam ser preenchidos. Nossa equipe de colaboradores é um bocado irregular, na melhor das hipóteses. Então, trate de causar uma boa impressão nele e...

O telefone na mesa de Wellmann começou a tocar. Ele estendeu a mão, respondendo-a com um “*Ja?*” e logo em seguida disse: “*Schicken Sie sie herein*”. Mande-a entrar.

Nesse ponto, a porta da sala se abriu e uma mulher jovem entrou. Calculei que ela estivesse na casa dos trinta e poucos anos. Altura mediana. Cabelo castanho curto cortado em estilo pajem simples. Vestia uma saia *jeans* com meias pretas e uma camiseta preta de manga comprida preta. Estava bem perto de ser magra, e trazia um cigarro aceso em uma das mãos e um maço de papéis na outra. Rapidamente percebi que, assim como as minhas, as unhas delas eram bem roídas. Assim como notei ainda que havia um ligeiro rasgo na meia, perto do joelho direito, e que as botas pretas de cano alto que a mulher usava realmente precisavam de uma engraxada. Mas o motivo pelo qual minha atenção foi desviada para esse tipo de detalhe é porque eu precisava, de alguma forma, afastar os olhos de seu rosto. Sua pele era clara e limpa. Embora houvesse uma dica de insônia nas pequenas luas escuras abaixo deles, o que mais me impressionou sobre seus olhos castanhos era a maneira como eles irradiavam necessidade e tristeza, e uma definitiva suavidade interior. Essa era uma mulher que, eu senti, tinha conhecido a dor, mas que preferia apresentar um rosto digno perante o mundo. O simples fato de que ela não via necessidade de se preocupar com pequenos detalhes da indumentária, como uma meia rasgada, ou demonstrar sua vulnerabilidade, mantendo as unhas roídas sem fazê-las, imediatamente me atraiu. Possivelmente porque eu a achei tão bonita. Não era o tipo de beleza convencional que é geralmente associada a uma modelo ou a uma atriz particularmente cativante. Em vez disso, tratava-se de uma beleza que emanava instantaneamente inteligência, vulnerabilidade, um forte senso de si mesmo, um profundo sentimento de solidão.

E a reação dela ao me ver? Eu a vi fixando os olhos em mim. Eu a vi registrar o mesmo breve momento de surpresa sísmica quando nos olhamos pela primeira vez. Então, ela imediatamente se virou e disse para Wellmann:

— *Herr Direktor, hier ist die Übersetzung Sie wollten*. — Aqui está a tradução que o senhor queria.

— Obrigado, Petra — disse ele, aceitando os papéis. — E eu quero que você conheça

alguém. Um escritor americano, e um muito bom nisso.

Eu estava agora de pé.

— Thomas, apresento-lhe uma de nossas tradutoras. Petra Dussmann.

Ela se virou para me encarar e pegou minha mão estendida. Houve um breve instante quando nossos olhos se reuniram novamente. Petra não olhou para mim com arrebatamento ou com algum tipo de anseio romântico. Mas naquele momento em que tive sua mão na minha e ficamos de frente um para o outro pela primeira vez... Bem, muito simplesmente, *eu soube*. Assim como eu sentia, ela sabia, também.

Então a mulher desengatou sua mão e virou-se para Wellmann, dizendo:

— *Wenn Sie Fragen zu der Übersetzung haben, Herr Direktor* — Se o senhor tiver alguma dúvida sobre a tradução, Herr Direktor...

— Duvido que isso aconteça — respondeu ele. — E você provavelmente estará trabalhando com nosso Thomas aqui muito em breve.

Será que eu detectei o menor dos sorrisos no rosto dela quando o diretor disse isso? Se assim foi, Petra mascarou-o rapidamente e apenas respondeu com um aceno rápido para Herr Direktor.

— Estou ansioso por isso — disse eu.

— *Ja* — respondeu ela.

Sem me olhar de novo, a mulher se encaminhou para a porta. E enquanto esta se fechava atrás da tradutora, tudo o que eu conseguia pensar era: *A vida como eu a conheço acabou de mudar*.

==== *Parte très* =====

A vida como eu a conheço acabou de mudar.

Eu escrevi essa frase tarde da noite em meu caderno de anotações, sobre a mesa da cozinha, com uma cerveja na mão e a caneta-tinteiro voando pela página. Quando acordei tarde na manhã seguinte e li outra vez essas palavras, minha reação inicial foi: *Por favor, acorde! Foi só uma troca de olhares entre os dois e nada mais!*

Enquanto eu repetia isso para mim, esperando que o café terminasse de ser passado, outra vozinha interior começou a perguntar-me: *Então, se foi isso mesmo, por que continua repassando em sua cabeça esse primeiro encontro, como se fosse um filme em câmera lenta, quadro a quadro? Por que não consegue apagar o rosto dela de sua mente?*

Quando Petra saiu do escritório, Wellmann não falou nada além de coisas relacionadas ao trabalho, o que me fez pensar que ele não tinha reparado no que tinha acontecido entre mim e ela, ou que ele não queria comentar nada a respeito, ou talvez que tudo fosse apenas uma fantasia minha, um produto de uma imaginação romântica desenfreada. O diretor pegou o telefone e ligou para Pawel Andrejewski para que viesse se encontrar conosco. Enquanto esperávamos por ele, Wellmann informou que, antes de minha chegada, ele havia tido que me submeter a outro controle de segurança.

— Não sou obrigado a informar-lhe destes assuntos, mas prefiro ser tão transparente quanto possível. Certamente você deve imaginar que ninguém trabalha para nós, nem sequer como colaborador independente, a menos que tenha recebido o sinal verde das autoridades de nossa sede local da “companhia”. Se alguma vez se encontrar aqui com alguém que diga ter alguma relação com a Agência de Inteligência dos Estados Unidos, leve em conta que também estará tratando com espiões. Por que eu estou lhe dizendo isso? E por que não iria dizê-lo, se vai trabalhar conosco?

Bateram à porta e Frau Orff enfiou a cabeça para dentro da sala a fim de anunciar que Herr Andrejewski estava esperando lá fora. Wellmann respondeu que podia deixá-lo entrar.

Pela porta apareceu Pawel Andrejewski. Era um homem fantasticamente alto e magro, com um denso cabelo preto e óculos escuros retangulares. Vestia *jeans* preto e suéter de jérsei preto de gola alta. Tinha um cigarro aceso em uma mão, e imediatamente notei que ele me esquadrihava por inteiro, estudando-me com irônico distanciamento.

— Precisa de mim, Herr Direktor? — perguntou Pawel Andrejewski, imprimindo um certo tom corrosivo ao título (diferente de Petra, que o havia dito com respeito).

— Quero que conheça Thomas Nesbitt. Já irei lhe passar o seu livro sobre o Egito, que, para dizer a verdade, é muito bom. Agora ele está em Berlim, escrevendo outro livro... Exatamente, sobre o que se trata, Thomas? — perguntou Herr Direktor.

— Sobre Berlim, suponho — respondi.

— Quer dizer que não sabe do que se tratará o livro que está escrevendo? — me perguntou

Pawel Andrejewski.

— Eu nunca sei ao certo dessas coisas até ter cumprido algum tempo em um determinado lugar — respondi.

— Cumprido algum tempo? — repetiu Pawel Andrejewski. — Parece que está falando de uma condenação na prisão.

— É essa a sua opinião sobre Berlim?

— Eu me limitei a repetir o que você disse — retrucou Pawel.

— E eu acredito que você tenha me interpretado mal — disse eu.

— Quantos livros você já escreveu? — perguntou Pawel.

— Só um — respondi.

— Então, você ainda é um neófito.

— Perdão?

— Um livro publicado não faz de você um escritor — disse Pawel.

— Você sempre fica brincando de provocação quando conhece alguém?

— Sempre — respondeu Pawel Andrejewski com um sorriso.

Então, Herr Wellmann interveio.

— Bem. Estou designando para você a produção da primeira colaboração de Thomas conosco. Espero que se comporte como corresponde a um profissional e um colega. E agora, vou pedir-lhe, Pawel, que o leve para ver as instalações e lhe mostre as “engrenagens”.

— O que o senhor disser está dito e feito, Herr Direktor.

— Um dia desses você deixará de ser sarcástico, Pawel, e então o mundo será um lugar muito mais agradável. Eu pedi a Thomas que escrevesse um artigo para nós, sobre o seu primeiro dia em Berlim Oriental — disse Herr Direktor.

— Devemos chamá-lo de “Quando conheci os comunistas”? — perguntou Pawel.

— Um título brilhante — disse eu. — Vejo que você é um cara muito imaginativo.

— E eu vejo que os senhores formam um par perfeito — disse Wellmann.

— Não é em vão que estamos em Wedding¹² — respondeu Pawel.

— Ah! Chega! Saiam vocês dois daqui de uma vez por todas e deixem-me em paz! Thomas, bem-vindo a bordo. Não deixe que Pawel dê um nó na sua cabeça.

— Como se eu fosse um cara capaz de fazer uma coisa dessas! — disse Pawel Andrejewski. — Bem, neófito, venha! Eu irei lhe mostrar as engrenagens.

Quando nós saímos, Frau Orff me deteve e me mostrou uma prancheta na sua mão.

— Seu contrato, Herr Nesbitt — disse Frau Orff.

Eu ia perguntar-lhe como sabia o que eu havia combinado com Herr Wellmann dentro de sua sala, mas Pawel se adiantou:

— Me diga uma coisa, você andou escutando as conversas de Herr Direktor outra vez, Frau

Stasi?

Ela respondeu ao comentário encolhendo os ombros com uma expressão de desdém.

— E o “senhor” é o maior oximoro do mundo: um comediante polaco — disse Frau Orff.

— E você, uma mulher sem senso de humor — retrucou Pawel Andrejewski.

Aceitei a prancheta das mãos de Frau Orff, dei uma olhada nas cláusulas que mencionavam o preço combinado, a data de entrega e a aquisição por parte da Rádio Liberty dos direitos de difusão radiofônica de meu artigo, e depois assinei.

— Você é um cara inocente demais para ir assinando assim, de qualquer jeito, uma coisa que essa mulher esteja colocando diante de você — disse Pawel Andrejewski.

— Herr Nesbitt, sinto muito por terem designado esse “cavalheiro” como seu produtor, porque ele é tudo menos isso — disse Frau Orff a Thomas.

— Você ainda não superou aquele “nosso” assunto? — perguntou Pawel a Frau Orff em um tom aparentemente sério.

Ela abanou a cabeça e pareceu se esforçar para conter uma risada.

— Vamos deixar as coisas bem claras, Herr Andrejewski. Eu nunca dormi com o senhor — disse Frau Orff.

— Você tem certeza disso? — perguntou Pawel.

— Desejo que o senhor tenha um bom-dia, Herr Nesbitt — disse Frau Orff tirando das minhas mãos a prancheta com meu contrato.

E quando atravessamos a porta, Pawel se voltou para mim e disse:

— Ela negaria que dormiu comigo mesmo que estivesse sendo interrogada pela Stasi¹³.

— Será que ela quer esquecer a experiência a todo custo? — perguntei.

— O marido dela é um tremendo fascista, por isso não pode dizer nada a respeito — disse Pawel Andrejewski.

— O que eu posso entender por “um tremendo fascista”?

— Um cristão democrata que trabalha como diretor na Krups¹⁴ e é a imagem em vida do deus Wotan¹⁵ — respondeu ele.

— É evidente que você teve oportunidade de analisá-lo detalhadamente.

— No ano passado ele veio para a nossa festa de Natal. Estive bem tentado a me aproximar dele e dizer-lhe que sua mulher é uma fera na cama. Mas os caras executivos como ele... sempre têm um matador profissional que trabalha para eles. Assim sendo...

Com o tempo, descobri que esse tipo de conversa era própria de Pawel. Sempre falava em voz baixa e aparentemente de forma racional. Inclusive quando estava furioso com o mundo, o que acontecia com frequência, ele ainda conservava uma calma superficial que parecia antinatural e até lúgubre. Mais adiante, descobri também que, como muitos outros colegas seus da Rádio Liberty, estava obcecado com a ideia de que havia uma conspiração contra ele e de que talvez estivessem planejando seu assassinato.

— Evite a todo custo essa mulher aí — sussurrou Pawel Andrejewski enquanto me guiava até a grande área de trabalho aberta e adjacente aos estúdios. Com um movimento rápido de cabeça, ele me apontou uma mulher bastante corpulenta e roliça, de uns quarenta anos, com o cabelo negríssimo, os lábios pintados de um vermelho escandaloso e um anel de ouro em cada dedo da mão. Vestia algo semelhante a uma túnica toda estampada e fumava um cigarro em uma piteira dourada de plástico. Realmente, ela parecia ter saído de um mercado árabe.

Ao ver que nós nos aproximávamos, dedicou a Pawel um olhar profundamente desdenhoso.

— Olá, querido — disse a ele quando nos colocamos ao lado dela. Falava um alemão com muito sotaque.

— Soraya, é sempre um prazer vê-la — disse ele.

— Você mente muito mal, aliás como de costume.

— Eu quero lhe apresentar um novo colaborador, Herr Nesbitt — disse Pawel Andrejewski.

— É amigo seu? — perguntou Soraya.

— Por acaso isso é importante para você? — perguntou ele.

— Se ele é um amigo seu, não quero ter nada a ver com ele — respondeu Soraya.

— Conheço Pawel Andrejewski faz apenas dois minutos — intervim.

— Se eu fosse você — disse ela —, evitaria este homem a partir de agora mesmo.

— Não será nada fácil para ele, porque Herr Direktor me indicou como produtor dele — disse Pawel Andrejewski.

— Minhas condolências — disse Soraya, olhando-me.

Enquanto nós nos distanciávamos, me virei para Pawel e lhe disse:

— Outra de suas admiradoras. Não me diga que também dormiu com ela.

— Isso seria um crime contra o bom gosto. Certamente, você não irá se espantar nada se eu lhe disser que ela é turca. Seu marido é um búlgaro franzino que pertenceu à polícia secreta — respondeu ele.

— E agora, o que ele faz? — perguntei.

— Tem um negócio de aluguel de banheiros químicos para obras de construção. Estou seguro de que ele é um testa de ferro...

— Como assim?

Pawel encolheu os ombros, com uma expressão que parecia indicar uma ampla variedade de possibilidades conspiratórias.

— Soraya é a nossa *expert* em Oriente Médio. Fala árabe, alemão e turco, e dizem que no ano passado estava dormindo com um diplomata etíope... — disse Pawel Andrejewski.

Não pude evitar cair na gargalhada. Porque começava a intuir que a conversa de Pawel se reduzia basicamente a uma série de variações sobre o mesmo tema. Nenhum dos que estavam ali tinha acabado na emissora simplesmente para procurar um trabalho no setor radiofônico, e sim, sobretudo, por serem personagens duvidosos, com histórias passadas ou presentes que, na melhor das

hipóteses, poderiam ser definidas como turvas.

— Como está Robert hoje? — perguntou Pawel Andrejewski aproximando-se de um homem meio gordinho e jovial com barba a estilo Johannes Brahms e uma imponente barriga de cerveja. Estava vestido à moda que os alemães chamam de *Länder*, quer dizer, com uma jaqueta verde de *tweed* com acabamentos em couro, inclusive na gola, e calça comprida também verde que o fazia se parecer com um cruzamento de porcos da Westfalia com um gnomo dos bosques da Bavária.

— Robert está bem — disse ele, enquanto enchia de tabaco o seu cachimbo com a mesma veemência que, em minha imaginação, aplicaria um sexador de aves à sua atividade. — E como está meu amigo polaco?

— Seu amigo polaco está *sehr gut* — respondeu Pawel, imitando com perfeição o sotaque de Robert, que por sua parte não pareceu notá-lo ou, se percebeu, preferiu pesarosamente ignorá-lo. — E seu amigo polaco tem um novo colega a quem gostaria de lhe apresentar.

Após informarmos mutuamente nossos nomes e sobrenomes, vi que Robert Mütter tirava um só fósforo do colete marrom de couro que usava debaixo da jaqueta, atritava esse palito no canto da própria jaqueta e acendia o cachimbo. Entre alegres baforadas, ele me perguntou:

— Americano autêntico? — perguntou Robert.

— Cem por cento — respondi.

— Aqui, nós só temos um desses, Herr Direktor, a menos que contemos também com nossos “amigos” da USIA¹⁶, o serviço de informação — disse Robert.

— Eles não são nossos amigos — disse Pawel Andrejewski —, e sim nossos amos secretos.

— Está seguro de que nosso jovem amigo não é um deles? — perguntou Robert, desfazendo-se em risadas.

— Escreve livros — replicou Pawel.

— Bukharin também escrevia livros — disse Robert. — Até que foi cassado por Stalin.

— E tudo por opor-se à reforma agrária — disse Pawel Andrejewski. — Naqueles tempos, eles matavam todos aqueles que falassem contra qualquer tipo de coletivização, mesmo que fosse a das unhas encravadas, que não eram nada incomuns, sobretudo nos Urais.

— E você, se opõe também à reforma agrária, jovem? — perguntou Robert.

— Se irão me matar por me opor, não — respondi.

— Um cara esperto — replicou Robert, utilizando o termo alemão *ein Bursche*. — Bem-vindo ao nosso pequeno clube.

E quando nos distanciamos o suficiente para que o homem não nos ouvisse, Pawel Andrejewski me disse:

— Não se deixe enganar por seu aspecto de “louco do bairro”. Ele é o editor das notícias alemãs de nosso serviço, o que significa que é o responsável final, depois de Herr Direktor, por todas as notícias que transmitimos acerca da *Bundesrepublik* ou *Deutsche Demokratische Republik* e de como as transmitimos para nossos ávidos ouvintes dessa prisão de “aço” que está do outro lado

da calçada que está a nossa frente. Com um emprego como esse, e sendo como é, um católico ao estilo de Franz-Joseph Strauss, nascido em Garmisch-Partenkirchen (berço espiritual da repressora *Gemütlichkeit*), está claro que ele também é assalariado do *Bundesnachrichtendienst*, embora sendo você um recém-chegado não sabe nada sobre essas organizações — disse Pawel Andrejewski.

— A polícia secreta da Alemanha Ocidental? — perguntei.

— Agora você me impressionou. Deixe-me adivinhar. Você veio a Berlim para juntar material que lhe permita cultivar a mais enganosa das formas de entretenimento literário do pós-guerra: um romance de espões? — perguntou ele.

— Não sou romancista e não creio que seu compatriota, o polaco Joseph Conrad, estivesse de acordo com sua condenação geral de todas as histórias de espionagem, já que ele mesmo escreveu *O agente secreto* em...

— Em 1907. E agora vejo que não carece de certa formação autodidata — disse Pawel Andrejewski.

Nós nos aproximamos da mesa de trabalho seguinte, onde estava sentada uma jovem com o cabelo espetado e a cara lambuzada de maquiagem branca. Estava escutando uma fita em um gravador de rolo com um par de fones de ouvidos enormes, cujos fios conectores pareciam flutuar por cima das pontas de seu cabelo, endurecidas com uma generosa dose de laquê. Fumava um cigarro e tinha três garrafas abertas de Coca-Cola em cima da mesa. Pawel falou com ela em polonês. A princípio, a garota me olhou com um sorrisinho afetado, mas depois fechou os olhos e se pôs a cantar em um áspero inglês fosse o que fosse que escutava na fita. Demorei um pouco para decifrar a letra. A canção era “Is she really going out with him”, de Joe Jackson. Pawel tentou continuar falando com ela, mas o sorriso afetado da jovem não fez mais do que se intensificar enquanto ela apertava ainda mais as pálpebras e se negava a prestar atenção nele. Então ele deu uns tapinhas em seu ombro. Com deliberada lentidão, a garota retirou os fones de ouvido e deu um tempo para si mesma, antes de dirigir pouco a pouco o dedo até o botão que detinha o rodar da fita cassete. Depois, houve um rápido intercâmbio em polonês entre eles, durante o qual a garota olhou para Pawel com a expressão divertida que provavelmente reservava para os depravados. Então, ele apontou para mim com um movimento de cabeça e passou a falar em alemão:

— E agora eu lhe apresento minha compatriota, Malgorzata — disse Pawel.

— Isso é Margareth em seu idioma — disse ela num bom inglês.

— Mas aqui nós falamos em alemão — replicou Pawel, *auf Deutsch*. — Como sabe que Herr Nesbitt é anglófono?

— Ele tem pinta de americano, mas do tipo de americano que vou com a cara — disse Malgorzata.

— Você ouviu isso, Thomas? Faz somente trinta segundos que ela o conhece e minha Zlota Baba já está flertando contigo.

Na hora, Malgorzata disse algo em polonês para Pawel, com certo tom de ameaça na voz.

— Eu perdi alguma coisa? — perguntei.

— Ele me chamou de sua Zlota Baba — respondeu Malgorzata.

— O que é uma Zlota Baba? — perguntei.

— Sua “mulher dourada” — disse ela.

— É uma expressão carinhosa — disse Pawel, em alemão.

— Não, é uma expressão irritante, que me incomoda. Mas agora eu vou me comportar com inteligência e irei lhe ignorar e vou pedir para seu amigo americano...

— Nós não somos amigos — interrompi.

— Então, isso me deixa ainda mais feliz. Gostei. Eu aqui me ocupo do *rock’n’roll*. Sou a pessoa que programa toda a música degenerada que mandamos para o outro lado do Muro. E você? Qual é o seu trabalho? — perguntou Malgorzata.

— Conto coisas — respondi.

— Estou certa de que aquilo que você conta são coisas interessantes. Espero vê-lo novamente.

Então, os fones de ouvido voltaram a tapar as orelhas da garota. Dando uma volta em sua cadeira giratória, ela deu as costas para Pawel.

— Você, sim, sabe tratar as mulheres — disse eu, enquanto nos distanciávamos da mesa de Malgorzata.

— Claro que sei, porque, de fato, ela é outra das minhas conquistas.

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa. Com qual das mulheres aqui você não dormiu? — perguntei.

— Com ela — disse Pawel, apontando com a cabeça para a mulher que nesse momento atravessava o setor das mesas de trabalho e se dirigia a um dos estúdios.

Era Petra. Não creio que tenha ouvido o que Pawel disse, mas no preciso instante em que ele falou “ela”, a mulher levantou a vista e olhou em nossa direção. Pareceu um pouco surpresa ao me ver. Por um momento, um sorriso esteve a ponto de assomar-lhe aos lábios, mas logo em seguida ela o reprimiu e se limitou a cumprimentar-me com uma leve inclinação de cabeça. Uma vez mais, uma curiosa descarga elétrica me percorreu o corpo quando eu a vi. Embora nosso contato visual não durasse mais do que uns segundos, eu me dei conta de que não podia deixar de olhá-la depois que ela se voltou e seguiu caminhando para os estúdios com uma pilha de folhas na mão. Dessa vez, eu me fixei em suas pernas esbeltas, no gracejo do movimento de seu quadril e no balanceio de seu cabelo enquanto caminhava. Quando chegou em frente à porta de um dos estúdios, ela se voltou rapidamente, olhou outra vez em minha direção e me cumprimentou uma vez mais com o gesto de cabeça. Foi um olhar que não era nada, mas naquele momento, por sua vez, era tudo. Nada, porque não era mais do que um *olhar*, e tudo, porque ela havia se voltado para me olhar uma vez mais. Surpreendi-me sorrindo de orelha a orelha. Sua reação foi baixar a cabeça e entrar diretamente no estúdio de gravação. Imediatamente, eu me perguntei se não tinha me equivocado ao sorrir-lhe tão abertamente, talvez por ter mostrado demais e rapidamente as minhas cartas ou por ter ultrapassado alguma fronteira invisível cujos limites eu ainda desconhecia. Fosse qual fosse a razão pela qual ela baixou

a cabeça e me virou as costas naquele momento, sua atitude me desconcertou. E, de imediato, eu soube que aquilo ia continuar me obcecando durante os dias seguintes. *Esqueça, esqueça-se disso agora mesmo*, dizia-me a parte racional do meu cérebro. *Isso é só imaginação sua, uma fantasia que você inventou sobre um tema romântico, e com alguém com quem não trocou mais do que uma dúzia de palavras até agora. Você está fabricando uma história a partir de um simples olhar que cruzou através de uma sala.*

— Essa garota é intocável — disse Pawel, enquanto apontava a cabeça para o estúdio onde Petra estava conversando com o homem que víamos sentado atrás do microfone.

— Entendo... — respondi, meus olhos grudados no vidro à prova de som do outro lado da sala.

Petra ria com aquele homem, um cara de mais ou menos uns trinta anos e bastante atraente que parecia ter dito algo engraçado, e ela apoiava uma de suas mãos no ombro dele. *Viu só? Ele é o namorado dela*, sussurrou-me a minha voz interior. *Ali acaba de terminar sua fantasia romântica.*

Pawel continuou falando:

— E não é só isso, o que ocorre também é que ninguém sabe nada sobre ela, exceto que é do leste e que a expulsaram da RDA por algum tipo de má conduta política, o que, deste lado do muro, conta como uma boa conduta, claro. Uma vez ouvi um rumor de que seu homem ainda está do outro lado e de que talvez seja um preso político. Mas, exceto o Herr Direktor e os nossos benevolentes garotos da USIA, ninguém sabe toda a verdade sobre Petra Dussmann — disse Pawel.

— Ela sai com alguém? — disse eu, tentando parecer que perguntava só por perguntar, para continuar a conversa.

— Não tenho nem ideia. Mas se você pensa em convidá-la para fazer alguma coisa, não perca o seu tempo. É a pessoa mais fechada que existe aqui: sempre pontual, sempre profissional, sempre atenciosa e disposta a dar-lhe uma resposta inteligente quando lhe pedir algum esclarecimento sobre as suas traduções; porém, fora isso, *nada de nada*. Nunca se relaciona com nenhum de nós. Faz alguns meses, na festa de Natal, ela ficou por uma hora, conversou um pouco e foi embora. Talvez, o que eu tenha entendido, é que ela vive em Kreuzberg.

Aquilo sim era uma boa notícia, mas decidi não revelar a Pawel meu prazer ao descobrir que ela vivia no mesmo bairro que eu. Em vez disso, mantive o olhar fixo no estúdio de gravação. Petra terminou sua conversa com o homem do microfone, se dirigiu para a porta de saída e se despediu com um irônico movimento de mão.

Se houvesse algo entre eles, pensei, ela lhe daria um beijo, ou se estivesse tentando manter sua vida particular a salvo do olhar público, ao menos lhe lançaria um olhar carregado de intenção. Deus meu! Que cara mais patético que eu sou, tentando distinguir olhares carregados de intenções a dez metros de distância e atribuindo significados ocultos a uma conversa entre dois colegas! Que diabos aconteceu para que eu me enfiasse neste beco sem saída?

A porta do estúdio se abriu e Petra em seguida saiu, com a cabeça baixa e sem olhar para nenhum lado, e muito menos para mim. Ela girou para a esquerda e saiu andando da área das mesas

de trabalho. A única coisa que eu senti foi um turbilhão de pensamentos, a maioria centrada em uma sensação de ficar perto dela e que até esse momento nunca havia entrado em minha mente consciente. Embora não deixasse de repetir a mim mesmo que tudo aquilo era produto de um tolo encantamento passageiro, eu me negava a aceitar uma explicação tão prosaica. Havia algo a mais em jogo, algo que parecia formidável e desconhecido. Eu estava andando em uma paisagem nova, em um terreno completamente diferente de todos os que eu havia conhecido ou atravessado até então... E fazia somente uns minutos que eu a tinha visto.

E por que demônios ela não havia olhado em minha direção quando saiu do estúdio?

— Como você poderá supor, eu a convidei para sair quando a conheci — prosseguiu Pawel. — Nem uma remota faísca de interesse. Todas, inclusive a Grande Soraya, flertaram um pouco comigo, embora algumas não tivessem a intenção de passar daí. Mas a nossa *Ossi*, a nossa alemãzinha oriental, não flerta. Ela é uma fortaleza inexpugnável. Na Polônia nós costumávamos brincar dizendo que a única coisa pior que um soviético praticando ideologia comunista é uma alemã praticando a ideologia comunista.

— Mas, se a expulsaram da RDA, é evidente que ela não praticava a ideologia comunista como o teria feito uma alemã — disse eu.

— Talvez, mas eles a doutrinaram no sistema. Ainda está aí, dentro dela — disse Pawel.

— Não tão dentro, não, se ela acabou se tornando uma dissidente.

— O que acontece com a maioria dos dissidentes é que eles começam como autênticos crentes do sistema e depois se decepcionam tanto que passam para o lado contrário. É um pouco como os padres excomungados, que acabam sendo os piores hereges e fodendo com todas as mulheres que podem — disse Pawel.

— É a mesma coisa que aconteceu com você?

— Ah, vejo que você tem um conceito típico americano de que todos os que tenham fugido de um país do Pacto de Varsóvia são Ivan Denísovich, ou de que estamos tão oprimidos que o nosso único sonho é fugir para o Ocidente — respondeu ele.

— Você fez isso — disse eu.

— Mas por razões mais vulgares. Fui admitido em uma escola de cinema em Hamburgo e o governo do meu país me deu permissão para assistir às aulas.

— Sem condições?

— Com condições, claro! Logo em seguida! Os muito fodidos sempre colocam condições. Mas esse não é um tema pelo qual eu me interesse falar agora, neste momento. Talvez mais adiante, quando nós nos conhecermos um pouco melhor. Por ora, quero que você me conte sobre as suas ideias para o artigo.

A esta altura, havíamos chegado à mesa de trabalho de Pawel. Um grande pôster do Solidariedade cobria um canto da divisória e havia fotos dele com óculos de sol e casaco de couro ao lado de um homem mais velho, de uns cinquenta anos, que também cintilava com um casaco preto de couro e óculos escuros.

— Sabe quem é? — perguntou Pawel a mim.

— Um compatriota? — respondi.

— Você tem lá seus momentos inteligentes. Já ouviu falar de Andrzej Wajda?

— É o maior dos cineastas vivos de vocês.

— Não é que você também tem uma culturinha básica? Wajda foi uma espécie de figura paterna para mim, e inclusive puxou as cordas necessárias para que me dessem a bolsa de estudos para a Filmschule de Hamburgo. Para o curso de direção! Era impossível pedir mais — disse Pawel.

— Então, como veio parar aqui? — perguntei.

— Quer saber por que estou fazendo programas de rádio para a propaganda americana em vez de dirigir meus próprios filmes?

— Eu não havia expressado a pergunta com tanta crueza.

— Mas talvez eu pergunte isso a mim mesmo todos os dias. Fazer filmes dá muito trabalho, meu amigo. O trabalho não é fácil, exige um montão de dinheiro e muita capacidade para persuadir, adular, promover e realizar um montão de jogos que são meio que contrários ao meu caráter. Sou um cara preguiçoso e me alegro por sê-lo. Por isso estou aqui, na Rádio Liberty, produzindo programas como se fossem churros, para que os habitantes de Leipzig, Dresden e a outra Frankfurt (a do leste, que está nas margens do Oder) possam sentir-se conectados com o pequeno mundo brilhante e luminoso que supostamente temos deste lado do Muro, e com nossas brilhantes, luminosas, tristes e pequenas vidas. Porém, eu já falei demais e acabei me desviando do tema da nossa conversa, que é o seu artigo. Como eu sou o seu produtor, preciso conhecer os parâmetros nos quais pretende enquadrar o seu trabalho. Assim sendo...

Ele colocou as duas mãos por trás da cabeça e se jogou na cadeira, como se estivesse me indicando que era todo ouvidos para mim. Eu limpei a garganta, fiz uma inspiração profunda e repeti essencialmente o mesmo que já havia contado a Jerome Wellmann. Pawel manteve uma expressão impassível enquanto eu falava, com rosto transformado em uma máscara de indiferença. Quando terminei, o produtor encolheu os ombros, passou os dedos pelo seu espesso cabelo e finalmente disse:

— Então você cruza “a grande linha divisória” e descobre que a comida é ruim, que a roupa é sintética e que os edifícios são cinzentos. *Plus ça change*, como dizem no lar espiritual da esquerda burguesa. Aqui, o que importa, meu jovem amigo americano, é que tenha algo a dizer sobre a Berlim Oriental que não tenha sido dito ainda. O que vai dizer aos seus ouvintes do Paraíso dos Trabalhadores para conseguir que pensem: “Pela primeira vez, aqui há um *Ausländer* que não nos cobre de clichês”? Nada do que você me disse até agora parece baseado em ideias ou observações originais e, portanto, não me interessam. Venha me ver, digamos dentro de três ou quatro dias, com algo que seja original e talvez eu considere colocar no ar; por outro lado, se você voltar com algo tão banal como o que acaba de me descrever... — disse Pawel.

O efeito de suas palavras foi algo comparável com uma bofetada na cara. Por mais entusiasmado que estivesse Herr Direktor com minhas ideias, Pawel Andrejewski ia exercer o papel

de guarda de trânsito, a postos diante de mim para criar todos os obstáculos quanto ao meu progresso na rádio. Evidentemente, ele estava me informando de que detinha o poder, ao menos na relação que acabava de ser criada entre nós. Eu queria responder-lhe algo como: “Para Herr Direktor, as ideias pareceram muito boas”. Mas eu sabia qual seria a sua resposta: “Herr Direktor não é o produtor deste espaço. O produtor sou eu e suas ideias me parecem muito batidas”. Em momentos como esse (quando eu me via diante de um oponente poderoso), costumava lembrar-me de meu pai, que tinha o costume de mandar as pessoas à merda ao menor enfrentamento. O resultado foi uma carreira repleta de altos e baixos, sem recompensas nem êxitos duradouros. Em um caso como o meu, quando eu facilmente poderia ter respondido a Pawel que era um autor publicado, que seu chefe acabava de me dar carta branca e que estava certo de que toda aquela conversa não era mais do que um jogo para confundir minha cabeça e ver se me impressionava, eu sabia que a melhor tática era dizer simplesmente:

— Combinado. Quantas laudas e para quando você precisa? — perguntei.

— Preciso de dez páginas com espaço duplo, dentro de quatro dias no máximo — respondeu Pawel.

Ele voltou-se e pegou uma pilha de papéis, como para me dar a entender que nossa conversa havia terminado, assim sendo eu me coloquei de pé e lhe disse:

— Nós nos veremos dentro de quatro dias.

Sua única resposta foi uma levíssima inclinação de cabeça. Distanciei-me da sua mesa de trabalho percorrendo com o olhar todo o local, com a esperança de ver Petra. Mas ela não estava em parte alguma. Enquanto subia o zíper do meu abrigo, eu me dirigi até a recepção, onde entreguei o cartão de identificação que eles haviam me dado na entrada e peguei o passaporte que havia sido retido pelo guarda de segurança. Depois, saí para a rua. Dentro de uma hora, estava de volta em minha casa de Kreuzberg. No meu espaço por lá, abri meu caderno de anotações e comecei a trabalhar. Petra continuava aparecendo em todos os meus pensamentos. Tentei racionalizar, tentei incorporar a razão e o bom senso, insistindo na necessidade de ser realista: *Lembre-se do que Pawel disse sobre ela: ela é inalcançável, fria como gelo e não se relaciona com ninguém. Como pode pensar que ela poderia estar interessada em você? E se é certo que ela lhe sorriu, foi somente por amabilidade, ou talvez porque se sentia incomodada com sua evidente demonstração de interesse. Você se equivocou, meu amigo. É somente uma das muitas mulheres que lhe fizeram sentir essa estranha injeção de adrenalina ao olhá-las e que lhe fizeram perguntar a si mesmo se seria a mulher ideal para você.*

Porém, isso era uma mentira. Nunca, pelo menos até esse momento, eu tinha experimentado essa insólita e devastadora sensação de certeza que senti ao ver Petra pela primeira vez. Por mais que tratasse de me convencer, uma voz mais potente superava a vozinha sarcástica que me aconselhava a ter prudência. E essa voz me dizia: *Tudo o que você pensa e sente agora é verdadeiro. É ela.*

Contudo, como eu podia ter tanta certeza, se não sabia nem quem ela era? Como podia conceber algo tão definitivo, sem prova alguma, levando em consideração somente o instinto? Que

coisa podia ser dita de minha aptidão inerente para essas coisas, se nem sequer sabia se ela estava disposta a tomar um café comigo, isso sem falar, claro, brincar de Tristão e Isolda¹⁷ em Kreuzberg?

Quando terminei de escrever meus confusos e atrapalhados pensamentos a respeito desse evento, fechei meu caderno de anotações de uma vez só, com um golpe súbito coloquei a tampa na caneta e afastei os dois de mim, com a convicção de que, quando voltasse a ler essas mesmas páginas no dia seguinte, gritaria de espanto ante a crua ingenuidade de meus anseios.

Eu me levantei, fui até a geladeira e tirei outra garrafa de Paulaner, minha cerveja preferida naquele momento, que, a setenta e cinco pfennigs a garrafa, se adaptava perfeitamente às minhas condições financeiras. Enrolei três cigarros para tê-los prontos, me dirigi até a estante onde guardava o material para escrever e descii minha Olivetti vermelha. Olhei o relógio. Era meia-noite e trinta e três. Quanto antes entregasse o maldito artigo ao maldito Pawel, mais rápido teria a oportunidade de voltar a ver Petra. Embora uma parte de mim quisesse telefonar-lhe na manhã seguinte para perguntar se ela queria sair comigo uma noite qualquer, eu intuía que a descrição que Pawel havia feito sobre a garota não se distanciava muito da verdade e que, se eu demonstrasse imediatamente muito interesse, a porta poderia fechar-se abruptamente na minha cara. Tinha que jogar minhas cartas com cautela e preparar-me para a possibilidade de que essa pequena fantasia minha não fosse mais que isso: uma fantasia sem futuro e que tinha sido criada apenas dentro de minha imaginação.

Em qualquer caso, tinha um artigo a escrever e, se o aceitassem, talvez fosse o começo de uma fonte regular de renda para mim em Berlim. Quanto menos eu me visse obrigado a gastar o dinheiro do adiantamento, menos trabalhos adicionais teria que aceitar quando finalmente me dispusesse a escrever o meu livro.

Retirei a brilhante tampa vermelha de minha Olivetti, levantei o suporte em V que segurava o papel, inseri uma folha em branco na roldana e me sentei na minha cadeira, enquanto posicionava a máquina de escrever diretamente diante de mim. Acendi um cigarro, dei uma tragada profunda que encheu de fumaça meus pulmões e me perguntei como diabos podia começar o artigo. Na versão que havia delineado no escritório de Jerome Wellmann, eu ia começar contando minha experiência no posto fronteiro de Checkpoint Charlie, para descrever depois o modo pelo qual o mundo havia passado bruscamente de technicolor para um filme monocromático muito granuloso. Mas o ataque relâmpago de Pawel me havia feito deixar essa ideia em banho-maria. Sentado diante da máquina de escrever, tratando de superar a mais difícil das tarefas (compor a primeira frase) repassei uma vez mais os comentários de Pawel. Muito a meu pesar, me surpreendi dando razão a ele. Por que informar aos alemães orientais o que eles já sabiam? Por que repetir uma vez mais os tópicos habituais sobre a acinzentada vida no reino de Marx e Engels? Por que vomitar as mesmas frases já desgastadas dos romances de espionagem sobre o Muro e o estado policial da Alemanha do Leste? Pawel havia me dito (ou assim havia interpretado eu) que o truque consistia em encontrar a maneira de expressar o evidente sem dizê-lo. Teria que encontrar um foco que se esquivasse das trivialidades habituais, embora eu jamais tivesse me proposto a falar de trivialidades, nem cair em tópicos comuns. Porém, um dos truques para trabalhar com um editor ou um produtor é adivinhar desde o princípio o que eles não querem ler, ou coisas que eles entendem como irritantes ou ofensivas. Pawel

não suportava que um ocidental falasse do ambiente cinzento da Europa do Leste, por isso eu só mencionaria esse aspecto de passagem e da forma mais dissimulada possível. Em vez de narrar meu encontro com a atraente recepcionista da livraria na Unter den Linden ou com o desanimado angolano daquele espantoso café na Alexanderplatz, eu escreveria sobre...

Logo em seguida, meus dedos começaram a teclar a primeira frase.

Por que a neve faz que o mundo se cale? Por que ela purifica tudo e nos afasta da angústia existencial que caracteriza grande parte da vida adulta para nos devolver ao reino da infância, esse reino mágico onde — como disse Edna Saint Vicent Millay — ninguém morre... E ninguém constrói muros?

Fiz uma pausa por um momento, perguntando-me se Pawel me permitiria conservar esse comentário sobre a angústia existencial, mas em seguida pensei que, a essa altura do campeonato, não devia me preocupar por causa de uma frase ocasional que pudesse incomodar o homem que se colocava, nessa ocasião, entre mim e uma relação de trabalho contínua com a Rádio Liberty. Quando duvidamos, quando nos inquietamos sobre o que as pessoas pensarão sobre nosso trabalho, há uma só solução: escrevê-lo e preocupar-se depois.

Assim, terminei meu cigarro e acendi outro. Enquanto exalava depois de outra tragada profunda, comecei a escrever, batendo com força as teclas da máquina de escrever. Durante as três horas seguintes, não fiz outra coisa senão escrever, quase sem levantar a cabeça do papel, exceto para inserir uma nova folha em branco na roldana ou para beber de vez em quando um gole da garrafa de cerveja que estava próxima a mim.

Quando finalmente escrevi a última palavra, tirei a folha da máquina com um gesto decidido, empilhei com as outras, no montão que tinha diante de mim, e acendi outro cigarro com uma sensação de excitada embriaguez. Olhei para o relógio. Eram quase três horas da madrugada. Depois de organizar as oito páginas que eu havia escrito, coloquei a tampa de volta na máquina de escrever e guardei o artigo debaixo dela quando a devolvi para a sua estante. Peguei o casaco e desci a escada. Enquanto eu me dirigia para a porta, a voz de Fitzsimons-Ross me deteve.

— Você é produtivo pra cacete, não? — perguntou ele.

— Boa-noite — respondi.

— Boa-noite? Melhor seria dizer “boa-madrugada”! Você já viu que horas são? Você quase me deixa louco com seu tamborilado da máquina de escrever.

— Agora você já sabe como eu me sinto quando coloca Archie Shepp a todo volume. Mas por que não colocou os fones de ouvido? — perguntei.

— Porque não consigo escutar música quando não posso pintar. E esta noite não pude pintar, definitivamente. — respondeu Fitzsimons-Ross.

— Por alguma razão em especial?

— Porque não pude e pronto. Por acaso eu lhe faço vinte porras de perguntas cada vez que você tem algum bloqueio e não consegue escrever?

— Eu nunca tenho bloqueio — respondi.

— Ah! Claro que não! Você é um *Übermensch* americano que nunca comete uma porra de um erro, que nunca tem uma merda de uma sombra de dúvida, que acredita de verdade em tudo que faz, que...

— Por que você não para com essa chatice de tanto falar e vem comigo tomar uma bebida? — disse eu, num tom de voz que contrastava com a seriedade da diatribe de Fitzsimons-Ross.

Ele parou para pensar por alguns instantes.

— Eu estou me comportando como uma cobra venenosa, não é verdade? — perguntou.

— Sim, algo do gênero.

Eram quase quatro horas da manhã quando saímos para a rua. A noite estava seca, sem neve e com o céu tão limpo como só pode ser um céu berlinense. O termômetro marcava bem abaixo de zero grau, mas ainda assim eu estava tão eufórico, tão imerso na pura alegria de ter escrito durante quase três horas sem necessidade de desviar a vista da página por nem um só instante, que nem prestava atenção aos extremos climáticos tais como uma temperatura de dez graus abaixo de zero. Em vez disso, citei umas palavras de Brecht que outro berlinense, Kurt Weill, havia musicado:

— “Oh show me the way to the next whiskey bar...”

O verso arrancou uma gargalhada em Fitzsimons-Ross, que para minha grande surpresa e prazer, cantou os versos seguintes:

— “Oh, don’t ask why, oh don’t ask why. For if we don’t find the next whiskey bar I tell you we must die. I tell you, I tell you, I tell you we must die...”

Aí, nesse momento, entrei eu:

— “Oh, Moon of Alabama, we must now say good-bye, we’ve lost our dear old mama, and must have whiskey, oh, you know why.”¹⁸

Em seguida, Fitzsimons-Ross começou a agitar as mãos como um árbitro marcando o fim de um jogo.

— Isso mesmo: Lua de Alabama! — disse Fitzsimons-Ross.

— O que está querendo dizer?

— É o bar ao qual eu vou lhe levar: o Lua de Alabama.

— Você quer dizer que aqui tem um bar que se chama Lua de Alabama?

— Claro que há a porra de um bar com esse nome! Estamos em Berlim!

O bar em questão era um pouco longe e precisávamos de um táxi. Encontramos um que estava meio perambulando pelas ruas trinta segundos depois de decidir que iríamos para o boteco em questão, localizado perto do aeroporto de Templehof.

— Templehof. O legado de Albert Speer, seu testamento — disse eu quando Fitzsimons-Ross mencionou como referência geográfica a proximidade do Lua do Alabama da grande obra arquitetônica, fruto dos devaneios do principal urbanista de Hitler.

Eu já havia feito uma breve excursão de um dia a Templehof, porque não havia livro sobre Berlim que não falasse de forma lírica ao referir-se à espantosa estética do aeroporto, no meio do

caminho entre o Terceiro Reich e o *art déco* e ainda também pelo fato de seu *design* continuar sendo bem atraente, apesar de ter sido concebido em um período que os dois lados da Alemanha dividida teriam preferido esquecer.

— Mas é porque todos os nazistas tinham a sensibilidade dos mariquinhas — disse Fitzsimons-Ross. — Foi o movimento político mais bichoso de toda a História. Por isso catalogavam os veados como inimigos do Estado, com os judeus e os ciganos: porque de Hitler para baixo na hierarquia, nenhum deles era capaz de aceitar suas tendências inerentes. Eu me assombro muito que Hugh Trevor-Roper e todos esses catedráticos de Oxford e Cambridge que sabem tanto sobre os nazistas não tenham dito mais claramente que todos os horrores da Segunda Guerra Mundial derivam do fato de que Hitler e seus asseclas eram um grupinho de bichas. Veja o caso das obras-primas retorcidas que foram rodadas pela sapatão oficial do regime, a diretora Leni Riefenstahl. *O triunfo da vontade* e *Olympia* são as maiores obras de homoerotismo jamais gravadas no celuloide...

Fitzsimons-Ross soltava esse monólogo com toda ênfase e fôlego e com um estilo de oratória que o fazia soar como se estivesse enfiado em uma dose de dexedrina (o que, conhecendo meu companheiro de apartamento, não era completamente impossível). Devo admitir que caí na gargalhada ao mesmo tempo que agradecia que sua diatribe fosse em inglês e não *auf Deutsch*, já que o taxista era um berlinense na casa dos trinta anos com cara de poucos amigos e que provavelmente não consideraria com simpatia a tese defendida por meu companheiro de viagem.

— Bem, em vez de continuar aí calado, com esse sorriso punheteiro de Buda — me disse Fitzsimons-Ross —, me chame de alguma coisa, nem que seja de imbecil ou algo parecido.

— Para dizer a verdade, acho que você poderia entrar no circuito de palestras com essa sua ideia, e começar aqui na *Bundesrepublik*, onde seguramente ganhará um montão de partidários pela sua interpretação da história...

— Vamos lá! Continue me zombando! Continue! — disse Fitzsimons-Ross.

— Mas como eu posso zombar de alguém tão divertido como você, Alastair?

Era a primeira vez que o chamava por seu primeiro nome. Sua reação foi arquear uma sobrancelha e assentir em silêncio com a cabeça.

O táxi se deteve diante de uma porta, em uma rua deserta. Sobre o portão principal, traçadas com pintura fosforescente, liam-se as palavras “DER MOND ÜBER ALABAMA” escritas com a caligrafia própria dos grafiteiros. A rua era escura e suja. Não havia comércio, nem moradias, nem veículos, e sim unicamente uns quantos edifícios com aspecto de armazém industrial, banhados pela luz espectral da lua. Mas o que me surpreendeu imediatamente enquanto descíamos do táxi para a gélida noite de Berlim foi o ruído que saía do interior do local: uma cacofonia mais que estrondosa e mais que exagerada.

— Esqueci-me de lhe avisar — disse Fitzsimons-Ross — que este lugar é um pouco radical.

Nós entramos. O barulho era ensurdecedor. Nós nos encontramos diante de um corredor escuro iluminado por uns tubos violáceos, com um tipo com pinta de motoqueiro (cabeça raspada, bíceps protuberantes e tatuagens por todos os lados) que estava de gorila na porta e nos cobrou dez

marcos por cabeça. Quase me surpreendi que não nos revistasse para ver se estávamos armados. Mas como logo em seguida pude descobrir, *Der Mond über Alabama* não era lugar de motoqueiros, nem um bar gay, nem um boteco de *heavy metal*, nem nada facilmente classificável, e sim mais um amálgama de tudo o que eu disse anteriormente, porém exagerado de maneira deliberada, selvagem e absurda. Estávamos em uma sala que devia ter o tamanho de uma quadra de basquete, mas com um teto que não chegava a três metros de altura. Como a maioria dos locais noturnos de Berlim, estava pintado de preto carvão e a única iluminação provinha dos mesmos tubos fluorescentes violáceos que havia no corredor. Um balcão ocupava toda a extensão de uma das paredes e, do outro lado, havia um palco estreito no qual cinco músicos negros (trompete, saxofone, piano, contrabaixo e bateria), com idades compreendidas entre os vinte (o saxofonista) e uns setenta e poucos anos (o pianista), produziam o tipo de estrondo e barulho selvagem que costumávamos associar com o *free jazz*. Pelo menos a metade do público (o lugar estava tão abarrotado de pessoas que não era fácil a gente se mover) se apinhava ao redor do palco e parecia encontrar-se em um estado quase catatônico induzido pelos cinco músicos e seus desenfreados alaridos sônicos. Todos os demais estavam praticando a forma de escapismo, indulgência ou hedonismo que tivessem decidido adotar (ou com a qual tivessem se encontrado por casualidade) nessa noite. No balcão não parecia que eles servia nada mais do que vodca e cerveja, e havia várias pessoas realmente ébrias apoiadas nos seus cantos. Uma leve nuvem com aroma de maconha e haxixe flutuava por cima de tudo, misturada com uma neblina ainda mais densa de fumaça de tabaco. Praticamente todos os que estavam ali presentes tinham um cigarro na mão, todos exceto os que estavam se picando em um canto do “armazém” e os que desapareciam, sempre de dois em dois, por trás de uma cortina preta. Procurei Fitzsimons-Ross com o olhar, convicto de que ele iria reunir-se diretamente com os outros drogados, mas o vi apoiado no balcão, com um cigarro e uma vodca na mão, imerso numa animada conversa com um cara de cabeça raspada bastante baixinho, mas bem musculoso. Notou que eu o estava olhando, mas se fez de desentendido e voltou a conversar com o citado cavalheiro, que além de tudo usava uma Cruz de Ferro como pingente em uma das orelhas.

Voltei-me, tentando avaliar com precisão tudo o que havia ao meu redor. A música atacava meus ouvidos e a fumaça me fazia lacrimejar. A parte de mim que detesta multidão queria dar no pé e sair correndo dali. O local tinha todos os signos precursores de uma dessas hecatombes coletivas em que alguém coloca fogo em uma cortina e o pânico resultante faz que várias centenas de pessoas se matem, pisoteando-se entre si. Porém, essa era a parte ultraprudente falando, aquela que sempre olhava ambos os lados da rua antes de atravessar. A outra parte (a que adorava extremismos) vistoriava fascinada tudo o que acontecia, maravilhada. Que esplêndida decadência! Que loucura esse hedonismo coletivo, sobretudo porque ali tudo acontecia abertamente! Os viciados se drogavam à vista de todo mundo. Os aficionados em coca, tanto os que fumavam quanto os que cheiravam, se congregavam em um canto adjacente do salão. Os bêbados estavam apoiados no balcão, completamente cegos. Os baseados e os cachimbos de haxixe circulavam livremente. Quando um desses cachimbos chegou às minhas mãos, dei duas baforadas e imediatamente senti como se a minha cabeça tivesse se dividido em duas, ou como se eu tivesse despencado no equivalente alucinógeno de um poço de elevador.

— Você gosta dessa merda?

A voz pertencia a uma mulher miúda de pouco mais de vinte anos. Tinha o cabelo escandalosamente comprido, que chegava até a metade das costas, apesar de usá-lo preso em uma série de elaboradíssimas tranças. A maquiagem era igualmente minuciosa, com a metade esquerda da cara pintada de branco kabuki¹⁹ e a direita, de preto gótico. Estava com os lábios pintados de roxo, ou talvez fosse o efeito das lâmpadas fluorescentes, não tenho certeza, ou das duas tragadas daquela erva que acabava de inalar e que estava me fazendo sentir fora do salão, longe daquele lugar violentamente congestionado e ao mesmo tempo mais imerso na agressiva maré da música.

— É... Interessante — disse eu.

— Dá mais uma tragada — disse a mulher.

Voltou a passar para mim o cachimbo e eu inalei outra pequena nuvem de fumaça. Mas, dessa vez, tossi na mesma hora. O efeito narcótico estava me privando da visão periférica e estava convertendo todos os sons em enfáticos zumbidos.

— O que tem no cachimbo? — perguntei.

— Ganja — respondeu a mulher.

— O quê?

— Ganja. Venha comigo — repetiu ela.

Ela me pegou pela mão.

— Para onde? — perguntei.

— Lá para o fundo.

Eu a deixei me conduzir pela mão através da multidão, com todo o barulho ambiente reduzido a um monocórdico zumbido surrealista. Depois de vários minutos tentando abrir passagem entre as pessoas, conseguimos chegar à cortina preta. Minha companheira me deu um puxão na mão para fazer-me passar para o outro lado. Ali, sobre uma série de colchões, havia uma variedade de casais, todos nus (no mínimo da cintura para baixo) em diversas fases do que um pornógrafo vitoriano teria denominado de processo do coito. Talvez fosse o efeito da “ganja” ou talvez pelo caráter extremo da cena, ou pelo fato de que sempre há uma parte de mim que, mesmo sob os efeitos de uma substância narcótica qualquer, se nega a cometer excessos lunáticos; talvez eu seja simplesmente uma dessas pessoas que não se sintam à vontade em praticar sexo em público com uma desconhecida, e em meio a outros vinte e quatro casais nus (número aproximado, não é que eu tenha contado com exatidão) ou também pode ser que aquela mulherzinha diminuta de cara bicolor me pareceu ser pouco agradável. Seria ela membro de alguma futura seita *wicca*? Fosse como fosse, apesar do narcotizado estado do meu cérebro, havia um pensamento que me impulsionava para me levar à saída: Petra. Como ia me deixar cair com uma desconhecida sobre um colchão manchado se meu coração estava em outra parte?

— *Scheisse* — disse minha companheira. — Não há colchões livres.

Percorri com a vista borrada os arredores imediatos. Tinha razão. Não havia quartos livres na pousada.

— Bem, deixa pra outra vez — disse ela, e se foi, deixando-me só.

Ótimo, isso facilita as coisas, disse a mim mesmo. E em seguida eu pensei: *Tenho que sair daqui*.

Não me lembro bem do que aconteceu após a decisão de ir embora, exceto que, quando me voltei para me afastar daqueles corpos nus e tumultuosos, ouvi uma mulher que comentava em inglês, com sotaque marcadamente americano:

— Eles não irão acreditar nisso em Des Moines!

Quando olhei para trás, tentando colocar um rosto nessa voz, a única coisa que eu vi foi um extenso amálgama de formas humanas nuas, sem traços distintos nem características individuais. Somente uma fantasmagórica cópula coletiva da qual eu não queria fazer parte. Quem sabe fosse um pouco da “ganja” que começava a falar por mim, porque começava a sentir-me efetivamente paranoico. Logo depois eu me vi empurrando as pessoas para sair, avançando para fora por aquele corredor negro, longo e interminável até cair literalmente na rua, onde eu estava certo de que alguns homens da polícia secreta (os agentes da Stasi que de algum modo teriam conseguido ler meus pensamentos sobre Berlim Oriental) me enfiariam no porta-malas de seu carro e me fariam passar o Checkpoint Charlie, para reter-me durante meses como refém e utilizar-me como moeda de troca para recuperar um dos seus espiões capturados pela CIA. Depois, quando se produzisse a troca, a CIA se perguntaria se não haviam feito em mim uma lavagem cerebral para converter-me em um infiltrado da Stasi... E, Ah! Merda! A droga que eu havia fumado era forte demais e os faróis daquele carro, potentes demais, embora não conseguisse distinguir a porra de uma luz e...

Em seguida, apareceu um táxi como se tivesse saído do nada. Enfie-me dentro em um só pulo e consegui balbuciar o meu endereço, sem que o motorista, que era turco, se irritasse muito por ter que me fazer repeti-lo três vezes. Depois, me encolhi no assento traseiro e comecei a soluçar como um idiota. Todas as desgraças da minha pequena vida começaram a minar do meu interior, impulsionadas por essa droga de loucos com a qual eu mesmo havia enchido os meus pulmões e que havia me empurrado para a beira do precipício emocional até fazer-me cair para a frente e...

Finalmente, cheguei em frente à minha porta. Joguei o dinheiro para o taxista, entrei cambaleando, subi a escada e arranquei a roupa antes de chegar na cama, onde caí nu, tremendo de frio como um imbecil. De alguma maneira, consegui tomar propriedade de mim mesmo de novo e enfiar-me entre os lençóis, apagar a luz da pequena mesinha de cabeceira e abraçar-me como um náufrago ao travesseiro, porque logo depois eu me senti a bordo de uma infernal montanha russa. Senti que a cama e o quarto giravam fora de controle e me empurravam por uma negra ribanceira em direção a uma árvore enorme; mas o travesseiro voador (que ninguém me pergunte o porquê) me ajudou a evitar o impacto final e me enviou primeiro pelo ar e depois para baixo, com o vômito subindo-me pela garganta e eu repentinamente de pé e correndo até o banheiro, a cuja porta cheguei no momento exato em que o vômito começava a projetar-se da minha boca, em um ato de regurgitação que demorou interminavelmente e jorrou para todos os lados, em todas as direções possíveis e concebíveis, até que saí cambaleando do banheiro para a cozinha, onde abri a torneira da pia e coloquei a cara sob o jato gélido da água, enquanto eu xingava a mim mesmo, sentindo-me

irremediavelmente intoxicado e sem redenção possível, antes de voltar me arrastando para o quarto, cair de bruços na cama e então...

Manhã. Ou, pelo menos, tinha luz na janela ao lado da cama. Abri um olho. Foi um grande erro, já que o mero ato de tentar reemergir ao planeta Terra veio acompanhado de uma enxaqueca de proporções heroicas. Toquei os meus lábios com a língua e senti um gosto ruim de vômito seco. Tentei me mexer, mas senti a sensação de esgotamento, febre e calafrios próprios de alguém que teria suado profusamente durante a noite toda, já que, de fato, os lençóis estavam ensopados e cheiravam incrivelmente mal. Colocar-me de pé me deu bastante trabalho, porque meu equilíbrio era praticamente inexistente. Cada passo era uma nova experiência de desorientação. Quando cheguei ao banheiro, estive a ponto de colocar o estômago para fora, porque eu me encontrei com os restos da noite anterior: vômito espalhado por todas as partes.

Há momentos na vida em que uma pessoa simplesmente deseja se enrolar como um novelo, tornar-se um ovo e ficar no chão, tapando os olhos com as mãos e desejando que desapareçam, por um simples ato de vontade mágica, os efeitos da própria estupidez. Mas a influência de meu pai, o oficial da Marinha (sua insistência em que eu fizesse a cama em casa com os cantos perfeitamente alinhados, como em um hospital, e que tivesse os sapatos sempre bem lustrados e limpasse tudo o que havia sujado), me obrigou a dirigir-me cambaleando até a cozinha, onde coloquei a cabeça debaixo da torneira (eu já não havia feito isso na noite anterior?) e deixei que a água ártica de Berlim me devolvesse o mínimo de consciência. Depois, tirei do armário alto da cozinha um esfregão, um balde, vários panos, umas luvas de borracha e uma garrafa do equivalente alemão de um desinfetante e limpador americano que eu havia comprado quando me mudei para lá. Ao longo da hora seguinte, esfreguei e limpei toda a porcaria que eu havia disseminado e desinfetei todo o banheiro, assegurando-me de que não houvesse mais vestígios visuais nem olfativos da minha estupidez. Foi um trabalho lento e sórdido, durante o qual não parava de dizer a mim mesmo: *Agora você já sabe por que dão o nome de idiota para as drogas.*²⁰ Pouco a pouco, os eventos da noite anterior começaram a se recompor na minha cabeça. *Você tem sorte de que a coisa não tenha passado de um vômito e da mãe de todas as ressacas.* Assim que o banheiro ficou limpo e com aroma de desinfetante de limão; a cama, benfeita e com os lençóis limpos; o corpo, banhado com água fria; os dentes, repetidamente escovados e duas xícaras de café bebidas (e retidas no estômago)... Em resumo, depois de impor um pouco de ordem em meu caos pessoal, passei a hora seguinte transferindo para o papel todos os detalhes truculentos da noite anterior. Somente na metade do exercício (ao qual me empenhei sem dó nem piedade), eu recordei que não havia nem me incomodado de consultar a hora. Olhei o relógio e vi que eram duas e meia da tarde. Deus Santo! Eu tinha perdido grande parte do dia. Imediatamente comecei a enumerar o que era preciso fazer para compensá-lo: terminar os apontamentos em meu diário; levar para a lavanderia do bairro os lençóis sujos, almoçar — mesmo que fosse muito tarde — no café Istambul e, por último, voltar para casa e corrigir o artigo... Embora eu também tivesse dito a mim mesmo que, dado o estado do meu cérebro nesse momento, talvez fosse melhor simplesmente lê-lo e postergar para o dia seguinte a tarefa de deixá-lo mais apresentável.

Disciplina, disciplina. Não há outro antídoto contra a tendência para os desarranjos que imprimimos em nossa vida. No entanto, quanto mais avançava na narração daquela louca noite perdida em meu livreto, mais me dava conta de que eu estava encantado por ter-me visto mergulhar em tão demencial decadência. Tampouco podia evitar perguntar-me o que toda aquela gente ia buscar em um local como aquele. Em um plano bem primário, eles buscavam simplesmente uma dose de droga, uma transa, uma bebedeira em grupo ou um ostensivo repúdio aos costumes sociais estabelecidos. A chave do possível sucesso do *Der Mond über Alabama* era a subversão coletiva, além do desfrute dos tipos de prazeres que teriam sido sujeitos a uma pena de prisão se fossem realizados fora de seus limites. Estava praticamente certo de que a maioria dos clientes do local tinha antecedentes tão burgueses quanto os meus, e não podia deixar de me perguntar se a atração que um lugar como esse exercia sobre nós não teria algo a ver com a razão pela qual todos haviam escolhido Berlim como lugar de residência permanente ou temporária. Ali ninguém estava obrigado a encontrar gente correta nas festas adequadas. Ali não era necessário fazer nada daquilo que lhe diriam que era para ser feito. Ali, uma pessoa podia transar com quem quisesse sem que ninguém fizesse nenhum comentário. Ninguém prestava atenção em nós, porque em Berlim todos nós éramos anônimos. Estávamos separados, isolados, ilhados e então compreendi que somente ficavam na cidade as pessoas que acreditavam que essa situação correspondia a um aspecto que combinava com seu temperamento.

Terminei meus apontamentos no diário com esse pensamento. Enquanto voltava a colocar a tampa na minha caneta-tinteiro, notei que meu estado físico geral tinha passado de catastrófico para tão somente terrível. Peguei a sacola com os lençóis e a roupa suja que pensava em levar para a lavanderia, vesti o casaco e abri a porta do quarto para dirigir-me à escada. Mas, quando comecei a descer, ouvi dois sons que me desconcertaram: de um lado, o engripado de uma agulha de toca-discos presa no sulco do disco e, por outro, o som mais profundamente inquietante de alguém que gemia de dor. Mas o gemido era tão grave e gutural que quase parecia que a pessoa em questão estava se afogando com algo, talvez com seu próprio sangue.

E isso era exatamente o que estava acontecendo, já que Alastair estava estendido no chão como um boneco quebrado, sangrando aos borbotões pela boca, com a respiração irregular e contorcida. Seu estúdio parecia o cenário de um verdadeiro cataclismo. Havia manchas de tinta por todas as partes, pincéis partidos em dois espalhados pelo chão, a mesa de trabalho tombada no chão, uma janela quebrada e... Algo dolorosamente terrível: as três grandes telas em que ele estava trabalhando, feitas em farrapos, talvez com uma faca.

— Alastair! Alastair! — sussurrei enquanto abria passagem até ele entre os escombros. Mas a poça de sangue que o engolfava impedia de me aproximar com facilidade. Na mesma hora, desci correndo a escada e sai à toda velocidade para a rua, até a loja da esquina, onde comecei a gritar para o homem do balcão:

— *Polizei! Polizei! Sie müssen sofort die Polizei rufen.*

O homem fez o que eu lhe pedi, e, quando me disse que o operador dos serviços de emergência lhe havia assegurado que dentro de três minutos chegaria uma ambulância, corri escada

acima e, depois de comprovar que Alastair continuava respirando, eu me enfiei em seu dormitório, abri a gaveta da mesinha de cabeceira onde sabia que ele guardava o material para injetar-se a heroína, fui correndo para a cozinha, procurei uma sacola de plástico, voltei ao dormitório correndo como um louco e enfiei tudo dentro (as agulhas, as seringas, os torniquetes, uma colher queimada e três pacotes de pó branco). Em seguida, joguei o pacote pela janela dos fundos do prédio. Nesse exato momento bateram à porta. Os paramédicos e a polícia haviam chegado.

O que aconteceu na sequência foi uma confusão que parecia ter sido coreografada por um demente: o pessoal da ambulância se jogou sobre Alastair para tentar estabilizá-lo e deter a hemorragia, e os policiais disseram na hora que, como havia sido eu a fazer o chamado para denunciar o ocorrido, certamente devia ser o culpado. Fizeram-me inúmeras perguntas aos gritos, me pediram a minha documentação e exigiram saber qual era a minha relação com esse homem. Quando eu lhes expliquei que estava dormindo na parte superior do apartamento, eles me perguntaram como era possível ter dormido enquanto aqui embaixo se desencadeava tamanha violência. *Você alguma vez fumou ganja?*, pensei em perguntar. Mas em vez disso, tentei explicar-lhes que eu sempre tive um sono muito pesado e que não, não tinha absolutamente nenhum problema, nenhum conflito com Fitzsimons-Ross, nenhum histórico de violência, nem antecedentes policiais, nem...

— Deus Santo! — acabei gritando finalmente com os policiais. — Como, se ele é meu amigo?! Eu o encontrei estirado no chão faz dez minutos e desci correndo e gritando até a loja da esquina. Perguntem se é verdade ou não para o filho da puta do balconista da loja e...

— Ei! Veja se fala com mais respeito! — espetou-me um dos policiais.

— Então parem de querer me foder com suas acusações! — retruquei.

— Você quer acabar numa prisão?

O policial me agarrou pela camisa e começou a me sacudir.

O outro, o de mais idade, colocou uma mão tranquilizadora sobre o braço de seu colega e, de uma maneira que soou indiscutivelmente como uma ordem, lhe disse:

— Desça e comprove com o sujeito da loja se essa história é verdadeira. Eu fico aqui com nosso amigo. Como se chama o seu companheiro de apartamento?

— Fitzsimons-Ross. Alastair Fitzsimons-Ross.

— Você ouviu? — perguntou ao outro policial. — Averigue se o sujeito da loja conhece Fitzsimons-Ross.

E quando o outro agente saiu a toda velocidade, o policial que ficou me fez uma série de perguntas sobre Fitzsimons-Ross: sua nacionalidade, sua profissão, seu estilo de vida... Eu lhe pinteí um panorama bastante benigno, dizendo que ele era um pintor bastante famoso, embora tranquilo e pouco de chamar a atenção e que nossa relação não chegava ao ponto de conhecer detalhes íntimos sobre a vida um do outro.

— Mas, ao morar aqui, certamente... — disse o policial.

Eu lhe expliquei que tínhamos horários diferentes e vidas muito independentes.

Enquanto prosseguia o interrogatório, outros dois agentes revolviam o apartamento, abriam as

gavetas, tiravam os livros das estantes e se dirigiam pela escada até o piso superior, obviamente para fazer uma revista completa da moradia. Por sorte, eu havia conseguido tirar da casa todas as provas de seu vício, embora não deixasse de pairar no ar o cheiro característico, e eu me vi perguntando-me se Alastair teria mais material relacionado com drogas (ou, pior ainda, uma quantidade da própria droga) em alguma outra parte do apartamento.

Em meio a isso tudo, um dos enfermeiros gritou ao policial que o paciente estava estabilizado e que iam transferi-lo.

— Ele vai se salvar? Ele ficará bem? — perguntei.

— Ele perdeu muito sangue, mas conseguimos deter a hemorragia. Se você não o tivesse encontrado, em mais dez minutos estaria morto.

Olhei para o policial quando o enfermeiro disse isso, mas o agente se limitou a encolher os ombros e continuou me atormentando com suas perguntas.

— Qual é a sua profissão? Está trabalhando de forma ilegal? Pode comprovar que vive de escrever livros?

Enquanto isso, os enfermeiros levantaram Alastair e o colocaram numa maca com rodas, com uma bolsa de sangue suspensa no alto e um tubo em péssimo estado conectado às suas veias. Eles o empurraram até a porta do apartamento, fazendo ranger as rodas da maca à medida que avançavam.

— Uma última coisa — disse o enfermeiro aos policiais. — Vejam isso.

Levantando o lençol que cobria Alastair, assinalou os sulcos que percorriam a parte côncava do cotovelo.

— É um viciado — disse o enfermeiro.

— Você não sabia? — perguntou-me o policial em um tom que transparecia claramente sua irritação.

— Não, não sabia — respondi.

— Não acredito — respondeu o policial.

— Mas é a verdade.

O oficial gritou para seus colegas que revistavam o apartamento, pedindo que revirassem a casa e revistassem ainda com mais cuidado em busca de drogas “classe A”. Então, ele voltou-se para mim e ordenou:

— Mostre-me os seus braços.

Fiz o que ele me pediu. Ele me inspecionou cuidadosamente e pareceu decepcionado ao encontrá-los limpos.

— Ainda assim, não acho que você não soubesse que... — dizia o policial.

Porém, ele se viu interrompido pela chegada de seu colega, que vinha com o homem da loja da esquina. O policial recém-chegado me apontou com o dedo e perguntou ao balconista:

— Esse é o homem que entrou correndo em sua loja e gritou pedindo ajuda e que chamasse a polícia?

O sujeito me conhecia porque eu costumava entrar em sua loja pelo menos uma vez por dia para comprar alguma coisa. Era turco, tinha uns cinquenta anos e andava sempre com o olhar baixo, embora nesse momento tivesse os olhos estalados para fora como pratos, enquanto contemplava o estúdio destruído e as manchas de sangue por todos os lados.

— Sim, é ele mesmo — respondeu, enquanto me cumprimentava com uma inclinação de cabeça. — Ele é um cliente habitual.

— E é ele o homem que viu entrar na casa com Herr Fitzsimons-Ross ontem à noite? — perguntou o policial.

— Não, não é ele não — respondeu o turco.

— Tem certeza? — insistiu o policial.

— Eu conheço o outro homem, porque ele também é um cliente habitual. Mas este não estava com ele. Na verdade, eu nunca os vi juntos — disse o turco.

— Então, quem era o outro homem que estava com Herr Fitzsimons-Ross? — perguntou o policial.

— Era esse o nome dele? — retrucou o turco.

— Você está me dizendo que ele é um cliente habitual e não sabe como ele se chama?

— Não sei o nome da maioria dos meus clientes.

— Descreva o outro homem que estava com Fitzsimons-Ross — disse o policial.

— Tinha estatura baixa, cabeça raspada, uma tatuagem no rosto...

— Como era a tatuagem?

— Era uma espécie de pássaro, acho. Estava bem escuro.

— Era a primeira vez que via esse homem com Fitzsimons-Ross?

— Creio que sim. Quando eu o encontro pela manhã bem cedo, ele costuma estar com algum homem — disse o turco.

O policial agora estava olhando para mim:

— Então, quer dizer que Fitzsimons costuma trazer homens para casa tarde da noite?

— Como eu já havia dito antes — repliquei —, embora nossa relação seja amigável e pacífica, há pouco contato entre nós.

O oficial abanou a cabeça, insatisfeito com a minha resposta, enquanto batia com o polegar em meu passaporte americano.

— Consiga um depoimento completo do lojista — disse ele para seu colega. — Enquanto isso, Herr Nesbitt, veremos o resultado da revista do apartamento.

Passei uma hora de grande nervosismo, durante a qual os dois policiais designados para a tarefa puseram a casa de pernas para o alto. Enquanto isso, o oficial tomou declarações minhas de maneira muito exaustiva. Um dos agentes desceu com o único exemplar do livro do Egito que eu havia trazido de Nova York e mostrou ao inspetor minha fotografia em uma das orelhas do livro. O oficial leu minha descrição biográfica, que também estava na orelha do livro, e inclusive o abriu no

primeiro capítulo e passou os olhos na primeira página.

— Então, você é quem disse ser — disse o policial finalmente. — E evidentemente, deve ser muito observador, levando em consideração seu meio de sobrevivência... Se for verdade que você ganha a vida com isto. Ainda assim, você quer me fazer acreditar que não tinha a menor ideia de que Herr Fitzsimons-Ross fosse viciado, nem de que ele tinha o costume de pegar homens na rua e trazê-los para casa.

— Como o senhor pode ver, eu moro no piso superior independente. Entro e saio em horários diferentes de Herr Fitzsimons-Ross e praticamente não o vejo. Com toda a honestidade, eu lhe afirmo que não sei muito sobre ele, a parte do fato que é um excelente pintor com quem compartilhei um par de cervejas desde que eu me mudei para cá, há poucas semanas.

O oficial anotou tudo, com um ceticismo ainda muito aparente. Quando seus colegas finalmente acabaram a revista completa da casa e informaram ao superior que o lugar estava limpo, notei que sua decepção foi considerável.

Uma vez mais, começou a dar golpezinhos com o polegar sobre o meu passaporte enquanto considerava o seu movimento seguinte. Finalmente disse:

— Se Herr Fitzsimons-Ross sobreviver, pegaremos as suas declarações, como é óbvio. Se a versão dele coincidir com a sua, você será descartado da nossa investigação e devolveremos seu passaporte...

— Mas, como já disse claramente o senhor da loja, eu não estava com Fitzsimons-Ross... — retruquei.

— Precisaré do passaporte nos próximos dias? Tem alguma viagem programada em breve? — perguntou o policial.

— Não, não penso em viajar antes de sete ou oito dias — respondi.

— Bom, esperemos que até lá nós tenhamos todo esse assunto esclarecido.

Então, ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um grosso livreto. Abriu-o, estendeu um documento oficial em que constava que havia retido o meu passaporte e me informou que o documento ficaria depositado na *Polizeiwache* de Kreuzberg. E se precisassem me telefonar...?

Eu lhe expliquei que não tinha telefone no apartamento, mas que podia deixar um recado no café Istambul.

— Ah, sim, claro! Os artistas não precisam de telefone — disse o oficial de polícia secamente. — Saberemos onde encontrá-lo quando for necessário, Herr Nesbitt.

— Pode me dizer para qual hospital levaram Herr Fitzsimons-Ross?

— Não posso dizer-lhe nada enquanto não tomarmos o depoimento dele. Bom-dia — disse o policial.

E se foi, com seus colegas.

Assim que a polícia saiu, me senti tonto e enjoado. Enquanto o meu cérebro dava voltas como reação de toda a adrenalina em circulação desde o momento em que havia encontrado Fitzsimons-

Ross jogado no chão do estúdio, outro pensamento passou repentinamente para o primeiro plano: onde estava o artigo que havia escrito para a Rádio Liberty, e por que diabos não tirara uma xerox na loja da esquina (a cujo dono agradecia de todo o coração por limpar o meu nome)? A razão pela qual o artigo havia se apresentado ao meu pensamento naquele instante era bem simples: se durante a revista do piso superior ele tivesse se perdido, destruído ou confiscado, eu precisaria de mais um dia inteiro para voltar a escrevê-lo. Ou, pior ainda, poderia ser possível que a polícia se apresentasse à Rádio Liberty para informar-lhes de que esse aspirante a colaborador estava sob suspeita de ter protagonizado um incidente violento com seu companheiro de apartamento homossexual e viciado em droga. Quando as pessoas ficassem sabendo disso na rádio, é claro que Petra também saberia e certamente se sentiria muito desconfortável e me dirigiria não mais do que duas palavras “Não, obrigada” se realmente eu reunisse coragem suficiente a fim de convidá-la para sair.

Assim sendo, segundos depois de os policiais terem partido, corri como um louco pela escadaria acima até o meu “pedaço” e me dirigi imediatamente até a estante em que guardava a máquina de escrever. Eles a haviam colocado na mesa, removido a tampa e deixado várias teclas soltas, evidentemente para assegurar-se de que eu não houvesse escondido nenhum pacotinho com uma substância psicotrópica dentro de sua estrutura. Eu colocara meu artigo debaixo da máquina na estante, e apesar de, à primeira vista, meu coração dar um pulo ao ver a estante vazia, dei uma rápida olhada para o chão e foi o que bastou para comprovar que as oito páginas estavam desordenadamente dispersas por todo o quarto. Eu as recolhi, voltei a ordená-las segundo a numeração e as empilhei sobre a mesa de trabalho. Depois comprovei que todos os meus cadernos, blocos e livretos de anotações continuavam ali. Também haviam sido atirados pelo chão, e vários deles estavam abertos, com evidentes sinais de terem sido inspecionados cuidadosamente. Mas a polícia de Berlim Ocidental não estava interessada em minha forma de pensar nem em minhas opiniões sobre a vida na cidade. Só buscava drogas.

Passei as duas horas seguintes instaurando lentamente a ordem em meu quarto. Os policiais haviam tirado toda a minha roupa das gavetas e arrancado as outras dos cabides do armário. Todos os utensílios de cozinha, os talheres e cada um dos produtos de limpeza que havia debaixo da pia jaziam espalhados pelo chão. Até a minha cafeteira e minha chaleira haviam sido desmontadas e analisadas. Pelo menos os agentes não haviam perpetrado o truque barato de quebrar todos os pratos, como num restaurante grego, e sim deixaram empilhados no chão, ao lado da pia. Ainda assim, demorei um bom tempo para ordenar tudo e poder usar o banheiro, onde os policiais haviam apertado o tubo de pasta de dentes até sair todo o seu conteúdo, aberto um frasco comum e usual de talco e espalhado todo o pó branco pelo chão, esvaziado o frasco de creme para barbear e posto de cabeça para baixo um frasco de xampu e todos os recipientes e caixas em que eu poderia ter escondido substâncias ilícitas.

Mal podia acreditar naquilo, pois eu acabara de limpar todo o banheiro por causa do vômito da noite passada!

De toda forma, não faltava nada, nem haviam quebrado nada de importante (os agentes inclusive tinham deixado as pilhas do rádio ao lado do aparelho) e, sobretudo, eu não havia tido o

mesmo destino que o pobre Alastair. Ao descer as escadas, vi as paredes manchadas de sangue e tinta, a mesa e as cadeiras cobertas com a mesma amálgama de fluídos corporais e cores sintéticas. Entrei no dormitório dele. Era evidente que a agressão havia começado ali, porque os lençóis também estavam manchados de vermelho. A polícia havia piorado o caos ao deixar espalhadas por todas as partes as roupas de meu companheiro de apartamento. Estava começando a avaliar tudo o que era preciso fazer quando o ruído de uma chave girando na porta de entrada me surpreendeu. Quando voltei com toda a pressa à sala, brandindo uma cadeira para me proteger, caso fosse necessário, me encontrei cara a cara com Mehmet, que estava assimilando a catástrofe. Ao ver-me e, sobretudo, ao perceber que eu estava segurando uma cadeira como arma, me olhou alarmado.

— Desculpe, desculpe — disse eu, apoiando a cadeira no chão. — Aconteceu algo horrível.

— Onde está Alastair? — perguntou Mehmet.

— No hospital. Houve uma tentativa de roubo ontem à noite e ele recebeu várias punhaladas. Eu estava dormindo quando isso aconteceu e, como tinha bebido muito, não me inteirei de nada — disse eu.

— Ele está vivo?

— Sim. Mas foi por pouco. Quando eu o encontrei... Deixe-me colocar de outra forma, se eu não o tivesse encontrado, ele teria morrido em questão de meia hora, ou pelo menos foi isso que disse o sujeito da ambulância.

— Já pegaram o culpado? — perguntou Mehmet.

— Não, mas suponho que o bandido deve ter entrado pela janela aberta enquanto Alastair dormia. Houve uma luta e...

Mehmet começou a abanar lentamente a cabeça. Desviou o olhar e, com uma voz que era quase um sussurro, disse:

— Você não precisa mentir para mim. Eu sei que não foi um ladrão que entrou no apartamento. Sei como Alastair vive.

Olhei para Mehmet e vi em seu rosto a mesma expressão que costuma ter uma esposa constantemente enganada, sobretudo depois que decidiu aceitar o fato de que seu marido já teve inúmeras aventuras e as continuará tendo mesmo enquanto estiverem juntos. Em qualquer caso, quem era eu para especular sobre a verdadeira natureza de sua relação ou para perguntar a mim mesmo se havia entre eles algum laço além das três tardes que ficavam juntos a cada semana? O que ficou claro para mim foi que Mehmet estava profundamente estremecido pelos destroços que viu na sala e pelo fato de que eu não podia dar-lhe mais notícias sobre o estado de saúde de seu amante.

— Por que não lhe disseram para qual hospital eles o levaram? — perguntou-me Mehmet.

— Porque os enfermeiros o levaram com urgência e os policiais estavam ocupados comigo, interrogando-me e, ao mesmo tempo, anotando minhas declarações.

— Como você fará para encontrá-lo?

— Bem, eu farei uma lista de telefone dos hospitais e, em seguida, ligarei um por um até o encontrar. E assim que encontrar, eu lhe aviso, e então poderemos ir juntos visitá-lo — disse eu.

— Não, isso é impossível para mim.

— Entendo.

— Não, não, você não entende, não. Ninguém é capaz de entender. Se nossa “amizade” vier a ser conhecida, vier a público, minha vida estará acabada. Seria o fim para mim. Eu seria um homem morto.

Guardamos silêncio. Mehmet enfiou a mão no interior do seu casaco e tirou um maço de cigarros. Levou um deles para os lábios e o lançou para mim. Peguei um e lhe devolvi o maço também jogando pelo ar, ao mesmo tempo que procurava meu Zippo nos bolsos. Acendi meu cigarro e passei o isqueiro para Mehmet. Quando ele me devolveu, eu lhe disse:

— Uma coisa que poderíamos fazer por Alastair... Seria pintar o estúdio e limpar todo o sangue do chão e dos móveis.

A ideia imediatamente foi do agrado de Mehmet:

— Sabe de uma coisa? Esse é o meu segundo ramo de atividade. Trabalho na tinturaria da família, mas também pinto casas e faço reformas. Claro, não poderia trazer nenhum dos meus rapazes para cá a fim de ajudar...

— Sou bom com a brocha de pintar — disse eu.

— Você poderia levantar cedo amanhã? — perguntou Mehmet.

— Depois da noite que eu passei, creio que cairei fulminado antes das nove.

— Perfeito. Eu virei amanhã às oito da manhã, com todo o material necessário.

— Estarei acordado e pronto.

— Obrigado — disse Mehmet.

— Não é preciso agradecer nada — repliquei.

— Sim, tenho sim que agradecer. Porque posso confiar em você e sei que deseja o melhor para ele. E porque ele me disse que foi com sua cara, e normalmente Alastair se dá com pouca gente — disse Mehmet.

Antes de partir, Mehmet inspecionou o dormitório e me informou que pensava em comprar um colchão novo, que traria nos próximos dias. Também pegou toda a roupa de Alastair manchada de sangue e a enfiou numa sacola grande de plástico, dizendo que se ocupariam dela em sua tinturaria. Depois, saiu e se perdeu na noite.

Subitamente eu senti que me invadia uma onda de cansaço, o que não era nada surpreendente, considerando o frenesi de acontecimentos das últimas doze horas. Olhei o relógio e vi que eram sete da noite. Embora eu não tivesse me alimentado o dia inteiro, não estava com fome nem sentia a necessidade de comida, bebida, nem de nenhuma outra coisa que não fosse uma boa noite de sono. Subi a escada, tomei um banho demorado e bem quente e caí na cama depois de colocar o despertador para tocar às quatro horas da madrugada.

Dormi um sono tão profundo e reparador que, quando soou o despertador bem antes do alvorecer, tive uns instantes de uma deliciosa confusão e de uma entrega ao nada, quando tudo o que

eu conseguia pensar era: *Meu Deus, eu me sinto como se tivesse nascido de novo*. Então, os acontecimentos da véspera voltaram a inundar a minha mente e, em seguida, me veio a ideia de que talvez Alastair não tivesse sobrevivido à noite. O que tinha acontecido era monstruoso e injusto e, para dizer a verdade, naquela altura eu já o considerava como um amigo. Meu primeiro impulso era telefonar de imediato para a polícia e perguntar por seu estado e averiguar se ele estaria a salvo e quando poderia vê-lo. Mas era madrugada ainda, e telefonar para a polícia a essa hora teria feito que me catalogassem como um louco ou como alguém obcecado pela culpa (isso se eu pudesse encontrar uma cabine com um telefone que funcionasse em uma daquelas gélidas esquinas, já que todos os telefones públicos de Kreuzberg estavam inevitavelmente avariados e as cabines, destroçadas, além de o Istambul não abrir antes das seis da manhã), então eu somente podia fazer uma coisa: colocar-me para trabalhar. E foi o que eu fiz, preparei o café, comi algumas torradas de pão de centeio com queijo e depois, com o lápis bem apontado na mão, me dispus a corrigir o artigo. Eliminei os excessos descritivos, mudei as observações mal delineadas, suavizei as asperezas do estilo e, em geral, melhorei a fluidez da leitura. Quando terminei de repassá-lo, passava um pouco das seis da manhã. Preparei mais um café, deposei a xícara sobre a mesa de escrever, coloquei no rolo da máquina de escrever uma folha em branco, acendi o meu primeiro cigarro da manhã e comecei a teclar. Em menos de duas horas, voltei a datilografar as oito páginas do artigo corrigido, contando com o tempo necessário para aplicar o líquido corretivo sobre os erros e esperar que secasse. Acabava de terminar o trabalho quando ouvi a chave na porta. Mehmet havia chegado.

— Você pode me ajudar a subir o que eu trouxe na caminhonete? — perguntou Mehmet.

Eram quatro latas de cinco litros de tinta branca, bandejas para a pintura, rolinhos, pincéis, uma lixadora grande para o chão e uma pequena, manual, para os móveis, além de dezenas de sacos de lixo de tamanho industrial e duas escadas de mão.

— Meu Deus! Como você fez para conseguir tudo isto de ontem à tarde para hoje? — perguntei eu.

— Um primo meu tem uma loja que vende este tipo de coisa, bem perto daqui — respondeu Mehmet.

Enquanto eu lhe servia um café, Mehmet me disse que começar pelas paredes era o mais adequado. Mas antes tínhamos que recolher todo o lixo do estúdio de Alastair. Pedi licença por alguns minutos para trocar de roupa, colocar uma camiseta e calças *jeans* mais velhas e gastas que eu tinha. Quando voltei, Mehmet já estava enchendo um dos sacos com os pincéis quebrados e as latas vazias de tinta que se encontravam sobre a mesa de Alastair. Comecei a ajudá-lo e depois de meia hora tínhamos recolhido e ensacado a maior parte dos destroços. Quando chegamos às telas esfarrapadas, Mehmet disse que devíamos nos desfazer delas, e insistiu que Alastair não iria querer conservá-las porque seria algo doloroso demais para se ver. No entanto, finalmente, eu o convenci que as deixasse empilhadas em um canto até que eu falasse com Alastair a respeito.

— Deixemos que ele mesmo decida se quer guardar isso ou não — disse eu.

Mehmet pensou e, ao fim, deu seu consentimento.

— Alguma notícia? — perguntou Mehmet em voz baixa.

Neguei com um gesto de cabeça.

Voltou a guardar silêncio e começou a abrir uma lata de tinta, cujo conteúdo verteu em duas bandejas. Durante as três horas seguintes, não houve muito diálogo entre nós. Eu lhe perguntei se ele não se importava em escutar música enquanto trabalhava. Ele respondeu que não, e assim sendo, pude escutar os quatro discos da caixa que Alastair tinha de Glenn Gould interpretando *O cravo bem temperado* de Bach, enquanto nós dois pintávamos as quatro paredes.

Às dez da manhã, fiz uma pausa de dez minutos e desci correndo até o café Istambul para telefonar a Pawel na Rádio Liberty. Ele respondeu somente no quinto toque.

— A que devo a honra? — perguntou Pawel secamente, depois de ouvir a minha voz.

— Já tenho o artigo — disse eu.

— Não me diga... Tão trabalhador quanto um castor! — exclamou Pawel.

E isso porque não pude tirar Petra Dussmann da minha cabeça, pensei.

— Você me disse que o queria o quanto antes, assim sendo...

— Você pode trazê-lo hoje à tarde? — perguntou ele.

— Sim, claro — respondi.

— Às três em ponto — disse Pawel e desligou.

Depois, pedi uma lista telefônica emprestada e telefonei aos seis hospitais localizados dentro dos limites da Berlim Ocidental. Todas as pessoas que me atenderam, nas diferentes recepções, me disseram que não podiam confirmar se havia ingressado recentemente um homem chamado Alastair Fitzsimons-Ross. Em todos os casos, eles me disseram que eu devia me apresentar pessoalmente, com a minha documentação original em mãos, para que pudessem me informar se tinham ou não um paciente com esse nome.

— É assim que funciona o sistema — explicaram repetidamente, cada vez que me queixei dizendo que somente pretendia saber se meu amigo estava ou não no hospital.

— Não podemos mudar o sistema — disseram.

Voltei para o apartamento e contei a Mehmet que havia telefonado aos hospitais e que não havia podido averiguar nada, nem obter nenhuma informação sobre Alastair. Ele se limitou a encolher os ombros e continuou pintando até o meio-dia. Então, anunciou que tinha de ir embora para trabalhar e que voltaria no dia seguinte, às oito, para outra sessão de limpeza e pintura.

— Devemos ter tudo pronto dentro de três ou quatro dias — disse Mehmet.

— E se eu conseguir averiguar algo pela polícia antes de amanhã pela manhã? — perguntei.

— Terá que esperar até que eu volte. Ninguém deve saber nada sobre a minha presença aqui. Ninguém — disse Mehmet.

— Eu lhe dou a minha palavra.

Quando Mehmet saiu, subi para o piso superior, entrei no meu quarto. Em seguida fui tomar banho, vesti minhas calças *jeans* limpas e um suéter preto de gola alta. Depois voltei a ler o artigo uma vez mais, dizendo-me: *Provavelmente o Pawel vai achar horrível, e aí tudo estará acabado. A*

notícia de que o artigo era ruim chegará a Petra, que por consequência não irá querer sair com um candidato a colaborador cujo trabalho fora rejeitado.

Poucas horas depois, entretanto, assim que saí do metrô na estação Wedding, e quando me dispunha a cruzar a rua, vi Petra caminhando na minha direção. Vestia um casaco de couro preto bem desgastado, com o zíper fechado até em cima para resistir ao frio, saia curta preta e meias pretas. Um curioso vislumbre de sol invernal se refletia em uma onda no seu longo cabelo cor de mogno e a fazia parecer luminosa. A princípio, ela não me viu. Estava caminhando com a cabeça baixa e uma expressão no rosto que sugeria uma terrível aflição interior, uma preocupação profunda que parecia causar-lhe dor. Quis gritar seu nome, mas instintivamente soube que não era uma boa ideia, levando em conta os pensamentos que ela devia estar guardando nesse momento. Quando nós dois estávamos mais perto da entrada da Rádio Liberty, ela me viu e imediatamente me dedicou um sorriso tímido e hesitante.

— Ah, é você! — disse Petra. — O que o traz aqui de novo?

— Venho para entregar o meu artigo para Pawel — respondi.

— Nossa, você trabalha depressa.

— Quando se tem um prazo de entrega, é sempre bom concentrar-se e cumprir o limite.

— Fico contente em vê-lo — disse Petra, se distanciando de mim.

— Um momento, espere. Eu tenho um par de ingressos para a Filarmônica, amanhã à noite. O programa é todo Dvorák, dirigido por Kebelik, que por ser tcheco sabe muito bem o que está fazendo, porque o conhece a fundo.

— Sinto muito, eu tenho um compromisso — respondeu ela, sem deter-se. — Mas, de qualquer forma, muito obrigada.

Dobrou a esquina e partiu.

A sensação de decepção, de tremenda desilusão foi enorme. Lá estava a sensação. Ela havia me dito clara e transparente: *Você não me interessa*. Ou quem sabe, mais simplesmente: *Há outra pessoa em minha vida*. Ou talvez apenas: *Não, obrigada*. Por mais que eu tentasse racionalizar sua resposta (*Quem sabe seja verdade que amanhã ela estará ocupada e talvez agora tenha saído correndo porque tinha que ir para uma reunião e por isso foi tão abrupta comigo*), não podia ignorar o fato de que Petra acabava de me rejeitar.

— Você está meio taciturno — disse Pawel.

Levantei o olhar quando Pawel entrou sorrindo na área de recepção. Mais para a frente, quando eu o conheci um pouco melhor, me dei conta de que as poucas vezes que Pawel sorria era quando via as pessoas mal.

— Um momentâneo *Weltschmerz*²¹ — disse eu.

— Segundo a minha experiência, nunca é momentâneo. Venha comigo.

Obedeci e fui com ele até o seu minúsculo escritório, com a cabeça baixa, evitando assim ver Petra se por acaso cruzasse novamente com ela. Quando chegamos à sua mesa, Pawel me indicou com um gesto que eu me sentasse na cadeira que estava livre.

Eu lhe entreguei o artigo. Para meu assombro, começou a lê-lo em seguida. Eu nunca havia passado por algo semelhante. Ainda que eu não tenha tentado olhá-lo fixamente, me surpreendi em repetidas ocasiões voltando o olhar para Pawel e procurando adivinhar sua reação. Mas seu rosto era autenticamente inexpressivo. Não revelava nada. Finalmente, depois de dez longos minutos, ele colocou as folhas sobre a mesa e disse:

— Muito bem. Você sabe escrever. De fato, você escreve bem. Mas tenho várias sugestões...

Levou exatamente três minutos para descrever-me as mudanças que queria que eu fizesse. A maioria tinha relação com as minhas observações sobre a sociedade Alemã Oriental, que em sua opinião eram um pouco grosseiras e deveriam ser mais sutis. Também queria que reduzisse um pouco o “desenrolar estilo John Le Carré” ao descrever meu regresso pelo Checkpoint Charlie.

— Esse ponto de vista está muito batido — disse. — No mais, está bem. Tem como estar pronto com as mudanças para amanhã, pela manhã?

— Sim, claro.

— Você poderia entregar o artigo para o guarda de segurança da porta principal antes das nove? Eu lhe telefonarei mais tarde, quando for a hora de você vir para a gravação e também encomendarei a tradução — disse Pawel.

— Sem problema. Você o terá na primeira hora.

De fato, eu o entreguei às sete horas da manhã. Tendo feito as correções necessárias assim que cheguei em casa (depois de outra noite indo dormir cedo), às seis e meia eu estava acordado e no U-Bahn. Após entregar uma cópia do artigo ao guarda de segurança da entrada, voltei a enfiar-me no metrô em direção a Kreuzberg e, às oito em ponto, estava em cima na escada de mão, cobrindo as manchas de sangue com tinta branca. Como no dia anterior, Mehmet trabalhou no extremo oposto do estúdio e rejeitou todo o tipo de tentativa de diálogo. Por isso, salvo algumas poucas pausas para tomar um café e fumar e um papo geral sobre o progresso do trabalho “Amanhã podemos começar a lixar e a envernizar os móveis”, não falamos mais quase nada. E assim como aconteceu no dia anterior, Mehmet foi embora ao meio-dia. Era meio-dia e meia quando, depois de banhar-me e trocar de roupa, desci ao café Istanbul.

— Você tem um recado — disse-me Omar quando entrei no recinto. — Um telefonema, faz um vinte minutos, de uma tal Fraulein Dussmann.

— Você está falando a verdade? Sério? — ouvi-me replicar.

— Claro que estou dizendo a verdade. Eu anotei o recado. Ela quer que você retorne a ligação — disse Omar.

Enquanto me passava o aparelho do restaurante, ele me deu também o bloco de anotações em que havia escrito o nome e o número de telefone dela.

A chamada telefônica foi atendida imediatamente. Era ela. Ela havia passado o número do seu ramal particular direto.

— Então, quer dizer que já lhe passaram o recado? — disse Fraulein Dussmann. — Pawel comentou comigo que esta era a única forma de localizá-lo.

— Um dia desses, em breve, terei que conseguir um telefone — respondi.

— Assim, será mais fácil contatá-lo e você perderá o romantismo de ter o seu serviço de recado em um café turco — disse Fraulein Dussmann.

Seu tom leve e cheio de humor me surpreendeu. Uma vez mais, me vi pensando: *Ela é fantástica.*

— Pawel me deu seu artigo para traduzir. Queria perguntar-lhe algumas coisas. Você tem alguns minutos?

— Se quiser, podemos marcar um café — disse eu.

— Mas são bem poucas perguntas.

— Venha tomar um café comigo, Petra.

Fez-se um longo silêncio. “É só um café”, eu queria dizer-lhe. Mas não era verdade que era somente isso. A duração da pausa me indicou que ela sabia, como eu, que o momento era transcendental. Ou pelo menos, tratei de convencer-me de que ela também o via assim.

Deixei que o silêncio se prolongasse sem atrever-me a apressar o desenlace, esperando a sua resposta. Devem ter passado uns bons trinta segundos até que ela finalmente falou.

— Combinado — disse Petra, em um tom apenas um pouco mais audível que um sussurro. — Tomaremos um café.

Dois

Combinamos de nos encontrar em um café do outro lado de Kreuzberg – “meu lado”, como ela informou-me quando mencionei que eu não estava longe de Heinrich-Heine-Strasse.

— Você pode vir para o lado errado dos trilhos? — perguntou ela, uma secura divertida destacando a referida questão.

— Sempre.

— Eu estava, é claro, referindo-me a questões geográficas. Você vive na parte mais chique de Kreuzberg.

— Ei, isso é novidade para mim, uma vez que meu canto deste bairro não é exatamente a Rue Saint-Honoré.

— Nunca estive em Paris — disse ela. — Nunca estive em nenhuma cidade, exceto Berlim e Leipzig e Dresden e Halle.

— Dessa última cidade eu nunca ouvi falar — repliquei.

— Nem a maioria das pessoas que vive fora da República Democrática Alemã — respondeu ela. — Mesmo a maioria das pessoas na RDA nunca foi a Halle, por boas razões.

— Mas você foi a Halle.

— Pior do que isso. Eu nasci e cresci lá.

— E é ainda pior do que o lado errado dos trilhos em Kreuzberg?

— Qual é a pior cidade em que você já esteve nos Estados Unidos? — perguntou Petra.

— Bem, há muita competição para esse prêmio — respondi —, mas eu teria que dizer que deve ser Lewiston, no Maine, uma cidade industrial deprimente, com arquitetura feia, uma economia falecida e um ar geral de decadência.

— Bem parecida com Halle, apesar de, pelo fato de estar na RDA, sempre ter sido promovida como um grande triunfo da produtividade do proletariado industrial.

— Em Lewiston havia apenas católicos franco-canadenses que enchiam a cara...

— Ah — comentou ela — todos bebiam em Halle, o que era provavelmente o único antídoto contra os produtos químicos tóxicos que eram exalados de todas as fábricas de lá.

— Em Lewiston havia apenas o mau cheiro das indústrias de papel.

— Mas você não cresceu em Lewiston.

— Eu nunca disse que cresci... — retruquei. — Na verdade, só conheço esse lugar porque, quando estava na faculdade, a gente disputava *cross-country* com uma faculdade que, por acaso, ficava em Lewiston.

— Um maratonista mauricinho de Manhattan que acaba vivendo em Kreuzberg. É isso que se chama “viagem antropológica para a classe baixa”?

— O problema é que não sou esse tipo de “mauricinho de Manhattan” — retruquei.

— Bem — cortou ela — você pode me contar que tipo de “mauricinho de Manhattan” em outro dia, porque meu prazo para essa tradução é curto e passei tempo demais ao telefone com você...

— Isso é uma reclamação?

— Só uma observação.

Então ela me deu o endereço de um café chamado Ancara, na Kandererstrasse, perto da estação de metrô de Bormann.

— Eu presumo que você não se importa de trocar Istambul por Ancara? — perguntou ela.

— Bem — respondi —, ir de Istambul para Ancara é realmente atravessar para o lado errado dos trilhos...

— Não se esqueça de levar o seu passaporte, então. Será que oito horas amanhã à noite está bem?

— Absolutamente.

— Aproveite seu Dvorák hoje à noite.

Ela desligou. Claro que eu me senti lisonjeado, especialmente porque ela abandonara um pouco da distância que caracterizava os nossos breves contatos anteriores, e fiquei intrigado e encantado ao descobrir que ela poderia ser inteligente e tão ácida em suas observações. Acima de tudo, ela concordou em me conhecer mais do que apenas durante uma conversa profissional, e eu me vi agora pensando que a espera até amanhã seria muito longa. A impaciência é uma emoção tão curiosa. Queremos que o dia seguinte chegue imediatamente, neste exato momento, na esperança de que vamos conseguir o que estamos buscando, mesmo que, lá no fundo, saibamos que não existe nenhuma garantia de que as coisas vão acontecer do jeito que desejamos. A impaciência se trata do desejo de validação muito antes que você tenha alguma ideia daquilo que lhe será concedido. E ao mostrar as suas cartas no jogo — ao deixá-las serem conhecidas, já se apresenta apaixonado —, corre o risco de sofrer uma rejeição. Você tem que demonstrar interesse, mas não entusiasmo ou zelo excessivo. Você tem que exercitar a paciência.

Eu tinha outro pequeno problema em minhas mãos. Quando eu sugeri irmos à Filarmônica de Berlim, não tinha ideia se seria capaz de arranjar alguma entrada para o espetáculo daquela noite, e então me sentia obrigado de alguma forma a conseguir um ingresso, se ela (seria mais provável “quando ela”) me perguntasse como foi a apresentação, para que pudesse responder. E mais: Kubelik regendo Dvorák era uma espécie de evento. Então eu imediatamente planejei sair do apartamento às seis, tomar o U-Bahn até Potsdamer Platz, esperando encontrar alguém vendendo um tíquete sobrando na frente do teatro.

Mas, durante o curso da tarde, uma batida alta e autoritária veio da porta da frente. Abrindo-a, eu me vi olhando para o policial que me havia interrogado após o ataque a Alastair.

— Posso entrar? — perguntou ele.

— Claro — respondi, abrindo a porta completamente. — Alguma novidade?

Ele entrou na casa.

— O seu amigo teve a sorte de escapar com vida. Os médicos conseguiram estancar o sangramento na hora certa. Ele provou ser um sujeito bastante robusto para um viciado em drogas... E ainda respondeu bem às transfusões. Claro, ainda está em um estado bem grave, mas com todas as condições de se recuperar completamente. Como um dos médicos do hospital me disse, ele parecia resistir à tentação de render-se à morte. No momento, ele está no auge da abstinência, devido à ausência de sua “substância”, mas você não sabe nada sobre isso, correto?

— Você e seus colegas puseram o lugar abaixo em busca dessa substância. E o que você achou?

— Isto já não é um interrogatório, Herr Nesbitt — disse o policial. — Eu só vim lhe devolver seu passaporte. Fui capaz de interrogar Herr Fitzsimons-Ross, esta manhã, e ele não só exonerou você como também me deu o endereço do cavalheiro que o agrediu. Parece-me que ambos já tiveram algum tipo de relacionamento antes, embora não de natureza violenta. O seu amigo teve o azar de se encontrar com o sujeito em algum bar há duas noites. Mas, novamente, você nunca foi a este bar, ou qualquer lugar assim?

— Temo que não, senhor...

— Claro, claro... Você é o estrangeiro inocente que está viajando pelo exterior... Você não sabe de nada, você não vê nada. E, felizmente para você, não encontramos nada.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e retirou meu passaporte americano, juntamente com o bloco de anotações robusto que trazia da última vez.

— Eu preciso que você assine um documento, confirmando que o passaporte foi devolvido.

Assinei no local determinado:

— E agora — pedi — o senhor pode me dizer em que hospital posso encontrar meu amigo?

O policial mencionou um hospital não muito longe do Zoologischer Garten. Eu sabia que Alastair iria acabar em um hospital próximo ao zoológico.

— E ele disse que gostaria de receber sua visita esta noite.

— Obrigado por me passar o recado, senhor.

— Eu espero e confio que nossos caminhos não se cruzem de novo, profissionalmente falando — disse o policial.

— Minha ideia é ficar longe de problemas... — respondi.

— Sem dúvida que é, sendo uma pessoa sem problemas como é.

Depois que o policial foi embora, eu tive que resistir à tentação de ligar para Mehmet e contar-lhe a esplêndida novidade de que Alastair tinha se salvado. Percebendo que a minha noite na Filarmônica de Berlim não iria mais acontecer, fui às seis horas daquela tarde até o Jardim Zoológico. Então, fiz a caminhada de cinco minutos até o monótono edifício construído nos anos 1950, com a placa do hospital, “Krankenhaus”, no alto da entrada de automóveis que levava à recepção principal.

Eu estava com sorte. O horário das visitas noturnas tinha acabado de começar. Na loja de presentes que havia no saguão, comprei uma caixa de chocolates que eu daria com as diversas revistas e os diversos livros que eu havia reunido no apartamento antes de sair. A mulher na recepção checkou no Rolodex que estava à sua frente e, depois que mostrei a ela minha identificação, confirmou que Herr Fitzsimons-Ross estava na ala K, bloco B, e me deu as instruções de como chegar até lá.

A Ala K, bloco B, era uma ala pública no quarto andar do hospital. No caminho, passei por dois exaustos pais com uma aparência pálida empurrando numa cadeira de rodas um menino magrinho que não podia ter mais do que sete anos de idade, sua pele da cor de pergaminho desbotado, com a cabeça careca por causa de evidentes tratamentos de quimioterapia. Depois, havia um homem extremamente obeso em seus quarenta anos, de pé em um corredor, com o rosto pressionado contra uma das paredes pintadas com o verde institucional do hospital, e chorando incontrolavelmente. Bem atrás dele vinha uma mulher em torno dos trinta anos, debruçada sobre um andador com rodas, tentando percorrer seu caminho lentamente por um corredor.

O escritor dentro de mim queria capturar tudo, focalizando meus olhos em toda a enfermidade e desespero e tristeza ao meu redor, fazendo anotações mentais, sabendo que, um dia, podia usar tudo isso. Mas a outra parte de mim, o homem sem o gelo envolto em seu coração, também tinha que baixar os olhos por vezes (sobretudo com a visão daquela criança no meio de um tratamento contra o câncer) quando a cena era muito difícil de suportar. Quando cheguei finalmente ao tal bloco B na ala K, mantive esse meu olhar treinado sobre o linóleo que cobria o chão do hospital, apenas levantando a vista de vez em quando para ver se estava me aproximando da cama número 232, a qual, segundo tinha informado a recepcionista lá embaixo, era a ocupada por um Alastair Fitzsimons-Ross.

— Você não sabe que eu odeio a porra do chocolate?

Essas foram as suas primeiras palavras para mim quando me aproximei de sua cama. Ele tinha encolhido desde os dias do ataque: suas bochechas estavam côncavas, ocas, sua tez muito além do pálido. Havia duas grandes bolsas de sangue atadas por via intravenosa içadas acima dele, pingando lentamente em seus dois braços. Havia também diversos monitores e telas que o rodeavam, registrando metronomicamente o bip bip das batidas do coração. Ele parecia muito cadavérico, no entanto, como sempre, seus olhos brilhavam.

— E não quero ler nenhum desses romances de merda — disse ele enquanto eu desembulhava o material de leitura que tinha trazido. — Odeio essas bostas de romances. Imitações da vida escritas por babacas. Quase tão ruins quanto os livros de viagem.

Descobri que eu estava rindo:

— Estou muito feliz por ver que você está no processo de conseguir uma recuperação completa.

— Eu acho que poderia virar vampiro depois de tudo isso — respondeu ele —, dada a forma como eu fui alimentado pelo sangue de outras pessoas durante esses dias.

— Pelo menos você está vivo.

— E a polícia me informou que eu devo minha vida a você, uma coisa pela qual jamais irei perdoá-lo.

— A polícia diz que eles sabem quem é o agressor — disse eu.

— Correção — interrompeu Fitzsimons-Ross. — Eu é que sei quem foi o agressor, porque fui tolo o suficiente em tê-lo conhecido antes. Imagine só, como ele não me esfaqueou na ocasião anterior em que passamos a noite juntos, acreditei que era seguro ficar com ele por mais um tempo de namoro. O problema é que Horst também pinta e...

— Já imaginava.

— O que quer dizer com esse “já imaginava”?

Parei por um momento, sabendo que não havia maneira de contornar o que eu tinha para lhe dizer, e que era melhor falar tudo de uma vez, e paciência:

— O homem que o atacou — disse eu — também atacou as três telas em que você estava trabalhando.

Os lábios de Alastair se apertaram e ele fechou os olhos. Eu me senti péssimo por ele.

— E o dano foi grande? — perguntou ele.

— Muito — respondi.

— Defina “muito”.

— Irreparável.

Ele fechou os olhos mais apertados, a cabeça afundando cada vez mais no travesseiro. Ficamos calados. Eu podia ouvi-lo se esforçando muito para abafar um soluço.

— Sinto muito — disse eu, finalmente.

— E por que você devia sentir alguma coisa? — perguntou ele, de repente com raiva. — Você não é o merdinha sem talento que fez isso comigo!

Ele ficou em silêncio novamente.

— Você deveria ter me deixado morrer.

Outro silêncio.

— Obrigado — disse ele.

— Por quê? — perguntei.

— Por me contar isso agora — respondeu Alastair. — Se você tivesse esperado até que eu melhorasse, eu teria lhe desprezado...

— Eu vi Mehmet no outro dia.

— E você contou a ele?

— Bem, quando ele entrou no apartamento, viu o que tinha acontecido.

— Cristo... E você contou a ele quais foram as circunstâncias?

— Eu disse que um ladrão invadiu o lugar enquanto você estava dormindo. Você acordou. Houve uma luta...

— Tenho certeza de que ele não acredita em uma só palavra do que você disse — comentou Alastair.

— Seja como for — continuei —, ele está me ajudando a redecorar seu apartamento. Na verdade, foi Mehmet quem organizou todo o material de pintura, as lixadeiras, o...

— Por que diabos vocês decidiram repintar o lugar?

— Porque o seu sangue está em toda parte. Mas tudo vai sumir quando chegar o dia de você ter alta. Falando nisso, eu realmente estou contente porque você ainda está conosco.

— Eu não... Aquelas pinturas... E você nunca mais chame as porras das pinturas de *telas* novamente... Aquelas pinturas eram boas...

— Conheço um pintor — repliquei — que uma vez perdeu o manuscrito inteiro de um romance no qual vinha trabalhando havia mais de um ano. Um incêndio em seu apartamento em Manhattan. Ele tinha dormido na cama com um cigarro aceso e teve a sorte de escapar com vida. Mas suas duas cópias, a original e o carbono, ficaram queimados que nem batata frita. E o que ele fez?

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa — interrompeu-me ele. — No seu tempo livre, você dá essas palestras motivacionais horríveis que seu país tanto adora?

— Desculpe-me por tentar animar você...

— Nada vai me animar agora. Estou além de poder ser animado por qualquer coisa.

— Você vai começar a fazer aquelas pinturas novamente, e elas vão ficar boas. Talvez não tão boas quanto você achava aquelas que foram destruídas, mas...

— Você é bonzinho demais... Como está o Mehmet?

— Muito preocupado com você — respondi. — Tão preocupado que ele está lá todas as manhãs, pintando tudo. Alguma ideia de quando eles vão liberar você?

— Não é apenas a perda de sangue que está me mantendo aqui. É o meu pequeno “problema” também. Eles têm me mantido na “substituta”. O charlatão responsável me disse que não vai assinar a minha alta até que ele tenha certeza de que fiquei curado da heroína.

— E como você está indo com a metadona?

— Considerando que eu estive numa merda do estado de coma — respondeu ele —, sem problemas. Mas agora já posso dizer que a abstinência, mesmo com a metadona, vai ser monstruosa. Tenho vários amigos próximos toxicômanos que desceram essa mesma estrada da “substituta”. E todos eles relataram a mesma coisa: é o inferno absoluto.

— Bem, pelo menos você vai se livrar disso agora.

— Pare de falar como se eu tivesse passado minha vida adulta inteira esperando pelo momento em que eu seria esfaqueado de forma quase fatal por um artista de quarta categoria de um bar sórdido qualquer, para que pudesse finalmente me livrar da temida droga que tanto prejudicou a minha vida. O fato é que eu amo a heroína.

— Tudo bem — disse eu. — Mas levando em conta que eles não vão dar alta enquanto não tiverem certeza de que você está limpo...

— Pois veja você — retrucou Alastair —, eu poderia tentar sair daqui uma vez que tivesse bastante sangue correndo de volta em minhas veias. Como o charlatão e o investigador da polícia me explicaram, o fato de eu ser *Ein Ausländer*, um maldito estrangeiro, apresenta todos os tipos de complicações, uma delas, é claro, que eles têm provas fisiológicas de que eu sou um viciado. O que significa que eles poderiam me jogar para fora do país legalmente. Mas os alemães não são tão rígidos como os britânicos ou os franceses sobre essas questões, no entanto. Por sorte eles não revistaram o apartamento.

— Quem lhe disse isso?

— Eu só supus que, como era um caso de tentativa de homicídio...

— Você é um viciado. Eles puseram o lugar abaixo!

— E eles encontraram...

— Não — respondi. — Joguei tudo pela janela e no lixo, na manhã seguinte.

— Você jogou tudo fora?

— Que diabos eu deveria fazer? Manter as coisas aquecidas no forno até que você voltasse para casa? Digamos que os policiais fizessem essa varredura e encontrassem a sua merda?

— Aquela “merda” valia setecentos marcos...

— Até que é um preço baixo para não ser preso e expulso da *Bundesrepublik*.

— Nós não vivemos na *Bundesrepublik* — retrucou ele. — Vivemos em Berlim.

— E daí? Você seria deportado do mesmo jeito. Agora você pode se livrar do vício à custa deles.

— Chega de parecer tão pragmático. Quando você vai ver Mehmet de novo?

— Amanhã de manhã, às oito, vamos limpar seu piso.

— Você vai pedir-lhe para me visitar?

— Eu vou perguntar, mas você sabe que ele não pode ser visto com você.

— Ele te disse isso?

— Sim, ele me disse isso.

— Então você pode voltar amanhã à noite e me dar uma atualização?

— Atualização sobre o quê? — perguntei.

— Sobre tudo que acontece fora desse hospital de merda — respondeu ele.

— Amanhã à noite é impossível.

— Por que isso?

— Porque eu estarei ocupado de outra forma.

— Qual o nome dela?

— Se a coisa for para a frente, eu conto.

— A coisa vai para a frente.

— Como você pode estar tão certo?

— Porque você sabe que vai. Depois de amanhã, então?

— Claro.

— E diga a Mehmet que sinto falta dele.

Passei essa mensagem a Mehmet na manhã seguinte. As paredes foram todas repintadas, e passamos as quatro horas que ele tinha reservado para trabalhar ali lidando com o negócio confuso de lixar o piso do estúdio. O pó de madeira era torrencial, e Mehmet salientava enquanto isso que o piso era feito de tacos baratos e que era muito frágil quando se via atacado por uma lixadeira. Claro que, quando ele chegou naquela manhã, eu imediatamente lhe informei que Alastair estava passando melhor, e a julgar pelo azedume demonstrado na noite passada no hospital, não tinha sido muito mentalmente afetado por esse ataque. Mehmet aceitou essa informação com um modesto aceno de cabeça, então ficou em silêncio até que começou a me contar o que precisávamos fazer para deixar o chão totalmente limpo de sangue. No meio deste trabalho empoeirado, fizemos uma pausa para o café durante a qual, de repente, ele me perguntou:

— Você está me dizendo a verdade sobre a condição dele? Ele realmente vai sobreviver, é isso?

— Tudo indica que sim — respondi. — E ele perguntou sobre você muitas vezes. Por que você não vai ao Krankenhaus para visitá-lo? Quero dizer, não é como se nós vivêssemos do outro lado do muro e tivéssemos cada movimento nosso monitorado. De qualquer forma, mesmo na possibilidade remota de que você dê de cara com algum conhecido por lá, grande coisa. Você está visitando um amigo, nada mais.

Mehmet simplesmente balançou a cabeça e disse:

— Não é tão simples assim.

Continuamos a trabalhar em silêncio até o meio-dia. Mehmet me ajudou a varrer toda a serragem, em seguida lavou as mãos, ajeitou a gravata, e disse:

— Amanhã, às oito.

Assim que ele foi embora, olhei meu relógio. Percebendo que eu ainda tinha a tarde para matar antes de seguir meu caminho e encontrar Petra naquele café turco perto de seu apartamento, decidi fazer algo que tinha sido um anátema para mim desde o meu último ano na faculdade: dar uma corrida.

Farei uma verdadeira confissão: em determinado momento de minha vida, realmente me vi como um maratonista. Ou, ao menos, um maratonista em treinamento. Eu corria o *cross-country* no colégio. Minha especialidade era correr os dez mil metros e, certa vez, fiquei em terceiro lugar em um torneio entre as escolas. Também dediquei dois anos na minha equipe da universidade, até que meu caso de amor com os cigarros colocou um fim em tudo isso. Era um ex-fuzileiro naval, chamado Sr. Toole, que sempre bradava:

— Quatro passos corridos, em seguida expirar por quatro passos, depois mais quatro passos e expirar por quatro passos. E você nunca, jamais, vai se desviar do ritmo. Se você se esquece do ritmo quatro por quatro, a sua respiração vai para todos os lugares, e você vai perder ritmo,

velocidade, poder de permanência. Você vai começar a fazer algo realmente idiota, como prender a respiração... E eu já vi mesmo experientes corredores de longa distância inadvertidamente cometerem esse erro, porque simplesmente esqueceram o padrão quatro por quatro. E daí você se vê sem fôlego, resfolegando, perdido. Na corrida, a respiração significa energia, e eu vou cair matando em cima de você de verdade, Nesbitt, se algum dia se esquecer disso!

Mas nunca me esqueci, St. Toole, e, correndo através de Kreuzberg, eu ficava repetindo o mesmo mantra:

Quatro passos, quatro expirações. Inspire de volta lentamente pelo nariz. Quatro passos, quatro expirações. E nunca, nunca, segure uma respiração por mais tempo do que o necessário.

A juventude é um presente tão grande... E um daqueles que a gente realmente só vai perceber muitos anos mais tarde, quando nos tornarmos conscientes da crescente falta de perdão por parte de nosso corpo com relação aos nossos excessos. Quando bati a marca do primeiro quilômetro, tudo o que eu conseguia pensar era: *Então eu consigo fumar e correr ao mesmo tempo.*

A cidade muda quando você corre por ela. As distâncias que pareciam tão longas quando você caminhava agora estão surpreendentemente perto, o passeio da porta de minha casa até a estação do metrô em Heinrich-Heine-Strasse não durava mais os dez minutos de costume. Depois, há o simples fato de que você está correndo e ultrapassando todo mundo e, portanto, precisa se esquivar de carros e de pedestres e, neste caso, está se dirigindo para o norte, usando o Muro como um marcador direcional. Mas mesmo que o meu percurso ziguezagueasse em paralelo a essa barricada e depois se afastasse pelas ruas próximas, o fato era que o Muro agora parecia ser um impedimento interminável. Eu podia virar à esquerda, mas simplesmente não podia correr para a direita. Pelo fato de seguir sua trajetória para o norte, ele acabou me largando na frente do Portão de Brandemburgo e da ruína que ainda era o Reichstag. Um giro para a esquerda e eu estava correndo pelo Tiergarten, aquele grande parque público através do qual a turma de Hitler marchou quando eles incendiaram o parlamento, e que, antes dessa noite infame, era mais conhecido durante a exaltada decadência da República de Weimar como um local ideal no qual se podiam encontrar prostitutas de ambos os sexos. Agora, ele se via obscurecido pelos fantasmas de um passado imperial e fascista, e pela maior linha de demarcação ideológica construída durante o mais terrível dos séculos.

Mas esses pensamentos vieram depois. De momento, o Tiergarten se mostrava simplesmente como um pedaço de verde para ser percorrido a um ritmo razoável, isto é, antes de minha resistência começar a diminuir e eu passar a sentir um peso nas minhas pernas. Minha garganta estava seca e meu peito, arfando. Diminuí a corrida até fazer uma parada ofegante, de cabeça baixa, mãos nos joelhos, a garganta agora cheia de catarro, o sabor de fumaça de cigarro enchendo a minha boca. Mas eu também tinha que me lembrar de que, depois de um hiato de cinco anos, tinha acabado de correr durante quarenta minutos, e sem parar. Olhando para o meu relógio, estiquei a minha mão e peguei um táxi para casa.

Poucas horas depois, de banho tomado e barbeado, vestindo calça *jeans* preta, uma jaqueta de couro preta, e uma blusa de gola alta também preta, caminhei os vinte minutos que me separavam do Ancara Café. Petra tinha razão: em comparação com o meu próprio canto sujo, mas enérgico, de

Kreuzberg, o dela era completamente dilapidado e sem nenhum sinal daquela vitalidade das ruas. Esta era uma área notável por seus blocos de apartamento sem rosto, habitados por pessoas de baixa renda, algumas ainda remanescentes do fim do século XIX e por um punhado de lojas de triste aparência: uma mercearia, uma lavanderia, um lugar que vendia utensílios domésticos com aparência de antiguidades, uma loja de roupas destinadas às mulheres turcas que (a julgar pelos manequins estranhos na vitrine) não pareciam se importar em usar o chador.

No fim desta rua, os blocos de apartamentos igualmente feios de Berlim Oriental olhavam para mim. Embora os mais próximos estivessem a menos de cem metros do Muro, pareciam ser vizinhos próximos desse lado de Kreuzberg. Mais uma vez fiquei imaginando como deveria ser viver nesses arranha-céus stalinistas, com uma visão clara e panorâmica da Cidade Proibida disponível para todas as fachadas voltadas para o oeste. Será que você precisaria ser um burocrata de alto escalão no Partido para ter direito a essa vista tão privilegiada? Ou será que as autoridades deliberadamente colocavam nesses apartamentos os desajustados políticos e descontentes com o regime como uma maneira de lembrá-los de que, mesmo estando geograficamente muito perto do almejado Outro Lado, também estavam tão longe de lá?

O Ancara Café era um Café Istambul ainda mais decaído (e isso exigiria um pouco de trabalho). O mesmo linóleo com motivos florais. Papel de parede floral descascando e curado pela fumaça do tabaco. As mesmas mesas de fórmica. A mesma iluminação fluorescente. Os mesmos cheiros entrelaçados de cigarros ruins, café turco mais do que passado e óleo de fritar. E sem clientes quando entrei.

Deslizei para dentro de uma das cabines, consultei o relógio e vi que tinha chegado cerca de cinco minutos mais cedo do horário marcado. Estava me sentindo tão ridiculamente nervoso, tão ansioso para que tudo corresse bem, tão preocupado em causar uma boa impressão, tão desesperado para me mostrar calmo e nem um pouco excitado com a ocasião, que rapidamente puxei minha bolsa de tabaco e os papéis e enrolei um cigarro. O cara atrás do balcão gritou para mim:

— O que você quer?

Eu pedi um café turco “médio” (isto é, com meia colher de chá de açúcar, em vez das três colheres de chá que o Istambul colocava em sua versão “doce” desse líquido altamente carregado de cafeína... E altamente viciante). Então, peguei meu caderno de anotações e passei a escrever algumas reflexões sobre a experiência de ter corrido ao longo do Muro. O café chegou. Acendi o meu cigarro. Eu continuei a escrever, tentando deixar o acúmulo de palavras dominar a minha ansiedade. Minha caneta voou ao longo das páginas estreitas do meu caderninho de bolso. A combinação de cafeína e nicotina manteve o nervosismo sob controle. No meio de uma frase bem extensa sobre ficar sem fôlego enquanto atravessava o Tiergarten, ouvi sua voz:

— *So viele Wörter viele.*

Tantas palavras.

Olhei para cima. Lá estava ela. Petra. Vestindo um casaco de *tweed* cinza-escuro com um cardigã marrom, uma saia curta de veludo verde e meias pretas com, como antes, um pequeno rasgo em torno do joelho esquerdo. Obriguei-me a parecer casual quando disse:

— *Ja, so viele Wörter. Aber vielleicht sind die Ganzen Wörter Abfall.*

Sim, tantas palavras. Mas talvez todas as palavras sejam uma porcaria.

Ela riu e se sentou à minha frente. Eu vi que ela também estava carregando uma mochila preta de vinil, da qual puxou um maço de cigarros HB. Peguei minha bolsa de tabaco e os papéis.

— Eu nunca soube que os americanos fumavam cigarros feitos a mão — disse ela, batendo um cigarro e alcançando o isqueiro que eu tinha deixado sobre a mesa. — Quer dizer, fora de romances de John Steinbeck.

— É um hábito que adquiri na faculdade — respondi. — Especialmente porque era mais barato do que os cigarros de verdade.

— Mas não tão agradável. Então, novamente, tendo crescido com as coisas que se passavam por cigarros por lá...

— Como os f6s?

— Ah sim, esqueci que você mencionou essa marca em seu ensaio. Eu gostei da imagem da “força industrial”. Muito pertinente.

— E o resto do ensaio?

Mais uma vez ela sorriu para mim.

— Nós vamos chegar a isso mais tarde — respondeu. — Primeiro, eu preciso de uma cerveja.

— Acho que vou tomar uma também — repliquei.

— Acabo de tentar correr pela primeira vez em mais de cinco anos.

— Correr exatamente do quê?

— Do fato de que fumo cigarros demais ao longo do dia, e eu costumava ser capaz de correr dez quilômetros em menos de uma hora.

— Você realmente fez isso?

— Por um tempo muito breve na minha adolescência.

— Pessoalmente — disse Petra —, eu não poderia imaginar a vida sem fumar.

— Essa é uma afirmação muito séria — comentei.

— Eu sou uma fumante séria.

— Quantos por dia?

— Dois maços...

— Você nunca tentou parar de fumar?

— Esse é o meu segundo amor da vida.

— E qual é o primeiro?

Ela parou por um momento, dando uma profunda tragada:

— Direi assim que o conhecer um pouco melhor. Mas eu preciso mesmo daquela cerveja...

Acenei para o garçom. Quando ele se aproximou, eu disse:

— Agora ando meio inclinado à *Hefeweizen*...

— Cada um com seu próprio gosto. Para mim, é muito Baviera, muito *gemütlich*²². Eu sou uma garota de Berlim... Por adoção, de qualquer maneira. Então, para mim é sempre uma Pilsner Berliner.

— Você quer dizer que eles não faziam cerveja em Halle?

— Meu pai fazia, mas em casa — respondeu Petra. — Ele também era talentoso nisso. Aprendeu com o pai dele, que havia trabalhado em uma fábrica de cerveja antes da guerra.

— E seu pai fazia o quê?

— Ele trabalhou como produtor na estação regional do Der Rundfunk der DDR — a estação de rádio nacional. Um homem muito culto, que nunca foi tão ambicioso e, portanto, parecia perder as promoções que o teriam enviado para trabalhar em Leipzig ou Dresden ou, o grande prêmio, em Berlim. Claro, ele era um membro do partido porque, mesmo em um lugar como Halle, você não poderia conseguir um trabalho nesse nível na DDR Rundfunk sem ter prometido lealdade ao Partido dos Trabalhadores. Mas o seu coração nunca esteve ligado a tal coisa. Acho até que seus superiores sabiam disso. E é por isso que o mantiveram preso nas províncias quando os interesses de meu pai — a música clássica, os livros, o teatro — estavam em outro lugar. De vez em quando, papai fazia uma viagem para ouvir a Orquestra Estatal de Dresden ou a Gewandhaus em Leipzig, que são duas de nossas grandes orquestras, e ele voltava a Halle um pouco melancólico. Porque ele sentia que a vida estava passando por ele...

De repente, ela balançou a cabeça, franzindo a testa.

— Agora estou com raiva de mim mesma — disse ela.

— Por que isso?

— Estou falando demais sobre a minha vidinha... — respondeu.

— Mas eu quero saber sobre você.

— Você não tem que brincar comigo, Thomas.

Aquela foi a primeira vez que Petra disse meu nome.

— Olha, dificilmente brincaria com você, Petra. Estou genuinamente interessado em você. Sério...

— Precisamos daquela cerveja — disse ela, me cortando.

— E a sua mãe? — perguntei.

— Você faz perguntas demais. Um hábito profissional, eu suponho.

— Eu estou interessado.

— Você continua dizendo isso.

— Porque é a verdade. E sua mãe?

Ela me olhou intrigada, como se estivesse tentando se convencer de que eu não estava tentando ser educado ou me mostrar falsamente interessado... Que, na verdade, eu estava *mesmo* interessado. Vê-la me avaliar dessa maneira, cautelosa e quem sabe esperançosa, me fez pensar:

Será que ela está tão seduzida e nervosa quanto eu estou agora?

— Tudo bem, serei breve porque temos trabalho a fazer... Minha mãe. Uma mulher de Berlim que sabia ler e escrever em quatro idiomas, e queria ser, eu sentia isso, uma escritora, uma editora ou uma jornalista. Mas então...

Ela parou de falar para esmagar a ponta do cigarro no cinzeiro e gritou para o garçom:

— *Eine Berliner Pils und eine Hefeweizen.*

Assim que terminou de dar as ordens para o garçom, ela se virou para mim e disse:

— Amor.

— ãh... Como? — perguntei.

— Minha mãe. Ela se apaixonou. Como ela me disse muitas vezes naquele ano, antes de morrer, aquele era o amor de um homem bom, mas que também a trouxe para Halle e para uma vida que não era o que ela ansiava.

— E ela morreu de quê?

— Do que a maioria das pessoas em seus quarenta morre, câncer. No caso dela, de ovário.

— Quando foi isso?

— Seis anos atrás.

— Mais ou menos na época em que minha mãe morreu — comentei.

— Quantos anos? — perguntou Petra.

— Quarenta e dois. Câncer, também. Provocado por isto.

Agora, quem apagou o cigarro fui eu.

— Sinto muito — disse ela, momentaneamente tocando minha mão com a dela.

Seus dedos estavam quentes, mas assim que ela cobriu minha mão puxou a dela para longe, como se estivesse preocupada em ultrapassar algum limite, ou talvez enviando o sinal errado. Como eu queria estender a mão e enfiar os dedos nos dela e puxá-la para mim... E, ao mesmo tempo, arruinar tudo em um nanos-segundo mal avaliado.

— Ela não era a mais feliz das mulheres — disse eu.

— Isso me parece familiar. E seu pai?

— Meu pai é um cara complicado — respondi. — Um homem de negócios. Um ex-soldado. Muito consciente das regras. Muito “cadeia de comando”. No entanto, alguém que sempre, eu acho, queria viver uma vida diferente.

— O que ele pensa sobre o filho ser um escritor?

— Eu sinto que ele não sabe o que diabos fazer de mim. Assim como, em particular, eu sinto que ele pensa que estou tendo a vida que ele queria ter.

— Ah, mas ele não escreveu livros.

— Um livro. É isso, até agora.

— Mas um livro muito bom.

Olhei para ela com cuidado.

— Você leu meu livro? — perguntei.

— Não aparente tanta surpresa — respondeu ela, estendendo a mão para pegar outro cigarro.

— Mas como você conseguiu um exempl...

— Pawel tinha uma cópia. Perguntei-lhe se eu poderia pegar emprestado.

— Isso deve tê-lo divertido...

— Pawel é descolado demais para se mostrar assim — disse ela. — Mas ele disse que o livro “não era ruim”. Vindo de quem veio, é um elogio e tanto.

— E vindo de você? — perguntei.

— Não é ruim — respondeu ela, com um leve sorriso. — Mas o que importa o que eu acho? Você é o escritor que tem um livro publicado. Eu sou apenas uma funcionária.

— Mas esse não é caso...

— Agora você está brincando comigo!

— O que eu quero dizer é que os tradutores dificilmente são funcionários. Vocês são *doppelgangers*²³.

— Mas que ótimo ser a sombra de outra pessoa... — ironizou Petra.

— Você coloca palavras matutinas em palavras vespertinas.

— Não é uma metáfora ruim. Mas eu aposto que foi um tradutor que pensou nela...

Agora, foi a minha vez de rir.

As cervejas chegaram e nós brindamos.

— E agora, antes de começarmos a falar mais um pouco sobre pais e profissões — disse Petra — precisamos lidar com seu texto.

Dizendo isso, ela enfiou a mão na mochila e sacou um texto datilografado em alemão, as margens com várias anotações escritas em uma caligrafia de letras pequenas e precisas.

— Parece que você tem um monte de perguntas — disse eu.

— Principalmente sobre a escolha de palavras, as minhas com relação às suas — disse ela. — Nós podemos prescindir disso de forma sistemática. Mas antes de chegarmos a fazer isso... Tenho algumas observações críticas, se você não se importa. E gostaria de salientar que discuti tudo com Pawel esta tarde antes de vir me encontrar com você, pois ele é o produtor e eu sou apenas uma tradutora. Mas como uma *Ossi*... E tendo em vista que você está escrevendo sobre a cidade em que morei por dez anos... Bem...

— Vá em frente. Diga-me o que você pensa.

— É um texto bem argumentado. Mas deixe-me lhe dizer isso, uma crítica básica, e depois podemos avançar nas questões semânticas mais banais. A maneira como você pinta Berlim Oriental como sendo cinza, estéril, carente de qualquer nuance humana ou de cores...

— Tudo isso é verdade.

— Mas previsível — retrucou ela.

— É o que eu vi, o que eu observei, para usar sua palavra.

— Isso é o que todo escritor ocidental observa sobre a Berlim Oriental, ou Praga ou, Deus nos ajude, Bucareste, que, graças a esse louco do Ceaucescu, faz a RDA se parecer mais com a Suécia. Meu ponto, Thomas, é que você deve repensar certas partes do ensaio, e talvez contornar o habitual clichê sobre a “vida monocromática” que todos os nossos ouvintes na RDA terão ouvido antes.

— Mas o meu texto não está tentando se vender como outra coisa que não seja aquilo que o Jerome Wellmann me pediu para fazer: bancar o “americano viajando para fora e passando um dia em Berlim Oriental”. Pelo fato de que eu tenha na verdade escolhido centrar o artigo inteiro na ideia da neve como metáfora... Bem, certamente você não pode me acusar de estar transbordando o texto de clichês...

Eu falei tudo isso com uma veemência que de certo me surpreendeu. Quando eu refleti sobre isso muito mais tarde, percebi que não era apenas a minha necessidade de defender o meu canto que me estimulou a entrar em um debate com ela, mas também um sentido instintivo de que essa conversa fazia parte de toda aquela dança de acasalamento que estava tendo lugar enquanto bebíamos a nossa cerveja e fumávamos nosso cigarro, tentando não olhar por muito tempo dentro dos olhos do outro.

— Desculpe — continuou ela —, mas frases como “as mazelas da arquitetura stalinista que hoje decora Unter den Linden” ou a descrição da refeição sem sabor que você consumiu em Alexanderplatz... Thomas, seus ouvintes do lado oriental vivem isso todos os dias de suas vidas. Mas o que você não vê, e como poderia, dado que isso foi a sua perda de virgindade do Pacto de Varsóvia, é a vida que se passa por trás da arquitetura ruim, das lojas sem estoque, da vida sem fácil acesso ao Marlboro ou a carros que não soem como se você estivesse dirigindo um cortador de grama. Onde eu morava com meu marido...

Por acaso eu recuei visivelmente quando ouvi as duas últimas palavras? Absolutamente. E Petra me viu recuar, já que falou:

— Não estou mais casada.

— Você foi casada por muito tempo?

— Seis anos. Mas isso é outra história, e não para agora. O que eu estava tentando dizer é: onde eu costumava viver em Berlim Oriental, uma área chamada Prenzlauer Berg...

— Eu estive por lá.

— Esteve? Por quê?

— Eu subi até Prenzlauer Allee vindo da Alexanderplatz, porque a arquitetura parecia diferente.

— É claro, é diferente. Ela sobreviveu à guerra. O que você visitou por lá?

Expliquei que passei uma hora bisbilhotando seus arredores. Toda vez que eu mencionava um nome de rua, o rosto de Petra brilhava, e ela comentou sobre alguns pontos interessantes da região — uma pequena loja, um edifício interessante, até mesmo uma sutil lâmpada de rua que era um resquício

de outro tempo — e que ela evidentemente relembrava com grande vivacidade. Mas quando comentei sobre o parquinho na Kollwitzplatz e como ele estava repleto com as mães e seus filhos e como eu achava essa cena de pais com filhos algo realmente tocante, o rosto dela se endureceu e ela lançou seu olhar para baixo.

— Sim, conheço esse parque — disse ela.

Minha menção a esse lugar a abalou, era evidente, e isso naturalmente me deixou curioso. Mas a maneira como pude observar a luta de Petra, obrigando-se a sair desse momento de escuridão, sugeriu-me que, com outras questões sobre o homem que já não era seu marido, este também era, agora, um território proibido. Então, eu tentei redirecionar a conversa de volta para uma área mais segura:

— Então, você estava dizendo que, quando morava em Prenzlauer Berg, nem tudo era cinza e de concreto armado?

Petra soltou uma longa coluna de fumaça, evidentemente aliviada por estar fora do assunto do parquinho:

— Na verdade, ali era a Rive Gauche de Berlim Oriental. Se você soubesse como atuar dentro do sistema, e a maioria de nossos amigos escritores e artistas sabia como fazer isso, seria possível conseguir um enorme apartamento antigo lá no alto por um preço próximo de nada. Era como um daqueles *lofts* sobre os quais eu li uma vez e que existem em Lower Manhattan. Claro, uma vez que estamos falando sobre a RDA “cinza”, “ascética” e “sem conforto”, os serviços básicos eram exatamente isso, zero. Mas todos nós conhecíamos alguém que conhecia alguém que era um encanador ou um eletricitista e que, por uma modesta soma, iria fazer os chuveiros funcionarem e as luzes se acenderem e fazer o aquecedor esquentar em janeiro de uma forma mais tolerável. Ainda assim, havia uma comunidade realmente criativa em Prenzlauer Berg. O fato era que, mesmo que você não conseguisse ver seus escritos publicados ou suas peças produzidas, ou suas telas expostas, mesmo que estivesse fazendo arte apenas para si mesmo, aquela comunidade iria apoiá-lo. Nós encenávamos leituras para as peças. Tivemos apresentações privadas em apartamentos, exibindo fotografias e pinturas. Nós passávamos para os outros os manuscritos. E organizávamos festas fantásticas. Festas loucas que muitas vezes começavam na sexta à noite depois do trabalho e continuavam até as seis da manhã de domingo. Era uma vida boêmia adequada, em nossos próprios termos, ou tanto quanto esses “nossos termos” fossem possíveis, dada a maneira como as coisas aconteciam por lá...

— E você já era uma tradutora?

— Sim, eu fiz esse tipo de trabalho, do inglês para alemão, para uma editora estatal. Claro que, como eu não era um membro do partido e fui também considerada como parte daquele grupo de “quase degenerados” que viviam nos confins de Prenzlauer Berg, nunca recebi um trabalho grande. Do tipo do novo romance de escritores negros americanos que o conselho editorial considerava suficientemente sombrio sobre a vida nos Estados Unidos, ou algum livro de um zangado autor comunista inglês vociferando contra a Sra. Thatcher. Não, eles me faziam traduzir livros sobre a vida selvagem, ou estudos geológicos sobre a plataforma continental americana, ou alguns manuais

técnicos. Um trabalho maçante, mas que preenchia o tempo. Bem, já falei demais sobre mim, e ainda não consegui descobrir por que diabos você está interessado em mim.

— Porque eu acho que você é maravilhosa — respondi.

— Por que você diz isso? — perguntou ela, sua voz calma e livre de censura.

— É o que eu acho.

— Como você pode achar isso? Você me conheceu faz apenas meia hora, não mais.

— Eu ainda acho isso, e sei bem o que acho.

— Agora você está me constrangendo. — disse ela.

— Não, eu só estou dizendo o que eu *sinto*.

Naquele momento, eu pude vê-la dando um breve sorriso. Mas ela o afastou com um aceno de cabeça, um gole de cerveja, um novo cigarro, e uma diretiva:

— Podemos, por favor, voltar para o seu texto?

Durante os vinte minutos seguintes, discutimos os pontos que ela levantou. Todo o crédito deve ser dado a Petra — se ela discordasse de você, não cederia facilmente ao seu ponto de vista. No fim, eu cedi em seis das nove “observações” que a estavam afligindo, usando uma linguagem mais ambígua para fazer valer meus pontos críticos. Em seguida, nós nos debruçamos sobre suas consultas sobre a tradução, as quais estavam ligadas a questões semânticas relacionadas a certos americanismos que eu usei e como ela tinha a necessidade de encontrar uma frase em alemão para expressões idiomáticas como “out of the left field”²⁴.

— Não jogamos beisebol na Alemanha Oriental — disse ela, depois de eu ter explicado a origem etimológica da expressão. — Mas, novamente, eu gosto da maneira como você usa as palavras.

— A menos que sejam dirigidas contra os encantos arquitetônicos de Ost Berlin.

— Que é quando você desce para as platitudes. E você é um homem muito inteligente para fazer isso.

— Agora você está me lisonjeando...

Pela primeira vez durante toda aquela dança de conversação, ela encontrou meu olhar de frente.

— Mas é como me sinto, Thomas.

— Que bom.

— E agora...

Ela olhou para o relógio.

— Agora, eu tenho que ir.

— Você o quê? — exclamei, parecendo abalado.

— Tenho planos para esta noite.

— Entendo...

— Você parece decepcionado.

— Bem... Sim, eu estou desapontado. Mas e seu eu sugerisse que a gente saísse para jantar ainda nesta semana?

— Eu diria: mas é claro!

— E se eu me mostrasse ansioso demais e sugerisse amanhã à noite?

— Eu responderia: bem, existe um restaurante italiano bom e barato a duas quadras daqui, na Pflügerstrasse. Ele tem um nome idiota: o Arrivederci, que não é um ponto de venda para um restaurante, concorda?

— Tudo bem, o Arrivederci então. Às oito?

— Está ótimo.

Eu joguei um pouco de dinheiro em cima da mesa.

— Você não tem que pagar para mim — disse Petra.

— Mas eu quero.

Saímos para a rua, era o começo da noite.

— E então, o que achou deste pequeno quarteirão sombrio que eu chamo de lar? — perguntou ela.

— Não é pior do que o meu canto de Kreuzberg.

— Eu não deveria estar vivendo aqui. É tudo muito cinzento.

— Então por que fica? — perguntei.

Ela olhou rapidamente para as altas torres de Friedrichshain, que assomavam no lado oposto do Muro.

— Eu tenho minhas razões — disse ela.

Então, de repente, sem aviso, ela chegou perto de mim e me beijou nos lábios, e depois se afastou suavemente antes que eu tivesse a chance de puxá-la de volta. Mas ela procurou pela minha mão mais uma vez, e segurou-a firmemente, dizendo:

— Até amanhã.

— Sim, até amanhã.

Ela me soltou e se afastou, caminhando rapidamente para longe. Eu fiquei lá, minha cabeça ainda nadando com a sensação daquele beijo breve, mas significativo, e vi quando Petra desapareceu no fim da rua. Quando chegou na esquina seguinte, ela se voltou. Vendo-me lá, pareceu aliviada, mas também tão confusa como eu estava agora. Ainda assim, sorriu. E, tocando os dedos nos lábios, jogou um beijo para mim. Antes que eu pudesse responder, ela virou uma esquina e se foi.

Nos momentos que se seguiram, um pensamento me perseguiu: *Vai demorar um dia inteiro antes que eu possa vê-la de novo.*

Três

Um dos problemas de apaixonar-se é que não se pode evitar buscar significados ocultos em todas as conversas com a outra pessoa. Nessa primeiríssima fase da relação, quando alguém sabe que está apaixonado e suspeita (mas não tem certeza) que o sentimento é mútuo, e deseja desesperadamente que tudo saia bem, se converte num especialista em semiótica avançada e passa o tempo todo tentando decifrar o que esconde cada palavra dita entre os dois.

Pelo menos, era assim que eu me sentia depois de passar aquela hora com Petra no café Ankara. Aquela noite inteira, enquanto eu voltava para casa, tentava ler, saía outra vez e tomava umas duas cervejas no Die Schwarze Ecke, eu continuei repassando interminavelmente os gestos e trejeitos, os jogos de palavras de duas pessoas que se estudam mutuamente e, no meio disso tudo, as necessidades, os desejos e as esperanças dos dois (tanto os compartilhados como os divergentes), contrabalanceados pelo instinto de preservação, o medo de fazer uma aposta muito elevada, o temor da desilusão, o medo de se queimar...

Certamente, o fato de que está disposta a jantar comigo amanhã demonstra que, para ela, isto é sério... Mas o que há sobre essas enigmáticas referências sobre seu ex-marido... se é verdade que é ex mesmo? E por que ficou tão triste quando mencionei o parque infantil de Prenzlauer Berg? Quem sabe ela quis ficar grávida e não pode? Talvez seu marido não quis ter filhos com ela... e ela ainda sente? Ou será que sofreu um aborto e ainda lhe entristece lembrar do fato?

E por que diabos é preciso especular tanto, se sua reação poderia atribuir-se a uma dezena de causas diferentes, incluindo a simples nostalgia pelo lugar onde viveu?

Se havia algo evidente na forma de Petra de falar sobre Berlim Oriental, era que ainda a considerava a sua cidade. Falava com um carinho enorme e em termos curiosamente defensivos, com algo mais que um toque de nostalgia pela vida que tinha conhecido entre seus amigos boêmios de Prenzlauer Berg. Sentia falta, sentia saudades de tudo o que havia deixado para trás e, no entanto, era uma exilada que tinha fugido de um regime opressor. Por que tinha ido embora, como havia saído e até que ponto tudo isso continuava atormentando a mulher eram perguntas que ainda não tinham resposta, as quais, todavia, não me sentia no direito de formular.

Na tarde seguinte, depois de lixar outra vez o chão com Mehmet e de prepará-lo para voltar a ser envernizado, saí com minha roupa esportiva para correr alguns quilômetros. Fui relativamente bem. Embora a corrida do dia anterior houvesse me deixado com dores musculares, o fato de que tivesse reduzido o consumo na véspera a sete cigarros enrolados e três cervejas (até então, uma noite muito saudável em relação aos meus hábitos) contribuiu para o meu progresso. Eu me dei conta de que prestava mais atenção ao ritmo da corrida, a maneira de adaptar a respiração e a regularidade das passadas, enquanto seguia o Muro em direção ao norte, virava à esquerda no Portão de Brandemburgo e depois voltava sobre meus passos até regressar para Kreuzberg. Estava

completamente ensopado de suor e sem fôlego quando entrei no café Istambul para pedir uma garrafa de água com gás e um café. E quando eu me sentei, Omar me disse:

— Um tal de senhor Pawel telefonou às dez horas da manhã.

Olhei para o relógio. Faltava um pouco para a uma da tarde. Era possível que ainda não tivesse saído para comer. Pedi o telefone e disquei o número de Pawel. Atendeu no terceiro toque.

— Ah, Thomas. Estou contente por você ter me telefonado. Tenho um estúdio livre esta tarde, às 16h15, mas se puder estar aqui às dezesseis horas, estou certo de que em quarenta e cinco minutos conseguiremos gravar a sua parte... Bem, isso se você não cometer muitos erros lendo o seu próprio texto — disse Pawel.

— Nunca gravei nenhum dos meus textos — disse eu.

— Então, não há dúvida. Será um desastre. Reservarei duas horas — disse Pawel.

No fim das contas, Pawel precisou somente de uma hora do meu tempo para completar minha gravação, porque depois do café no Istambul, voltei para casa, procurei o manuscrito e pratiquei lendo em voz alta cinco vezes antes de sair em direção a Wedding para a gravação. Quando cheguei, me fizeram esperar mais de dez minutos na recepção e, naturalmente, passei grande parte do tempo esquadrinhando a área aberta de trabalho para ver se conseguia achar Petra. Não tive sorte. No fim, saiu Pawel, acompanhado de um homem com aspecto sombrio, de uns cinquenta e cinco anos, vestido com um casaco com capuz verde.

— Ah, Thomas! Eu lhe apresento a Herr Mannheim, que acaba de gravar seu artigo em alemão. Herr Mannheim, este é o rosto que está por trás daquelas palavras — disse Pawel.

— Muito prazer — disse eu.

Herr Mannheim se limitou a encolher os ombros e depois fez um comentário rápido com Pawel sobre sua disponibilidade para trabalhos posteriores durante a semana seguinte. Com uma seca inclinação de cabeça, se dirigiu à saída.

— Ele é assim sempre tão amável, tão gentil? — perguntei eu.

— Isso sem mencionar que hoje você o pegou em um dos seus melhores dias. O homem padece de depressão crônica, mas tem uma voz fantástica para rádio. Deveria estar interpretando Schiller no Deutsche Theater, mas é tão tremendamente lúgubre o tempo todo que ninguém o quer colocar em cena. Ainda assim, ele fez um bom trabalho com o seu texto. E, de verdade, creio que as mudanças que foram sugeridas por Petra o melhoraram enormemente. Bem, verdade também seja dita, ela é uma *Ossi* e por isso tem um pouco mais de interesse que eu em tudo isso — disse Pawel.

Uma *Ossi*. Outra vez ele havia usado o termo depreciativo para referir-se a uma pessoa da Alemanha do Leste. Decidi não questionar seu uso de uma gíria local e, em vez disso, eu lhe perguntei:

— Ela esteve presente durante a gravação com Herr Melancolia?

Tentei fazer que a pergunta soasse casual.

— Não, ela não veio. Está doente — respondeu Pawel.

“Merda!”

Por sorte, Pawel me passou essa informação enquanto nós nos dirigíamos para o estúdio. Como ele caminhava a vários passos adiante de mim, não viu a cara que eu fiz ao saber da notícia e que consegui dissimular um minuto mais tarde, quando nos sentamos no estúdio e ele me pediu que lesse o artigo do princípio ao fim. Com um cronômetro na mão, ele se dispôs a contar o tempo da minha leitura. Ao fim, pressionou o botão no alto do relógio, o olhou e me informou:

— Precisamos que você reduza dois minutos e oito segundos — disse Pawel.

Para isso, foi preciso repassar todo o artigo e lê-lo de novo em voz alta. Então, descobrimos que ainda faltava cortar mais trinta e oito segundos e tivemos que remover mais dois parágrafos.

Era uma tarefa difícil, mas Pawel, que era alguém extremamente pragmático, me avisou que queria ver o trabalho terminado, e a mim fora do estúdio, em quarenta e cinco minutos. Conseguimos cumprir o prazo. Em meu fórum interno, eu lhe agradei que me fizesse trabalhar com tanta pressão, porque desse modo consegui distrair-me da ideia de que meu encontro dessa noite com Petra quase com certeza seria cancelado. Quando as coisas mal começaram, uma pessoa sempre quer que tudo se desenrole sem contratempos e, tratando-se do tema amor, ninguém consegue absorver o cancelamento de um encontro como algo leve. Disse a mim mesmo que deveria passar no Café Istambul antes de voltar para casa porque estava convicto de que, quando colocasse minha cabeça pela porta, Omar me diria, em seu estilo inimitavelmente indiferente: “Uma mulher lhe telefonou. Disse que não pode sair esta noite. Má sorte, americano”.

No entanto, quando eu cheguei ao Café Istambul por volta das seis da tarde, Omar negou quando lhe perguntei se tinha algum recado para mim.

— Você se importa que eu volte às sete para ver se há algum recado? — perguntei-lhe eu.

— Por que iria me importar se, na verdade, quem vai usar o seu tempo é você mesmo? — respondeu Omar.

Seria possível que o encontro desta noite não fora cancelado? Petra já teria deixado para mim, antes, um recado no Café Istambul. Certamente, se estava doente, teria me avisado. Por que diabos eu não lhe pedi o seu telefone no dia anterior? Talvez simplesmente houvesse decidido matar o dia de trabalho e tinha recorrido à desculpa do mal-estar físico para ter algum tempo livre. Assim sendo, me sentindo um pouco mais otimista, me dirigi para casa, onde tomei um banho e fiz a barba. Vesti uma camisa azul-escura, calças *jeans*, minhas botas de motociclista e meu velho casaco de couro preto. Depois, voltei ao Café Istambul.

— Nenhum recado — disse Omar.

Dirigi-me ao U-Bahn e ao sair procurei Pflügerstrasse, uma rua que deve ter recebido seu nome quando ainda restavam hortos em Berlim, já que um *Pflüger* é um lavrador, embora soubesse que, nessa época, o único espaço verde à vista era um pequeno parque retangular, dissecado ao meio pelo Muro.

O Arrivederci era um dos dois restaurantes abertos em uma rua meio abandonada, cheia de edifícios fechados, muitos dos quais pareciam ocupados ilegalmente. A maior parte das lâminas de

chapa ondulada que tinham sido arrancadas dos portões estava coberta por escritos e desenhos grafitados. Os dois ou três blocos de apartamentos que pareciam habitados eram antigos e se encontravam em um estado calamitoso. Além do Arrivederci e de uma loja de alimentos pequena e de aspecto triste, o único comércio da rua era um restaurante que vendia *Kebabs* para viagem e tinha na janela um enorme pedaço de cordeiro rançoso que dava voltas em um espeto. Parecia um cultivo giratório de penicilina.

O Arrivederci era um restaurante italiano comum e nada excepcional. Tinha nove mesas, todas elas vazias quando eu cheguei. Havia cartazes turísticos amarelados de Nápoles, Roma, Pisa e Veneza nas paredes, garrafas de Chianti com uma vela dentro sobre as mesas de fórmica, porta-pão de vime com pãezinhos em forma de palito empacotados e um aparelho de som que tocava sucessos napolitanos interpretados com acordeão. Havia somente um garçom, um homem quarentão de camisa branca e gravata borboleta, ambas manchadas de comida e vinho. Embora já tivesse perdido a maior parte do cabelo, o garçom havia puxado os fios para cima e ao redor em direção ao topo da cabeça com alguma substância adesiva bem potente, o que fazia que suas quatro mechas ficassem bem grudadas, de alguma forma, conservando o “penteado”. Sorriu quando eu entrei e me indicou que escolhesse a mesa. Instalei-me em um setor acarpetado com tapete sintético vermelho. O homem me perguntou se eu estava esperando alguém e, quando eu lhe respondi que sim, senti um grande alívio ao comprovar que não mencionou que houvesse qualquer recado para um tal Herr Nesbitt e, em vez disso, propunha um *prosecco* de aperitivo, como cortesia da casa. Eu lhe perguntei se podia esperar até a chegada da minha amiga, e então, ao olhar o relógio e ver que ainda faltavam sete minutos para a hora combinada, tirei meu livreto de anotações e comecei a escrever.

Já estava na quarta página de apontamentos e no segundo cigarro enrolado quando ouvi que se abria a porta e vi Petra entrar. Estava vestida com o mesmo abrigo de *tweed*, os mesmos *jeans* e o mesmo cardigã marrom, com uma camiseta branca por baixo. Embora tenha composto um sorriso, virou o rosto para assegurar-se de que meu beijo aterrissasse em sua maçã do rosto e não nos lábios. Olhando-a nos olhos, me dei conta de que havia tido um dia ruim.

— Desculpe-me a demora, sei que cheguei mais tarde do que o combinado — disse Petra.

— Você não chegou tarde — repliquei. — Por outro lado, não estava bem certo de que fosse vir.

— Eu lhe disse que viria — disse Petra.

— Sim, mas, quando eu estive na Rádio Liberty esta tarde, Pawel me disse que você tinha telefonado dizendo que estava doente.

— Você não disse nada a respeito que tínhamos um jantar combinado?

— Claro que não.

— Perdoe-me, perdoe-me. É que... Pawel não me cai bem. Não gosto que saiba o que faço fora do trabalho.

— Não tenha receio algum, eu não lhe disse nada. Mas você está bem? Porque, se por acaso, você não estiver se sentindo bem, podemos jantar outro dia.

— Você é muito gentil, mas, se eu vim, é porque me agrada estar aqui. E porque posso. Algumas horas atrás... Não teria dito o mesmo.

— Parece grave.

— Não, não é grave não. São coisas da vida. Preciso beber alguma coisa, por favor.

Eu mencionei a ela os aperitivos que o garçom havia nos oferecido, cortesia da casa, e ela assentiu enquanto tirava o maço de cigarros HB e acendia um. Petra me contou que, quando havia despertado pela manhã, sentiu como se estivessem perfurando o olho esquerdo com uma agulha. A dor foi tão violenta e insuportável que nem sequer tinha sido capaz de chegar à caixa de primeiros socorros que se encontrava em seu banheiro, na qual guardava as pílulas particularmente potentes que o médico lhe havia prescrito para controlar esses ataques ferozes.

— Isso acontece comigo somente uma ou duas vezes por ano — explicou Petra.

Mas a intensidade da dor a havia mantido com a cabeça cravada sobre o travesseiro durante pelo menos uma hora. Quando por fim o sofrimento cedeu, depois de alguns minutos, conseguiu recuperar o equilíbrio suficiente para chegar até a maleta de medicamentos. Meia hora depois de ter tomado os comprimidos necessários, o horror começou a diminuir.

— E agora que eu já lhe aborreci com a pequena e deprimente história de minhas absurdas enxaquecas termonucleares, você deve estar pensando: “Que mulher mais problemática!” — disse ela.

— Somente me sinto feliz por você estar melhor.

— Você é muito gentil comigo.

— Sente-se desconfortável que eu seja gentil?

— É que, isso... não é habitual. Faz que eu me pergunte onde você deve deixar sua parte obscura.

— Como sabe que eu guardo um montão de coisas sombrias em meu interior?

— Todo mundo tem seus cantos escuros, sobretudo os escritores, mas há algo que me chamou atenção no seu livro e é o modo como consegue que o leitor acabe sabendo muito sobre o Egito e sobre as pessoas que encontra enquanto viaja. Você conta todas essas histórias de uma maneira maravilhosa e quase sempre com muita empatia, sobretudo daquela mulher, a professora universitária que conheceu no ônibus no Cairo, a que havia perdido o marido e seus três filhos em um acidente de trânsito. Isso me fez chorar. Mas o que mais me surpreendeu foi que, ao terminar o livro, não sabia praticamente nada sobre você, sobre o autor.

— Essa é precisamente a estratégia do livro, já que, em minha opinião, minha vida é menos interessante que a das pessoas que vou encontrando pelo caminho.

— Não pode ser que acredite que a sua vida seja mesmo desinteressante.

— Não, mas se um leitor escolhe um livro de viagens sobre o Egito, não quer ouvir falar do casamento infeliz dos meus pais — respondi eu.

— O casamento deles foi infeliz? — perguntou Petra.

— Falaremos sobre isso em outro momento.

— Por que não agora?

— Porque não quero incomodá-la com...

— Com os pormenores da sua “vida desinteressante”?

— Exato — respondi.

— Mas para mim interessam.

Chegaram os dois copos de *prosecco* e ela tocou o seu com o meu.

— Ontem você me deixou falar... Agora é a sua vez. Você veio para Berlim somente para escrever um livro ou para fugir de algo?

Eu lhe perguntei se podia pegar um dos seus cigarros e ela empurrou o maço na minha direção.

— Um último cigarro antes de enfrentar o pelotão de fuzilamento? — perguntou Petra.

— É que não quero lhe aporrinhar com meus problemas pessoais.

— Se eu estou lhe perguntando, é porque me interessa, Thomas. Mas vejo que nós dois nos caracterizamos por termos uma certa reticência natural, não acha?

— Sim, e eu gosto disso.

— E eu gostaria de saber por que mencionou que o casamento de seus pais foi infeliz.

Acendi o cigarro e inalei profundamente a fumaça. Por que estava tão nervoso? Talvez porque Petra tivesse razão e eu mantivesse meu passado fora do domínio público. Fitzsimons-Ross já tinha se queixado em várias ocasiões a esse respeito, pelo pouco que eu contava sobre mim mesmo. Inclusive com minhas namoradas anteriores, sempre havia procurado não revelar muitos detalhes pessoais. Porém, nesse instante, sentado na frente da mulher que havia me cativado (e que, como eu, também tinha que fazer um esforço para falar sobre si mesma), tive um desses raros momentos de epifania que se experimentam somente umas poucas vezes na vida, quando pensei: *Se não confiar tudo o que é seu — inclusive as coisas difíceis e obscuras que lhe fazem ser quem é —, isto não terá futuro algum. Tem que aceitar a aposta e expor-se a um pequeno risco, abrindo para Petra as portas de seu passado.*

Então, eu comecei a falar. Eu lhe falei sobre a infelicidade intrínseca de minha mãe, do modo que meu pai e ela se atormentavam incessantemente, da frequência com que diziam que a única coisa que os mantinham unidos era o seu único filho... E de como essa afirmação fazia que eu quisesse me esconder e fugir. Eu lhe contei que, quando estava nos últimos anos da escola secundária, costumava passar quase todos os fins de semana sozinho, enfiado em cinemas, teatros e livrarias, sem importar-me com nada.

— E seus pais nunca propunham fazer algo em família? — perguntou Petra.

— Não, realmente não — respondi. — Quando eu estava nos últimos anos da escola secundária, eles viviam basicamente cada um para seu lado. Na maioria dos fins de semana, meu pai costumava partir para “viagens de negócios”, um eufemismo (agora eu sei) para não dizer claramente

que ia ficar com uma de suas muitas amantes. Uma vez ou outra, quando ficava na cidade, nos convidava para ir ao cinema ou para jantar em um restaurante italiano. O bom de meu pai é que ele nunca foi autoritário, nem desses que exigem que tudo seja feito a sua maneira sem chinar, como havia sido o seu. Ao contrário, foi ele quem me deu o primeiro cigarro e meu primeiro copo de vinho aos dezesseis anos porque queria que aprendesse a fumar e a beber como é devido.

— O que se pode chamar de homem cabal, não?

— Sim, exceto no que se refere a minha mãe. Amargavam-se na vida mutuamente, mas eram incapazes de fazer o mais sensato: separar-se.

— Isso me faz lembrar os meus pais.

— Eles não se davam bem?

— Não exatamente. Era como se houvessem encontrado a maneira de viver juntos sem estar juntos. Eu sei que meu pai tinha uma amiga que trabalhava na DDR Rundfunk de Halle, e que minha mãe se entendia com o diretor do instituto de ensino secundário onde trabalhava. Este último eu descobri acidentalmente. Uma vez, ao voltar da escola, peguei um atalho por uma ruela e vi os dois abraçados no assento dianteiro do Trabant do diretor, que por ser um membro de certa relevância do Partido, podia se dar ao luxo de comprar um carro tão apreciado na época... — disse Petra.

— Sua mãe a viu?

— Por sorte, não. Estava muito imersa no abraço com o camarada Koelln para me ver.

— E você nunca disse nada?

— Você está louco? Mesmo numa idade tão jovem (eu tinha catorze anos), já conhecia o princípio básico de vida na RDA. Em uma sociedade onde o lema da polícia secreta é “saber tudo”, a primeira coisa que você aprende é guardar para si toda a informação... Especialmente se está começando a questionar o modo como funcionam as coisas em seu país.

— Qual foi o seu primeiro questionamento?

— Deus meu, eles nos doutrinavam tanto para que víssemos a RDA como um grande projeto humanista! O paraíso dos trabalhadores! Um sonho de igualdade! A verdade é que eu acreditei em tudo, mais do que nada, porque a partir dos sete anos costumava passar várias semanas, todos os verões, em um acampamento de Jovens Pioneiros. Também tínhamos aulas diárias de ideologia na escola, onde nos falavam do malvado mundo capitalista que existia a oeste de nossas fronteiras, onde obrigavam as crianças a trabalhar em fábricas insalubres e onde a maioria dos americanos estava tão imersa numa cultura de consumismo desenfreado que se tornavam obesos e não lhes importava se matar de tanto comer.

— Você sabe que este seu último comentário tem sua parte de verdade?

— Claro que sim. É o que dizia Orwell sobre os clichês: até certo ponto, todos estão certos. Mas não vá acreditar que eles nos deixavam ler Orwell na escola, nem na universidade, nem em qualquer outro momento de nossa vida de bons cidadãos do país mais humanitário que tenha conhecido no mundo!

— Então, quando leu Orwell pela primeira vez? — perguntei.

— Quando fui viver com Jurgen — disse Petra.

— Quem era Jurgen?

— Meu marido.

Bem, finalmente ele tem nome.

— Mas você me perguntou quando comecei a me questionar sobre essas coisas — disse Petra, enquanto amassava a bituca do cigarro e pegava outro, depois de conduzir rapidamente a conversa para um terreno mais seguro. — Foi quando passei um fim de semana com uma amiga de escola chamada Marguerite. Seus pais tinham uma casa de campo. Era um lugar pequeno, muito simples, com três quartos. Mas tinham televisão. Como estávamos a apenas vinte e cinco quilômetros da fronteira com a República Federal, pude ver pela primeira vez a televisão da Alemanha Ocidental. Todos os anúncios de coisas que nunca víamos na RDA! As cores! As roupas bonitas! Também vimos um filme, dublado em alemão, mas ambientado em Paris. Tinha ouvido falar de Paris na aula de geografia e em nossos cursos de história antifascista, em que aprendíamos que os nazistas invadiram a França em 1940 e que ali, exceto por uns poucos valentes comunistas franceses (segundo nos informavam nossos professores), a maioria da população havia colaborado com os fascistas. Porém, nesse momento, pela primeira vez, vi Paris. O filme era uma história de amor, não me lembro do título, e a cidade me pareceu maravilhosa. Lembro-me que fiquei cativada.

“Ao chegar em casa na noite seguinte, disse que queria aprender francês e ir viver em Paris quando fizesse dezoito anos, mas meu pai fez algo bem impróprio dele: se irritou muitíssimo comigo. Perguntou-me quem me havia enfiado essas ideias na cabeça. Quando tentei dizer que estivera lendo livros ilustrados sobre Paris, me respondeu que sabia que eu estava mentindo porque como ia encontrar em Halle livros ilustrados sobre Paris? Então, ele me perguntou se os pais de Marguerite tinham esse tipo de livros e, uma vez mais, ficou furioso. Era tão incomum na personalidade dele incorporar a raiva, a cólera que não tive outra saída do que lhe dizer a verdade: que estive vendo a televisão ocidental durante o fim de semana na casa de campo de minha amiga. Ele ficou lívido. Disse que eu jamais deveria contar isso a ninguém! Absolutamente ninguém! Que nunca contasse que eu estivera vendo televisão ocidental na casa dos pais de Marguerite e que devia deixar de ser sua amiga nesse mesmo instante. Eu comecei a chorar, não só porque não entendi por que tinha que dar as costas para a minha melhor amiga de escola como também porque nunca tinha visto o meu pai tão alterado.”

— E então?

— Disse-me que, se alguma vez alguém se inteirasse do que acabava de contar-lhe, podíamos ter muitos problemas. Fez-me jurar que guardaria o segredo e que nunca contaria para ninguém. E me deu instruções de como começar a me distanciar de Marguerite no dia seguinte na escola — disse Petra. — “Mas se a única coisa que fizemos foi assistir à televisão!”, exclamei entre lágrimas. “Você assistiu à televisão que estava *verboten*²⁵”, disse meu pai. “Mas os garotos do colégio sempre estão contando que seus pais os deixam ver televisão ocidental”, repliquei. “Os pais deles não têm um cargo importante na DDR Rundfunk. Dá para imaginar os problemas que eu poderia ter se descobrissem que a minha filha assiste à televisão capitalista? Você tem que me prometer que não

será mais amiga de Marguerite.”

— E você cumpriu a promessa? — perguntei.

Petra baixou o olhar e guardou silêncio por um momento. Depois disse:

— Não sei por que eu lhe contei essa história. Eu nunca havia contado a ninguém...

— Verdade?

— Nem sequer para o meu marido.

— E o que aconteceu depois?

— Meu pai em seguida foi falar com a minha mãe, e depois ela veio falar comigo, nervosa e muito preocupada, insistindo que eu devia fazer tudo o que meu pai havia pedido. Disse-me que o que os pais de Marguerite haviam feito não estava certo e que era muito perigoso. Lembro-me de que eu lhe disse: “Mas eles não irão contar a ninguém que nos deixaram ver televisão ocidental! Era só um filme bobo! Mesmo assim, eu gostaria muito de aprender francês e viajar para Paris tão logo eu possa”. “Isso não será possível” disse secamente a minha mãe. “Se você for uma boa cidadã, talvez lhe permitam que viaje para Varsóvia, Praga ou inclusive a Budapeste. Mas para Paris? Isso está do outro lado. Lá nós não podemos ir”. Foi a primeira vez que compreendi que as viagens, tal e qual conheciam as pessoas do Ocidente (comprar passagem, viajar de avião a outro país e regressar quando uma pessoa bem quiser, ou inclusive não regressar e ficar por lá e viver em outro lugar durante um tempo), estavam totalmente fora de nosso alcance. De fato, acontecia o mesmo que com a televisão ocidental: estavam *verboten*.

— E o que houve com Marguerite? — perguntei.

Petra fixou o olhar em seu copo vazio.

— Não sei.

— O que você está querendo dizer...?

— Ela não foi para a escola no dia seguinte, nem tampouco no outro, nem no outro. Meus pais, entretanto, não me perguntaram nem uma só vez se a havia visto ou lhe falado, o que para mim foi muito estranho, considerando a veemência com que haviam me feito prometer-lhes que não voltaria a ser sua amiga. Porém, no fim de semana, eu perguntei para a minha tutora o que tinha acontecido com a minha amiga. Ainda lembro-me da expressão de incômodo na cara daquela mulher, quando me respondeu: “Disseram-me que o pai dela foi transferido para outra cidade, para um novo trabalho”.

— Seus pais os denunciaram?

Seus olhos não se moveram do copo.

— Não sei.

— Não voltaram a tocar no assunto novamente?

— Nunca.

— Você perguntou?

— Como iria perguntar?

— Algum dia voltou a encontrar Marguerite?

Ela negou com a cabeça e acrescentou:

— Porém, uns seis meses depois, aconteceu algo interessante. Meu pai foi promovido a diretor de programas culturais na DDR Rundfunk em Halle. Quatro anos depois, quando apresentei uma solicitação para estudar inglês e francês na Universidade Humboldt de Berlim (coisa que achei uma ilusão, já que era uma estudante da província e estava meio ponto percentual abaixo das qualificações requeridas para o ingresso), me ofereceram uma vaga.

— Talvez simplesmente tenham decidido isso, estudando sua solicitação, e que valia a pena apostar em você. E quanto à promoção de cargo do seu pai, quem pode assegurar que não foi o prêmio de muitos anos de trabalho duro?

— De novo, você está sendo gentil demais. Mas alguém que não tenha vivido na RDA não pode compreender como funciona o sistema, nem a forma em que todos denunciavam os demais. Não tenho provas conclusivas de que meus pais disseram algo ou não para a Stasi sobre os pais de Marguerite, porém por que logo o transferiram de cidade? A verdade é que todos nós vivíamos com o temor constante de que qualquer infração, por menor que fosse, acabasse sendo denunciada “às altas esferas” e utilizadas contra nós mesmos. Nós sempre estávamos nos autocensurando e sabíamos que nossas conversas não podiam ultrapassar certos limites. Por isso, quando aquilo ficou para trás, nunca voltei a tocar no assunto sobre Marguerite com meus pais.

— Você mantém contato com eles? — perguntei.

Petra negou lentamente com a cabeça.

— Tentou retomar esse contato?

— Você não entende. O fato de que eu tenha saído, de que tenha passado para o outro lado... Sabe-se lá Deus o que terá acontecido com a carreira profissional dos meus pais depois disso! Além do que, se tentasse retomar o contato agora, as consequências para eles poderiam ser graves.

— E eles tentaram alguma vez?

— Você continua sem entender. Para poder sobreviver ali onde estão, eles precisam me considerar como morta. Para eles, não sou uma pessoa. Eu não existo.

— Sinto muito — disse eu, cobrindo sua mão com a minha.

Ela não a retirou, entrelaçou seus dedos com os meus e disse:

— Não deveria ter lhe contado tudo isso.

— Mas eu me sinto feliz por ter me contado.

— Contudo, manchei a minha imagem. Agora você me vê como alguém que destruiu a vida de outras pessoas.

— Você era apenas uma criança e nunca tinha visto uma televisão ocidental. Como iria saber o que estava fazendo? Além do mais, estou certo de que os pais de Marguerite sabiam ao que se expunham, no instante em que permitiram que você assistisse...

— Eu os traí — replicou Petra, retirando a mão.

— Isso não é verdade. Não tem provas materiais de que seus pais apresentaram a situação às

autoridades e...

— Por favor, deixe de tentar fazer tudo parecer aceitável. O problema com esse lugar era que tinha que trair os demais para sobreviver. Mas, ao fazê-lo, você traía a si mesmo.

Tive o impulso de dizer: “Todos nós traímos a nós mesmos”, mas sabia que teria parecido ingênuo e simplista. Seu abatimento (e ao mesmo tempo a alegria de ver que confiava o suficiente em mim para compartilhar comigo um segredo tão doloroso) tornou meus sentimentos por ela ainda mais profundos; o que fiz então foi esticar a mão direita e depositá-la sobre a sua, com a qual não deixava de retorcer o guardanapo. No primeiro contato, senti que ela se tensionava, mas sem deixar de retorcer esse pedaço de tecido submetido a muitas lavagens. Eu apertei a sua mão com mais força e, depois de um instante em que quase instintivamente tentou retirá-la, pouco a pouco foi apertando os seus dedos com os meus, levantei o olhar e notei que estava tentando conter as lágrimas.

— Sinto muito — sussurrou Petra. — Perdoe-me.

— Não há nada que perdoar — respondi. — De forma alguma.

— Você é um homem adorável — disse Petra, ainda incapaz de olhar nos meus olhos.

— E você, uma mulher adorável — disse eu.

— Não, não é verdade.

— Eu digo que é sim.

— Mas você mal me conhece.

— Você é maravilhosa.

— Thomas, por favor...

— Maravilhosa.

— Ontem, você disse isso para mim.

— E não mudei de ideia.

Ela começou a rir e depois guardou silêncio, apertando ainda mais forte a minha mão.

— Nunca ninguém me disse isso antes... — disse Petra por fim.

— Sério? — disse eu, tentando não parecer surpreso.

— Meu casamento... Foi um assunto um pouco estranho.

Não disse nada, pensando que iria continuar. No entanto, em seguida ela pegou o cardápio do restaurante e seus cigarros.

— Estou morrendo de fome — disse Petra. — Não comi nada o dia inteiro.

— Então, vamos pedir o jantar — respondi com um sorriso.

— Obrigada — disse Petra, e eu sabia intuitivamente que, na verdade, ela me agradecia por não fazer mais perguntas sobre o seu casamento.

Veio o garçom. Nós dois pedimos massa e eu sugeri uma garrafa de vinho branco. Ela assentiu e acrescentou:

— Não sabia da existência da comida italiana até sair da RDA. Para mim, o queijo parmesão,

os *linguini*, os espaguetes *alle vongole* e as almôndegas eram comida de outro planeta. Mas você, que cresceu em Nova York, deve ter tido acesso a todas as comidas do mundo.

Durante a meia hora seguinte ela me fez um sem-fim de perguntas sobre minha infância em Manhattan. Queria saber tudo sobre o meu bairro, os pequenos restaurantes onde costumava comer com meu pai (como o Pete's Tavern ou o Big Wong King na Rua Mott de Chinatown), que tipo de obras e peças me levavam a ir para Broadway quando criança e o ambiente do East Village no começo dos anos setenta. Inclusive conseguiu que eu lhe fizesse uma demonstração das diferenças de sotaque do Brooklyn e do Bronx, e a fiz rir imitando a forma de cumprimentar do meu pai, com uma particular entonação de Prospect Heights.

Sossegou-se consideravelmente durante o jantar. Comeu com gosto o excelente espaguete à carbonara e bebeu tantas taças de vinho branco da casa como eu. Quando, em um determinado instante, lhe disse que já havia me feito falar demais de Nova York e que tinha chegado a minha vez de bombardeá-la com perguntas sobre a sua infância, ela me respondeu:

— Mas eu quero saber tudo sobre você! Tudo, exceto sobre as namoradas que teve. Ainda não, pelo menos agora não.

— Não há muito que contar nessa parte.

— Tratando-se dessa parte da vida (a parte mais íntima) sempre há muito que contar. Sim, agora é o vinho que fala pela minha boca — disse Petra.

— Não disse agora mesmo que não quer que eu lhe fale sobre isso ainda?

— Isso! Quer dizer que agora vai dar uma de misterioso? — perguntou Petra.

— Não mais misterioso do que você — repliquei.

— Ah! Mas eu intuo que a sua história seja mais alegre que a minha!

— É tão triste assim a sua história?

— Sim, é bem triste.

E, após tirar um cigarro do maço, acrescentou:

— Não seria capaz de dizer não a outro meio litro de vinho, se não se importar...

— Importar-me? — disse eu enquanto esticava o braço e lhe acariciava o rosto com a mão. — Isto é tão...

Porém, antes que pudesse terminar a frase, ela apoiou o seu dedo indicador sobre os meus lábios.

— Não é preciso que diga, Thomas. Eu sei. De verdade eu sei — disse Petra.

Depois, sem prévio aviso, cobriu o rosto com as mãos e pareceu desolada, como se não pudesse mais com a situação.

— O que houve? — perguntei.

— Não posso... — disse Petra.

Notei que estava tremendo. Apertou as pálpebras com os dedos. Tentei pegar em sua mão novamente, mas ela a retirou.

— Não posso... — repetiu Petra com uma voz que era um suspiro.

— O que é que você não pode?

— Thomas, faça um favor a si mesmo e vá embora.

— O quê?

— Vá embora. É melhor para você.

— Quer que eu vá embora? Nem pensar. Não vou deixar que se afaste, nem que nos afaste, porque eu sei que...

— Eu também sei. Soube assim que eu o vi. Por isso tenho que lhe pedir que vá embora. Porque isto não pode ser... — disse Petra.

— Por que não pode ser? Por quê? Você é tudo para mim... — disse eu.

Bruscamente, ela se colocou de pé e pegou o seu maço de cigarros. Disse três palavras, como saídas do nada:

— *Ich liebe dich.*

Eu te amo.

Então, correu para a porta.

Na mesma hora, joguei algum dinheiro sobre a mesa e saí para a rua tão depressa quanto pude. Mas Pflügerstrasse estava vazia. Gritei seu nome várias vezes. Corri por toda a rua em ambas as direções, sem deixar de gritar seu nome, olhando se havia entrado em um dos poucos portões que não estavam trancados ou se havia virado em algum beco. Mas não obtive resposta. Somente se ouvia o vento que fazia mover os painéis de chapa canelados sobre os edifícios condenados. Corri até o cruzamento principal e percorri a rua observando tudo atentamente. No entanto, como em todo o resto desse bairro que parecia uma terra de ninguém, não se via nem uma alma. Petra havia desaparecido.

Minha cabeça dava voltas, e não somente por sua abrupta maneira de partir como também por tudo o que tinha acontecido de maneira tão precipitada, e eu tampouco podia deixar de pensar nessas três palavras que ela havia me dito antes de fugir. Ela as havia dito de coração, disso eu estava seguro, como sabia também que tudo o que repentinamente nós tínhamos declarado um para o outro (“eu soube assim que o vi”, “você é tudo para mim”) era irracional, mas também, profundamente verdadeiro.

Começou a cair uma nevasca insidiosamente fria e pegajosa. Precisava buscar refúgio o quanto antes, mas não queria dirigir-me ao U-Bahn para voltar para casa. Queria encontrar Petra. Mas sem o seu endereço nem seu telefone...

Só havia uma solução. Tinha que voltar para o restaurante, com a esperança de que ela também tivesse voltado, quem sabe sua fuga teria sido...

O quê? Uma reação excessiva, por medo da enormidade de tudo aquilo? Ou talvez o efeito de um montão de coisas ocultas que eu ainda não havia descoberto... Que talvez não fosse descobrir nunca? Estava meio enjoado pela intensidade daqueles últimos momentos e pelo modo em que havíamos começado a expressar o que estávamos sentindo há vários dias intuindo e pensando: a

constatação material de que sim, de que isso que sentíamos era amor, embora ainda nos conhecêssemos tão pouco. Eu, pelo menos, nunca havia sentido nada igual. O fato de que Petra tivesse fugido em direção à noite, de que talvez eu a tivesse perdido, de que pudesse esvanecer essa louca fantasia que, no entanto, estava fundamentada em uma realidade tão concreta... A simples ideia de que talvez Petra tivesse saído de minha vida para sempre era devastadora e insuportável.

Voltei ao restaurante, que continuava vazio durante a minha ausência. O garçom me olhou com ar desolado enquanto entrava. Arqueou as sobrancelhas em minha direção, como se estivesse perguntando se teria conseguido encontrá-la. Porém, já conhecia a resposta. Quando neguei lentamente com a cabeça, me assinalou uma mesa com um gesto. Sentei-me, tirei do meu bolso o pacote de tabaco e comecei a enrolar um cigarro. O homem se aproximou com uma garrafa grande de conhaque Vecchia Romagna e um copo pequeno. Serviu-me um pouco, me deu uma palmadinha fraternal e tranquilizadora no ombro e disse:

— Beba.

Apoiou a garrafa ao lado do copo, sobre a mesa, e me deixou só com meu tabaco, minha bebida e meus pensamentos.

Durante a hora seguinte, enrolei e fumei quatro cigarros, bebi quatro copos de conhaque italiano e esperei que Petra voltasse a entrar pela porta. Mas não voltou. Durante esse tempo não recorri ao meu consolo habitual (meu livreto de anotações e meus profusos garranchos), o refúgio que buscava quando estava nervoso ou preocupado, ou não sabia o que fazer com as mãos. Essa noite, eu simplesmente fiquei olhando para o teto e contemplando Petra na minha cabeça, sem deixar de repetir a mim mesmo que havia encontrado a mulher da minha vida e que tudo nela — sua beleza, sua inteligência, sua engenhosidade, a maneira como o seu cabelo varria suavemente o ar quando sacudia a cabeça, o tom quase assombrado de sua risada e a rapidez com que submergia ao choro — representava para mim uma terra inexplorada.

“E agora...”

Amassei meu quarto cigarro, terminei de beber o último copo de conhaque e fiquei em pé, certo de que estava meio bêbado pelo efeito de tanto álcool romano de baixa graduação. Mas a única coisa que eu senti foi tristeza.

Não voltará. Ela fugiu de mim e de nós, disse a mim mesmo. Acabou. Terminou antes de começar.

— Quanto eu lhe devo pelo conhaque, amigo? — perguntei ao garçom.

— Cortesia da casa — respondeu ele.

— Não, por favor, deixe-me pagar.

— Já deixou dinheiro suficiente quando saiu correndo atrás de sua amiga. Já pagou bastante por essa noite.

— O senhor é muito gentil.

— Espero vê-lo por aqui qualquer dia desses. E, agora, deixe-me chamar um táxi.

Logo em seguida, percebi que me sentia extenuado, assim sendo eu assenti com a cabeça.

Quando passou cinco minutos e o táxi chegou, o garçom apoiou uma mão sobre o meu ombro e me disse:

— Você a ama, não?

— É tão evidente assim?

— Você tem sorte de sentir algo assim. Eu nunca senti. Nem uma só vez sequer.

— Você é solteiro? — perguntei.

— Não. Sou casado há vinte e cinco anos com a mesma mulher. Por isso, eu o invejo — disse o garçom.

— E se não der certo?

— Pelo menos saberá o que é sentir isso.

Gelado consolo. Deixei que o garçom me ajudasse a colocar o casaco e lhe estiquei a mão. Saí para a rua cambaleando e me dirigi para o táxi.

Sete minutos depois, estava em casa. Subi a escada até o apartamento e contemplei por um momento o espaço limpo, recém-pintado e recém-lixado, espaço esse que pertencia a Alastair. Subi para o meu ambiente, joguei o casaco em um canto, tirei as botas chutando-as e caí na cama.

O que eu senti logo em seguida foi um tilintar no ouvido. Demorei um segundo ou dois para lembrar onde estava e como havia chegado até ali, e averiguar que – segundo meu relógio de pulso – eram 2h11 da madrugada.

Riiiiing.

Estava tocando a campainha da porta principal de entrada. Muito forte. Sem cessar. Como se alguém a estivesse apertando e não a soltasse. Insistindo para que eu despertasse. Insistindo para que eu a deixasse entrar.

Então, logo compreendi. Levantei-me no mesmo instante, esfregando os olhos pelo cansaço e desci correndo a escada sem calçar-me, sentindo os pés no frio do piso do hall de entrada. Abri a porta e...

Ali estava ela. Petra. Ensopada. Com o cabelo amassado pela onipresente nevasca. Estava com os olhos avermelhados, como se tivesse chorado durante horas. O corpo dela tremia quando caiu em meus braços.

— Tenho... frio — murmurou Petra enquanto me abraçava com força, com a cabeça contra a minha e uma mão percorrendo o meu cabelo e depois o rosto para assegurar-se de que eu era real e tangível, e, de verdade, eu estava ali. Fechei os olhos e senti lágrimas.

— Não me deixe ir — sussurrou. — Não deixe nunca que eu vá embora.

Quatro

Várias horas depois — eram 5h20, segundo meu relógio de cabeceira — recuperei a consciência com Petra entre meus braços. Ela jazia na cama ao meu lado, morta para o mundo. Levantei-me apoiado em um braço e simplesmente fiquei olhando-a, pensando: *Como ela é linda!* Enquanto eu a contemplava, repassei minuto a minuto as últimas e extraordinárias horas transcorridas e o modo como ela me atraiu para si quando já estávamos lá em cima, no meu quarto. Dentro de poucos segundos, nós estávamos nos beijando tão profundamente e com tanta veemência que parecíamos dois amantes separados durante anos e muito ansiosos por nos reencontrarmos depois da longa ausência, era como se nada pudesse saciar nosso anseio de união quando finalmente se produziu o encontro.

Depois, arrancamos mutuamente a roupa enquanto nos dirigíamos para o dormitório. E, quando caímos sobre o colchão, ela me atraiu sobre o seu corpo e deixou escapar um gemido agudo quando eu a penetrei, depois me rodeou com as suas pernas para me ter tão dentro de si quanto fosse possível. Pegou-me no rosto com as duas mãos e me olhou com uma expressão de tanto desejo, necessidade, esperança e ardor que na mesma hora eu lhe disse que havia esperado aquele momento vários dias antes, que eu soube desde o preciso momento em que ela entrou pela primeira vez em meu campo visual:

— *Ich liebe dich* — disse Petra.

— Eu também te amo — disse eu.

Sussurramos as palavras, como se estivéssemos trocando um juramento. Então, lentamente, com uma paixão tão categórica como absoluta, fizemos amor. À medida que o ardor ia aumentando, o desejo de ambos se tornou quase vertiginoso, e a paixão desembocou até chegar à beira da loucura. Foi o amor no grau mais elevado de cumplicidade e fusão.

Depois, ficamos entrelaçados, nos olhando nos olhos, atônitos, aturdidos e conscientes de que talvez tudo em nossa vida acabava de transformar-se.

— Meu amor — sussurrava Petra estreitando-me com força entre seus braços. — Meu amor...

— Eu sou seu — murmurei enquanto eu lhe acariciava o rosto.

Ela apoiou a testa em meu ombro e começou a chorar.

— Está tudo bem — disse, abraçando-a. — Eu lhe prometo que agora está tudo bem.

— Você não tem como saber isso... Nem sequer imagina... — disse Petra com uma voz que era quase um sussurro.

— Imaginar o que, meu amor? — perguntei.

— Quando fugi esta noite, passei várias horas vagando pela rua, morta de medo...

— Medo do quê?

— Medo de o perder por culpa da minha loucura, de não ser capaz de aceitar a felicidade que

parece ser possível ao seu lado.

— Mas por que esse medo?

— De muitas coisas, coisas que eu lhe explicarei em seu devido tempo. Mas agora... Por favor... Eu só quero viver esse momento, este incrível momento. Com você. Abrace-me com todas as suas forças, porque esta noite quero dormir em seus braços... E amanhã também, e no dia seguinte, e na próxima semana, e mês que vem, no ano que vem, e na próxima década e até o próximo século — disse Petra.

— Assim sendo, você levará mais de dezesseis anos dormindo em meus braços. Que ideia mais maravilhosa! — disse eu.

— Eu te amo, Thomas.

— Eu te amo, Petra.

Após virar a cabeça para beijar-me profundamente, voltou a apoiá-la no travesseiro. Perdida em meu abraço, fechou os olhos e, em seguida, dormiu.

Eu dormi instantes depois, extenuado pela intensidade e a loucura de tudo o que acontecera. Com os lábios apoiados sobre a suavidade de sua nuca, eu também submergi na obscuridade da noite.

Então, o relógio marcou 5h20 da manhã e eu tive esse momento de estar meio acordado e adormecido ao mesmo tempo, durante o qual não soube onde estava, até que senti que Petra movia-se prazerosamente em seu sono. Apoie-me sobre um cotovelo e dediquei aquele tempo somente para olhá-la enquanto os pensamentos desfilavam pela minha mente. Até que o experimentemos (e é de se esperar que chegue a todos nós em algum momento de nossas vidas), nunca estamos realmente preparados para a natureza admirável do primeiro grande amor. Nós nos surpreendemos pensando em coisas que nunca até esse momento havíamos acreditado que seriam possíveis. E, da mesma forma, desejamos desesperadamente que tudo saia bem, sobretudo porque estamos vivendo em um mundo de uma intensidade maravilhosa, onde tudo parece extraordinariamente propício. O norte-americano que havia em mim (essa parte de mim que acreditava que tudo era possível, que os obstáculos se superam e os estábulos se reconstroem depois do tornado devastador) pensava que ia ser capaz de livrar Petra de todas as suas dores do passado, fosse o que fosse. Propunha-me a estar total e completamente ao seu lado. Não ia deixar que voltasse a estar só no mundo. Apaziguaria os seus medos e me asseguraria de fazê-la compreender que podia falar-me de tudo, sobre tudo. Eu seria para ela o único ponto sólido e fixo em meio à imprevisível complexidade da vida. Eu seria o seu homem.

Sim, eu estava instalado nesse elevado plano da realidade chamado *soberba*, do qual contemplava a vida de uma maneira completamente nova e extraordinária. Deitado na cama olhando Petra, que dormia cômoda e feliz colada a meu corpo, tão maravilhosamente onipresente, refleti com assombro sobre o muito que eu havia mudado, sobre o meu desejo de dar-lhe tudo e sobre o modo pelo qual nosso amor parecia arraigado em uma espécie de verdade instintiva. Sim, tudo havia acontecido de forma muito repentina e nebulosa. E o que fazer se os acontecimentos haviam se

desenrolado com a força de um trovão? Eu estava seguro, e Petra me havia dito que ela também se sentia do mesmo jeito, segura. Pela primeira vez em minha vida, sabia o que era certeza. Podemos passar a vida inteira procurando a pessoa para a qual estamos predestinados. Na maior parte do tempo, aceitamos meias soluções, algumas aceitáveis, outras catastróficas e outras condenadas a naufragar no calado desespero e na tristeza de horizontes limitados. Mas quando nos encontramos cara a cara com a pessoa que nos oferece a possibilidade de transcender (se é que a encontramos), então temos que mudar tudo, se for necessário, para que tudo saia bem. Porque esse é o nosso instante, nossa hora, e é possível que essa hora somente nos chegue uma ou duas vezes durante esse lapso de tempo a que chamamos de nossa vida.

Depois de uns trinta minutos eu me levantei da cama sem fazer ruído, recolhi a roupa molhada de Petra e a distribuí pelos diferentes radiadores para que estivesse seca quando despertasse. Depois fui até o banheiro para pendurar da porta o roupão de banho e me vi no espelho. Não sou uma pessoa que costuma alegrar-se ao ver sua imagem refletida no espelho, mas nessa manhã descobri um sorriso em meu rosto, um sorriso tingido de um autêntico e maravilhado assombro.

Voltei para o dormitório e deixei o roupão de banho em uma cadeira ao lado da cama, do lado de Petra, se por acaso ela despertasse antes de mim. Depois voltei a deitar-me ao seu lado e a rodeei com meus braços.

— É você? — sussurrou Petra meio adormecida.

— Sou eu — disse.

— Venha para mais perto de mim...

E, com os corpos entrelaçados, voltamos a dormir.

Quando acordei, ouvi uma voz próxima que cantarolava uma canção. A luz escoava pelos lados das venezianas e o relógio da cabeceira marcava 11h12. O canto se tornou mais definido quando consegui focalizar o mundo com o olhar. Vinha mesclado com o aroma de café recém-coado. O espaço a meu lado estava vazio porque Petra estava na cozinha, cantarolando uma canção em alemão que para mim soou vagamente familiar, talvez um *lied*²⁶. Sentei-me na cama, sentindo-me extraordinariamente descansado e (isso sim que era uma novidade) verdadeiramente feliz.

— Bom dia, meu amor — disse eu.

Petra veio da cozinha vestida com meu roupão. Parecia tão luminosa, tão incandescente! Seus olhos brilhavam!

— Bom dia, meu amor — respondeu Petra rodeando-me com seus braços e deixando-se cair ao meu lado.

Beijamo-nos profundamente. Depois o roupão deslizou de seu corpo e começamos outra vez a fazer amor. Nesse momento, nos movemos com mais lentidão, com grande intencionalidade sensual, tratando de sentir o puro prazer íntimo de estar tão amalgamados fisicamente, tão estreitamente unidos.

Depois, ela pegou o meu rosto entre suas mãos e me disse:

— Foi tão... Deus meu! Gostaria de dizer revolucionário, mas soa muito comunista. No

entanto, creio que é a palavra certa. Revolucionário! Porque o que eu sinto agora por você, por nós... É outro país, um país novo...

— ... Um país que estamos inventando para nós. E isso é a única coisa que importa. Nós. O resto é ruído, Petra. Nós — disse eu.

— O pronome mais maravilhoso do mundo, embora até agora eu não o houvesse utilizado realmente...

— Nem eu... E por isso tudo isto é para mim, como você mesmo disse tão... Revolucionário, sim.

— Não penso em levantar-me da cama nunca mais.

— E nem eu penso em impedi-lo.

— E abraçar-me? Você irá me abraçar sempre?

— Tem a minha palavra.

— Sou a mulher mais feliz de Berlim esta manhã, tão feliz que tenho vontade de tomar o café da manhã na cama.

— Você não tem que ir trabalhar?

— Ontem à noite eu deixei um recado com o guarda de segurança do posto de entrada dizendo-lhes que me sentia indisposta... E depois vim procurá-lo.

— E quando eu abri a porta e vi você ali...

Durante um longo tempo, nos beijamos. Depois ficamos deitados, com as mãos apoiadas no corpo do outro e simplesmente nos olhando, até que a realidade exterior interveio: o barulho da lixadora vindo do piso abaixo.

— Droga... — disse eu. — Eu tinha esquecido completamente.

— Não se preocupe — respondeu Petra. — Quando eu ouvi o movimento ali em baixo, apareci na escada e dei de cara com um senhor turco. Ele perguntou por você e me disse que vocês dois estavam fazendo uma reparação no “estúdio do senhor Alastair”. Quando eu expliquei que ainda estava dormindo, me pediu que não o acordasse e falou que voltaria amanhã para saber sobre a saúde do senhor Alastair, se já havia melhorado. Suponho que o “senhor Alastair” seja o seu senhorio.

— Sim, poderia se dizer que sim, que ele é meu senhorio. Na verdade, poderiam se dizer muitas e muitas coisas sobre o “senhor Alastair” — respondi.

— Você conseguiu despertar a minha curiosidade.

— É uma longa história.

— Tenho todo o tempo do mundo. E eu quero saber tudo sobre você.

— O que dizia mesmo sobre tomarmos o café da manhã juntos na cama?

— Façamos um trato. Eu trago o café da manhã e você me conta tudo sobre esse seu “senhorio”.

— Deixe-me ajudá-la a organizar as coisas.

— Não. Eu quero ter o prazer de trazer o café da manhã para o *mein Mann*²⁷. Terá que me deixar fazer o papel de *Hausfrau*²⁸ somente esta vez — disse Petra.

Desapareceu na cozinha sem deixar de cantarolar a canção que havia me alegrado o ouvido quando despertei pela manhã.

— Parece de Schubert — disse eu.

— Bravo! É de Schubert: “An die Musik”. Schubert em sua característica veia reflexiva — respondeu Petra.

— É lindo. E do modo como você canta...

— Não sou nenhum canarinho.

— Tampouco é uma pomba, mas tem uma voz muito agradável.

— Muito bem, aceito o cumprimento — disse Petra. — Porém, eu tenho uma pergunta importante que precisa de uma resposta, tem algo que eu preciso saber de você. Você gosta de café puro ou com leite? E o pão? Com queijo ou geleia?

— Café puro e o pão com queijo, por favor.

— Do mesmo jeito que eu.

Voltou para o quarto cinco minutos depois, segurando uma bandeja com as duas mãos, ainda cantarolando Schubert e com um sorriso ainda mais radiante que antes. Colocou a bandeja na cama, certificou-se de que estava segura e a primeira coisa que fez depois disso foi se inclinar e me dar um beijo nos lábios. Depois serviu o café e levantou sua xícara para brindar. Eu a imitei.

— Por nós — disse Petra.

— Por nós — repeti, enquanto voltava a beijá-la.

O café estava com um gosto maravilhoso. Eu estava com fome, levando em conta que já passava do meio-dia, assim sendo, não demorei em devorar o *pumpernickel* (pão de centeio) com queijo Munster.

— Muito bem — disse Petra enquanto eu terminava o segundo *pumpernickel*. — Agora é a sua vez de cumprir a sua parte do trato: o “senhor Alastair”. Toda a história, incluindo os detalhes desagradáveis. Pelo que você disse, deduzo que seja um cara pitoresco...

— Verdade — repliquei. — Já saberá tudo sobre ele.

E eu lhe contei toda a história de Fitzsimons-Ross. Quando terminei, Petra disse:

— Parece que você gosta dele.

— Bom, com o tempo aprendi a gostar dele. Embora ele seja um cara que vive a vida no limite, não acredito que tenha má índole. Ao contrário, o considero uma pessoa curiosamente moral e decente. É enormemente disciplinado no que diz respeito à sua arte e muito organizado com a casa. Porém, uma das muitas coisas boas da geografia deste apartamento (fora os hábitos de trabalho e o consumo de drogas de Fitzsimons-Ross) é que podemos viver vidas separadas. Desde o momento em que eu consegui convencê-lo de que escutasse sua música estrondosa com fones de ouvido enquanto pinta, coexistimos sem nos importunar.

— É bom saber disso — disse ela sorrindo.

— De modo que, se você vier viver comigo, não terá que conviver com ele também — disse eu.

— Isso também é muito bom de se saber.

— Estou me adiantando muito?

— Sim, mas eu gosto — disse Petra.

Beijamo-nos.

— Durante o resto do dia, não quero que a gente saia daqui — disse ela. — A porta que leva ao mundo exterior está trancada.

— Parece-me uma ideia muito aceitável.

— Olhei em seus armários. Temos comida e bebida suficientes. De fato, tive uma grata surpresa ao encontrar uma despensa tão bem abastecida.

— O que você esperava? Sou nova-iorquino. Em Nova York temos mentalidade de bunker.

— Já pensei no jantar: espaguete com molho de tomate e anchovas. Inclusive vi que tem alho, manjerição fresco e queijo parmesão na geladeira, e duas garrafas de vinho tinto. Impressionante, Thomas! Tenho que viver aqui.

Voltamos a nos beijar. Depois, após levar para a cozinha e limpar a bandeja do café da manhã, nos enfiámos outra vez entre os lençóis e depois de algum tempo estávamos entrelaçados. O desejo em sua manifestação mais pura tem um caráter insaciável que, por sua vez, é embriagador e felizmente frenético. A necessidade constante de nos tocar só era comparável com a necessidade igualmente diligente de declararmos o nosso amor com epítetos que eram por sua vez absurdamente românticos e totalmente autênticos. Quando penso naqueles primeiros dias juntos, o que mais me impressiona é a minha forma de usar uma linguagem erótica que até esse momento sempre havia deixado de lado, porque, quando uma pessoa nunca se apaixonou enlouquecidamente, inclusive a expressão “enlouquecidamente apaixonado” se torna melosa, enjoativa e água com açúcar, sobretudo para os sujeitos mais urbanos e sarcásticos como eu era. Entretanto, quando atravessamos a fronteira e nos surpreendemos dizendo “*Ich liebe dich*” (eu te amo) a cada instante, então se torna obrigatório perguntarmos se não estamos tratando de convencer a nós mesmos de que esse lugar extraordinário onde nos encontramos é real e de que esse tipo de felicidade é autêntica e tangível.

Era evidente que Petra pensava o mesmo. Nessa mesma tarde, depois de dormir uma ou duas horas mais, eu acordei e a encontrei sentada na cama, olhando-me, tal e qual eu a havia olhado no meio da noite.

— Oi — disse eu em voz baixa, buscando entrelaçar a sua mão com a minha. — Tudo bem?

— Não deixo de me perguntar se isso é possível, se isso é real — disse Petra.

— Eu também me pergunto o mesmo.

— E eu não deixo de pedir a algum ser supremo (que nunca me escutou muito no passado porque sabe que sou bastante cética a respeito de sua existência): por favor, por favor, faça que dure!

Faça que isto continue sendo sempre como é agora! — disse Petra.

— E por que não duraria? Ninguém mais além de nós pode dizer como será a nossa vida juntos.

Ela mordiscou o lábio inferior e pareceu entristecer-se.

— Eu disse algo inconveniente? — perguntei.

— Você tem tido sorte na vida, Thomas? — perguntou Petra.

— Sorte? A que você se refere exatamente? Nasci em Manhattan. Nunca passei necessidade sob o ponto de vista material. Com exceção da má relação dos meus pais, que sempre estavam irritados e chateando-se entre si, suponho que, até agora, em linhas gerais, tenho tido uma vida bastante afortunada, sobretudo desde que consegui viver como sempre quis.

— Em meu caso, a sorte tem me dado as costas com bastante frequência. Algumas vezes cheguei a pensar: para que tantos problemas e tantas dificuldades? — disse Petra.

— Que tipo de dificuldades?

— Veja. Quando não se tem muita sorte na vida, começa-se a pensar que, se algo bom cruza seu caminho, a vida irá lhe tirar.

— Não tem por que ser assim... E não será assim.

— Você me promete?

— Claro que eu lhe prometo.

Ela apoiou a cabeça em meu ombro e, uma vez mais, me abraçou com força.

— Obrigada — disse Petra.

— Eu que agradeço — disse eu.

— Por quê?

— Por ser você.

— Mas você mal me conhece ainda, Thomas. Eu poderia ser uma mulher intratável, uma ave de rapina, uma cachorra...

— Ah, vamos lá! Pare de apregoar suas virtudes!

— Por favor, faça-me rir sempre, toda vez que eu ficar muito séria ou muito sombria.

— Será um prazer.

— E nunca desapareça da minha vida.

— Não o farei nunca.

— Mas você já disse isso para outras, não é?

— Eu me declaro culpado. Mas eu lhe direi uma coisa que nunca havia admitido até agora: sempre tenho buscado uma desculpa para ficar na minha.

— Nós estamos loucos, sabia? — disse Petra.

— Por que diz isso? — perguntei.

— Porque estamos dizendo todas estas coisas tão sérias e não passamos mais do que uma

noite juntos.

— Para mim, isso parece maravilhoso.

— É verdade que nunca tinha sentido o que está sentindo agora? — perguntou Petra.

— Nunca. E você?

— Bem, você sabe que eu fui casada. Mas não foi... Não foi como isto. O que eu sinto agora é diferente. Mas... O que será que é isso? Uma loucura, uma loucura maravilhosa.

— Este tipo de loucura não tem nada de mal.

— Enquanto durar.

— E vai durar muito, meu amor. Durará.

Em algum momento, ao anoitecer, tomamos um longo banho juntos; ensaboamos um ao outro com sensual lentidão e nos beijamos o tempo inteiro, abraçados sob a cascata de água. Depois nos secamos mutuamente, nos vestimos e nos deslocamos para o sofá, onde abrimos a primeira garrafa de Pinot Grigio barato e acendemos nossos costumeiros cigarros. Petra começou a olhar os vinte discos que eu havia comprado desde que vivia no apartamento.

— Vejo que você gosta de jazz dos anos cinquenta... Os quartetos de Beethoven... a música de Bartók... Bach sendo interpretado ao piano... E muito Brahms, o que significa que tem uma veia melancólica. Também tem dois álbuns de Frank Zappa, só para demonstrar que realmente vive nos anos oitenta, contudo, nenhuma outra música atual. Nem Clash, nem Sex Pistols, nem Police, nem Talking Heads...

— Embora eu goste de todos eles.

— E eu os adoro, sobretudo porque eu os descobri neste último ano. Mas não critico o seu gosto musical. É um pouco... Refinado. Muito de intelectual nova-iorquino. Gostaria de conhecer Nova York.

— Isso é fácil de arranjar.

— Agora sou eu quem está se adiantando demais. Deveria ser mais reservada, mais recatada. Minha mãe costumava dizer para mim, assim que eu comecei a me interessar pelos garotos: “Não se mostre interessada neles. Tente parecer tímida e distante”.

— E você tentava fazer desse modo?

— Sim, mas eu me saía muito mal. Não gosto de interpretar papéis. Também não gosto de ser recatada. Eu não sou assim. E tampouco fui uma grande romântica até agora. Mas nós estamos nos distanciando do tema, que é você.

— Por que você não escolhe um disco?

— Certo. Brahms. O trio para clarinete. Mas você tem que continuar falando sobre o seu pai.

Tirou o disco da capa (era uma velha gravação de Benny Goodman) e o colocou no toca-discos, uma vitrola compacta e simples. Eu o havia comprado de segunda mão em um mercadinho próximo, por quinze marcos, e o antigo proprietário inclusive havia incluído no preço um jogo de agulhas de reposição.

— Estou assombrada.

— Por quê?

— Porque você não tem um aparelho de som maior e mais complexo.

— Não me importaria tê-lo, mas como vivo com um recurso financeiro meio apertado...

— E esse livro que está escrevendo, do que se trata?

— Sobre Berlim, suponho. Mas eu não saberei até que comece a escrevê-lo e não irei começá-lo até que...

— Saia de Berlim?

Petra espetou o disco na vareta, que tinha espaço para quatro LPs. Depois pulsou a alavanca correspondente, o disco caiu com um decisivo golpe seco sobre o prato giratório e o braço se situou automaticamente sobre a beira do disco e desceu devagar até o primeiro sulco. Depois de alguns instantes do habitual *troc-troc*, começaram a soar os primeiros acordes invernais de Brahms.

— Não tenho intenção de partir de Berlim — disse eu.

— Sinto muito. Não era a minha intenção xeretar e...

— Somente pensaria em sair de Berlim se você viesse comigo.

Ela aproximou-se de mim e me beijou.

— Eu gosto do fato de que você sabe algo assim depois de apenas um dia comigo.

— Eu soube desde o primeiro instante em que a vi.

— Eu também... Embora estivesse assustada. A possibilidade de ser feliz pode dar medo. Você leu Graham Greene?

— Acho que todos nós que viajamos e escrevemos a respeito disso adoramos Graham Greene.

— Tem uma frase em *O coração da matéria* que me impressionou tanto quando eu a li, faz mais ou menos um ano, que a sublinhei três vezes: “Ele tinha a lealdade que a infelicidade nos inspira, quando sentimos que ali está nosso verdadeiro lugar.”

— É ótima, por isso Graham Greene é quem é. Além disso, resume muito bem a situação dos meus pais. Mas quando você a leu...

— Eu me questioneei: “Poderei encontrar alguma vez um lugar fora da tristeza?”

— Isso foi antes ou depois de vir para cá?

— Um pouco antes, mas...

Deixou a frase morrer, indicando uma vez mais que havíamos alcançado uma fronteira na conversa (nesse tema específico e concretamente) que ela ainda não estava preparada para atravessar. Por isso, eu simplesmente a rodeei com meus braços e disse:

— O seu “verdadeiro lugar” já não é mais aquele.

Preparamos o jantar juntos e o molho do espaguete, sem entrar em um acordo quanto ao número de dentes de alho que devíamos acrescentar (eu estava a favor de cinco, embora Petra

estivesse convencida de que qualquer quantidade além de dois estragaria o sabor), mas concordando que as anchovas tiravam o molho da sua mediocridade e lhe acrescentavam o necessário toque de sabor. Ofereci-me para ir correndo a uma pequena loja italiana, a poucas ruas de distância dali, e comprar um pão italiano branco para o jantar, mas Petra disse:

— Esta noite não quero que se afaste de mim, nem sequer por cinco minutos. Não se preocupe, não serei sempre pegajosa assim. Mas conceda-me este pequeno desejo...

— Claro — respondi, enquanto perguntava a mim mesmo se ela teve algum homem em seu passado que lhe houvesse dito que ia comprar cigarros e não voltara nunca mais.

O molho ficou surpreendentemente bom, feito a quatro mãos. Enquanto cozinhava o macarrão na panela grande, acendi duas velas e abri a segunda garrafa de vinho ao mesmo tempo que Petra ralava o parmesão e atenuava a iluminação. Sim, todos esses pequenos detalhes domésticos (o modo em que as velas a iluminavam à contraluz quando ela trouxe o queijo para a mesa, a discussão sobre a textura ideal da massa *al dente* e o mais curioso de tudo, a arte com que Petra converteu dois guardanapos em forma de origami) seguem vivos em minha memória e ainda os vejo com os olhos da mente como se tudo tivesse acontecido há poucos dias. Será o efeito da felicidade? Será que é por isso que até os detalhes mais insignificantes perduram na memória várias décadas depois?

— Você é uma mulher de múltiplos talentos — disse eu, enquanto Petra criava elegantes aves com muitas asas a partir de dois pedaços de toalha de papel de cozinha.

— O origami é um pequeno *hobby* que eu tenho. Na verdade, é um pouco como uma compulsão pessoal, que começou faz quatro anos, quando trabalhava naquela editora estatal, em Berlim Oriental, e encontrei por casualidade um livro sobre origami em uma pilha de textos rejeitados. O livro se chamava *Aprenda origami*, havia sido editado na República Federal e descartado, provavelmente porque algum editor considerou que não superava a prova de pureza ideológica. Eu o levei para casa às escondidas e passei várias semanas estudando-o. Nunca houve escassez de papel na RDA e eu praticava meu origami com exemplares atrasados do *Neus Deutschland*. Tínhamos tão poucos objetos bonitos (a estética da RDA não se caracterizava precisamente pelo culto da beleza) que suponho que o origami se converteu em uma forma de alegrar as coisas tentando criar pequenos objetos artísticos com materiais muito simples. Cheguei a ser tão boa que Jurgen insistiu para que organizasse uma exposição privada de minhas “obras” em nosso apartamento de Prenzlauer Berg. Devemos ter reunido pelo menos umas cinquenta pessoas em nossa pequena casa e todas as minhas “esculturas” foram vendidas. Os preços eram ridículos, claro: quatro ou cinco marcos orientais, menos de um *Deutsche Mark* por peça. Contudo, a exposição significou muito para mim, fazia tempo que tinha como vizinhos quase todos esses escritores e artistas e por fim algo feito por mim, algo autenticamente criativo, recebia o seu reconhecimento.

“E agora devo ser a única pessoa em Kreuzberg capaz de converter um guardanapo na versão japonesa próxima de um cisne. Muitos de meus amigos de Prenzlauer Berg adquiriram habilidades estranhas como a minha por causa da dureza da vida do outro lado. Por exemplo, Wolfgang Friedrich, o melhor pintor abstrato da Berlim Oriental e perito em reparar cisternas, uma vez quebrou a do seu banheiro e, depois de várias semanas esperando em vão um encanador enviado pelo

governo, simplesmente desmontou todo o aparato e encontrou a maneira de fazê-lo funcionar. Depois disso, todo mundo ficou sabendo e assim todos lhe chamavam quando quebrava a privada ou a caixa-d'água vazava. Chegou a fazer uns trinta serviços semanais a domicílio a cinco marcos orientais cada um: mais de cento e cinquenta marcos por semana, o mesmo que eu ganhava ao mês como tradutora. Não é que me parecesse ruim que ele ganhasse tanto. Cinco marcos orientais era um preço módico para ter a sua caixa-d'água consertada e Wolfgang demorava menos de uma hora para vir em casa quando era chamado. Claro, no fim o denunciaram por ser 'capitalista' e o prenderam por um tempo. Mas o sujeito, além de ser o De Kooning da Berlim Oriental, era muito bom reparador de encanamentos do vaso sanitário.”

— *Bon appétit* — disse eu, enquanto servia nos pratos o espaguete e o molho.

— Me dá um beijo — disse Petra.

Obedeci. Como antes, o beijo se prolongou por muito tempo... Até que Petra se separou de mim por um momento e sussurrou:

— O espaguete...

Ainda estava quente quando nos sentamos para jantar.

— Nosso primeiro jantar desde que estamos juntos.

— E muitas outras milhares de vezes que virão — disse Petra.

— Claro que sim — respondi.

Levantou o copo.

— Por nós — disse Petra.

— Por nós.

Falamos sem parar aquela noite, sobre todas as coisas possíveis: nossa infância, os professores de que nós não gostávamos e que odiávamos em nossos respectivos colégios, o primeiro baile, a primeira pessoa que beijamos, a curiosa situação de sermos filhos únicos de pais que já não se amavam mais... O que mais me fascinou na conversa foi que os dois haviam tido experiências semelhantes com companheiros de escola abusivos e professores estridentes, havíamos conhecido a solidão em alguma festa e descoberto que a nossa família, tanto a minha como a dela, não era feliz. Mas, no que se refere às diferenças culturais (os filmes que tínhamos visto quando crianças, os livros que tínhamos lido e as modas que tínhamos tentado copiar), era como se tivéssemos vivido em universos diferentes. O que mais me impressionou foi o completo isolamento de Petra de todo um mundo de obras de arte sem carga ideológica aparente, como os filmes de Hitchcock, Bergman e toda a *Nouvelle Vague* francesa, ou a maior parte da música pop do Ocidente. E quanto ao âmbito material (a *realpolitik* de uma sociedade ultraconsumista frente à *realpolitik* de um mundo comunista onde não existia a escolha do consumidor), me interessou constatar que a moda ainda era importante em Halle. Ulrika, a mãe de Petra, tinha confeccionado um falso casaco de *jeans* para a sua filha, com uma peça de lã romena que tinha tingido de azul-escuro e colocado alguns botões metálicos.

— Ficou quase idêntica ao casaco Levi's que eu tinha visto em um filme ocidental — lembrava Petra. — Todos meus amigos do colégio me perguntavam onde eu havia comprado. Veja

só, de tão bom que ficou!

A conversa discorria com uma facilidade, uma fluidez e um prazer simplesmente deslumbrantes. Estávamos ansiosos para trocar detalhes de nossas vidas até esse momento e fascinados ao ver que, apesar das enormes diferenças geopolíticas do nosso passado, compartilhávamos pontos de vista semelhantes sobre tudo: a futilidade da religião, a chatice que quase todos os hiperintelectuais provocavam, a convicção de que a literatura deveria “contar histórias”, a tendência de chorar quando uma obra tinha “sentimento do bem” (expressão de Petra), como era o caso de *La Bohème*, e um mesmo apreço pelos prazeres panteístas dos grandes espaços abertos, embora Petra me informasse que nunca em sua vida tinha visto montanhas.

— Os Alpes estão a poucas horas de trem — disse eu — e também os Dolomitas. Precisamos nos organizar para que você tenha em breve uma semana livre e embarcaremos em algum expresso transeuropeu.

— Mas isso deve custar caro — disse Petra.

— Deixe que eu me ocupo dessas coisas.

— Eu quero pagar minha viagem.

— Tudo está sujeito a futuras negociações.

— Nada disso — replicou Petra. — Só aceitarei uma rendição incondicional ao meu ponto de vista.

— Já dá para perceber que você, secretamente, é uma estalinista — retruquei.

— O que eu sou? Eu sou feliz!

— Bem, aqui tem algo que espero que lhe faça ainda mais feliz — disse eu, enquanto abria a gaveta lateral da pia da cozinha e tirava uma chave. — Traga suas coisas amanhã — acrescentei, deslizando a chave sobre a mesa em direção a ela.

Ficou olhando por um bom tempo.

— Você tem certeza do que está fazendo, Thomas?

— Totalmente.

Houve outra longa pausa, durante a qual vi que mordia o lábio inferior e os olhos se encheram de lágrimas.

— Você é um louco maravilhoso. Sim, trarei algumas coisas minhas amanhã.

— Eu estou muito feliz — disse eu, compreendendo, ao mesmo tempo, que a expressão “algumas coisas” era uma maneira de insinuar para mim que não devia ir longe demais, nem depressa demais.

— Deus meu! Olhe que horas são! — disse Petra, olhando primeiro seu relógio e mostrando-o a mim na sequência. Era 1h30 da manhã.

— E olhe o cinzeiro — disse eu.

Estava cheio o suficiente para transbordar, com mais de uma dúzia de cigarros que havíamos fumado nas últimas horas.

— E veja as duas garrafas vazias de vinho — disse Petra.

— Isso sem mencionar a meia garrafa de aguardente que terminamos — acrescentei.

— Por que eu não me sinto bêbada?

— Adivinha.

Levantou-se, veio até mim e se sentou no meu colo, rodeando-me o pescoço com os seus braços.

— Sabe o que eu vou pensar quando acordar dentro de algumas horas? Que o mundo é um lugar diferente. E o pior de tudo, ao acordar, é saber que terei que ficar separada de você até depois do anoitecer.

— Será para mim uma longa espera também.

Caímos na cama e, alguns minutos depois, nós já estávamos dormindo abraçados. Na sequência, a única coisa que eu percebi foi o alarme do despertador, levantei a cabeça e vi que já passavam das nove horas. Enquanto apertava o botão do despertador com uma mão para desligar, Petra estendeu os seus braços e me puxou para ela, dizendo:

— O trabalho pode esperar uma hora mais.

Enquanto fazíamos amor, não deixamos nem uma só vez de nos olhar, meu rosto sobre o dela e nossos mútuos olhares insondáveis e constantes, ao mesmo tempo que nossos corpos se moviam com um ritmo compartilhado, que era por sua vez natural e apaixonado.

— Quero começar assim cada manhã com você — sussurrou-me Petra depois, quando jazíamos abraçados.

— Sem nenhuma objeção — respondi sorrindo.

Eu me levantei para preparar o café da manhã enquanto Petra tomava seu banho. O café tinha acabado de ser passado quando ela entrou na cozinha com o rosto recém-lavado e o cabelo ainda molhado. A mesa estava posta, com o pão e o queijo sobre a tábua de madeira, os copos com suco de laranja e as xícaras de café prontas.

— Bom dia!

— Bom dia! Sabe o que eu não deixei de pensar enquanto estava no chuveiro? — perguntou Petra.

— Diga-me.

— Que a sorte finalmente decidiu me visitar.

Cinco

A sorte finalmente decidiu me visitar.

Algumas horas depois, sentado em um banco de parque no Tiergarten, aquela frase, e especificamente a maravilhosa forma como Petra enunciou aquelas seis palavras, ocupou a minha mente e não quis mais ir embora. Porque eu sabia que ela estava falando por nós dois.

Portanto, é assim que são as coisas.

Essa foi a outra constatação que veio agora tão avassaladora sobre mim — e que me permitiu sentar naquele banco em temperaturas abaixo de zero, ignorando o frio. Amor. Porque por todos aqueles dias vendo e saindo com Petra, fiquei tentando moderar a onda emocional que me havia pego de surpresa com o pensamento: *isso simplesmente não pode estar acontecendo*. Eu listei a mim mesmo uma dúzia de razões pelas quais as coisas não podiam dar certo, porque Petra escaparia da situação e me afastaria dela. Depois que ela correu para a noite durante nosso primeiro jantar juntos, senti uma perda aguda. Com o seu desaparecimento, veio a percepção de que nosso caso nunca poderia se realizar, que uma porta havia sido totalmente fechada em algo tão palpável, tão elétrico, tão possível, tão enorme.

Mas... agora... Isso parecia real, parecia concreto. Mais uma vez eu me vi assistindo ao filme das últimas trinta e seis horas tudo de novo, naquela sala de projeção que ocupa a parte de trás de meu cérebro: a imensa paixão, a intimidade profunda, o sentimento de cumplicidade total e, claro, o reconhecimento de que eu tinha encontrado a mulher da minha vida. Enquanto eu estava sentado ali, olhando para o céu de Berlim no inverno, eu tive um momento de pavor quando comecei a me perguntar: *E se ela entrar em pânico hoje e fizer o que eu fiz com a Ann, fugir de uma pessoa que só deseja o melhor para ela, para nós?*

Confie nela, confie nisso, tentei dizer a mim mesmo. Você não está mais sozinho no mundo. Você tem alguém que não apenas vê em você o que você vê nela, mas que deseja o que tudo isso representa tão fortemente quanto você.

O frio finalmente conseguiu me fazer mover novamente, e como eu já havia corrido até o Tiergarten, decidi ir em direção ao Krankenhaus. Eu tinha uma pequena mochila nas costas, naquela manhã, contendo todas as correspondências de Alastair, bem como vários jornais e algumas poucas edições anteriores da revista *The New Yorker*. Quando cheguei a seu lado e lhe ofereci aquela variedade de cartas e publicações, o primeiro comentário dele para mim foi:

— Como é mesmo aquela velha frase sobre “mate o mensageiro”? Quero dizer, você realmente tem que me trazer todos os pedidos de dinheiro que esses bancos sugadores de sangue e empresas estão jogando para cima de mim?

— A vida segue adiante, meu caro... E imagino que, quando eles o tirarem daqui, você não vai querer entrar em uma sala cheia de credores.

— Você trouxe o meu talão de cheques? — perguntou ele.

— Está na pasta com as contas — respondi.

— Você é ainda mais organizado do que eu... E odeio essa porra da revista *New Yorker*.

Todos aqueles patrícios anglófilos da Nova Inglaterra escrevendo sobre comer a mulher do vizinho na creche enquanto a neve cai em Boston e ao pé da escada todo mundo está cantando “O Come All Ye Faithful”. Depois, tem aquelas oitenta páginas melancólicas que eu estava lendo no outro dia sobre as origens do canivete suíço. Eu sei que isso faz certo tipo de americano da Costa Leste se sentir mundano e alfabetizado, mas, Jesus, a esclerose simplesmente salta de cada página...

— Quer dizer que os sintomas da abstinência já passaram?

— É que você está me pegando em uma boa meia hora — respondeu ele. — Ainda assim, o substituto, apesar de deprimente, tem deixado meus dias um pouco menos intoleráveis. Os médicos acham que eu vou ser expulso daqui em pelo menos quinze dias, de forma que eles tenham certeza de que estou completamente desintoxicado, nascido de novo e toda essa lenga-lenga. Mas vamos sair desse assunto sobre minha abrangente pessoa e abordar a visão ofuscante do óbvio que vejo diante de mim.

— E com isso você quer dizer que...?

— Oh, céus, ele ficou tão tímido na minha frente... Tímido e recatado, esse garotinho... Oh, cruzeiros, ele está ficando vermelho de vergonha!

— Eu não sei do que você está falando — disse eu, tentando impedir que um sorriso completamente pateta se espalhasse pelo meu rosto.

— O nome dela, *monsieur*. O nome dela.

— Petra.

— Ah, *eine Deutsche*...

— É isso mesmo.

— E é amor, não é?

— É tão óbvio assim?

— Meu filho, você é tão transparente quanto a água — respondeu Alastair. — No momento em que você entrou aqui, eu pensei: *Esse bastardo... A coisa está acontecendo com ele*. E não vou comentar mais nada exceto que... E essa é a voz da experiência falando... Guarde isso com sua vida. Porque o que você está sentindo agora, isso acontece uma ou duas vezes durante a vida inteira.

— Foi isso que você sentiu com Frederick?

— Meu Deus, você se lembra do nome dele.

— Claro, eu me lembro do nome dele — respondi.

— Não vamos mais continuar falando sobre o Fred, caso contrário eu poderia abandonar o navio e partir para a noite em poucas horas e mergulhar no primeiro pacote de heroína que encontrasse. Meu objetivo para o futuro é viver nessa zona que está em algum lugar além do insuportável. Ou, dito de outra maneira, este é um assunto que eu gostaria de deixar de lado no futuro.

Porque...

Ele ficou em silêncio por um momento, então se virou e olhou pela janela mais próxima, um fecho de luz de inverno iluminando o seu rosto e realçando uma tristeza que era temperada por uma interessante incandescência, como se a descoberta de tudo o que tinha me atingido tivesse trazido de volta para ele o mesmo brilho, o mesmo senso de possibilidade e de imensidão emocional.

— Saia daqui agora — disse ele então. — O que eu preciso fazer agora é abraçar o mundano e evitar tudo o que você está sentindo, como um maldito invejoso que sou.

— Entendido — respondi.

— Mas você virá amanhã, certo?

— Claro.

— Alguma notícia de Mehmet?

— Ele tinha outro trabalho hoje, então não pôde ir em casa. Mas fora a necessidade de uma camada final de verniz no assoalho, seu estúdio está basicamente igual ao que costumava ser. Na verdade, diria que está novo e melhorado.

— E quando finalmente eles me libertarem desta prisão — disse Alastair — pretendo mostrar ao mundo quão foda eu sou de resistente. Tudo aquilo que foi destruído por esse idiota sem talento eu posso refazer em questão de dias.

— Eu não tenho nenhuma dúvida sobre isso — respondi.

— Uma última coisa é preciso dizer antes que o poder maior venha informar que o horário de visita se encerrou: aproveite a sua boa sorte. Você tirou uma quadra de ases, meu amigo. Jogue direito!

Em meu caminho de volta para casa, as palavras de Alastair se mantiveram ricocheteando na minha cabeça, da maneira que todo conselho mais sábio persiste. Claro, se você permitir que ele fixe residência em sua psique e ganhe influência. E é quando você começa a confiar em seu coração pela primeira vez em sua vida.

Voltei ao apartamento e despojei a cama daqueles lençóis descontroladamente retorcidos. Então, eu a refiz com lençóis novos e fui até a lavanderia coreana que ficava a duas ruas de distância, deixando lá a roupa suja. Da lavanderia fui a um açougue e comprei um frango inteiro, depois parei na loja dos turcos da esquina e comprei feijões, batatas e mais duas garrafas de vinho Pinot Grigio que tão facilmente esvaziamos na noite anterior. De volta em casa, eu preparei o frango e as batatas, em seguida limpei tudo o que podia, colocando toalhas limpas, deixando tudo impecável. À medida que as seis horas da tarde se aproximavam, comecei a olhar obsessivamente para o meu relógio a cada cinco minutos. Então eu ouvi a chave girar na fechadura da porta principal abaixo. Descendo as escadas de dois em dois degraus, cheguei lá ao mesmo tempo em que Petra entrava, a boina molhada que usava na cabeça com o granizo que caía naquela noite, uma mala em uma das mãos e um saco de mantimentos na outra. Mas o que eu vi antes de todos esses detalhes secundários foi o enorme sorriso radiante no seu rosto, a eletricidade em seus olhos, a maneira como ela jogou rapidamente as compras em uma cadeira, atirou a mala para um lado perto de mim e se jogou em meus braços. Nós

nos beijamos profundamente, segurando um ao outro tão perto, e Petra, em seguida, tomou a minha cabeça entre as mãos e afastou seus lábios dos meus por um momento para dizer:

— Graças a Deus você está aqui.

— Claro, eu estou aqui — disse eu.

— Durante o dia todo — disse Petra —, eu senti esse medo... o medo de que você seria levado para longe de mim.

— Eu também senti a mesma coisa, o mesmo pavor... Mas agora...

— Leve-me para cima — sussurrou ela.

Uma vez lá, caiu na cama e, tirando a roupa um do outro, ela sussurrava “*Ich liebe dich*” uma e outra vez, Petra de novo me puxando para ela imediatamente, deixando escapar um forte gemido, cavando seus dedos em minhas costas, nosso amor tornando-se mais selvagem, com naturalidade.

Algum tempo depois, não sei bem quando porque perdi a noção do minuto, da hora, do próprio dia, Petra falou:

— Quero que a gente faça amor desse jeito daqui a vinte anos.

— E eu quero que a gente faça amor como esse quando decidirmos ter um filho.

Petra olhou para mim com surpresa.

— Você realmente quer dizer isso? — perguntou ela.

— Por acaso alguma vez já falei as coisas sem pensar? — retruquei.

— Dificilmente.

— Não é que eu esteja sugerindo que a gente faça isso na semana que vem, é apenas...

Interrompi meu discurso, preocupado de estar entrando em um território delicado.

— Continue... — disse ela, acariciando meu rosto.

— Se você ama alguém, então você deseja, em algum momento, ter um filho com essa pessoa — disse eu. — E nem posso acreditar que eu esteja dizendo esse tipo de coisa, porque... Bem, nunca pensei nisso antes e...

— E se eu lhe disser que você é o primeiro homem com quem eu já tive vontade de ter um filho? Bem, espero que agora você não vá fugir morrendo de medo e se alistar à Legião Estrangeira.

— Eu nunca iria fugir de você. Pelo contrário, eu quero tudo o que for possível para nós. Tudo.

— Como eu, assim como eu — disse Petra. — E preciso lhe dizer uma coisa, eu nunca iria impedir você de correr o mundo para fazer o seu trabalho, contanto que sempre voltasse para mim.

— Eu não estou nem pensando sobre viagens agora.

— Mas é o que você faz, Thomas. Eu não quero mudá-lo. Eu só quero ser uma parte de sua vida.

— E eu quero que nossa vida seja apenas isso. *Nossa vida*. E isso também pode significar nós viajarmos juntos.

— Mas eu atrapalharia...

— Você nunca, jamais, vai me atrapalhar.

— Todas aquelas horas longe de você hoje... Foram quase intoleráveis. Mas eu saí do trabalho mais cedo e voltei para o meu quarto e trouxe algumas roupas comigo.

— Sim, fiquei muito contente ao ver que você trazia uma mala.

— Mas o que é *muito eu* — disse ela —, muito meu jeito de ser, é o fato de que eu ficava pensando, durante todo o dia, que no momento em que visse a mala, você iria mudar de ideia, achando que eu estava indo rápido demais.

— E eu — respondi — fiquei pensando o dia todo, também, que você poderia ficar com medo em relação a nós dois e fugiria de novo no meio da noite...

Nós ficamos na cama por mais uma hora, deitados lado a lado, sem tirar os olhos um do outro, falando, falando.

— Você conhece aquele poema de Rilke que começa assim: “Esteja à frente de toda a despedida”? — perguntou Petra.

— Que conselho mais sinistro... — respondi.

— Mas quando você o ler no contexto do poema, que é um dos seus sonetos a Orfeu, compreenderá que tudo se resume à necessidade de aceitar a natureza transitória de todas as coisas.

— Mas este amor não é transitório.

— Esse é um sentimento maravilhoso, Thomas. Mas nós dois somos mortais. Goste ou não, em oitenta anos contados a partir de agora, nenhum de nós estará aqui. Não podemos nos esquivar da transitoriedade que simplesmente é essa vida temporal que temos. Mas sobre o poema de Rilke, na verdade ele nos pede apenas para celebrarmos a impermanência contra a qual todos nós lutamos. E para os tipos como nós, existem aquelas três linhas que, quando as li pela primeira vez, me atingiram com tanta força...

— E você se lembra delas?

Sem tirar os olhos dos meus, nossas mãos entrelaçadas, ela recitou, em voz suave, mas maravilhosamente articulada, as seguintes frases:

Ser... E ainda assim conhecer o grande vazio onde todas as coisas começam/ A fonte infinita de sua própria vibração mais intensa/ Assim que, nesse único momento, você pode dar o seu assentimento perfeito.

— *Nesse único momento...* — repeti a frase — Isso é tão verdadeiro...

— É por isso que o poema tem peso, porque ele está vivo... Para a necessidade de se fazer o melhor desta coisa chamada vida.

— O que nós sempre iremos fazer juntos.

— Sempre me lembre disso — pediu ela — caso eu me sinta sobrecarregada pelas coisas.

A fome finalmente nos tirou da cama. Eu coloquei o frango no forno (“Que maravilha você deixar isso preparado para nós!”, exclamou Petra), em seguida fui ajudar a desempacotar as

compras. Eu também mostrei a ela o espaço no guarda-roupa que eu tinha esvaziado para que colocasse suas coisas. Ela tinha trazido apenas três mudas de roupa: duas saias, um vestido meio *hippie* de estampa floral simples, suas jaquetas de couro e de *tweed*. Ver todos estes itens pendurados no guarda-roupa, juntamente com as duas camisolas e roupas de baixo que havia empilhado em uma prateleira, me deixou muito contente, assim como a presença de seus artigos de higiene no banheiro. Ela estava se instalando ali. Nossa história juntos estava realmente começando.

Durante o jantar naquela noite, ela disse:

— Bem, agora tenho uma questão que nunca cheguei a fazer a nenhum homem em minha vida antes: como foi que você aprendeu a maneira correta de assar um frango?

— Essa é uma habilidade que quase todo menino americano aprende desde cedo — respondi. — Meu pai, apesar de ser um executivo beerrão de uma agência de publicidade, é um cara que realmente sabe cozinhar muito bem.

— E sua mãe?

— Uma princesa completa quando se trata de cozinhar... O pai dela, um joalheiro, era uma pessoa que podia pagar uma empregada, de forma que ela ficou do mesmo modo que minha avó, fazendo muito pouco a não ser jogar canastra, falar como sua vida era decepcionante e dizer o tempo todo à minha mãe como ela não valia nada.

— Será que sua mãe acreditou nela? — perguntou Petra.

— Totalmente — respondi —, o que foi grande parte de sua tragédia. Ela estudou nas escolas certas. Era letrada e de nenhuma maneira estúpida. Mas ela também se casou com o homem errado para cometer um pequeno ato de rebeldia, então odiava o fato de que estávamos vivendo no que era, para ela, uma queda de *status*... Embora lhe contar isso me faça sentir ridículo, comparado com a maneira como você era obrigada a viver em Berlim Oriental.

— Ouça, Thomas, não há nenhuma necessidade de sentir que você tem que minimizar as dores de sua infância porque não correspondem aos horrores percebidos na RDA. Conheci amigos por lá que tiveram infâncias maravilhosas. Tive amigos que foram infelizes. Crueldade, decência, felicidade, infelicidade... Todas essas facetas da paleta emocional humana, elas são uma coisa sem fronteiras, não são? O importante é como a sua infância acaba fazendo você se sentir sobre si mesmo. Que tipo de ser humano é você? É daquele que sai por aí furioso com o mundo, ou daquele que é capaz de lidar com qualquer coisa que apareça em seu caminho? Você acredita ser alguém merecedor da felicidade ou faz tranquilamente tudo que estiver a seu alcance para derrubar todas as possibilidades de contentamento? E se a sua infância foi difícil, triste...

— Eu ainda acredito na possibilidade de felicidade.

Ela deslizou os dedos pelos meus.

— Eu também — disse Petra —, ou melhor, acredito nisso desde que você entrou na minha vida.

— *Entrou na minha vida*. Isso é lindo — comentei.

— E tão preciso, não é? É em grande parte como a vida funciona, e, mais especificamente,

como ela muda. Você está passando pela sua vida, o cotidiano rotineiro deslizando, tudo como sempre foi. E fica preso ao pensamento de como é a vida agora. De repente, um dia, entra na sala de seu chefe e lá está você. Eu acho que a coisa mais difícil foi realmente não saber se você sentia o mesmo por mim.

— Quer dizer que você soube imediatamente, também?

— Não fique tão surpreso assim.

— Mas eu estou surpreso — retruquei. — Você estava tão reservada, tão distante.

— Isso foi porque eu estava tão ansiosa, tão nervosa de que a coisa poderia não acontecer... Ou tinha medo de que fugisse apenas por medo de que nada acontecesse... Coisa que fiz no restaurante, é claro.

— Mas você voltou. Você escolheu a felicidade.

— E agora — sussurrou ela —, vamos voltar para o quarto.

Nós não conseguíamos nos satisfazer um com o outro, nunca era o bastante. Era uma intoxicação mútua completa, uma totalidade física que servia para expressar a imensa totalidade emocional que ambos estávamos sentindo. Isto é o que todos falam quando utilizam a frase *amor verdadeiro*.

Adormecemos cedo naquela noite. Quando acordei na manhã seguinte, todos os pratos já estavam lavados, o café da manhã fora colocado sobre a mesa, e Bill Evans estava na vitrola.

— Você não tem que fazer tudo isso — disse eu, andando ainda meio dormindo em direção à mesa e beijando Petra.

— Sim, eu fiz — respondeu ela —, e hoje vou parar em meu quarto na volta do trabalho e trazer comigo alguns de meus discos. Então, amanhã você acordará ao som de *Stop Making Sense*.

Conversamos sobre o dia que começava e como ela teria que lidar com uma tradução muito longa e sombria de um ensaio sobre Heinrich Böll.

— Um escritor maravilhoso, mas nas mãos desse árido acadêmico inglês que escreveu o texto, *A honra perdida de Katharina Blum* vem como se fosse um atalho para a via-crúcis...

— É uma escolha interessante para se discutir na Rádio Liberty, dada a forma como ele tão bem critica a Bundesrepublik, especialmente os serviços de inteligência — comentei.

— Acho que foi por isso mesmo que encomendaram esse ensaio — respondeu ela — mostrando como vocês no Ocidente...

De repente, ela interrompeu a fala e se encolheu:

— Como *nós* no Ocidente... — corrigiu-se.

— Você não tem que se corrigir. Você está no exílio.

— Talvez um dia eu venha a me sentir parte deste lugar.

— Ou em outro lugar.

— Nos Estados Unidos, talvez? Será que eu me encaixo?

— Bem, se eu fosse de alguma cidade pequena em Indiana ou Nebraska, acho que o choque

cultural seria extremo. Mas você e Manhattan? Seria amor à primeira vista.

— Eu adoro sua certeza absoluta, Thomas.

— Deixe comigo, vou levá-la para Manhattan — disse eu.

— Podemos sair hoje?

— Sem dúvida.

— Você faria isso agora? — perguntou ela.

— Basta confirmar e eu vou pegar o telefone e encontrar dois assentos no próximo voo — respondi.

— Agora eu me sinto envergonhada.

— Por quê?

— Porque, mesmo se eu quisesse, eu não poderia deixar Berlim. Meu contrato com a Rádio Liberty é de, pelo menos, mais um ano. O departamento do governo que lida com a integração dos cidadãos da RDA para a Bundesrepublik encontrou este trabalho para mim. Assim como eles também arrumaram o quarto onde vivo e me deram três mil marcos, uma pequena fortuna para mim, para comprar roupas, roupa de cama e toalhas, tudo feito para suavizar a minha transição para cá. Então, acho que romper o contrato agora... Pareceria ingratidão, não acha?

— Eles superaram isso, Petra — disse eu. — E lembre-se, meu livro significa que eu preciso ficar aqui por muitos meses que ainda virão, e eu posso ficar em Berlim pelo tempo que você precisar. Então, se Manhattan tiver que esperar...

— Mas não por muito tempo — disse ela, beijando-me. Em seguida, começando a recolher a louça do café, comentou: — Depois que eu arrumar isso, será melhor eu sair para trabalhar.

— Faça o que tiver que fazer. Deixe que eu tomo conta disso.

— Humm... Um homem que faz compras, cozinha e lava a louça...

— Isso não é tão absurdamente incomum, é?

— Não, é apenas que... Meu marido era bastante “tradicional” na arena doméstica. Ele era um escritor. Ele escreveu peças que raramente foram montadas. Uma delas até que se deu bem, tendo sido apresentada em muitos teatros pela Alemanha Oriental. No entanto, outra lhe causou muitos problemas. Mas isso é outra história. Porém, com relação a todo o seu discurso sobre *Kameradschaft* — camaradagem —, ele era um homem muito conservador quando se tratava dos chamados papéis sexuais. Eu era sua esposa. Então, o que ele esperava de mim é que mantivesse o apartamento limpo, cozinhasse o jantar e lavasse e passasse as roupas. Não importava que suas peças não estivessem mais sendo encenadas em nenhum lugar, ou que ele nem sequer fosse autorizado a trabalhar...

Ela parou de falar subitamente.

— Eu não quero mais falar sobre isso, combinado?

Seu tom de voz tinha mudado para uma postura defensiva, mas ela se recompôs imediatamente, dizendo:

— Oh, Deus, escute só o que acabei de falar... Eu revelo tudo isso de minha própria vontade e, logo em seguida, fico louca da vida com você!

— Não, você não ficou brava comigo — tranquilizei-a.

— E você tem que parar de ser tão... Tão *razoável* assim, Thomas. Tão compreensivo. Você pode me chamar de coisas feias quando eu ficar insuportável, o que eu faço de vez em quando.

— Eu nunca vou pressioná-la para obter detalhes sobre sua vida lá. Mas, obviamente, quero saber tudo sobre você, ou pelo menos tudo o que você quiser me contar. Mas em seu próprio tempo. Sem pressão. Nenhuma mesmo.

— Exceto para ir trabalhar. O que você vai fazer hoje?

Do andar de baixo, vinha o som de uma lixadeira sendo acionada.

— Parece que Mehmet já começou — respondi. — Então, eu vou ajudá-lo. E depois, bem, eu preciso começar a fuçar em torno desta cidade um pouco mais. Então talvez eu dê uma passada em Tempelhof.

— Oh, Deus. Estive lá uma vez, e isso me assustou.

— Mas é só um aeroporto, apesar de ser da época dos nazistas. E todo mundo diz que, arquiteticamente falando, ele é impressionante.

— Isso é. Mas o lugar ainda é um símbolo do horror nacional que, na Alemanha Oriental, nos ensinaram que foi perpetrado pela outra Alemanha. Sim, fomos informados sobre os campos da morte, sobre a loucura dos nazistas. Mas na parte oriental da Alemanha, segundo o ensinamento da RDA, nossos irmãos comunistas derrotaram todos eles nos dias finais da guerra e limparam toda a nossa abençoada República Popular Democrática do flagelo do nacional-socialismo. Quando vim morar em Berlim Ocidental, naturalmente procurei ler tudo o que pude sobre essa época. O fato é que fomos todos culpados, e o horror feito em nosso nome foi indescritível. Mas eu suponho que aquilo que foi mais inconcebível, ao menos para mim, foi a descoberta de que nós, *das Deutsche Volk*, permitimos que essa monstruosidade acontecesse. A divisão inteira da Alemanha — o fato de que mais de quinze milhões de seus cidadãos acabaram presos em um sistema totalitário — encontra suas origens em nosso abraço ao nazismo. É estranho, não é, como um pesadelo, quando morto, é imediatamente substituído por outro? É a maneira de o mundo seguir adiante, suponho, mas é também um reflexo de nós mesmos. Nós criamos os pesadelos. E muitas vezes lançamos os outros para dentro deles.

Foi isso o que aconteceu com você? Era o que eu queria perguntar. Ao mesmo tempo que sentia que havia uma parte de Petra que desejava deixar escapar tudo, mas talvez temesse a minha reação àquela história. Tive vontade de lhe dizer: “Basta acabar com isso e me contar tudo. Porque eu te amo. E porque o que ocorreu ali aconteceu sob circunstâncias extremas”.

Mas, novamente, meus instintos me diziam para não pressionar. Petra certamente me contaria tudo, quando estivesse preparada, sobre esse recesso escuro de sua vida.

— Eu só quero que você saiba de uma coisa — eu me ouvi dizendo —: a vida será melhor agora. Ou, pelo menos, é isso que desejo que seja para você, para nós.

Ela se aproximou e enterrou a cabeça no meu ombro, me segurando com força, sussurrando: “Obrigada”. Então ela pegou meu rosto nas mãos e me beijou.

— Outras nove horas longe de você — disse ela. — Essa ideia me apavora.

— Estarei aqui quando você cruzar aquela porta hoje à noite. Poderíamos ir ao *show* das dez no Kunsthaus — respondi, mencionando um lugar que tocava *jazz* a algumas ruas de distância.

— Só se você me deixar fazer o nosso jantar primeiro.

— Tudo bem. Mas se você me der sua lista de compras, posso buscar tudo hoje à tarde.

— Mas metade do prazer de cozinhar é fazer as compras com antecedência. Basta estar aqui às seis, por favor.

— Onde mais eu estaria?

Nós nos beijamos novamente com tanto desejo que logo caímos de volta sobre a cama e estávamos nus em poucos instantes. Existe alguma coisa mais extraordinária do que os primeiros meses de um caso de amor? Aquele lado pesaroso dentro de nós (e todos nós somos, em certo grau, tristes e pesarosos) sempre nos alerta sobre como o amor inevitavelmente se transforma, como aquela explosão inicial de ardor se esvai com o tempo, virando algo mais apagado, mais rotineiro. Mas quando você está no meio de um novo amor que parece tão certo, tão total, tão o seu destino, como é possível pensar em cinco anos para a frente, você acordado às quatro da manhã com um novo bebê na agonia da cólica, quando está sem dormir há dois dias e quando fazer amor é, na melhor das hipóteses, um evento semanal? Quando os dois estão começando a discutir sobre a falta de equilíbrio entre trabalho e família e *Por que você não está me ajudando mais com o bebê?*

Mas agora tudo que eu pensava era: *O amor é realmente possível. E é tudo devido a esta pessoa extraordinária que está agora em meus braços.*

Petra estava pensando a mesma coisa. Quando nos deitamos um ao lado do outro, ela disse:

— Eu não tinha percebido uma coisa até agora. Antes das três maravilhosas noites com você.

— E o que é, meu amor?

— A felicidade existe.

Seis

Mehmet estava lá embaixo, lixando o último canto do piso do estúdio, quando Petra e eu saímos de meu quarto. Vendo-nos, ele imediatamente desligou o zumbido estridente da máquina, removeu os óculos de segurança e sorriu timidamente para Petra. Aproveitei para apresentá-los:

— Mas nós já nos encontramos no outro dia — falou Petra.

Mehmet balançou a cabeça, sua timidez em sua perceptível companhia.

— Você fez um belo trabalho aqui — disse ela, apontando para o espaço recém-reformado do estúdio que, na verdade, realmente estava impecável.

— É um trabalho do Thomas também — respondeu ele.

— Ele é um homem de muitos talentos — concordou ela, apertando o meu braço e depois deslizando sua mão até a minha. — Muito prazer em conhecê-lo. Sem dúvida, nós vamos nos ver mais vezes por aqui.

— Voltarei em um instante — avisei Mehmet quando pisei do lado de fora da porta da rua com Petra. — Eu quero arrastá-la para cima de novo — disse a ela.

— Se não fosse pelo fato de que estou agora trinta minutos atrasada para o trabalho — respondeu ela —, deixaria você me levar para cima com o maior prazer. No entanto, há muito a ser dito para *Vorfreude*.

— Hum, uma palavra com a qual nunca me deparei.

— Isso significa a *antecipação*, no caso do prazer que deve atualmente ser adiado.

— Essa é uma palavra muito alemã.

— De fato é, mas no nosso caso o *Vorfreude* só vai durar nove horas.

Como sempre, foi difícil deixá-la ir. Como sempre, nós dissemos um ao outro mais uma vez o quanto nos amávamos. Enquanto descia as escadas, ela virou-se para mim e me deu um sorriso de tal esplendor, de tal felicidade, que eu simplesmente me vi analisando os caprichos da sorte; se Petra não tivesse entrado na sala de Pawel naquele dia, a trajetória de toda a minha vida seria uma bem diferente dessa... E da sorte que naquele dia sorriu para mim.

De volta ao apartamento, Mehmet tinha ligado a lixadeira de novo e estava terminando o último canto do chão. Assim que entrei, ele desligou a máquina.

— Vamos poder passar a primeira camada de verniz em poucos minutos — disse ele.

— Não tem problema — respondi. — Só me dê alguns minutos para eu trocar de roupa. Mas depois, por que não vamos até o hospital visitar o Alastair?

Mehmet imediatamente ficou tenso.

— Todo mundo vai ver — disse ele.

— Todo mundo vai ver nada, exceto dois homens visitando um amigo em uma enfermaria de

hospital. E ele realmente quer vê-lo. Tenho certeza ainda de que você quer vê-lo. De qualquer forma, há uma divisória separando a cama dele das outras, por isso não há a mínima chance de que você seja visto por alguém.

— O mundo às vezes é muito pequeno.

— O mundo também é muito grande. Mas, tudo bem, digamos que a coisa mais estranha do mundo aconteça e você encontre algum conhecido. E daí? O homem que lhe pediu para redecorar seu estúdio está no hospital. Você foi lá visitá-lo para discutir o andamento do trabalho. Fim da história.

— Eles nunca acreditariam em mim.

— Por que isso?

— Porque eles iriam ver a vergonha nos meus olhos.

— Eles não vão ver se você não mostrar isso a eles.

Mehmet balançou a cabeça, parecendo em dúvida.

— Diga-me uma coisa — perguntei —, você quer vê-lo?

— Claro, eu quero vê-lo — respondeu Mehmet.

— Então iremos até o hospital assim que terminarmos de passar a primeira demão de verniz no piso.

— Thomas, por favor, não faça isso. Você não conhece a minha família, a família *dela*...

Em seguida, baixando a cabeça, ele de repente começou a andar ao redor da sala, murmurando para si mesmo. Eu não estava tão confuso assim por ver esse comportamento, uma vez que falava comigo mesmo o tempo todo (é um tique que muitos escritores possuem). Eu também pude ver que Mehmet estava usando este monólogo autodirigido como uma forma de acalmar-se. Após cerca de um minuto, ele pareceu emergir de sua angústia e, voltando-se para mim, disse:

— Vá colocar sua roupa de trabalho e eu termino de lixar aqui.

Quando voltei, cinco minutos depois, Mehmet já havia preparado os potes de verniz e os pincéis e estava usando um aspirador de pó para remover a poeira restante. Enquanto eu caminhava para a peça principal do estúdio, ele desligou o aspirador e disse:

— Tudo bem, eu irei ao hospital com você. Mas primeiro vamos acabar de passar o verniz.

Duas horas depois, estávamos no U-Bahn, em direção à Estação Zoo. Sentado no vagão onde eram permitidos cigarros, Mehmet fumava um Lucky Strike sem filtro, devorando-o em menos de três minutos, e depois acendendo mais um na ponta daquele que estava no fim. Sua cabeça estava abaixada, sua apreensão palpável. Quando seus ombros começaram a tremer, e eu podia senti-lo começando a sentir-se oprimido demais, coloquei um braço em volta dele e disse uma palavra:

— *Tapferkeit*.

Coragem.

Ele assentiu várias vezes, então deu algumas longas tragadas em seu cigarro e sussurrou:

— É impossível, é tudo impossível.

Claro, é fácil pensar: *Mas isso não é impossível. Tudo que você tem a fazer é agir em seus*

próprios interesses e sair de uma vida que você não quer. Mas isso é tão profundamente fácil e se desvia não apenas da enorme ramificação social desta decisão, mas também da maneira como colocamo-nos em vidas que não queremos, em grande parte por medo de mudança.

Mesmo que Mehmet não pudesse, no fim das contas, fugir de tudo aquilo que a sociedade esperava dele, pelo menos estava fazendo amor três vezes por semana com Alastair, e isso era um grande ato de desafio. Nós estamos sempre respondendo a uma autoridade maior, não é mesmo? São as expectativas sociais, as expectativas familiares. Portanto, para até mesmo mexer com a zona perigosa da liberdade pessoal, como Mehmet estava fazendo agora, seria necessária uma força extraordinária de caráter. Assim como, de alguma forma, atravessar um impenetrável abismo político como Petra tinha feito.

Bem, eu não conhecia todos os detalhes de seu voo ainda. Mas eu sabia que ela tinha pago algum preço enorme para sair. E isso, por sua vez, também me fez pensar que ela igualmente tinha uma coragem fenomenal. De forma que a escolha que Petra fez fora de um enorme impacto, repleta de pesar e de uma tristeza infinita. A mudança, especialmente aquela de uma categoria mais fundamental e pessoal, nunca é menos do que catastrófica?

Quando saímos para a luz pálida da rua, Mehmet ofereceu o maço de Luckys.

— Você deveria se casar com essa menina — disse ele enquanto segurava um cigarro para mim.

— O que o faz pensar assim? — perguntei.

Ele apenas deu de ombros, seu rosto a máscara de seriedade habitual.

— Vocês parecem felizes juntos — respondeu.

Entrando na enfermaria do hospital dez minutos depois, Mehmet olhou para cada pessoa que passava como se ela fosse um membro da polícia secreta turca enviada para descobrir o seu terrível segredo e destruir sua vida. Ele estava tão agitado que, quando nos aproximamos da cabeceira da cama de Alastair, tive que o deter e coloquei minha mão em seu braço, dizendo:

— E então, já encontrou alguém que você conheça?

Ele balançou a cabeça, negando.

— Bem, preste atenção — continuei —, nós estamos a dez passos do cubículo de Alastair. Assim que estivermos lá dentro, ninguém mais poderá vê-lo. Você estará a salvo. Então, por favor, e pelo bem dele, tire do rosto esse ar assustado e tente se recompor agora. Alastair precisa saber que você está razoavelmente bem, portanto...

Mehmet assentiu com a cabeça muitas vezes e entrou em outro monólogo interior por alguns momentos, puxando para fora o maço de cigarros e girando-o entre os dedos, evidentemente desesperado por dar uma tragada e usando o maço como se fosse um substituto do colar de contas...

— Você está melhor, agora? — perguntei finalmente.

Ele balançou a cabeça em sinal de afirmação muitas vezes novamente, e eu empurrei-o em direção ao cubículo. Quando chegamos perto de sua entrada, enfiei a cabeça e encontrei Alastair sentado na cama, lendo a *New Yorker*.

— Voltou de novo? — perguntou ele, ao me ver. — Você é realmente um glutão por maus tratos, hein?

— Acho que sim, mas eu não vou ficar. Porque eu trouxe um visitante.

Estiquei a mão por trás de mim e, literalmente, tive que puxar Mehmet para dentro do cubículo. Alastair parecia genuinamente surpreso ao vê-lo, enquanto os olhos de Mehmet continuaram se movendo dele para o chão.

— Voltarei em uma hora — anunciei.

E antes que Mehmet pudesse levantar alguma objeção nervosa, virei-me e caminhei rapidamente pelo corredor da ala.

Saí do hospital e encontrei um pequeno café italiano em uma rua vizinha. Bebi dois espressos e trabalhei em meu caderno de anotações, descrevendo tudo o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas, com o comentário de Mehmet tocando sem parar em minha cabeça: “Você deveria se casar com essa menina”. Depois de escrever por quinze minutos, eu perguntei ao sujeito atrás do balcão se havia um telefone que eu poderia usar.

— Dez minutos, um marco — disse ele, colocando um telefone no balcão.

— É caro.

— Não — respondeu ele. — Esse é o preço.

Dei de ombros, empurrei um marco para ele e disquei o número da Rádio Liberty. Quando a telefonista respondeu, eu pedi para ser transferido para Petra Dussmann. Sua linha tocou e tocou e, por volta do sétimo toque, estava começando a perder as esperanças de poder falar com ela quando, de repente, ela respondeu:

— Dussmann — disse ela, parecendo meio sem fôlego ao atender.

— Eu a obriguei a disparar pelo escritório?

— Isso mesmo...

— Espero que não se importe de eu telefonar aí no trabalho.

— É ótimo ouvir sua voz — respondeu Petra num quase sussurro —, mas se eu estiver parecendo meio clandestina, é porque o Pawel está rondando por perto.

— Não tem problema — respondi. — A única razão pela qual eu telefonei agora é que não conseguia suportar a ideia de não ouvir sua voz até de noite.

— Eu te amo — sussurrou ela. — Na verdade, se eu pudesse, eu sairia voando desta droga deste prédio e correria para me aconchegar em seus braços...

— Olha, eu poderia estar na frente da estação de metrô de Wedding em quinze minutos.

— Tenho uma reunião durante o almoço com dois produtores em vinte e cinco minutos.

— Bem, isso nos daria cinco minutos juntos.

— Eu estarei esperando por você do lado de fora da estação.

O fato é que só cheguei à estação de Wedding em dezoito minutos. Ela estava de pé no topo das escadas enquanto eu subia os degraus, e correu em minha direção, me encontrando em um

patamar da escadaria a meio caminho do nível da rua, jogando os braços em volta de mim, prendendo-me contra uma parede enquanto nos beijávamos. Finalmente, ela se afastou um pouco.

— Você... — sussurrou. — Você...

— E você... E nós.

— Agora, estou atrasada — disse ela.

— Então, é melhor que vá.

— O fato de que você veio até aqui por apenas cinco minutos...

— Eu vou vir até aqui durante cinco minutos todos os dias, se quiser...

— Diga que me ama.

— Eu te amo.

— E eu te amo.

Então, depois de outro beijo muito longo, ela se afastou de mim e correu até as escadas. Debrucei-me contra a parede, sentindo-me como um daqueles personagens de desenho animado que chega a beijar a menina e, na sequência, é atingido por um redemoinho visual de estrelas e pontos de exclamação sobre sua cabeça. Obriguei-me a caminhar de volta para o metrô, vestindo um sorriso absurdo e lunático durante todo o caminho de volta para a estação Jardim Zoológico. Meio que correndo até o hospital, cheguei até a ala onde estava Alastair cerca de quinze minutos antes de terminar o horário de visitas. Mehmet já não estava no cubículo, mas Alastair estava sentado na cama, as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto.

— O amante americano voltou — disse ele quando entrei. — Deixe-me adivinhar. Você tinha um encontro marcado, mas conseguiu escapar de ser descoberto em um quarto acima de uma lavanderia chinesa pelo marido dela, um iraniano fascista, Abbass, que é motorista de táxi durante o dia, mas tem uma carreira florescente como um lutador profissional à noite.

— Você realmente devia estar escrevendo romances, Alastair.

— Então, tinha ou não tinha um encontro?

— Não exatamente. Mas...

— Oh, entendi. Uma encoxada rápida em um parque público. Ela saiu correndo do trabalho para se encontrar com você, e dentro de instantes a Terra se movia.

Senti que enrubescia. O sorriso de Alastair se alargou.

— Evidentemente, acertei na mosca — disse ele. — Então, meu jovem, detalhes, detalhes!

— Você vai conhecê-la, cedo ou tarde — respondi.

— Mehmet certamente já a conheceu — retrucou Alastair. — Ele me informou que ela é muito adorável. Linda, alta, o que para Mehmet significa qualquer pessoa mais alta do que ele. Uma garota muito bonita, com... Como ele colocou, mesmo...? Ah, sim, com “olhos tristes”. Petra é triste?

— Não somos todos tristes, de certa forma?

— Ah, então quer dizer que divido um apartamento com um príncipe filósofo. Mas você se

esquivou da minha pergunta. Mehmet, que está sempre triste, também me contou que vocês dois parecem estar muito apaixonados.

— Sim, estamos...

— Parabéns.

— Você não parece muito desanimado hoje.

— Talvez porque certo escritor norte-americano me fez uma boa ação hoje. Obrigado.

— Ele ama você.

— Isso é uma coisa bastante presunçosa para se dizer.

— É apenas a verdade.

— Em assuntos do coração — replicou ele —, não há tal coisa como a verdade. Há apenas realidades momento a momento. E tudo pode mudar amanhã, especialmente tendo em conta as complexidades da situação de Mehmet.

— Será impossível apenas se você deixar que seja assim. A luta a que assisti Mehmet travar para visitar você hoje, a maneira pela qual ele demonstrava estar tão claramente em conflito entre o que o coração lhe dizia e o que a sua cultura inteira estava dizendo, deixa evidente que ele quer você. A pergunta é...

— Dá para calar a boca?

Ele olhou para longe de mim, mordendo o lábio inferior.

— Desculpe-me se eu cruzei algum limite — disse.

— Você enxerga demais, Thomas. Mas o que você esquece é que existem aqueles de nós que não queremos olhar muito de perto a nós mesmos. Na verdade, a grande maioria das pessoas não quer isso. E talvez seja você mesmo, que está sempre pensando em termos de narrativa, quem sinta a necessidade de resoluções, de finais arrumadinhos, naquelas situações que são tudo, menos arrumadinhas...

— Eu raramente entendo a vida como arrumadinha, do jeito que você diz... — retruquei.

— Mas você não quer viver feliz para sempre com a divina Petra? — replicou ele.

— Claro. Não é isso que todos nós queremos? Você não quer viver isso com Mehmet?

Alastair fechou os olhos.

— O que eu quero é um cigarro — respondeu. — Assim que você sair deste hospital e deixar de levantar questões tão vexatórias, eu irei me arrastar até o quarto que eles consagraram para nós, os viciados em nicotina, e tentarei bloquear o eco de sua voz interrogatória com um HB com filtro... E então, voltarei para cá para tomar minha picada diária, outro grande momento de meu dia...

— E como vai indo isso?

— Os médicos e o psiquiatra que designaram para mim dizem estar satisfeitos com meu progresso. Eles sentem que eu estou quase pronto para ser solto no mundo.

— Fantástico.

— Você só vai achar isso fantástico se encara o mundo como algo vingativo e mau...

— Bem, você vai voltar a trabalhar.

— E então — retrucou ele — o Mehmet será pressionado por sua gente, e eu vou acabar sendo esfaqueado novamente. Só que desta vez irei acabar em uma lápide funerária, e não em uma cama de hospital.

— Sempre fazendo drama, Alastair... — respondi.

— Esse sou eu... Mas uma boa notícia. A polícia finalmente capturou o louco que cortou a mim e a meu trabalho. Assim que ele foi preso há poucos dias, quando fugia para Munique, foi diagnosticado como esquizofrênico paranoico e trancado indefinidamente em algum hospital psiquiátrico muito seguro nas profundezas da Baviera, juntamente com todos aqueles insanos democratas cristãos. Então, quando eu finalmente receber meus papéis e sair daqui, vou poder passear pelas ruas de Kreuzberg sem medo de dar de cara de novo com aquele maluco sem talento, mas muito violento. Enquanto isso... Quando é que vou conhecer o amor de sua vida?

— Logo que voltar para casa e tiver se instalado de novo. Falando nisso, seu estúdio está limpinho de novo.

— Sim, o Mehmet me contou. Quando você vai me apresentar a conta pelos serviços prestados?

— Tudo o que peço em troca é que, uma vez que finalmente sair daqui, tente de verdade ficar limpo.

— Por que você se importa se eu voltar aos meus antigos hábitos de viciado?

— Porque, idiota que sou, por acaso eu gosto de você. E o mundo, para mim, seria um lugar muito menos interessante se você não estiver mais nele.

— Lixo sentimental — disse Alastair, quando a campainha anunciou o fim do horário de visitas. Então, fechando os olhos novamente, ele disse: — Agora, dê o fora daqui antes que eu faça alguma coisa sentimental, também. Você vai passar aqui amanhã?

— Acho que não tenho escolha... — respondi.

— Se vier, poderia ser por volta do meio-dia? Mehmet deve vir às onze...

— É mesmo? Mas isso é uma notícia tão boa!

— Talvez seja — disse ele, olhando para o teto. — Talvez este seja, para você e para mim, um daqueles raros interregnos em que todas as porras das estrelas estão realmente numa porra de um alinhamento!

Algumas horas depois, quando Petra veio correndo pela porta e se jogou em meus braços, eu refleti novamente sobre o último comentário de Alastair e concordei que existem raros momentos na vida em que tudo realmente começa a se encaixar, quando os deuses, as estrelas, a mão orientadora do destino, a natureza do acaso (e todas as outras forças não empíricas que citamos de vez em quando ao discutirmos a maneira em que nosso destino se desenrola) realmente pareciam compartilhar do mesmo trilho. Certamente, pensando nos três meses ou algo assim que se seguiram a

esse pronunciamento, este foi um momento quando tudo parecia estar bem no mundo. Estar apaixonado e ter esse amor tão recíproco deve ter sido talvez o momento mais próximo do puro êxtase maravilhoso que já experimentei em minha vida. Por isso consigo me lembrar tão vividamente desse tempo inicial com Petra, pela maneira como a vida foi vivida, em um nível tão elevado que era como se tivéssemos criado um baluarte contra o mundo em geral. Nós éramos inseparáveis, e assim totalmente comprometidos com o projeto que era a nossa vida juntos. E esse era um território desconhecido para mim. Tendo sempre dito anteriormente para minha namorada do momento que eu precisava de espaço, privacidade, um pouco de distância para continuar com o meu trabalho, agora eu simplesmente não podia imaginar uma noite sem Petra por perto. Eu sempre me esforçava ao máximo para ter terminado de escrever a cota diária no momento em que Petra chegasse em casa do trabalho. E ela sempre chegava rigorosamente no horário combinado, da mesma forma que eu fazia quando combinava de encontrá-la em algum lugar fora do apartamento. Então, novamente, a gente sempre se tratava com grande respeito e via um ao outro como nada menos que iguais. Em nossa vida doméstica vivida em conjunto, já tínhamos acertado que ambos preferíamos ordem. O que era maravilhoso foi a maneira que nós dois, sem nunca discutir o assunto, sempre tentávamos deixar a vida mais fácil para o outro. Pela primeira vez na minha vida, eu estava realmente vivendo na mesma casa que outra pessoa, alguém cuja chegada à noite eu esperava com o melhor tipo de impaciência, alguém cuja mera presença nos ambientes que compartilhávamos, sentada numa mesa em frente a mim no restaurante, de mãos dadas quando sentados lado a lado em um cinema ou em uma sala de concertos, me fazia tão feliz.

Era essa a outra avassaladora lembrança desses primeiros meses juntos: a felicidade absoluta de nossa vida em comum. Mesmo Alastair, quando finalmente foi autorizado a sair do hospital, notou a “mudança do clima” no apartamento.

Era um sábado, quando foi concedida a ele a permissão para retornar à vida longe da supervisão médica constante. Mehmet e eu arranjamos para ir buscá-lo, Mehmet dizendo a sua família que ele tinha um trabalho de decoração que deveria ser executado pela manhã. Antes que Alastair fosse liberado a “meus cuidados” (Mehmet foi inflexível quanto a não conversar com nenhum médico e que era para eu dizer a qualquer um que perguntasse que ele era apenas o motorista do táxi que eu trouxera para levar o paciente para casa), tive que passar meia hora na companhia de um Dr. Schroeder. Ele me explicou que Herr Fitzsimons-Ross teria que manter o rigoroso regime de metadona sob o qual ele vinha funcionando nas últimas semanas. Foi também explicado que o paciente não receberia mais do que o suprimento suficiente para uma semana de cada vez, sachês que seriam dissolvidos em água e depois ingeridos antes de todas as refeições, e que ele seria obrigado a apresentar-se no hospital todas as segundas-feiras pela manhã, às nove horas, para um exame de sangue que comprovasse a não recaída em heroína. Dr. Schroeder me perguntou se eu já tinha visto Alastair depois de tomar uma picada.

— Não se preocupe — disse ele, quando hesitei em minha resposta. — Você não é seu tutor legal, então não será responsabilizado se ele começar a usar de novo. Mas, como compartilha o apartamento com ele, você estará mais consciente do que ninguém caso ele tenha uma recaída, e

então deve me telefonar imediatamente.

— Não gosto muito dessa ideia de bancar o Big Brother — disse eu —, uma vez que isso pode lhe causar problemas com a polícia.

— Você também poderá salvar a vida dele ao mesmo tempo. Se ele voltar a usar, não será levado a uma prisão, mas para um hospital seguro onde ele será colocado de volta na metadona e mantido lá até que os médicos tenham certeza de que esteja totalmente limpo.

— Mas isso significa que ele poderia ficar preso contra sua vontade por meses.

— Também significa que ficaria finalmente livre da heroína. Mas, como eu disse antes, se ele continuar com o regime da metadona agora, não haverá problema. Aqui está meu cartão. Eu sei que isto tudo será uma questão de consciência para você. Mas, se Herr Fitzsimons-Ross é realmente seu amigo, então você vai ser um bom amigo para ele, chamando-me no exato momento em que perceber que ele voltou para heroína. Tudo bem?

O médico me ofereceu seu cartão e eu o peguei, pensando: *Na verdade, não está tudo bem, não. De fato, isso me colocou em um grande dilema moral.* Alastair funcionou muito bem como um viciado, e só acabou no hospital por causa de sua escolha infeliz de parceiro para uma noite. E o libertário em mim, basicamente, pensou o seguinte: *Ele já é bem grandinho, e eu não vou bancar o guardião da saúde aqui.*

No caminho de volta para o apartamento, Alastair levantou este assunto comigo em inglês para ter certeza de que Mehmet, que estava nos levando em seu furgão, não tivesse conhecimento de suas ideias sobre o assunto:

— Deixe-me adivinhar: Herr Doktor fez uma palestra para você sobre meu frágil estado de saúde, que estou “no limite entre o vício e a cura”, como ele mesmo me disse há poucos dias, e lhe pediu para bancar a Stasi e avisar a ele no mesmo dia em que me visse espetando uma agulha em minhas veias. Certo ou errado?

— Absolutamente certo — respondi.

— E o que você pensa fazer sobre isso?

— É tudo muito simples para mim — expliquei. — Seria muito bom se você pudesse permanecer limpo. Mas não é da minha conta se você optar por fazer o contrário.

— Obrigado por isso. Eu sei que já estou sob muita vigilância. Se eu deixar de aparecer a cada manhã de segunda para o meu encontro semanal, e se eu não passar no exame de sangue, eles podem me internar pelo tempo que acharem necessário. Sem falar que os bastardos ficaram com o meu passaporte.

— Parece que você tem que jogar pelas regras deles...

— E eu odeio jogar pelas regras dos outros!

— Bem, acho que você podia olhar as coisas de outro modo: todos os viciados morrem prematuramente. Se você vencer isso agora...

— Os cigarros ou o tédio vão me matar, então — interrompeu-me ele. — Ainda assim, uma coisa que o médico me disse até que faz um pouco de sentido: como a Bundesrepublik vai me pagar

pelo substituto, vou economizar trezentos marcos por semana, que é o que me custava financiar o meu vício. E minha galeria em Londres está fazendo barulho sobre essas três pinturas que eles estavam esperando de mim este mês. Na verdade, na pilha de correspondência que você me trouxe na semana passada, havia uma carta perguntando quando eles poderiam receber as pinturas.

— Você contou a eles o que tinha acontecido? — perguntei.

— Ficou maluco? A maneira mais rápida de perder uma encomenda é afirmar que todo o trabalho que você passou meses fazendo foi destruído. Regra Número Um da vida criativa, Thomas: nunca, nunca, diga a ninguém em posição de autoridade ou com dinheiro nos bolsos quanto tempo você levou para pintar ou escrever algo. O que eu escrevi de volta para o dono da galeria foi que o trabalho estava tomando mais tempo do que o esperado, e que a razão pela qual ele estava recebendo aquela carta em papel timbrado do hospital é que eu estava sofrendo de exaustão. Quando se trata de estender o prazo, o artista deve sempre sugerir *La souffrance*, o sofrimento que existe por trás do processo criativo. Estou aguardando sua resposta de Londres, mas eu não tenho nenhuma dúvida de que isso me concedeu mais algum tempo... Não que eu realmente tenha muito dele agora, uma vez que tenho contas para pagar.

— Então você vai direto para o trabalho?

— Bem, preciso de uma tarde para me acomodar. Mas amanhã irei visitar meu outro fornecedor em Berlim, o que me fornece tintas, pincéis e telas, e ver se ele consegue me entregar tudo dentro de dois dias. Então, aí sim, direto ao trabalho. Embora, é claro, a própria ideia de começar de novo, e sem minhas doses diárias, bem, dizer que é um pouco assustadora é se engajar em eufemismos.

Quando chegamos ao apartamento, Alastair passou vários minutos caminhando ao redor do espaço recém-pintado e recém-envernizado. O estúdio realmente parecia imaculado, e percebi que ele piscava para soltar as lágrimas enquanto inspecionava seus domínios remodelados. Quando falou, sua voz era apenas um sussurro:

— Eu não mereço tanta bondade...

Mehmet balançou a cabeça, uma dica de que ele tinha ouvido essa manifestação de sentimentos tão autodepreciativa vezes demais antes.

— Você está certo — disse eu. — Você não merece merda nenhuma, mas Mehmet e eu somos tão idiotas que...

— Tudo bem, eu vou calar a boca. Mas não antes de dizer “muito obrigado”.

Nesse momento ouvi passos descendo as escadas. Petra estava ali de pé, parecendo maravilhosa, vestida com um *jeans* e uma das minhas camisas de trabalho azuis desbotadas.

— Bem-vindo ao lar — disse ela a Alastair.

— Que prazer em conhecê-la, Petra.

— Você já sabe o meu nome.

— Foi Thomas quem contou. Assim como ele insinuou que era o homem mais feliz do mundo.

Eu me vi balançando a cabeça como reação a essa descarada ousadia. Mas Petra se aproximou e colocou o braço em volta de mim e disse:

— Bem, ele me fez a mulher mais feliz do mundo.

— E, graças a Deus, nós viveremos em andares separados — disse Alastair —, porque tal flagrante bem-aventurança é muito difícil de suportar. Eu preciso de negatividade, melancolia, desânimo, a fim de...

— Cale a boca — disse Mehmet, de repente, e com um tom em sua voz que nos pegou de surpresa, e acima de tudo a Alastair.

— Bem, bem... — disse ele, finalmente. — Devo ter me expressado mal.

— Isso mesmo — respondeu Mehmet.

Pela primeira vez, pude perceber que todo o equilíbrio de poder em sua relação com Alastair tinha mudado.

— Registrado — disse Alastair calmamente. — Como você vai descobrir, Petra, eu falo merda o tempo todo.

— Olha a linguagem! — disse Mehmet.

— Parece que eu estou sendo refreado pelo meu associado, hoje.

— Eu tenho que ir — disse Mehmet.

— Você quer dizer que não vai ficar para o almoço? — perguntou Petra. — Tem um molho de espaguete cozinhando lá em cima.

— Sério? — perguntei.

— Eu apenas pensei que, com Alastair voltando para casa, seria bom se pudéssemos todos nos sentar e almoçar juntos.

— Estou gostando mais de você a cada minuto que passa — disse Alastair.

— Então eu vou colocar o macarrão agora — disse ela. — E Alastair, você vai ver, eu deixei um pouco de pão e queijo, leite e café para você.

— Você tem que se casar com essa mulher — disse-me Alastair.

— Provavelmente farei isso — respondi, olhando diretamente para Petra.

— É melhor eu ir lá para cima. Espero que você possa ficar para o almoço, Mehmet.

— Não é possível.

— Então, vejo você em breve — disse ela. Apertando a minha mão, Petra sussurrou: — Pode crer que vou cobrar pelo que acabou de dizer — e então, subiu as escadas.

— Você é um merda de um sortudo — disse Alastair. — Ela é adorável.

— Eu concordo.

— E eu espero que você não tenha pedido a ela para fazer o almoço para mim.

— Na verdade — respondi — foi iniciativa dela mesma.

— Então, você é um merda duplamente sortudo.

— Sei lá, algumas pessoas são apenas muito legais — disse eu, olhando para Mehmet.

— Estou ciente disso — replicou Alastair. — E algumas pessoas são tolas o suficiente para ficar com a pessoa errada.

A resposta de Mehmet para isso foi agitar sua cabeça várias vezes, então murmurar “eu tenho que ir”, e seguir para a porta. Alastair imediatamente correu atrás dele. Tomei isso como uma sugestão para subir e ficar com Petra. Quando cheguei à minha porta, eu ouvi algo que nunca tinha ouvido antes: o som de Mehmet ficando com raiva, gritando alguma coisa em seu rude alemão e Alastair tentando acalmá-lo. Quando abri a porta, Petra estava de pé na frente do fogão, uma enorme panela de macarrão na fervura ao lado de uma panela mais aromática de molho. Ela imediatamente se aproximou e colocou os braços em volta de mim:

— Parece que Alastair disse a coisa errada.

— Isso ele fez — respondi.

— Nós nunca vamos dizer as coisas erradas um para o outro, não é?

— Claro que faremos isso. Mas então vamos pedir desculpas profusamente e fazer amor loucamente apaixonados e...

Ela me beijou, e cambaleamos para trás até nos encostarmos contra a parede. Petra lançou uma perna em torno de mim, enfiando a mão nos meus *jeans*, e sussurrando:

— Se não fosse pelo espaguete, eu ia agarrar você agora mesmo!

— Deixa o espaguete para lá...

— Mas o Alastair vai chegar a qualquer momento.

— Deixa o Alastair para lá...

Quando fomos tropeçando para o quarto, ouvimos o som de dedos batendo na porta.

— *Scheisse* — disse Petra, endireitando a roupa e correndo para a panela de macarrão que estava prestes a entrar em erupção, enquanto eu fechei meus *jeans* e cambaleei até a porta. Quando a abri, encontrei Alastair do lado de fora. Seus olhos estavam vermelhos.

— Você está bem? — perguntei.

— Não — respondeu ele, entrando. — Acredite, consegui estragar tudo depois de cinco minutos que cheguei em casa.

— O que aconteceu? — perguntou Petra.

— Pressionei Mehmet até o limite, e ele simplesmente saiu e disse que não ia mais voltar.

— Isso não poderia ser apenas uma reação exagerada? — perguntei.

— Não, a coisa vem se acumulando por um tempo muito longo.

— Deixe que ele se acalme. Ele estará de volta amanhã.

— Bobagem, isso é uma ilusão. A verdade é que eu o perdi.

— Acho que faria bem a você beber alguma coisa — disse eu.

Alastair esfregou a mão contra os seus olhos muito molhados. Eu nunca o tinha visto assim

antes, tão aberto, tão vulnerável, tão triste.

— Me faria bem beber vinte coisas...

Tirei a rolha do vinho branco italiano barato que Petra e eu sempre bebíamos. Alastair bebeu dois copos rapidamente, com dois cigarros de acompanhamento. Então, como se um interruptor tivesse sido pressionado, ele descartou a tristeza em um instante e divertiu-nos durante o almoço com suas histórias sobre o mundo da arte, bombardeando Petra com perguntas sobre seus amigos pintores em Prenzlauer Berg e impressionando-a com o seu conhecimento sobre os artistas da Alemanha Oriental enquanto ele sozinho abatia uma garrafa de vinho, antes de repentinamente parar de falar, anunciando:

— Ah merda, eu esqueci minha droga de metadona.

Então, ele desceu voando as escadas, claramente bêbado.

— Bem, essa foi a primeira vez — disse Petra.

— É — concordei —, ele é um cara que tende aos extremos.

— Eu estava falando sobre nunca ter almoçado com uma pessoa antes que teve que sair correndo para tomar sua dose de metadona...

— Bem, pelo menos ele não tem se picado mais.

— Sabe que eu gostei dele? Ele é louco e encantador e, evidentemente, desesperado por amor e incapaz de recebê-lo.

— Puxa, isso me pareceu bem preciso — comentei. — E estou surpreso de você ter conseguido captar tudo isso apenas em um almoço.

— É que fui casada com um homem parecido com Alastair — explicou Petra. — Não *gay* como ele. A vida era bastante complicada entre nós. Mas ele era um homem cuja vida inteira foi uma performance pública ampliada. Alguém que tinha que assumir o comando de uma sala assim que entrasse nela. Que gostava de deixar escapar coisas completamente ultrajantes, e que muitas vezes dizia às pessoas o que ele pensava delas sem qualquer consideração sobre as possíveis consequências. Claro, você me diz que Alastair é um cara altamente disciplinado, e que, mesmo quando estava usando heroína, fazia isso de uma maneira ordenada. O que havia com o Jorgen... Ele tinha brilho em abundância. Era um sujeito descontroladamente cerebral, descontroladamente imaginativo, e fantasticamente divertido, coisas que, suponho, fizeram dele um homem muito atraente no início.

“Mas então, uma vez que estávamos juntos, uma vez que o brilho se apagava de seu ato, era impossível ficar perto. Especialmente porque ele era um homem profundamente talentoso e indisciplinado, e que decidiu assumir os poderes que tinha.

“Se havia uma grande regra para a vida na RDA era que você tinha, de alguma forma, que encontrar uma acomodação qualquer com o sistema, descobrir uma maneira de se contentar com as restrições sob as quais todos nós vivemos, mas também criar um mundo particular no qual as autoridades não poderiam realmente penetrar, ou pelo menos o tanto quanto elas queriam.

“Eu pensei que tinha criado esse tipo de mundo para nós mesmos em Prenzlauer Berg. A nossa

própria versão *Ossi* de Greenwich Village. Ao contrário de todos aqueles artistas que lutaram nos anos sessenta em Nova York, tivemos aquele grande benefício à disposição de todos os cidadãos da RDA: não pagávamos nada de aluguel, não tínhamos que levar muito a sério o nosso trabalho, podíamos permitir que o Estado financiasse nossa existência boêmia, pelo menos enquanto nenhum de nós questionasse a *raison d'être* do regime. Mas esse era o problema com Jurgén. Ele não estava satisfeito em viver de forma relativamente fácil. Ele tinha que ser o provocador eterno. Mesmo que ele não fosse exatamente contra o regime, o fato de que eles proibiram uma de suas peças, em grande parte porque acharam que era muito extrema em sua raiva contra tudo, o levou à loucura. Eu disse a ele muitas vezes: ‘Escreva algo inteligente, mas que possa ser levado ao palco. Se você for inteligente e sutil sobre isso, poderá dizer tudo o que quiser, mas sem mergulhar em mais problemas’. Mas ele nunca quis me ouvir. Eu ainda insisti com alguns dos poucos amigos que tinham restado para que conversassem com ele, tentando lhe inculcar um pouco de bom senso. Mas havia algo de insano sobre Jurgén. Um pianista de *jazz* que conhecíamos, e que tinha sido algo como o irmão mais velho de Jurgén por cerca de dez anos, me disse que achava que meu marido tinha se transformado em um *kamikaze*, e estava determinado a travar e destruir a si mesmo e àqueles mais próximos a ele.”

Quando ela parou de falar e estendeu a mão para os cigarros, perguntei:

— E ele fez exatamente isso?

— Totalmente. Ele também me arrastou junto para baixo, mesmo eu sendo uma pessoa que não tinha nenhum interesse nos jogos políticos enlouquecidos que jogou até o final. Não importava. A culpa por associação é uma ofensa grave na RDA, especialmente se a “associação” for com alguém com quem você compartilha sua cama.

— Ele foi preso?

— O que você acha?

— E você, foi presa?

— Isso é outra conversa — disse ela. — E agora eu preciso que você me abrace.

Eu fui até onde ela estava sentada e a peguei, levando-a comigo para o sofá. Nós nos deixamos ficar ali por muito tempo, simplesmente segurando um ao outro, sem dizer nada. Finalmente, a certa altura Petra quebrou o silêncio.

— Eu odeio falar sobre o passado — disse ela.

— Mas é ele quem nos molda, e, de qualquer maneira, eu quero saber tudo sobre você.

— E eu quero derramar tudo que tiver a ver com o último ano da minha vida lá. Erradicar tudo isso da minha memória.

— Foi tão terrível assim?

Ela apenas deu de ombros e disse:

— Sabe aquele livro de Robert Graves, *Goodbye to All That*? Eu continuo dizendo a mim mesma para seguir o conselho do título. Bater a porta para todo aquele episódio de minha vida e não olhar para trás. É por isso que você é tão precioso para mim. Porque pela primeira vez em anos eu realmente vejo um futuro que não é trágico.

Curiosamente, depois dessa conversa, o assunto de seu marido, de tudo aquilo que foi triste ou violento que se abateu sobre ela antes de vir para o Ocidente, tudo foi descartado. Não foi como se a gente ficasse longe do assunto de nossas vidas antes de nos conhecermos, ou que não tocássemos em coisas difíceis, que nos desviássemos disso. Pelo contrário, Petra nunca parecia retornar para aquele estado de desolação que parecia envolvê-la sempre que mencionava o ex-marido ou todas as coisas que aconteceram “lá”, que ela ainda não conseguia se aprumar para discutir. E a razão pela qual ela não mais se detinha sobre as lembranças desoladas do passado recente era, me parecia, o fato de que Petra estava feliz. E porque a nossa vida juntos tinha uma facilidade e um ritmo que eram simplesmente incomparáveis.

Com um livro para escrever, eu passei a maior parte de meus dias vagando com intento ao redor da cidade. Usei uma carta de meus editores em Nova York para comprovar a necessidade de passar um dia com um dos soldados do Exército americano que estava alocado no posto de controle do setor americano do Checkpoint Charlie. Eu tive uma tarde fascinante com um historiador suíço de arquitetura baseado em Berlim. Ele sabia tudo que havia para saber sobre o legado de tijolo e argamassa de Albert Speer e, ao mesmo tempo, me revelou que sua esposa tinha acabado de fugir com um poeta emigrante búlgaro que escreveu “uma merda modernista ilegível do Leste Europeu”. Assim como o soldado americano deixou escapar o fato de que ele tinha uma esposa e filho em algum buraco do Kentucky que ele não estava planejando voltar a ver. Do mesmo modo, fui conversar com um pianista de *jazz*, negro, americano e idoso Bobby Blakely, que tocava todas as noites no bar do Hotel Kempinski. Ele havia vivido no mesmo quarto acanhado perto de Spandau desde que chegou no fim dos anos 1950 e foi um desses expatriados sem raízes que não tinham laços com ninguém, mantinha poucos amigos, mas nunca havia faltado a uma de suas seis noites por semana no Kempinski desde que começara no trabalho em 1962.

Essas histórias me interessavam não apenas porque cada vida é, de sua maneira particular, um romance por si só, mas também porque, pouco a pouco, eu estava começando a perceber que o caminho para construir um retrato idiossincrático de Berlim seria através das histórias das pessoas em cujo caminho eu me atirei. Assim como eu também sabia que iria escrever sobre Omar e seu Café Istambul e, provavelmente, iria reinventar Alastair, transformando-o em um londrino, tornando Mehmet talvez um iraniano, e criando o cenário do apartamento que nós compartilhamos em outro canto de Kreuzberg, talvez até nessa terra sem rosto onde viveu Petra.

Claro, tudo o que tinha a ver com a minha existência com Petra também foi parar em meu caderno de anotações. Eu estava olhando para ela como material também? Eu disse a mim mesmo naquela ocasião que manter um registro tão acurado era apenas uma forma de articular a enorme e mais importante mudança na minha vida. Mas a verdade era um pouco mais básica do que isso. Se você escreve, *tudo* é material. E parte de mim sentia que, ao anotar no papel todas essas circunstâncias, eu também poderia me convencer de que, sim, isso era real, que, sim, tinha encontrado o amor da minha vida.

Eu acordava todas as manhãs para encontrar Petra ao meu lado e simplesmente olhava para ela, ainda dormindo, maravilhado. E então ela iria se agitar, acordar e me olhar e sorrir e tocar meu

rosto e sempre sussurrar: “É você”. Uma vez que ela finalmente tivesse saído para trabalhar, eu iria passar o resto da manhã escrevendo, e em seguida me juntar a Fitzsimons-Ross naquilo que se tornou uma espécie de novo ritual para nós, uma almoço mais cedo no Café Istambul. No dia seguinte, depois de voltar do hospital, ele saiu e refez o pedido de todos os pincéis e tintas necessários, passando horas convencendo o homem em uma loja de artigos para artistas próxima dali (seu *paint maister*, como lhe chamava) a misturar uma paleta múltipla de azuis até que atingiram os tons de azul-celeste, água-marinha, cobalto e azul-turquesa que Alastair exigiu. Três novas telas chegaram também ao estúdio. Na terceira manhã que estava em casa, vaguei pela escada para ver Alastair, de costas para mim, fones de ouvido na cabeça, um pincel pingando em uma das mãos, circulando a tela como um matador quando se aproxima de sua presa malévola. Então, num piscar de olhos, um traço de azul cobalto foi cortado em toda a tela. Do meu ponto de vista escondido no meio da escada, vi como o branco da tela desapareceu embaixo de uma agressão controlada de azul. Assistindo a Alastair mergulhando de cabeça em sua volta ao trabalho, tudo que eu conseguia pensar era: *ele tem mais coragem do que a maioria dos homens que eu conheço*. A resistência ou o estoicismo é algo que você só percebe que possui quando procura em si mesmo.

— Se não fosse pelo fato de que estou trezentos marcos melhor por uma semana, cairia de boca na heroína amanhã — disse ele em voz alta durante a hora do almoço, a uma distância que tanto Omar quanto sua equipe do Istambul poderia ouvir.

— Por que não fala isso um pouquinho mais alto? Assim os tiras lá fora podem ouvir também — perguntei.

— Da última vez que eu soube — respondeu ele —, você ainda não podia ser preso por expressar um desejo ilícito. De qualquer forma, os pais da cidade de Berlim acreditam que os viciados dão ao lugar certo prestígio nervoso. Na verdade, eles tinham mais é que nos pagar para tomarmos picos em locais pitorescos da cidade. E o que você está ouvindo agora é um dos efeitos colaterais da metadona: a necessidade de falar merda em todos os momentos. Como, por exemplo, o seguinte: como é a sensação de ainda estar tão desagradavelmente apaixonado?

— Nojentamente maravilhoso.

— Sim, isso eu posso ver. Eu aconselho que você seja cuidadoso. Muita felicidade é algo catastrófico para um artista. Não há nenhum sentimento de perda, não há sentido de *frisson* criativo.

— Isso é um monte de besteira teórica, e você sabe disso.

— Quantas pessoas realmente felizes você conhece que trabalham nas chamadas profissões criativas?

Pensei sobre isso por mais um momento.

— Nenhuma — respondi, finalmente.

— Viu como tenho razão?

— Então, me diga você — insisti —, quantas pessoas realmente felizes você conhece fora das chamadas profissões criativas?

Sem hesitar, Alastair disse:

— Nenhuma. Mas olhe para você. Você está realmente no processo de tornar-se feliz, mesmo que você ainda tenha toda aquela *merde* da infância obscurecendo cada um de seus movimentos.

— Tenho certeza de que isso vai desaparecer com o tempo — respondi.

— Não, fique com raiva de tudo. Isso vai ajudá-lo a contrabalançar todos os raios de sol que você terá com Fraulein Dussmann. E, a julgar pelo pouco que pude ver nestas últimas poucas semanas, sinto que o senhor, meu amigo, está realmente fazendo um grande bem para ela, do mesmo modo. Ela também tem lá suas sombras, não tem?

— Todos nós temos.

— Não vou falar mais nada...

— Ótimo — agradei.

Porque, a menos que seu relacionamento esteja se desintegrando e você precise discutir as coisas com um bom amigo, uma das principais regras tácitas do amor é que você nunca deve discutir as ansiedades, as angústias, os medos da pessoa que você adora com mais ninguém. Não só é uma traição da confiança, isso também subverte uma faceta fundamental do amor na sua mais profunda essência: o fato de que os dois criaram uma barreira contra as maldades presentes no mundo. Ou, pelo menos, essa é a esperança romântica.

Mas essa esperança se transformou em realidade na vida que Petra e eu compartilhamos juntos. Sempre que ela voltava para casa de noite, frustrada e entediada com o trabalho na Rádio Liberty, eu entregava-lhe um copo de vinho e ela então batia a porta atrás de si para aquele local de trabalho cada vez mais carregado e contencioso. Assim como, se eu tivesse um dia ruim em minha mesa de trabalho ou estivesse preocupado que o livro parecia estar sem rumo, no momento em que ela abria a porta da rua eu me transformava, saindo daquele receio e, até o fim da noite, eu também estaria num clima mais otimista com relação ao meu trabalho... Talvez porque, com a Petra, eu simplesmente fui lembrado do fato de que a vida era também sobre as possibilidades.

Um tema constante de nossas conversas era Pawel. Petra continuava sendo muito insistente quanto a manter nosso relacionamento discreto dentro daquele pequeno e confinado mundo da Rádio Liberty. Então, nessas ocasiões, quando eu ia mostrar meu rosto por lá, fosse nas reuniões ou numa sessão de gravação com Pawel, nós nos cumprimentávamos com uma formalidade amigável, como se tivéssemos acabado de nos esbarrar nos corredores ou no escritório.

— As pessoas têm muito pouco a comentar lá dentro — disse Petra. — Eles iriam adorar passar horas fofocando sobre como eu me “envolvi” com um colaborador e todo esse tipo de coisa insignificante.

— Bem, a menos que alguém nos veja beijando na rua, quem poderá saber que formamos um casal?

Mas foi exatamente isso o que aconteceu. Uma noite, fomos ver uma exibição de Billy Wilder, *Se meu apartamento falasse*, no Delphi perto da estação Zoo do metrô. Depois, quando saímos para a rua, eu puxei Petra para perto de mim e nos beijamos, altura em que ouvi uma voz atrás de mim diz:

— Que encantador.

Pawel estava em pé bem ao nosso lado, em seu caminho para o cinema. Imediatamente, nós dois nos desembaraçamos. De início, Petra parecia ter sido flagrada, como se fosse um cervo capturado pelos faróis de um carro. Então, o choque se transformou em profundo desconforto, enquanto Pawel nos olhava com um largo sorriso estampado no rosto. Ele parecia bastante embriagado.

— Mas que interessante... — disse ele. — E lá estava eu a pensar que os dissidentes não tinham talento para a clandestinidade.

— Já chega — respondi.

— Ah, o americano macho defende a emigrante triste.

— Vamos embora — chamei Petra.

— *Vamos embora* — repetiu Pawel, imitando o meu sotaque. — Assim falou o escritor de revistas baratas que se acha muito importante...

— Você é um merda — disse Petra.

— E você é uma mediocridade que pensa que...

Foi quando eu bati nele. Diretamente no estômago. Minha ação surpreendeu-me. Eu nunca havia batido em ninguém antes. Enquanto ele se dobrava e começava a vomitar toda a bebida que evidentemente vinha absorvendo a maior parte da noite, Petra e eu corremos para o U-Bahn. Não abrimos a boca até que estivéssemos sentados no trem, momento no qual balancei a cabeça, dizendo:

— Jesus Cristo, eu não posso acreditar que isso aconteceu.

— Você deu um belo murro nele — disse Petra.

— Espero que ele esteja bem.

— Ele mereceu.

— Eu ainda estou um pouco chocado...

— Ele é um despotazinho medíocre, e obrigado por ter socado aquele idiota em meu nome.

— Você acha que ele vai tentar...

— Me demitir? Duvido. Herr Wellmann sabe que Pawel fez várias tentativas e que me assediou por várias vezes, até perceber que eu não iria para a cama com ele. Wellmann preveniu-o na hora e parou o assédio. Pawel não se atreveria a fazer qualquer coisa contra mim. Contra você, no entanto...

— Eu não preciso da Rádio Liberty para sobreviver.

— Isso é verdade, e eu nunca tive um homem antes que me defendesse. Portanto, se esse canalha do Pawel tentar derrubar você como colaborador, eu vou falar com Wellmann. Claro, o fato de que estamos juntos agora será a conversa do escritório.

— Isso é uma coisa tão ruim?

— Não ligo agora para quem souber. Se alguém perguntar, vou dizer a verdade: você é o homem que eu amo.

Como se viu depois, Petra não teve necessidade de fazer esse tipo de proclamação nos

estúdios da rádio, uma vez que Pawel alegou estar doente e ficou ausente por vários dias após o incidente. Quando ele retornou às suas funções de produção e foi bater no vidro da cabine de Petra do escritório, era todo trabalho, entregando-lhe um roteiro para ser traduzido, dizendo que tinha tido um “mal gástrico”, perguntando se ela estava bem, e, essencialmente, mostrando-lhe uma cordialidade profissional que ele nunca havia demonstrado antes. Nesse mesmo dia, ele deixou um recado para mim no Café Istambul, me pedindo para retornar a ligação. Quando eu o fiz, Pawel era a civilidade em pessoa, perguntando se eu poderia entregar uma matéria sobre o legado de Von Karajan na Filarmônica de Berlim, em três dias. A remuneração que ofereceu era de dois mil marcos, quase quatro vezes o que ele geralmente me pagava.

— É uma quantia generosa — disse eu.

— Bem, eu acho que você merece isso — disse Pawel, sem um sinal de timidez ou contrição em sua voz. — De qualquer forma, você é um colaborador regular e de primeira linha.

Claro, eu fiz o ensaio sobre Von Karajan. Petra o traduziu. Quando eu fui gravá-lo na Rádio Liberty com Pawel, aconteceu de cruzar com Petra no corredor. Nós todos trocamos amabilidades. Naquela noite, de volta para casa, ela disse:

— Eu acho que você acertar o Pawel foi a melhor coisa que aconteceu com ele. Mesmo que ninguém no escritório saiba o que aconteceu, todo mundo ainda está dizendo a mesma coisa: o homem se tornou civilizado... Pelo menos por enquanto, é bom que se diga.

— Bem, quando aqueles dois mil chegarem, que tal a gente detonar tudo em uma viagem até Paris?

— Jura que você está falando sério? — perguntou ela, parecendo surpresa.

— Mas é claro que estou! — respondi. — Hoje completamos três meses juntos. É uma espécie de aniversário. E devemos fazer algo extravagante e especial. Então me diga quando.

— Seria ótimo se pudéssemos passar uns quatro ou cinco dias por lá. Talvez eu possa pegar alguns dias de folga...

— Depois você me avisa e eu cuido de tudo.

— Paris. Eu não posso acreditar.

Na manhã seguinte, um sábado, Petra levantou cedo. Quando acordei, todo o apartamento havia sido completamente limpo, uma tarefa que normalmente nós fazíamos juntos; ela já chegara da lavanderia com as roupas que eu tinha deixado no dia anterior, e estava passando o jogo de lençóis de reposição.

— Não havia necessidade de fazer tudo isso — disse eu, enquanto afastava o sono com um café expresso.

— Eu simplesmente não conseguia dormir e precisava me manter ocupada.

Agora eu estava acordado, procurando por ela.

— Tem alguma coisa errada? — perguntei, pegando a mão de Petra.

Ela se sentou na beirada da cama, mas não parecia ser capaz de olhar para mim.

— Apenas preocupada com trabalho, isso é tudo — disse ela, procurando um cigarro no bolso da sua camisa de trabalho e, simultaneamente, mordendo o lábio.

Sentei-me e estendi a mão para ela.

— Não se trata de trabalho.

— É algo que eu devia ter lhe contado semanas, meses atrás, mas estava com muito medo de discutir.

— Mas por quê?

— Porque eu estava com medo de que, se você soubesse...

— Com medo de que eu soubesse do quê?

Ela se levantou e caminhou para o outro lado da sala, sentando-se em uma poltrona, com os olhos jorrando, balançando a cabeça enquanto tentava evitar os soluços que foram brotando de dentro dela. Imediatamente eu corri até ela, pegando-a em meus braços, embalando-a para trás e para frente.

— Sinto muito — sussurrou Petra em meio às lágrimas. — Eu sinto muito.

— Sinto muito sobre o quê?

— A razão de tudo estar tão difícil nesta manhã... É que...

— Sim?

— É o aniversário dele.

— Aniversário? De quem?

Ela se afastou do meu abraço, olhando para longe de mim.

— É o aniversário do meu filho, Johannes. Ele faz três anos hoje.

Sete

Durante a hora seguinte, Petra falou sem parar e toda a história brotou em uma longa e terrível cascata.

— Primeiro tenho que falar sobre Jurgen e eu. Sim, ele era o meu marido. Vivemos juntos por cinco anos. Eu era bem jovem quando o conheci. Antes havia tido um relacionamento de dois anos com um homem chamado Kurt, vinte anos mais velho do que eu, que produzia programas de música clássica para a emissora de rádio do Estado. Um homem muito discreto, muito culto e muito casado. Eu acabara de terminar a universidade e me haviam designado o cargo de tradutora na editora estatal. Vivia num pequeno quarto em Mitte, com um pouco mais de nove metros quadrados. Tinha uma janela minúscula; um nicho na parede com um pequeno forno, uma pia e uma geladeirinha, um banheiro do tamanho de um armário estreito; uma cama de solteiro, uma mesa e uma cadeira. Não havia luz natural. Tinha um rádio, alguns livros e uma coisa ou outra. Mas era o primeiro lugar que podia considerar como sendo meu. Encontrei alguém que conseguiu várias latinhas pequenas de tinta e uns pincéis (sempre difíceis de conseguir) e pintei um mural, algo ao estilo de *Alice no País das Maravilhas* em uma das paredes. Porém, mesmo com esse toque de cor, o quarto era triste e escuro, uma espécie de cela de cadeia que só se animava quando Kurt vinha me visitar, três vezes por semana, das seis às oito. Kurt era tremendamente inteligente. Esteve a ponto de ser concertista de piano e de fazer grandes coisas na vida, mas parecia como se nunca estivesse estado totalmente à altura. Eles o haviam enviado para um grande conservatório de música em Moscou, mas os professores consideraram que tinha “talento moderado” e que não estava destinado, portanto, às grandes salas de concerto. Quando voltou para a RDA, conseguiu um trabalho na rádio estatal e continuou dando recitais e concertos, de vez em quando, em pequenas salas das províncias. Também conheceu uma mulher bastante dominadora, chamada Hildegarde, com quem teve três filhos. Vivia com toda a família em três quartos perto de Pankow. Sentia-se preso. Conhecemo-nos uma vez que ele veio até a editora para dar sua opinião acerca do livro de um professor canadense sobre musicologia. Enquanto tomávamos um chá em um bar de Unter den Linden, ele me disse que o haviam chamado à editora para que determinasse “se as análises interpretativas do livro eram aceitáveis quando vistas sob um ponto de vista ideológico”. Lembro-me de que ri, assombrada pela franqueza de seu sarcasmo. Eu tinha vinte e dois anos e não tinha namorado, e assim sendo...

“Durou dois anos. Como acontece com todos esses arranjos, aquilo não era vida para a terceira pessoa em questão, que era eu. No fim das contas, Kurt estava perenemente deprimido, preso para sempre em um casamento desgraçado. Já sabe, isso acontece com muitos. Eu também começava a perguntar-me como sair daquela vida terrível, num quarto diminuto e de minha triste relação com um homem muito brilhante mas muito triste.

“Então conheci Jurgen na inauguração de uma exposição na casa de uma pessoa, em Prenzlauer Berg. Não era o homem mais lindo do mundo: bastante corpulento, barba cheia, um apetite

enorme e, Deus meu, como fumava! Três maços por dia. Mas naquela época era um importante jovem dramaturgo na RDA. Eu tinha lido um artigo sobre ele no *Neus Deutschland*, assim como a crítica publicada por uma revista literária sobre sua brilhante primeira peça, *Die Wahl*, que, como indicava o título, tratava sobre a capacidade humana de fazer escolhas. A peça transcorria em uma fábrica de munições, depois de uma explosão que havia matado vários trabalhadores. O que aconteceu é que o gerente, pressionado para cumprir as cotas percentuais de produção, tinha reduzido os gastos com o plano de segurança.

“Embora a peça não acusasse ninguém nem denunciasse nada abertamente, era evidente que Jurgen apontava o dedo para a burocracia do Estado e criticava a necessidade obsessiva de se cumprir com os objetivos de produção para convencer o mundo de que o plano quinquenal funcionava. A obra era também um estudo brilhante da personalidade, que mostrava como todos tratavam de eludir sua responsabilidade sobre ações que haviam custado a vida de dez trabalhadores. Ali estava a sutileza da obra, que jogava a carta do proletariado, mas ao mesmo tempo era uma reflexão apaixonante sobre a decisão individual frente à coletiva. Durante um tempo, Jurgen desfrutou da admiração de todos.

“Naturalmente, eu havia visto a peça em sua montagem original de Berlim. Levando em conta as atenções que Jurgen recebia e sabendo que poderia ter tido as mulheres que quisesse, me surpreendeu bastante que estivesse interessado em mim.

“Mas, curiosamente, ele estava bem interessado. Além do mais, ele tinha um apartamento muito grande para os critérios de uma Berlim Oriental: sessenta metros quadrados, em Prenzlauer Berg. Como era uma negação para as tarefas domésticas, estava bastante abandonado, mas comparando com a cela monástica onde eu vivia, o apartamento de Jurgen em Jablonski Strasse para mim parecia um palácio. E ele tinha um montão de amigos artistas e bem interessantes, que moravam perto. Então, de repente, eu me encontrei fazendo parte de uma comunidade. Esses amigos seus praticamente haviam criado um Estado dentro do Estado. Sim, nós sabíamos que éramos vigiados com frequência. E às vezes nos perguntávamos quem de nós estaria informando a Stasi sobre nossas vidas, porque em todos os grupos havia sempre algum informante da polícia política; era uma realidade que todos nós aceitávamos e ponto.

“Em qualquer caso, eu adorei a minha nova vida em Prenzlauer Berg e também o fato de fazer parte de um grupo de artistas. Só havia um problema. Nunca amei Jurgen de verdade. Nem ele a mim, para falar a verdade. A princípio estive meio enamorado por mim e logo em seguida me mudei para a sua casa. Dormíamos juntos e fazíamos amor nas noites em que Jurgen não estava bêbado. À parte isso, nós nos comportávamos como duas pessoas que se haviam encontrado por acaso em uma vida compartilhada, que havia se tornado curiosamente utilitária e, por sua vez, bastante razoável. Uma das coisas de nossa vida boêmia em Prenzlauer Berg era que não nos aborrecíamos nunca.

“Mas, então, inesperadamente, fiquei grávida. Foi um acidente. O diafragma que usava tinha um pequeno defeito que eu não havia notado.

“Foi fabricado em Halle — foi o único comentário de Jurgen a respeito do evento. Depois de soltar esta piada de mau gosto, encolheu os ombros e acrescentou: — Se quiser tê-lo, por mim tudo

bem, mas a responsabilidade será totalmente sua.

“De fato, na RDA o aborto era usado com frequência como um método anti-conceptivo a mais. Era muito fácil abortar. Não considere a ideia mais do que cinco minutos. Estava grávida. Tinha tão pouco na vida! Por mais triste e ferida que estivesse me sentindo pela reação de Jurgen (que só pensava em fazer piadas), eu queria aquele bebê. ‘Eu vou ter o bebê’, respondi. ‘Isso é uma coisa sua’, respondeu Jurgen.

“No fim acabei confirmando que ele dissera a verdade. Durante os nove meses seguintes, ele se comportou como se aquela gravidez fosse um incidente menor em nossas vidas. Quando eu vomitava, quando tive que fazer exames para descartar que pudesse estar padecendo de icterícia, quando estava com a gestação bem avançada... Com a barriga tão grande que subir os quatro andares de escada com a sacola de compras começou a ser um problema insuperável, quando a bolsa de água rompeu e tiveram que me levar com urgência ao hospital, quando o parto se complicou e nosso filho teve que passar cinco dias com respiração assistida e eu temia por sua vida... Durante todos esses momentos difíceis e ocasiões dramáticas que rodearam o nascimento de nosso filho, Jurgen esteve geralmente ausente. Sim, ainda vivia no apartamento e continuava comendo os pratos que eu preparava e colocando a roupa que esperava que eu lavasse e passasse para ele. E sim, em um sábado, estando grávida de três meses, nós nos apresentamos ao registro civil de Unter den Linden e, diante de todos os nossos amigos de Prenzlauer Berg, nos convertemos em marido e mulher. Por que representamos aquela comédia quando não havia um amor autêntico entre nós? Foi ideia minha, porque dessa forma eu assegurava o direito de viver naquele apartamento que compartilhávamos, assim como certos benefícios da maternidade que, por ser solteira, eu não teria. Sim, coloquei uma cara de felicidade durante toda a cerimônia, e depois uma escultora maravilhosa chamada Judit, que era uma vizinha nossa e tinha uma obra abstrata brilhante que as instâncias oficiais nunca reconheceram, organizou uma festa para nós em seu apartamento. Uma vez mais fingi felicidade, inclusive quando Jurgen bebeu tanto que adormeceu no sofá e começou a roncar como um animal selvagem.

“Lembro-me de que dois homens de nosso grupo (os dois eram romancistas que já não podiam mais publicar) tiveram que o ajudar a voltar para casa naquela noite. Eu os acompanhei, enquanto eles lutavam literalmente para conter Jurgen (que então já começava a ficar bem gordo) que arrotava e não deixava de cantar canções absurdas e que em um dado momento, gritou: ‘Sou jovem demais para que me condenem à paternidade!’.

“Eles ficaram tão desconfortáveis diante de tamanha idiotice e de tamanha bebedeira de Jurgen que me sussurraram: ‘Não lhe dê atenção. Não lhe dê importância. Está somente dizendo bobagens’. Mas eu sabia que havia algo mais e que existia um fundo de verdade no que ele dizia. Quando por fim conseguiram enfiá-lo em casa e ele desmoronou sobre a cama, lembro que me acocorei no sofá meio quebrado que tínhamos e fiquei uma hora inteira chorando sem parar. Por que eu chorava? Porque eu me dei conta de que estava só no mundo, nessa farsa de casamento e nessa farsa de país que insistia em manter seus cidadãos encerrados e sob vigilância constante porque, no fundo, sabiam que tudo era uma grande máscara e que o Estado era um engano. Meus pais nem sequer

havia se preocupado em viajar para assistir ao meu casamento, porque nesse dia meu pai tinha um programa que não podia deixar de produzir e minha mãe (eu sabia) estava passando o fim de semana com o seu amante, em sua casinha de campo, enquanto a mulher e os filhos dele desfrutavam de uma estadia no acampamento de férias de algum sindicato, às margens do mar Negro. Eu nem sequer discuti com eles por causa disso. Limitei-me a aceitar o desinteresse de meus pais, da mesma forma que havia aceitado o desinteresse de Jurgen e do mesmo modo que aceitava as limitações da minha vidinha ali, como se aquilo que eu possuía fosse simplesmente o que me cabia. Isso foi o que realmente me preocupou: dar-me conta de que todas as minhas decisões iam contra a felicidade e contra abrir novas possibilidades. Sim, é verdade que ninguém podia falar sobre horizontes ilimitados na RDA. Mas conhecia pessoas, amigos meus, que tinham casamentos felizes e relações gratificantes. O que eu havia escolhido? Indiferença, apatia, distância e tudo em troca de sessenta metros quadrados em Prenzlauer Berg.

“Judit foi a minha salvadora. Graças a ela, levei adiante a gravidez. Sabia que podia chorar em seu ombro. Inclusive ela enfrentou Jurgen em duas ocasiões e o obrigou a fazer as compras de casa pelo menos uma vez por semana e a me pegar no hospital depois de uma consulta. Na noite em que Johannes nasceu, meu marido havia ido para Dresden para a estreia de uma nova montagem de sua obra. No entanto, Judit ficou no hospital comigo.

“O parto foi complicado e a anestesia que me deram me deixou tão atordoada que não me lembro do momento em que meu filho veio ao mundo. Quando voltei a estar consciente do que me rodeava, senti pânico, porque não vi nenhum bebê ao meu lado. Em seguida, veio uma das enfermeiras e me explicou que, durante o parto, o cordão umbilical havia se enroscado no pescoço do bebê. Somente então fiquei sabendo que havia tido um menino e que ele estava em um aparelho de respiração mecânica. Pedi que me levassem para vê-lo. Era de madrugada e Judit já tinha ido para casa. Levaram-me até uma máquina que parecia ter saído de um filme de terror com um cientista louco e vi em seu interior uma criatura pequenina, com tubos enfiados na garganta e nas fossas nasais. O aparelho subia e descia ruidosamente para manter ventilado e vivo o meu bebê. Insistiram comigo para que eu voltasse para o meu quarto e dormisse um pouco, mas eu me neguei. A enfermeira-chefe, uma mulher resoluta e de aspecto prático, ordenou-me em um tom imperativo que voltasse para a minha cama. Quando respondi que não pensava em ir a parte alguma, me ameaçou dizendo que podia denunciar-me por conduta antissocial. Então comecei a gritar e lhe disse que, por mim, podia chamar a porra da Stasi de merda, porque eu não pensava de forma alguma em deixar o meu bebê sozinho.

“Por sorte, havia ali um médico jovem, um homem que atendia pelo nome de Mühl, que entrou justamente na hora em que essa harpia estava ameaçando me denunciar para a polícia secreta e imediatamente ordenou que a mulher fosse com ele para a sala ao lado. Quando estavam ali, ouvi que ela se irritava e que informava ao doutor que, por mais que ele fosse o seu “superior na hierarquia”, ela era a encarregada da ala durante os últimos vinte anos e nenhum médico recém-formado iria ordenar a ela o que fazer. Acabou que o doutor se posicionou de forma particularmente firme. Disse-lhe que sua conduta era totalmente reprovável, pela sua maneira de tratar (sempre lembrarei de suas

palavras) ‘uma valente e jovem mulher que acabara de dar um novo filho para a República Democrática Alemã’. Então, eu me dei conta de que aquele médico usava com muita habilidade o tipo de linguagem ideológica que intimidava as pessoas e que permitia que cada um seguisse na sua. De fato, o que aconteceu em seguida foi que ele disse para a enfermeira que ela era uma verdadeira reacionária e burguesa e que a denunciaria para o sindicato por ‘conduta autoritária’. Imediatamente, ela pareceu arrependida. O médico voltou para o quarto onde eu me encontrava e me informou que, a partir daquele momento, eles trariam uma cama para que eu pudesse dormir ao lado de meu filho, que em sua opinião iria sobreviver.

“E, sim, Johannes (este foi o nome que eu lhe dei) seguiu adiante. Cinco dias depois, estávamos em casa. Que postura incrível de Judit! Ela não tinha filhos, mas conseguiu para mim um berço que tinha sido de uma vizinha sua e um colchãozinho velho. Enquanto eu estava no hospital, falou com vários de seus amigos artistas para que viessem à minha casa pintar estrelinhas e luas no pequeno espaço do apartamento que seria o cantinho de Johannes.

“Contudo, quando voltei para casa com nosso filho, Jurgen ainda não tinha regressado. Ele apareceu três dias depois, sujo, sem se barbear, cheirando a perfume de outras mulheres e com um aspecto de quem estava há uma semana bebendo. Também dava a impressão de ter ficado muito tempo sem dormir e talvez por isso tinha as emoções à flor da pele. Quando viu o nosso filho e o teve pela primeira vez em seus braços, explodiu em lágrimas e chorou pelo menos meia hora seguida, sem conseguir parar. Decidi não dizer nem fazer nada, já que estava segurando corretamente Johannes. Quando por fim parou de chorar, sabe o que fez? Entregou-me o bebê, me deu um beijo na testa e me disse que havia se comportado como um canalha e que dali em diante ele iria mudar. Depois foi para o nosso quarto, deixou jogada de qualquer jeito a roupa manchada de suor, álcool e batom, se enfiou na cama e dormiu durante doze horas seguidas.

“Quando acordou eram cinco da manhã e eu já estava havia mais ou menos umas três horas acordada, acudindo Johannes, que tinha cólica. Jurgen insistiu que eu fosse dormir, levando em conta que eu já terminara de alimentar o bebê. Disse que ficaria acordado e o vigiaria pelo resto da noite. Eu consenti e dormi cinco horas de uma tacada só, um recorde desde o nascimento do meu filho. Quando acordei, vi que Jurgen tinha dormido no sofá com Johannes em seus braços. Ao ver aquela cena de pai e filho (e como Johannes parecia confortável com ele), não pude resistir à esperança de que as lágrimas derramadas quando viu seu filho pela primeira vez fossem um reflexo do amor que talvez sentisse por mim, mas que nunca pôde, ou soube, expressar. Esse sonho é o pior que se pode ter em uma relação que não funciona: o de esperar que a outra pessoa chegue a nos amar, ou de que nós cheguemos a amar a outra pessoa. Esse pensamento é catastrófico, porque você se aferra a uma esperança que no fundo sabe efetivamente que é ilusória.

“Ainda assim, eu tinha essa esperança. Durante quatro semanas, mais ou menos, Jurgen deu sinais de querer ser finalmente um pai de família e um marido. Começou a beber menos, tratou de emagrecer um pouco e até começou a tentar se controlar. Por um tempo, pareceu desfrutar das atividades paternas, levando o seu filho para passear no carrinho, cultivando uma vida de família conosco e fazendo amor comigo novamente. Não posso dizer que o sexo com Jurgen fosse

satisfatório. Fazia tudo muito rápido, sem ternura e sem sensualidade. Mesmo quando não bebia, ele cheirava mal. Mas eu já sabia disso tudo desde a primeira noite que passei com ele, e, contudo, decidi ficar. Por que nos negamos com tanta frequência a confiar em nossos instintos e em vez disso fazemos um esforço para aceitar situações que são defeituosas e até impossíveis de existir?

“Mas, quando há uma criança em sua vida, uma criança a quem você ama mais que a qualquer pessoa que já tenha conhecido, uma criança que é o melhor que já lhe aconteceu na vida e sem a qual sabe que nada mais teria sentido, você se vê capaz de aguentar todos os inconvenientes e defeitos de seu pai. Ou pelo menos, era assim que eu sentia e percebia as coisas, da mesma forma que durante aquelas quatro semanas de bons sentimentos entre nós, senti que havíamos dado uma virada em nossa relação e que estávamos nos convertendo em uma família.

“Então, a DEFA, a agência cinematográfica estatal, suspendeu repentinamente a produção de um filme para o qual Jurgen havia escrito o roteiro, quando faltavam apenas duas semanas para começar a rodar.

“O roteiro era brilhante e completamente subversivo. Tratava de um escritor socialista encarcerado nos últimos meses do período nazista que entra em coma pela surra brutal que os carcereiros lhe dão e acorda sete anos depois, num país novo, chamado República Democrática Alemã e se encontra com o paraíso socialista que havia sonhado, e que tem muitos defeitos.

“Lembro-me de que li pela primeira vez o roteiro pouco antes do nascimento de Johannes e então eu disse a Jurgen que parecia pouco provável que a DEFA tivesse bons olhos para patrociná-lo. Mas estávamos em um momento de 1981 em que o regime dava indícios de certa abertura e isso parecia animar os escritores e cineastas a adotar uma postura um pouco mais crítica a respeito da vida em nosso ‘sistema humanista’. Por isso, Jurgen tinha bastante confiança de que o filme fosse rodado. Eles já haviam escolhido o diretor e os atores e decidido onde seriam as locações, quando de repente alguém do Ministério de Propaganda leu o roteiro e imediatamente mandou chamar o diretor da DEFA e o repreendeu formalmente só de pensar em levar para a tela um roteiro ‘tão virulento, tão contrário à RDA’. O ministro colocou o caso nas mãos da Stasi. Jurgen desapareceu durante seis dias. Eu estava frenética, pensando que talvez tivesse sofrido um acidente ou que estivesse envolvido em outra de suas gandalias. De repente, ele apareceu uma manhã bem ao alvorecer e me contou que esteve preso e incomunicável em um lugar que provavelmente era a Hohenschoenhausen, a famosa prisão da Stasi, embora não estivesse totalmente seguro disso. Explicou-me que, quando o prenderam, o fizeram entrar pela porta traseira de um furgão que tinha em seu interior uma pequena cela e que o veículo circulou por várias horas para desorientá-lo. Nós dois conhecíamos esse método da Stasi para confundir as pessoas que eles prendiam. Jurgen me contou que o mantiveram preso no furgão durante horas e que só chegou à prisão quando já havia anoitecido. Fora isso, não quis falar muito sobre o que aconteceu durante os seis dias seguintes, exceto para dizer que o interrogavam duas vezes por dia (sempre em horário diurno, como corresponde a um estado policial “humanista”) e que o resto do tempo ficava sozinho em uma cela sem nada para ler, sem caneta e sem papel para escrever, sem nenhum tipo de estímulo. Quando quis saber que tipo de perguntas lhe fizeram durante os interrogatórios, ele ficou muito reservado e se negou a contar-me

qualquer coisa mais. Todos nós sabíamos que o único modo de a Stasi soltar logo uma pessoa era delatar alguém. Quando Jurgen ordenou-me que jamais eu contasse para quem quer que fosse que ele havia sido preso pela Stasi (falando-me de uma maneira que me levou a suspeitar que inclusive lamentava tê-lo contado para mim), soube que o haviam obrigado a mencionar nomes, mesmo que não houvesse nenhum para citar. Na verdade, ele ficou tão veemente e tão paranoico a respeito da necessidade de evitar por todos os meios que vazasse algo sobre a sua prisão que tive de prometer-lhe repetidas vezes que guardaria silêncio. Naturalmente, cumpri a minha promessa.

“Depois disso, aconteceram duas coisas. A primeira foi que, ao longo do ano seguinte, Jurgen descobriu que já não era o dramaturgo jovem mais prestigiado da RDA, senão um autor incapaz de conseguir que suas obras se apresentassem em algum lugar. Foi a vários teatros para tentar obter encomendas após o sucesso de *Die Wahl*, mas nenhum quis saber de nada com ele, como tampouco lhe deram importância os produtores de séries para rádio e televisão. Como resultado, Jurgen perdeu sua identidade profissional, o trabalho que o ajudava a manter o seu frágil equilíbrio. A princípio se fechou em si mesmo e passava dias inteiros sem falar com ninguém. Depois, quando uma minúscula companhia de teatro lhe negou pela enésima vez um trabalho, voltou a desaparecer até duas semanas, voltando depois no mesmo estado desalinhado, agoniado e catastrófico da vez anterior. Quando exigi saber por onde esteve, sua resposta foi: ‘Um pouco por todas as partes’. Contou-me que, durante os catorze dias que havia passado fora, esteve simplesmente vagando pelo país, às vezes dormindo no chão do apartamento de um amigo, outras em um hotel barato e outras em um vagão, em certas ocasiões sem saber onde estava e pensando de vez em quando em atirar-se debaixo de um trem. Mas ele me disse que de repente havia tido uma epifania, enquanto estava em pé em uma plataforma de embarque de Frankfurt del Oder, perto da fronteira com a Polônia: escreveria uma obra sobre a história da RDA comparável ao *Anel dos nibelungos*, com uma centena de atores que teriam que atuar por cinco noites seguidas no mínimo durante quatro horas por noite. Esteve pelo menos uma hora contando-me com toda a riqueza de detalhes como pensava em fundir as partes umas com as outras. Transbordava de ardor criativo e falava com tanta paixão e tão feroz resolução que parecia estar em transe. Ao longo da semana seguinte, aproveitou cada momento para continuar descrevendo-me sua obra-mestra, a grande epopeia da Alemanha Oriental que estava nascendo em sua mente. Na medida em que o monólogo foi se convertendo em um discurso retórico, comecei a temer por sua sanidade mental.

“Mais ou menos por essa época celebramos o primeiro aniversário de Johannes. Eu tinha voltado a trabalhar nove meses antes. Todos os dias deixava Johannes em uma creche de Prenzlauer Berg e o pegava depois do trabalho, já que Jurgen passava todas as noites escrevendo, desde as dez até pouco antes do amanhecer e, no processo, bebia toda noite uma garrafa inteira de vodca, porque era barata na RDA. Ficou completamente obeso e quase nunca saía do apartamento. Quanto mais mergulhava em sua obra, mais se desligava da realidade, até o ponto de agir como se a sua família não existisse. Eu lhe consegui uma cama dobrável, que instalou no pequeno quarto que considerava seu estúdio. Enquanto ele se afastava por completo de sua mulher e de seu filho, eu levantei o meu próprio muro entre nós. Eu lhe deixava a comida feita e lavava a sua roupa. Uma vez por semana, tentava colocar ordem no seu ‘estúdio’ e trocava os lençóis. À parte isso, passava o tempo todo com

Johannes, que Deus o abençoe. Sua presença em minha vida evitou que eu ficasse louca naquele ano. Era um menino muito tranquilo e aparentemente retraído, mas quando eu o abraçava ele sempre sorria e murmurava de felicidade. Com exceção daquela primeira cólica, era uma boa criança e quase nunca chorava. Como o seu pai havia se instalado no quarto que supostamente seria seu dormitório, eu o levei, encantada, para o nosso quarto e com frequência ele dormia ao meu lado, falava com ele, o fazia sorrir e o ajudava a brincar com os poucos brinquedos que tínhamos, todos fabricados pela maravilhosa Judit, que sempre vinha nos visitar e sempre se oferecia para levá-lo para a sua casa à noite se eu quisesse ir ao teatro ou ao cinema. Ela também me deu muito apoio em tudo a que se referia à conduta cada vez mais transtornada de Jurgen.

“Porém, eu sabia que meu querido marido estava vivendo uma espécie de mito de Sísifo numa versão de Prenzlauer Berg; sabia que todo o seu demencial projeto teatral (‘A obra dramática mais importante da língua alemã desde o *Fausto* de Goethe’, como ele me disse uma noite estando relativamente sóbrio, o que para mim se tornou ainda mais inquietante) estava condenado ao fracasso, e isso no melhor dos casos. As pessoas do nosso círculo de amigos de Prenzlauer Berg começaram a evitar Jurgen, porque era evidente que ele havia entrado numa zona em que era impossível aceitar que ele estivesse na lista negra. A menos que estivesse disposto a fazer uma grande autocritica pública e se converter em delator do Partido, sua carreira de dramaturgo tinha terminado. Eu estava bastante segura de que em seu interior ele estava consciente dessa realidade. Ainda assim, como a maioria de nós, buscou refúgio na fantasia (‘Escreverei uma obra-mestra... Todos os teatros do país irão querer apresentá-la... Eles irão me declarar como um gênio, eles me darão o Prêmio Lênin de Literatura, me reabilitarão publicamente e todos voltarão a me amar...’), uma fantasia que o permitia eludir os aspectos mais terríveis de sua situação e funcionar ao mesmo tempo na sua vida diária. Jurgen realmente passou o ano todo trabalhando. Eu o via muito pouco e praticamente não nos falávamos, mas ele trabalhava muito. O original de cada uma de suas peças ocupava duzentas e cinquenta páginas e ele sentia uma necessidade compulsiva de sentar-se toda noite diante da sua mesa de trabalho.

“Acabou a quarta parte de sua epopeia uma noite, às três da madrugada. Estava trabalhando nela por volta de dezoito meses. Quando escreveu a última linha, começou a gritar a todo pulmão. Eu sei, porque eu estava dormindo com Johannes no quarto ao lado quando ele começou a berrar. Jurgen nos acordou com gritos que não demoraram a se converter em soluços histéricos. Chorando, nos disse que estávamos salvos, que a magnitude brilhante de sua obra mudaria nossas vidas e que íamos viver em uma dessas casas de campo de estilo russo que eram designadas aos escritores mais importantes, ao lado de Grosser Müggelsee, fora da cidade. ‘Serei o primeiro escritor da RDA que ganhará o Nobel de Literatura!’, proclamou uma noite, quando estávamos com vários amigos em casa. ‘Vocês terão muito orgulho de me conhecer’, disse.

“Finalmente aconteceu o que eu sabia que iria acontecer. Jurgen começou a cair. Ao longo de três meses, não recebeu outra coisa além de recusas e rejeições. Mas isso não foi tudo: alguns teatros aos quais ele apresentou sua peça se sentiram na obrigação de denunciar à Stasi aquele ‘lixo indisciplinado e profundamente antissocial’, como disse o policial que interrogou Jurgen pela

primeira vez. Nessa ocasião, o ‘convidaram’ para ir falar com a polícia e lhe advertiram que seria importante que abandonasse toda tentativa de que sua obra fosse lida em público. ‘Deveria pensar em procurar outra profissão’, disseram-lhe na polícia.

“Depois disso, Jurgen voltou para casa e bebeu uma garrafa inteira de vodca. Pegou o manuscrito de sua obra, seguiu para a avenida, pegou o U-Bahn e foi para o Berliner Ensemble, o teatro que o próprio Brecht havia fundado na RDA. Era a noite de estreia de uma nova obra de Heiner Müller e havia uma quantidade considerável de pessoas importantes no teatro, incluindo o ministro da Cultura e vários embaixadores dos ‘países socialistas irmãos’. Lá estavam também nossos vizinhos Susanne e Horst (ambos atores do Ensemble, mas que não faziam parte do elenco daquela obra). Horst me contou que Jurgen chegou com uma caixa de madeira na qual subiu à porta do Berliner Ensemble e começou a gritar: ‘Sou um grande escritor alemão! Escrevi uma obra-mestra! A Stasi me censura!’

“Horst se aproximou dele e suplicou que colocasse fim naquele ato de suicídio profissional e pessoal, mas Jurgen o mandou calar a boca e declarou que pensava em ficar em cima da sua grande caixa de madeira e ler em voz alta sua obra até que a direção do Berliner Ensemble aceitasse representá-la. Nesse momento, um carro grande se deteve diante do teatro, acompanhado por dois veículos da polícia, e do carro saiu o ministro da Cultura. Justamente nessa hora, Jurgen desceu o zíper da calça e começou a urinar contra a parede do Berliner Ensemble enquanto gritava: ‘Sou um grande escritor alemão e mijo na casa que Brecht construiu!’.

“Então, deu meia-volta e salpicou o ministro com sua urina. Nesse instante, os policiais se lançaram contra ele, o derrubaram e, segundo Horst, bateram nele na rua até deixá-lo inconsciente.

“Eu soube de tudo isso por Susanne e Horst, que vieram imediatamente para a minha casa, claramente alterados e me ofereceram o carro deles (eram dos poucos privilegiados que tinham um Trabi) para que saísse naquele mesmo instante da cidade com Johannes. Eles tinham uma casinha às margens do mar Báltico e me aconselharam que fizesse as malas e desaparecesse, porque era muito provável que a Stasi fosse até lá antes do amanhecer. Era o que faziam sempre quando alguém cometia uma ofensa grave contra o Estado: saíam em busca do cônjuge ou da pessoa com quem conviviam. Mas o certo é que, por mais que fugisse para o norte, para a casa dos meus amigos em Mecklenburg-Vorpommern, seria somente questão de tempo até que as autoridades me encontrassem. Insisti que o melhor era ficar onde estava, responder às perguntas da polícia e explicar aos agentes que meu casamento era uma farsa e que, ao meu entender, Jurgen precisava de atendimento psiquiátrico. Além do mais, eu sabia que, se aceitasse o carro de Horst e Susanne e fosse para a casa deles na costa, eu os envolveria. Em qualquer caso, eu tinha levado uma vida sem qualquer tipo de impugnação, sem nenhuma atividade política e nem era dissidente, não tivera condutas questionáveis, nem solicitações para ‘abandonar a República’. Sempre havia sido uma boa cidadã. Estava certa de que as autoridades levariam isso em conta.

“Estava espantada pelo que Jurgen havia feito, claro. Assustada e deprimida. Mas eu sabia que isso ia acontecer, e uma parte de mim lamentava não ter tido a presença de espírito necessária para dizer ao nosso médico familiar bem mais cedo, quando me dei conta de que Jurgen estava

caminhando para um surto significativo. Sem dúvida, eu não queria delatá-lo, nem ser a pessoa que o colocaria nas mãos das autoridades. Mas eu me arrependia de não ter agido antes, porque sabia que seu destino seria, no melhor dos casos, um desses horríveis asilos onde trancafiavam os dissidentes políticos ‘extremistas’.

“De qualquer forma, a Stasi não veio atrás de mim naquela noite, o que interpretei como um bom sinal. Na manhã seguinte, depois de umas poucas horas mal dormidas, eu acordei, dei de comer para Johannes, o troquei e depois fui tomar um banho e me preparei para sair e trabalhar. Entretanto, até aquele momento, eu não vi diante da minha casa nenhum carro com sinais especiais, nem avistei nenhum homem com capa que estivesse me esperando. Quando cheguei à creche com meu filho, a encarregada, Frau Schmidt, me recebeu com sua amabilidade habitual de todas as manhãs. Depois, saí de lá e comecei a caminhar até a parada de ônibus na avenida em Prenzlauer Alle. Nesse momento, um furgão cinza sem nenhuma identificação freou bruscamente ao meu lado, fazendo os freios chiarem. De seu interior saíram dois homens em traje comum de rua que me pediram a documentação. Eu lhes perguntei por quê. ‘Delitos contra a República’, me disse um deles. ‘E conhecemos exatamente a natureza de sua traição, Frau Dussmann’ me disse o outro.

“Isso foi dito inclusive antes que eu lhes mostrasse meu documento de identidade. Senti um calafrio. Antes que pudesse me dar conta, os dois me arrastaram com força ao compartimento traseiro do furgão. Lembro-me muito bem do interior do veículo: o espaço era muito baixo (menos de um metro de altura) e estava dividido em duas celas pequenas. Comecei a protestar que não havia feito nada de errado e que era uma cidadã leal. Foi então quando um dos homens cuspiu na minha cara e me disse: ‘Você se atreve a chamar a si mesma de leal depois do que fez?’.

“Jogou-me com tanta força no interior do veículo que torci o tornozelo ao bater contra o piso da cela. Gritei de dor, mas ele simplesmente fechou a porta, ajustou o cadeado e me disse: ‘Agora você verá o que acontece com aqueles que traem a República’.

“Eu ainda tinha o relógio no pulso e durante as onze horas seguidas o furgão praticamente não deixou de mover-se. De vez em quando parávamos em algum lugar durante dez ou quinze minutos, mas na maior parte do tempo estavam circulando. Como não havia luzes no interior do veículo, o efeito era completamente desorientador. Tampouco havia banheiro naquele cubículo diminuto e trancado, nem se incomodaram em oferecer algo para que eu pudesse me alimentar, nem água, durante todas aquelas horas nas quais me levaram para...

“Essa era a grande pergunta. Para onde estavam me levando? Eu sabia, pelo que Jurgen havia me contado sobre a sua experiência, que provavelmente acabaria em alguma prisão, em alguma hora da noite. Mas onde estaria o cárcere? Eu ainda estava em Berlim? Ou haviam me levado para Sajonia, onde eu sabia que tinham uma prisão especial para mulheres? E quem iria buscar o meu filho nessa tarde? Isso era o que mais me aterrorizava: a ideia de que chegaria cinco horas da tarde e não se apresentaria ninguém para pegar Johannes. Lembro-me de ter gritado muitas vezes que precisava falar com o responsável, e que era preciso telefonar para alguma das minhas vizinhas (Susanne ou Judit) para que fossem buscar Johannes. Mas o silêncio foi a única resposta aos meus gritos. Então gritei ainda mais e lhes exigi que parassem o furgão e fizessem um chamada telefônica.

Inclusive comecei a gritar o número do telefone de Judit, enquanto meus gritos se misturavam com uma histeria crescente, produto da convicção progressiva de que me encontrava numa situação muito ruim.

“Quando já não podia mais conter a vontade de urinar, usei como privada improvisada uma vasilha de plástico que haviam deixado em um canto da cela. Mas o furgão encontrou um buraco e a urina derramou-se por todo o compartimento. Nesse momento comecei a chorar, porque sabia que se me tratavam assim logo de começo, sabe-se lá Deus como seria tratada quando chegasse na prisão.

“Minha cabeça funcionava a uma velocidade vertiginosa, imaginando todas as horríveis possibilidades que se apresentariam para mim. Porém, por trás disso tudo, eu ainda alimentava a louca e absurda esperança de que em algum momento deixariam de passear com o furgão, e magicamente me colocariam na porta da minha casa, me perguntariam se já teria aprendido que deveria ter mais cuidado quando escolhesse um marido e me indicariam que já podia subir e abraçar meu filho. Eu estava tão transtornada a essas alturas que ainda pensava que podiam me deixar livre. Uma vez li que os reclusos do corredor da morte têm com frequência essa mesma sensação ilusória. Quando os levam ao lugar da sua execução, ainda acreditam que não serão eliminados. Isso foi o que senti quando por fim o furgão, se deteve e ouvi que batiam uma pesada porta atrás de mim. Então, a parte traseira do veículo se abriu e uma luz amarela inundou o seu interior. Depois de onze horas na escuridão, mesmo a luz amortecida das lâmpadas fluorescentes me causou dor nos olhos. Eu cheirava a suor e urina, e estava tão desidratada pela falta de água, tão atemorizada e tão desesperada para ver Johannes que, quando me tiraram do furgão, comecei a gritar como uma louca. Duas carcereiras cujas caras pareciam ser feitas de concreto antigo me contiveram imediatamente: uma delas me retorceu o braço, erguendo minha mão até a metade das minhas costas, enquanto a outra me esbofeteava para que eu deixasse de gritar. Eu me calei em seguida.

“Depois me levaram para uma espécie de vestíbulo onde tiraram as poucas coisas de valor que eu tinha: o relógio e o anel de casamento. Deram-me um uniforme cinza de presidiária e um jogo rudimentar de roupa íntima: me informaram que a partir daquele momento eu já não tinha mais nome, senão um número, e me informaram que não ficaria muito tempo presa se colaborasse com as autoridades. Em seguida, me levaram para a ducha. As duas mulheres ficaram me olhando enquanto eu tirava a roupa e me enfiava debaixo de um jorro de água morna. Logo em seguida, voltei a desmoronar e comecei a gritar, chamando Johannes e pedindo aos gritos que me deixassem ver meu filho. Uma das guardas me disse que, se eu não me calasse, voltaria a me esbofetear. Quando terminei de banhar-me, coloquei a roupa íntima, que parecia ser feita de papel de lixar e o uniforme da prisão. Levaram-me para uma cela que, no total, devia medir talvez uns dois metros quadrados. Nela havia uma lâmpada incandescente que permanecia sempre acesa, um colchão numa plataforma de concreto, uma manta, um travesseiro, uma pia e uma privada. As guardas me disseram que eu deveria dormir, mas eu não consegui. Fiquei a noite inteira andando de um lado para o outro na pequena cela. Não tinha nada para distrair meus pensamentos. Só pensava em Johannes. Não deixava de perguntar-me quem estaria cuidando dele naquele momento, quando voltaria a vê-lo e por que haviam me prendido (Deus meu, por quê?). Para tentar me tranquilizar, eu dizia a mim mesma: ‘Estou

certa de que, quando me interrogarem, tudo se esclarecerá e voltarei para casa com meu filho antes do anoitecer’. Não deixava de repetir para mim mesma: ‘Eles agirão com justiça, conforme os preceitos do humanismo, tal como nos disseram sempre nas notícias e nas páginas do *Neves Deutschland*’.

“Mas, na manhã seguinte (sem dormir absolutamente nada e depois de tomar um café da manhã com um pedaço de pão duro e uma xícara de chá aguado), me levaram por uma série de corredores até a outra ala da prisão. Tinham um sistema de cordas com sinos, tipo campainha. A carcereira que me acompanhava puxava uma dessas cordas e esperava que a outra funcionária em uma das áreas próximas voltasse a puxar a corda e fizesse soar a campainha que tinha em seu extremo. Demorei vários dias para compreender por que usavam esse sistema rudimentar de comunicação antes de conduzir-me para o meu interrogatório diário. Eles o faziam para anunciar às outras carcereiras que estavam levando uma presidiária pelos corredores e assegurar-se desse modo que não houvesse ao mesmo tempo outras reclusas em áreas comuns. Nós, as presidiárias, não sabíamos quem eram as outras reclusas, já que nos mantinham em completo isolamento e tampouco sabíamos se aquele cárcere era a infame Hohenschoenhausen (o centro de prisão preventiva da Stasi em Berlim) ou outro dos lugares que usavam para os interrogatórios”.

“Meu interrogador era o Coronel Stenhammer, um homem de pouco menos de quarenta anos, de baixa estatura, mas bem encorpado, e, evidentemente, preocupado com seu aspecto físico, já que estava sempre com o cabelo muito bem penteado e com a barba recém-feita, as unhas imaculadas, o uniforme perfeitamente passado e as botas lustradas até o ponto de os poucos raios de sol que penetravam através das grades das janelas lhe arrancarem um brilho resplandecente. Fumava cigarros ocidentais (Marlboro) e os guardava numa cigarreira de ouro que parecia uma herança familiar. Quando me levaram para seu ‘escritório’, como chamava a sala de interrogatórios, eu o encontrei sentado atrás de uma mesa e indicaram para que eu me sentasse em uma cadeira, situada a uns dois metros de distância do coronel, de tal forma que qualquer um ali se sentiria encurralado em um canto. O Coronel Stenhammer avisou que a carcereira já podia sair. Quando a guarda foi embora e fechou a porta, o coronel abriu uma pasta bastante volumosa e me fez uma série de perguntas básicas sobre o meu lugar de nascimento, meus pais, minha educação, os lugares onde eu havia vivido, os trabalhos que eu havia tido e todos os homens com quem eu havia tido uma relação. Eu o interrompi uma vez para dizer-lhe que não sabia por que estava ali e insisti em quão preocupada estava com meu filho Johannes, sobretudo levando em conta que Jurgen, meu marido...

“— Você pensa realmente que, em nosso sistema humanista, deixaríamos uma criança sozinha e abandonada, embora sua mãe esteja sob suspeita de espionagem e traição? — perguntou-me com fria serenidade.

“— O quê? — gritei eu. — Eu nunca, nunca...

“— Silêncio! — ordenou-me o Coronel Stenhammer com uma voz afiada e letal como um escalpelo.

“Depois me advertiu de que, se eu continuasse interrompendo-o, me enviaria de volta para a cela, onde passaria pelo menos cinco dias sem ver ninguém, nem fazer nenhum exercício, como

castigo por ser antissocial e por negar-me a cooperar. Baixei a cabeça e comecei a soluçar, enquanto sussurrava:

“— Sinto muito, senhor — tratei de controlar a torrente de lágrimas. — É que eu somente sinto muita falta do meu filho e não consigo entender...

“— Já voltou a me interromper, assim sendo você não me dá outra opção senão...

“— Por favor, por favor, por favor... — comecei a gemer.

“— Ficaré em silêncio e cooperará em tudo? — disse o Coronel Stenhammer.

“Assenti repetidamente com a cabeça.

“Stenhammer não disse nada. Ficou sentado, olhando-me fixamente durante pelo menos uns dois minutos. Senti que voltava a ficar transtornada porque tinha muito medo, mas ao mesmo tempo disse a mim mesma que não havia outro remédio senão esforçar-me para manter um mínimo de sanidade mental e devolver ao coronel seu olhar clínico. Então, Stenhammer fez algo que eu não esperava. Sorriu-me e me disse:

“— Quer um cigarro e uma xícara de café? Tenho certeza de que lhe fariam bem.

“Não soube como responder a esse gesto de gentileza, exceto dizendo:

“— Sim, eu agradeço.

“Ele levantou-se e abriu um armário de copa e cozinha em cujo interior havia uma cafeteira de fabricação ocidental. Parecia boa e cara.

“— Como você gosta do café? — perguntou-me Stenhammer.

“Eu lhe disse que com leite e um pouco de açúcar. Serviu-me em uma xícara, colocou um pouco de leite e uma colherinha de açúcar e me trouxe. Depois me ofereceu um cigarro e, em tom furtivo, acrescentou:

“— Você não contará a ninguém que fumo cigarro americano, certo? — perguntou Stenhammer.

“— Não, senhor — respondi. — E eu estou muito agradecida pelo...

“O coronel levantou uma mão para fazer-me calar.

“— Não preciso de sua gratidão, Frau Dussmann. Preciso que me diga qual é a sua opinião com relação ao café.

“Bebi um gole. O aroma do café era surpreendente, assim como a profundidade e a riqueza de seu sabor. Na RDA era impossível conseguir café como esse, que na verdade era mais um néctar do que um café. O cigarro também era excelente. Eu já havia fumado tabaco americano algumas poucas vezes. Era uma raridade encontrá-lo na RDA, sobretudo em meu círculo de amizades, já que ninguém tinha contatos nas lojas de produtos estrangeiros, nem nas altas esferas do Partido. Naturalmente, uma parte de mim sabia que Stenhammer estava brincando de ‘bom policial’, mas a outra parte, que estava desesperada para sair do pesadelo e voltar logo para casa, sabia também que esse homem da Stasi era a única esperança de salvação. O café e o cigarro tinham por objetivo me fazer bem em um momento terrível. Embora ele fosse o meu carcereiro, lhe devia um favor. Então, lhe disse:

“— O café é esplêndido. E o cigarro também.

“— Bom, parece que finalmente podemos começar — disse ele enquanto punha o gravador para funcionar. Em seguida, notei que na parede, à esquerda da cadeira onde me haviam feito sentar, havia um microfone orientado para mim. — Quero que me conte a história do seu casamento e quero todos os detalhes, inclusive os mais dolorosos.

“Durante a hora que seguiu eu lhe contei tudo o que supus que ele quisesse saber, porque me dei conta de que estava perdida se não falasse diretamente e com franqueza. De qualquer forma, a pessoa que havia traído mais gravemente Jurgen havia sido ele mesmo. Eu lhe disse com toda clareza que eu nunca tinha me misturado com assuntos de política e que Jurgen sempre esteve a ponto de entrar em crise”.

“— Então, como foi exatamente o seu casamento? — perguntou Stenhammer.

“— Foi um grande erro, mas trouxe uma bênção: meu filho, que é maravilhoso.

“— E em que data exatamente você começou a trabalhar como espiã dos Estados Unidos? — me perguntou Stenhammer. Em seu tom de voz não havia absolutamente nenhuma tensão, era tranquilo e casual. Da minha parte, dei uma respiração profunda e tive que reprimir outro soluço que lutava para escapar pela minha garganta.

“— Nunca conheci nenhum americano, muito menos tive qualquer contato com seus serviços secretos. Levo uma vida tranquila. Sou uma cidadã leal. Eu nunca...

“— Nunca solicitou seu ingresso no Partido Socialista dos Trabalhadores, por exemplo, que é o que costumam fazer os cidadãos leais. E embora seus pais estejam afiliados ao Partido, meus colegas de Halle me informaram que suas vidas privadas não são precisamente exemplares. Reconhece que seus pais não foram o melhor dos exemplos no que diz respeito a fazer de você uma cidadã leal? — perguntou Stenhammer.

“Eu me lembro de que dei uma tragada bem profunda no cigarro enquanto desejava que a terra se abrisse e me engolissem. O bastardo estava pedindo para que eu denunciasses como antissociais meus próprios pais. Sem dúvida, eu sabia que, se me opusesse, minha situação se agravaria ainda mais. Assim sendo, eu lhe disse:

“— Creio que eles poderiam ter transmitido com mais entusiasmo as conquistas da RDA.

“— Não está falando com sinceridade — disse Stenhammer.

“— Eu amo meus pais, senhor — respondi eu.

“— Porém, ambos foram infiéis no casamento... Sua mãe teve uma longa aventura amorosa com...

“Ficou folheando as folhas no arquivo até encontrar um documento. Quando o encontrou, leu em voz alta o nome do diretor de sua escola.

“— Você estava a par dessa relação? — perguntou-me Stenhammer.

“Neguei com a cabeça. Então ele tirou outro documento.

“— Agora sei que está mentindo, porque um dos nossos homens em Halle, designado para

uma missão perto da escola, observou este cavalheiro e sua mãe. Por razões de segurança de Estado que não lhe revelarei, o encontro de ambos foi fotografado.

“Mostrou-me uma fotografia em preto e branco, muito granulada, da minha mãe e aquele homem, entrelaçados em um abraço apaixonado.

“— Nosso homem fotografou também uma adolescente que os estava observando escondida atrás de um carro estacionado — disse Stenhammer.

“Então, ele mostrou-me outra foto, e ali estava eu: uma menina com uma expressão de tristeza misturada com surpresa, olhando sua mãe nos braços de um homem que não era o seu pai.

“Ver aquelas fotografias me fez estremecer de terror. ‘Realmente eles sabem de tudo’, disse a mim mesma. Além do que, eu havia caído numa armadilha engenhosa de Stenhammer, que já podia acusar-me de faltar com a verdade.

“— Se você acaba de negar-me algo de que nós temos provas, como vou acreditar em qualquer outra coisa que me diga? — perguntou Stenhammer.

“Baixei a cabeça e senti que meus olhos voltavam a encher-se de lágrimas.

“— Eu só tentei proteger a minha mãe, senhor. Estou certa de que é capaz de entender isso — disse eu.

“— Para dizer a verdade, não posso entender — disse Stenhammer. — Você está sendo investigada por suposta traição à República que a criou, educou e cuidou melhor que os burgueses que tem como pais, que têm sido uns mal-agra-de-cidos com a generosa sociedade que lhes permitiu prosperar e se traíram mutuamente, do mesmo modo que traíram o Estado. Veja só a filha que engendraram: uma mulher com as mesmas tendências burguesas que eles, capaz de admitir que foi viver com um escritor narcisista e autodestrutivo só porque tinha um apartamento grande! Quando seu marido começou a escrever suas invectivas contra a RDA, você conhecia o péssimo conteúdo de seu “anel dos nibelungos” (é assim como ele o chama, não?) e no entanto não disse nada. Uma cidadã leal teria falado com seu superior ou nos teria telefonado para nos colocar a par de seus escritos traidores. Mas você guardou silêncio. Permitiu que ele seguisse adiante com sua lunática empreitada.

“— Senhor, meu marido estava vivendo em um estado de absoluta subjetividade. Havia se isolado de mim e do resto do mundo — disse eu.

“— Não é verdade. Ele sempre estava presente, diariamente, num bar de Prenzlauer Allee para beber com três amigos seus. Aqui temos seus nomes — disse Stenhammer.

“— Mas se perguntar a qualquer um do nosso círculo de amizade de Prenzlauer Berg...

“— Ah! Sim! Seu ‘circulo de amizades’! Os artistas de Kollwitzplatz! Um grupo de fanáticos sem ocupação construtiva nem produtiva que vivem à custa do Estado e se queixam continuamente em particular da injustiça de sua vida! Seu círculo de amizades! — disse Stenhammer.

“Ele estendeu a mão para sua cigarreira de ouro e tirou outro cigarro. Não ofereceu para mim.

“— Eu lhe perguntarei uma coisa. Antes, você disse que seu marido se isolou do resto do mundo e que dizia bobagens de caráter político, mas que nunca teve a ver com as forças que tentam acabar com a nossa república. Também disse que seu inflamado discurso diante de Berliner

Ensemble foi o delírio de um lunático. Mas você sabia que esse lunático reconheceu diante de nós que você é uma espiã dos Estados Unidos? — disse Stenhammer.

“— Claro que não. Mas, levando em conta a fragilidade de seu estado mental, é evidente que continua delirando — disse eu.”

“— Não recordo de ter lhe pedido a sua interpretação — disse Stenhammer.

“— Perdão — disse, baixando a cabeça ainda mais.

“— Pode ser que seu marido tenha se comportado de uma maneira superficialmente desequilibrada com você, mas sabemos por fontes fidedignas que ele se colocou em contato com um membro da USIA, a Agência de Informação dos Estados Unidos, braço visível da CIA, na embaixada americana de Berlim, e que se reuniram duas ou três vezes em um lugar supostamente secreto perto de Friedrichshain — disse Stenhammer.

“A sensação de desconcerto que eu estava experimentando se agravou até os níveis mais alarmantes. Levantei a mão pedindo permissão para falar. Stenhammer fez um gesto de assentimento.

“— Não vejo que tipo de informação Jurgen pode dar aos americanos, levando em conta que quase nunca saía de Prenzlauer Berg e que...

“— Isso é o de menos. O fato é que seu marido se colocou em contato com agentes de uma potência estrangeira inimiga da República Democrática Alemã. Foi visto e fotografado enquanto se reunia com esses ‘cavalheiros’ nesta cidade, o que o converte em espião e traidor da República — disse Stenhammer.

“Deixou que a frase ficasse suspensa no ar enquanto inalava profundamente a fumaça do seu Marlboro e deixava que uma sensação de tensão teatral inundasse a sala. Depois de certo tempo, acrescentou:

“— Mas, não acredito que esta informação seja verdadeiramente uma novidade para você. Ao contrário, estou certo de que está fingindo horror e desconcerto porque desse modo pode dissimular melhor a outra grande verdade desta situação, a mesma que seu marido reconheceu ontem durante o interrogatório — disse Stenhammer.

“— Que verdade é essa, senhor? — perguntei.

“— O fato de que você também é uma espiã dos americanos — disse Stenhammer.

“Senti que um terrível estremecimento me percorria o corpo.

“— Isso é totalmente falso! É mentira, uma mentira horrível! — disse eu.

“— Está me acusando de mentiroso? — replicou ele com voz insidiosamente serena.

“— Claro que não senhor. Estou acusando de mentiroso o meu marido — respondi.

“— É natural que o acuse de mentir. E, deixe-me ver se eu adivinho... Agora você me dirá que sua declaração foi a de um lunático transtornado que perdeu o contato com a realidade. No entanto, temos provas fotográficas do encontro de seu marido com agentes americanos — disse Stenhammer.

“— Mas isso não significa que eu...

“— Não significa que você tenha a ver com o assunto?

“— Tem alguma prova de minha implicação? Tem fotos minhas falando com agentes americanos?

“— O que foi que eu lhe disse a propósito de interromper-me ou de comportar-se como se tivesse direito a formular perguntas? Você não tem nenhum direito. E em sua qualidade de acusada de um delito de traição... — disse Stenhammer.

“— Não sei do que está falando — gemi.

“— Nossa conversa terminou — disse Stenhammer, enquanto pressionava o botão do intercomunicador que tinha ao lado.

“— Onde está meu filho? Tenho que ver Johannes? Eu preciso vê-lo!

“— Como eu já disse antes, seu filho Johannes está sob os cuidados do Estado. E assim continuará, até que você nos revele tudo referente aos seus acordos com os americanos — disse Stenhammer.

“— Eu não tenho nenhum trato com os americanos. Nem sequer conheço nenhum americano!

“— Seu marido afirma o contrário — disse Stenhammer.

“— Meu marido é um demônio!

“— Seu marido é um espião dos Estados Unidos. E você também.

“— Eu não sou nenhuma espiã!

“Bateram à porta e Stenhammer disse:

“— Entre.

“A mesma guarda de antes, de aspecto endurecido, entrou na sala.

“— Já terminei minha conversa com esta presidiária — disse-lhe o Coronel Stenhammer. — Porém, agora, ela precisa ser fotografada como é devido.

“— Por favor, senhor! — supliquei. — Eu lhe peço! Meu filho é a única coisa que eu tenho na vida!

“Com um desdenhoso gesto com a mão, Stenhammer indicou para a mulher que me tirasse da sala.

“— Eu tenho que vê-lo, senhor! Não posso viver sem...

“— Quando você me der as respostas que eu lhe peço, poderemos falar sobre isso. Até então... — disse Stenhammer.

“— Mas eu não fiz nada de errado!

“Stenhammer fez girar sua cadeira até me dar suas costas.

“Voltei a gritar:

“— O senhor tem que acreditar em mim!

“Mas a carcereira já estava me arrastando para a porta. Nesse momento eu chorava como uma histérica. Quando estávamos no corredor, depois de fechar a porta da sala de interrogatórios, ela me

deu uma bofetada.

“— Pare já com essas lamentações histéricas — disse-me, cravando-me os seus dedos em um dos meus braços. — Se eu ouvir mais um só chiado, eu a farei se arrepender.

“Continuou apertando-me o braço enquanto me conduzia pelo corredor, detendo-se unicamente para puxar as cordas e anunciar para as outras guardas que estávamos a caminho. Subimos uma escada e chegamos a uma saleta completamente vazia, com exceção de um banquinho colocado sobre uma pequena plataforma de madeira por trás da qual havia uma cortina cinza. De frente para a plataforma, havia uma câmera de fotos antiga, com tripé. Veio um oficial uniformizado e ordenou que me sentasse no banquinho. Depois se colocou por detrás da câmera e me disse aos gritos que me sentasse com as costas retas e o olhasse diretamente no rosto, e então, com um longo cordão na mão, pressionou o disparador. Nesse exato instante senti uma estranha sensação de calor nas costas. O calor era tão intenso e desconcertante que comecei a retorcer-me no assento. O oficial ordenou que me mantivesse quieta e depois me disse que eu me voltasse, para tirar a fotografia de perfil. Quando apertou o disparador voltei a experimentar a sensação de calor, desta vez na metade do corpo voltada à cortina. Voltou a clicar o disparador e uma vez mais senti que uma onda de calor envolvia a parte do meu corpo oposta a câmera.

“Quando me deixaram na minha cela, dez minutos depois, levantei a parte superior do uniforme e vi que tinha bolhas vermelhas em ambos os lados da cintura. Esticando o pescoço, notei também uma extensa região da minha pele avermelhada que provavelmente chegava até a coluna, ou pelo menos até onde eu podia ver. O que teriam feito comigo durante a sessão fotográfica? Mas essa preocupação não era nada em comparação com outra muito maior: o fato de que Jurgen me assinalara como sua cúmplice. Eu não conseguia determinar se ele havia feito isso com maldade deliberada ou como uma manifestação mais relacionada com seu transtorno mental. Sim, mas o que eu sabia era que a Stasi ia usar o nosso filho como moeda de troca e que eu não teria nenhuma possibilidade de voltar a vê-lo a menos que eu lhes desse o que pediam. O que Stenhammer queria, sem dúvida alguma, eram os nomes dos supostos agentes americanos com os quais, segundo Jurgen lhe havia dito, estávamos conspirando. O problema era que eu nunca havia estado em contato com nenhum agente americano e, portanto, não podia dar-lhe nomes, nem detalhes, nem informação de qualquer tipo que fosse. Por outro lado, sabia que se eu inventasse uma história fictícia sobre minhas reuniões secretas com agentes da CIA, eles fariam minuciosas comprovações de tudo o que eu lhes contasse e além do mais usariam minha ‘traição’ como desculpa para manter-me separada de Johannes. Stenhammer sabia que eu havia compreendido tudo isso e que me dava conta de que não tinha escapatória, porque embora lhes dissesse tudo o que me pediam, estaria mentindo, porque eu nunca havia colaborado com a CIA. Estou bastante certa de que ele sabia positivamente que eu não tinha nenhum antecedente de espionagem. Mas Jurgen havia dito algo que me havia culpado e, segundo a lógica da Stasi, eu era culpada, embora fosse inocente. Eles já haviam decidido que minha convivência com um homem psiquicamente instável, que urinara no ministro da Cultura (e que talvez tivesse tentado estabelecer contato com os americanos) era motivo suficiente para arruinar minha vida.

“Também compreendi em seguida que Stenhammer se propunha a quebrar-me mentalmente

para tornar-me mais manejável. Como eu sabia disso? Porque depois de nossa primeira ‘conversa’, estive trancada três dias seguidos sem nenhum tipo de contato com ninguém, exceto a ocasional visita da carcereira com a bandeja de comida. Supostamente, eles me permitiam fazer uma hora de exercício por dia, mas para isso eles me levavam para o exterior e me trancavam em um cubículo de concreto de dois por cinco, aproximadamente. As paredes do recinto mediam três metros de altura e estavam cobertas de arame esfarpado. Durante essa hora ‘ao ar livre’, eles me deixavam sozinha. Até esse momento eu nunca havia sido muito dada ao exercício físico, porém nesse cubículo eu me punha para mexer de um lado para o outro como uma louca, tentando cansar-me deliberadamente e correr nesse espaço limitado com uma força tal que me permitisse atravessar as paredes e recuperar a liberdade, ou pelo menos era isso que eu pensava em meus momentos de delírio. Essa fantasia era simplesmente uma faceta do colapso psicológico que estava experimentando. Além de manterem-me vinte e três horas por dia encerrada, negavam-me qualquer estímulo: nem rádio, nem livros, nem material para escrever. Estava só com meus pensamentos. Inventei estratégias para manter a cabeça ativa: repassava filmes, cena por cena, ou tentava classificar mentalmente todas as palavras em inglês que havia aprendido até esse momento. Mas meu filho dominava meus pensamentos sem cessar. Você não tem como imaginar o que significa quando lhe privam do contato com uma criança que constitui para você o centro do mundo. A necessidade cruamente visceral de abraçá-lo, de sentir uma vez mais esse aroma fresco e ainda não destruído pela vida que parecia emanar de cada um dos seus poros... A incapacidade de ouvir seu balbuciar, ou de trazê-lo para a minha cama quando chorava no meio da noite... Para mim, isso era o maior castigo imaginável.

“Quando se passaram três dias, eles me conduziram para meu segundo interrogatório, e eu estava tão despedaçada psicologicamente, tão transtornada pela falta de sono e pela crescente claustrofobia, tão desesperada para fazer o que fosse preciso para me ver em liberdade e voltar para o meu filho, que me sentei, aceitei um dos excelentes cigarros do coronel e uma xícara do seu maravilhoso café e lhe disse que ligasse o gravador porque tinha uma confissão a fazer. Ele ligou e eu iniciei uma falsa confissão mil vezes ensaiada sobre um homem chamado Smith que havia me abordado em uma livraria de Unter den Linden e que havia proposto pagar-me cinquenta dólares por semana em moeda corrente se eu lhe passasse informação sobre...

“A história era ridícula. E quando eu abri a boca, soube que Stenhammer a acharia absurda. Depois de cinco minutos, o coronel me disse em tom sereno:

“— Basta — e desligou o aparelho. Depois se voltou para mim com um sorriso e acrescentou: — Você quer voltar a ver seu filho, não? — perguntou Stenhammer.

“— Mais do que qualquer outra coisa no mundo.

“— Então você tem que me dizer a verdade — disse ele.

“— Mas o senhor já sabe a verdade.

“— Eu a sei?

“— Sim, creio que sim. A verdade é que nunca tive nenhum contato com nenhum americano.

“— Então terá que voltar para a cela — disse Stenhammer.

“— Tem que acreditar em mim — disse eu com voz trêmula.

“— Você sempre repete a mesma coisa. Eu não tenho que acreditar em você. E mais: não acredito.

“Estive mais três dias na cela, trancafiada vinte e três horas por dia, sem material de leitura nem nenhum estímulo exterior. Comecei a fantasiar com a ideia de suicidar-me e lembrei-me de ter lido em alguma parte que, se uma pessoa molha os lençóis, eles não se soltam ao fazer neles um nó. Pode ser que a Stasi também tivesse meios de ler meus pensamentos, porque na manhã seguinte ao conceber essa ideia veio uma carcereira e levou o lençol fino que cobria a minha cama. Quando Stenhammer voltou a me ver três dias depois, sorriu e me ofereceu um cigarro e um café. Estava de novo no papel de policial bonzinho. Como sempre, o café e o cigarro tinham um sabor fantástico e me levantaram um pouco a moral.

“— Tenho certeza de que estará se perguntando o que fazer para sair daqui — disse-me Stenhammer.

“— Só me pergunto como deve estar meu filho — respondi.

“— Como eu já lhe disse, você não deve se preocupar com isso. Ele está sendo perfeitamente amparado, na casa de uma excelente família.

“— E qual família é essa?

“— Isso é confidencial. Mas eu a conheço e posso assegurar-lhe que Johannes está recebendo todo o amor e atenção de que necessita.

“Senti um calafrio. Ele havia me dito que conhecia a família e isso só poderia significar uma coisa: que o haviam dado para uma família da Stasi. Isso também queria dizer que estavam cada vez menos dispostos a devolver meu filho. O bastardo do Stenhammer continuava sorrindo com expressão fingidamente compassiva, mesmo sabendo que com esse fragmento de informação, expresso de maneira vaga, havia-me cravado um punhal no coração. Quando baixei a cabeça e comecei a chorar, ele simulou preocupação.

“— Eu lhe disse algo inconveniente? — perguntou Stenhammer.

“— Eu não voltarei a vê-lo jamais, não é? — perguntei.

“— Eu não disse tal coisa.

“— Mas é isso mesmo, não é? Ele foi dado para adoção a uma família da Stasi, não é?

“— Eu lhe aconselho que baixe o tom da sua voz e que deixe de fazer acusações tão graves.

“— Mesmo que vocês conseguissem o que querem de mim (o que é impossível, porque nunca tive nenhum contato com agentes americanos), mesmo assim, não me deixariam ver Johannes.

“— Agora está imaginando coisas — disse Stenhammer.

“— Não me fale uma besteira dessas! — gritei. — Meu marido é um traidor e vocês decidiram, sem prova alguma, que eu também sou. Como iriam permitir, um sistema ‘humanista’ como o seu, que um filho desta República tão extraordinariamente ‘democrática’ (que aprisiona seus cidadãos com falsas acusações e os castiga arrebatando-lhes seus filhos) seja educado por uma

mulher que, ainda que seja completamente inocente de tudo que é acusada, está ideologicamente manchada por ter vivido com um homem que ficou louco?

“— Já basta — disse Stenhammer secamente.

“— Não suporta ouvir a verdade? — uivei. — Como diabos pode dormir à noite, sabendo que separou uma mãe inocente do filho que é tudo para ela?

“O coronel amassou a bituca do cigarro, pressionou um botão na mesa e interrompeu o meu discurso desfechando uma bofetada na minha cara. Quando me bateu, seu rosto se encrespou com uma expressão tão violenta e aterrorizante que imediatamente cobri a cabeça com as mãos e comecei a gritar e a chorar suplicando-lhe que não me batesse.

“— Silêncio! — exclamou Stenhammer com voz sibilante.

“Guardei silêncio, tentando reprimir o grito que ainda sentia alojado na garganta. Stenhammer, claramente abalado pelo que acabara de acontecer, começou a ir e vir pela sala, respirando de uma maneira que indicava que estava tentando se acalmar e controlar a fúria que o havia dominado. Depois de alguns instantes, pegou sua cigareira, tirou um Marlboro, o acendeu e deu uma longa tragada antes de voltar a falar, mas até então sua voz havia recuperado sua espectral frieza habitual.

“— Acaba de atravessar uma fronteira sem retorno, Frau Dussmann — disse Stenhammer. — E tem razão: dada a sua evidente instabilidade psicológica, sua conduta desleal e seu caráter completamente manchado pelo contato com traidores, esta República tão democrática e tão humanista jamais permitirá que um de seus filhos seja educado por uma pessoa tão profundamente contaminada como você. Tem razão: jamais voltará a ver Johannes. Como não quer falar a verdade sobre sua colaboração com os agentes do capitalismo, vou ordenar que a mantenham permanentemente aprisionada, exceto pela hora diária de exercício e o seu banho semanal, até que esteja disposta a revelar-me tudo o que eu quero saber sobre seu esse ‘círculo boêmio’ em Prenzlauer Berg. Até que você diga para uma de nossas guardas que está disposta a me dar toda a informação de que preciso sobre esses subversivos...

“— Isso não acontecerá nunca, porque nenhum dos meus amigos é subversivo e porque não penso em traí-los.

“— Então você irá apodrecer aqui dentro.

“Pressionou o botão de sua mesa e, minutos depois, uma carcereira entrou na sala e me levantou à força da cadeira.

“— Por que não me levam lá para fora e me fuzilam? — perguntei eu com desprezo. — Desse modo, a República economizaria o gasto de ter-me aqui presa.

“— Porque isso seria dar-lhe uma escapatória fácil demais — respondeu ele.

“Essa foi a última vez que vi o coronel. Me levaram de volta para a cela e assim começaram as três semanas mais longas da minha vida. Stenhammer cumpriu sua ameaça. Nunca mais me levaram para o seu ‘escritório’. Mantiveram-me trancafiada vinte e três horas por dia e seguiram negando-me tudo o que podia permitir uma mínima evasão de pensamentos. Vigiam-me constantemente para que eu não me suicidasse. A lâmpada da cela estava acesa dia e noite, e o painel

corredição da porta de aço maciço se abria a cada meia hora para que uma carcereira pudesse comprovar que eu não havia me autoflagelado.

“Depois de alguns dias, caí em uma espécie de catatonia ambulante, na qual perdia a vontade de refletir ou de praticar qualquer tipo de ginástica cerebral que pudesse manter minhas faculdades mentais intactas. Em vez disso, deixei-me deslizar para um estado de mal-estar que me obrigava a permanecer durante horas derrubada no colchão, completamente imóvel. Comia pouco, porque não tinha apetite. Quando me levavam para fazer exercício, simplesmente me sentava acorçada contra uma das paredes. O guarda da manhã (um homem jovem, menos brusco e cruel que seus colegas femininos) costumava passar um maço de cigarros f6 e uma caixa de fósforos e me deixava fumar. Mas eu não tinha vontade de mover-me. Nem sequer caminhava por aquela jaula de concreto. Simplesmente ficava sentada e fumava quantos cigarros podia durante a minha hora “ao ar livre”, contemplando o céu através de um arame farpado sobre minha cabeça e dizendo-me que, ainda, de algum modo, voltaria a juntar-me com Johannes. Como poderia suicidar-me se sabia que meu filho estava ali fora, do outro lado daqueles muros e que a decência e a humanidade acabariam impondo-se e, no final, voltaria a tê-lo em meus braços?

“As semanas se passaram e minha catatonia ambulante se agravou. A partir de certo momento, tinham que me arrastar para me tirar da cela e quase carregar-me para levar-me para o exterior. Havia emagrecido muito, mas eu não me preocupava. Alegrou-me ver que estava me consumindo, porque já nada mais me importava, nada. Estava condenada a viver para sempre naquele limbo, nessa espécie de vida, tipo morta-viva.

“Então, uma noite (ou pelo menos acho que era noite, já que nunca via nada além da escuridão através da minúscula abertura da janela) a porta da cela se abriu e vi no corredor dois homens em traje de rua acompanhados por duas carcereiras.

“— Frau Dussmann — disse um deles. — Levante-se.

“Eu sacudi lentamente a cabeça e sussurrei uma só palavra:

“— Não.

“O homem fez um sinal para as guardas, que se aproximaram. Mas quando começaram a tirar-me da cela com suas maneiras bruscas habituais, o homem gritou e disse que o fizessem ‘com suavidade’.

“Na sequência, me levaram pelo corredor até as duchas. Os homens vestidos à paisana esperaram na porta enquanto as carcereiras me ajudavam a tirar a roupa e me davam um pedaço de sabão e um frasco de xampu ocidental. Eu estava tão debilitada que foi até difícil aplicar o xampu no cabelo, mas de algum modo consegui acabar de tomar banho. Então, as guardas trouxeram a roupa que eu vestia quando me prenderam. Todas as peças estavam lavadas e passadas, mas como eu havia perdido muito peso, as roupas estavam tão folgadas que pareciam dançar em mim. A saia estava tão grande que uma das guardas teve que levar o cinto e perfurar três novos furos. Enquanto eu me vestia, não deixava de pensar: ‘O que está acontecendo? Será que virá a inspeção do ministro da Justiça e por isso querem que eu esteja com um aspecto relativamente normal?’. Perguntei a uma das guardas se podia dizer-me o que estava acontecendo, mas ela negou com a cabeça e me disse somente (com

amabilidade, devo reconhecer) que andasse depressa. Então me levaram por mais alguns corredores vazios, me fizeram subir um pequeno trajeto de escada até uma pequena sala de jantar e me indicaram que eu me sentasse a uma das mesas. Ouvia-se o ruído de panelas e frigideiras a uma escassa distância. Em seguida, a porta se abriu e entrou uma mulher vestida com uma túnica de cozinheira, que trazia um prato com uma torta francesa e um pouco de pão de centeio. A torta tinha um sabor de ovos autênticos (na RDA tínhamos que nos conformar com frequência com ovos em pó) e o pão era fresco, a mulher também trouxe uma cafeteira cheia com um bom café, e uma das guardas deixou ao meu lado um maço de cigarro f6 e me disse que eu podia fumar.

“Aquela era a primeira comida sólida que eu comia em semanas. Uma vez mais, uma só pergunta dominava todos os meus pensamentos: *O que significa tudo isso?* Depois de devorar a torta e o pão, quando eu já havia acendido o cigarro, a porta se abriu e entrou um dos dois homens de antes.

“— Já é hora — disse ele.

“— Hora do quê? — perguntei eu.

“— Já verá em breve — disse ele.

“Uma das guardas me indicou com um golpezinho no ombro que eu tinha que ficar em pé. Cinco minutos depois me encontrei numa garagem, onde me fizeram entrar no mesmo tipo de furgão que havia me levado até ali. Trancaram-me no mesmo compartimento interior de antes e fecharam a porta com um cadeado. Depois a porta traseira se fechou. Ouvei o zumbido de algum tipo de engrenagem de máquina e supus que devia ser a porta da garagem ao abrir-se. O furgão deu marcha a ré e, com uma clara mudança de marcha, empreendemos a viagem.

“Depois de mais ou menos uma hora, nos detivemos. Ouvei que outros veículos se aproximavam para se reunir com o nosso. Enquanto isso, eu ouvia diferentes vozes lá fora, mas o vento soprava com força e não me deixava distinguir uma só palavra do que diziam. Os faróis de um veículo parado em frente ao nosso inundaram o interior do meu compartimento. Um dos homens de terno entrou na cabine, se agachou e abriu o cadeado da minha pequena cela.

“— Chegamos — disse ele e em seguida me acompanhou para fora.

“Uma rajada de um frio cortante me bateu na cara quando desci do furgão. Estava nevando. Vi que estávamos no meio de uma ponte. Ao lado dos vibrantes faróis dos veículos que tínhamos diante de nós, havia vários homens e mulheres, alguns com uniformes e outros à paisana. Um dos homens que ia comigo me pegou pelo braço e me conduziu até aquelas pessoas que pareciam estar esperando. Uma mulher se adiantou e o homem literalmente me entregou para ela. Eu estava tão cega pelos faróis e pela confusão de tudo que estava acontecendo que nem sequer poderia dizer que aspecto tinha aquela mulher. Caminhava com passos tentativos e me sentia desesperadamente débil. Imediatamente, a mulher me passou pelos ombros um braço protetor e me disse:

“— Petra Dussmann, sou Marta Jochum, do *Bundesnachrichtendienst*, o serviço de inteligência da Alemanha Ocidental. Bem-vinda à República Federal.

“— Não entendo — disse eu.

“— Vamos para um lugar onde não passe frio — replicou Marta.

“Ela acompanhou-me até um carro bem grande, ao lado do qual havia um policial em pé. Ao abrir a porta do veículo para mim, o agente me trouxe apoio com a mão que calçava uma luva e me disse uma só palavra:

“— *Willkommen*.

“Sentei-me no assento traseiro daquele enorme carro, ao lado de Frau Jochum. Ao volante havia outro policial e a seu lado sentou-se um homem com uma capa de boa qualidade, que em seguida se voltou e me olhou. Devia ter uns trinta anos e era bem apessoado. Sorriu-me.

“— Ele é Herr Ullmann — explicou-me a senhora que estava ao meu lado — da embaixada dos Estados Unidos aqui em Berlim Ocidental.

“— Estou muito feliz em vê-la, Frau Dussmann — disse ele em um bom alemão. — Faz várias semanas que seguimos o seu caso.

“— É mesmo? — respondi, surpresa.

“— Já sei que tudo isso é muito confuso — interveio Frau Jochum —, mas nós lhe explicaremos amanhã, assim que tiver dormido e tomado um bom café da manhã.

“— Mas por que eu estou aqui? Eu não sou ninguém — disse eu.

“— Não diga isso — disse Ullmann. — Você é exatamente o tipo de pessoa que temos trabalhado para tirar dali.

“— Mas eu não sou dissidente, não tenho nada a ver com a política. Nunca em minha vida me misturei com assuntos de política.

“— Nós sabemos de tudo isso, Petra — disse Frau Jochum.

“— E também sabemos quão desumanos foram esses filhos da puta no que diz respeito a seu filho — acrescentou Ullmann. — Desculpe a linguagem, mas eu tenho seguido o seu caso e o que fizeram com você... Separá-la desse modo de seu filho... não sei, é inacreditável.

“— Não só me separaram dele como também o deram para outra família. E meu marido, que está psiquicamente transtornado, disse para a Stasi que somos espiões americanos.

“— Nós temos que falar com você a respeito de seu marido — disse Ullmann.

“— Mas isso pode esperar até amanhã — apressou-se em intervir Frau Jochum.

“— Aconteceu alguma coisa com Jurgen? — perguntei.

“— Há muita coisa a ser dita, Petra — disse Frau Jochum. — E como são três horas da madrugada...

“— Se aconteceu alguma coisa com Jurgen, eu quero saber agora.

“— Nós preparamos um lugar muito agradável para alojar-se — disse ela —, um apartamento moderno, que será todo seu durante o próximo mês, mais ou menos, enquanto se adapta a...

“— Diga-me o que aconteceu com o meu marido — insisti. — Por favor, eu quero saber agora.

“Ullmann e Frau Jochum trocaram olhares com nervosismo. Depois Ullmann assentiu

gravemente. Então eu soube. Frau Jochum me pegou pela mão.

“— Seu marido se enforcou em sua cela faz alguns dias — disse-me Frau Jochum.

“A notícia não me surpreendeu. Ao contrário, era até de se esperar, dentro de um panorama tão terrível. Jurgen era, no melhor dos casos, um homem frágil, incapaz de suportar os horrores do isolamento e a ausência de estímulos que lhe foram impostos em uma cela da Stasi. Mas, mesmo que a dor que eu senti não tenha sido surpreendente, nesse momento me invadiu um profundo desespero, porque sabia que, com seu pai morto e sua mãe expulsa da RDA, Johannes ficaria sob a tutela do Estado e permaneceria indefinidamente com a família que tinham arranjado para ele.

“— A morte de Jurgen é a razão pela qual me expulsaram da RDA? — perguntei.

“— Jurgen nunca trabalhou para nós — disse Ullmann —, embora seja verdade que tenha feito contato com vários de nossos homens em Berlim Oriental. Falando com franqueza, não o consideramos suficientemente estável do ponto de vista psicológico para usá-lo como contato de nossos serviços de inteligência. Mas nós sabemos que ele falsamente envolveu você.

“— Como ficaram sabendo?

“— Nós temos nossas fontes de informação dentro da Stasi. Basicamente, a Stasi sabia que você não tinha nada a ver conosco, mas a utilizaram para pressionar Jurgen, do mesmo modo que usaram o seu filho para pressionar você.

“Por um instante me ocorreu uma ideia inacreditável. Seria possível que o Coronel Stenhammer fosse o informante dos americanos dentro da Stasi? Não estaria interrogando Jurgen e a mim para depois informar por alguma via clandestina para Ullmann? Embora eu nunca houvesse amado Jurgen, nem ele a mim, o fato de que estivesse morto e de que sua morte tivesse sido de uma maneira solitária e terrível para escapar do pesadelo em que ele mesmo havia precipitado a nós... Deus meu! Eu me sentia terrivelmente irritada com Jurgen por ter arruinado nossas vidas e, por outro lado, imensamente penalizada por sua morte, pela morte desse homem brilhante, apaixonado, complexo e de talento incrível, desse homem autodestrutivo, desequilibrado e desgraçado... que casualmente era, além de tudo, o pai do meu filho, o filho que tinham arrebatado de mim e que cresceria com outras pessoas, o filho a quem diriam que sua falsa mãe e seu falso pai eram seus pais verdadeiros, o filho que nunca teria notícias de minha existência e que eu havia perdido para sempre.

“Baixei a cabeça enquanto os olhos se enchiam de lágrimas e senti que Frau Jochum apertava ainda com mais força a minha mão.

“— Sei quão terrível deve ser essa notícia para você. Por isso eu queria esperar até amanhã... — disse Frau Jochum.

“— Eles o tiraram de mim — disse eu. — Agora, por favor, alguém tem que buscar o meu filho para mim.

“Notei que Ullmann e Frau Jochum trocaram outro olhar carregado de nervosismo.

“— Falaremos sobre isso amanhã, Petra — disse Frau Jochum uma vez mais.

“— Quer dizer que não há esperanças? — perguntei.

“— Investigaremos todos os caminhos possíveis — disse Ullmann —, pode ter certeza disso.

“— Não irei recuperá-lo nunca mais, não é?”

“Ullmann e Frau Jochum voltaram a olhar um para o outro.

“— Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, Petra — respondeu-me Ullmann. — Porém, nós temos que aceitar algumas realidades, e uma delas é que essa gente não joga com as mesmas regras que nós.

“Levaram-me a um complexo habitacional no extremo mais ocidental da cidade. Frau Jochum tinha razão. O apartamento ao qual me conduziram era, em comparação ao que eu havia conhecido até então, o lugar mais luxuoso que poderia ter imaginado. Ali estava me esperando uma mulher chamada Frau Ludwig, que me informou que ia cuidar de mim nas semanas seguintes. Frau Jochum me deixou com ela e me disse que no dia seguinte, depois de uma visita ao médico que haviam agendado para mim, me veria no período da tarde, acompanhada de Herr Ullmann, para conversar longa e tranquilamente comigo.

“E quando foram embora, Frau Ludwig me disse que nas semanas seguintes podia chamá-la sempre que precisasse de algo, e que nesse momento provavelmente precisava de um bom banho e de uma cama para dormir. No apartamento havia uma sala de estar com um sofá, uma poltrona grande para ler e uma televisão, tudo muito moderno, tal e qual supunha que podia ser um hotel de luxo. O dormitório tinha uma cama enorme, com os lençóis mais maravilhosos e o edredom mais suave que um dia pudesse ter imaginado. Frau Ludwig perguntou-me se queria que preparasse para mim o banho e passei pelo menos uma hora submersa naquela banheira enorme, perfumada com sais aromáticos. Quando saí, havia um pijama novo esperando-me; depois de vesti-lo, Frau Ludwig insistiu em tirar minhas medidas com uma fita métrica para poder encomendar para mim roupas novas, porque a que eu vestia ali não apenas estava grande demais bem como era a única muda de roupa que eu tinha no mundo. Quando Frau Ludwig me deu boa-noite, eu me enfiei naquela imensa cama, mas estive mais de uma hora sem poder dormir. Sentia-me estranha no meio de tanto luxo. Estava tão traumatizada pelas três semanas de isolamento e privação sensorial que se tornava muito difícil para mim adaptar-me à mudança. Também sentia uma tristeza avassaladora e um estranho sentimento de culpa pela morte de Jurgen, combinados com o crescente horror ante a evidência de que havia perdido Johannes para sempre. Fiquei deitada olhando para o teto, tratando de adivinhar por que me haviam posto em liberdade de maneira tão repentina e pensando que nunca deixaria de sofrer por meu filho perdido. Sentia-me profundamente desconcertada e ferida.

“No fim, consegui adormecer. Quando acordei na manhã seguinte, logo depois das doze horas, Frau Ludwig me entregou dois pares de *jeans* (Levi’s autênticos), uma saia de veludo, um abrigo azul escuro com golas grandes e abotoamento cruzado, estilo militar, e vários jogos de roupa íntima. Lembro-me de que não apenas fiquei boquiaberta com as peças e com a generosidade dos meus benfeitores como também não podia entender a que se devia eles serem tão amáveis comigo.

“Depois do café da manhã, levaram-me através de um amplo pátio interior cheios das mais maravilhosas plantas até a clínica, onde um médico sumamente eficaz e muito simpático me fez todo o tipo de exames. Disse que as bolhas vermelhas que tinha por todo o corpo e que já estavam se curando (adquiridas durante a ‘sessão fotográfica’) eram de fato queimaduras por radiação e

comentou que eu não era a primeira pessoa recém-liberada de uma prisão da Stasi que vinha com queimaduras semelhantes.

“— Mas por que me expuseram a essa radiação?

“Ele hesitou por um momento e finalmente disse:

“— Nossa teoria é que empregam a radiação para marcar certos dissidentes e assim poder rastreá-los no futuro.

“— Ou para fazer que adoeçam e morram — disse eu.

“— Pode ser — disse o médico —, mas tudo depende da intensidade da radiação.

“— Se me causou queimaduras tão evidentes...

“— Sim, é um motivo de preocupação. Porém, as consequências mais graves para a saúde (se é que existem) somente se manifestam depois de muitos anos, e é bem provável que você não sofra nenhuma doença como consequência disso.

“— Mas também é possível que eu fique gravemente doente pelo que fizeram comigo — retruquei.

“— Sim, é uma possibilidade. Contudo as feridas cutâneas (as bolhas) desaparecerão por completo dentro de algumas semanas.

“Nessa tarde me reuni com Herr Ullmann e Frau Jochum. Soube por fim quais foram as razões pelas quais haviam me tirado da RDA (tiveram que me trocar por dois espiões da Alemanha Oriental que estavam há vários meses detidos na República Federal), e eram duas. Por um lado, eu havia sido interrogada pelo Coronel Stenhammer, um ‘cavalheiro’ que interessava profundamente aos dois que estavam ali ao meu lado. Tinham me escolhido como potencial moeda de troca porque as autoridades da RDA sabiam que eu era essencialmente inofensiva e, portanto, não tinha nada que revelar aos agentes do ‘outro lado’.

“— Na realidade, nós precisamos lhe fazer muitas perguntas sobre Stenhammer — disse Frau Jochum —, porque sabemos que é uma figura-chave nos interrogatórios de muitos dissidentes e você é a primeira de seus ‘presos’ que conseguimos tirar da RDA. Assim sendo, durante os próximos dias, se não se importar...

“— Não, claro que não — disse eu, consciente de que devia dar algo em troca e de que minha única esperança de juntar-me outra vez com Johannes passava por Frau Jochum e Herr Ullmann.

“— Há algo mais que você deve saber — disse Ullmann —, e também precisamos fazer-lhe perguntas a respeito. Dentro do seu círculo de amizades em Prenzlauer Berg, havia uma informante da Stasi. A alcagute fez muitos estragos para Jurgen e você porque comunicava todas as suas conversas para a Stasi. Como você confiava nela, como era a sua amiga mais íntima...

“Quando soube que o informante era uma mulher, senti imediatamente um calafrio e em seguida um profundo ceticismo. Não podia ser ela! Ela nunca teria feito algo assim comigo.

“— Sua amiga Judit Fleischmann é desde muito e muito tempo confidente da Stasi. Pelo que pudemos saber por nossa fonte na organização, ela contava para eles tudo o que você dizia para ela

— disse Ullmann.

“Senti como se tivesse entrado em um elevador e caísse em seu poço. Frau Jochum notou e em seguida apoiou uma de suas mãos em meu ombro e disse:

“— Sei quão traída você deve se sentir agora, mas lembre-se de que, quanto mais informação nos proporcionar sobre as coisas que ela lhe dizia, mais pressão poderemos fazer para tentar negociar a devolução de Johannes.

“— Ele está com uma família da Stasi, não é? — perguntei.

“Vi que, mais uma vez, Frau Jochum e Herr Ullmann trocavam um olhar de desconforto.

“— Nós temos motivos para acreditar que sim — disse Ullmann.

“— Sabem como se chama a família?

“— Se tentar colocar-se em contato com eles, Petra — me disse Jochum —, fará que todos os nossos esforços...

“— Só quero saber como se chama a família que está com o meu filho.

“— Klaus. Herr Stefan e Frau Effi Klauss — disse Frau Jochum.

“— Onde vivem?

“— Não temos o endereço exato — respondeu Ullmann.

“— Diga-me somente o bairro.

“— Friedrichshain — disse Ullmann.

“— E minha ‘amiga’ Judit... Recebeu algum prêmio por sua ‘patriótica’ traição de sua melhor amiga? — perguntei.

“Uma vez mais, Ullmann e Jochum se olharam. Então, Frau Jochum disse:

“— O nosso contato do outro lado nos informou que sua amiga sofreu uma espécie de colapso nervoso quando você foi presa, e Johannes foi entregue para outra família. Certamente agora você a ignora, mas deve saber que a Stasi estava a par de que sua amiga tinha uma aventura amorosa com uma mulher há muito tempo e ameaçou revelar para seu marido que ela era lésbica se não cooperasse. Nós ficamos sabendo que, após o seu colapso, foi internada em uma instituição psiquiátrica.

“A minha cabeça dava voltas. Jurgen estava morto. Judit estava em um desses hospitais psiquiátricos dos quais ninguém saía sem profundas sequelas. E a ideia de que obrigaram minha melhor amiga a delatar-me... Mas o pior de tudo isso era saber que Johannes estava sendo criado por uma família da Stasi. Será que esses agentes da Stasi (um casal que certamente não teria filhos) estariam dispostos a devolver o bebê a sua legítima mãe depois que essa mãe tivesse sido expulsa da sua ‘democrática’ e ‘humanista’ República? Nunca. Eu soube disso na mesma hora.

“Frau Jochum notou que eu havia compreendido tudo e tentou consolar-me um pouco mais:

“— O processo pode ser longo, Petra, mas eu lhe dou a minha palavra de que moveremos montanhas, se for preciso, para recuperar seu Johannes.

“— Não é preciso que movam montanhas — sussurrei. — Só o Muro.

“Durante as semanas seguintes, colaborei plenamente com eles e respondi a todas as suas perguntas. Aceitei sua oferta de ajudar-me a encontrar um pequeno apartamento e o trabalho na Rádio Liberty. Quando me ofereceram três mil marcos para comprar móveis e roupas, não disse não. Frau Ludwig se converteu em uma espécie de irmã mais velha para mim: saiu comigo para fazer compras, me mostrou Berlim Ocidental para que eu aprendesse a me orientar, se assegurou de que comesse bem em todos os momentos, tentou que eu estivesse razoavelmente bem de ânimo. Era evidente que estava me observando, para ver como eu lidaria com a situação.

“Meu estado de desconcerto, combinado com a angústia e a profunda dor que sentia, foi se transformando em uma silenciosa determinação de tentar chegar ao fim de cada dia. Quando chegou o momento de encontrar um pequeno apartamento em algum lugar, Frau Ludwig se preocupou ao ver que eu insistia em procurá-lo em Kreuzberg, perto do Muro, porque conhecia a razão pela qual eu havia escolhido esse bairro.

“— Será uma boa ideia viver tão perto de onde está Johannes? — perguntou Frau Ludwig.

“— Eu preciso estar perto dele — respondi.

“— Mas sabendo que não pode estar com ele, não estará mantendo sua ferida aberta?”

“— Você acredita, de verdade, que um dia ela fechará?”

“— Sendo mãe como eu sou, não. Duvido muito que algum dia se feche. Mas falando como a pessoa que cuida de você... Verá que com o tempo encontrará uma maneira de assimilar — disse Frau Ludwig.

“— Isso não irá acontecer nunca — respondi.

“Um ano depois, a ferida segue tão aberta e em carne viva como no primeiro dia. O amor que eu sinto por você, Thomas (o amor que me deu, o amor que compartilhamos), mudou a minha vida, naturalmente. Eu voltei a sentir a felicidade. Mas antes de você, a única verdadeira felicidade da minha vida foi Johannes. Por mais que tente convencer a mim mesma que devo aceitar a perda, de que nunca voltarei a vê-lo e de que eu devo lamentar sua falta como se ele estivesse morto, não consigo assimilar essa realidade. Sua ausência tinge tudo, e sei que sempre será assim. Por isso tenho que lhe dizer que o melhor para você, eu sei disso, é que se afaste de mim e de tudo isso. Porque enquanto o meu filho estiver vivo do outro lado dessa monstruosidade, sendo criado por uma família que não é a sua, criado por pessoas que o receberam como prêmio em troca de seu trabalho sujo para o regime, uma parte de mim estará sempre tão ferida e tão triste que a convivência comigo será impossível.

“Por isso, Thomas, levante-se agora mesmo e vá embora. Salve-se de tudo isso. Salve-se de mim.”

Oito

Assim que Petra terminou de falar, levantei-me e peguei-a em meus braços. Mas a reação dela a esse abraço, a essa tentativa de confortá-la, foi desconcertante. Ela estava flácida, sem vida, como se o ato de contar essa história terrível a tivesse esgotado inteiramente. Eu a segurei perto de mim, dizendo:

— Quando você entrou aqui, naquela noite, a primeira noite que passamos juntos, você me pediu para nunca deixá-la partir. Eu prometi que não deixaria. E essa promessa se mantém, ainda mais depois de tudo que você acabou de me contar.

— Você está falando sério?

— Você sabe que sim. Assim como sabe que não há nada que eu não faria por você, por nós.

— Nós... — disse ela, pronunciando o pronome com cuidado, como se fosse estranho a ela ou, pior ainda, uma palavra que havia sido proscrita. — Eu só quero isso. Mas...

— Não vou aceitar a palavra “mas”. O que você tem passado, o que você sobreviveu, teria quebrado a maioria das pessoas. Mas isso não a quebrou. Agora, juntos, temos uma chance real de felicidade.

— Mas como posso ser feliz se Johannes está com essas pessoas, como contei a você?

— Você pode ter outro filho. Comigo.

— Isso não vai trazer meu filho através do Muro. Nunca vai terminar com essa sensação de perda.

— Tem razão, mas vai significar que será mãe de novo! — expliquei.

— Mas você realmente quer isso, Thomas? — perguntou ela. — Você, que vive essa existência errante, que gosta de passear, de andar. Certamente você não quer ficar trocando fraldas ou se ver forçado a se estabelecer por um tempo...

— Eu quero isso, você, nós. E, sim, eu quero um filho com você.

— Por favor, não me diga isso só para me fazer sentir melhor.

— Eu estou dizendo isso porque eu quero dizer isso. E porque eu também farei tudo que puder para conseguir trazer o Johannes de volta para você.

— Você está sendo muito romântico, Thomas — disse Petra. — Aquilo que Herr Ullmann me disse há um ano estava correto: não há nenhuma maneira que se possa negociar com essas pessoas.

— Eles deixaram você sair...

— Porque tinham algo a barganhar, Klaus Mettel, um oficial de alta patente no *Bundesnachrichtendienst* que acabou por ser um agente da Stasi. Ele era um peixe tão grande para a Alemanha Ocidental que o trocaram por três dissidentes da Alemanha Oriental e por mim. E a única razão pela qual eles me queriam fora de lá era porque poderiam aprender tudo sobre as técnicas de

interrogatório de Stenhammer. Ele era um sujeito que tinha conseguido dobrar muitos de sua própria gente por lá. E eu fui capaz de dar a eles um relato muito abrangente de suas estratégias quando se tratava de dobrar suas vítimas...

— Mas ele não dobrou você...

— Não, eu não disse nada do que ele queria saber — respondeu Petra. — Mas ele conseguiu me dobrar, sim, do mesmo modo que fez com Judit...

— Mas ela a traiu! Traiu completamente!

— Recebi uma carta de Judit faz uns cinco meses. Uma carta que havia sido contrabandeada para fora por um primo de segundo grau que leciona em Tübingen e foi visitá-la no Leste. Segundo a carta, Judit passou apenas algumas semanas no hospital psiquiátrico, onde lhe foi administrado o tratamento de choque elétrico que, como ela disse, a castrou mentalmente.

Todos os sentimentos horríveis que eu tinha com relação a mim mesma por tê-la traído, traído nossa amizade, todos eles foram neutralizados pelo tratamento. Talvez eu me sinta agradecida por isso, porque o horror de ter delatado você, semana após semana, era difícil de aturar. Mas esse horror tornou-se insuportável depois de sua prisão e depois que Johannes foi tirado de você. Aquele meu “colapso nervoso”, que era a palavra oficial para ele, uma vez que todos estão muito felizes na República Popular para cogitar a ideia de tirar a própria vida, foi uma tentativa de suicídio. Virei o botão do gás do meu forno, enfiei a cabeça lá dentro, desmaiei... E fui encontrada por um vizinho.

Judit me contou que fora chantageada para informar sobre mim porque possuía um “segredo”, e tinha pavor que ele viesse a público. E uma vez que possuía um emprego como professora de arte em uma escola primária, ela estava certa de que a revelação sobre o seu lesbianismo significaria o fim de sua carreira. Ela me disse que não estava tentando arranjar desculpas para o que tinha feito ou pedir o meu perdão, porque ela mesma achava imperdoável o que fez. Mas queria que eu soubesse que, na manhã de minha prisão, Judit tinha feito uma varredura em meu apartamento e recolhido vários álbuns de fotografias e algumas cartas antes que a Stasi chegasse e virasse o lugar de cabeça para baixo. Se tivesse alguma maneira que eu pudesse recolher esse material com ela...

— E essas fotos eram de...

— Meus pais, minha infância, meus amigos em Prenzlauer Berg. Mas, acima de tudo, eram todas as fotos que tirei de Johannes durante esse primeiro ano e único ano que passamos juntos.

— E Judit voltou a dar aulas de novo? — perguntei.

— Nunca mais — respondeu Petra. — Em sua carta, conta que está de licença médica por tempo indeterminado. Pelo que pude compreender, ela passa a maior parte do tempo em casa, em seu pequeno apartamento, e seu marido a deixou por outra mulher enquanto ela estava no hospital.

— E se eu aparecer na porta dela, dizendo que vim buscar as fotografias...?

Petra olhou para mim com cuidado.

— Mas você poderia ser preso, jogado na prisão.

— Por qual motivo? Por ter ido recolher alguns álbuns com fotos de família?

— Eles encontrarão uma razão para prendê-lo. É muito perigoso, muito arriscado.

— Não como estou vendo as coisas...

— Você faria isso, de verdade? — perguntou ela.

— Farei isso. Amanhã de manhã.

— Mas não precisa — replicou ela.

— Por acaso tem alguma foto de Johannes com você? — perguntei.

— Nenhuma — respondeu Petra. — Quando eles me prenderam levaram minha carteira com as fotos de meu filho que eu tinha comigo. Quando me expulsaram, eles mantiveram a carteira.

— Então, aí está. Amanhã, ao anoitecer, terá algumas fotos.

— Eu queria poder dizer “Sim, por favor, vá”... Mas se alguma coisa acontecer com você...

— Qual é a sua opinião? Acha que Judit ainda está sendo observada?

— Bem, considerando que estou fora do país e que a vida dela está arruinada, duvido.

— Então, está decidido. Vou levantar cedo e cruzar o Checkpoint Charlie por volta das oito. Presumo que possa tomar o U-Bahn até ela.

— Sim, você pega o metrô em Stadtmitte — que é a primeira estação de Berlim Oriental depois do Checkpoint Charlie — até Alexanderplatz. Em seguida, você alterna tomando um bonde indo para Danziger Strasse. Desce na Marienburgerstrasse e cruza a linha do bonde, andando duas ruas até chegar a Rykestrasse. O apartamento dela está no número trinta e três e seu nome, Fleischmann, está na campainha. Vou escrever uma carta explicando muito pouco, exceto o fato de que você foi buscar as minhas fotografias. Assim que pegar aquilo que ela puder lhe dar, bem... Terá que dar um jeito de não ser visto carregando os álbuns de volta.

— Posso levar uma mochila comigo, grande o suficiente para trazer alguns álbuns de fotografias.

— E se eles abrirem a mochila na hora em que você estiver voltando? — perguntou Petra.

— O pior que podem fazer é confiscar as fotos — respondi.

— Dificilmente isso seria o pior que eles podem fazer — retrucou ela.

— Eu sou um cidadão americano.

— E como todos os americanos, acha-se indestrutível...

— De jeito nenhum — repliquei. — Uma coisa eu sei, que se eu não voltar até o anoitecer, vou arranjar alguém para fazer uma chamada para minha embaixada e eles vão enviar os fuzileiros navais.

— Você não tem que fazer isso.

— Tenho, sim.

Àquela altura, finalmente compreendi o horror e a tristeza que obscureciam cada movimento de Petra. O próprio fato de que ela conseguira, de alguma forma, sobreviver a tudo aquilo que desabara sobre ela me pareceu extraordinário e me fez desejar ainda mais acertar as coisas para essa

mulher. Enquanto nos agarrávamos na cama mais tarde naquela noite, eu lhe disse:

— Isso tudo vai dar certo. Podem levar meses, talvez alguns anos. Mas você vai ter Johannes de volta.

— Por favor, pare com este tipo de conversa agora — sussurrou ela. — Eu sei que você quer o meu bem, que deseja consertar tudo isso. Mas toda essa conversa positiva, toda a esperança... Isso tem um efeito contraditório sobre mim. Isso só reforça a *desesperança* da situação. E agora, se alguma coisa acontecer com você por lá...

— Nada vai acontecer porque eu pretendo ter muito cuidado.

Olhei para o relógio ao lado da cama. Eram apenas alguns minutos depois das dez. Acertei o alarme para as seis e meia da manhã seguinte, dizendo a Petra que eu queria partir cedo para o Checkpoint Charlie e tentar chegar ao apartamento de Judit antes das oito e meia, para o caso de pegá-la em casa antes que ela saísse para seus afazeres diários.

— Bem, pelo que pude entender da carta, Judit quase nunca sai de casa, é praticamente uma reclusa — disse ela.

— Será que ela fuma? — perguntei.

— Praticamente todo mundo acima dos treze anos de idade fuma na RDA, exceto os atletas, que são desenvolvidos naquelas granjas de criação intensiva deles... Então, sim, um pacote ou dois de Camel irão conquistá-la imediatamente.

— E a carta de apresentação?

— Vai estar pronta no momento em que você acordar — respondeu ela.

— Eu te amo, Petra.

— Eu te amo, Thomas.

Depois de um beijo longo e prolongado, virei-me e rendi-me ao sono. Despertei, oito horas depois, ao som do alarme sendo desligado e o cheiro de um cigarro queimando.

— Quer um café? — perguntou Petra.

— Quando você se levantou? — perguntei.

— Não dormi...

— Mas por quê?

— Só estava preocupada.

— Sobre essa minha viagem?

Ela encolheu os ombros, assentiu com a cabeça, em seguida deu de ombros novamente, virando a cabeça em outra direção, e de repente seus olhos se encheram de lágrimas. Eu fui imediatamente para fora da cama, mas quando tentei pegá-la em meus braços, ela se levantou e pegou seu casaco, dizendo:

— Acho que eu deveria voltar para o meu quarto por um tempo.

— Petra, não há realmente nenhuma necessidade...

— Eu só preciso ficar sozinha.

— Eu vou ficar bem.

— Eu não quero que você faça isso. Eu não preciso das fotografias. Eu não preciso de recordações do...

— Você escreveu a carta para Judit?

Ela apontou para um envelope lacrado sobre a mesa. Tinha o nome de Judit Fleischmann escrito na frente. Próximo a ele estava um pedaço de papel, coberto com a caligrafia clara de Petra.

— Escrevi o endereço de Judit — disse ela — e mais todas as instruções necessárias para chegar ao seu apartamento. Eu estarei esperando por você aqui esta noite com o jantar pronto. Por favor, tente voltar às seis, senão eu...

— Estarei de volta às seis.

— Não vou conseguir nem pensar até esse horário...

Ela beijou-me profundamente, pegou o casaco e se dirigiu para a porta.

Eu queria ir atrás dela, pegá-la em meus braços e tranquilizá-la, dizendo novamente que tudo ficaria bem. Mas outra parte de mim sabia que, quando Petra estava tendo um daqueles momentos em que a tristeza e a preocupação estavam nublando tudo, era melhor não pressioná-la. Se a morte de um filho era a pior coisa que poderia acontecer a qualquer um, então a ideia de ter seu filho fisicamente removido de você e colocado para viver com outra família... Bem, isso não era nada menos do que a morte em vida, especialmente quando essa situação era combinada com a percepção de que você poderia nunca mais ver seu filho novamente.

Adicione a isso o entendimento de que, a cada dia, cada semana, cada mês, o bebê se tornaria ainda mais ligado a seus novos pais, e que ele não teria nenhuma lembrança da mãe que o trouxe a este mundo, que o adorava a partir do momento em que ele respirou pela primeira vez, e cuja vida inteira foi centrada nele... Eu, por exemplo, teria enlouquecido de dor e raiva a esta altura dos acontecimentos. Essa punição não era apenas cruel e vingativa de uma forma inimaginável, era também loucamente injusta.

Será que eu achava que trazer de volta algumas fotografias de Johannes iria, de alguma forma, aliviar a agonia de Petra? Eu duvidava que isso fosse acontecer, mas ainda assim precisava atravessar para o outro lado e recuperá-las. Porque, *sim*, dessa minha forma muito americana de ser, eu queria de algum modo tentar fazer o bem, para compensar todas as coisas terríveis que haviam sido lançadas no caminho daquela mulher. E minha mente já havia elaborado cenários e estratégias para, de algum jeito, fazer Petra se reunir a seu filho.

Mas outro pensamento me ocorreu enquanto me vestia. Eu não tinha discutido com Petra o que ela deveria fazer se eu fosse apreendido pelas autoridades da RDA, uma vez que havia a possibilidade de que eles ainda estivessem mantendo Judit sob estrita vigilância e poderiam imediatamente levar para interrogatório alguém que viesse visitá-la do Ocidente. Havia também a possibilidade de que, se eu fosse revistado em meu caminho de volta através do Checkpoint Charlie, eu poderia ser obrigado a responder a um monte de perguntas embaraçosas sobre as fotos em meus

bolsos. Eu sabia que a desculpa esfarrapada de que estivera levando essas fotos para mostrar aos meus amigos em Berlim Oriental seria completamente desmentida pelo fato de que as fotografias claramente não tinham sido impressas nos Estados Unidos.

Se essa detenção realmente acontecesse e eu não voltasse... Bem, o pânico de Petra seria enorme. E mesmo que ela ligasse para a Embaixada, e daí?

Enquanto procurava meu passaporte e me perguntava se devia deixar um bilhete a Petra, explicando a ela o que fazer caso eu não chegasse em casa ao anoitecer, ouvi movimentos lá embaixo, especificamente o ruído de panelas e frigideiras sendo empurradas e afastadas e Alastair gritando “Que merda!” quando alguma coisa atingiu o chão. Um pensamento me veio à mente imediatamente: à parte todas as suas bravatas e extremismos, ele era um homem estranhamente bom. Alguém em quem eu poderia confiar.

Então, juntando a minha mochila, a carta para Judit e o papel em que Petra havia anotado o endereço dela, desci as escadas correndo. Alastair estava de joelhos ao lado do fogão, varrendo os restos de uma omelete em uma pá de lixo.

— Inepto do cacete, *comme d’habitude*. Eu era muito mais estável sob a heroína.

— Isso não parece estar afetando o seu trabalho — disse eu, apontando para as três telas quase terminadas apoiadas ao longo da parede dos fundos do estúdio.

Embora elas se assemelhassem aos estudos geométricos em diferentes tons de azul nas quais estivera trabalhando antes do ataque, não eram meras reproduções. Pelo contrário, essas novas pinturas tinham uma fluidez e uma complexa profundidade em coloração e perspectiva que assinalavam um distanciamento real de seu trabalho anterior. Já tinham desaparecido os azuis primais e as linhas cristalinas que definiam aqueles. Estas telas eram mais incomodadas, embora extremamente confiantes, um domínio real de formas e matizes entre a abstração mal-humorada. Alastair me viu ao estudá-las, embora talvez o verbo certo fosse “atrair-se” por elas, pois exerciam um efeito visceral em mim.

— E então, você aprova? — perguntou ele.

— Totalmente.

— Café?

— Por favor...

— Acabo de ver Petra saindo. Alguma coisa de errado entre vocês dois?

— Vamos tomar um café e fumar um cigarro.

— Vamos.

O café estava sendo coado enquanto aceitei um dos Gauloises de Alastair.

— Você acordou bem cedo — disse eu.

— Trabalhei a noite toda — respondeu Alastair. — Tenho estado em um desses ataques maníacos nos últimos dias. O que também foi uma reação a uma pequena mudança na minha vida.

— Alguma coisa grave?

— Aqui está uma pergunta semântica para o escritor americano: o rompimento de uma relação é coisa grave?

— Você e Mehmet?

Alastair assentiu.

— Mas eu pensei — disse eu — que depois daquela pequena discussão as coisas tivessem se assentado novamente.

— Realmente, foi o que aconteceu — respondeu ele. — Mas então, a esposa ficou, como se costumava dizer nos salões vitorianos, “prenha”, e Mehmet sentiu que simplesmente não podia correr o risco de me ver novamente.

— Quando ele lhe contou isso?

— Dois dias atrás.

— Você deveria ter dito alguma coisa — retruquei.

— E romper o Código Fitzsimons-Ross do estoicismo, transmitido ao longo de séculos por gerações de rígidos protestantes montados em lombo de cavalo? — respondeu Alastair. — Eu sabia que isso aconteceria um dia. Mas como acontece com a maioria das coisas que sabe que um dia irão finalmente chegar à sua vida e deixá-lo angustiado, você tende a não se prender a essa inevitabilidade. Mesmo quando tivemos aquele pequeno contratempo, há algumas semanas, e Mehmet finalmente apareceu por aqui de novo depois de alguns dias, eu sabia que era só uma questão de tempo antes que o inevitável acontecesse. E se você me perguntar como eu estou me sentindo, liberarei minhas tendências homicidas...

— É tão ruim assim?

— Você nunca conhece seus verdadeiros sentimentos sobre alguém até que esse alguém não está mais em sua vida. Pense em todas as pessoas que ficam quarenta anos casados com a pessoa errada, e sentindo-se presas pela maior parte do tempo. Então o cônjuge odiado morre e a pessoa fica abandonada.

— Ou tem aqueles que deixam a pessoa ir embora e depois descobrem que haviam dispensado o amor de suas vidas.

— Eu não deixei Mehmet ir.

— Eu sei disso.

— Essa droga dessa história está me incomodando mais do que eu gostaria, mas...

Pude ver que seus olhos se encheram d'água quando ele se afastou de mim e se levantou para pegar o café que já estava coado, enxugando as lágrimas com a manga do moletom manchada de tinta. Então, respirando fundo para se recompor, Alastair se voltou para mim e disse:

— E agora, estamos saindo de assunto, porra!

Eu assenti com a cabeça enquanto olhava para o relógio, e percebi que já eram sete horas e oito minutos.

— Correndo para algum lugar? — perguntou ele.

— Posso confiar em você com relação a uma coisa, Alastair? Algo muito particular e que nunca deve ser discutido com mais ninguém além de mim?

Sem parar para pensar, ele disse:

— Claro.

Eu podia ver na clareza do seu olhar que ele estava falando a verdade. Então, contei que estava prestes a atravessar para Berlim Oriental e expliquei o propósito da minha viagem. Contei-lhe também sobre a prisão de Petra, sua terrível temporada no cárcere, o suicídio de seu marido, e a maneira como seu filho foi “adotado” por uma família Stasi. Alastair ouviu em silêncio. Quando terminei de falar, a resposta dele foi alcançar seus cigarros, acender um e olhar para longe por alguns momentos.

— Você nunca realmente conhece os horrores que as outras pessoas carregam com elas, não é? — disse ele. — Lá estava eu, pensando que Petra estava triste, e talvez a tristeza tivesse a ver com um caso de amor mal resolvido no passado, ou que fosse mais um daqueles casos de “remorso do comprador” do qual muitos emigrantes sofrem depois de terem desembarcado no Ocidente. Mas esse pesadelo a que ela foi forçada a viver... É indescritível. Não tenha medo, eu nunca vou deixar escapar uma palavra de que sei alguma coisa sobre isso a nenhuma alma, muito menos para Petra. Mas obrigado por confiar-me tudo.

— Eu não tenho nenhum contato na embaixada dos EUA e definitivamente não quero que ninguém telefone para a Rádio Liberty, pois isso poderia colocar a Petra em risco. Mas se eu não chegar hoje à noite no máximo até as oito da noite...

— Pode deixar, mantereí a Petra calma — garantiu Alastair. — E vou garantir que a pessoa no consulado americano, acho que chamam de “oficial em serviço”, esteja totalmente informado. Mas tente voltar inteiro e trazendo as fotografias.

Meia hora mais tarde, e eu já estava saindo da estação do metrô em Kochstrasse, passando pelo cartaz dizendo “Você está deixando o setor americano” e seguindo em direção às barreiras mais à frente. Quando cheguei ao portão, um soldado me olhou. Eu assenti, indicando que desejava atravessar. Ele acenou de volta. A barreira foi levantada. Caminhei para dentro do posto. Aparentemente, eu era o único cliente naquela manhã. O oficial uniformizado da *Volkspolizist* na cabine aceitou o meu passaporte e me fez as perguntas habituais: “Objetivo da visita?” (“Turismo”). “Alguma coisa a declarar?” (Eu balancei minha cabeça, negando). “Você está ciente de que este é um visto de apenas um dia e de que deve estar de volta a este posto de controle, e apenas a este posto de controle, às 23h59 desta noite?” (“Sim, estou ciente disso”). Então ele me pediu a taxa obrigatória de entrada de trinta marcos. Eu já estava com o dinheiro separado no bolso e, depois de entregá-lo, o guarda empurrou de volta para mim trinta *ostmarks*, o queixo saliente de Lênin preenchendo metade das cédulas. Então, me fez uma última pergunta:

— Você está trazendo quaisquer bens que pretende deixar na RDA?

Na verdade, eu tinha cinco maços de Camel Filters e seis barras de chocolate Ritter na minha mochila, mas decidi arriscar e simplesmente disse: “Não”. O guarda me estudou e decidiu não

continuar o assunto. Com um aceno de cabeça em direção ao Leste, ele indicou que eu estava dentro.

Para a próxima barreira. Meu passaporte foi checado novamente, a barreira foi levantada, e eu fui em direção a uma Friedrichstrasse quase vazia, seguindo para a estação Stadtmitte do metrô. O dia estava claro, ensolarado, quase quente. Eu pisquei para a luz implacável, observando essa avenida sombria, ainda desprovida de pessoas, carros, sinais de vida. A estação de metrô estava logo adiante. Desci as escadas estreitas e encontrei-me em um mundo subterrâneo de luzes duras e o fedor de um desinfetante muito poderoso. Comprei um bilhete. Então esperei pelo trem para Alexanderplatz, compartilhando a plataforma com duas outras pessoas. Eles formavam um casal jovem em seus vinte anos, ambos vestindo jaquetas de náilon, a dele cinza e a dela uma curiosa sombra de marrom, às vezes sorrindo quando seus olhos se encontravam, mas parecendo hesitantes e um pouco tímidos. Talvez tivessem passado a noite juntos pela primeira vez. Ou estariam eles tateando seu caminho para o amor e ainda não tinham muita certeza de como levar isso adiante? O rapaz tinha longos cabelos levemente gordurosos e um bigode que estava apenas a um passo da penugem adolescente. Ela mostrava um rosto bonito, mas estava um pouco pesada na cintura. Durante todos os cinco minutos enquanto esperávamos pelo próximo trem, eles trocaram muitos olhares tímidos, ainda que afetuosos, mas nem uma palavra se transmitiu entre eles. Novos amantes, sem dúvida, no submundo desinfetado do metrô da Alemanha Oriental.

Quando estávamos prestes a embarcar no trem que estava chegando, olhei à minha direita e notei que agora, na plataforma, estava um homem de terno azul que emitia um brilho similar ao da sarja. Ele estava meio escondido por um pilar, lendo a cópia daquela manhã do *Neues Deutschland*. Usava um chapéu de palha de abas estreitas e coroa alta, e tinha enormes óculos escuros. Quando percebeu que eu tivera um vislumbre dele, ajustou seu corpo muito lentamente até desaparecer atrás do pilar. Imediatamente fiquei imaginando se esse homem vinha me seguindo desde o posto de controle no Muro. À medida que o trem avançava para a estação, descii pela plataforma para longe dele e embarquei no segundo carro.

O trem levou apenas dez minutos para chegar à Alexanderplatz, e o Sr. Agente Secreto (como eu passara a chamar o homem misterioso) nunca apareceu no vagão onde eu me sentara. Quando o trem do metrô parou, disparei escadas acima e emergi da estação na sombra daquela enorme e arrogante torre de televisão que dominava a praça estéril. Olhei para o relógio. Eu precisava me manter em movimento. Então caminhei até o ponto do bonde que ficava bem ao lado da grande estação S do metrô e vi que estava com sorte: um bonde em direção a Danziger Strasse estava saindo. Eu subi a bordo e pude ver meus companheiros de viagem me olhando cautelosamente. Será que eu era tão facilmente identificável como sendo um visitante vindo do Ocidente? Mesmo vestindo esse surrado casaco do exército, eu era assim tão ridiculamente óbvio? E fiquei um pouco desconcertado ao ver o homem de óculos escuros e chapéu de palha de abas estreitas na outra extremidade do bonde. Será mesmo que eu estava sendo seguido? Ou era apenas mais uma daquelas estranhas coincidências, e esse homem poderia ser apenas outro sujeito usando um chapéu e óculos estilo anos 1950?

Tive minha resposta quando descii do bonde, seguindo as instruções de Petra nas anotações,

em Marienburgerstrasse. O Sr. Agente Secreto me seguiu. E então tomei uma atitude extrema e potencialmente estúpida. Comecei a correr. Mas em vez de cruzar os trilhos à minha esquerda, eu fiz uma linha reta por uma rua em que havia uma igreja em mau estado. O poste da rua, que indicava Heinrich-Roller-Strasse, passou de relance por minha vista, e meu velho treino de corridas voltando à tona, enquanto eu olhava para trás e via o Sr. Agente Secreto vindo em minha perseguição. Mas ele parecia estar pendendo para o lado do físico mais pesado e possivelmente não tinha treinado tanto quanto eu recentemente, de forma que ele me perdeu de vista em instantes quando cortei para um beco e me escondi atrás de um carro estacionado. Três minutos mais tarde ele apareceu correndo, com o rosto da cor de beterraba, murmurando “*Scheisse*” baixinho, olhando para todos os lugares em volta, claramente em pânico. Esperei mais um minuto antes de espiar o que acontecia no fim do beco, e o vi no fundo da rua, olhando descontroladamente para a esquerda e a direita, e, em seguida, saiu correndo para a direita. Assim que tive certeza de que ele não estava voltando, corri para a rua e mergulhei numa rua lateral, e em seguida de volta para os trilhos do bonde. Felizmente não havia policiais por perto e os poucos transeuntes olhavam levemente espantados. Talvez pensassem que eu estivesse correndo para pegar o bonde.

Quando cheguei aos trilhos do bonde, que se bifurcavam em uma avenida chamada Prenzlauer Allee, parei de correr, especialmente porque a polícia estava por perto. Olhando para a direita e esquerda e muito atrás de mim, não vi nenhum sinal do Sr. Agente Secreto. Perguntei-me se ele teria se escondido em uma cabine telefônica ou em uma loja para fazer uma chamada a seus superiores, dizendo-lhes para estar à procura de um ocidental com uma jaqueta escura, verde, vagando pelos arredores do ponto do bonde de Marienburgerstrasse. Com meu coração batendo selvagememente, tirei a jaqueta e a empacotei em minha mochila. E então cruzei os trilhos rapidamente, mas não a uma velocidade que pudesse atrair a atenção para mim. Mantendo a cabeça baixa, continuei me movendo até que encontrei a Rykestrasse, uma rua de imponentes blocos de apartamentos do século XIX, todos com muita necessidade de um trabalho de pintura, e ainda impregnados de certa solidez burguesa. Havia uma torre similar a Martello no fim da rua, enegrecida por carvão e outros poluentes, sua alvenaria lascada, desgastada, como um resquício em ruínas de um conto de fadas dos Grimm. Puxei a carta de Petra. Judit morava no número trinta e três da Rykestrasse, um prédio que tinha um pórtico quase gótico em ruínas, em que tinha sido colocada uma sombria porta de aço. Ela se abriu com um empurrão, uma vez que não havia um sistema de segurança, e as anotações de Petra informavam que o apartamento de Judit ficava no andar térreo, logo à esquerda da escada que levava aos andares superiores. As escadas estavam em condição perigosa, com grandes lascas ausentes em sua construção em pedra, outrora sólida. Havia duas lâmpadas fluorescentes, suspensas de forma desigual em uma claraboia com vidro rachado, lançando ao *hall* de entrada um estranho brilho laranja. E o aroma de gordura queimada e repolho cozido se misturavam ao do desinfetante, aquele mesmo com cheiro tóxico que eu havia sentido no metrô. A porta de Judit também era feita de aço, mas parecia que tinha sido repetidamente atacada com um martelo ou outro objeto pesado. Eu podia ouvir um rádio tocando lá dentro, uma voz misturada com uma quantidade considerável de estática. Bati na porta várias vezes. Nenhuma resposta. Bati novamente, desta vez com mais força. O rádio foi desligado e a porta se abriu em uma pequena fenda. Eu estava olhando para um par de olhos, por trás

da porta, de onde veio uma voz rouca:

— *Ja?*

— Você é Judit Fleischmann?

— Quem é você? — perguntou ela, parecendo acusadora e um pouco temerosa.

— Eu sou um amigo de Petra Dussmann.

— Não conheço nenhuma Petra Dussmann.

— Tenho aqui uma carta dela para você.

— Eu não acredito em você.

— Meu nome é Thomas Nesbitt, e vivo com Petra em Kreuzberg.

Eu disse isso em voz baixa, apenas para o caso de haver vizinhos intrometidos ou dispositivos de escuta plantados ao redor.

— Você não está mentindo? — perguntou ela, com voz trêmula.

Tirei a carta de meu bolso e levantei-a na altura da fenda da porta.

— Ela escreveu-lhe isto — disse eu.

A pequena mão trêmula subiu e arrancou a carta de mim. A porta de repente se fechou. Esperei lá fora, me xingando por ter permitido que a mulher me arrebatasse a carta e não me deixar entrar no apartamento. Mas depois de um momento, a porta se abriu e me vi olhando para uma mulher diminuta, que não podia ter mais do que um metro e meio de altura, com cabelo cortado curto que tinha virado grisalho, um rosto que, embora uma vez pudesse possivelmente ter sido atraente, já estava fortemente marcado por rugas. Ela tinha um cigarro entre os dedos com unhas fortemente mastigadas e vestia um roupão surrado com motivos florais. Parecia muito magra e emaciada. Seus olhos eram ressaltados por profundos anéis escuros que lhe davam a aparência de uma insônia perpétua. Pude perceber que ela notou que eu tinha ficado desconcertado por sua aparência, então baixei os olhos enquanto ela sussurrava:

— Entra, entra. Se alguém vê você...

Entrei e ela rapidamente fechou a porta atrás de mim. Eu estava em uma sala de cerca de vinte metros quadrados. O teto era alto, e essa era a única coisa que o recomendava. Era miserável. Linóleo amarelado no chão, uma persiana de cor creme manchada cobrindo metade da janela gordurosa. Uma cama de casal em um canto, desfeita, com um cobertor salpicado por queimaduras de cigarro. Uma chapa elétrica, uma pequena geladeira, uma pia com pratos sujos empilhados, garrafas vazias de aguardente e cinzeiros cheios, uma pequena pilha de livros ao lado de uma mesa dobrável de cartas que servia de escrivaninha improvisada e roupas espalhadas por toda parte. A pequenez do lugar não chegou a me incomodar, uma vez que tinha morado em um número considerável de lugares pequenos. Nem a natureza básica do mobiliário, já que apenas poucos privilegiados deste lado do fosso ideológico tiveram acesso a bens de consumo decentes. Não, o que era verdadeiramente inquietante sobre esse lugar é que era o apartamento de alguém que tinha escolhido viver assim, de uma maneira triste. Eu só poderia me perguntar se esse sentimento de autoflagelação tinha começado a aumentar quando ela foi forçada a dedurar sua amiga Petra e aumentou radicalmente após Johannes

ter sido tirado dela.

A mulher estendeu a mão e ligou o rádio, aumentando o volume. A voz do locutor agora estava aos berros.

— Fiz isso para que eles não possam nos ouvir — disse ela, sua voz curtida e arquejante por causa de cigarros demais. — Se, isto é, eles estiverem se preocupando em ainda me vigiar. Desde que meu marido partiu, tenho estado aqui completamente por minha conta, sozinha, por isso, caso eles estejam escutando, ouvirão apenas o rádio e mais nenhuma conversa. Como você disse mesmo que era seu nome?

Eu disse a ela de novo.

— Sente-se aqui — ordenou ela, apontando para uma cadeira dobrável. — Você quer chá? Eu não tenho café, porque o café não é bom aqui.

— Eu tenho café — respondi, abrindo a minha mochila e retirando lá de dentro os dois sacos de café pré-moído, além de meus outros presentes.

— Você trouxe isso para mim? — disse Judit, de olhos arregalados.

— E algumas outras coisas — respondi. — Petra me disse que você gostava de um cigarro forte, mas com filtro, e então eu...

Mostrei os cinco maços de Camel Filters. Judit começou a sacudir a cabeça, como se estivesse em considerável sofrimento:

— Por que você fez isso? — perguntou ela.

— Porque eu achei que seria bom trazer-lhe algumas coisas. Você gosta de chocolate, espero?

Nesse momento, deposei sobre a mesa as seis barras de chocolate Ritter, duas de menta, duas de marzipã, uma de iogurte e uma de amêndoas. Ficaram ao lado dos cigarros e do café.

— Leve tudo isso de volta, eu não mereço.

— Não vou levar nada de volta.

— A Petra lhe contou?

— Sim, ela me contou tudo.

— *Tudo?*

— Absolutamente tudo.

— E ainda assim você quis trazer tudo isso para mim? — perguntou ela.

— Ela perdoou você — respondi.

Judit baixou os olhos quando eles se encheram de lágrimas.

— Como ela pode me perdoar?

— O que diz a carta?

Ela pegou um surrado par de óculos de aro fino, um dos lados preso com fita isolante preta. Depois de colocá-los na ponta do nariz, abriu a carta. Pelo que pude perceber, era uma carta curta e que cobria menos de um lado da página. Judit moveu os lábios enquanto lia. Quando ela terminou,

baixou a cabeça e começou a solçar baixinho. Levantei-me e encontrei uma cafeteira bem avariada em uma prateleira ao lado da pia. Abri e encontrei lá dentro os restos endurecidos de borra velha de café. Tirei o filtro de estanho e deixei-o debaixo da torneira até que a água quente comesse a corroer os torrões de café entranhados. Demorou cerca de cinco minutos para soltar tudo e despejar seus restos encharcados na cesta de lixo. Então eu lavei a base do coador, remontei e medei cuidadosamente três colheres de café. Enquanto fazia tudo isso, Judit continuava sentada à mesa, perdida em seus pensamentos. Quando coloquei a cafeteira, agora limpa, na chapa, minha anfitriã saiu de seu devaneio e me disse:

— Eu poderia ter feito tudo isso.

— Eu sei, mas eu já estava de pé ao lado da pia — respondi.

— Você está sendo muito educado. Posso pegar um daqueles cigarros?

— Eles são seus, por isso não há necessidade de me perguntar.

— Eu me sinto... Um pouco estranha com tudo isso.

— Não há necessidade.

— Na carta, Petra diz muito pouco, exceto que ela gostaria que eu entregasse a você algumas fotos dela e Johannes. Ela também disse que tinha ouvido falar sobre a minha estadia no hospital e esperava que eu estivesse agora em um lugar melhor. E concluiu com uma frase: “Apesar de tudo o que aconteceu, eu ainda a considero minha amiga”.

Judit baixou a cabeça quando seus olhos se encheram de novo.

— O problema — disse ela, finalmente — é que eu não consigo me perdoar.

— Talvez o fato de que Petra a tenha perdoado...

— Ainda assim, eles levaram o filho dela. E ela nunca vai superar isso.

— Talvez, com o tempo, as coisas fiquem mais fáceis.

— Você é jovem... E, me parece, sem filhos. Embora você possa, eventualmente, ser capaz de imaginar como deve ser perder um filho, ou no caso de Petra, ter um filho tirado de você, ainda não poderá imaginar o verdadeiro horror de tudo isso.

— Você também perdeu um filho? — perguntei.

— Eu nunca quis filhos — respondeu Judit. — Porque eu sabia que eles apenas trazem dor, esse sentimento de perda. Como a dor que Petra está sofrendo agora. A dor que eu causei.

— Mas você não foi a razão pela qual Petra foi presa.

— Por favor, pare de tentar ser agradável a um estranho.

— Bem, então você acha que devo me comportar com um ser horrível, em vez disso?

Esse comentário levantou um pequeno sorriso nos lábios de Judit.

— O que você faz, Thomas?

Expliquei a ela.

— Quer dizer que Petra encontrou outro escritor para ela... — comentou ela, com mais de

uma pitada de ironia.

— Parece que sim — respondi.

— Não que eu tentarei comparar você com Jorgen.

— Isso é bom saber.

— Acredite em mim, é. Porque o homem... Ele era, ao mesmo tempo, brilhante, extraordinário. *Ein Wunderkind*. Mas então ele teve alguns contratempos e entrou completamente pelo cano. Começou a fazer coisas loucas, irracionais. Foi quando a Stasi veio para cima de mim. Porque alguém tinha informado a eles que eu era a melhor amiga de Petra. E eles tinham essa informação sobre mim. Será que Petra lhe contou sobre isso?

Assenti, observando como Judit foi dando essa informação como se fosse uma rotina, como se tivesse contado esses fatos (“ele entrou completamente pelo cano... Quando a Stasi veio para cima de mim”) muitas vezes, como uma forma de tranquilizar a si mesma de que as outras pessoas, as forças maiores, a tivessem prejudicado tanto.

— Sim — respondi —, ela me contou sobre a informação que eles tinham sobre você.

— Então você já sabe o meu segredinho sujo.

— Não acho absolutamente que seja “sujo”...

— Meu marido pensava o contrário. Ele descobriu através dos vizinhos e então se foi. Aquela mulher com quem eu estava envolvida... Ela terminou as coisas entre nós assim que a Stasi a visitou e contaram que sabiam tudo sobre o nosso “relacionamento”. Ela também tinha um marido... Mas ou ele nunca descobriu, ou então optou por não reagir, uma vez que me parece que os dois continuam juntos até hoje. Eu, como você pode ver, estou sozinha...

O café tinha terminado de coar. Quando me levantei para pegá-lo, ela insistiu em “bancar a anfitriã”. Trouxe duas xícaras de porcelana chinesa antigas, bastante finas, com desenho floral e que remontavam a um momento mais elegante no tempo. Trouxe ainda um açucareiro e um pequeno jarro, tudo no mesmo padrão. Ver esses objetos rarefeitos de tempos melhores em meio a essa miséria pessoal foi estranhamente tocante. Judit deve ter notado essa minha reflexão, pois disse:

— Essa louça pertencia à minha avó, porcelana de Dresdner. A menos que seja francês e acredite que o mundo da porcelana termina em Limoges. Vovó morreu em 1976 aos oitenta anos. Ela sobreviveu à destruição de sua cidade natal e se recusou a deixar a RDA quando isso ainda era possível, em 1960. Acho que havia se ajustado à austeridade da vida por aqui... Mesmo no fim da vida, continuou sendo aquela muito orgulhosa *Hausfrau* que polia duas vezes por semana aquilo de prata que lhe restara; de fato, ela conseguiu resgatar de Dresdner um conjunto completo de porcelana da casa da família que foi destruída pelo bombardeio dos Aliados, e que matou seus pais, sua irmã solteira e dois de seus três filhos que estavam com seus avós na noite em que a cidade foi arrasada. Uma mulher muito digna, a minha avó.

— Qual era o nome dela?

— Lotte. Mas agora você está me deixando contar histórias. E temos este excelente café para beber.

— Pode não ser tão bom...

Ela derramou um pouco na xícara e levantou-a ao nariz, sentindo seu aroma com um profundo suspiro.

— É tão bom.

Judit reabriu cuidadosamente um dos maços de Camel com filtro, tirando dois para fora e me oferecendo um. Eu aceitei e acendi os dois cigarros. Judit deu um longo trago no seu, deixando a fumaça sair com um gemido baixo de prazer. Então ela tomou o primeiro gole de café e sorriu.

— Obrigada — disse ela. — Já faz algum tempo que ninguém tem sido gentil assim comigo, desde que...

Deixou a frase inacabada.

— Conte-me sobre a vida de Petra em Berlim Ocidental — pediu Judit.

Imediatamente, pensei:

Perigo. Talvez, por toda essa conversa triste sobre sua vida ter sido arruinada, ela ainda possa pensar que poderia ganhar alguns privilégios se fornecesse à Stasi qualquer tipo de informação que viesse a descobrir pelo caminho. Ou quem sabe eu estivesse apenas sendo cauteloso demais.

— Petra está indo bem. Estamos muito felizes juntos — respondi.

— Ela está trabalhando?

— Sim, está trabalhando.

— Que tipo de trabalho?

— Traduções.

— Ah, isso faz sentido — exclamou Judit. — Ela sempre foi muito boa com idiomas. Ela está trabalhando para uma organização do governo?

— Por que é que isso lhe interessa? — perguntei, meu tom deliberadamente abrupto, para deixá-la saber que eu não estava gostando para onde essa linha de questionamento estava indo.

Judit percebeu rapidamente o tom de minha voz e respondeu:

— Só queria saber se Petra tinha um emprego de que gostasse...

— Ela tem um emprego de que gosta. — repliquei.

— Ótimo.

Seguiu-se uma pausa desconfortável. Que Judit quebrou:

— Você acha que eu estava procurando informações, não acha?

— Nem tanto.

— Não tenho mais nada a ver com aquelas pessoas. *Nada.*

— Realmente, não tenho nada com isso.

— Você foi seguido até aqui?

— Na verdade, eu estava sendo seguido, sim — respondi. — Mas consegui despistar o cara

em Prenzlauer Allee.

— Como você fez isso?

— Eu corri.

— Mas isso não chamou atenção? — perguntou ela.

— Até agora, não — respondi.

— Eles provavelmente estão agora vasculhando a área atrás de você.

— Esse pensamento me passou pela cabeça.

— Você acha que eu vou chamá-los no momento em que sair daqui — disse ela, sua voz de repente exausta.

— Eu honestamente não sei o que pensar agora.

— Eu juro, não vou fazer isso.

— Tudo bem, acredito em você — menti.

— Na verdade, vou lhe mostrar uma saída lateral do prédio que vai levá-lo a um beco e a uma rua. De lá você tem que andar um pouco, mas vai chegar, em dez minutos, ao metrô na Schönhauser Allee. Essa linha vai levá-lo de volta para a Alexanderplatz; em seguida, mude para a linha de Stadtmitte e a passagem da fronteira.

— Acho que eles ficarão desconfiados se eu cruzar a fronteira apenas algumas horas depois de vir para cá.

— Eles não se importam.

— Como você pode saber isso?

Mais uma vez, o meu tom de voz era desafiador, mas a questão era evidente. Como diabos ela poderia ter tal conhecimento das perguntas que me fizeram no Checkpoint Charlie?

— Claro, isso é mera especulação de minha parte — respondeu ela.

— Claro.

— Este cigarro é como o néctar. E o café. Petra é uma garota de sorte. Um americano generoso.

— Como você sabia que eu era americano?

— Eu apenas imaginei.

— Entendo.

— Bem, seu alemão... Parece americano... — disse ela.

Troquei para o inglês, perguntando:

— E agora, como estou soando? Americano?

Judit ficou tensa, parecendo alguém apanhado em uma possível mentira.

— Eu não falo inglês — disse ela, virando o rosto. — Não falo nada, a não ser alemão, e nunca estive fora da RDA. Você deve me perdoar. Por favor...

— Quando eu sair daqui...?

— Nada vai acontecer. Como eu disse antes, eu sou inútil para eles agora.

Alguém já se tornou totalmente inútil para “eles”? Eu me perguntava.

Esse era o problema em enfiar o dedo do pé nas águas turvas de uma sociedade altamente vigiada que operava de acordo com os princípios do medo e da paranoia. Você nunca poderia realmente saber em quem acreditar, no que acreditar. Ambiguidade, dúvida e desconfiança eram a Santíssima Trindade ali, e assistir a Judit se tornar cada vez mais agitada quando percebeu que eu estava desconfiando dela sinalizou o fato de que era hora de eu ir embora.

— As fotografias que Petra mencionou na carta...

— Claro, claro — disse ela, levantando-se com o cigarro ainda em seus lábios. Eu guardei tudo em um esconderijo especial. Então, se você não se importar de fechar os olhos por um momento...

— Por que eu deveria fazer isso? — perguntei, minha voz afiada enquanto controlava a raiva. — A quem você pensa que vou contar sobre o seu esconderijo?

Eu podia vê-la tensa no corpo inteiro novamente. De repente, senti-me muito mal em ser ríspido com ela, mas também não pude deixar de pensar como esta mulher havia denunciado Petra durante anos e, simultaneamente, continuar a ser sua melhor amiga. Ainda assim, eu tinha que me lembrar dos próprios comentários de Petra sobre Judit, sobre o fato de ela ter sido colocada sob o pior tipo de pressão psicológica que existe e me lembrar ainda de que eu não poderia me engajar nesse tipo de sermão moralista com relação a um sistema sob o qual, felizmente, nunca fora obrigado a viver.

— Tem razão, tem razão — disse eu. — Não tenho nada que ver seu esconderijo. Então, eu vou me virar e fechar os olhos, e só vou abrir de novo quando me avisar.

Fiz exatamente isso. Menos de trinta segundos depois, ela disse:

— Você pode abri-los agora.

Quando fiz isso e me virei para ela, pude ver que estava chorando.

— Obrigada por isso — disse ela.

— Me desculpe se eu fui um pouco abrupto antes — pedi.

— Por favor, por favor, não se desculpe... Sou eu que devo pedir desculpas... Por tudo.

Notei que ela estava com um álbum de fotografias em uma das mãos, um pequeno livro com uma capa de vinil cinza:

— Aqui — disse ela, estendendo a mão para mim. — Consegui um amigo comum para levar uma carta a Petra depois que ela atravessou a fronteira, explicando que eu fora capaz de pegar seus álbuns de fotografia antes que a Stasi selasse o apartamento dela. Coloquei todos eles em um único livro. Eu gostaria de ter sido capaz de recolher mais de seus pertences, mas tive tão pouco tempo e eles chegaram seis, sete minutos depois que eu estava lá. Espero que isso leve a ela algum conforto...

Uma vez mais ela interrompeu suas palavras, sacudindo a cabeça, murmurando para si mesma.

Abri o livro. Eram fotos de Petra segurando Johannes perto dela na cama do hospital, evidentemente logo após seu nascimento. Havia fotografias dele dormindo em um berço pequeno. De Petra amamentando. De Petra fazendo carinho nele em um sofá. Johannes segurando uma zebra de pelúcia. De Petra empurrando Johannes em um carrinho ao longo de uma rua. De Petra com ele em um parque infantil, talvez o mesmo com o qual me deparei na Kollwitzplatz na minha primeira viagem até ali, alguns meses antes. De Johannes e Petra no meio de uma cama de casal. Johannes de pé e parecendo perplexo por ser capaz de fazer exatamente isso.

Claro, ele era um bebê bonito. Que bebê não é? Mas o que me impressionou de imediato sobre esta coleção de mais ou menos vinte fotografias foi o fato de que não mostrava uma sequer de Johannes com seu pai ou de Petra com o marido. Judit devia estar lendo meus pensamentos, já que comentou:

— Retirei todas as fotos em que Jurgen aparecia, porque sei que Petra não gostaria de vê-las.

— Bem, talvez devêssemos deixar Petra decidir isso. Então, por que não me entrega essas fotos e eu...

— Não posso fazer isso. Eu queimei. Queimei todas elas.

— Mas por quê?

— Porque foi a insanidade de Jurgen que trouxe essa catástrofe.

— Ainda assim, você devia ter deixado para Petra decidir se queria fazer isso ou não.

— Jurgen foi um câncer que infectou todos nós. E o que você sabe de alguma coisa por aqui?

De qualquer coisa?

Ela estava gritando, e ficou claramente surpresa ao perceber que estava gritando, uma vez que se virou para mim envergonhada:

— Ouça a mim mesma, que idiota, que imbecil idiota... — disse ela. — Você me traz coisas lindas, ama minha amiga, diz que ela me perdoa, e como, *como* eu me comporto? Como a completa, total, patética, inútil...

— Basta — sibilei. — Eu agradeço pelas fotografias, e vou dizer a Petra que...

— Diga a ela que eu me odeio pelo que fiz. Tentei comunicar isso na carta que enviei meses atrás. Mas tudo foi codificado, não dava para ser direta e honesta. Diga-lhe que sou grata por seu perdão, e que eu não mereço isso.

— Tudo bem, eu vou lhe dizer tudo isso. Agora, me fale sobre o beco que existe atrás daqui, por favor.

Ela me deu instruções muito detalhadas, informando-me exatamente como percorrer o labirinto de ruas próximas e poder chegar despercebido à estação de metrô de Schönhauser Allee.

— Obrigado — agradei, colocando o álbum de fotos na minha mochila e ficando em pé.

— Espero que você possa me perdoar — disse ela.

— Em relação a quê?

Ela abaixou a cabeça, como um criminoso condenado a quem a sentença acabava de ser

confirmada.

— A tudo — respondeu ela.

Quando saí, alguns minutos depois, esperei até que Judit fechasse a porta atrás de mim, então tirei o álbum de fotos de minha mochila, passei algum tempo removendo todas as fotografias e colocando-as em um envelope que tinha trazido comigo; em seguida, puxei a camisa, enfiei o envelope na parte de trás da calça e cobri o envelope de novo com a fralda da camisa. Então, eu despejei o álbum de fotos vazio em uma lata de lixo e hesitei por um momento, me perguntando se eu deveria seguir a rota clandestina de Judit para o metrô ou simplesmente enfrentar o caminho público de volta a Prenzlauer Allee. Parte de mim achava que, se eu soubesse agora, poderia contar com a Stasi me esperando na estação de metrô no momento em que chegasse lá, isto é, se ela já tivesse telefonado para eles. Por outro lado, se eu simplesmente caminhasse descendo até a Alexanderplatz, usando as ruas laterais para evitar a parada do bonde em Marienburgerstrasse, que poderia agora estar sendo vigiado, eles poderiam ainda estar me aguardando no Checkpoint Charlie. Mas eu poderia refutar qualquer de suas acusações de que eu estava em Prenzlauer Berg esta manhã. Isto é, claro, se não já tivesse um carro de polícia aguardando-me do lado de fora da porta da frente do prédio de Judit.

Eu toquei a parte de trás da minha camisa para ter certeza de que as fotografias estavam escondidas. Depois, passei alguns momentos relaxando meus nervos enrolando um cigarro, pensando tristemente que este poderia ser meu último cigarro por um tempo se a Stasi estivesse ali na frente me esperando. Mas quando saí para a rua, não havia ninguém lá. Olhei para os dois lados. Fora alguns poucos e vazios Trabis estacionados, a rua estava desprovida de carros. Comecei a caminhar, descendo a Rykestrasse em direção à torre em ruínas, em seguida, em torno de uma rua lateral, serpenteando por uma rua que corria paralela à Prenzlauer Allee. Mais uma vez, fiquei esperando ver um carro com vidros escuros estacionar no meio fio a meu lado e alguns homens em ternos escuros saltarem dele e me atirar no banco traseiro. Mas andei livremente, sem ninguém me seguindo (ou, pelo menos, ninguém que eu tivesse visto), durante todo o caminho até a Alexanderplatz. Olhei para o relógio. Era um pouco depois das onze da manhã. Eu sabia que minha vontade era simplesmente pular no metrô de volta para Stadtmitte e caminhar pelas centenas de metros do Checkpoint Charlie e atravessar. Mas eu senti que, fazendo isso, estaria convidando os soldados a me fazer perguntas demais sobre o motivo de eu ter decidido realizar uma travessia de apenas três horas para a RDA. Então, ignorei a Alexanderplatz e continuei andando para o sul, matando duas horas no Das Alte Museum perto do Berliner Dom, desfrutando de uma coleção de arte profundamente desanimadora do realismo socialista, em temas como *a greve dos trabalhadores contra a oligarquia prussiana e crianças da república democrática cantam canções de paz contra os opressores capitalistas*. Havia também uma ala inteira do museu dedicada ao “trabalho fotográfico das fraternas nações socialistas”, nas quais pude olhar com assombro os camponeses felizes trazendo a safra de trigo na Bulgária e o time de beisebol cubano ajudando a cuidar da cultura da cana em uma fazenda coletiva ao leste de Havana.

A propaganda sempre lança um brilho sinistro e espectral, um sentido de tentar não apenas pregar ao submisso, mas também de vestir as realidades terríveis em roupas berrantes. Duas horas

em meio àquela cafonice totalitária e finalmente isso me fez decidir: *Para o inferno com o risco. Estou cruzando de volta agora.*

Fui até o banheiro e enfiei as fotografias mais profundamente em minha calça *jeans*, de modo que ficassem completamente ocultas. Então parti para o começo daquela tarde ensolarada. Vinte minutos depois eu me aproximei do Checkpoint Charlie a pé, depois de um passeio pela Unter den Linden e de ter virado à esquerda na Friedrichstrasse.

Assim que eu cheguei lá, vi uma figura de pé junto dos guardas do primeiro posto de controle. Ele usava um terno de sarja azul, óculos escuros, um chapéu de palha de aba curta. Merda, merda, merda. Era o Sr. Agente Secreto. Uma vez que ele tinha perdido a minha pista em Prenzlauer Berg, seus superiores evidentemente tinham ordenado que ele voltasse para cá, tendo sido condenado a ficar neste posto de controle, pelo qual eu seria obrigado a passar, até que eu voltasse. Pelo ar surpreso e satisfeito no rosto ao me ver, estava claro que ele ficou aliviado de que eu não o manteria ali vadiando até as 23h59, o último momento possível que eu poderia cruzar de volta para Berlim Ocidental sem que vencesse aquele meu visto Cinderela, colocando-me então em todos os tipos de problemas.

Coisa que estava prestes a me acontecer.

O Sr. Agente Secreto se aproximou do guarda uniformizado e sussurrou algo em seu ouvido. Eu vi o guarda colocar a mão esquerda sobre o revólver no coldre ao lado dele. Apesar de apavorado, eu sabia que não tinha outra escolha senão submeter-me às suas perguntas e, esperançosamente, ser autorizado a acessar os trinta metros que separavam o mundo de mim.

O portão da fronteira oscilou para cima. Andei em direção ao Sr. Agente Secreto e o guarda. Assim que eu tinha cruzado a linha pintada no chão, o guarda colocou sua mão em meu braço direito:

— Você vem comigo — disse ele.

Fui conduzido a uma cabana pré-fabricada logo após a fronteira. Quando o guarda me levou para dentro, foi acompanhado pelo Sr. Agente Secreto e por um homem mais velho, fardado e com várias medalhas adornando os dois bolsos do peito. Não havia cadeiras neste pequeno espaço, apenas uma comprida mesa na frente da qual o guarda me mandou ficar de pé.

— Documentos — disse ele. Eu os entreguei.

O oficial os estudou e depois se virou para o Sr. Agente Secreto e perguntou:

— Este é o homem que fugiu de você?

— É ele — respondeu o outro.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

O guarda olhou para os meus papéis e disse:

— Então, Herr Nesbitt, este senhor diz que você começou a correr quando pulou do bonde na Marienburgerstrasse em Prenzlauer Berg.

— É isso mesmo. Eu comecei a correr.

— Por que você começou a correr?

Respirei fundo, tentando reverter o terror que se apoderou de mim.

— Eu corri porque sou um corredor. Faço uma corrida todas as manhãs. E nesta manhã achei que seria interessante dar uma corrida aqui.

O guarda olhou para mim como se eu fosse louco. O que, talvez, eu fosse mesmo.

— Essa é uma história ridícula. Este senhor disse que você estava agindo de modo suspeito no bonde.

— E o que esse senhor faz? — perguntei, meu tom de voz ao mesmo tempo desafiador e nervoso.

— Somos nós que fazemos as perguntas aqui — respondeu o oficial.

— Estou confuso com o motivo pelo qual estou sendo questionado pela decisão de dar uma corrida em Prenzlauer Berg.

— Você não está vestido para correr.

— Estou usando um par de tênis — disse eu, apontando para o Nike em meus pés.

— Você vive em Berlim Ocidental?

— Sim.

— E o que você faz lá?

Eu expliquei que era um escritor de livros.

— Que tipo de livros?

Contei a ele sobre meu primeiro e único livro.

— Então, você está em Berlim Ocidental fazendo pesquisas?

— Não, eu estou escrevendo um romance.

— Sobre o quê?

— Sobre a primeira garota que partiu meu coração.

Mais uma vez, ele me deu um olhar fulminante.

— O que trouxe você aqui esta manhã? — perguntou.

— Eu queria ver a exposição no Museu Das Alte.

— E por que você quis ver isso?

— Porque me interessou — respondeu.

— Mas por que isso lhe interessa?

— Porque esse tipo de arte me interessa.

— Mesmo que não tenha nada a ver com a história romântica que você está escrevendo.

— Quem disse que meu livro é romântico?

— Se você estava indo para o Museu Das Alte, por que passou primeiro em Prenzlauer Berg?

— Como eu estou certo de que seus registros mostram, fiz uma visita anterior aqui mais de

quatro meses atrás. Descobri Prenzlauer Berg durante aquela visita, e achei um lugar muito agradável.

— Eu acho que você estava vendo alguém lá.

— Não, não estava.

— Você está mentindo — acusou o oficial.

— Você tem prova de que estou mentindo?

Como eles não tinham me visto entrar no apartamento de Judit, tinha certeza de que estava seguro sobre esse assunto, a menos que ela tivesse telefonado para eles. Mas caso ela tivesse feito isso, teria se enrascado ainda mais profundamente, porque ela é quem tinha me dado as fotos que estavam agora escondidas em minhas costas.

— Eu só sei que você está mentindo — disse o oficial.

Dei de ombros, tentando parecer calmo, embora estivesse profundamente nervoso.

— Eu gostaria de inspecionar o conteúdo de sua mochila.

Eu a entreguei e ele examinou cada item: um caderno em branco, uma cópia do *The New Yorker*, a minha bolsa de tabaco e papéis para enrolar cigarro, canetas sortidas e lápis, uma edição de Graham Greene, *Nosso homem em Havana*, que eu estava lendo pela primeira vez, e uma barra de chocolate Ritter de marzipã meio comida. O guarda examinou atentamente cada artigo. Então ele me pediu para esvaziar meus bolsos. Fiz o que mandou, colocando as chaves, dinheiro e minha carteira em cima da mesa. Ele estava muito interessado na minha carteira, lendo cada cartão que eu tinha guardado em seus bolsos variados.

— Agora, tire seu casaco e me entregue. E eu quero o seu relógio também.

Quando fiz isso, pude ver que o Sr. Agente Secreto me olhava de cima a baixo. Felizmente, a minha fralda da camisa cobria a parte de trás da minha calça *jeans*. Mas se eles me fizessem tirar a camisa, eu estava certo de que o volume na parte de trás seria perceptível.

O guarda revistou cada bolso da minha jaqueta e também examinou o relógio Omega preto 1950 que eu tinha herdado de meu avô muitos anos antes. Eu já estava começando a sentir o suor reunir-se debaixo dos meus braços. Minha arrogância verbal com o guarda servia apenas para mascarar um medo profundo de que eu pudesse acabar sendo detido por, na melhor das hipóteses, vários dias por suspeita de contrabando, espionagem, o que quer que fosse.

— Espere aqui, por favor — disse o guarda.

Recolhendo meus pertences pessoais, ele empurrou-os todos em minha mochila e saiu acompanhado pelo Sr. Agente Secreto, trancando a porta da cabana atrás dele. Eu me vi perguntando: *Qual será a próxima?*

Fiquei sozinho naquela cabana por mais de duas horas. Ou, pelo menos, senti que eram perto de duas horas, já que ele havia desaparecido com meu relógio. Depois de ter sido deixado sem material de leitura, sem caneta e papel, eu não podia fazer nada, a não ser me sentar no chão e me perder em pensamentos. Eu ponderei o fato de que Petra, quando ficou detida naquela prisão da Stasi por semanas, também passou dia após dia sem qualquer tipo de distração. A julgar pelas poucas

horas que fiquei deixado sozinho, avalei que aquela era uma forma de tortura não invasiva de modo físico, mas profundamente eficaz, sobretudo quando potencializada pelo fato de que eu tanto precisava usar o banheiro, e pelo medo sempre crescente de que estava em uma situação sobre a qual não tinha nenhum controle e imaginando que cenário de pesadelo eles estavam agora preparando para mim.

Mas então, de repente, a porta se abriu e o guarda entrou, sozinho. Ele estava carregando a minha mochila. Ele jogou-a na mesa e disse:

— Levante-se.

Uma vez de pé, ele apontou para a mochila e disse:

— Aqui estão suas coisas. Por favor, verifique se estão todas aí.

Eu fiz isso, confirmando que não faltava nada.

— Agora coloque o seu casaco, guarde suas coisas.

Mais uma vez eu fiz exatamente como ele pediu. Assim que eu estava pronto, ele me entregou meu passaporte.

— Você já pode ir.

Havia tantas perguntas que eu queria fazer agora. Por que eles decidiram que eu não era mais um risco? Será que eles nunca receberam uma dica de Judit? Por que não me revistaram se estavam tão preocupados que estivesse carregando algo comprometedor para fora do país? Mas eu também sabia que estava sendo autorizado a sair, o que na verdade era tudo que eu precisava saber. De forma que essas perguntas eram então irrelevantes.

Sendo assim, segui o guarda para fora. Ele me entregou a um subordinado que me acompanhou até o lado ocidental da barreira e sinalizou que ela devia ser levantada. Ele bateu no meu ombro e apontou para a frente. Enquanto eu me dirigia para a estação do metrô em Kochstrasse, o portão baixou atrás de mim com um som metálico. Uma vez lá embaixo, no subsolo, puxei as fotografias dobradas para fora de minha calça e passei grande parte da viagem de volta para Kreuzberg tentando achatá-las.

Assim que me aproximei da porta de fora do meu prédio e comecei a procurar pelas minhas chaves, ouvi passos correndo pelas escadas e a porta se abrindo, e Petra se jogou em meus braços.

— Eu estive em pé perto da janela durante a última hora, preocupada, desesperada.

— Ei, eu até cheguei mais cedo.

— Você a viu?

Enfiei a mão no casaco e entreguei-lhe o envelope com as fotografias.

— Elas vieram para cá escondidas em minhas costas, por isso estão um pouco dobradas.

Agora, Petra correu para dentro e sentou-se, freneticamente vasculhando por entre a pilha de instantâneos, sufocando soluços enquanto olhava para imagem após imagem de Johannes. Quando os soluços aumentaram, sentei-me ao seu lado e passei meus braços em torno dela.

— Eu não devia ter feito você ir até lá — disse ela. — Eu não devia ter tanta vontade de

ver...

Mas ela não conseguiu terminar a frase e escondeu o rosto no meu ombro, chorando. Quando se acalmou, eu a levei para cima. Uma vez dentro do nosso apartamento, ela me beijou com tanta paixão, com tanta necessidade e desejo, que fomos em linha reta para o quarto.

Mais tarde, fui pego de surpresa pela fadiga, um choque retardado que me atingiu. Então, cochilei por quase uma hora. Quando acordei meio agitado, Petra estava sentada na cama ao meu lado, fumando um cigarro. As fotografias estavam em sua mão e ela olhava com profunda melancolia para uma foto de Johannes encantado por um balão.

— Olá — disse ela, inclinando-se para me beijar.

— Você está bem? — perguntei.

— Um pouco melhor, sim. É tão difícil.

— Eu tenho certeza de que sim.

— Mas o que você fez... Ter estas fotos de Johannes... Uma evidência tangível além de todas as memórias dentro da minha cabeça... Isso significa muito.

— Que bom.

Eu aceitei a oferta de um cigarro.

— E como foi com Judit?

— Essa é uma longa história. Na verdade, tudo sobre o dia foi uma longa história.

— Conte para mim.

Petra não disse nada durante todo o meu relato. Quando cheguei ao fim, no momento em que o guarda de fronteira de maior escalão finalmente me deixou ir depois de várias horas de encarceramento, ela finalmente falou:

— Eu sinto muito...

— Nada disso — retruquei. — Eu sabia dos riscos envolvidos na travessia. E estou feliz por estar de volta aqui, e com as fotografias. Mas, considerando o papel de Judit em tudo isso, você acha que ela chamou a Stasi assim que saí pela porta da frente do prédio dela?

O rosto de Petra tornou-se tão duro e frio como concreto armado.

— Claro que ela chamou. E, óbvio, ela vai passar o resto da vida negando que fez isso. Porque é isso que os informantes da Stasi fazem. Eles se convencem de viver uma mentira e fingem que não têm escolha; que tudo está fora do controle deles. Mas a verdade é que eles informam porque têm medo. E eles estão com medo porque informam. Uma vez que você for pego nesse dilema, nunca sairá dele com a sua sanidade intacta. Ele destrói você. Totalmente.

Nove

Petra colocou as quatro fotos de Johannes em um álbum pequeno que levava sempre consigo; duas na carteira, e as outras duas na capa de couro com o material de escrever, onde sempre guardava um bloco de papel pautado no qual escrevia à mão o primeiro rascunho de suas traduções. As poucas vezes que visitei o seu apartamento (ela o achava deprimente e pequeno e preferia a sensação de amplitude e o espaço do meu), vi outro par de fotos mais, em um painel de cortiça pendurado sobre a mesa que usava como apoio para trabalho. Depois de minha viagem ao outro lado do Muro, não voltou nunca mais a falar de Johannes nem de Judit, nem me contou nenhum detalhe mais de sua vida passada. Somente sabia que levava as fotos consigo porque as via quando deixava a pasta ou a bolsa aberta em cima da mesa da cozinha. Mas nunca voltou a mencionar mais nada. Eu me dei conta de que, depois de contar-me tudo o que se referia à sua detenção e a perda de Johannes, não queria voltar a entrar nesse mesmo terreno comigo. Parecia esforçar-se muito para manter toda a sua titânica aflição fora do meu campo visual.

Naturalmente, na manhã seguinte ao meu regresso de Berlim Oriental (quando Petra foi trabalhar), desci para tomar um café com Alastair. Na noite anterior eu tinha esticado a cabeça no seu estúdio para lhe dizer que eu havia regressado com vida. Pela manhã, eu lhe contei minhas aventuras na fronteira. Não lhe falei muito sobre Judit nem lhe contei que ela havia traído Petra, contando a Stasi tudo sobre ela. Mas eu lhe pedi que não dissesse nem uma só palavra a Petra de que estava a par da jornada que eu havia feito em seu nome.

— Como eu já lhe disse, nunca traio a confiança de ninguém — disse Alastair —, sobretudo porque já traíram a minha certa vez, e sei que é terrível. Pobre Petra! Não creio que as fotos a consolem muito.

No entanto, uma semana depois, enquanto almoçávamos no Café Istambul, ele me disse:

— Petra parece mais feliz. Eu a encontrei na rua ontem, e estava toda sorridente. Já não parece mais agoniada pelo peso da dor como antes.

A apreciação de Alastair era correta. Havia acontecido uma mudança nela: uma sensação de leveza, uma ausência daqueles momentos obscuros nos quais se retraía e se isolava e um otimismo crescente com relação ao futuro. Quando recebi o cheque de dois mil marcos pelo artigo da Rádio Liberty, eu lhe propus uma escapada de cinco dias a Paris e ela me disse:

— Eu lhe responderei esta noite.

Quando voltou naquela tarde, me anunciou que seu chefe lhe dava toda a semana seguinte livre.

— Irei até a agência de viagens amanhã — disse eu. — O que você prefere: avião ou trem?

— O trem atravessa a RDA. Embora não faça nenhuma parada e eu agora tenho passaporte da RFA, ainda não posso suportar a ideia de estar dentro de suas fronteiras — respondeu Petra.

— Não se preocupe — disse eu. — Iremos de avião.

Reservei duas passagens no voo da Air France para Paris e seis noites em um hotel barato de meia estrela na Rue Gay Lussac, no quinto *arrondissement*²⁹.

— Preciso lhe confessar uma coisa — disse-me Petra enquanto subíamos no avião no aeroporto de Regel e ela esquadrinhava com o olhar o aparelho com expressão maravilhada. Aquilo foi irreprimível. — Nunca tinha subido em um avião.

Durante quase todo o voo, manteve uma de minhas mãos apertadas com força entre as suas, enquanto contemplava os campos desertos do país que a havia expulsado, ao mesmo tempo que nos deslocávamos sobre a RDA à incômoda altitude de três mil metros. Foi uma hora de voo tranquilo e sem turbulências, até que iniciamos a descida em Paris.

— Diga-me a verdade: não é uma loucura que tenha fronteiras inclusive aqui em cima entre as nuvens? — disse Petra.

— O ser humano adora traçar linhas de demarcação — respondi. — Sempre foi uma das grandes preocupações da humanidade: marcar nosso território para indicar aos demais que o terreno é nosso e ninguém pode entrar.

— Ou, pior ainda, que ninguém pode sair. Ou que perde tudo quando sai — disse Petra.

Acendeu o cigarro e acrescentou:

— Por que estou falando coisas tão tristes quando estou a caminho de Paris? Não quero ficar obcecada com o impossível.

De fato, não voltou a falar de coisas tristes enquanto estivemos em Paris. Foram seis dias embriagadores e transbordantes de amor. O pequeno hotel de meia estrela da Rue Gay Lussac tinha uma cama de casal um pouco estreita, com um colchão terrivelmente macio. Quando fazíamos amor, a cama gemia e rangia como um animal ferido. O quarto era um típico aposento grosseiro da *rive gauche*³⁰: papel de parede pintado com pedaços se descolando, carpete com múltiplas queimaduras de cigarro, uma mesa de madeira em que provavelmente alguém tinha tentado cortar os pulsos (tinha uma mancha púrpura no centro), um minibanheiro no canto do quarto com um chuveiro que era simplesmente uma pequena plataforma detrás de uma gordurenta cortina verde, uma diminuta pia compartilhada no fim de um corredor mal iluminado, um cheiro onipresente de fumaça de tabaco acumulado ao longo de cento e cinquenta anos, uma incessante trilha sonora de discussões na cozinha no andar de baixo e uma mulher miúda na recepção, cujo estilo de maquiagem lembrava o *kabuki*, que nunca sorria aos hóspedes e que falava com a voz rouca pelos Gitanes.

Nós adoramos o hotel, sobretudo porque, uma vez atrás da delgada porta da nossa *petite chambre sans prétention*, não podíamos tirar as mãos um de cima do outro. Os piores cubículos de hotel, sobretudo se estão em Paris, têm algo que intensifica a paixão e o desejo.

E além de tudo, claro, nós estávamos em Paris. Dias depois de chegar, Petra se voltou para mim e me disse:

— Vamos nos mudar amanhã para viver aqui!

Estávamos sentados no terraço de um café do Carrefour de l'Odéon, no sexto *arrondissement*,

depois de ver o novo filme *O sonho eterno* no cinema Action Christine, perto dali. Era um dia perfeito, bem característico de início de verão. Estávamos bebendo uma taça perfeitamente aceitável e relativamente barata (por estarmos no sexto *arrondissement*) de algo que parecia ser um vinho tinto de Borgonha. Compartilhamos cigarros. Estávamos de mãos dadas. Olhávamos o desfilar de pedestres: elegantes, intelectuais, formais e vagabundos, como se a vida urbana fosse um teatro estilizado. Nós dois estávamos conscientes de viver momentos sublimes por nos encontrar juntos e loucamente apaixonados nessa cidade, a essa hora mágica do fim da tarde, quando o fulgor da cor âmbar banhava a rua, e tudo era condenado à mais absoluta perfeição. Por isso, quando Petra propôs que mudássemos para Paris, eu repliquei com outra ideia:

— Estou totalmente de acordo. Mas por que não nos casamos também?

A proposta lhe pegou de surpresa, e demorou um minuto para assimilá-la. Depois Petra disse:

— Eu gostaria. Gostaria mais do que qualquer coisa no mundo. Só que... Você tem certeza disso, Thomas? Eu diria “sim” sem pensar.

— Pois então, diga.

— Mas eu tenho medo... — disse Petra.

— De quê? — perguntei.

— De decepcioná-lo.

— Eu também poderia decepcioná-la.

— Não, não. Isso é impossível. Ou, pelo menos, não poderia da mesma forma que eu a você.

— E que forma seria essa? — perguntei.

Bruscamente, ela ficou de pé e disse:

— Licença por um momento.

Entrou no café e se dirigiu ao lavabo. Enquanto eu esperava o seu retorno, preocupado, pensei que havia me excedido e que, levando em conta tudo o que Petra tinha sofrido, estava indo rápido demais. Mas... Que diabos! Eu estava seguro, e ela havia me dito incontáveis vezes que também estava. Meu maior medo era essa parte dela que compreensivelmente desconfiava das pessoas e que via a perspectiva de ser feliz com outra pessoa como algo impossível. Para mim também era impossível, até o momento em que eu a conheci.

Mas, quando voltou para a mesa, minutos depois, estava toda sorridente.

— Eu só estava... Constrangida, sim... É essa a palavra: constrangida. Com a ideia de que você deseja que eu seja a sua mulher — disse Petra.

— Mais do que tudo nesse mundo — respondi.

— Eu também quero que você seja o meu marido mais do que tudo nesse mundo.

— Então... qual é o problema?.

— Nenhum, suponho. Mas...

— Nós dois juntos, tudo fica bem — disse eu. — Tudo se torna uma maravilha. Se quiser viver em Paris, viveremos em Paris. Se quiser viver em Nova York, viveremos em Nova York.

Como você estará casada comigo, terá automaticamente direito a residir lá. Se quiser que nós tenhamos um filho, o teremos. Eu já lhe disse que eu quero ter um filho com você, porque...

— Você pinta um panorama muito sedutor, Thomas.

— Mas sem necessidade de distorcer a realidade.

— Sei disso.

Ela não disse nada durante um bom tempo.

— Então, eu aceito — sussurrou finalmente.

— Combinados? — perguntei.

— Combinados — disse Petra.

Ficamos sentados, olhando-nos nos olhos e assimilando a imensidão de tudo.

— Creio que isto exige um champanhe — disse eu.

— A menina criada na RDA que há em mim se preocupa que o champanhe ultrapasse nossos recursos — disse Petra.

— Não irá ultrapassar não, e mesmo que ultrapassasse...

— É verdade, você tem razão.

Assim sendo, pedimos uma garrafa de champanhe da casa. Quando o garçom nos trouxe e eu lhe disse, entusiasmado, que acabávamos de nos comprometer em casamento, ele fez um preço módico e um sábio gesto de consentimento e disse só uma palavra para nos parabenizar:

— *Chapeau*³¹!

Brindamos e bebemos a garrafa de champanhe. Em algum momento, entre a segunda e a terceira taça, eu disse que nós devíamos pensar numa viagem para os Estados Unidos em um futuro próximo.

— Será que seu pai irá gostar disso? — perguntou-me Petra.

— Não tenho a menor dúvida..., embora, quando eu lhe contar que estamos noivos, a primeira coisa que ele dirá será alguma delicadeza como: “Você vai renunciar assim tão cedo a sua liberdade”? — respondi.

— E, em parte, ele não tem razão?

— Não, nenhuma. Eu somente falei isso para que você saiba o tipo de comentário que ele costuma fazer. Porém, assim que ele lhe conhecer, estou certo de que sentirá inveja de mim.

— O que eu lhe disse algum tempinho atrás, sobre mudarmos amanhã mesmo para Paris ou para Nova York, eu estou dizendo a verdade. E mesmo sabendo que “amanhã” significa em realidade dentro de alguns meses, eu lhe peço, Thomas, por favor, tire-me de Berlim.

— Com o maior prazer — respondi.

Durante grande parte daquela noite, enquanto jantávamos numa *brasserie* na Rue des Écoles, começamos a falar seriamente sobre a nossa vida juntos no futuro. Eu já havia lhe contado sobre meu apartamento tipo estúdio em Manhattan e lhe disse que, se fôssemos para Nova York, poderíamos

facilmente nos instalar ali durante alguns meses, até encontrarmos algo maior.

— Com setecentos dólares por mês, provavelmente poderíamos encontrar um apartamento de dois dormitórios perto da Universidade de Columbia — disse eu.

— E nós teríamos como pagá-lo?

— Eu somente precisaria fazer mais um artigo ou uma crítica de livro a mais por mês para alguma revista — respondi.

— E se eu não conseguir trabalho? — perguntou Petra.

— Mas você encontrará sim. Você pode ensinar idiomas, traduzir... Tenho certeza de que irá conseguir que lhe contratem para o departamento de alemão em alguma escola particular, ou até mesmo na universidade.

— Mas eu não tenho diploma universitário.

— Mas você é tradutora profissional faz anos.

— Isso não significa que eu possa dar aulas — disse Petra.

— E por que não? — perguntei.

— Você possui um otimismo inquebrantável.

— Sou otimista quando penso em nós.

— Não quero depender de você em Nova York.

— Veja bem, dentro de cinco anos, quando você já tiver seu emprego fixo numa universidade ou nas Nações Unidas e eu não conseguir publicar nem um só livro...

— Isso não acontecerá nunca.

— Isso acontece o tempo todo no maravilhoso mundo das letras: um escritor publica dois ou três livros; depois as vendas caem e as críticas se tornam não tão favoráveis e de uma hora para a outra ninguém mais quer saber do autor.

— Mas com você isso nunca acontecerá — disse ela.

— Como você pode ter tanta certeza assim? — repliquei.

— Porque eu li o seu livro... E todos os seus artigos que eu traduzi...

— “Você é de um otimismo inquebrantável.”

— Ui...

— Está vendo o que eu estou querendo lhe dizer?

— É o velho doutrinamento da RDA que volta a se manifestar. Há de ser otimista a respeito do futuro do comunismo revolucionário, mas quando se trata de si mesmo...

— Você aprenderá a não ser tão rigorosa consigo mesma — disse eu.

— Somente quando finalmente sair de Berlim. Se eu fiquei por lá, foi para estar mais perto de Johannes. Mas agora eu me dou conta de que é inútil. Eu o perdi para sempre.

— É muita coragem da sua parte admitir isso, pelo menos é o que eu acho — disse eu, mesmo sabendo que para ela fosse lancinante reconhecer isso.

— Não há esperança — disse Petra.

Fiquei em silêncio.

— Paris — disse ela finalmente. — Antes, para mim, parecia algo tão distante como a face oculta da lua, e agora...

Três dias depois, enquanto íamos de ônibus para Orly a fim de regressar a Berlim, Petra me pegou a mão com força, como se precisasse desesperadamente de uma ancoragem no mundo.

— Você está se sentindo mal? — perguntei.

— Eu não quero voltar — disse Petra.

— Mas serão apenas por poucas semanas.

— Eu sei disso, mas...

— Podemos acelerar nosso processo de saída se eu pedir uma reunião no consulado americano assim que chegarmos e pergunto o que temos que fazer para conseguir um visto de residência para você.

— E quanto tempo você acredita que isso pode demorar?

— Eu não tenho a mínima ideia. Para dizer a verdade, não estive comprometido com muitas estrangeiras no passado.

— Só peça que o façam o quanto antes possível.

— Antes que mude de ideia? É o que você está querendo dizer?

— Não, não. Não mudarei nunca de ideia.

— Nem eu. Então, não há com que se preocupar.

— Espero que tenha razão.

Nessa tarde, já de volta a Berlim, encontramos Alastair sozinho em seu estúdio, olhando com muita atenção e concentração as três telas em que trabalhava há semanas. A profundidade da cor, a intensidade das metáforas geométricas, a obscuridade visível no interior das formas e a engrenagem do conjunto como um tríptico³² que convidava ao observador a comparar as tonalidades semelhantes ao azul-celeste, que o envolviam e a refletir sobre a infinitude inerente da cor azul, foram perfeitamente alcançados e eram claramente extraordinários.

— Estão prontos? — perguntei.

— Tanto quanto é possível estar — respondeu Alastair.

— Fantástico — disse eu.

— É um ponto de vista. Mas talvez a tristeza pós-parto me deixe cego — disse Alastair.

— Estão brilhantes, Alastair.

— E os putos de merda dos críticos de arte em Londres, esses porras abutres de bosta dirão que têm “a leveza de Yves Klein”... Como se pudesse ter algo tão leve como o puto do Yves Klein e seus quadros azuis de merda. Perdoe-me, Petra, mas normalmente eu fico assim mesmo, bem desagradável quando cruzo a linha de chegada.

— Thomas tem razão. São maravilhosos — disse Petra.

— Bem, levando em conta que você os pintou na plena agonia da síndrome de abstinência...

— disse eu.

— As pessoas também acharão incríveis — disse ela.

— Nós nos comprometemos em casamento em Paris — disse eu, assim, de estalo.

Alastair pareceu realmente bastante admirado pela minha maneira de revelar essa pequena notícia.

— Repita o que você acabou de dizer — disse ele.

— Nós vamos nos casar.

— Você disse isso duas vezes, mas a *mademoiselle* permanece curiosamente silenciosa a respeito.

— Isso porque *mademoiselle* não é tão extrovertida como *monsieur* — brincou Petra com um sorriso.

— De fato, “extrovertido” é sinônimo de “americano” — acrescentou Alastair.

— Mas como eu estou enlouquecidamente apaixonada por este americano...

— Então... Confirma que o que foi dito por nosso extrovertido amigo é verdade? — perguntou Alastair.

— Absolutamente certo — respondeu ela.

— Nesse caso... Acho que em algum lugar, provavelmente no fundo da minha geladeira, há uma garrafa de espumante francês que venho guardando para uma grande ocasião como esta.

— Você é muito gentil — disse eu.

— Que outra coisa eu posso fazer, considerando a importância da ocasião? Na minha condição de aviltante romântico, devo dizer que os invejo e que só espero que aproveitem sem desperdiçar.

A garrafa de champanhe acabou se tornando peça principal de um longo jantar com muita bebida em um restaurante italiano do bairro, durante o qual Alastair me disse, aproveitando o momento em que Petra havia se levantado para ir ao banheiro:

— O que me deixa mais feliz (sim, você tem razão, estou bêbado) é que era o que você estava desejando e do que estava imensamente precisando. Não é uma reprovação nem uma crítica, senão uma verdade objetiva. Durante anos, eu fui como você: singular, solitário... Não deixava que ninguém se aproximasse muito de mim. Até que conheci um homem adequado. E foi totalmente mútuo. Se o cretino não tivesse feito a piada sem graça de morrer... Na verdade, *Freund*, você a encontrou.

No dia seguinte, telefonei para o consulado dos Estados Unidos e falei com uma secretária assombrosamente agradável com sotaque do Meio Oeste que me disse que, se eu tinha pretensão de casar-me com uma alemã e nos mudarmos para Nova York, o melhor era que comparecêssemos ao consulado, para que um dos cônsules adjuntos pudesse colocar em andamento as engrenagens da imigração. Quando estivéssemos legalmente casados, se não houvesse nenhum inconveniente, minha

mulher teria sua permissão de residência em um prazo de um mês, no máximo.

— Se você quer acelerar os trâmites — disse-me a secretária —, eu no seu lugar me casaria o quanto antes possível.

Quando contei para Petra nessa mesma noite, ela começou a rir.

— Nós poderíamos pedir para que Alastair nos casasse — respondeu ela.

— Estava pensando em pedir-lhe que seja minha testemunha — disse eu.

— E também a minha, já que não tenho exatamente uma legião de amigos por aqui...

— Então, poderíamos ir ao escritório do registro civil ou como chamem aqui, um dia da semana que vem — disse eu.

— Averiguarei tudo isso amanhã — disse Petra.

— Temos uma reunião com o cônsul às 13h15, se você puder essa hora...

— Estarei lá. E quando o cônsul nos confirmar que eles me darão a permissão de residência, eu anunciarei no trabalho, se você concordar — disse Petra.

— Para mim tudo ótimo. Perfeito. E eu hoje à noite telefonarei para o sujeito a quem subloquei meu apartamento em Manhattan e lhe direi que voltarei dentro de um mês. Talvez ele não goste, mas o prazo de quatro semanas de antecedência para avisar alguma mudança foi o que nós dois combinamos. Assim, se tudo correr bem, estaremos em Nova York bem no começo de agosto, quando o calor e a umidade chegam a níveis que não você nem tem como imaginar.

— Mas eu terei me livrado deste lugar e estarei com você, assim o calor será um detalhe sem importância, acredite-me.

Na tarde seguinte fui à sucursal dos correios de Kreuzberg e pedi à atendente da central telefônica que me colocasse em contato com um número de Nova York que eu indiquei, escrito em um pedaço de papel. Eram oito horas da manhã na costa Leste. O sujeito a quem eu sublocava meu apartamento era um documentalista da revista *Newsweek* chamado Richard Rounder, que uma vez havia publicado um breve relato em *The New Yorker* e desde então parecia ter deixado a criatividade no congelador. Diferentemente da maioria dos escritores, tinha o costume de levantar-se cedo, por isso eu sabia que ele estaria acordado quando eu telefonei. Richard recebeu com uma espantosa serenidade a notícia de que tinha que deixar o apartamento porque acabavam de aceitar sua solicitação para residir por três meses na colônia de artistas de Yaddo e pensava em mudar-se para lá no começo de setembro.

O cônsul americano. Não era um homem, e sim uma mulher. Deveria ter uns trinta e poucos anos, chamada Madeleine Abbott. Vestia um austero traje cinza de funcionária pública e era agradável em um estilo que poderia se classificar como administrativo. Petra se apresentou na reunião sobriamente vestida, com uma blusa branca e uma saia preta na altura dos joelhos. Parecia verdadeiramente nervosa quando nos encontramos diante da porta principal do consulado, localizado numa elegante zona residencial nos arredores de Zehlendorf.

— Começou a ter dúvidas? — perguntei-lhe depois de cumprimentá-la com um beijo.

— É que eu sempre fico nervosa quando tenho que tratar de assuntos burocráticos. Eles têm

tanto poder sobre nós!

— Mas isso será muito simples — respondi.

— Espero que tenha razão.

De fato, a entrevista foi eminentemente prática, como uma reunião de negócios. Quando eu disse para a consulesa que íamos nos casar, ela nos deu mecanicamente uma felicitação e em seguida tirou uns tantos formulários que precisavam ser preenchidos. Perguntou a Petra sobre seus antecedentes e, quando ela disse que havia sido expulsa da RDA no ano anterior, deteve por um momento a caneta no ar, levantou a vista e a olhou com interesse.

— Foi expulsa por razões políticas? — perguntou.

— Isso mesmo — respondeu Petra.

— Bem, isso terá que constar na sua solicitação. Inclusive eu lhe sugiro que escreva uma declaração explicando os pormenores da sua expulsão. Mas não se preocupe, ninguém o utilizará contra você quando o caso for repassado para o estudo do Departamento de Estado de Washington. Ao contrário. Mas você precisa ser absolutamente transparente a respeito dos “comos” e dos “porquês” de sua situação. Estamos de acordo?

Petra fez um gesto afirmativo, mas notei que seu nível de ansiedade acabara de aumentar um ponto ou dois.

Depois, a consulesa anotou diversos detalhes, estudou os passaportes de ambos e nos fez uma série de perguntas sobre nossas profissões, o lugar de nascimento de nossos pais e nossos antecedentes penais.

— Nunca me julgaram nem me condenaram por nada — disse Petra —, mas estive detida várias semanas na RDA pela atividade política de meu até então marido.

— Atividade contra o Partido Comunista? — perguntou a consulesa.

— Isso mesmo — respondeu Petra.

— E prenderam você como consequência dessa atividade?

— Eu me tornei “culpada por associação”, é como eu acho que eles chamam.

— Seu marido ainda está na prisão?

— Já não é mais meu marido: ele morreu na prisão faz mais de um ano.

— Sinto muito. Como eu já lhe disse, eu lhe aconselho que escreva uma declaração com toda essa informação e a anexe ao formulário da solicitação. Uma pergunta para os dois: quanto tempo faz que vocês se conhecem?

— Seis meses — disse-lhe, olhando-a nos olhos.

— Não acredito que isso possa ser um problema, já que em minha nota ao Departamento de Estado indicarei que se conheceram em Berlim. Se você tivesse conhecido a senhorita Dussmann durante uma visita sua aos Estados Unidos, um casamento assim tão precipitado poderia fazer as autoridades pensarem que talvez se tratasse de um casamento por conveniência. Mesmo assim, é possível que façam alguma pergunta a respeito. Porém, se é que eu entendi bem, vocês querem se

casar antes de viajar para os Estados Unidos.

— Isso mesmo — respondi.

— Como é natural, não posso dar-lhes a garantia absoluta de que a sua solicitação será aprovada, mas a menos que se descubra algum fato desfavorável em seus antecedentes, creio que tudo será bastante simples. Logicamente, quanto antes vocês apresentarem a solicitação, mais rápido terão a resolução.

Em seguida, desejou boa sorte para nós dois.

Uma vez lá fora, Petra acendeu imediatamente um cigarro. Parecia à beira de uma crise de angústia. Meneava rapidamente a cabeça, estava com os ombros tensos e era a mesma imagem do *Sturm und Drang*³³, claramente transtornada pela situação.

— Meu amor — disse-lhe, enquanto tentava abraçá-la —, por que está preocupada?

— Você vai ver como eles encontrarão uma razão para negar a solicitação.

— Não foi isso que disse a consulesa.

— Mas é isso que as pessoas fazem com a gente o tempo todo. No fim, sempre encontram uma desculpa para lhe arruinar a vida.

— Pode ser que seja assim na RDA, mas não nos Estados Unidos...

— Eles pensarão que eu sou comunista.

— Não, eles não pensarão nada disso. Sabe por quê? Porque os que a receberam quando lhe expulsaram do país têm um relatório completo sobre você. E o que diz esse relatório? Tudo o que você contou, inclusive os pormenores que conhecem sobre seu caso, incluindo a separação do seu filho. Esses caras são soldados da Guerra Fria, creia-me. Tendo em conta como os comunistas lhe trataram e o fato de que tem intenção de casar-se com um norte-americano...

— Perdoe-me, sinto muito. Mas tenho muito medo de que algo saia errado. Justo agora, quando tudo parece tão feliz, tão possível, quando finalmente há um futuro para mim, para nós...

— Não irá sair nada errado, nada. A consulesa estava praticamente segura a respeito disso. Qual seria a pior coisa que poderia acontecer? Se encontrarem algum impedimento técnico estúpido para negar-lhe a permissão de residência, nos casaremos de outra forma. E, como até então estarei casado com uma cidadã europeia, poderei pedir a *carte de séjour* (documentação renovável anualmente) para viver na França e eles a concederão a mim em um nanossegundo. Nós iremos a Paris e lá recorreremos da decisão do consulado para que lhe permitam viver nos Estados Unidos. Mas isso nem chegará a acontecer. Se você me permite dizer, eu acredito que você está compreensivelmente afetada pelo que fizeram com você do outro lado, e por isso agora...

— Sim, você tem razão, toda razão. É um absurdo o que eu estou falando.

— Não, você está reagindo à burocracia como uma vítima de um dentista carniceiro reagiria quando estão lhe dizendo que é preciso obturar mais um dente.

— Obrigada — sussurrou Petra, enquanto me rodeava com seus braços.

Petra teve que voltar para o seu trabalho naquela tarde. Eu passei no Café Istambul e encontrei

lá uma mensagem “urgente” vinda de Pawel. Eu telefonei e ele me respondeu imediatamente.

— É um “urgente bom” ou um “urgente ruim”? — perguntei-lhe.

— Você, como sempre, catastrófico — disse Pawel. — De fato, é um encargo fantástico para você, mas não quero lhe contar por telefone. Estou procurando uma desculpa para sair e tomar uma cerveja porque hoje eu tenho que ficar trabalhando até tarde da noite, assim, você poderia ser a desculpa para a cerveja. Você conhece aquele café virando a esquina da estação? Poderia estar ali dentro de quarenta e cinco minutos?

— Fantástico? Como assim?

— De muito prestígio. E o melhor ainda: desta vez posso torná-lo lucrativo. Quarenta e cinco minutos — respondeu Pawel.

E desligou.

Naturalmente, eu estava intrigado. Também estava desconcertado pela habilidade de Pawel em fazer parecer que nossa relação sempre havia sido pacífica.

Inclusive em seus momentos mais atrozes, o homem mantinha uma aparência de absoluta calma. Não foi diferente naquele dia. Cumprimentou-me rapidamente, pediu duas cervejas e foi direto ao ponto.

— O que eu estou a ponto de falar-lhe é absolutamente secreto. Na semana passada, dois importantíssimos bailarinos alemães, os irmãos Hans e Heidi Braun, conseguiram escapar da sua bonita cidade enfiados em duas malas que faziam parte de um arsenal de material que foi transportado à RDA por uma companhia de dança da República Federal. Os diretores da companhia têm impecáveis credenciais socialistas e por isso puderam sair em turnê pelo Paraíso dos Trabalhadores. No entanto, parece que um deles se apaixonou por Hans. E se isso por si só já não fosse pouco, Hans já havia sido objeto de abuso em seu país, por ser um bailarino tão famoso e além de tudo *gay*... O caso é que agora as autoridades da RDA estão furiosas e não sabem onde enfiar a cara, porque o bailarino e sua irmã passaram a fronteira enfiados em um par de malas contidas entre todos os adereços e materiais da companhia de Freiburg. A história, além disso tudo, tem a dimensão da “perseguição à homossexualidade” que também deve preocupar os figurões da RDA. E Hans Braun é um sujeito muito loquaz, um cara que adora falar. Por hora, ele continua aqui, na Berlim Ocidental, com sua irmã. Insistiu para que ela também viesse. O serviço secreto ainda os está interrogando, assim sendo, gostaria que você fosse o primeiro a entrevistá-los. Foi ideia de Wellmann porque, segundo a ótica dele, você é a pessoa ideal: é norte-americano, fala bem alemão, e como bom nova-iorquino, entende de balé, ou pelo menos é isso que esperamos — disse Pawel.

— Cresci com Balanchine e o Balé de Nova York — respondi.

— Era exatamente isso que imaginávamos. E isso é perfeito, porque parece que o Balé de Nova York quer contratar Hans. Logicamente, seu amante preferiria que ficasse em sua companhia em Freiburg, mas... Como poderá recusar o Balé de Nova York? Bom, você poderia estar aqui amanhã às cinco horas? Teremos um carro a sua espera para levá-lo ao lugar onde estão Hans e sua irmã. Você fará a entrevista, a transcreveremos e a devolveremos no domingo para que faça as

emendas sugeridas (que eu, enquanto isso, estudarei) e para que escreva uma introdução falada. Então, eu lhe pagarei mil e quinhentos marcos alemães, se estiver tudo bem para você.

— Para mim, tudo bem sim.

— O plano é anunciar publicamente, dentro de uma semana exatamente, a deserção deles e arruinar assim o fim de semana dos garotos de propaganda da RDA. Naturalmente, você não poderá dizer nem uma só palavra de tudo isso a ninguém.

Naquela noite, Petra voltou para casa somente depois das oito.

— O chato do Pawel me fez ficar depois do expediente para uma tradução que, segundo ele, era absolutamente urgente — explicou-me Petra ao chegar. — Depois, Herr Wellmann me chamou até o seu escritório para pedir-me que eu o acompanhasse até Hamburgo neste fim de semana. Foi uma decisão de última hora, porque há uma conferência importante da Rádio Liberty, e Frau Gittel, a tradutora que normalmente o acompanha nesse tipo de coisa, está de cama com gripe. Wellmann precisa de uma pessoa que faça tradução simultânea de seu discurso e mesmo que as pessoas de Hamburgo digam a ele que poderiam encontrar alguém, ele é muito metuculoso nesses assuntos. Pessoalmente, creio que seu alemão é mais do que correto. No entanto, embora se desenvolva sem problemas numa conversa, a ideia de passar uma hora inteira falando *auf Deutsch* o intimida. Por isso, ele insistiu muito que eu viaje com ele. Eu não quero ir, pode acreditar que não mesmo.

— Então não vá. De toda forma, em breve você deixará esse trabalho.

— Eu devo este favor a Wellmann. Ele sempre se portou incrivelmente bem comigo — disse Petra.

— Assim sendo, então você tem que ir. Por acaso eu também estarei ocupado no fim de semana. Você ouviu falar de Hans e Heidi Braun? — perguntei-lhe.

— Os bailarinos?

— Você os conhece?

— Na RDA todo mundo os conhece. São irmãos e as estrelas do Balé de Berlim. Quando saíram?

— Faz uns dois dias.

— E como é que eu ainda não li nada nem ouvi falar nada a respeito?

— O que eu entendi é que as autoridades ainda os estão interrogando, da mesma forma que interrogaram você. Além do mais, as autoridades deste lado não querem divulgar nada sobre sua deserção até que tudo esteja pronto para o anúncio público, que farão no próximo fim de semana, é o que eu acho. Mas adivinhe quem está encarregado de fazer a primeira entrevista com eles?

Então, contei-lhe que no dia seguinte, no período da tarde, eles me levariam para vê-los “num lugar não revelado” e que durante o fim de semana teria que trabalhar na transcrição da entrevista.

— Foi Pawel que o chamou para fazer esse trabalho?

— Foi Herr Wellmann, através de Pawel.

— Que bom! Isso é fantástico. Você me disse que a transcrição estará pronta no domingo?

— Isso mesmo.

— Seria interessante lê-la. E se aceitar sugestões sobre as perguntas que poderia fazer para Hans...

Petra proporcionou-me, então, uma longa lista de questões e me aconselhou que perguntasse aos irmãos sobre os campos especiais onde supostamente internavam as crianças com talentos para a dança a partir dos nove anos, para se converterem em “inquestionáveis artistas do Estado”. Também mencionou os locais de ambiente *gay* de Berlim Oriental (que Hans Braun provavelmente frequentava) e me contou que a polícia frequentemente fazia blitz por lá. Tomei extensas notas de tudo o que ela me contou, impressionado como sempre pela colérica veemência que se apoderava de sua voz cada vez que falava das injustiças da vida do outro lado.

— Ah! Como eu gostaria de ficar em casa esse fim de semana para inteirar-me de tudo — disse Petra.

— Eu lhe contarei tim-tim por tim-tim no domingo à noite. Inclusive, eu a deixarei ler a transcrição.

— Pawel vai me matar.

— Pawel jamais ficará sabendo — disse eu.

— É verdade.

— Eu sentirei cada minuto da sua ausência.

— Estarei de volta no domingo, no fim da tarde.

Na manhã de sua partida, o despertador soou às oito. Antes inclusive de ter tempo de esticar o braço para apertar o botão e fazer calar o condenado aparelho, Petra já estava sobre mim, colocando-me dentro dela e fazendo amor com tanta veemência e entrelaçamento como se fôssemos passar muitos meses separados.

— Não quero ir — disse-me ela depois.

— Não vá. Qual seria a pior coisa que poderia acontecer? Que ele lhe mande embora do emprego? De toda forma, você pensa em deixar o trabalho mesmo...

— Ah, certo. Mas quando estiver com você nos Estados Unidos e um futuro empregador lhe pedir referências sobre mim, dirá que sou péssima profissional — disse Petra.

— Parece que você mesma está tentando se convencer de que tem que ir.

— Porque é verdade mesmo que eu estou tentando me convencer de ir.

— Então, vá e faça seu chefe feliz. Interprete o seu discurso em Hamburgo e depois volte muito rápido para mim. Já verificou onde nós podemos nos casar na semana que vem?

— Na Rathaus de Kreuzberg celebram-se casamentos. É preciso inscrever-se com três dias de antecedência.

— Então, se formos juntos na segunda-feira pela manhã, poderíamos agendar para sexta-feira — disse eu.

Petra mordeu o lábio inferior. Estava com os olhos brilhantes de lágrimas.

— Você é muito maravilhoso, Thomas.

— Isso é um “sim”? — perguntei.

Fez um gesto afirmativo, secou os olhos e disse:

— Eu sempre vou te amar. Sempre.

Uma hora mais tarde, depois de acompanhar Petra até a porta e dar-lhe um longo beijo de despedida, me vesti e desci até o Café Istambul para tomar o café da manhã. A despedida havia me deixado com a sensação de vazio e certa ansiedade, talvez porque fosse a primeira vez que nos separávamos. Embora não deixasse de repetir para mim mesmo que, ao fim de mais ou menos quarenta e oito horas, ela estaria de volta, sentia em mim o medo que sempre sublinha o amor: o de perder tudo.

Porém, o dia estava claro e o céu aberto e sem nuvens. Não deixava de repassar mentalmente o momento em que ela me havia dito, ao separar-se de mim depois de um beijo interminável na porta do apartamento: “Eu me casarei com você na semana que vem, porque eu quero ser a sua mulher, mais que tudo no mundo”.

Passei uma manhã tranquila em casa. Depois de correr e de levar algumas horas escrevendo, fui até a Rádio Liberty, como haviam me indicado, às cinco horas da tarde. Quando Pawel saiu para receber-me no *hall* de entrada, vinha acompanhado de um homem que eu não conhecia. Tinha mais ou menos um metro e setenta centímetros. Era corpulento, com aspecto de um ex-jogador de rúgbi que tivesse engordado um pouco com a maturidade, mas que ainda mantinha a atitude tensa de um jogador da defesa acostumado a derrubar os oponentes. Ou, pelo menos, isso foi o que eu pensei quando observei o cavalheiro e pude apreciar o corte de cabelo no estilo militar, o ultraconservador traje azul de linha diplomática, a camisa azul, a discreta gravata de seda e a insígnia com a bandeirinha dos Estados Unidos na lapela esquerda. Também notei que ele sorria para mim com certo ar de superioridade e com um desdém apenas dissimulado. Quem era aquele sujeito?

— Quero lhe apresentar um grande admirador seu — disse Pawel. — Walter Bubriski.

— Ele também é polonês? — perguntei.

— Só no sobrenome — replicou Bubriski, com um sotaque que fazia pensar nas vastas pradarias do Meio Oeste norte-americano.

— Walter é o número dois aqui na USIA — disse Pawel.

— Imagino que já tenha ouvido falar sobre nós — entreviu Bubriski.

Naturalmente, eu me lembrava do que havia me dito Wellmann a primeira vez que me contratou para uma colaboração na Rádio Liberty: se alguma vez eu me encontrasse com alguém que dissesse trabalhar para a USIA, imediatamente deveria supor que fosse membro dos serviços de inteligência, porque todo o mundo sabia que a USIA era basicamente a face visível da CIA. E esse sujeito, Bubriski, tinha todo o aspecto de ser um espião.

— Sim, conheço a USIA e suas atividades — respondi, em um tom de voz deliberadamente neutro.

— Então, você deve saber também que temos muito interesse nas transmissões da Rádio

Liberty e seus colaboradores. Devo dizer-lhe que suas colaborações têm me impressionado muito positivamente.

— Obrigado.

— Fico contente que seja você o primeiro a entrevistar os Braun. Como houve um atraso, teremos que matar o tempo em uma hora, mais ou menos, antes de ir vê-los. E como eu gosto de conhecer os colaboradores, o que acha de sairmos e tomarmos uma cerveja? — perguntou-me Bubriski.

— Você também vem? — perguntei a Pawel.

— Tenho algumas coisas para concluir antes do fim de semana — respondeu Pawel.

Imediatamente suspeitei que Pawel sabia desde o início que a entrevista com um dos bailarinos seria somente às seis da tarde, mas que havia agendado uma hora antes para que o Sr. Espião pudesse me conhecer. O mais provável era que o homem quisesse falar comigo porque encontrou algo a objetar no que eu havia escrito e propôs-se marcar algumas pautas sobre os conteúdos. Ou talvez somente quisesse “engrossar” o arquivo que tinham sobre cada um dos seus colaboradores e havia pensado em sondar minhas ideias sociopolíticas enquanto tomávamos algumas cervejas.

Embora eu preferisse declinar do convite, dizendo que não me apetecia naquele momento conversar e que, no caso, eu retornaria às seis, quando fosse exatamente a hora de sair para fazer a entrevista, meu lado escritor com um livro a ser produzido me fez pensar: “Mas esse poderia ser um incidente fantástico, o momento em que o meu próprio bando, ao mais puro estilo de Guerra Fria, decide investigar minha lealdade!”.

— Será um prazer beber uma cerveja com um admirador — disse eu —, sobretudo quando é o admirador quem paga.

— Já tinham me avisado que você era um autêntico nova-iorquino — comentou Bubriski olhando para Pawel.

— E você, de onde é?

— De Muncie, Indiana. Dessa parte do mundo que vocês, os do leste, só veem de avião.

Pensei que a conversa seria interessante.

O bar ao qual nos transferimos estava localizado bem em frente da Rádio Liberty. Era a clássica *Bierstube* alemã: simples e sem adornos, vazia de clientes e com um reservado em um canto distante, ao qual Bubriski me conduziu, fazendo-me pensar imediatamente: “Bem, deve ser sempre aqui o lugar onde ele costuma manter suas *conversas*”.

Quando o garçom veio, nós dois pedimos cerveja Hefeweizen. Enquanto esperávamos que as trouxesse para nós, tirei o pacote de tabaco e o papel de enrolar.

— Isso também se encaixa — disse-me Bubriski.

— O que é que se encaixa? — perguntei.

— Que enrole os cigarros — respondeu.

— E com o que se “encaixa”?

— Com a imagem de você que eu venho construindo.

— E por que vem “construindo” uma imagem minha?

— Porque, como bem disse antes o nosso amigo polaco, sou um grande admirador seu — disse Bubriski.

As cervejas chegaram e, quando a garçonete regressou ao balcão, meu acompanhante levantou a sua e deu um belo gole. Não houve a pequena e costumeira batidinha entre copos. Terminei de enrolar o meu cigarro e o acendi, perguntando-me o que aconteceria depois.

— Então, você leu o meu livro? — perguntei.

— Não é só isso. Como qualquer admirador, tenho buscado e encontrado muitos dados sobre meu novo escritor favorito.

Notei a ironia subjacente nas duas últimas palavras. Bebi um gole da minha cerveja e perguntei:

— E o que encontrou?

— Muitas coisas: por exemplo, uma infância desgraçada em Manhattan, com uma mãe que era uma *Hausfrau* amargurada e lamentava a presença de um menino em sua vida; e um pai distante que nunca apreciou em nada as preferências artísticas de seu filho; ou o modo como esse garoto passou grande parte de sua adolescência convencido de que seria um intelectual parisiense; ou seu tempo de convivência naquela seleta universidade do Maine para os garotos “mauricinhos” da costa Leste, onde tinha fama de nova-iorquino sabe-tudo que soltava ares de grandeza e percorria o *campus* com sua jaqueta e seus fedorentos cigarros franceses falando de Proust, Truffaut e Robbe-Grillet... — disse Bubriski.

— Seus conhecimentos sobre a cultura francesa do século XX são impressionantes.

— Impressionantes para um sujeito de Muncie, Indiana, que estudou na Universidade de Ohio, certo? — perguntou ele.

— Eu não disse isso — respondi.

— Mas dá para notar pelo jeito que me olha. Estou a minha vida inteira lidando com gente como você: todos esses sujeitos de Washington, com sua *noblesse oblige* da Nova Inglaterra e suas importantes carreiras de diplomacia na Woodrow Wilson, ou em Fletcher, ou em Georgetown.

— Não sou da Nova Inglaterra e nunca pisei em Princeton.

— Contudo, enviou uma solicitação de inscrição, não é mesmo?

Senti um calafrio. Esse homem era espião e havia submetido toda a minha vida a um minucioso escrutínio.

— Qual é o sentido disso tudo, além de me fazer saber que você tem muita informação sobre mim?

— Como eu lhe disse antes, não faço nada além de demonstrar meu interesse pela vida e obra do meu escritor favorito, um escritor que, em seu livro sobre o Egito, qualifica de “propaganda

mediocre” *A voz da América*. Bonita frase. Curiosamente, passa por cima de toda a sua missão, e do fato de que *A voz da América*, da mesma forma que a emissora que o está ajudando a pagar suas contas desse apartamento que compartilha em Kreuzberg com um drogado afeminado...

— A conversa acabou — interrompi, amassando meu cigarro.

— O que houve? Não aguenta ouvir uma pequena brincadeira?

— O que eu não posso aceitar é a merda que pretende atirar em mim.

— Já ouviu falar do radar? — perguntou Bubriski.

— O quê? — perguntei, surpreso pela mudança brusca de assunto.

— Claro que já ouvi falar do radar. Mas o que tem a ver com...?

— Sabe como funciona?

— A troco do que tudo isso?

— É só uma pergunta de “cultura geral” e um tipo esperto como você deveria saber a resposta — disse Bubriski.

— Vou embora — disse eu.

— Termine de escutar o que eu estou lhe dizendo. O radar. Conhece seu princípio básico?

— Algo a ver com um campo eletromagnético...

— Que beleza! Vejo que o ensino era bom nessa sua seleta universidade, embora não tenha cursado nenhuma matéria de ciências. “Radar” é um acrônimo criado em 1940 pela Marinha dos Estados Unidos, que significa “detecção e localização por rádio”. Porém, os britânicos o aperfeiçoaram, quando os alemães começaram a encher-lhes o cu de bombas. O que descobriram (e quero que você, como bom escritor, o considere no subtexto do que eu vou dizer) foi que o radar funciona quando se estabelece um campo magnético, quase como um campo de atração, entre dois objetos. Então, um dos objetos envia um sinal ao outro através da distância. Quando o segundo objeto lhe devolve o sinal, o que foi transmitido não é o objeto em si, mas apenas uma *imagem* desse objeto.

— Muito interessante, porém eu ainda não entendi o motivo desta pequena palestra científica.

— Não entendeu? — disse Bubriski entre sorrisos. — Sério? Não entendeu mesmo?

— Nada — respondi.

— Isso sim me surpreende, senhor Nesbitt. Porque um homem tão apaixonado por uma mulher, tão intensamente apaixonado e feliz que compareceu há pouco com sua noiva ao consulado dos Estados Unidos desta grande cidade para informar às autoridades que pensa em casar-se... Não sei, creio que deveria pensar mais minuciosamente no radar e seus “significados subtextuais”. Meu primeiro casamento veio abaixo depois de dez anos e com dois filhos, sabe? Eu me apaixonei na mesma estúpida idade que você. Porém, depois do divórcio, uma década mais tarde, compreendi que desde o início da relação não havia enxergado a mulher real que tinha diante de mim, senão apenas a imagem que eu havia projetado dela, em meio a toda magnética embriaguez que uma pessoa sente quando acredita estar apaixonada...

— Eu já ouvi o suficiente — disse-lhe, colocando-me em pé.

— Você ainda não entendeu, não é? — perguntou Bubriski.

— Entender o quê? Além do fato de que tem tão pouco a fazer aqui e que você e sua gente são tão obcecados em saber tudo sobre qualquer um que ingresse mesmo que somente tangencialmente em seu campo visual, que se sentem obrigados a repassar com pente fino a vida de todo mundo.

— Você é um homem que está apaixonado, Thomas — disse Bubriski.

— Deus! Que brilhante serviço de informação você comanda!

— Porém, está apaixonado por uma imagem, uma imagem que na sua maneira romântica e adolescente de ver projetou em...

— Como se atreve?

— Como eu me atrevo? — disse-me, com um sorriso. — Eu me atrevo porque sei.

— E o que é que você sabe?

Fez uma pausa, tomou um longo gole da cerveja e depois, fixando em mim o seu olhar frio, disse-me:

— Sei que Petra Dussmann é agente da Stasi.

Por um momento ou dois, mais tarde, eu experimentei o que só poderia ser descrito como uma completa desorientação. Estava em choque. Mas era o tipo de choque que acompanha a descrença, a recusa de aceitar a notícia que havia pousado em mim como um chute no estômago.

— Seu imbecil — sibilei a Bubriski. — Seu mentiroso idiota e sádico.

O sorriso dele ficou mais amplo. O sorriso de um jogador de xadrez que acaba de fazer um movimento súbito do cavalo e dá xeque-mate antes que você possa ver o que está por vir.

— Achei que você ia reagir dessa maneira — disse ele. — Isso não me surpreende. Porque você está no primeiro estágio dos cinco previstos no modelo de Kubler-Ross para lidar com a perda e a dor, e aposto como nunca imaginou que um caipira de Indiana soubesse esse tipo de merda cerebral, hein? Mas eu tenho certeza de que você se lembra, mesmo tendo feito apenas aquele curso de sociologia naquela faculdade metida do leste, que o primeiro estágio da dor e da perda é a negação. É com isso que você está lidando agora, a crença de que aquilo que acabei de dizer nada mais é do que uma mentira deslavada preparada para estragar a sua tarde e desestabilizar você...

Gritei de volta:

— Eles ensinam essa porcaria na escola de espionagem, é isso? Como colocar o “indivíduo” em uma posição de desvantagem psicológica. Minar sua crença na coisa mais importante em sua vida.

— E Frau Dussmann é certamente isso. Especialmente tendo em conta o fato de que você nunca recebeu muito amor por parte de seus pais e não podia se comprometer com aquela coisa linda da Juilliard.

— Já chega! — exclamei, levantando-me.

— Sente-se — ordenou ele.

— Você não vai me dizer porra nenhuma sobre o que eu devo...

— Eu poderia ter seu passaporte retirado de você amanhã — disse ele no mesmo tom de voz que o meu. — Poderia enviar você de volta para os Estados Unidos amanhã e mandar prendê-lo em um centro de detenção por tempo indeterminado. Posso colocar seu nome na lista negra de todos os países da Europa Ocidental. E a razão pela qual eu poderia causar tantos estragos em sua carreira, nessa carreira de viajante pelo mundo, é que você esteve associado a um agente inimigo. Você poderia contratar um caminhão inteiro de advogados e ainda assim eles não seriam capazes de fazer você viajar de novo, o que é, vamos encarar, o que você faz para viver. Tudo porque você seria classificado como um grande risco de segurança. Então, sente-se agora antes que eu fique realmente chateado e concretize as minhas ameaças.

Eu me sentei.

— Cara inteligente... — disse Bubriski.

Eu senti minhas mãos tremendo. Bubriski viu isso. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e jogou um pacote de Old Golds sobre a mesa.

— Tome, fume um cigarro de verdade, e não esse mato que leva na mochila e que chama de fumo.

Peguei o pacote, mas minhas mãos continuavam tremendo.

— *Fraulein* — gritou Bubriski para a garçonete. — *Zwei Schnaps. Und wir Möchten Doppel.*

Duas doses duplas de aguardente chegaram rapidamente. Eu consegui pescar um cigarro do maço dele e o acendi no Zippo que Bubriski segurava com o braço estendido.

— Tome isso — disse ele, apontando para o copo pousado à minha frente na mesa.

Levantei o copo e bebi de um só gole, estremecendo enquanto a bebida descia pela garganta e acolhendo seu efeito reconfortante.

— Isso ajudou? — perguntou ele.

Assenti com a cabeça.

— Agora, só para deixar as coisas claras — disse ele —, não acho que você esteja em conluio com essa mulher. Se você tem alguma culpa no cartório, considero que foi o fato de ser um otário ingênuo, e sua reação agora reforça minha opinião. Mas isso não significa que você não esteja maculado por sua associação com Frau Dussmann, especialmente desde que, por aquilo que pudemos entender, você trouxe de volta microfilmes naquelas fotografias que foi buscar em nome dela com sua amiga Judit.

— Eram fotografias do filho dela.

— Isso mesmo. E quantas delas ela mostrou a você?

— Eu não sei... — respondi. — Umas dez, doze...

— E quantas fotos você trouxe de volta?

— Acho que umas vinte.

— Então, onde estão as outras?

— Não sei!

— Pois eu vou lhe dizer — disse ele. — Estão com o chefe dela aqui, um homem da Stasi chamado Helmut Haechen. Herr Haechen tem estado sob nosso radar durante os últimos dois anos, desde que tem controlado três agentes femininas em Berlim Ocidental, uma delas é Petra Dussmann. E ele também vinha dormindo com Frau Dussmann desde que ela teria sido “expulsa” da RDA pouco mais de um ano atrás.

Fechei os olhos, querendo escurecer o mundo.

— Deixe-me adivinhar: você está dizendo a si mesmo agora: “Eu não posso acreditar nisso... porque ela me disse repetidas vezes que eu era o amor de sua vida”. Ela lhe disse isso, não foi?

— E como você sabe? — perguntei.

— Do mesmo jeito que eu sei sobre o único curso de sociologia que teve na faculdade, e também que seu pai fuma Old Golds. Nosso negócio é saber um monte de coisas. E nós sabemos

muito sobre você.

— Eu preciso de uma prova de que Petra...

— Ah, sim, claro. Por que acreditar em um representante de seu próprio governo quando se trata de assuntos do coração e da traição de confiança? O que você precisa é de algo factual, se não completamente empírico. Tudo bem então. Você consegue se lembrar da noite em que jantou com Frau Dussmann pela primeira vez... A noite em que ela ficou em seu apartamento? Era 23 de janeiro, *ja*?

— Mas... Como sabia disso? — perguntei, parecendo chocado.

Bubriski apenas deu de ombros e disse:

— Você pode confirmar que era 23 de janeiro quando jantou pela primeira vez com Frau Dussmann?

Assenti com a cabeça.

— E você pode confirmar que no meio do jantar, sem qualquer razão aparente, ela saiu correndo e desapareceu no meio da noite?

— Vocês estavam nos vigiando? — perguntei.

— Nós estávamos vigiando a ela. Você apenas por acaso estava lá. Por que ela fugiu no meio do jantar?

— Ela não deu nenhuma razão — respondi. — Ela ficou toda emotiva e...

— Ela estava fazendo sua verificação com o seu controlador, Herr Haechen.

— Besteira.

— Ah sim, o homem precisa de provas...

Ele estendeu a mão para a maleta em sua cadeira, colocou-a sobre a mesa e abriu-a, trazendo à tona um arquivo robusto. Depois de fechar a maleta, ele abriu o arquivo:

— O homem precisa de provas — disse ele, puxando uma fotografia —, o homem recebe as provas.

Ele me empurrou duas fotos em preto e branco granuladas, tamanho oito por dez polegadas. A primeira mostrava Petra correndo para fora do restaurante onde tivemos nosso primeiro jantar, e o horário e a data impressos no canto esquerdo da revelação indicavam que fora tirada na data em questão, às 21h22. A segunda foto a mostrava entrando em um hotel às 21h51.

— O hotel ficava perto do aeroporto de Tegel — disse Bubriski. — Ela teve que fugir porque tinha um encontro com esse homem.

Ele jogou outra fotografia granulada na minha frente, mostrando um homem atarracado saindo do hotel às 22h41. Era difícil ver seu rosto, apesar de eu notar que ele tinha um cavanhaque.

— Então ela estava entrando em um hotel — disse eu — e este homem saiu do mesmo hotel algum tempo depois. Isso não significa que ela foi vê-lo lá.

— Então, por que ela saiu de seu jantar de forma tão abrupta? E quando foi embora, ela informou que estava indo para um hotel sórdido do outro lado da cidade?

Balancei a cabeça, negando.

— O homem do hotel era Helmut Haechen. Quanto ao por que ela correu para fora do restaurante... Não lemos mentes, Thomas. Ou, pelo menos, não ainda. E sim, essa foi a minha tentativa de fazer uma piada de mau gosto. Então, tudo o que posso fazer é especular. Talvez ela tivesse que obter autorização de Haechen para dormir com você. Talvez fosse tudo parte de um estratagema elaborado para fazê-la parecer problemática e complexa e, como tal, muito mais desejável. Essa é a minha teoria. Eles decidiram atrair você ao permitir que imaginasse que ela escondia alguma tragédia em sua vida. Então, quando percebeu que tinha você nas mãos, ela lhe enviou para o outro lado da fronteira a fim de recolher as fotografias da mais alta importância de seu filho perdido, nas quais foi incorporado o microfilme contendo algo tão crucial para a atenção do Haechen.

— Mas o filho...

— Ela deu a criança para adoção no nascimento.

— Isso eu não posso acreditar. A dor que ela expressa ao falar sobre ele...

— O homem precisa de mais provas.

O arquivo foi aberto novamente. Ele me entregou uma fotocópia de um documento que, a julgar por sua aparência um pouco turva, pode ter sido originalmente fotografado. Era um documento oficial da *Deutsche Agentur für das Wohl der Kinder* — Agência Estatal do Bem-Estar Infantil na RDA. Os nomes da criança, do pai e da mãe eram claramente visíveis. A palavra *Tote* (Pai) entre parênteses ao lado do nome de Jurgen. No texto legal um pouco borrado, mas ainda visível, que vinha abaixo do nome podia ler-se que a abaixo-assinada, Petra Alma Dussmann, vinha por este meio dar o seu filho, Johannes, para adoção legal; que ela renunciava a todos os outros direitos legais sobre a criança; que ela estava assinando este documento sem coação ou qualquer pressão externa, e por meio dele permitindo que o seu filho fosse adotado pela própria vontade da mãe e nos melhores interesses da criança. O documento foi datado de 6 de maio de 1982.

— Nós temos um agente ali que, com grande risco pessoal, conseguiu fotografar este documento para nós. Deixe-me adivinhar o que você está pensando agora. Que mãe concordaria em ter seu filho adotado com um ano? Uma mãe que estivera informando sobre o marido louco à Stasi durante anos.

— Nisso eu não posso acreditar.

— Mais uma prova necessária — disse Bubriski, vasculhando no arquivo.

Ele me entregou outro documento fotografado e também granulado. Era do MfS, *Ministerium für Staatssicherheit*, o Ministério da Segurança do Estado, mais conhecido como Stasi. Era uma foto de Petra, sua data de nascimento, o endereço residencial, e duas palavras dizendo:

Spitzelaffäre seit...

Informante desde... E a data: 20 de janeiro de 1981. Ela devia ter ficado grávida de Johannes.

— O agente que nos conseguiu esse documento — disse Bubriski —, juntamente com dezenas

de outros, está agora cumprindo vinte anos de trabalhos forçados por causa de seus pecados. Eles jogam duro por lá. E nós também. Mas, como você pode ver, ela estava trabalhando para eles por vários anos antes de atravessar para cá. Qual foi a história que ela lhe contou sobre Johannes?

— Posso beber outra aguardente, por favor? — pedi.

— Depois que você responder à pergunta.

— Ela me disse que Johannes foi tirado dela porque o seu marido ficou louco, tentou fazer contato com agentes norte-americanos, e gritou com o ministro da Cultura antes de fazer xixi em cima dele.

— Tudo isso é verdade, exceto que, como você viu pelo documento anterior que lhe mostrei, ela voluntariamente desistiu de Johannes, dando-o para adoção. Quanto àquelas lágrimas de crocodilo dela sobre o garoto ter sido levado embora, minha teoria é simples: a Stasi lhe ofereceu uma oportunidade de promoção, se ela viesse para cá e espionasse para eles. Eles lhe deram a cobertura perfeita: a esposa de um dissidente injustamente perseguida cujo filho foi violentamente arrancado de suas mãos pelas hediondas forças demoníacas do *Ministerium für Staatssicherheit*. Eles a levaram para longe de sua vida em Prenzlauer Berg durante meses antes de a oferecerem para nosso lado como uma vítima inocente. Nós aparecemos para comprar essa lorota, mas a verdade era que estávamos certos desde o início que Petra estava sendo “supervisionada” por Herr Haechen. Por isso a direcionamos para aquele trabalho na Rádio Liberty, para que parecesse que a garota tivesse conseguido acertar na mosca. As pessoas que temos lá deixaram à vista alguns documentos supostamente “sigilosos” como isca, que ela depois fotografou. E se você quiser provas disso...

Ele estava prestes a revolver sua pasta de arquivo para buscar outra fotografia. Eu acenei, mostrando que não precisava. Eu sabia que essa foto teria o efeito similar ao de mais uma gota de ácido pingando em um par de olhos que tinham sido forçados a ficar arregalados por causa de todas essas terríveis evidências visuais.

— Bem — disse Bubriski —, você não quer dar uma olhada no homem com quem ela vem trepando todo esse tempo?

— Não, não tenho interesse — respondi.

— Eu insisto — disse ele, puxando uma nova fotografia do arquivo e jogando na minha frente, como um crupiê manuseando uma carta que ele sabe que vai custar muito alto ao jogador.

A imagem que pousou na minha frente era do mesmo homem que eu tinha visto na foto anterior, só que desta vez a imagem era muito nítida e vívida. Helmut Haechen era um homem pequeno e inchado, com o cabelo preto untado todo para trás, grossos óculos pretos, um cavanhaque horrível, dentes ruins e uma tez oleaginosa.

— Eu realmente poderia perder uns vinte quilos — disse Bubriski — e ainda assim não mereceria ser chamado de bonitão. Mas esse bandido, e essa é a única palavra para descrever esse bastardo perverso... Bem, “físicamente repulsivo” são as duas palavras que vêm à mente quando eu tenho que olhar para sua imagem. Este é o homem com quem sua amada começou a ir para a cama cerca de um mês depois que foi “estabelecida” por nós em seu quarto em Kreuzberg e em seu

emprego na Rádio Liberty. Durante todo o tempo de seu “romance” com ela, Petra viu Haechen pelo menos duas vezes por semana e seus relatórios sempre tiveram sexo envolvido. Eu não posso imaginar que Frau Dussmann gostava de ter esse gnomo de jardim dentro dela e...

— Por favor, pare com isso — pedi.

— Eu só estou imaginando como deve ter sido para você descobrir que estava compartilhando sua mulher com esse grotesco...

— Você já se fez entender, droga!

— Bem, como eu estava insinuando antes, a gente precisa ter certa condescendência com Frau Dussmann quanto a este assunto. Porque quando você está sendo orientado e comandado por um agente da Stasi, e ainda tem todas as vantagens da vida no Ocidente, o negócio é o seguinte: você tem que transar com ele de forma regular. Que é o que ela estava fazendo.

Bubriski procurou no arquivo e tirou um relatório escrito, que examinou enquanto falava:

— De acordo com a nossa equipe de vigilância, eles transavam duas vezes por semana. Eles nunca se encontraram no apartamento dele, falando nisso. O homem sempre arrumava um quarto num hotel barato, geralmente perto da Hauptbahnhof, mas mudava o local o tempo todo. Duvido que ela pensasse que estava sendo vigiada, dada a forma como ela foi feita para ser vista por nós desde o início como uma heroína. Mas Haechen era muito cuidadoso sobre mudar de estações de metrô, descendo e subindo em táxis só para ter certeza de que não estava sendo seguido. Ele conseguiu nos despistar algumas vezes, mas na maior parte do tempo...

Ele me passou foto após foto, todas com a data marcada no canto, de Haechen entrando em algum hotel sórdido e Petra entrando no mesmo lugar entre sete e dez minutos mais tarde.

— Onde você acha que sua amada está agora? — perguntou ele.

— A caminho de Hamburgo como uma tradutora de última hora para o Sr. Wellmann.

— Essa foi a história dela, hein?

— E você sabia que ela estava prestes a sair da cidade com seu marionetista.

— Ei, gostei dessa frase, Thomas! Acho que vou roubá-la...

— E então foi você quem fez o Pawel me chamar — disse eu. — Aposto que o Pawel é o sujeito que está deixando os tais documentos falsos para a Petra copiar, certo? Ele é o tipo de merda oportunista que provavelmente pensou que ser seu lacaio era o caminho mais fácil para subir nos escalões propagandísticos. Qual é a recompensa dele pelos serviços? O visto permanente?

— Você está sendo rude e saindo da linha, senhor — respondeu ele. — Mas, como eu já disse antes, você está na fase da “negação”. Você está pensando: *Ela tem que ter sido enganada. Eles eram pessoas más, deixando documentos secretos, uma tentação para obrigá-la a fotografar esses papéis. E, claro, ela me amava tanto, e transava comigo com tanta paixão...* Aposto que ela disse que você era o homem com quem ela sempre sonhou, mas pensava que nunca iria encontrar na vida. Quando você falou sobre casamento, filhos, a vida juntos em Nova York que vocês estavam prestes a começar no mês que vem...

— Cale-se! — sibilei.

— A verdade é uma charada desconfortável, não é? Nós nunca gravamos as conversas entre os dois, mas não é preciso ser um escritor inteligente como você para imaginar o tipo de diálogos íntimos pós-coito que vocês tiveram juntos. Porque todos nós já estivemos lá, parceiro. “Eu nunca me senti desse jeito antes... A paixão que temos nunca vai desaparecer... Eu sempre estarei lá com você... Você é o único. O único. Eu confio em você com a minha vida.”

Pus a cabeça entre minhas mãos, querendo que ele parasse de falar, mas ao mesmo tempo desejando perversamente que o homem continuasse me repreendendo pela minha estupidez, minha ingenuidade, pelo amor que tanto ansiava e que pensara ter encontrado. E agora... *Agora...* Mesmo que apenas uma parte do que esse desgraçado estava me contando fosse verdade... E ele tinha muitas dessas terríveis e esmagadoras provas naquela porra daquele arquivo... Mesmo que só uma parte fosse verdade, eu não podia me esquivar do fato de que ele estava falando uma verdade terrível: eu tinha sido profunda e verdadeiramente enganado. Mesmo que parte daquilo que ela havia dito a mim sobre como se sentia fosse verdade.

Ora, por favor. Ela o enviou ao outro lado do Muro em uma missão de misericórdia atrás das fotografias que ela ansiava de seu filho perdido. E agora você já viu uma prova de que ela voluntariamente entregou a criança para adoção, ao mesmo tempo que o mandou contrabandear — sem que você soubesse — um microfilme para aquele porco repugnante com quem estava se encontrando fora do serviço duas vezes por semana, enquanto ficava lhe dizendo que ela nunca tinha conhecido o amor antes de você entrar em sua vida.

— Evidentemente, todos esses sentimentos que comentei, todos eles expressões enfáticas de amor e devoção, são reais — disse ele. — Como eu disse antes, você era um homem apaixonado. E ela queria alimentar essa sua necessidade desesperada de ser amado. Porque Petra sabia que, uma vez que lhe desse a imagem do tipo de amor que nunca recebeu antes, você andaria sobre brasas por ela. *Radar*, meu amigo. Tudo se resume ao *radar*. Ela e o controlador dela sacaram você muito rapidamente: “Vamos lhe dar a imagem do amor, mas também faça que seja difícil de conseguir. Jogue com a ideia de que você é uma mulher que não pode se comprometer totalmente porque foi muito prejudicada pelo monólito de um estado comunista. Faça-o descobrir lentamente sobre seu trágico segredo. Fale de devoção eterna e de casamento. E, então, use esse confiante garoto de recados para coletar e transportar documentos para você através da fronteira”.

— E você tem alguma ideia do que essas fotos poderiam conter? — perguntei.

— Sem chance — respondeu ele. — Herr Haechen é um operador inteligente. Ou ele queimou as provas ou escondeu tudo isso tão cuidadosamente que nós nunca vamos saber qual o nível de espionagem que esses microfilmes revelavam.

— E a forma como fui tratado no Checkpoint Charlie quando voltei, do lado da RDA?

— Ah, sim, ouvi dizer que você ficou retido lá por algumas horas.

— Suas fontes são impecáveis. E você acha que, sabendo o que você sabe, essa detenção foi projetada para...

— ... Fazê-lo pensar que estava em perigo porque visitou Frau Judit Fleischmann, uma

informante desacreditada da Stasi? Absolutamente. Você voltou bastante abalado depois dessa experiência, não foi? Mas um pouco orgulhoso por ter sido detido por várias horas pelas forças de um estado policial, mas ainda assim conseguido entregar as fotos da criança arrancada dos braços de Frau Dussmann e...

— Então, eles encenaram tudo aquilo para mim? — perguntei, interrompendo-o.

Pude ver Bubriski com o sorriso de um grande mestre psicológico que sabia que tinha acabado de “convencer” alguém.

— Não posso confirmar isso cem por cento — respondeu ele —, mas, sim, acredito que essa detenção foi o toque teatral final para fazê-lo pensar que tinha acabado de “estrelar” seu próprio drama na Guerra Fria. Como estou certo de que você foi acompanhado desde o momento em que pisou em Berlim Oriental, novamente apenas para aumentar o drama da situação. Se não tivéssemos decidido finalmente acabar com Herr Haechen e seu grupo de agentes do sexo feminino, eu não tenho nenhuma dúvida de que, antes que você e sua amada fossem para Nova York, ela lhe teria pedido para fazer mais uma incursão para o outro lado a fim de buscar mais lembranças de Johannes. Aposto que ela lhe teria falado sobre outra amiga que tinha guardado todos os brinquedos que Petra comprara um dia para o filho... E você teria voltado para cá com um ursinho de pelúcia recheado com mais microfilmes. Mas um aspecto dessa história me intriga: Quais seriam as segundas intenções de Herr Haechen em permitir que Petra se mudasse com você para os Estados Unidos? Eles podem ter avaliado que ela seria útil por lá? Talvez arrumando para ela um emprego de tradutora de alto nível na ONU? Ou tudo isso foi uma elaborada armação?

— Uma armação para quê?

— Nós temos informações, vindas de nossa gente na RDA, que os superiores de Haechen não estão satisfeitos com a qualidade dos dados que ele tem repassado e que são obtidos por meio de suas agentes; que ele precisa de algo grande. Precisamos pegar Haechen em flagrante para interrogá-lo e também para usá-lo como moeda de troca por três de nossos agentes, incluindo o homem que está condenado a vinte anos de trabalhos forçados, e que estão em diferentes cadeias na RDA. O problema é que sentimos que Haechen e sua amada já começaram a se perguntar se o nosso homem na Rádio Liberty está fornecendo a eles documentos falsos. O que precisamos fazer é pegar Petra, na verdade, fotografando um documento reservado.

— Mas você poderia provavelmente ter feito isso muitas vezes ao longo do ano passado.

— É verdade, mas nós não queríamos prendê-la. Porque nossa ideia era criar a ilusão de que tanto Petra quanto Haechen estavam conseguindo se safar com sua pequena operação de espionagem, e também queríamos conhecer o “plano de jogo” deles. Agora chegamos à conclusão de que ambos são, na melhor das hipóteses, operativos de baixo escalão... Mas, ainda assim, serão úteis para nós quando forem presos, como já expliquei. A coisa é que não queremos armar uma cena pública na Rádio Liberty quando formos prendê-la. Mas se formos armar a prisão em seu apartamento...

— Mas de jeito nenhum...

— Escute, Thomas — disse Bubriski —, eu sei que há uma parte de você que ainda se recusa

a acreditar que tudo isso sobre Frau Dussmann é possível. É compreensível, dado o quanto você tem investido nesta relação e a profunda confiança que colocou nela. Tudo o que eu disse a você, todas as provas que eu apresentei a você, deve ter sido muito difícil de absorver. Como aconteceria a qualquer um que recebesse a notícia de que a pessoa que pensava ser o centro de sua existência é uma fraude...

— Por favor, me poupe dessa merda de opinião... — disse, interrompendo-o.

— Você ainda não confia no que estou lhe dizendo, não é?

— Esse tipo de prova é sempre flexível, especialmente nas mãos de pessoas como você — respondi.

— Você colocou a coisa de modo muito elegante e, sim, é verdade — retrucou ele. — Nós compartilhamos com “o outro lado” a capacidade de dobrar a verdade para servir aos nossos propósitos. Mas como eu estaria manipulando alguma coisa aqui?

— Ela poderia estar se reunindo com esse homem apenas para passar seus relatórios...

— Bem observado — disse ele, de forma muito viva e com o tipo de entonação irônica que um professor concederia a um aluno que tivesse feito um comentário particularmente ingênuo. — Mas podemos mostrar-lhe fotos, tiradas a alguma distância, mas ainda assim muito claras, dos dois juntos na cama. Foram tiradas recentemente, coisa de três semanas atrás. Quer dar uma olhada?

Ele abriu o arquivo novamente, dedilhando seu caminho através das dezenas de papéis.

— Você realmente me colocou em xeque-mate, não é? — perguntei.

— E por que você diz isso?

— Porque, se eu oferecer qualquer alternativa hipotética à realidade que está me apresentando...

— ... Temos provas visuais do nosso lado? Tudo bem, digamos que Petra tivesse ido se encontrar com Haechen naqueles sórdidos quartos de hotel apenas para passar seus relatórios. O fato continua, ela é agente de um regime totalitário e o enganou, fazendo-o pensar que...

— Eu sei o que pensei. Eu sei o que foi dito entre nós. Eu sei...

Caí no silêncio. Uma nova rodada de aguardente chegou. Engoli em um gole só. E pensei: *Basta se levantar, sair pela porta e não voltar. Vá para casa, arrume tudo. Pegue o último trem que sai da cidade...* O problema é que esse último trem provavelmente seria o trem noturno para Hamburgo, a cidade onde ela supostamente está abrindo as pernas para aquele ogro que tem controlado a sua vida por mais de um ano.

— Eu preciso de uma prova de que ela não está em Hamburgo traduzindo para o Wellmann — disse eu.

— Fácil de arrumar — respondeu Bubriski. — Herr Wellmann está levando sua esposa para ouvir a Filarmônica de Berlim esta noite. Você é daqueles que gosta de música clássica, não é? Então vai aprovar o fato de que é aquele cara italiano, Abbado, que vai reger Mendelssohn e Schubert. Dado que somos pessoas muito aculturadas na USIA, por acaso tenho um ingresso sobrando para o concerto. O assento está a apenas duas fileiras de onde Wellmann vai estar sentado.

Então, se você quiser a prova...

Ele enfiou a mão no bolso e estendeu um ingresso na minha direção. Eu o cobri com a minha mão.

— Então, depois de ver Wellmann lá hoje à noite... — disse ele.

— Eu ainda preciso de uma prova de que ela está realmente trabalhando para a Stasi.

— Eu pediria a mesma coisa se estivesse em seu lugar.

— Mas você não está. E você quer algo de mim. E não estou disposto a preparar uma armadilha para ela.

— Bem, aqui está como vai ser — disse ele. — Você disse a Petra que iria entrevistar dois dançarinos da Alemanha Oriental que desertaram, certo?

— Isso não é da sua maldita conta.

— Vou tomar isso como uma afirmativa. Então, se você contou a ela sobre a entrevista, você também falou sobre a transcrição que irá receber no fim de semana da conversa que teria com esses dois bailarinos.

— Você armou para mim... — sibilei.

— O fato é que você se enredou sozinho nessa história, parceiro. E agora preciso informar que essa entrevista jamais vai acontecer. Mas digamos que venha a receber uma cópia dessa suposta transcrição e marcada “confidencial”. Digamos que você esqueça essa cópia sobre uma mesa para que sua amada...

— Pare de chamar a Petra assim!

— Perdão, perdão... Mas entendo por que você está um pouco sensível...

— Vá se danar, “parceiro”. Danem-se você, seus jogos mentais e sua brincadeira de “tira bom/tira mau”. Eu não gosto de você. Eu não gosto de quem você é, do que você representa, ou dos jogos de merda que você joga em nome de Deus e do país. Assim como eu não gosto do desprezo que sente por qualquer um que não “vista a camisa”, que “seja direto”, um “americano de verdade”. E a coisa é a seguinte: apesar desse seu discursinho maldoso sobre qualquer compatriota que não compartilhe a sua visão em preto e branco do mundo, você vive na maior névoa moral cinzenta que se possa imaginar.

— Muito bem, parceiro — retrucou ele. — E o senhor, com toda sua cultura mundana e humanista, não se espelha pela vida real. Posso jogar um jogo sarcástico e cruel, Thomas, eu posso espetar você com a minha franqueza caipira do Meio Oeste. Mas também simpatizo com o dilema para dentro do qual foi atirado. É por isso que, em vez de tentar convencê-lo mais uma vez da “verdade” dessa situação, proponho um teste simples que pode incriminar ou inocentar Frau Dussmann. Ele lhe dará um sim ou não definitivo quanto a ela ser ou não quem estou alegando que seja. Você vai me permitir delinear esse plano, por favor?

Baixei a cabeça. *Você quer a prova. Aqui está a possibilidade de ter uma prova.*

— Vá em frente — disse eu baixinho.

— Quando Frau Dussmann retornar ao seu apartamento no domingo, você deve reunir todas as forças que ainda restarem em seu corpo e fingir que tudo está como era antes. Você pode fazer isso?

— Eu não sei.

— Isso é que é uma resposta honesta. Mas, para seu próprio bem, e isso significa para que consiga obter as respostas que procura, você vai ter que representar um papel por alguns dias. O mesmo papel que tem desempenhado até agora. O papel do homem que a adora. E sim, isso significa ficar puxando-a para a cama, fazendo amor com ela, dizendo-lhe, como sempre, o quanto você a ama, agindo como se nada tivesse mudado. E, então, o assunto da entrevista com os dois bailarinos virá à tona. O que você precisará contar a ela, além de dizer como eles eram pessoas interessantes, mas que estavam meio desorientados por terem escapado, embora felizes, é que a transcrição da conversa era uma leitura fascinante... E que seria uma grande jogada da Rádio Liberty dar essa notícia em primeira mão. Então, não diga mais nada sobre o assunto. E vá curtir sua noite. Leve sua mulher para a cama. Aposto que vocês dois transam todas as noites...

— Cale a boca!

— Digo isso simplesmente como uma consideração tática. Se você fizer amor com ela todas as noites, faça de novo agora. Depois, você costuma adormecer imediatamente?

— Isso é necessário? — reclamei.

— Sim, é. E vou explicar por quê. Porque Haechen é um risco enorme...

— A quem você autorizou a operar aqui por mais de dois anos.

— Estávamos esperando que ele nos levasse a um peixe maior. Mas o sujeito é um bandido. Ele costumava trabalhar em uma divisão especial da Stasi na prisão de Hohenschoenhausen, fazendo desmoronar os prisioneiros usando métodos de tortura psicológica extrema. No ano passado ele pegou uma prostituta perto do Tiergarten e agrediu-a tão gravemente que ela perdeu um olho. Seu rosto está desfigurado para o resto da vida. E ele tem feito dos desertores genuínos da Bundesrepublik seus alvos, um dos quais foi encontrado morto sobre os trilhos do expresso InterCity perto de Hamburgo no ano passado. As autoridades classificaram o incidente como suicídio, mas nossos peritos forenses disseram que o homem foi claramente jogado na frente do trem. Este é o sujeito com quem sua amiga tem dormido diversas vezes, e para quem ela já fotografou mais de duas dezenas de documentos confidenciais falsos. E caso você tenha a ousadia de dizer que ela foi forçada a desempenhar esse papel... Há milhares de dissidentes em prisões da Alemanha Oriental que poderiam ter escolhido o papel de informantes, mas não o fizeram. Tudo na vida se resume a duas coisas: a escolha e a interpretação. Nós tomamos as decisões e então geralmente moldamos nossas interpretações destas escolhas de um modo que nos permita viver com elas. Isso é o que Frau Dussmann tem feito. Amando e traindo você ao mesmo tempo, e dizendo a si mesma que essa é a única maneira pela qual pode manter a maravilha que é viver no Ocidente. Mas lembre-se, Thomas, ela escolheu esse papel. Assim como ela escolheu enganá-lo.

Avaliando agora, anos depois, vejo que Bubriski era um mestre em me envenenar, ao habilmente manipular meu sentimento de indignação por ter sido tão enganado, e eu cheguei a vê-lo

como um aliado complicado, mas essencial. Embora, mais uma vez, uma voz lá dentro me dizia: *Fuja agora disso*.

Mas a minha angústia e minha raiva cumulativa me mantiveram presos à cadeira de vinil do *Bierstube*, ouvindo atentamente como Bubriski montava, passo a passo, o cenário onde eu atuaria. A especificidade de suas instruções, a maneira como as coisas já tinham sido tão claramente pensadas, isso me fez perceber que, assim como aquele tipo de escritor que precisa ter tudo esboçado previamente antes de colocar a caneta no papel, ele vinha trabalhando na mecânica desse projeto por muito tempo.

— Então, estamos de volta à cama que você compartilha com Frau Dussmann — continuou Bubriski. — Agora é domingo à noite. Você acabou de fazer sexo. Repito a minha pergunta de antes: você costuma dormir direto depois?

— Se for tarde, sim — respondi.

— Então, não vá para a cama antes da meia-noite. Quando terminarem, quero que finja adormecer, mas sob nenhuma circunstância você deve se render ao sono. Isso seria jogar tudo no lixo. Meu palpite é que, logo que Petra perceber que você caiu no sono pesado, ela vai se levantar e procurar na sua maleta... Não, você carrega uma espécie de sacola de couro, certo?... Na sua bolsa de couro pelas transcrições da entrevista que lhe entregaremos naquela tarde. Deixe a bolsa na sala de visitas ou naquela mesa enorme de vocês.

— Eu não me lembro de tê-lo convidado para vir ao meu apartamento.

— Estamos cientes do traçado — disse ele. — Assim como sabemos que há um buraco de fechadura considerável na porta do quarto, tão grande que, quando se olha através dele, você tem uma clara visão da mesa da sala. Depois que ela fechar a porta do quarto, conte até sessenta, então saia da cama e espie pelo buraco da fechadura, para ver se ela está fotografando seus documentos. Meu palpite é que ela irá utilizar aquela minicâmera que carrega por toda parte. Depois, ela vai voltar para a cama, por isso tome cuidado para estar de volta à cama e com as luzes apagadas antes que volte. Porém, caso ela decida levar o que conseguiu para Herr Haechen enquanto você estiver dormindo, não faça nada. Nós teremos alguém postado perto de sua casa e que irá segui-la de lá. Se ela voltar para a cama, garanta que acorde com ela na manhã seguinte e, novamente, agindo como não houvesse acontecido nada fora do comum. Então, quando ela sair, eu quero que você simplesmente vá para a janela na cozinha, onde as cortinas estão sempre abertas, se não estou enganado. Tudo que você precisa fazer é baixar as cortinas. Esse será o sinal para nossos homens de que ela já fotografou os documentos. Se nada tiver acontecido, não toque nas cortinas e não faremos nada. Mas a minha grande esperança, Thomas, é que tendo visto a prova de que Petra é quem estamos alegando, você não vai deixá-la fugir assim. Eu não posso enfatizar o quanto é importante capturarmos Haechen em flagrante. Ele já destruiu tantas vidas. E o seu trabalho contra os refugiados da RDA que se instalaram na Bundesrepublik... Deixando as coisas mais claras, se você nos ajudar aqui, você também estará fazendo um grande serviço ao seu país, o que será observado.

— Eu não preciso de nenhuma de suas fitas azuis ou de seus tapinhas patrióticos nas costas. Se eu fizer isso, é porque...

Mas não consegui chegar ao fim da frase. Porque ainda não queria acreditar nisso tudo.

— Basta se lembrar de uma coisa — disse Bubriski —, você não a estará traindo, porque ela traiu a si mesma anos atrás, quando...

— Você não sabe quando parar, não é?

Ele sabia que tinha me capturado. Ao reforçar o tema da traição, ele estava tocando em uma parte fundamental da minha psique, a parte que acreditava que o amor era, na melhor das hipóteses, uma noção ilusória. Será que isso estava também em seu arquivo sobre mim, o fato de que meus pais agiram como se eu fosse o peso que tinha arrastado os dois para baixo e, sendo assim, me largaram no mundo achando que eu não podia contar com ninguém mais? Até, claro, que encontrei Petra, e seu amor por mim me fez pensar que confiar em alguém mais emocionalmente ainda era possível. O que fez que a descoberta de que ela vinha me enganando completamente esse tempo todo... Que tinha trabalhado esse tempo todo para as mesmas pessoas que tinham destruído sua vida, segundo o que me contou...

Precisava trancar esse lugar agora. Então, peguei o ingresso para a Filarmônica de Berlim e o coloquei no bolso, e me levantei em seguida:

— Eu vou ao concerto. Vou pensar sobre as coisas.

— Então, verei você amanhã.

— O que o faz pensar que quero ver você?

— Se você escolher não cooperar conosco, então nós teremos que presumir que você está em cumplicidade com um agente estrangeiro. Já fiz uma referência sobre o resultado dessa recusa em nos ajudar: a perda de seu passaporte, possível detenção quando voltar para casa, as possíveis dificuldades nas fronteiras de diversos países no futuro...

— Em outras palavras, não tenho escolha, tenho?

— Você se esqueceu de meu comentário anterior, Thomas. Todos nós temos uma escolha em tudo que fazemos. Mas essa escolha inevitavelmente convida consequências. A pergunta que você deve se fazer é a seguinte: ser cúmplice dessa mulher vale a pena?

Ele se levantou e ofereceu sua mão:

— Tenho certeza de que você vai fazer a escolha mais inteligente, por mais difícil que ela seja. Até amanhã no Café Istambul. Que tal tomarmos o café da manhã lá, tendo em vista que amanhã é sábado?

— Você conhece o Café Istambul?

— Sei que você o usa como seu escritório externo. Até lá, aprecie o concerto. Abbado realmente mostra a necessidade de Von Karajan para embelezar tudo. Ele desanuvia a música e a deixa viver plenamente. Mas o que eu, um caipira do interior, posso saber sobre essas coisas, né?

Não ouvi uma nota sequer da Filarmônica de Berlim naquela noite, apesar de meu assento ficar no bloco central a apenas seis fileiras do palco. Jerome Wellmann estava na fileira em frente da

minha e virou-se quando eu me sentei.

— Que coincidência interessante encontrá-lo bem atrás de mim.

— Deram-me um ingresso na última hora — respondi.

— Você deve conhecer alguém com bastante influência real — disse ele e, em seguida, rapidamente me apresentou para sua esposa, uma mulher pequena sentada ao lado dele e com feições de gavião. — Esta é minha esposa, Helen, e este é o famoso Thomas Nesbitt.

O que ele quis dizer com isso? Será que ele a estava cutucando, como dizendo: *Esse é o cara sobre quem comentei e que tem ido para a cama com a espiã da Alemanha Oriental que permitimos que fosse contratada para trabalhar conosco, nunca revelando a ela que, desde o início, estávamos fazendo o jogo dela.* Será que o comentário dele sobre *eu conhecer alguém com bastante influência* era a sua maneira de dizer-me que ele sabia exatamente quem tinha me oferecido o ingresso para aquela noite? Tudo o que pude sentir quando Wellmann sorriu para mim foi desespero. Será que ele sabia, através de Bubriski, que Petra o tinha usado como um álibi naquele fim de semana? O próprio fato de sua presença ali na minha frente bateu na minha cara com a verdade que Bubriski havia me apresentado apenas uma hora e pouco antes. Ela mentiu para mim sobre estar em Hamburgo em serviço de tradução profissional com seu chefe... O que, por sua vez, significava que...

Será que ela realmente estava com aquele porco flácido do Haechen? Ela tinha dormido com ele durante todo o nosso caso de amor? Como ela podia dizer que eu era o homem de sua vida e então sair às escondidas para se encontrar com aquele sujeitinho nojento e abrir as pernas para ele?

Olhe para você, falando igualzinho ao amante traído: “Oh, como ela pôde fazer isso comigo?”. O fato é que a verdade era...

Eu ainda estava naquela fase de descrença e queria encontrar algum tipo de interpretação diferente dos acontecimentos, na qual Petra soubesse que estava fornecendo a ele informações falsas, na qual ela não dormisse com o cara, na qual ela estivesse apenas fazendo o seu lance para...

O quê exatamente? Ela tinha aberto mão de seu filho e entregado para adoção. Precisava jogar esse jogo para...?

O concerto todo passou em um borrão, enquanto eu ficava tentando dizer a mim mesmo: *Isso é tudo um jogo de espelhos cheio de fumaça. As fotos são apenas incriminadoras em parte. O rosto das pessoas na cama são apenas borrões. Ela só foi para Hamburgo neste fim de semana porque...*

Quando o concerto terminou, no meio de uma erupção de bravos, Wellmann virou e disse:

— Que seu fim de semana seja interessante.

Ele sabia. O bastardo havia sido totalmente informado. No entanto, o seu comentário também foi projetado para ser carregado com ambiguidade. Afinal, ele só poderia estar me dizendo para ter dois dias “interessantes”.

Mais uma vez fui confrontado com o dilema constante do reino sombrio em que eu tinha caído. Havia alguma coisa chamada verdade dentro de suas fronteiras clandestinas?

Era uma noite agradável, então decidi ir caminhando de volta para casa, pensando, pensando,

tentando raciocinar sobre aquilo tudo, dizendo a mim mesmo que, quando Petra chegasse em casa no domingo, haveria uma explicação lógica para tudo, que todas as peças se encaixariam, todas as dúvidas seriam resolvidas e nós estaríamos a caminho dos Estados Unidos em poucas semanas, casados, felizes, com Petra pronta para encontrar algum tipo de acomodação com os pesadelos de seu passado.

Já chega, gritou a voz da razão em meu ouvido interno. *Você está tecendo uma fantasia romântica em sua cabeça e que ignora os fatos documentados.*

Sim, mas quando os fatos são muito difíceis de suportar...

Cheguei ao apartamento à meia-noite. Alastair estava acordado quando entrei, uma garrafa de vodca aberta sobre a mesa, um copo na frente dele. As três telas não estavam mais lá e ele olhava para a parede agora em branco onde antes elas estavam.

— Que tal uma dose, ou três? — perguntou ele, enquanto eu entrava na sala. Balancei a cabeça, negando.

— Algo errado? — perguntou ele.

— Um monte de coisa na minha cabeça — respondi.

— Onde está Petra?

— Hamburgo.

— A trabalho?

— Algo parecido com isso.

Eu podia vê-lo estudando-me com cuidado.

— O que aconteceu, Thomas?

— Nada.

— Mentira.

— Onde estão suas pinturas? — perguntei.

— Enviei esta tarde para a minha galeria em Londres. E você está mudando de assunto. Algo está seriamente errado com você.

— Eu vou para a cama — anunciei.

— Você está sendo evasivo, e você não é assim — disse Alastair.

— Boa noite.

— Thomas...

— Não tenho vontade de falar agora.

— Tudo bem, tudo bem — disse ele, estudando-me com cuidado. — Mas o que quer que esteja acontecendo, e eu sinto que tem a ver com Petra, não seja imprudente ou negligente. Ela é maravilhosa e você precisa dela.

— Obrigado pelo conselho — respondi, minha voz soando muito forte e com raiva.

Eu subi as escadas e bati a porta. Peguei minha própria garrafa de vodca e bebi gole após

gole, até que a intoxicação me enviou cambaleando em direção à minha cama. Mas os cinco por cento do meu cérebro que ainda estavam de alguma forma racionais lembraram-se de ajustar o relógio para as oito da manhã antes de jogar minhas roupas para longe e me enfiar debaixo das cobertas.

Depois veio a manhã. O alarme estava tocando. Minha cabeça se sentiu perfurada por toda aquela bebida cristalina polonesa que eu havia assimilado. Enquanto me sujeitei a receber uma chuva de água ártica e em seguida me forcei a engolir três xícaras de café garganta abaixo, decidi sobre o curso de ação que eu tomaria quando encontrasse com Bubriski em pouco menos de uma hora.

Ele estava me esperando em uma mesa de canto do Café Istambul, mexendo o café turco glutinoso dentro de uma xícara com uma das colheres tortas minúsculas que eram uma característica do lugar. E ele estava vestido com sua versão casual: uma camisa Lacoste vermelha e calça cáqui amarelada. Essa roupa não lhe assentava bem, tendo em vista todo o seu comportamento ultra-alerta. Parecia alguém que estava tentando se vestir para uma partida de golfe de dezoito buracos em um clube de classe média e mantendo vigilância sobre qualquer um que se aventurasse perto dele, ao mesmo tempo. Quando me aproximei da cabine em que ele havia estacionado a si mesmo, ficou claro que estava ouvindo o cara turco e sua namorada muito loira e muito magra na cabine adjacente.

— Ela é uma viciada, ele é seu fornecedor e cafetão ocasional — disse ele quando deslizei para me sentar à frente dele.

— Perdão?

— Esse casal pelo qual passou. Ela dá pequenos golpes e ele a mantém com o suprimento daquele pó branco que distraiu seu companheiro de quarto durante tantos anos. Mas tiro o chapéu para ele, que continuou limpo e terminou de pintar aquelas três telas. Sempre gostei dessas histórias de “triumfar sobre as adversidades”, especialmente envolvendo pintores viciados em drogas e *gays* e que ainda trabalham no expressionismo abstrato... Embora ele odeie a comparação com Rothko, não é?

— E agora eu supostamente deveria perguntar se ele também está trabalhando para você?

— Agora você finalmente me divertiu. Posso afirmar categoricamente que o Sr. Fitzsimons-Ross não tem nenhuma ligação com qualquer um de nós. Mas estou impressionado com sua preocupação de que todas as paredes têm ouvidos.

— Bem, em seu mundo, é mais do que evidente que elas têm...

— Se me permite dizer, você está com uma cara de quem passou uma noite terrível. Que substância você escolheu para lhe deixar inconsciente?

— Você não tem nada com isso.

— Tem razão... E o que achou do espetáculo?

— Impressionante — respondi.

— Em outras palavras — disse ele —, você não ouviu uma nota sequer. E quem poderia culpá-lo, considerando as notícias que teve de lidar, não é mesmo? Você viu Herr Wellmann?

Assenti.

— E ele lhe forneceu a prova de que precisava?

Não respondi, apenas estiquei o braço e tirei um cigarro do maço de Old Golds que ele tinha deixado sobre a mesa.

— Só para corroborar ainda mais tudo isso, eu trouxe estas fotos de Frau Dussmann e Herr Haechen chegando em trens separados a Hamburgo ontem.

Ele estendeu a mão para o arquivo sobre a mesa na frente dele.

— Não precisa — disse eu. — Vou fazer aquilo que deseja, mas com uma condição: quero disparar a armadilha amanhã.

— E por que você quer fazer isso?

— Porque eu sei que não serei capaz de manter esse papel por muito tempo.

— Essa é uma resposta honesta.

— Você me pede para levá-la para a cama e fingir que nada aconteceu — repliquei. — Como posso até mesmo tocá-la depois de...

— Se você não fizer amor com ela imediatamente, ela vai desconfiar.

— Eu vou fingir intoxicação alimentar ou algo assim...

— Ela ainda pode suspeitar.

— Não, não vai. Porque não tem razão de se perguntar se estou desconfiando dela, entendeu? Eu sou o ingênuo aqui, certo? Então, por que ela iria até mesmo começar a pensar se eu conheço seu segredo sujo?

— E vai mencionar as transcrições?

— Claro que sim.

— E você deve dizer que alguém na Rádio Liberty transcreveu as entrevistas para você ontem. Diga-lhe que foi Frau Koenig. Ela é uma das pessoas que faz esse tipo de trabalho lá.

— E se, como eu suspeito, Petra não fotografar os documentos...

— Se Frau Dussmann mais tarde mencionar, de passagem, algo a Frau Koenig sobre o trabalho que ela supostamente fez por você no fim de semana, Frau Koenig vai saber o que dizer. Mas a troco de que ela iria perguntar alguma coisa, uma vez que isso iria “denunciar” vocês como um casal?

— Você tem razão.

— Bem, as coisas continuam como antes. Ela volta às 17h43 no expresso Hamburgo-Berlim. Será seguida de lá até sua porta. Outro de nossos agentes será postado em sua rua e vai ficar do outro lado da rua, em frente à porta, assim que ela entrar. Sugiro que você simule seu mal-estar bem cedo e lhe diga que está se sentindo tão mal que vai para a cama mais cedo. Mas em algum momento durante o decorrer da noite, e depois de lhe perguntar como foi o fim de semana em Hamburgo...

— Acho que posso cuidar de todos os detalhes. Quando é que posso receber a transcrição?

— Ela estará esperando por você aqui amanhã, depois das onze da manhã.

— E você acha que isso é uma boa ideia?

— O proprietário... Ele é um amigo meu.

Eu fechei meus olhos. Esse homem e sua gente, será possível que estivessem em todos os lugares da minha vida?

— Você tem muitos amigos, não é? — disse eu, finalmente.

— Isso é porque eu sou um cara muito amigável.

Passei o resto do dia me escondendo no cinema. Um cinema fora do Ku'damm começava a exhibir seus filmes a partir da uma da tarde e a programação mudava constantemente. Arrastei-me para dentro e para fora de suas três salas durante o dia todo (e a noite também), tentando não pensar, tentando me fortalecer para o momento em que Petra voltasse no dia seguinte.

Quando cheguei em casa, era um pouco depois da uma da manhã. Felizmente, Alastair ainda não tinha chegado, e a ressaca residual e a falta de sono da noite anterior me lançaram imediatamente para a cama. Quando acordei eram dez horas. Outra manhã clara e bonita. O medo chegou instantaneamente. Então, joguei sobre o corpo algumas roupas esportivas e fui correr por uma hora pelas ruas ainda vazias. Kreuzberg em uma manhã de domingo sempre parecia de ressaca, as calçadas sujas com lixo, garrafas de cerveja vazias e as camisinhas usadas ocasionalmente. Os poucos retardatários pareciam estar se arrastando para casa depois de uma longa jornada pela noite. Eu estava avançando em um ritmo feroz, tentando bloquear todos os pensamentos através da velocidade física. Dentro de vinte minutos, estava no Tiergarten. Dei duas voltas em torno do parque e depois diminuí a velocidade para uma corrida mais cadenciada de volta a Kreuzberg. Quando cheguei ao Café Istanbul, olhei meu relógio e percebi que tinha corrido mais de uma hora. Apesar de estar encharcado por causa de todo aquele esforço, eu ainda não conseguira expurgar a apreensão que sentia sobre ver Petra naquela noite. Será que eu seria capaz de fazer tudo o que precisava sem expressar minhas emoções? Será que ela iria perceber que algo muito grande estava me incomodando? Como eu iria reagir quando ela começasse a mentir sobre o fim de semana? E se Petra realmente fotografasse os documentos...?

Enfiei a cabeça no Café Istanbul. Omar, como de costume, estava atrás do balcão.

— Alguém lhe deixou um pacote — disse ele.

Ele entregou um envelope grosso envolto em papel pardo. Eu deslizei para uma cabine, pedi um café e levantei a aba do envelope, tirando uma pilha de vinte e duas páginas. Na primeira página, via-se o papel timbrado da Rádio Liberty e o nome da tradutora, Magdalena Koenig, marcado no canto direito superior. O meu nome aparecia no início da transcrição por extenso na primeira vez, e depois vinha abreviado como TN. A transcrição era inteiramente em alemão, tinha a data do dia anterior e descrevia uma entrevista que eu supostamente teria feito com um casal, Hans e Heidi Braun. Eu li a transcrição inteira, tentando absorver os detalhes de suas vidas na RDA, suas atividades políticas, o enredo que cercou sua fuga, do jeito que estavam planejando agora falar contra o regime repressivo de Erich Honecker. Eu achei que a forma como a entrevista detalhava seu plano de fuga era algo como um golpe de mestre. Uma vez que isso fosse mencionado a Petra, iria

certamente atrair a atenção dela... Claro, se realmente estivesse trabalhando para eles.

Essa era a “verdade” que eu ainda não podia aceitar, o fato de que Petra era uma agente deles. Afinal, ela havia me contado sobre os horrores da sua prisão, seu ódio ao regime, a agonia de perder seu filho, sem falar da maneira como Petra sempre pareceu assombrada por terrores recentes... Não, era impossível sequer imaginar que ela havia realmente colaborado com eles.

Fui para casa para encontrar Alastair já de pé e olhando de novo para as paredes em branco de seu estúdio. Ele me olhou, notando minhas roupas manchadas de suor da corrida, meu cabelo despenteado, o envelope debaixo do braço:

— Você deve estar bem mal, correndo pelas ruas nessa hora da manhã...

— Isso me ajuda a manter meus demônios bem longe... — respondi com um sorriso.

— E quais são esses demônios, precisamente?

— Os demônios que levamos conosco a todos os lugares.

— Obrigado, Hieronymus Bosch. Mas deixe-me lhe perguntar uma coisa: você sempre vai correr com um grande envelope pardo debaixo do braço?

— Isso é parte de um trabalho que me deixaram no Istambul. Tenho que terminar de escrever uma matéria hoje à noite.

— Bem, hoje à noite vou sair para jantar no apartamento de um crítico de arte muito bichona e cujo pai tinha um cargo importante na BMW e lhe deixou uma herança muito grande. O cavalheiro parece ter se encantado com meu brilho e está falando em me encomendar alguma coisa. Então só vou voltar para casa bem tarde da noite. E quando a senhorita Petra vai chegar?

— No início da noite.

— Estou feliz em ouvir isso — respondeu Alastair.

— Bem — disse eu —, tenho que começar as coisas agora...

— Thomas, se você estiver pensando em fazer algo cataclísmico...

— Estou pensando em escrever — disse eu, e então subi as escadas e fechei a porta atrás de mim.

Se você estiver pensando em fazer algo cataclísmico...

Será que eu era tão transparente assim? Pelo menos Alastair estaria fora à noite. E se, como ele estava insinuando, essa encomenda potencial do crítico de arte também envolvesse favores sexuais, então ele não voltaria até o dia seguinte.

Tirei o calção e a camiseta, tomei um banho, vesti-me e verifiquei meu relógio, percebendo que precisava fazer alguma coisa para passar as horas entre agora e o retorno de Petra. Então, eu levei a minha máquina de escrever para baixo da prateleira e coloquei-a em uma extremidade da mesa da cozinha, ao lado de papel em branco, um bloco e uma caneta, e uma lâmpada de mesa. Abri o armário em que havia armazenado todos os meus cadernos sobre Berlim. Puxei o primeiro da pilha, deixei-me cair na poltrona, enrolei um cigarro e li as notas detalhadas que eu havia feito sobre a conversa que tive com a mulher durante o voo de Frankfurt para Berlim, havia muitos meses. Li a

história que ela contou sobre ter saltado pela janela do edifício em Friedrichshain. Foi devido ao fato de ela ter mencionado a palavra “Kreuzberg”, que acabei ali em uma de minhas primeiras noites em Berlim. E pelo fato de ter parado no Café Istanbul, vi um anúncio em um quadro de avisos que me levou aquele apartamento e conheci Alastair. E no dia em que visitei Herr Wellmann, se Petra não entrasse na sala naquele instante específico...?

É este o significado da trajetória aleatória das coisas? Coincidência, acaso, estar em um determinado lugar em um determinado momento, o resultado de onde você se encontra agora, no meio de um cenário terrível que você nunca poderia ter imaginado... Mas também depois de conhecer, pela primeira vez em sua vida, toda a força extraordinária do verdadeiro amor.

Tinha que haver uma explicação para tudo aquilo. Ou talvez um plano oculto que Bubriski preferia manter fora da vista. Mas eu sabia que se confrontasse Petra no momento em que ela passasse por aquela porta, e se ela fosse inocente, então a situação entre nós seria mudada irrevogavelmente. Assim como eu também sabia que se eu não dissesse nada... Bem, só um demente otimista pensaria: *Talvez tudo isso vá desaparecer*. Mas essa não é sempre a última esperança de alguém que está diante de uma situação terminal? *Amanhã vou acordar e o tumor terá desaparecido. Amanhã vou acordar e ela vai estar na cama ao meu lado.*

É incrível como sempre esperamos por alguma coisa para contradizer as verdades mais terríveis que temos de enfrentar. Como todos nós acreditamos em qualquer coisa para contrariar a realidade em sua forma mais concreta.

Mas, de novo, o que era a verdade ali? Eu simplesmente queria acreditar em outra interpretação daquela narrativa, uma versão que não fosse tão fria, tão sombria. A versão com a qual eu pudesse viver.

Olhei para meu relógio. Eu ainda tinha seis horas antes de ela chegar. Ainda precisava de alguma coisa para preencher o tempo, matar as horas, manter as mãos e o cérebro ocupados. Então, depois de ler por inteiro o primeiro caderno com as anotações de Berlim, fui para a mesa da cozinha, abri o caderno de volta na primeira página, coloquei uma folha de papel na máquina de escrever e, depois de uma forte inspiração, comecei a atacar as teclas. Parte de mim sabia que era arriscado começar a escrever o capítulo de abertura do meu livro de Berlim enquanto ainda estivesse ali; que eu não devia realmente sequer pensar em começar a trabalhar nele até depois de ter saído da cidade, por todas as evidentes razões da chamada “distância crítica”. Mas o trabalho naquele momento era a única resposta.

Escrevi em uma fúria controlada, parando depois de duas horas para me fazer um pouco de café e enrolar mais quatro cigarros. Então me acomodei para outro longo período em frente à máquina de escrever. Isso durou até alguns minutos depois das quatro da tarde, e naquele ponto eu já tinha mais de doze páginas empilhadas em minha frente. Li todas elas, fazendo alguns pequenos ajustes com a minha caneta-tinteiro, sabendo que eu não iria sequer começar a pensar em fazer qualquer correção significativa até que todo o manuscrito estivesse pronto. Então, ao checar meu relógio, eu decidi que tinha algum tempo para escapar e tomar uma cerveja em algum *Stube* local e reagrupar meus pensamentos desordenados antes que Petra chegasse em casa.

Minha casa. Era assim que eu considerava esse apartamento, a casa que eu dividia com a mulher que eu adorava. O primeiro de muitos lares que a gente pretendia compartilhar. O início de uma vida juntos, com todas as suas possibilidades atendidas. E, agora, tudo estava na balança. E eu ainda não tinha certeza se poderia atender à solicitação de Bubriski, mesmo que eu descobrisse que ela era...

De repente, a porta da frente foi aberta. Petra entrou.

— Eu sei que deveria voltar mais tarde, mas eu queria tanto chegar em casa e ver você...

Ela sorriu para mim com tanto amor, com tanto prazer em me ver, que me levantei de minha cadeira e me atirei nos braços dela imediatamente. Em poucos momentos depois, já estávamos na cama.

— Oh, Deus, que falta senti de você — disse Petra depois, enquanto estávamos deitados na cama, esgotados.

— E eu de você...

— Nunca mais quero ficar longe de você...

— Está falando sério?

— E você não sabe? — disse ela, com um sorriso. — Enquanto eu estava em Hamburgo, pensei: *Mais alguns dias e eu serei a esposa dele!*

— Um ótimo pensamento... — respondi, garantindo sorrir.

Mas enquanto dizia isso, permaneci consciente de que estava representando um papel, e de uma forma que eu esperava que não fosse tão transparente ou tão diferente da usual. O fato de que ela não mostrava nenhum sinal de culpa, ou de que estivesse ocultando alguma coisa...

— E então, como foi o seu fim de semana? — perguntou ela.

— Teria sido melhor se você estivesse aqui — respondi. — Como foi em Hamburgo?

— Minha primeira vez na cidade. Fiquei surpresa ao ver que era muito bonita. Mas o congresso foi muito chato. E o discurso de Herr Wellmann foi seco, inexpressivo. Ainda assim, tive tempo de ir ao Museu de Arte Moderna e pegar um barco através do lago. Mas eu queria que você estivesse lá comigo. Na verdade, eu desejava isso o tempo todo.

Eu tive que lutar contra o desejo de explodir com uma acusação de que eu sabia que ela estava mentindo. Assim como, ao mesmo tempo, parte de mim ficava pensando: *Mas certamente há uma explicação para tudo isso que não envolva... Ele. O homem com quem ela realmente passou o fim de semana. O homem a quem ela se reporta e para quem entrega de forma clandestina documentos oficiais que ela fotografa...*

— Mas me conte sobre Hans e Heidi Braun — pediu Petra.

Entrei na conversa fiada que vinha preparando durante as últimas trinta e seis horas, sobre como fui levado ao lugar onde eles estavam sendo mantidos em um carro oficial com vidros escuros, de forma que não tinha ideia de onde seria esse lugar. Mas passei duas horas com eles. Heidi era bastante tímida e nervosa, mas Hans era absurdamente extrovertido e disse as coisas mais

absurdamente divertidas sobre a vida na RDA, especialmente quando se tratava da vida *gay* por lá. Mas tudo ficou sério quando ele descreveu como um de seus amantes tinha sido brutalmente agredido pela polícia e ainda estava em coma.

Então eu mencionei que nós trouxemos as fitas de volta para o escritório da Rádio Liberty e Magdalena Koenig passou o sábado inteiro transcrevendo-as.

— As transcrições foram enviadas hoje cedo pelo correio para mim — continuei — e estive lendo-as até o fim. Devo dizer que, quando a entrevista for transmitida, vai ser muito falada. Vou me encontrar amanhã com Pawel, voltar a escutar as fitas e decidir o que pode e o que não se pode usar. Temos que cortar todo o material até meia hora, no máximo.

— E eles estão planejando transmitir a entrevista quando?

— Assim que as autoridades nos derem o sinal verde, mas eles querem que vá ao ar até a próxima sexta-feira. Hans Braun tem um emprego garantido na companhia de dança Freiburg. O Balé de Nova York também está interessado. A grande questão é saber se sua irmã vai ter uma oferta de alguma companhia também.

— E como é que eles saíram?

Eu contei a ela como eles tinham escapado em uma van de transporte do cenário e de iluminação do Teatro de Dança de Freiburg.

— Essa é uma companhia de dança politicamente radical, não é? — perguntou Petra.

— Muito esquerdista — respondi. — Na verdade, tão de esquerda que tiveram problemas de obtenção de vistos para uma turnê pelos EUA. Mas eles ainda decidiram ajudar dois dançarinos da Alemanha Oriental a conseguir a sua liberdade.

— E os Brauns falaram sobre tudo isso na entrevista?

— Sim, e em grande detalhe.

— E a transcrição? — quis saber ela.

— Existem apenas duas cópias, e eu tenho uma. Na verdade, hoje eu vou ter que encontrar uma hora para trabalhar nela, se estiver tudo bem com você, porque eles precisam de meus cortes propostos amanhã de manhã.

— Imagina — disse Petra, seu rosto inexpressivo. — Nenhum problema em absoluto...

Saímos da cama por volta das sete da noite e fomos para um restaurante italiano nas vizinhanças, pedimos um prato de massa e dividimos meio litro do vinho tinto da casa. Petra falou animadamente sobre Nova York, dizendo-me que ela redigiu no trem de volta de Hamburgo a declaração que ela precisava para se candidatar ao visto de residência, e que iria datilografá-lo na manhã seguinte, e seu podia ler e corrigir seu “inglês ruim”.

— Tenho certeza de que seu inglês é excelente — disse eu.

— Você vai começar a falar comigo em inglês uma vez que chegarmos aos Estados Unidos?

— Que tal se metade do tempo for em inglês e o resto *auf Deutsch*?

— É um bom acordo — disse ela. — E você sabe o que eu adoraria fazer... E como eu tenho

algum dinheiro guardado, serei capaz de fazer isso por nós dois... Eu vou comprar um carro barato e passar uns dois meses dirigindo pelos Estados Unidos. A gente podia escolher, ou ficar um tempo em algum lugar, ou seguir em frente. Você poderia trabalhar todos os dias no seu livro de Berlim. O resto do tempo seria *Na Estrada com Thomas e Petra*.

Ela estendeu a mão e a colocou em meu rosto:

— Tudo vai ser maravilhoso assim que sairmos desta cidade.

Assenti com a cabeça muitas vezes, esperando que ela não notasse o quanto eu me sentia instável. Por que ela estava pintando um quadro tão romântico de nós dois cruzando uma estrada de asfalto de duas pistas em um velho Chevy se tinha estado com *ele* durante todo o fim de semana? E qual seria o subtexto por trás desse comentário: “Tudo vai ser maravilhoso, assim que sairmos desta cidade”? Será que ela havia conseguido encontrar uma saída desse mundo clandestino no qual ela vinha alegadamente operando? Mas se esse fosse o caso, eu poderia viver com o conhecimento de que, no início do nosso relacionamento, ela havia mentido para mim de forma tão completa sobre tantas coisas? Era disso realmente que se tratava no subconsciente essa sua declaração, dizendo-me (mas sem falar) que estava finalmente rompendo com o passado?

Pedi licença para ir ao banheiro. Uma vez lá, tive que me segurar na pia ou então entraria em colapso mental e fisicamente.

Como você pode ousar começar a acreditar que a uma agente da Alemanha Oriental seria concedida a liberdade a partir de qualquer atividade de espionagem futura e receber a bênção para poder se casar com um cidadão americano e emigrar para os Estados Unidos?

Então, por que ela está me dizendo tudo isso?

Atirando água fria no meu rosto, consegui me acalmar graças a um simples pensamento: *Pelo menos você vai ter respostas muito em breve.*

Quando voltamos para casa, pedi licença para passar uma hora trabalhando na transcrição. Nem uma vez eu vi Petra se aproximar de mim. Nem uma vez sequer ela tentou olhar sobre meu ombro ou perguntou se poderia ler as transcrições. Em vez disso, ela se sentou na nossa cama, editando a declaração que tinha preparado para apoiar a sua solicitação do visto de residência. Fiquei enrolando até as dez da noite, depois recolhi as páginas soltas da transcrição e deliberadamente deixei-as sobre a mesa. Fui para o quarto. Petra levantou os olhos de seu bloco de anotações.

— Já acabou? — perguntou ela.

— Amanhã cedo eu termino, antes de trabalhar com Pawel na edição das fitas — respondi.

— Você parece cansado.

— E estou sim.

— Mas não muito cansado, espero.

Ela abriu os braços para mim. Nós tiramos a roupa um do outro novamente e fizemos amor com uma deliberação tão lenta, tão íntima, que eu não pude evitar sentir que o amor de Petra por mim ainda era tão intenso e profundo quanto o meu por ela. Depois que acabamos, ela sussurrou em meu

ouvido:

— Eu sempre te amarei, não importa o que aconteça.

Em seguida, com a luz apagada, adormecemos um nos braços do outro.

Exceto, é claro, que eu estava bem acordado com os olhos fechados. Na verdade, droga, eu estava mesmo muito cansado, mas lutei contra a vontade de deixar o sono me dominar, enquanto simultaneamente mantinha a esperança de que, em dez ou quinze minutos, eu abriria os olhos e encontraria Petra lá ao meu lado, dormindo. Então, também eu divagaria na inconsciência, sabendo que conseguira a resposta que eu tanto queria.

Se ela está dormindo, a vida continua então como o planejado.

Mas se ela se levanta...

Dez minutos depois, ela fez exatamente isso. Desligando-se dos meus braços. Sentando-se na cama e, em seguida, não se movendo por pelo menos sessenta segundos (ela queria ter certeza de que eu estava dormindo?). Então, eu a ouvi silenciosamente recolhendo suas roupas e dirigindo-se à porta do quarto, fechando-a atrás de si o mais silenciosamente possível. contei até sessenta antes de silenciosamente sair da cama. Vesti minha calça *jeans* e uma camiseta, aliviado que a persiana do quarto estava parcialmente aberta e o quarto semi-iluminado pelo luar. Esperei mais cinco minutos, de pé, absolutamente imóvel, meus olhos se concentrando no ponteiro de segundos do relógio. Quando os trezentos segundos se passaram, eu rastejei em direção à porta fechada do quarto. Mas durante aqueles cinco minutos parado, deixei de lado a instrução de Bubriski para me agachar e colocar o meu olho no buraco da fechadura. Fazer isso seria espionar, seria me envolver nessas atividades subreptícias deles. Em vez disso, procurei apenas abrir a porta o mais silenciosamente possível.

E lá estava Petra, inclinada sobre a mesa da cozinha. Minha lâmpada de trabalho estava agora dobrada e focada para baixo, em cima de várias páginas da transcrição que tinham sido espalhadas sobre a superfície de pinho lixada da mesa. E ela usava uma pequena câmera para fotografar cada página. Por vários momentos eu não me mexi. Mesmo que estivesse esperando por aquilo desde o momento em que senti Petra se levantando e saindo da cama, o choque de vê-la envolvida neste “trabalho”... Tudo que eu podia fazer era ficar lá e ver tudo se desintegrar. O amor se trata, entre outras coisas, da esperança. A esperança é como uma frágil entidade, tão carregada de significado, tão delicadamente equilibrada naquela fronteira entre a grande possibilidade e uma sensação ainda maior de perda, que você sempre teme o momento em que passa a existir a prova definitiva e concreta de que as coisas estão agora sem esperança.

— Você precisa ir embora — eu me ouvi dizendo.

Petra foi apanhada tão de surpresa pelo som da minha voz que perdeu o equilíbrio, evitando sua queda ao bater a mão na mesa e enviar minha lâmpada ao chão, seu bulbo quebrando com o impacto.

— Thomas... — ela sussurrou.

— Saia — disse eu, minha voz ainda tranquila.

— Há uma explicação para tudo isso.

— Eu sei que há. Você trabalha para eles, não é?

— Thomas...

— Não é? — agora, eu gritei.

Ela colocou a mão na boca, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Você tem que me deixar explicar.

— Não, eu não tenho. Porque você me traiu, você nos traiu, você traiu tudo.

Eu podia ouvi-la estrangular um grito na garganta.

— Eu te amo — sussurrou ela.

— E você estava com outro homem neste fim de semana em Hamburgo.

Agora era ela quem parecia como se tivesse sido golpeada no rosto.

— Como você...

— ... *Sabe?* Você não tem nada com isso. Mas o fato é que descobri. Assim como descobri que você foi trepar com ele o tempo todo em que me dizia...

— Você é o homem que eu amo, Thomas. E você tem que me deixar...

— O quê? Explicar? — gritei. — Dê-me uma boa desculpa por que você tinha que servir a esse porco!

— Por favor, por favor, deixe-me tentar...

— Qual porra da parte você não entendeu? — gritei de novo. — Eu quero você fora daqui, fora da minha vida *agora*.

Quando ela veio até mim, chorando, com os braços abertos, repetindo apenas uma palavra: “Por favor... por favor... por favor”, eu me vi à beira de uma raiva irracional, na qual todos os últimos problemas, todas as traições pessoais acumuladas que remontavam à infância, fundiram-se em uma raiva que eu nunca tinha experimentado antes, uma raiva que me aterrorizava. Mas eu não conseguia aplicar os freios, não conseguia conter a fúria que me impeliu na direção dela, daquela Petra chorando descontroladamente, encolhida em um canto, quando peguei a transcrição e joguei tudo para ela, gritando:

— Tome, leve essa merda toda! Você provavelmente vai receber a Ordem de Lênin por causa dessa...

— Por favor... Por favor... Por favor — chorou ela de novo, as palavras quase não saindo.

— Você destrói tudo e ainda quer a porra da misericórdia? *Fora*.

Quando gritei a última palavra, ataquei, atirando uma cadeira da cozinha do outro lado da sala, observando-a urrar de dor, enquanto ela ainda conseguia juntar todas as páginas da transcrição.

— Viu? Viu? — gritei para ela, quando a vi juntar as páginas. — Você conseguiu o que queria, agora foda-se e...

Ela correu para a sua bolsa a tiracolo, colocando a câmera e as páginas dentro e, em seguida,

correu para a porta, histérica, assustada, chorando incontrolavelmente. A porta bateu atrás dela com um baque enorme. Fui correndo para a janela. A raiva ainda em plena ebulição, puxei o cabo, baixando a cortina imediatamente, informando a qualquer agente que estivesse postado lá fora o sinal combinado de que ela estava descendo as escadas. Essa ação... Para mim foi como se eu tivesse dado a ordem ao pelotão de fuzilamento para atirar... Instantaneamente me enviou a uma direção diferente, e comecei a descer as escadas a toda velocidade, gritando para Petra parar, para ela esperar, para...

Em que eu estava pensando? Eu não tinha ideia, exceto que ao ter me deixado dominar enlouquecido pela fúria, me via oprimido pela percepção de que tinha agido de forma irracional, a lógica embaralhada no meio da ira, tão enraivecido com ela que nem sequer a deixei explicar. E agora...

Corri o mais rápido que pude, batendo-me contra a porta principal do prédio de apartamentos, cambaleando para a rua escura, gritando o nome de Petra quando eu a vi sendo jogada em um carro por dois homens de terno. Quando corri em direção ao carro, que estava se afastando em alta velocidade, gritando para eles pararem, para me explicar, alguém saiu das sombras e, com uma direita rápida em meu estômago, me enviou voando em direção à calçada. Assim que meus joelhos bateram no concreto, fui de repente puxado pelo colarinho e me vi cara a cara com Bubriski.

— Que porra você está fazendo? — perguntou-me ele.

— Você não me disse que ia prender a Petra na rua! — gritei. — Você disse que ia usá-la para pegar...

Seu punho bateu novamente em meu estômago. Desta vez, ele puxou-me, arrastou-me para dentro do *hall* de entrada do meu prédio, e me empurrou contra uma parede, sibilando:

— Cale-se agora, a menos que queira acabar na prisão por tempo indeterminado, e estou falando totalmente sério sobre isso. Entendeu?

Eu balancei a cabeça, muitas vezes, assustado pela ferocidade de seu tom de voz.

— Seu papel em tudo isso está acabado — continuou ele. — Você fez a coisa certa. Agora acabou. E aqui está o trato que estou disposto a fazer com você. Você faz as malas e sai de Berlim agora, e se eu nunca ler nada ou não ouvir nada sobre isso, vou deixar que siga em frente com a sua vida. Mas se criar problemas, se começar a levantar alguma merda...

— Eu não vou criar problemas — respondi.

Ele soltou a minha camisa.

— Cara inteligente. Agora vá lá em cima e comece a arrumar as suas malas. Há um voo para Frankfurt às sete da manhã de amanhã. Ele conecta-se com um voo da Lufthansa às 10h25 para Nova York. Você tem um bilhete de ida e volta em aberto, não é?

Ele sabe tudo sobre mim. Tudo.

— Eu vou mandar meus homens telefonarem para as duas companhias aéreas e reservar-lhe lugar nos dois voos. Sem objeções?

E sem escolha nesse assunto.

— Nenhuma objeção — respondi.

— Você é um cara verdadeiramente inteligente. Em nome do governo dos Estados Unidos, eu agradeço por seu excelente trabalho. Ela era nada mais que merda, e você foi tapeado e então virou o jogo, que é o jeito que eu gosto de ver essas histórias acabarem, não que elas realmente acabem, mas...

Baixei a cabeça e não disse nada. Tudo o que eu sentia agora era vergonha e horror. “Por favor, por favor, por favor”, ela me pediu mais de uma vez, para que eu a deixasse contar seu lado da história. Em vez disso, todo cheio de ódio moralista, eu a tinha lançado nas garras desses homens, cujos jogos eram tão sujos quanto os que eram realizados pelo outro lado.

— Se está se sentindo culpado, e eu sou bom na leitura dessas coisas — disse Bubriski —, pode parar agora. Ela sabia no que estava se metendo quando se deitou na cama com essas pessoas. Ela vai ser trocada em algumas semanas por algumas pessoas que eles prenderam por lá e provavelmente será premiada com um apartamento maior e um Trabbi. Até então, não vamos privá-la do sono ou tentar dobrá-la, porque há poucas coisas que ela possa nos dizer que a gente não saiba. Ela é apenas um pequeno peão nesse jogo, assim como você.

— E quanto ao Haechen? Vai prendê-lo também?

— Isso é confidencial. Meu conselho a você é: melhor voltar para Nova York. Escreva seu livro sobre Berlim. Encontre alguma jovem editora neurótica em *The New York Review of Books* e durma com ela. Nunca mencione nada disso a ninguém, mas eu já lhe disse isso e sinto que é um cara que aprende rápido. E seja grato que tenha saído relativamente incólume disso tudo. O meu relatório sobre você vai louvar a sua cooperação e o fato de que entregou o “pacote” para nós. Mas também vai insistir que um olhar atento deva ser mantido em sua produção literária. Não deixe de continuar sendo um pouco sarcástico sobre seu país em seus textos. Isso vai mostrar que não temos mão pesada sobre aqueles que são mais críticos. Mas se chegar aos meus ouvidos que você contou essa história...

— Que história? — perguntei.

— Estou moderadamente começando a gostar de você.

— E se meu companheiro de quarto perguntar por que estou saindo com tanta pressa...

— Diga-lhe que terminou com sua namorada e que é muito difícil de suportar continuar vivendo em Berlim. Então, esteja naquele avião amanhã de manhã às sete.

Ele se afastou de mim.

— Então, é aqui que eu digo *Auf Wiedersehen und gute Reise*, já que duvido que os nossos caminhos venham a se cruzar novamente. Mais uma vez, bom trabalho, camarada. Você é um de nós agora.

E ele se virou e desapareceu nas sombras.

Subi as escadas, meu cérebro tão agitado que precisei agarrar nas grades todo o caminho até lá em cima para me manter firme. Mas quando cheguei à porta do apartamento, encontrei Alastair de pé do lado de fora. Ele olhou para mim com desprezo frio.

— O que você fez? — perguntou ele, sua voz dura, arrogante, cheia de desprezo. — Meu Deus, Thomas. O que você fez?

— Eu não sei do que você está falando.

— Eu estava no meu quarto. Ouvi tudo. Eu estava prestes a intervir quando Petra desceu as escadas. Então, olhando através das cortinas, vi o que aconteceu na rua. E quando esse bandido seu compatriota o arrastou de volta cá para dentro, saí para o patamar da escada em silêncio e ouvi tudo. Interceptei tudo. Sei de tudo.

— E o que você vai fazer sobre isso?

— Nada, exceto lhe dizer que se você não estivesse sendo obrigado a deixar Berlim em poucas horas, eu estaria lhe ordenando para cair fora de meu apartamento. Não quero ter nada a ver com você novamente.

— Você não entende o que ela fez, como ela traiu...

— A maior traição aqui, depois de entregar a mulher que amava a esses bastardos, é a que você perpetrrou a si mesmo. Você arruinou a sua vida, Thomas. Porque você nunca vai superar isso. Nunca.

Três dias mais tarde, fiquei sentado metade da noite com o meu amigo matemático Stan em seu minúsculo apartamento perto do MIT em Cambridge. Com várias semanas ainda a vencer antes que meu inquilino deixasse meu apartamento em Manhattan e na necessidade desesperada de um amigo, liguei para Stan do aeroporto Kennedy, depois de passar pela alfândega, dizendo que eu precisava de refúgio. Ele disse que a desconfortável cama de armar de sua sala de estar era minha pelo tempo que eu precisasse, então peguei o ônibus para La Guardia e o ônibus para Boston. Cheguei lá por volta das dez da noite, não tendo dormido por mais de trinta e seis horas. Ele viu o esgotamento gravado em meu rosto e não me fez perguntas. Stan acabou de fazer a cama para mim e conseguiu sair na manhã seguinte sem me acordar. Quando finalmente acordei, estava se aproximando a uma da tarde e, embora mais descansado, estava me sentindo como se tivesse sido trancado em algum vortex maníaco sem saída. Durante os dois dias seguintes, eu não saí do apartamento, com medo do que pudesse existir no mundo além daquelas paredes seguras. Stan me deixou em paz, nunca tentando me envolver em alguma conversa e muito menos tentando descobrir por que eu tinha me transformado em um agorafóbico. Finalmente, na terceira noite, eu me virei para ele e disse:

— Se eu te contar uma história, você promete...?

— Você sabe que não tem que pedir — disse ele.

Então, eu lhe contei tudo. E quando terminei, ele não disse nada por um longo tempo. Então:

— Não se culpe. Aquele sujeito Bubriski estava certo quando disse que você e Petra eram apenas peões menores em um jogo muito grande.

— Mas eu fiquei maluco e destruí tudo!

— Você ficou maluco porque a amava mais do que jamais amou alguém na vida. Ela vai saber disso. Acredite em mim, pelo resto da vida dela, Petra nunca vai pensar que você foi um demônio por ficar louco quando descobriu a verdade sobre ela. Vai pensar: *Esse homem me amou tanto que*

seu mundo ficou abalado quando soube quem eu era. E isso vai assombrá-la para sempre.

— E isso vai me assombrar para sempre? — perguntei.

— Você já sabe a resposta para essa pergunta.

Baixei a cabeça. Eu não disse nada. Mas Stan preencheu o silêncio.

— Você nunca vai superar isso, Thomas. Tente o quanto puder, mas isso simplesmente não vai acontecer.

Quando Stan morreu de repente, muitos anos depois, suas palavras preencheram meus ouvidos e se recusaram a ser desalojadas durante dias. Não que elas tivessem desaparecido de minha mente durante aquela década e meia desde que foram ditas pela primeira vez. Pelo contrário, elas estavam sempre lá. Assim como ela sempre esteve lá. Todos os dias. Essa parte do meu passado que eu compartilhei com um bom amigo e, então, bani para sempre, afastando-a de qualquer menção posterior. Porque, compartilhar essa parte do passado com outra pessoa seria admitir uma coisa que eu não queria articular, embora soubesse que era tão profundamente verdadeira.

Eu nunca tinha superado isso.

O manuscrito terminava ali. E, quando passei para a última frase, afastei-o de mim, tal como havia feito em 2004, quando acabei de escrevê-lo. Havia sido seis semanas de trabalho intenso e esgotador para um livro que não chegaria nunca a ser impresso, porque eu jamais permitiria. Quando estava aquela pilha de papel pronta, eu tranquei tudo imediatamente com chave no armário onde guardava os originais, certo de que nunca voltaria a lê-lo. Até então, eu já não temia as represálias de Bubriski. Além do mais, fazia anos que havia caído o Muro e fazia tempo que a Guerra Fria se conjugava no passado. A cidade (a qual nunca havia regressado desde que me ordenaram que eu fosse embora, tantos anos antes) era uma nova realidade unificada. Em meados de 1986, naturalmente, eu tinha publicado um livro sobre minha estadia em Berlim... Um que ocultava tudo quanto eu sabia que não podia vir a público.

De fato, comecei a escrever o livro apenas uma semana depois da minha atroz saída de Berlim no verão de 1984. Após alguns dias de inatividade catatônica na casa de Stan, em Cambridge, meu amigo me disse:

— Vou tirá-lo daqui para enviá-lo a um lugar onde poderá recuperar-se olhando grandes espaços abertos.

E, dizendo isso, me jogou as chaves da casinha de férias de sua família às margens do lago Champlain, nos arredores de Burlington, em Vermont. Seus pais tinham morrido dois anos antes em um acidente de carro e ele era filho único. Como estava terminando seu doutorado no MIT e, além disso, trabalhava como professor, a casa estava vazia na maior parte do tempo.

— Fique todo o tempo que quiser — disse-me Stan. — E se tentar me pagar algo parecido com algum aluguel, não voltarei a dirigir-lhe uma só palavra.

Peguei o ônibus para o Norte. A casinha era simples, mas confortável. Eram três quartos sobre a margem do lago, a tão somente dez minutos de bicicleta do centro de Burlington. Havia uma cama decente, uma mesa, uma poltrona bem confortável para ler, uma estante com livros e discos, um rádio de ondas curtas e uma pequena mesa de trabalho com uma vista maravilhosa para o lago, com a distante presença dos montes Adirondack, que definiam a margem oposta. Inclusive havia uma bicicleta com cesta, o que significava que podia descer à Burlington para fazer compras, tomar um café, “curiosear” nas livrarias, ir ao cinema... Enfim, eu tinha como preencher o tempo que eu não estivesse usando para escrever.

Sim. Eu comecei a escrever imediatamente. Quando ainda não fazia um dia que eu havia chegado, instalei a máquina de escrever na mesa de trabalho. Em minha precipitada correria para chegar ao aeroporto a tempo de pegar o voo das sete na Alemanha, somente havia guardado nas malas as roupas de vestir mais básicas, a máquina de escrever e meus importantíssimos livretos de anotações. Deixei tudo o mais, tudo o que eu havia comprado em Berlim: livros, discos e outras roupas. Também deixei duzentos dólares sobre a mesa da cozinha e um bilhete para Alastair com

meu endereço em Nova York.

“Se tiver vontade de fazer um pacote com as coisas que deixei, envie-me por favor para Nova York. Os duzentos dólares cobrirão o gasto do envio. Mas se você decidir doar tudo para um centro beneficente mais próximo, também entenderei.”

Poderia ter continuado escrevendo e dizer que esse não era o fim que eu queria, mas simplesmente assinei o bilhete, guardei mais algumas coisas em minhas duas malas e levei tudo para o piso de baixo. Ali estava Alastair, com uma garrafa de vodka aberta sobre a mesa, um cigarro em uma mão e o olhar fixo nas paredes vazias.

— Então, é verdade que irá fugir — disse-me Alastair.

— Isso mesmo — respondi.

— É a história de sua vida, não?

Depois virou-se na cadeira e me deu as costas, dando-me a entender que já não tínhamos mais nada o que conversar.

Lutei com as malas até a rua e esperei mais de vinte minutos até que veio um táxi. No aeroporto descobri que havia, sim, um assento reservado no voo das sete para Frankfurt que depois faria uma conexão para Nova York. Umas horas depois, sobre o Atlântico, me tranquei dentro de um dos banheiros e passei pelo menos dez minutos chorando. Chorava tão desoladamente que uma das aeromoças bateu na porta e me perguntou se eu precisava de algo. Sua intervenção me tirou do acesso de choro. Abri a porta. A aeromoça me olhou com preocupação.

— Estava preocupada com você — disse a aeromoça. — Tanto sofrimento, que pena...

— Desculpe-me, sinto muito — disse eu.

— Morte na família? — perguntou a aeromoça.

— Sim, eu perdi uma pessoa.

Quando voltei ao meu assento, decidi ficar olhando para frente, sem deixar de ouvir na cabeça um verso de um poema de Oscar Wilde: “Todos os homens matam aquilo que amam.”

Mas ela havia me traído.

E, além disso, você traiu a si mesmo.

Era como a morte. Durante aqueles primeiros dias (depois de derrubar-me de esgotamento na primeira noite), praticamente não dormi, não comi, nem saí do apartamento de Stan. Inclusive depois de passar uma noite inteira contando tudo a ele, não tive nenhuma sensação de ter purgado a dor, nem diminuir um mínimo a culpa e a agonia que sentia. Continuava vendo mentalmente aqueles últimos momentos no apartamento, quando ela me suplicava que eu a escutasse e não podia deixar de perguntar-me o que teria acontecido se eu tivesse permitido. Definitivamente, sua manifesta colaboração com o outro lado a teria impedido que viajasse para os Estados Unidos; entretanto (e esse “entretanto” não deixa de ressoar na minha cabeça), provavelmente teríamos encontrado outra solução, em especial porque tudo o que ela disse e toda a sua dor naqueles momentos finais me demonstraram que seu amor por mim era verdadeiro.

Mas como podia amar-me e, por sua vez, enganar-me tanto? Como podia dizer-me que eu era o homem da sua vida e contar-me aquelas tremendas histórias sobre o tempo que havia passado em uma prisão na Stasi e o modo em que a haviam separado de seu filho, quando em realidade sempre havia estado colaborando com eles? Estariam sempre o amor e a traição tão estritamente unidos?

Escrever o livro foi uma tática de distração, uma maneira de manter-me ocupado, de fazer algo construtivo, de deixar passar o tempo com a esperança de que essa fuga temporária curasse a ferida ou pelo menos me ajudasse a conviver com ela. Trabalhei como possuído e, hoje pensando sobre isso, suponho que estava mesmo. Todas as manhãs eu saía para correr às margens do lago e quase todas as tardes encontrava um tempo para descer de bicicleta até o povoado, comprar o jornal e passar um tempo em um café. Uma ou duas vezes por semana ia ao cinema e via um filme. O resto do tempo eu me trancafiava na casinha de Stan e escrevia. Quando meu sublocatário de Manhattan saiu do apartamento, fui até a cidade por apenas alguns dias e encontrei um amigo meu, professor, que estava procurando um lugar para subalugar por pouco tempo. Eu lhe dei as chaves, com a tranquilidade de ter o aluguel garantido até o fim de novembro. Stan cumpriu sua palavra: deixar-me usar a casa o quanto eu quisesse, e assim sendo fiquei por lá até novembro. Até então, já havia terminado o primeiro rascunho do livro. Meu amigo apareceu à véspera do dia de Ação de Graças, com um peru.

— Você perdeu peso — foi a primeira observação de Stan.

Tinha razão, porque havia emagrecido sete quilos desde minha volta de Berlim.

— Porém, ganhei quatrocentas páginas — respondi, apontando o manuscrito empilhado numa estante.

— O consolo da arte... — disse Stan.

— Suponho que sim.

— O que pensa fazer agora?

— Ir para Nova York. Entregar o manuscrito. Escrever duas ou três versões mais, levando em conta a predileção dos meus editores por fazer-me reescrevê-lo todo. E depois... Não sei... Estava pensando em escrever um livro sobre o Alaska.

Stan refletiu por um tempo.

— Poucos lugares são tão extremos. E se você insiste em manter o processo de distanciamento...

Não lhe disse nada. Compreendendo as conotações do meu silêncio, Stan simplesmente apoiou uma de suas mãos no meu braço e disse:

— Você irá encontrar uma maneira de reconciliar-se com a perda.

Até certo ponto, foi assim mesmo. Minha editora considerou que meu livro sobre Berlim estava “muito benfeito”, que apresentava uma Berlim moderna como uma cidade libertina e cheia de sombras, “muito ao estilo de Isherwood” e que os personagens mencionados eram “incrivelmente singulares e interessantes”. (No texto, eu havia transformado Alastair em Simon Channing-Burnett, um escultor aristocrático de raízes inglesas.) Entretanto, também o achou “curiosamente desapegado”

e “emocionalmente distante” e perguntou em uma de nossas reuniões na editora se não seria possível colocar mais coração.

— É Berlim — argumentei. — E em Berlim tudo é superficialidade decadente.

— Tenho a sensação de que por trás da sua “superficialidade decadente” há uma história que não quer contar — disse a editora.

— Todos nós temos histórias que não queremos contar.

— E eu quero mais emoção no livro.

Tentei satisfazer sua exigência e ampliei o texto na relação entre Simon e Constantine, seu amante greco-cipriota casado, utilizando para isso a difícil ruptura entre Alastair e Mehmet. Contudo, minha editora tinha razão no que se refere ao desapego que emanava do livro e ao modo pelo qual o narrador, ainda no mais puro estilo de Isherwood, aparecia como um observador que não se implicava na ação, como um observador mordaz, irônico e isolado dos grandes dramas humanos que se desenrolavam ao seu redor.

— Você é um ótimo ator! — foi o comentário de Stan na primeira vez que leu o livro.

A maioria dos críticos o considerou divertido e ameno, mas um pouco superficial, veredito que eu não podia contradizer.

Depois desse livro, escrevi outro baseado nos três meses que passei no Alaska. Quando o livro do Alaska foi publicado, me perdi logo em seguida nos vastos espaços do interior da Austrália, e na sequência passei uns meses no oeste do Canadá, escrevendo meu livro sobre a experiência australiana. Houve, claro, outras mulheres e outras aventuras: uma fotógrafa de Sidney, com quem saí três meses e que no fim de nossa relação se queixou que era como se eu estivesse sempre “em algum outro lugar”; uma cantora de *jazz* chamada Jennifer a quem conheci durante minha temporada em Vancouver e cuja declaração de amor me enviou correndo de volta para Manhattan, e uma agente da Bolsa de Nova York que deveria achar exótico deitar-se com um escritor durante algum tempo mas que, no fim, se negou a continuar com alguém que só parecia interessado na hora do próximo voo para sair da cidade.

Então conheci Jan. Inteligente, segura de si mesma, *sexy* de uma maneira controlada, muito culta, da minha idade, disposta a suportar minhas frequentes ausências, desejosa de ter comigo uma vida em comum... Disse-me que eu era muito diferente dos homens que ela havia conhecido, mas que gostava do desafio que eu significava para ela, da mesma forma que a mim me intrigavam sua coerência intelectual como advogada, seu rigor de organização e sua necessidade de controlar toda a desordem inerente da vida. Nós nos conhecemos em uma palestra que dei em Boston, à qual ela havia assistido em companhia de um amigo meu da universidade, que trabalhava no escritório de advogados em que ela acabara de entrar. Depois da conferência, fomos jantar. Sua inteligência e engenhosidade me impressionaram e parecia sinceramente interessada por tudo o que tivesse a ver comigo. Antes de me dar conta, havia me convencido para que eu fosse viver com ela por algum tempo, em seu lindo apartamento da Avenida Commonwealth. Depois eu a convidei para ir comigo para o deserto do Atacama, no Chile. Uma noite, quando já estávamos cerca de seis meses juntos,

esqueceu-se de colocar o diafragma durante um fim de semana em uma pousada no cabo Cod. Quando descobriu que estava grávida, disse-me que queria ter o bebê, mas isso se eu não tivesse nada a objetar sobre o peso da responsabilidade...

Não coloquei nenhuma objeção. Embora eu dissesse a Jan que a amava, em meu interior sabia que o amor que sentia por ela era relativo, talvez porque me parecia uma mera sombra do que eu havia vivido com Petra. E embora nunca tenha mencionado o nome de Petra, Jan sabia que a nossa relação não era a grande história de amor do século. Quando estava grávida de cinco meses, alugamos uma casa durante duas semanas no mês de agosto na ilha de Vinalhaven, ao lado da costa de Maine. Uma noite, sentados no alpendre que dominava as águas sempre agitadas do Atlântico, Jan se voltou para mim e de uma forma bem imprevisível, me disse:

— Thomas, eu sei muito bem que seu coração está em outra parte.

— O quê? — disse eu, surpreso pela repentina declaração.

Com a vista fixa nas ondas do oceano, sem olhar nem uma vez sequer na minha direção, Jan voltou a dizer-me:

— Sei que você sente por mim muito carinho e espero sinceramente que ame o filho que levo dentro da minha barriga agora. Mas também compreendo, no lugar mais profundo da minha alma, que não sou o amor de sua vida. Embora isso seja bem difícil de dizer, mas tenho que aceitar.

Seu comentário não tinha nada de agressivo: era somente uma exposição fria dos fatos. Ela me pegou tão desprevenido que minha resposta foi branda e pouco convincente:

— Não sei do que está falando.

— Sabe sim. E se quiser falar-me sobre ela... — replicou Jan.

Eu a olhei e vi seus olhos inundados de uma tristeza muito pouco própria dela. Tentei pegá-la pela mão, mas ela a retirou. Em seguida, Jan perguntou:

— Como ela se chamava?

— Nunca houve ninguém importante.

— Por favor, não tente me consolar, Thomas. Posso aceitar a verdade, pode até doer, mas não suporto as idiotices.

No entanto, falar para Jan sobre Petra (inclusive eu reconheço que, quando fazíamos amor, via o rosto de Petra sobreposto ao seu) teria sido convidar a tragédia para se instalar. Por isso, eu me limitei a dizer:

— Eu quero passar a vida a seu lado.

— Você tem certeza? Porque é preciso que você saiba (e quero que saiba que é verdade) que eu me sinto capaz de criar esta criança sozinha.

— Eu quero e amo este bebê mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Era verdade. Porque estava cansado de natureza mutável do movimento perpétuo; porque acreditava que ser pai era uma dessas coisas na vida que um homem lamenta ter perdido, e porque instintivamente sabia que necessitava criar raízes e tratar de construir uma vida com outra pessoa.

Diante de mim, eu tinha uma mulher brilhante, inteligente e capaz que desejava o mesmo que eu, que me compreendia e parecia disposta a aceitar meu afã vagabundo e proporcionar-me ao mesmo tempo a ancoragem doméstica de que eu precisava. Também intuía que ela via um homem que não se sentia intimidado por seu brilhantismo intelectual, como tantos outros, e que podia aceitar o lado mais áspero de seu caráter.

Stan foi contra desde o início. Advertiu-me de sua frieza inerente e me disse que era possível notar que eu a admirava, mas que não estava apaixonado por ela.

No entanto, da mesma forma que Jan, eu me encontrava em uma etapa da vida em que já não podia continuar vivendo à deriva. Além disso, havia compatibilidade cognitiva e doméstica entre nós. Podíamos falar sobre livros, filmes interessantes e as notícias que escutávamos diariamente na Rádio Pública Nacional. Compartilhávamos da mesma estética e não competíamos entre nós nem nos obrigávamos a interpretar papéis que não queríamos desempenhar.

Embora parecêsemos destinados a formar um casal muito bom, existia uma brecha enorme entre nós: a ausência de um amor verdadeiro.

Agora vejo que, naquele momento, eu estava disposto a convencer-me da necessidade de amoldar-me à nossa relação, embora não fosse perfeita. “É verdade que não sinto música no coração quando eu a vejo. É verdade que há companheirismo entre os dois, mas nunca uma sensação de cumplicidade, nem de compartilhar o mesmo destino. Mas certamente tudo virá com o tempo”, dizia para mim.

Era a maneira de dissimular todas as dúvidas silenciosas que eu não queria confrontar. Quantos casamentos se forjaram da mesma forma, esperando que os fundamentos evidentemente ausentes chegassem algum dia e acentuando desesperadamente a parte positiva do trato social, só porque alguém acredita encontrar-se em uma etapa da vida em que é preciso assentar e criar raízes?

Em novembro de 1989, quando minha mulher estava grávida de oito meses, fui sozinho ao cinema da Harvard Square para assistir a *O terceiro homem*. (Jan decidira trabalhar até mais tarde no escritório, porque queria deixar encerrado um caso antes que o nosso bebê nascesse.) Depois do filme, entrei em uma das poucas tabernas de quinta categoria que ainda continuava existindo naquela parte mais privilegiada de Cambridge. Enquanto estava sentado junto ao balcão ao lado de três bêbados, as notícias começaram a ser transmitidas na televisão do bar. Nas reportagens apareceram imagens borradas das pessoas que jogavam abaixo o Muro de Berlim e vi o correspondente da CNN de pé diante das barreiras abertas do Checkpoint Charlie, enquanto milhares de alemães entravam como uma grande onda do mar no setor ocidental.

— Hoje, finalmente, o Muro de Berlim caiu... E o mundo agora é um lugar diferente — disse o repórter, com a voz entrecortada pela emoção.

Lembro-me de que me senti tão em meio às brumas pela notícia e pelas imagens dos berlinenses de ambos os lados da fronteira que se abraçavam e choravam que saí pela escuridão da noite e submergi num louco devaneio, em que calculava quanto tempo demoraria para chegar em Berlim de onde estava, e me disse que, se conseguisse encontrar Petra em Berlim Oriental, eu a estreitaria entre meus braços e lhe diria que não havia passado nem um só dia dos últimos cinco anos

sem que sentisse a sua presença em minha vida e me arrependesse de tê-la deixado, sem parar de me culpar por ter permitido que a ira superasse a compaixão, e que me dissesse também como seria possível fazer que os ponteiros do relógio retrocedessem...

Mas os ponteiros do relógio nunca retrocedem. O que havia passado havia passado e eu era um homem casado que estava prestes a ser pai.

Em qualquer caso, mesmo que eu estivesse solteiro, por que ela haveria de querer voltar comigo, depois do que eu havia feito a ela? Com sorte, ela deveria ter conhecido outro homem nos anos que transcorreram desde então e já teria voltado a ser mãe. E assim fiquei eu... Atormentado, eclipsado e perenemente agoniado pelo peso dos assuntos sem resolver.

O Muro de Berlim poderia até ter caído, mas o meu coração continuava emparedado. Quando Candace finalmente chegou ao mundo, meu amor por ela foi tão indiscutivelmente demolidor e incondicional e como Jan e eu compartilhávamos a responsabilidade por aquela pessoinha tão maravilhosa, por um tempo conseguimos eludir o crescente convencimento de que nossa relação carecia do impulso essencial que o amor proporcionava.

Pensando em retrospectiva, naquela noite no alpendre da casinha alugada numa ilha do Maine, quando Jan me disse que reconhecia não ser o amor da minha vida, quando demonstrou ter mais percepção que eu da paisagem emocional entre nós e de suas limitações cada vez mais profundas, ainda me pergunto por que não lhe disse a verdade. Por que não reconheci, vários anos depois da minha infame fuga de Berlim, que não superara a perda de Petra? Sim, eu havia chegado a acostumar-me com a ideia, como todos aceitamos cedo ou tarde a morte de alguém primordial em nossa vida. Mas a sua presença em minha mente (o fato de que nenhuma relação desde então havia estado nem remotamente perto de se igualar à profunda certeza que Petra e eu compartilhávamos) era um lembrete permanente de tudo o que faltava no meu casamento... E o mais importante ainda: de tudo o que eu havia perdido.

Ainda assim, naquela noite assegurei a Jan que eu a amava, que cuidaria dela e do nosso bebê e que teríamos um grande futuro juntos. Durante os primeiros anos de vida de Candace, conseguimos viver com a ideia de ter um propósito em comum. Compramos uma casa em Cambridge; eu encontrei um cargo de professor meio período na Universidade de Boston, de setembro a dezembro e o resto do ano reduzi a duração das minhas viagens para no máximo oito semanas. Continuei escrevendo e publicando livros. Durante dez meses do ano que passava em casa, compartilhava responsabilidade em tudo o que era relacionado com a vida diária de Candace e eu o fazia com o maior prazer. Vê-la descobrir o mundo era tão interessante e prazeroso que compensava a distância crescente entre sua mãe e mim. Cada vez mais o afã controlador de Jan, sua natureza áspera e sua incapacidade para expressar carinho (a frieza básica que eu sempre havia notado, mas nunca havia querido considerar seriamente) me impulsionaram a isolar-me dentro de uma concha. Segundo Jan, eu era o tipo de homem que vivia a maior parte do tempo fechado em mim mesmo: era muito singular e solitário para aceitar “o sentido de entrega mútua” que deve acompanhar todo bom casamento, e o amor que sentia por ela nunca havia sido mais que uma frágil pátina superficial, sem verdadeira substância.

Mesmo assim, continuamos caminhando adiante, fazendo amor cada vez menos e com menos

paixão, umas duas vezes por semana e funcionando como uma equipe em tudo que estava relacionado com as necessidades e o futuro de Candace, mas cada vez mais distanciados em todo o resto. “Tudo se desintegra, porque o centro não se aguenta.” Quando Candace chegou à adolescência e já não precisava de nós a seu lado como antes... Então começou o verdadeiro isolamento.

Também no ano de 2004 (considerando a base de um livro que eu havia escrito sobre a teoria das viagens e da muito humana necessidade de escapar da rotineira realidade cotidiana), minha editora me sugeriu que eu pensasse na possibilidade de escrever umas memórias sobre toda uma vida viajando de um extremo ao outro do mundo. Na época em que me chegou a proposta, eu estava bastante convicto de que Jan tinha uma aventura amorosa com um colega (realidade que foi admitida vários anos depois, nos momentos finais do nosso casamento) e eu mesmo me encontrando com a editora de uma revista de Nova York, uma mulher sumamente independente chamada Eleanor, que gostava de me ver cada vez que passava por Manhattan. Duas ou três vezes por ano, me acompanhava também em viagem de uma semana para alguma parte, deixando perfeitamente claro que não queria nada comigo, além daquele “arranjo entre colegas” (suas palavras exatas). Eleanor tinha a minha idade. Era muito inteligente, divertida, engenhosa e excepcionalmente apaixonada, mas tinha saído machucada de uma relação anterior e decidido levantar a cortina de isolamento “sanitário” em torno do seu coração... Embora tenha uma vez mencionado que parecíamos feitos um para o outro. Entretanto, o homem que causara tanto ferimento em seu coração também estava casado. Em uma viagem juntos à Costa Rica, quando já estávamos há seis meses naquilo que ela descrevia como nossa “amizade erótica”, reconheci que estava apaixonado por ela. Sua resposta foi puxar o freio emocional.

— Não vá por esse caminho — disse-me ela dando-me as costas na cama para ir buscar um cigarro “pós-coito”.

— Mas é verdade — disse eu. — E acho que você sente o mesmo que...

— O que eu sinto — interrompeu ela — é que está casado e vive a trezentos quilômetros de distância, com uma filha adolescente que, segundo o que eu pude deduzir do pouco que me conta, é louca por você.

— Mesmo que eu vá viver em Manhattan, continuará louca por mim e continuaremos nos vendo com frequência — disse eu.

— Você quer viver comigo?

— Não sou tão pretensioso assim. Mas quero estar com você. E não só por um fim de semana a cada seis semanas, nem uma viagem para um lugar interessante de vez em quando. Não. Quero compartilhar a vida com você. Poderia alugar um apartamento em Manhattan.

— Impossível — disse ela, enquanto se sentava na cama e transmitia certa agitação em toda a sua linguagem corporal.

— Eu amo você. Sei disso.

— E eu sei que é um homem maravilhoso e que merece ser mais feliz do que é. Mas eu não sou a pessoa que deve colaborar com esse projeto.

— Mas nós estamos tão bem juntos, somos perfeitos um para o outro!

— E existem alguns limites, limites estes que não quero me aventurar além.

— Não gostaria de ver como as coisas evoluem se estivermos mais próximos um do outro?

— Eu vou ser muito franca com você, Thomas — disse Eleanor. — Eu adoro estar com você quando estamos juntos. Adoro fazer amor com você, passear ao seu lado pela praia e passar a noite inteira conversando... Mas só porque sei que depois você desaparecerá durante algumas semanas. Quem sabe você imagine agora que estou lhe impondo limites, mas creio que a razão pela qual nos damos tão bem (além do fato de que não se queixa nunca de sua mulher, apesar de que é evidente que é muito infeliz com ela) é porque não estamos envolvidos na vida do outro.

— Se eu for viver em Nova York, tampouco nos veríamos todas as noites.

— Mas talvez eu queira que nós nos vejamos todas as noites e isso me traria problemas. Somente a partir dessas premissas estou disposta a fazer viagens românticas com você, ou com qualquer outra pessoa.

— Mesmo que tenha acabado de confessar que talvez você apreciasse ter uma vida comigo?

— Isso mesmo. E se para você parece uma contradição enorme... Bem, é isso mesmo. No entanto, as coisas são assim. Como autêntico viajante, certamente saberá que há lugares nos quais prefere não se aventurar.

— Uma vez recusei um trabalho para ir a Lagos — disse eu.

— Piadinha boba... Mas eu sei que está entendendo o que estou explicando. Porque eu me dou conta de que você, da mesma forma que eu, está ferido por culpa de algo... Ou de alguém. Tem passado muitos anos lamentando a ausência dessa pessoa, porque sabe que provavelmente nunca voltará a ter o que teve com ela.

— Sou tão transparente assim? — perguntei, com um triste sorriso.

— É o que faz a intimidade. Contudo, veja só, quando estamos juntos (e, sobretudo quando estamos fazendo amor), sinto nessa perda que leva consigo seu desejo de apagá-la com o amor de outra pessoa.

— Meu amor por você.

— Sei disso. Vejo em seus olhos o tempo todo. Mas... me desculpe... Não posso cruzar essa linha. Tenho minhas razões e também vou reservar-me o direito de não contá-las. Somente lhe direi que gostaria que fosse de outra forma — disse Eleanor.

Não falamos nada mais a respeito nas quarenta e oito horas que nos restavam ainda na selva de Costa Rica. Quando voltamos para os Estados Unidos e lhe dei um beijo de despedida no aeroporto JFK, antes de pegar o avião que me levaria para Boston, seus olhos se encheram de lágrimas, apoiou sua testa em meu ombro e simplesmente disse:

— Sinto muito.

Na manhã seguinte, recebi um *e-mail* escrito por Eleanor no meio da noite em que me anunciava que tinha decidido “colocar fim no nosso relacionamento, antes que se tornasse muito

sério, antes de deixar uma ferida por demais profunda”.

Eu lhe respondi que o amor sempre corre algum tipo de risco, mas que em nosso caso valeria a pena. Não recebi resposta. Este faiscar de possibilidade, essa vontade de arriscar uma vez mais o coração, se extinguiu ao mesmo tempo que me inteirei de que Jan estava dormindo com um advogado de prestígio especializado em fusões e aquisições de grandes empresas chamado Brad Bingley (em todas as histórias americanas sempre há um sujeito chamado Brad), quando senti ainda mais a perda. Sem dúvida, também tendo ultrapassado eu os limites do nosso casamento, tampouco pude sentir-me terrivelmente ciumento de que Jan estivesse duas vezes por semana nos braços de outro homem.

Pouco depois que Eleanor colocou fim em nossa relação, Jan me anunciou que haviam oferecido uma transferência de dois meses para os escritórios de advocacia em Washington.

— Talvez fosse uma boa ideia passar uns tempos separados, um período de reajuste — disse-me Jan.

Passei o tempo em que ela esteve fora desempenhando o meu papel de pai de Candace. Enquanto minha filha estava na escola, em meia dezena de atividades extracurriculares que preenchiam suas tardes, ou passando parte do fim de semana com uma amiga, me dediquei a escrever as memórias de Berlim que muitos anos atrás Bubriski me havia proibido de registrar. Quando voltei a ler todos os livretos, me assombrou o jovem que eu era até então (não só cronologicamente, senão no que se refere a minha compreensão dos grandes problemas da vida), mas, sobretudo, me chamou a atenção que em minha narração diária do amor que Petra e eu compartilhamos, nem uma só vez expressei a menor dúvida sobre a veracidade de nossos sentimentos mútuos. Também havia relatado (com atenção e profusão de detalhes próprios de um legista forense) aquela horrível noite final em Berlim, quando minha raiva e a dor que sentia destruíram tudo.

Porém, o que emanava daqueles livretos (que eu não tinha voltado a abrir nos anos transcorridos desde então, mas que tinha conservado no arquivo à prova de incêndios no meu escritório) era a sensação da maravilha ante o amor que sentia e o amor que recebia, assim como a esperança que tinha impregnado a maior parte do nosso tempo juntos e o modo como tudo havia sido derrubado na mais espantosa e trágica das circunstâncias.

Enquanto reconstruía sobre o papel aqueles meses extraordinários em Berlim, estava consciente de estar considerando aquela época com o olhar mais repousado de um homem em seus quarenta e tantos anos que, como qualquer pessoa que tenha chegado à maturidade, está mais castigado por tudo o que a vida lhe vai impondo em seu caminho e por sua vez vê as coisas com mais profundidade.

Quando, ao fim de seis semanas febris, terminei as memórias (que acabavam com aquelas palavras: “Nunca tinha superado isso”), na mesma noite recebi um telefonema da minha mulher. Disse-me que voltaria antes do previsto de Washington e que sentia saudades de mim.

Foi uma revelação desconcertante e me senti mais intrigado ainda quando ela chegou à meia-noite e me arrastou para a cama e fez amor com uma paixão que havia estado ausente na nossa relação durante mais de uma década. Depois se voltou para mim e (sem dizer que sua aventura com o senhor Fusões e Aquisições havia terminado) me disse que ela mesma tinha a percepção e

consciência de que muitos dos problemas e defeitos de nosso casamento eram por culpa dela e que queria fazer um esforço comigo para que entre nós dois tentássemos “recuperar o amor que tivemos”.

Eu teria gostado de responder-lhe: “O problema é que nosso relacionamento começou como um romance entre amigos, sem autêntica profundidade passional. Você acredita mesmo, que agora, depois de quinze anos juntos, poderíamos encontrar realmente reservas inexploradas de amor mútuo?”.

Foi a primeira ideia que me veio à cabeça, enquanto os dois permanecíamos deitados e (para variar) satisfeitos na cama que havíamos compartilhado de maneira tão distante durante tantos anos. Mas eu me guardei de dizer isso, porque ainda levava a dor do término da minha relação com Eleanor e porque, pela primeira vez, Jan dava mostras de vulnerabilidade e preocupação ante a possibilidade de perder a vida que havíamos edificado juntos. Talvez uma parte de mim (a que sempre fugia das verdades incômodas) pensou que, quem sabe, fosse possível depois de tantos anos encontrar uma maneira adequada de amarmos. Estávamos acostumados com nossos pequenos defeitos e tínhamos uma filha maravilhosa de catorze anos cuja estabilidade no habitual turbilhão hormonal da adolescência em que estava ambos queríamos preservar. Estávamos certamente no momento de grandes possibilidades potenciais para nós.

O meu primeiro procedimento foi encerrar sob sete chaves as memórias de Berlim. Guardei o manuscrito no arquivo à prova de incêndios e levei Jan e Candace em uma viagem a trabalho para a ilha de Páscoa. Quando voltamos, passei seis meses escrevendo as memórias de viagens, que coloquei o título de *A porta com a placa de “Saída”*, sobre a necessidade de fugir que havia marcado toda a minha vida. Durante esses meses, meu casamento voltou a ser o mesmo gélido edifício como era antes. Nossa época de bons sentimentos durou cerca de seis semanas, antes que os velhos costumes e as patologias (tanto individuais como do casal) voltassem a manifestar-se. Quando o livro foi publicado, um ano depois, meu pai (que até então vivia no Arizona) me escreveu uma carta de quatro linhas após receber seu exemplar:

Fico feliz em saber que os neuróticos dos seus pais o converteram no escritor que é hoje. Eu lhe admiro muito por não cair na autocompaixão e sinto um alívio ao pensar que sua mãe já não está mais por aqui para ler todo o lixo que você escreveu sobre a sua infância.

Sua reação não me surpreendeu, embora acreditasse ter sido bastante imparcial na descrição de meu pai, a quem apresentei como o típico publicitário americano dos meados do século XX, preso por suas obrigações mas ainda assim favorecido por certa veia independente e o inquestionável encanto de um caráter simples e direto. Minha mãe aparecia tal como tinha sido: frustrada, decepcionada e pensando até o fim no rumo que poderia ter tomado sua vida se tudo tivesse sido diferente. Mais adiante, no livro, falei de certa solidão inerente que sempre levava comigo e que nunca conseguira arrancar de mim.

Curiosamente, Jan fez poucos comentários sobre o livro quando foi publicado; mas uma semana depois, quando fomos jantar com uns amigos e um deles disse que éramos um dos poucos casais de profissionais conhecidos seus que tinham conseguido avançar juntos, apesar de minhas viagens e da intensa dedicação de Jan à sua carreira jurídica, a resposta de minha mulher foi:

— A razão de ainda continuarmos juntos é que, dos dezesseis anos de casamento, Thomas, no total, só passou cinco comigo.

Seu comentário embargou momentaneamente o ambiente do jantar. No caminho de volta para casa, quando tentei falar com ela a respeito, ela disse-me:

— Para que falar daquilo que é obvio? Você tem sua vida, eu tenho a minha e as duas são entidades separadas. Compartilhamos uma casa, uma cama e uma filha que ambos adoramos e que é a única razão concebível para que ainda continuemos juntos.

— Mas que panorama tão romântico você pinta!

— Não faço nada além do que expor fatos, Thomas.

— Então, o que você quer fazer?

— Estou com muito trabalho nesse momento para me colocar a pensar em revoluções pessoais. Mas se você quiser ir embora, eu não o deterei.

Não fui, mas continuei me ausentando. Quando Candace foi admitida na universidade e já não estava em casa durante oito meses ao ano, quase deixei de voltar. Jan, que então havia chegado a ser sócia sênior do escritório de advocacia onde trabalhava e tinha todo tipo de tensões e pressões novas em que pensar, não pôs nenhuma objeção. Quando eu estava na cidade, comíamos juntos, fazíamos amor ocasionalmente e representávamos a comédia familiar no jantar de Ação de Graças, assim como no Natal e durante as três semanas de agosto quando costumávamos alugar uma casa num canto afastado da Nova Escócia. O curioso desse distanciamento matrimonial foi que, após a época dos olhares fulminantes, a calada frustração emocional e os episódios de explosões de cólera, veio uma era de civilizada indiferença. Inclusive o sexo parecia desenvolver-se entre duas pessoas que satisfaziam uma necessidade, mas que já não sentiam nada parecido a uma mútua conexão amorosa.

Desde cedo, Candace (que era uma jovem perspicaz e desde os quinze anos havia tido incessantes confrontos com sua mãe) compreendeu que o casamento de seus pais era algo puramente nominal. No verão antes que começasse a universidade, eu lhe comprei uma passagem para a Europa e um tíquete de InterRail, lhe dei dois mil dólares e a enviei para percorrer durante um mês o Velho Continente. Recebi um *e-mail* seu da ilha grega de Spetses no qual me dizia que tinha terminado de ler o livro de minhas memórias de viagens:

... E embora eu tenha me sentido lisonjeada por tudo o que escreveu sobre mim, o que mais me impressionou foi que todo o livro trata mais que tudo da dificuldade de aceitar a ideia de estar completamente só no mundo. Suponho que todos nós estamos, mas quero que se lembre, e sempre, que você tem a mim, da mesma forma que eu sempre me lembro de que eu tenho você.

Meus olhos encheram-se de lágrimas ao ler sua mensagem, como também havia me emocionado várias semanas antes ao ler um *e-mail* de meu pai que me dizia que sua nova amiga tinha lido o meu livro...

... E pareceu a ela que a descrição que faz do seu velho é afetuosa e interessante... Assim sendo, eu pensei: “E eu que sei!”. Me parece que da última vez que eu lhe escrevi, mordi sua jugular, hein? É meu estilo, você já sabe. O que eu posso dizer? Nunca fui muito bom para

expressar os meus sentimentos, então, não espere que eu comece agora. Holly (é o nome da minha amiga) disse que você escreve muito bem, mas que parece que sempre quis demonstrar ao mundo quão inteligente é... Mas, bem, ela não é precisamente madame Curie...

Não pude deixar de sorrir quando li isso. Meu pai, que nunca em sua vida me havia pedido desculpas nem me elogiado, tinha feito as duas coisas em sua mensagem, à sua maneira, mesmo que um tanto ambígua. Embora nosso contato tenha sido mínimo nos anos seguintes (um telefonema a cada três ou quatro semanas e uma visita anual de três dias ao condomínio de aposentados no deserto do Arizona onde havia se aposentado quando as coisas começaram a ir mal no campo profissional em Nova York), sua morte em 2009 me afetou tão profundamente que, quando estava a caminho de casa depois do funeral, me enfiei num carro e acabei em um hotel nos arredores de Edgecomb, Maine.

Assim foi o começo da sucessão de acontecimentos que me levaram a comprar esta casa, colocar fim no meu casamento e cair em uma melancolia que me neguei a reconhecer durante muitos meses e que somente aceitei quando evitei, no último instante, um encontro fatal com uma árvore enorme, enquanto praticava esqui numa montanha em Quebec. E quando eu voltei para o Canadá (física e psicologicamente destroçado, mas serenamente aliviado por ter conservado a vida), o pacote de Berlim estava me esperando: a caixa com um nome no canto superior à direita e seu endereço de Prenzlauer Berg. Embora não me atrevesse a aproximar-me do pacote depois de trazê-lo para casa, o fato de que seu remetente estivesse em Prenzlauer Berg me fez querer saber tudo o que havia acontecido em sua vida desde aquela última noite juntos em Berlim, vinte e seis anos antes. Na realidade, o desejo de estabelecer contato com ela não havia me abandonado. Por que eu não havia tentado? Pela mesma razão pela qual nunca voltei a Berlim em todos esses anos, talvez porque havia vivido algo tão extraordinário com Petra e uma vez o perdi — uma vez que eu descobri sua traição e senti o impulso de responder com um ato intencionalmente destrutivo (que também foi autodestrutivo, como compreendi apenas alguns instantes depois de cometê-lo) —, já não pude tolerar nem a ideia de voltar a colocar os pés naquele lugar, menos ainda de ver a mulher com quem eu havia pensado que passaria o resto da minha vida.

Ao longo dos anos, cada vez que voltava a sentir aquela dor, tentava racionalizar dizendo-me que só tinha sido um enamoramento juvenil, uma paixão enlouquecida, um sentimento por demais febril e intenso para que pudesse sobreviver em longo prazo. Também me obrigava a recordar que ela era uma mulher com vida dupla e que jamais teria sido possível voltar a depositar minha confiança nela.

Mas essas racionalizações não tinham mais que qualquer objetivo a não ser aliviar a pena, dor, sofrimento que eu ainda sentia. Então, por que senti tão de repente o impulso de tirar da estante o manuscrito de Berlim e, pela primeira vez em dez anos desde que eu o escrevi, sentar-me e lê-lo outra vez?

Por culpa do maldito pacote que chegou da Alemanha. Porque havia visto seu nome e seu endereço. Por que...

Olhei para o relógio. Já passava da meia-noite. Eu já estava a mais de seis horas lendo. A lua iluminava a baía. Fui até a cozinha, me servi um uísque, abri a porta lateral que dava para a varanda

e, desafiando o vento boreal noturno que soprava vindo do mar, bebi o uísque e disse-me: *Não tem sentido continuar fugindo da realidade. O maldito pacote tem que ser aberto!*

Assim, entrei em casa e o abri. Enfiei a mão e a primeira coisa que encontrei foram dois cadernos grandes do tipo escolar, com capas marrons de cartolina grossa, espiral na lombada e folhas pautadas de papel barato. Em cada capa havia um número grande, traçado com tinta, que indicava a ordem dos livretos e no espaço reservado para o nome do dono do caderno tinha simplesmente duas iniciais: “P.D.”. Abri o primeiro caderno e vi página após página de sua apertada caligrafia. As entradas não estavam fechadas, e o fim de uma frase ou de um pensamento aparecia assinalado com uma série de asteriscos. Em muitas páginas se viam restos de borrões acinzentados, talvez porque no ato de fechar o livreto tivesse caído um pouco de cinza de cigarro. Ocasionalmente se adivinhava a marca singular, já seca, de um copo utilizado para manter o caderno aberto. O fato de ver sua caligrafia tão retorcida, pequena... Tudo parecia tão íntimo, tão privado, que não pude deixar de me perguntar o que a havia impulsionado a enviar-me esses livretos depois de tantos anos.

Mas eu somente me perguntei isso até que abri o segundo dos cadernos e dei de frente com um recorte de jornal, colado numa folha solta, em que alguém havia escrito uma breve missiva. A fotografia de um rosto de mulher ocupava metade do recorte. Estudei a foto de perto e vi que aparentava uns sessenta anos, pelas bolsas nos olhos e as rugas profundas, acentuadas pela má qualidade de impressão. Era uma mulher que eu nunca tinha visto antes.

Mas então, meus olhos se deslocaram para o pé da ilustração e me dei conta de que estava contemplando uma fotografia recente de Petra.

Debaixo, havia um pequeno título: “*Petra Dussmann stirb am 2. Januar in Berlin.*”

Petra Dussmann falece em dois de janeiro em Berlim.

Era seu obituário.

Meu olhar submergiu nas poucas frases em alemão que seguiam:

... filha dos falecidos Martin e Frieda Dussmann, de Halle. Mãe de Johannes Dussmann. Trabalhava como tradutora na emissora Deutsche Welle, em Berlim. Morreu no Hospital da Caridade, em Berlim, após uma longa luta contra o câncer. O funeral será celebrado no cemitério de Friedrichshain no dia cinco de janeiro, às 10h30.

Sobre a folha branca, atrás do recorte, havia várias linhas escritas em alemão:

Minha mãe queria que você recebesse isto.

Mais abaixo, depois do endereço postal, o endereço eletrônico e o número do telefone, havia uma assinatura: Johannes Dussmann.

Eu me sentei lentamente na cadeira da minha mesa de trabalho. É verdade que ao receber uma notícia horrível o mundo se torna repentinamente silencioso? É como se o golpe que acabamos de saber matasse todos os sons e nos obrigasse a escutar o silencioso abismo que é o começo da dor.

Só que, no meu caso, a dor havia começado vinte e seis anos antes.

E agora...

Três palavras ressoavam na minha cabeça: “Petra. *Meine* Petra”.

Fiquei sentado na cadeira, imóvel durante... Quem sabe? Não tinha nenhuma noção do tempo. Somente aquelas palavras: “Petra. *Meine* Petra”.

Não podia ser.

Mas era verdade. Tão real como o recorte do jornal. Tão real como as palavras que se derramavam em cascata de tinta através das linhas finas de um dos livretos que tinha diante de mim.

“Minha mãe queria que você recebesse isto.”

Porque queria que eu o lesse. Nesse momento.

Parte quatro

Diário um

Batom. Essa foi a primeira coisa que ela me deu quando me acolheu. Ela se apresentou como Frau Ludwig e disse que iria cuidar de mim durante minha estadia naquele lugar. E então, Frau Jochum e Herr Ullmann, que tinham ido me buscar no ponto de trocas, me desejaram uma boa-noite de sono e disseram que me veriam no dia seguinte de manhã.

Não tinha ideia de onde estava. Eu tinha sido entregue a Frau Jochum e a Herr Ullmann no meio de alguma ponte, que mais tarde soube ser a *Gliencken Brücke*, que abrange o Rio Havel entre Potsdam e Berlim, e que também soube depois por Herr Ullmann que é conhecida como a “Ponte dos Espiões”, porque é onde eles frequentemente trocam os agentes que já foram presos pelo “outro lado”. Frau Jochum se apresentou como uma representante do serviço de inteligência da Alemanha Ocidental. Ullmann, magro, alto, vestido em um terno discreto, óculos com aros finos, muito americano na aparência, se apresentou em bom alemão. Ele disse que era da “missão americana aqui em Berlim Ocidental”... Mas eu sabia que, se ele estava naquele carro com um agente do Bundesnachrichtendienst, era definitivamente da CIA. O que me surpreendeu foi como ele me disse que estava tão feliz por me encontrar, pois estivera acompanhando o meu caso havia várias semanas. Ele também disse que eu era o tipo de pessoa que eles estavam trabalhando para liberar. Eu enfatizei o fato de que não era dissidente, nada ligada aos problemas políticos. Eles disseram que sabiam de tudo e que tinham muito que falar comigo, mas iriam esperar até que eu tivesse uma boa-noite de sono.

Embora ainda estivesse tentando parecer confusa, do modo como havia sido instruída a me comportar, muita coisa sobre tudo aquilo era realmente desconcertante. O brilho dos faróis e holofotes se viraram para mim na ponte. Será que aquela atitude foi para assegurar que os agentes do lado da RDA não pudessem ver os rostos de suas contrapartes ocidentais que esperavam por mim? O fato de que Frau Jochum estava tão bem-vestida. O interior de couro do carro mais luxuoso que eu já tinha entrado (é claro, era uma Mercedes). O murmúrio baixo de seu motor quando partimos. O modo como Frau Jochum e Herr Ullmann falavam baixo, usando um tom de voz reconfortante, destinado a me deixar à vontade. Mas quando lhes perguntei sobre Jurgen, pude ver ambos trocando olhares, parecendo pouco à vontade, tentando se comunicar entre si apenas com os olhos... Foi quando eu soube. Quando eu os apertei para que me contassem o que tinha acontecido com meu marido, eles responderam dizendo que preferiam conversar comigo depois que eu tivesse uma noite de sono. *Ele está morto*, disse a mim mesma. E aqueles desgraçados lá na prisão onde me mantiveram aprisionada não me falaram nada sobre isso. Nada.

Eu pressionei Frau Jochum novamente. Desta vez, ela me disse que Jurgen havia se enforcado em sua cela. Foi estranha a minha reação. Sim, fiquei chocada. Mas, por conta do fato de que ela hesitou na primeira vez antes de me contar, eu já estava preparada para uma notícia tão extrema. Claro, ainda teve o impacto de um soco no estômago, mas não me derrubou como a notícia da morte

de um cônjuge deveria fazer. Talvez porque, embora ele fosse oficialmente meu marido, Jurgen era um homem com quem eu dividia um apartamento e pouco mais que isso. Mas eu senti que Frau Jochum e Herr Ullmann sabiam disso pelo arquivo sobre mim. Assim como eles também sabiam que foi o comportamento insano dele que me atirou na prisão algumas semanas atrás... Ou, pelo menos, eu pensei que fossem semanas atrás. Eles me mantinham tão desorientada que nunca fui capaz realmente de calcular por quanto tempo fiquei na prisão. Sempre que perguntava ao Coronel Stenhammer — o homem da Stasi que me interrogava diariamente — se meu marido estava dizendo coisas loucas sobre mim, ele me dizia para não fazer perguntas, e depois exigia saber se eu tinha algo a esconder.

— Se você nos confessar, o caminho de volta para Johannes será mais fácil.

Mas como eu não tinha nada a confessar...

Isso durou semanas. Durante todo esse tempo, eles mantiveram a luz de minha cela acesa durante vinte e quatro horas por dia, deixando-me sair apenas por meia hora para fazer exercícios em uma quadra de concreto cujos muros eram cobertos com arame farpado, e para as cinco horas de interrogatórios que ocupavam as manhãs. Em outras palavras, eles estavam me moendo rapidamente. Tudo o que eu podia pensar, dia e noite, foi o fato de que eles haviam tomado Johannes de mim, uma vez que agora eu tinha sido classificada como traidora do Estado, e diziam que nunca deixariam que minha influência negativa poluísse “esse filho da República do Povo”.

Você nunca vai vê-lo novamente, a menos que coopere com eles, disse a mim mesma muitas vezes. E o conhecimento de que Jurgen e sua pretensa importância, sua infantilidade, sua falta de responsabilidade quando se tratava de sua esposa e, mais especialmente, de seu filho, foi quem criou essa catástrofe que fez Johannes ser tirado de mim...

Bem, quando Frau Jochum me contou de sua morte, tudo que eu conseguia pensar (depois do choque inicial que acompanhou a notícia) foi: *Pelo menos agora você não tem que viver com a dor e as consequências do seu comportamento aberrante*.

As janelas da Mercedes eram escurecidas, o que significava que todas as luzes de néon da cidade, algo como eu nunca tinha visto antes, apareciam refratadas através de um prisma escuro.

Finalmente, chegamos a um complexo. Portões. Homens de uniforme. Luzes brilhantes. Segurança em todos os lugares. Paramos em frente ao que parecia ser uma casa pequena dentro desse terreno. Uma mulher estava lá fora. Essa era Frau Ludwig. Quarenta anos. Silenciosa. Profissional. Gentil, de uma forma profissionalmente competente.

— Você deve ser Petra — disse ela quando Frau Jochum me entregou, dizendo adeus, depois de informar-me que iríamos continuar a nossa conversa na tarde seguinte.

De repente, eu estava sentindo um cansaço e um medo que quase combinavam com a exaustão e o temor que eu sentia todas aquelas semanas trancada naquela prisão, sendo informada durante todos os dias de que deveria colaborar com a Stasi ou seria largada pendente nesse limbo durante anos, sem nenhuma esperança de que meu filho fosse devolvido para mim.

No fim, eu fiz tudo o que eles me pediram. Incluindo assinar aqueles papéis que me foderam,

permitindo-lhes entregar Johannes a outra família. Mas tudo foi celebrado como “um acordo”. Um acordo que envolveria fazer algum trabalho para eles.

— Um trabalho muito sério, muito importante — me disse o Coronel Stenhammer. — Um trabalho em benefício da nossa República Democrática e que não vejo nenhuma razão para que você não tenha a honra de fazê-lo.

E, em seguida, ele apresentou sua proposta para mim. A proposição que, como ele mesmo disse, “oferece-lhe a possibilidade de esperança”.

Como eu poderia dizer não sabendo que, se eu fizesse isso, toda a esperança seria anulada?

Então eu disse que sim, e tão rapidamente que Stenhammer insistiu para que eu fosse devolvida para a minha cela durante quarenta e oito horas a fim de ponderar se realmente estava à altura da tarefa. Quarenta e oito horas em minha cela sem qualquer contato. Com o conhecimento de que a minha única chance seria fazer exatamente o que ele pediu?

Foi então que fiquei esgotada completamente e desmoronei na frente dele, implorando que não me trancasse de novo, prometendo-lhe a minha cooperação total e absoluta, a minha fidelidade completa. Eu até mesmo usei essa palavra, “fidelidade”, que em alemão é *Lehenstreue*. Stenhammer sorriu quando ouviu isso.

— Uma palavra muito medieval, Frau Dussmann — disse ele. — No entanto, é uma palavra com fortes conotações semânticas. Cavaleiros juravam *Lehenstreue* para o reino. E embora o feudalismo do sistema medieval seja algo tão contrário aos princípios democráticos da nossa República, eu reconheço e aprecio, como sendo aquele que jurou defender a República dos seus inimigos capitalistas, a ressonância metafórica de *Lehenstreue* no que diz respeito à sua resposta à nossa proposição. Assim como eu também posso ver que, depois de ter finalmente aceitado o seu dever para com o Estado que lhe deu tanto, a senhora deseja começar a trabalhar o mais rapidamente possível, sabendo que quanto mais veloz for o progresso das coisas, mais perto estará...

Ele não terminou a frase, porque sabia que seria mais eficaz deixar a “recompensa” em suspenso. Era a isca, e eu não tinha escolha a não ser engolir com anzol e tudo.

Talvez fosse isso o que era tão enervante nessas primeiras horas vivendo no Ocidente. A civilidade de Frau Jochum e Herr Ullmann. Sua decência evidente. A maneira como eles foram tão solícitos com relação a mim. E o tempo todo, me sentindo como um ator provincial ruim forçado a desempenhar o papel de Fausto no Deutsches Theater em Berlim Ocidental e se perguntando sem parar se eles estavam aceitando o meu desempenho.

Frau Ludwig também não poderia ter sido mais hospitaleira e, em sua própria maneira controlada, verdadeiramente compassiva. O apartamento para onde fui conduzida era tão pródigo, tão lindamente decorado, tão impregnado de segurança e proteção, que não pude me sentir menos do que oprimida pela maneira como eles estavam tentando me confortar. Então, depois de me dizer que ia preparar um banho para mim, a mulher falou que tinha um pequeno presente e colocou na minha mão um batom numa embalagem cromada muito elegante. Meus olhos imediatamente se encheram de lágrimas. Porque na hora me lembrei de algo que eu tinha lido uma vez em um livro sobre a Segunda

Guerra Mundial, escrito por um acadêmico inglês, um livro que tinha sido brevemente considerado como passível de publicação pela editora estatal em que eu trabalhava como tradutora. Ele só foi proposto, soube depois, porque o homem tinha impecáveis credenciais socialistas. Mas foi atirado naquela pilha de livros rejeitados, que deviam ser incinerados, pois era isso o que fazíamos com livros estrangeiros que vinham de fora das fraternas nações socialistas que sabíamos que não seriam publicados e que não podíamos deixar cair nas mãos de pessoas erradas. Vi esse livro no topo de uma dessas caixas. Parecia interessante e, a partir de uma perspectiva da RDA, revisionista. Então, decidi correr o risco e enfiei o livro em minha bolsa a tiracolo e escondi-o em um buraco no armário da cozinha, no meu apartamento. Isso aconteceu apenas um mês antes de eu ir morar com Jurgen. Tarde da noite, quando não conseguia dormir, pegava o livro e aprendia que tudo aquilo que nos fora ensinado, sobre os nazistas terem vindo da Alemanha Ocidental, era pura fantasia. Eles vieram de todos os cantos da Das Vaterland. Embora soubéssemos de certas coisas sobre os campos de concentração, os detalhes não foram todos expostos em seu completo horror. Esse historiador fez isso de forma crua, mas com grande controle técnico. Ele não tentou embelezar a monstruosidade perpetrada por lá. Ele simplesmente permitiu que os fatos falassem. Assim como também fez um paralelo com os muito menos documentados horrores dos gulags stalinistas que, naturalmente, só conhecíamos por meio de boatos.

É estranho, mesmo, como no meio de todos os relatos de crianças sendo violentamente separadas dos pais, e das horríveis experiências médicas (mulheres com concreto líquido empurrado para dentro do útero), e as câmaras de gás e a busca por ouro nos dentes dos prisioneiros, um simples detalhe, de repente, ilumina tudo. E esse detalhe foi a menção feita por esse historiador de Oxford, que, quando as tropas britânicas libertaram o campo de concentração de Belsen, eles entregaram batons para todas as prisioneiras sobreviventes. E essas mulheres desmoronaram perante esse gesto, materialmente insignificante, mas psicologicamente enorme, um pouco de luxo que reconhecia a feminilidade de mulheres que estavam, na melhor das hipóteses, emagrecidas e infestadas de piolhos.

Então, quando Frau Judwig entregou-me aquele batom, eu fiquei tão abalada que pedi licença para usar o banheiro. Assim que fechei a porta, comecei a chorar. Chorei porque não podia suportar a separação de Johannes, porque a dor que eu sentia sem ele era ilimitada. Mas eu também chorei pela simples humanidade do gesto de Frau Ludwig e por tudo o que isso implicava.

Mas o choro também estava conectado com o fato de que eu teria agora que trair a todos que encontrasse neste novo mundo. Perceber que, em face de um ato tão simples de bondade...

Eu não posso viver comigo mesma.

Eu tenho que viver comigo mesma. É a única maneira de voltar.

Eu posso mentir para os outros. Mas não posso mentir para mim mesma. Jurgen mentiu a si mesmo constantemente. Disse a si mesmo que era o grande dramaturgo. O grande pensador radical. O grande

subversivo. O que ele era, o que viu nesses momentos tristes quando eu podia vê-lo lançar olhares furtivos a seu reflexo no espelho, era um homem que tinha desperdiçado o seu sucesso inicial. Em vez de tomar medidas para recuperar a faísca brilhante que iluminou sua obra extraordinária, ele cedeu a todas essas vozes que diziam que era um gênio e que, simultaneamente, sussurravam-lhe que ele nunca iria cumprir a promessa que brevemente fizera.

Mas quem sou eu, uma mulher sem talento criativo que seja, uma medíocre tradutora que não tivera sequer recebido o privilégio de aplicar a sua arte a um romance, para menosprezar um grande homem que tinha escrito uma peça importante e que, até o momento em que ele se viu em apuros com as autoridades, fora montada em todos os lugares de nosso pequeno e estranho país?

Então, sim, eu me vejo com uma clareza até um pouco rígida. Assim como eu sei que isso é apenas uma meia verdade; que uma grande parte da condição humana implica ter de modular a verdade a fim de tornar a vida possível com você mesmo.

Tento por isso justificar minhas ações o tempo todo. Assim como meu outro lado mais brutal me agarra pela nuca, me empurra na frente de um espelho, e diz: *Pare o autoengano, o fingimento, a fraude. Olhe para si mesma e não seja magnânima.*

Essa voz é a da minha mãe. Ela sempre tinha as palavras mais difíceis guardadas para mim. O elogio, ela me disse uma vez, é uma tendência superestimada. Ele cria narcisismo e egoísmo. Enquanto a autocritica e a busca pelas falhas mantêm você ligada à terra, com boa-fé e bons princípios.

Eu poderia ter acrescentado uma última palavra aqui: sem alegria.

Estou triste? Volto a pensar em todas as alegrias que tive ao lado de Johannes, como ele fez cada dia valer a pena, e sua presença na minha vida contrabalanceou tudo o mais. É o que eu disse uma vez ao Coronel Stenhammer: “Johannes é a minha razão para viver”.

E ele respondeu secamente:

— Então estou certo de que você irá fazer tudo ao seu alcance para convencer o Estado de que merece o retorno de seu filho aos seus cuidados e à sua custódia.

Claro, respondi que faria tudo o que fosse exigido de mim.

Eu posso mentir para os outros. Mas não posso mentir para mim mesma.

E, assim, devo admitir uma verdade cronológica aqui. Estou escrevendo isto cerca de um mês depois de ter sido entregue a Frau Jochum e Herr Ullmann. Antes da noite de hoje, eu nunca tinha tentado colocar a caneta sobre o papel e reunir meus pensamentos sobre tudo o que tinha acontecido comigo, sobre tudo o que eu tinha a esconder. Um ou dois dias depois que fui trazida para o Ocidente, Frau Ludwig tinha me perguntado se eu queria “materiais de escrita”. Talvez ela tenha entendido, tendo em vista tudo aquilo que eu havia passado, que eu possivelmente quisesse escrever as coisas e definir assim a minha versão dos eventos e, ao mesmo tempo, tentar resolver os meus sentimentos sobre tudo isso... Quem sabe desabafar a minha raiva, a minha agonia por ter perdido meu filho, e a raiva que sentia de Stenhammer por nunca ter me contado, antes de minha partida, sobre o suicídio de Jurgen... Se é que realmente aquilo foi suicídio... Mas ele sabia que, se eu fosse

informada antes da partida, isso teria sido desestabilizador e, talvez, eu não pudesse ter aceitado a barganha faustiana que ele propôs. Ele também sabia que, uma vez entregue, eu perguntaria a seus homólogos ocidentais, ou eles mesmos me contariam, sobre o destino de meu marido. Isso sem dúvida iria me deixar arrasada, mesmo que os meus sentimentos com relação a Jurgen fossem, na melhor das hipóteses, um tanto confusos. Stenhammer estava contando com essa desolação para que eu me sentisse ainda mais isolada, com ainda mais medo de que, se eu não cooperasse...

Então... A verdade. Ou, ao menos, a minha versão dela.

Estou escrevendo isto em um pequeno apartamento que arrumaram para mim em Kreuzberg. Até agora eu rabiscava coisas banais em outro caderno que deixei fechado na minha mesa aqui no meu quarto. Eu havia colocado três fios de cabelo nas páginas desse caderno fechado, e a cada dia que voltava para cá depois de ter saído por algumas horas, estava sempre preparada para descobrir que o pessoal de Frau Jochum e de Herr Ullmann tinha bisbilhotado meu quarto e lido o que eu havia escrito.

Mas o caderno ficou fechado e intocado, uma vez que os fios de cabelo continuavam no mesmo lugar onde eu havia colocado.

Então, uma vez que me senti convencida de que meu quarto não estava sendo vasculhado regularmente, fiz uma inspeção no porão do meu prédio e descobri um duto de ventilação abandonado em um canto particularmente escuro dessa caverna. Pesquisando o tal duto, encontrei uma espécie de prateleira pequena pouco acima de seu ponto de entrada, que poderia abrigar confortavelmente alguns diários.

Naquele mesmo dia eu saí e comprei um segundo caderno de anotações semelhante ao que eu tinha deixado na minha mesa como um chamariz. Naquela noite, comecei a escrever o diário que estou redigindo exatamente agora, tentando passar para o papel tudo aquilo que aconteceu comigo desde que fui trazida para o Ocidente. Todos os dias, desde aquela primeira noite, vou buscar o diário em seu esconderijo e volto a transcrever para o papel tudo o que jamais poderei contar a ninguém.

Estou sempre atenta para que este diário nunca saia deste prédio; da mesma forma, assim que termino de anotar meus pensamentos, vou sempre levá-lo diretamente para seu esconderijo no porão, e faço isso depois da meia-noite, quando não há ninguém ao redor. E continuo a escrever naquele meu prosaico chamariz, anotando minhas ideias sobre o meu trabalho, minhas impressões sobre Berlim Ocidental, sobre a minha solidão e (sim) sobre quanto eu sinto falta do meu filho. Uma vez que eu comece a trabalhar, pretendo levar esse caderno comigo e também continuar a deixá-lo em minha escrivaninha em casa, apenas para o caso de algum dos agentes da USIA que supostamente ficam de olho em todos que trabalham na Rádio Liberty decidir que vale a pena me investigar. Então eles poderão ler meus edificantes comentários sobre meus colegas de trabalho, observações sobre as minhas traduções e (a única parte realmente sincera desse diário), a saudade do filho que foi retirado de mim.

Mas, até agora, nunca fui solicitada a mostrar a nenhum dos seguranças da Rádio Liberty o conteúdo de minha bolsa a tiracolo, na qual este chamariz está sempre guardado. E os fios de cabelo

que continuo a esconder em suas páginas permanecem no mesmo lugar quando o deixo sobre a mesa em meu quarto. O que me faz acreditar que ninguém parece estar vasculhando minha casa quando não estou.

E com relação ao meu diário “real”, aquele em que esta frase está sendo escrita agora, o caderno de anotações que continua escondido no porão...

Apesar de ser mantido cuidadosamente escondido, e nunca deixar que ele fique em meu quarto por mais tempo do que o período em que estou escrevendo nele, eu sei que estou correndo um risco imenso ao registrar a mentira que sou forçada a viver. Mas escrevê-la significa que não existe apenas em minha mente, que há um lugar em que eu posso revelar o que está acontecendo comigo, o engano e a fraude que agora sublinham tudo o que estou vivendo aqui. Se eu não tivesse o refúgio deste diário, acho que desabaria. Eu não procuro absolvição, mas preciso confessar.

Só venho escrever neste diário com intervalo de alguns dias, e sempre faço isso tarde da noite, indo buscá-lo no porão depois de verificar que não há ninguém no corredor, escondendo-o debaixo da camisa ou da blusa enquanto volto para meu apartamento e então o devolvendo para sua prateleira no duto de ventilação assim que termino de registrar meus pensamentos daquele dia. Nunca chego perto deste caderno de apontamentos durante o dia, por mais que deseje anotar alguma coisa.

Kreuzberg. É um lugar tão triste. Mas eu insisti em viver aqui, porque, durante uma de nossas muitas “conversas” diárias, Frau Jochum revelou, depois que exigi saber mais informações, que Johannes tinha sido colocado para viver com uma família da Stasi que morava em Friedrichshain. Foi quando eu também exigi um mapa de Berlim Ocidental e percebi que o distrito mais próximo de Friedrichshain era Kreuzberg, com o Muro cortando as duas áreas como se um cirurgião tivesse sofrido de tremores durante uma operação, deixando uma cicatriz que se parecia com uma alucinada lua crescente.

— Eu quero viver aqui — disse, apontando para Kreuzberg.

— Do ponto de vista psicológico, você acha que é uma boa ideia? — perguntou Frau Jochum.
— Afinal de contas, você vai estar nas proximidades de onde Johannes mora.

— Essa é a ideia. Eu quero estar perto de meu filho.

— Pessoalmente, eu não acho que isso seja muito inteligente...

— Pessoalmente, acho que é essencial para mim — retruquei.

Eu podia ver Frau Jochum ponderando tudo isso, antes de dizer:

— Tudo bem, no momento certo, quando você estiver pronta para sair ao mundo... Sim, vamos ajudá-la a encontrar um apartamento em Kreuzberg.

O “apartamento” era este quarto. Frau Ludwig trouxe-me para procurarmos um apartamento na semana seguinte. Ela disse que só queria me ajudar a me deslocar pela cidade, mas minha sensação foi de que eles estavam me acompanhando por algum tempo apenas para ter certeza de que eu me sentia estável, capaz de ficar por conta própria. Não pude evitar de me perguntar se eles estavam pensando em me manter sob vigilância durante as primeiras semanas que eu fosse uma “entidade independente”.

Essa foi a razão pela qual não pude aceitar a oferta de Frau Ludwig de um caderno em que pudesse registrar os meus pensamentos naquelas semanas em que eles estavam me entrevistando. Fiquei preocupada com a possibilidade de que pudessem ler minhas anotações durante os momentos em que não estivesse em casa. Afinal, essas pessoas eram do serviço de inteligência e, como fui alertada diversas vezes antes de ser entregue a elas, era gente que se comportaria de forma calorosa e acolhedora, enquanto em particular estaria se perguntando se eu era “legítima”.

— O fato de sua história ser tão horrível — disse Stenhammer —, o fato de você poder falar a eles sobre sua prisão injusta, e do jeito que arrancamos seu filho de você...

— Mas vocês me prenderam injustamente — retruquei. — E levaram meu filho para longe de mim!

— Então por que você assinou um acordo ontem, oferecendo o seu filho para adoção voluntária?

Eu queria gritar e gritar e dizer: “Porque você me obrigou a fazer isso, dizendo-me que, se eu não concordasse em deixar que Johannes fosse adotado, iria iniciar um processo criminal contra mim alegando minha incapacidade de ser mãe e faria que o juiz garantisse que meu contato com ele fosse impedido permanentemente”.

— Pelo menos dessa maneira — argumentou ele —, depois de ter provado novamente seu valor para a República, assim que se redimir perante a pátria, o retorno de Johannes à sua custódia será um negócio relativamente simples. Tudo correndo bem, ele estará de volta com você no prazo de dezoito meses. Mas, lembre-se, o processo inteiro será baseado em sua eficácia para nós depois que for trocada. Compreenda que você vai ter que mentir para as pessoas que irão lhe demonstrar bondade e gentileza, que irão tratá-la como uma heroína que foi inocentemente torturada por um “regime totalitário”, que é como eles consideram a nossa sociedade altamente igualitária, em que nenhuma criança passa fome, em que há cuidados de saúde para todos, em que um padrão excelente de educação existe, em que os artistas são valorizados e subsidiados, em que o mérito, não o dinheiro, provoca os avanços e...

Enquanto ele jorrava essas banalidades propagandísticas, a única coisa em que eu conseguia pensar era: *Tudo o que você descreve, a inexistência da pobreza, os hospitais para todos, a excelente educação, pode ser encontrado em todos os países escandinavos. Mas, ao contrário de nossa pequena República, os cidadãos deles têm o direito de viajar livremente e os governos não prendem as pessoas que se atrevem a expressar uma opinião contra o Estado. Além disso, não tiram o filho de uma cidadã cujo único crime foi que seu marido ficou louco em público.*

Mas eu não disse nada, exceto:

— Vou fazer o que você pedir. E vou confiar em você quando diz que, se eu cumprir o meu papel, vai devolver o meu filho para mim.

Boa parte de mim sabia que esse resultado era altamente improvável; e que agora que Johannes tinha sido adotado por um casal que eu achava ser da Stasi e sem filhos, esses novos “pais” seriam muito relutantes em se separar dele. Também sabia que não se podia confiar em Stenhammer,

um supermanipulador que sabia ter todas as cartas na mão. Essa era a parte mais difícil da equação, reconhecer que tudo era apenas um jogo de poder para ele, um jogo que também era baseado na esperança. A resolução seria favorável caso eu cooperasse. O que mais eu tinha, a não ser essa esperança?

Não vou escrever muito sobre as três semanas de “entrevistas” diárias que tive com Frau Jochum e Herr Ullmann, exceto para dizer que a forma de interrogatório deles era muito educada e civilizada. Mais uma vez houve uma barganha faustiana aqui... Uma chegada bastante confortável ao Ocidente, onde fui colocada em um apartamento cheio de luxos, recebi *jeans* Levi's verdadeiros e roupas bonitas e maquiagem, ganhei um lugar para morar e um possível emprego (a entrevista será em de dois dias), e dinheiro suficiente para viver até que comece a receber um salário. O que eles queriam em troca era informação. Eles questionaram-me sobre tudo, desde as técnicas de interrogatório de Stenhammer até quantos Marlboro fumava por dia. Seu interesse em detalhes foi extraordinário. Eles queriam saber a cor das paredes da prisão em que fui encarcerada, o tipo de linóleo usado nos pisos, a altura em metros da gaiola em que era autorizada a me exercitar, o tipo de equipamento de gravação que eles usaram nos interrogatórios, e até: “Havia uma determinada marca de café que Stenhammer preferia tomar?”.

Informação, diziam, é conhecimento. Mas após três semanas de atenção aos detalhes excruciantes, eu queria mesmo era gritar: “Informação é tédio!”. Mas não podia fazer isso. Precisava daquelas pessoas ao meu lado. Embora aborrecidas e pedantes, eram ao mesmo tempo tão decentes, tão gentis, tão cuidadosas e nunca intrometidas.

Mas eles também me viam como um canal de informação. Eu era a sua entrada para um mundo fechado, alguém que tinha caído em seu vórtice e agora poderia lhes dar um relato em primeira mão de tudo o que eu tinha visto e experimentado.

Como eu tinha vontade de desmoronar na frente de Frau Jochum e confessar tudo. Como eu queria abrir meu peito e me atirar pedindo sua misericórdia. Mas eu temia que eles me rotulassem imediatamente como sendo uma espécie de “mercadoria danificada” e me jogassem de volta, altura então que meu destino seria a prisão (Stenhammer ameaçou-me com isso, se eu viesse a ser devolvida pelo “inimigo”). E o fim de qualquer esperança de Johannes ser devolvido para mim. E ele me prometeu...

Há momentos em que eu me sinto como se estivesse morrendo. Literalmente saindo de meu quarto e indo para a estação do metrô a fim de me jogar na frente do primeiro trem que se aproximar. Eu racionalizo essa ideia, dizendo simplesmente a mim que isso será o fim de toda dor, que é a única maneira de silenciar a agonia. Porque é isso que eu sinto, hora após hora. A agonia de ser forçada a viver essa vida dupla. A agonia de saber que estou agora completamente sozinha no mundo. Acima de tudo, a agonia dolorosa de perder meu filho e tê-lo pendurado na minha frente como o prêmio que receberei se eu der o que eles querem.

Mas o que me impede de fazer essa viagem até a plataforma do U-Bahn é Johannes. Digo a mim mesma que, enquanto houver a menor possibilidade de ele ser devolvido a mim, devo de alguma forma me manter à tona.

Eu não posso desistir da esperança. Porque esperança é tudo que tenho. Porque *ele* é tudo que tenho. Não há mais nada na minha vida a não ser meu filho. *Nada*.

Este quarto. Eu não queria ter me mudado para cá. Preferia ter ficado naquele mundo confortável do complexo da inteligência, em que alguém fazia a minha cama todos os dias e trocava as toalhas e lavava as roupas e fazia uma comida maravilhosa (os legumes eram incríveis, eu nunca tinha tido acesso a esses alimentos frescos), e esse mesmo alguém mantinha uma cesta de frutas cheia para mim todos os dias. Maçãs, pêssegos, bananas, morangos, tudo isso era exótico do outro lado do Muro, mas aqui tão evidentemente abundante. Eu ficava imaginando se, estando em um complexo especial, eu também tinha o direito de ter acesso privilegiado a iguarias especiais; da mesma forma que os membros do mais alto escalão do Partido lá em meu país sempre tinham, de acordo com os boatos, e eram autorizados a obter esses itens mais difíceis — como frutas frescas e cigarros Marlboro — em lojas especiais. Que sistema extraordinário, esse da “ditadura do proletariado”, como Lênin colocou. Um sistema em que uma elite, a das pessoas que administravam a ditadura em nome do igualitarismo social, insistia em que todos os cidadãos aceitassem a privação material e profundas restrições na liberdade pessoal, enquanto eles próprios — os membros dessa elite — agiam como uma classe dominante feudal e concediam a si mesmos privilégios negados a todos aqueles que eram mantidos escravizados e presos. Não é de admirar que o pobre Jurgen enlouquecesse. Ele realmente achava que seu brilho criativo seria um baluarte contra a implacabilidade do sistema. Mas essa tal elite odiava os artistas, até mesmo aqueles que prestavam serviços de modo servil à República. Porque eles sabiam que uma camada de subversão sempre nublava seus corações. De qualquer forma, quem confia em um escritor? Ele não apenas vive “à custa da vida das pessoas próximas a ele” (citação do próprio Jurgen) como ainda articula as coisas que todos nós pensamos, mas não queremos tornar públicas.

Esta linha de pensamento começou com um comentário sobre as frutas, e como eu estava certa de que os doces, maduros e vermelhos morangos deliciosos que eu comia todas as manhãs só estavam sendo fornecidos a mim porque eu tinha um *status* importante de “convidada” com informações para dar. Mas, então, uma tarde, Frau Ludwig sugeriu que fizéssemos uma caminhada na área perto do complexo. Descobri que estávamos um pouco fora da cidade, perto da prisão de Spandau. Mas o local era residencial e verde, com belas casas e blocos de apartamentos bem conservados. Frau Ludwig disse que a área era em grande parte ocupada pela classe trabalhadora, mas as lojas ainda assim estavam estocadas com a gama mais extraordinária de coisas para comprar. Ao reler a frase, eu sei o quanto pareço ingênua, uma “comunista provinciana”. Mas a verdade é que meus olhos se arregalaram com a visão de pedaços enormes de brócolis, os tomates do tamanho de um punho fechado, os vinte tipos de chocolate à venda apenas ali, ao lado da caixa registradora. Toda essa oportunidade de escolha, toda a abundância, todas essas coisas acessíveis mesmo em uma loja pequena como essa em um canto da cidade. Eu queria me sentir feliz por ter todas essas opções à minha espera. Mas a única coisa em que conseguia pensar era: *Eu posso ter atravessado, mas de*

maneira nenhuma estou livre. Porque estou presa a eles se eu quiser ver Johannes novamente.

Mas, Deus, o apartamento naquele complexo, era tão... luxuoso, tão confortável. E assim tão longe do mundo, era disso que eu mais gostava nele. Estava me sentindo segura aqui. Uma vez que me visse além dessas paredes, estaria de volta a um mundo que sabia que iria fechar-se sobre mim em breve. Porque, um dia, viria a chamada de meu “contato” em Berlim Ocidental. E então...

Então, realmente falei sobre meu medo com relação ao mundo lá fora. Mas não estava fingindo. Era um terror absoluto do que estava reservado para mim. Frau Ludwig e Frau Jochum juntas fizeram o possível para tranquilizar-me, afirmando que o que eu estava sentindo era profundamente normal, dado o número de presos políticos que haviam acolhido aqui e conduzido em direção à integração na sociedade ocidental. Frau Jochum disse:

— Já vi muitas vezes pessoas como você que foram liberadas de um encarceramento psicologicamente prejudicial e, logo a seguir, simplesmente não conseguiam lidar com o sentido de escolha, a liberdade absoluta, que a vida aqui oferece. Você é obrigada a aprender que pode manter uma conversa com alguém e fazer um comentário sarcástico sobre o chanceler Kohl, e ainda assim não perderá sua carreira profissional por causa disso.

A menos que trabalhe para o partido do chanceler Kohl.

— Basta apenas ter um pouco de paciência consigo mesma — disse Frau Ludwig. — É uma íngreme curva de aprendizado, eu sei. Mas com o tempo...

Pude ficar no complexo por mais de um mês. Por mais aborrecidas que eu achasse as sessões de interrogatório, cooperei plenamente. Porque sabia que, enquanto provasse ser útil para eles, me deixariam ficar. Por volta do fim da terceira semana, Herr Ullmann me informou que, como eu tinha sido uma tradutora no leste, ele havia encontrado uma vaga para mim na Rádio Liberty.

— Isso vai permitir que se mantenha em contato com a sua terra natal, fazendo algo de positivo para os seus compatriotas. E também irá permitir que você conheça todo um grupo de colegas refugiados em Berlim Ocidental.

Será que eles achavam que isso seria uma coisa que me agradasse? Ser jogada no meio de outras almas perdidas do Bloco do Leste, abrigando toda a tristeza e todo o ressentimento do mundo e com todas as cicatrizes psíquicas que vêm desse fato. O que acontece é... E expliquei isso para a droga do Stenhammer tantas vezes... Eu nunca quis ser uma maldita de uma dissidente. Nunca tive muitas queixas contra o Estado. Nunca ansiei por uma vida no Ocidente. Jamais participei de qualquer atividade política que comprometesse a minha lealdade à República Democrática Alemã. Sim, desejava um apartamento confortável. Sim, eu gostaria de ter a oportunidade de ir a Paris nas minhas férias. Mas aceitei as limitações, e amava a comunidade que criamos para nós mesmos em Prenzlauer Berg. Quando Johannes chegou, não importou que seu pai praticamente o ignorasse. Não importava que ele estivesse saindo dos trilhos. Tudo o que importava era esta nova vida, esta criança que, se eu fosse religiosa de alguma maneira, teria chamado de um presente de Deus. Porque a sua presença mudou minha vida completamente. Eu nunca tinha sentido um amor incondicional como esse antes por ninguém. Qualquer que fosse a monotonia de nossa existência material. Qualquer que fosse

o tédio causado pelo meu trabalho. Independentemente da crescente ausência de Jurgen de nossa vida — a ponto de deixarmos de compartilhar a mesma cama e eu não me importar se ele ficasse com prostitutas por dias a fio —, eu tivera meu filho lá. Ele era o centro da minha existência, meu futuro, o nosso futuro. Ele fez tudo o que era sombrio e triste na minha vida parecer menos significativo. Ele me deu uma razão de ser, um *Existenzberechtigung*. Uma razão para viver.

E sem ela eu não tenho nada. Não sou nada.

Eu me mudei para cá na semana passada. Cinco dias atrás, para ser exata. Frau Ludwig foi procurar um apartamento comigo. Ou melhor, ela me disse que tinha encontrado um bom *Einzimmerwohnung* — uma quitinete, ou o que é chamado em francês de um *chambre de bonne* — na área que eu tinha solicitado. Frau Ludwig tinha ido ainda mais adiante e feito um depósito para reservá-lo, além de combinar com o senhorio que ele repintasse e arrumasse o piso do box do chuveiro. Quando o visitei, fiquei impressionada com o fato de que cheirava a novo. Paredes brancas. Assoalho pintado de marrom. Uma cama simples de solteiro com uma cabeceira de madeira. Uma mesa em madeira escura combinando com uma cadeira também de madeira. Uma pequena mesa na cozinha com duas cadeiras. Uma cozinha americana com uma geladeira nova, um fogão, uma chapa para aquecer pratos e panelas. Um chuveiro minúsculo em um canto distante do quarto-sala de quinze metros. Uma janela, com uma cortina simples, mas nova e branca, que dava para um beco sujo sim, mas pelo menos ficava longe da avenida principal, cujo tráfego pesado retumbava dia e noite. Após a suntuosidade do apartamento no complexo, este era um retorno à realidade. Ainda assim, esta era ainda mais confortável e bem equipada e arejada (apesar de seu tamanho pequeno) do que em qualquer lugar que eu já tinha vivido antes.

E tem mais, dois dias depois de eu ter me mudado para cá, Frau Ludwig me levou às compras. Eles já me haviam fornecido vários pares de calças Levi's, camisetas e roupas de baixo, além de um casaco azul-escuro estilo militar. Agora, ela me levou a essa extraordinária loja de departamentos no Ku'damm chamada KaDeWe, da qual nós tínhamos, é claro, ouvido falar na RDA, mas que superou as minhas expectativas. Eu nunca tinha visto um lugar tão opulento, tão abarrotado de mercadorias. E as opções eram algo surpreendente. Fomos comprar apenas simples lençóis brancos. Mas Frau Ludwig afirmou que provavelmente eu não ia querer ficar passando essa roupa de cama a ferro o tempo todo, então ela sugeriu que eu comprasse dois jogos de um estilo que se chamava “fácil cuidado”. Ela também me falou de um edredom que era bom para “todas as estações”. E insistiu ainda em comprar para mim um pequeno conjunto de panelas e frigideiras que, segundo ela, eu nunca teria que esfregar para limpar porque todas tinham algo chamado “superfície antiaderente”.

Compramos também um conjunto de louça branca, uma caixa de talheres, tábua de cortar de madeira e algumas poucas facas de cozinha, a cafeteira e (apenas porque era algo que eu sempre quis ter) uma torradeira. Ela até me levou ao departamento de som para me comprar um rádio e um pequeno toca-discos com dois alto-falantes. Eu me senti como uma criança sendo estragada por uma

rica tia, e tanto estava adorando quanto sentindo uma profunda culpa, porque sabia que logo seria chamada a trair essa generosidade... Coisa que já tinha feito até então. Porque não tive a coragem de jogar limpo com eles...

Chega. Você sabe muito bem por que tem que seguir os comandos deles. Você sabe que é a única forma possível de voltar para Johannes. Chega desse exame de consciência. Quanto mais cedo você der o que eles querem, mais cedo esse pesadelo vai acabar.

Saí do quarto hoje pela primeira vez em três dias. Depois de me mudar para cá na segunda-feira, fui à loja local, que é um pequeno supermercado, e comprei alimento suficiente para vários dias. Eles abriram uma conta bancária para mim na agência vizinha do Sparkasse, com dois mil marcos. É muito dinheiro. O suficiente para me sustentar até que eu receba meu salário do primeiro mês no emprego que eu não quero começar. Herr Ullmann me disse que o diretor da Rádio Liberty, Herr Wellmann, estaria esperando um telefonema meu ainda nesta semana. Mas eu decidi que “esta semana” também poderia significar sexta-feira. Logo que cheguei aqui na segunda, e encontrei tudo o que Frau Ludwig tinha comprado para mim na KaDeWe já entregue e empilhado sobre a cama e a mesa da cozinha, decidi me aventurar e sair para fazer as compras. Comprei a comida e levei para casa. E, então, passei o restante do primeiro dia organizando o apartamento. Depois que tudo estava arrumado, fiz uma última viagem para a rua, pois tinha visto uma loja de livros e discos usados em uma rua perto da minha. Comprei um disco de Wolf Biermann, *Chauseestrasse 131*. Jurgen tinha uma cópia desse álbum. Foi uma compra muito valiosa, pois o disco tinha sido banido e, Biermann despojado de sua cidadania, durante uma turnê ao Ocidente em 1976. A grande ironia dessa ação por parte do Estado era que Biermann tinha nascido no Ocidente, e emigrado para a RDA porque era um socialista idealista. E então, quando ele tornou-se muito crítico quanto à sua terra de adoção, eles simplesmente o lançaram fora. Como o filho rejeitado pelo pai, cujo amor ele sempre desejou.

Também comprei *Sgt. Pepper*, deixando escapar um gritinho animado quando o vi em uma das caixas, já que era um álbum também tão difícil de encontrar em casa. Judit tinha uma cópia, e ouvimos juntas em várias ocasiões, bebendo vodca, fumando e tentando imaginar como devia ser Londres, e pensando em voz alta se algum dia nós veríamos o mundo além das fronteiras seladas dentro da qual vivíamos.

De volta ao meu quarto, toquei Beatles e Biermann inúmeras vezes. E me vi chorando outras diversas. As letras sarcásticas de Biermann me levaram de volta a Prenzlauer Berg e aos vinte amigos amontoados em um pequeno apartamento. Algumas velas queimando. Vinho romeno ruim e vodca barata. Biermann na vitrola. Todo mundo falando, falando. Uma verdadeira sensação de animação, de envolvimento. Ainda me sentindo um peixe fora d’água no meio de tantos escritores e artistas. Eu indo diversas vezes ao quarto para ter certeza de que Johannes não estava chorando por causa de toda aquela música e conversas e risadas. Judit se juntando a mim uma vez, olhando para meu filho adormecido e começando a soluçar, porque sabia que agora era tarde demais para ter

filhos, e dizendo que eu era a única amiga verdadeira com quem poderia contar no mundo inteiro.

Judit.

Quando Frau Jochum me revelou que fora Judit quem estivera informando sobre mim para a Stasi durante meses, quem sabe anos... Não, eu não senti ódio. Apenas um choque desesperado, e depois o tipo mais incapacitante de tristeza. Em quem você pode confiar? Quem *não* estava no bolso deles? Quem não trairia seu melhor amigo para manter algum tipo de *détente* com esses bastardos?

Mas ela me disse repetidamente que valorizava a nossa amizade mais do que qualquer outra coisa. “Somos irmãs e sempre vamos cuidar uma da outra”. E eu acreditei nela e contei-lhe tudo. Só que agora havia sido revelado que ela estava se encontrando com seu homem da Stasi e detalhando a ele tudo o que eu lhe contava. Tudo isso foi registrado e usado contra mim, embora eu não consiga me lembrar de algum comentário realmente subversivo que tenha feito na frente dela. Mas Stenhammer foi capaz de citar a mim coisas que eu supostamente teria dito, embora fossem apenas sarcasmos comentados de passagem sobre a vida em nossa pequena República, e muito berlinense em sua ironia. O tipo de coisa que todos falamos durante o tempo todo durante essas longas noites regadas a álcool no apartamento de alguém fora de Kollwitzplatz. Quando os ouvi citando esses meus comentários durante as sessões diárias de interrogatório, percebi de imediato que alguém em nosso grupo tinha feito o papel dos olhos e dos ouvidos da Stasi em nosso pequeno círculo boêmio. Mas Stenhammer era inteligente. Ele nunca me citou alguma coisa que eu tenha dito que fosse específica demais, íntima demais, de forma que eu pudesse perceber que Judit fora sua informante. Por isso, quando Frau Jochum me contou, não consegui acreditar. E ainda não consigo. Mesmo quando agora, finalmente, comecei a escrever sobre isso, o fato de fazê-lo não diminuiu o golpe. Não me fez sentir menos sozinha. O que de fato sou. Por esse motivo, não consegui ir para a rua. Ver as pessoas andando pelas ruas apenas enfatiza a minha sensação de sequestro total. Eu não tenho família. Não tenho amigos. Estou vivendo uma mentira na esperança de desfazer uma injustiça monstruosa. E este quarto é limpo e bem aquecido e mais agradável do que qualquer lugar em que já vivi, embora pequeno. Durante boa parte do tempo, vejo um berço ao lado de minha cama e meu filho dormindo nele. Eu me preocupo com as pessoas a quem ele foi entregue, que elas não lhe deem o amor de que necessita, que elas sejam formais e distantes com ele. Ele gosta de ser abraçado. E eu nunca iria parar de ficar com ele em meus braços, de tocá-lo.

E agora...

E agora... Continuo com a esperança de que escrever sobre isso me permitirá compreender tudo. Me fará aceitar tudo. Mas isso só aumenta o pesadelo. Todas as manhãs eu acordo de um sono inquieto e existem cerca de dez, quinze segundos durante os quais não estou ciente das coisas, de tudo o que constitui a minha vida. O mundo não parece mal de todo. Mas, então, a compreensão diária me atinge em cheio — *eles levaram meu filho* — e eu entendo que esta é uma tristeza sem fronteiras. Uma tristeza que jamais será extirpada.

Finalmente reuni minha coragem e hoje saí para a rua. Estava nevando. Neve, a grande purificadora temporária. O mundo fica em silêncio quando é batizado de branco. Mesmo Kreuzberg, o horrível Kreuzberg, assume uma aura de maravilhamento sob a neve. Mesmo os turcos de olhos tristes que eu vejo em todos os lugares, seu sentido de não pertencimento e a saudade tão profundamente gravados em seus rostos, parecem menos desamparados em face dessa cascata de *Schnee*.

Fui até a cabine telefônica que existe na esquina da rua onde moro e disquei o número da Rádio Liberty que Herr Ullmann tinha me dado. Quando a telefonista respondeu, pedi para falar com o escritório de Herr Wellmann. Uma mulher muito intrometida entrou na linha. Apresentou-se como Frau Orff e disse que era a secretária de Herr Wellmann. Quando eu lhe disse meu nome, respondeu:

— Nós estávamos esperando notícias suas mais cedo.

— Disseram-me para ligar para ele nesta semana.

— E então você deixou para fazer isso às três da tarde de uma sexta-feira? Não é muito profissional, se assim posso dizer.

— Ainda estou tentando me organizar por aqui — uma resposta que soava mais uma desculpa esfarrapada.

— Segunda-feira, onze da manhã — disse ela. — A menos que sua agenda esteja tão ocupada que não consiga tempo para se encontrar com seu potencial empregador.

— Onze horas da manhã na segunda-feira está ótimo.

— Em ponto, Frau Dussmann. Na verdade, chegue mais cedo.

Comprei comida novamente após o telefonema e fui para casa. O pensamento me ocorreu: *Eu ainda não tenho notícias dele. O homem que eles disseram que iria entrar em contato comigo. O homem deles.* Tive um devaneio momentâneo. *Ele nunca vai entrar em contato comigo. Talvez ele tenha sido pego pela polícia, ou eles decidiram não me usar... E eu estou livre.*

Mas se eles não me “usarem”, nunca verei meu filho novamente.

Eu sou tão covarde. Mais dois dias trancada aqui dentro. E uma noite sem dormir no domingo por causa do medo da entrevista. A insônia foi assassina.

Eu devo ter fumado vinte cigarros antes que o sol acordasse. E qual a razão para que eu não tenha me rendido ao sono? Estava preocupada em não conseguir o emprego e desagradar meus mestres que, então...

... Simplesmente me diriam que eu não tinha cumprido a minha parte do acordo. Então, eles agora não iam mais cumprir a parte deles.

Mas se eu conseguisse esse emprego, tinha certeza de que o homem que trabalhava para eles

viria me procurar. Eles ficariam muito satisfeitos, sem dúvida, que eu estivesse trabalhando no que era essencialmente o departamento de propaganda do inimigo.

Depois de tomar banho, passei um longo tempo me olhando no espelho e não gostei do que vi. Grandes e profundos anéis escuros sob meus olhos. A pele pálida. Linhas de expressão já se formando em minha testa. Envelheci uns dez anos nesses últimos meses terríveis. Parecia desgastada, cansada da vida. Nenhum homem nunca vai chegar perto de mim novamente. Porque eu exalo tristeza demais. Uma mulher que carrega de forma perturbadora uma bagagem pesada demais.

Apliquei grandes quantidades de maquiagem em meu rosto em uma tentativa de mascarar a falta de sono, o dano que isso me causara. Bebi cinco xícaras de café e fumei um número proporcional de cigarros. Então calcei minhas botas e vesti minha nova jaqueta de couro, consciente da maciez e da qualidade do couro, e tomei o U-Bahn até Wedding.

Rádio Liberty. Um edifício industrial insosso com muita segurança. Tive que entregar ao guarda uniformizado do portão meus documentos recém-preparados e então ficar esperando até que a autorização para entrar no prédio me fosse concedida. Assim que fui levada para dentro, Frau Orff, severa e desdenhosa, estava lá para me conhecer na recepção.

— Quer dizer então que se dignou a vir nos ver — disse ela.

— Estava tendo algumas dificuldades — respondi.

— Vocês sempre têm.

Eu não disse nada, mas senti certa raiva interna. *Vocês*. Sim, eu sou uma *Ossi*. Sim, somos uma raça frustrada. Sim, nosso país é uma tragédia repressiva. Então, por favor, me despreze com todo seu coração, se isso a faz se sentir melhor sobre sua vidinha. Porque todas as nossas vidas são, no grande esquema cósmico das coisas, tão pequenas, tão efêmeras. Quem vai saber alguma coisa sobre isso que está acontecendo agora daqui a cem anos? O fato de que meu filho foi tirado de mim; o fato de que uma secretária em uma estação de rádio que transmite programação Ocidental para a Europa Oriental foi rude com uma tradutora insignificante; o fato de que eu estou gritando por dentro o tempo todo com dor; o fato de que nossos dramas pessoais não significam nada para além deste momento, quando estamos interpretando e vivendo nossos pouco importantes destinos...

Mas quando se está envolvido em perda, como você pode separar-se da transitoriedade de tudo? Como posso ter uma visão teoricamente mais ampla das coisas, quando todo momento sem Johannes é de agonia? E como eu poderia explicar tudo isso para a arrogante e prepotente Frau Orff que, como qualquer pobre funcionária, possuía seu minúsculo pedaço de poder e estava determinada a empunhá-lo? Eu simplesmente fiz um comentário: “Agradeço a sua compreensão”, sabendo que isso iria perturbá-la, já que ela estava sendo qualquer coisa, menos compreensiva. Como esperado, ela me deu um sorriso apertado e disse que iria ver se “Herr Direktor” estava livre para me receber.

Ela me deixou esperando uma boa meia hora antes de me levar ao escritório de Herr Wellmann. Um homem com cara de estudioso, pouco atraente. Intelectual que virou administrador. Mas decente e razoável. Ele deve ter percebido quanto eu estava nervosa e tentou colocar-me à vontade imediatamente. Contou-me que tinha sido informado sobre as minhas “circunstâncias

peçoais” e que “deve ser uma coisa difícil de suportar”. Mais uma vez, eu senti uma pontada de culpa desesperada e queria gritar: “Pare de ser tão bom, droga. Você não sabe quem eu sou e com quem está lidando”.

Então ele abriu um arquivo no qual o meu currículo, que Frau Ludwig tinha me ajudado a escrever uma tarde, estava presente, juntamente com outros documentos substanciais sobre mim. Herr Wellmann me fez muitas perguntas sobre meu trabalho na empresa estatal de traduções e pareceu genuinamente interessado em que tipo de livros em inglês eram impressos por lá. Em dado momento da conversa, ele mudou para o inglês e pareceu contente quando provei ser capaz de conversar com ele por mais de quinze minutos em sua própria língua. Então ele me entregou um documento de uma página, um comentário em inglês que alguém escrevera sobre um negociante de antiguidades em Berlim que se especializou em memorabilia prussiana, e me pediu para traduzi-lo em voz alta, ali mesmo. Fiz do modo como ele me pediu, apesar de minha voz se mostrar muito instável de início. Mas consegui controlar meus nervos e passei pela prova oral sem tropeçar em nenhuma palavra.

— Impressionante — disse Herr Wellmann. — E eu gosto do fato de que o alemão que utilizou era de conversação, não muito formal.

— Obrigado, Herr Direktor.

Ele então me entregou outro documento de duas páginas, algo a ver com um discurso do presidente Reagan sobre o Irã, e disse-me para ir lá fora procurar Frau Orff que ela iria me indicar uma mesa que tivesse máquina de escrever.

— Faça de conta que essa tradução é um trabalho urgente — disse ele — e traga de volta para mim o mais rápido possível.

Tão logo saí de seu escritório, Frau Orff imediatamente apontou-me para uma mesa com uma máquina de escrever elétrica. IBM. Tinha uma bola redonda em que ficavam todas as letras. Eu nunca tinha usado uma peça sofisticada de tecnologia como aquela antes e estava um pouco intimidada, no começo. Mas eu sabia que esse era outro teste pelo qual deveria passar e escrevi rapidamente, traduzindo as duas páginas inteiras em pouco menos de meia hora. Então reli o meu trabalho, fiz algumas correções com um lápis, e redatilografei tudo em cerca de dez minutos. Depois de tirar o papel da máquina, voltei para a porta do escritório de Herr Wellmann. Imediatamente Frau Orff me mandou parar:

— Você nunca entra no escritório de Herr Direktor sem antes deixar-me chamá-lo.

— Desculpe — eu disse baixinho.

Frau Orff pegou o telefone, apertou um botão e conversou brevemente com Herr Direktor. Então ela se virou para mim e balançou a cabeça, informando que eu tinha sua permissão para entrar.

— Isso foi rápido — disse Herr Wellmann.

Ele aceitou as duas páginas que eu entreguei, estudou-as brevemente e depois me cumprimentou, afirmando que ambas as páginas tinham “fluidez na tradução” e limpeza na cópia. Quando expliquei que tinha redatilografado meu primeiro rascunho, para que ele pudesse ler sem as correções, ele sorriu e disse:

— Bem, suponho que não me resta escolha a não ser contratá-la.

Então, Herr Direktor informou que eu teria um salário de quinhentos marcos alemães por semana, mais dinheiro do que eu jamais sonhara. Com o imposto de renda na fonte e mais as deduções da previdência social, eu receberia líquido algo em torno de trezentos e setenta e cinco marcos, toda semana em minha mão.

— Isso é aceitável? — perguntou.

— Muito — respondi.

Passei boa parte da manhã preenchendo a papelada e fui enviada a uma sala para ser fotografada, a fim de que preparassem meu cartão de identificação. Também fui entrevistada por um homem chamado Studer que, estou certa, devia ser o chefe de segurança, já que ele me fez muitas perguntas sobre os meus principais contatos com outros alemães orientais no Ocidente. “Eu não conheço ninguém”, foi minha resposta honesta. Ele me informou, com clareza, que havia normas rígidas sobre todos os documentos permanecerem nas instalações e que não havia autorização para levar nenhum trabalho para casa.

— Nada do que fazemos aqui pode ser classificado como de alta segurança... Mas o fato de que produzimos transmissões especificamente para a RDA... Veja desta forma, as pessoas de lá gostariam de saber com antecedência o conteúdo de nossos programas por todas as razões óbvias. Então, é possível que sua bolsa seja revistada de vez em quando por nossos homens da segurança quando você estiver saindo do local. Precisamos ainda que você assine uma declaração de confidencialidade, afirmando que não irá discutir qualquer ponto do seu trabalho aqui com ninguém de fora da organização, e que você nunca vai levar documentos para fora do prédio ou fazer qualquer coisa para comprometer o nosso trabalho. Objeções à assinatura de tal documento?

— Nenhuma — respondi, esperando que ele não captasse a ansiedade que eu estava sentindo.

Assinei o documento. Esperei enquanto meu cartão de identificação era laminado. Depois, me mostraram o meu cubículo na área principal de trabalho. Fui apresentada a vários colegas, incluindo um rapaz polonês chamado Pawel que é um dos produtores aqui. Não que ele tenha uma aparência muito ruim, mas seu modo de flertar é muito agressivo. Ele fez questão de ficar olhando para os meus seios e as minhas pernas e me dando um sorriso sarcástico enquanto me perguntava se eu tinha um namorado.

— Eu tinha um marido, mas ele está morto — respondi, meu tom procurando deixar claro que eu não iria bancar a namorada. Mas o meu comentário só parecia incentivá-lo ainda mais, já que ele comentou:

— Mas que homem insensato, morrer assim.

Minha vontade foi de me levantar da cadeira e lhe dar um tapa no rosto. Mas pelo sorriso nos lábios dele, pude perceber que era exatamente esse o tipo de resposta que ele queria de mim. E imediatamente o caracterizei como um provocador, com um traço cruel, e concluí também que era bem improvável que esse fosse o último encontro desse tipo com Pawel.

Felizmente, fui chamada de volta ao escritório de Herr Wellmann. Herr Direktor precisava de

uma tradução urgente de uma palestra que alguém daria sobre um escritor que eu nunca tinha ouvido falar antes: Sinclair Lewis. Era um longo documento de doze páginas com espaçamento duplo, e Herr Direktor perguntou se eu poderia tê-lo concluído em duas horas, já que a outra tradutora residente que tinha esse trabalho em sua programação não poderia fazê-lo, pois estava doente com uma de suas enxaquecas usuais; e o locutor contratado para ler o documento no ar estava reservado para as três da tarde. E como agora era apenas uma da tarde...

Claro que eu respondi que sim. O trabalho me dava algo para fazer. O trabalho me ajudava a bloquear todas as emoções contraditórias que se aglomeram selvagemmente em minha cabeça. O trabalho me mantinha concentrada.

Enquanto eu caminhava de volta ao meu cubículo, Pawel passou por mim. Eu mantive a cabeça baixa.

— Não pense que você pode me ignorar — disse ele. — Eu não vou permitir isso.

Trabalho. Acabo de terminar meus primeiros sete dias de trabalho. Como uma das outras tradutoras, Magdalena Koenig, tem sofrido de enxaquecas repetidas vezes, o grande volume de trabalho de tradução foi parar na minha mesa. Metade dos escritores da estação (eles são todos *freelancers*) são anglófonos. Assim, a carga de trabalho é constante e, como convém a um organismo de difusão, sempre sob pressão. Todo mundo aqui está sob pressão. A equipe devia ser duas vezes maior, como Pawel continua me dizendo, mas o orçamento não é o que costumava ser, mesmo levando-se em conta o virulento anticomunismo de Reagan.

— Reagan e seus comparsas falam sobre o Império do Mal — observou Pawel um dia, quando ele passou em meu cubículo para me incomodar —, mas também não acreditam em pagar por nenhum governo, nenhum serviço público de radiodifusão, não acreditam em pagar por nada na luta contra os Diabos Vermelhos, exceto pelas armas balísticas. Não há necessidade de falar com a cabeça. Basta lançar uma ogiva nuclear nos testículos coletivos dos soviéticos.

Pawel. Intellectualmente inteligente, e ele sabe disso. Caso contrário, na melhor das hipóteses, é apenas um incômodo. Todos os dias ele tenta envolver-me na conversa. Mas é o tipo de conversa em que o tema sexual é onipresente. Ele continua a me olhar cobiçosamente enquanto tenta extrair detalhes sobre a minha vida. E eu me recuso a lhe contar alguma coisa. Assim como também não me envolvo em muitas conversas com as outras pessoas da equipe. Saí outro dia para comer com uma colaboradora chamada Monica Hodge. Ela é uma escritora americana em seus quarenta e tantos anos morando aqui, que escreve e apresenta um programa sobre livros duas vezes por mês. Eu estava traduzindo todas as coisas dela. Reunimo-nos uma manhã para discutir alguns problemas que tive com um ensaio que ela escrevera sobre Philip K. Dick³⁴, e como muitas das terminologias de ficção científica que ela usava eram difíceis de traduzir para o alemão. Nós trabalhamos por duas horas, então ela sugeriu um almoço em um café nas proximidades. Ouvi toda a história sobre sua infância em Manhattan, e sobre os pais que não a amavam, e sobre os dois homens horríveis com quem se

casou, um dos quais acabou se revelando *gay*. E como ela veio para Berlim depois que seu último relacionamento sério acabou. E o fato de que ela aparentemente não consegue mais encontrar homens disponíveis. E como, na idade dela, ninguém vai contratá-la novamente, então ela está presa na Rádio Liberty, que “não é exatamente o Serviço Mundial da BBC”. E nunca se permita aceitar um convite para uma bebida com Pawel, “porque eu fiz isso e acordei ao lado dele na manhã seguinte, ouvindo-o dizer que ele não tinha o hábito de dormir com mulheres muito mais velhas, mas decidiu fazer isso por ter pena de mim”.

Eu certamente aprendi muito durante esse almoço com Monica e, felizmente, ela perguntou tão pouco sobre mim que nunca fui forçada a ser evasiva. Mas também decidi mais tarde que, se algum dia ela me convidasse para almoçar ou tomar uma bebida de novo, eu iria procurar uma desculpa para não ir. Essa é a minha regra com todo mundo que trabalha aqui. Serei uma colega de trabalho diligente e útil. Serei sempre agradável e cortês e pontual e completamente profissional. Mas, além disso, não vou deixar ninguém se aproximar de mim. Nem vou falar da minha vida, das circunstâncias que me trouxeram a Berlim Ocidental, muito menos sobre a sombra horrenda que me persegue dia e noite. Assim como também não me deixarei ser arrastada para amizades ou quaisquer atividades sociais depois do trabalho, porque sei que isso também poderia me deixar vulnerável aos interesses dos outros.

Não quero que ninguém se sinta interessado por mim.

Existe um parque infantil perto do meu prédio. Eu só descobri isso no outro dia, quando tomei um caminho diferente para casa. Era um dia do meio do inverno, brilhante e ensolarado, e o parquinho estava lotado de mães da minha idade com seus filhos. No momento em que me deparei com ele, eu me virei e comecei a correr, as lágrimas descendo em cascata pelo meu rosto, um grito preso na minha garganta. Quando cheguei em casa, não consegui parar de chorar por mais de meia hora.

Isso simplesmente nunca vai embora. Por mais que eu tente fazer sumir, isso se recusa a me deixar em paz. E eu não posso chorar como se fosse uma morte porque o meu filho está vivo e bem... Morando a apenas dez minutos de caminhada da porta da frente da minha casa. Se pelo menos esse Muro não estivesse no caminho...

Eu trabalho. Chego em casa. Cozinho alguma coisa. Bebo umas cervejas. Fumo alguns cigarros. Ponho discos para tocar. Leio. Durmo mal. Acordo e vou trabalhar. O padrão se repete, dia após dia. Encontrei um sebo perto da estação de metrô na Strasse-Heinrich-Heine que tem uma boa seção de obras em inglês. Decidi me programar para tentar ler os escritores americanos cujos trabalhos têm sido alvo de discussão nos textos transmitidos na estação e que venho traduzindo. Sinclair Lewis. Theodore Dreiser. John dos Passos. James Jones. J. D. Salinger. John Updike. Kurt Vonnegut.

Escritores de que nunca ouvi falar. Porque tem aquele programa quinzenal, escrito e apresentado por Monica, que é todo sobre literatura americana. Resolvi tratá-lo como um curso universitário sobre literatura americana e como uma válvula de escape. O muito agradável Herr Bauer, que administra esta vasta livraria de livros usados perto de onde vivo, tem conseguido encontrar para mim todos os romances e coletâneas que pedi, e todos eles no original em inglês.

— Ou você se apaixonou por um americano ou você está planejando se mudar para lá — ele me disse um dia.

— Bem que eu queria ser sortuda assim — respondi.

Esses livros me mantiveram sã durante minhas primeiras semanas em Kreuzberg. De vez em quando, eu saía à noite para assistir a um filme no cinema ou me sentar sozinha em um bar onde um grupo de jazz estivesse tocando, tomando uma vodca e rechaçando qualquer homem que tentasse manter uma conversa comigo. Mas na maior parte do tempo, fora do trabalho, eu ficava em casa ouvindo música e lendo, o tempo todo querendo saber quando *ele* entraria em contato, quando tudo começaria a mudar.

E isso aconteceu na minha quarta semana na Rádio Liberty. Eu estava saindo do escritório e entrando na estação do U-Bahn quando um homem gordo, de casaco verde com um capuz de pele esbarrou em mim. Enquanto o fazia, ele enfiou um cartão em minha mão e então seguiu em frente. Eu embolsei o cartão imediatamente, esperando até que estivesse em casa para lê-lo:

Encontre-me amanhã às seis horas da tarde, no Hotel Claussmann. Quarto doze. Londoner Strasse.

Fiquei olhando para o cartão por um tempo muito longo, tentando adivinhar o que aconteceria se eu não aparecesse.

Não tinha escolha. Teria que me encontrar com aquele homem num quarto de hotel. E teria que fazer qualquer coisa que ele me pedisse.

A Londoner Strasse era uma rua pobre em uma área periférica próxima ao Aeroporto Tegel. Sombrios blocos de apartamentos. Ruas desalinhadas nas quais o lixo não era recolhido havia alguns dias. Algumas lanchonetes de *fast-food*. Grafites nas paredes. Iluminação ruim. Um sentimento geral de abandono. Chuva caindo. E um homem dormindo na recepção do Hotel Claussmann. Ele tinha um rosto muito esburacado. E, enquanto roncava, deixava perceber um chiado enfisêmico. O saguão do hotel era pintado com um marrom berrante e tinha um carpete muito sujo e fortemente manchado. Era um hotel barato. Muito barato.

Eu evitei o recepcionista e subi um lance de escadas para descobrir um corredor estreito, iluminado por lâmpadas fluorescentes. O quarto doze estava na extremidade do corredor. Bati à porta levemente, na esperança de que não haveria resposta. Mas uma voz grossa disse:

— *Ja?*

— É Dussmann — respondi.

A porta se abriu, e lá estava ele. O homem gordo que esbarrou em mim na estação do metrô ontem. Era baixo. Tinha cerca de um metro e sessenta e cinco e ostentava uma barriga significativa, com um rosto semibarbeado e uma pele decididamente oleosa. Ele estava em algum canto indeterminado da meia-idade, de cabelo meio grisalho e dentes manchados, o que possivelmente o faziam pender mais para o lado errado dos cinquenta anos. Prendia um cigarro na boca quando entrei no aposento. Vestia apenas uma camiseta branca suja e cuecas amareladas.

— Feche a porta — ordenou.

— Se cheguei em um momento inconveniente, eu...

— Feche a porra da porta — ordenou de novo, o tom de voz muito mais ameaçador.

Fiz o que ele mandou. O quarto era pequeno e sujo como o restante do hotel. Uma cama de casal vergando, uma lâmpada nua pendurada no teto, papel de parede floral descascando, um cheiro de mofo e fumaça de cigarro e suor masculino.

— Alguém seguiu você? — perguntou ele.

— Eu não percebi.

— No futuro, você vai perceber.

— Desculpe — respondi.

— Tire a roupa.

— O quê?

— Tire a roupa.

Imediatamente pensei: *fugir*.

Ele percebeu isso na hora, retrucando:

— Saia agora e pode se esquecer de ver seu lindo filhinho de novo. Eu farei um telefonema anônimo para esses fantasmas da Bundesnachrichtendienst dizendo que você é uma agente dupla. E se você não acha que estou falando sério...

Ele estendeu a mão para a mesinha de metal cheia de arranhões ao lado da cama e pegou um envelope, esvaziando seu conteúdo sobre o colchão. Eu engasguei quando vi meia dúzia de instantâneos de Johannes. Todos recentes. Todos mostrando meu filho sendo sustentado no colo por um casal. Os dois de cabelos curtos e jovens e sorridentes. O homem vestido com o uniforme formal de um oficial da Stasi. Eu imediatamente mergulhei para pegar as fotografias, mas o homem gordo agarrou meu braço e puxou-o nas minhas costas com tanta força que soltei um grito que ele silenciou, puxando-me para perto dele e batendo a mão livre sobre minha boca, tapando-a.

— Você *nunca* faz nada sem a minha permissão. Nunca. Você entendeu?

Ele puxou tanto meu braço para cima e para trás que pensei que estava prestes a deslocá-lo. Assenti muitas vezes com a cabeça, concordando. O gordo me soltou, me jogando ao mesmo tempo na cama em cima das fotografias. Levantei-me imediatamente, não querendo vincá-las.

— Agora, tire a roupa — disse ele.

Hesitei, ainda querendo fugir.

— Agora.

Sem jeito eu tirei meu casaco, meu suéter, minha saia, minhas calças, minha calcinha. E cobri meus seios com os braços, protegendo-os.

— Na cama — ordenou ele.

Eu me abaixei para arrumar as fotografias.

— Eu lhe dei permissão para fazer isso?

Comecei a chorar.

— Você vai parar de chorar agora — sibilou ele.

Lutei para sufocar meus soluços.

— Por favor, posso pegar as fotos, senhor?

— Você está aprendendo. Sim, pode.

Peguei os instantâneos, olhando por um momento uma das fotos de Johannes sozinho, segurando um ursinho de pelúcia.

— Eu dei permissão a você para olhar as fotos? — gritou ele.

— Desculpe, desculpe — disse eu, pegando o resto que estava sobre a cama e soltando-as sobre a mesa lateral.

— Agora, na cama.

O colchão afundou quando me deitei sobre ele, rangendo alto. Eu me enrolei em posição fetal, desejando tanto, naquele momento, simplesmente morrer.

— Deite de costas! — gritou ele.

Eu fiz como ordenado.

Ele se aproximou de mim, abrindo minhas pernas com as duas mãos. Então, puxou a cueca para baixo e lambeu a mão, tocando depois a cabeça de seu pênis ereto com ela. Fechei os olhos com força quando ele me penetrou. Eu estava seca e tão desesperadamente tensa que sentia como se ele estivesse me rasgando por dentro. Fiquei ali, inerte, enquanto ele empurrava para dentro e puxava para fora. Felizmente, e esse é o advérbio errado para se usar aqui, embora seja o único que me veio à mente, ele nunca tentou me beijar. E foi rápido. Um minuto ou pouco mais de suas investidas e logo entrou em mim com um gemido que mais parecia expectoração. E ficou flácido dentro de poucos momentos. Levantou-se quase que imediatamente, puxou a cueca para cima e ordenou que me vestisse, falando depois:

— Nós vamos nos reunir duas vezes por semana e eu vou te foder nas duas vezes. Se você não quiser fazer isso, diga-me agora e já informo o pessoal em Berlim Oriental que você gostaria que a adoção de Johannes venha a ser permanente.

— Eu não quero isso — respondi.

— Então você vai fazer exatamente o que eu pedir. Se você se comportar como uma boa agente, nossos chefes lá em casa irão receber um relatório decente de minha parte sobre você, o que

deve ajudar no seu caso. Mas, claro, se você não seguir as minhas ordens...

E minhas ordens implicam em comer você.

— Vou seguir as ordens — disse eu, pensando: *Eu não tenho cartas para jogar.*

— Então, vista suas roupas de novo.

Enquanto me vestia, o homem pegou o maço de Camels e acendeu um. Como uma reflexão tardia, ele jogou o maço em cima da cama, dizendo:

— Pegue um.

— Obrigada.

— Você está tomando a pílula? — perguntou ele.

Neguei com a cabeça.

— Você vai engravidar desse jeito... — retrucou o homem.

— Minha menstruação começa amanhã.

— Então você começa a tomar a pílula esta semana. Entendido?

Assenti.

Quando eu já estava completamente vestida de novo, ele abriu um guarda-roupa e tirou uma mala barata lá de dentro. O homem se agachou e abriu. Pegou um saco pequeno fechado com zíper.

— Isto é para você — disse ele, entregando-o para mim. — Vá em frente, abra.

Mais uma vez, eu fiz como ordenado. Dentro do saco tinha uma câmera tão minúscula que poderia caber facilmente na palma da minha mão direita.

— Esta é a sua ferramenta de trabalho — continuou o homem. — Também no saco encontrará vinte e quatro rolos de filme em miniatura, cada um com dezesseis poses. Sua tarefa é simples. Você deve fotografar a cópia original e a tradução que fizer de tudo que for entregue a você. Encontre uma maneira de esconder a câmera em seu corpo e traga os filmes de volta aqui para mim duas vezes por semana. Você também deve descobrir uma maneira de vir para cá sem ser seguida.

— O que o faz pensar que estou sendo seguida?

— Você é uma recém-chegada — respondeu. — Eles sempre mantêm um olhar atento sobre os mais recentes emigrados políticos. Porque você acha que esperei um mês antes de entrar em contato? Eu estava simplesmente querendo ter certeza de que eles tinham chegado ao ponto de se tornar menos vigilantes em ficar acompanhando você para todo o lado. Mas ainda assim temos que continuar a ter cautela. Por isso, trate de encontrar um caminho que despiste esses caras.

— E quem vai dizer que não fui seguida nesta noite?

— Temos nossas fontes e você é considerada “limpa” por eles, por ora. Mesmo assim, não vamos nos encontrar só aqui. E o jeito como irei entrar em contato com você é muito simples. Há um bar perto de você em Kreuzberg chamado Der Schlüssel. Um antro frequentado por uma clientela jovem e drogada. É atroz durante a noite e tolerável durante o dia. Esse vai ser o seu local. Quero que você pare no bar pelo menos cinco vezes por semana para uma cerveja, um café. Você sempre irá ao banheiro enquanto estiver lá. No único banheiro feminino que existe, você vai notar um

ladrilho solto logo à direita do vaso sanitário. Eu sempre vou deixar uma nota sob esse ladrilho, indicando a hora e o local do nosso próximo encontro. Será sempre com dois dias de antecedência. Você deve memorizar os detalhes e depois jogar o bilhete no vaso, disparando a descarga. E sempre atenderá nossos encontros no horário, e deve sempre trazer o filme. Estarei esperando um novo filme duas vezes por semana.

O homem então me deu uma aula rápida de como colocar o filme, como fotografar os documentos e como esconder a câmera dentro de minhas roupas.

— Melhor colocar no meio das pernas de sua calça *jeans* quando for para o trabalho. Eles não têm detector de metais na Rádio Liberty, mas os seguranças de lá fazem buscas aleatórias em bolsas e carteiras. Então você só deve levar a câmera dois, três dias por semana e fotografar o seu trabalho naquele momento. A estação geralmente trabalha com tudo, exceto o noticiário, com antecedência de uma ou duas semanas, por isso é fundamental recebermos o seu filme imediatamente. Lembre-se: qualquer falha em comparecer aos nossos encontros, qualquer falha em fotografar todas as traduções em que trabalhar, será relatada no ato. Você não quer que isso aconteça, certo?

— Não, senhor.

— Percebo que está realmente aprendendo. Talvez você se converta em uma verdadeira apoiadora de nosso sistema, o que, acredite, é o caminho mais rápido para ter seu filho de volta.

— O que for preciso, senhor — disse eu. — O que for preciso.

— Falando nisso, sou Haechen, Helmut Haechen. Não é meu nome verdadeiro, mas é o que eu adotei anos atrás. Quem precisa de um passado, *ja*? Verifique o banheiro do Der Schlüssel daqui dois dias e haverá instruções sobre onde nos encontrarmos da próxima vez. Agora, saia daqui.

Assim que me vi na rua, dobrei o corpo e comecei a vomitar. Devo ter vomitado por uns bons cinco minutos, afundando de joelhos no chão lamacento, chorando e vomitando ao mesmo tempo, sentindo-me muito mais que violada. Um homem idoso, frágil, mas com olhos profundamente alertas, aproximou-se e perguntou se eu precisava de sua ajuda. Sua decência só me fez chorar mais alto. Em vez de soltar alguns daqueles bem-intencionados clichês do tipo “Não é o fim do mundo, querida”, ele fez algo incrivelmente humano e tão profundamente poderoso. Apenas colocou uma de suas mãos no meu ombro e a manteve lá até que eu pudesse me recompor e retomar o controle novamente. Quando eu fiz isso e me coloquei de pé, o velho tocou o meu rosto com a mão enluvada. Seus olhos cheios de preocupação e (eu senti) com a compreensão de alguém que havia conhecido os horrores mais extremos da vida, ele proferiu uma simples palavra:

— Coragem.

Cheguei em casa. Tirei tudo o que eu estava usando. Tomei um banho tão quente que quase me escaldou. Enrolei-me num roupão de banho. Olhei para mim mesma durante um longo tempo no espelho, tentando ver se a mulher que me encarava com seus olhos vermelhos e exaustos, sua expressão de profundo choque e medo gravada em todos os lugares em seu rosto, poderia me

fornecer alguma ideia para escapar daquele pesadelo que eu sabia que iria apenas se aprofundar com o tempo.

Ligue para Frau Jochum, chame Herr Ullmann. Implore por misericórdia... E nunca mais verá Johannes novamente.

E se você fizer tudo que Haechen lhe pede, se você abrir as pernas para ele duas vezes por semana...

Eles vão ter que unir você de novo a seu filho. Eles estarão me devendo isso. Eles terão que jogar limpo.

As piores mentiras são as que nós contamos a nós mesmos.

Mas quando você não tem outras opções, quando qualquer decisão que tomar só vai levar à dor, que outra escolha você tem a não ser se apegar à mentira que pode miraculosamente transformar-se no desfecho que passa os seus dias pedindo?

Nunca tive um impulso religioso em minha vida. Mas naquela noite, passando por uma igreja católica a caminho de casa, tive o desejo urgente de ir para dentro daquele templo a fim de procurar um padre e desnudar a minha alma para ele, pedindo algum tipo de orientação divina.

As orações podem ser respondidas, padre? Eu iria lhe perguntar. Sem dúvida, ele me diria que os milagres acontecem, que a mão do Pai Todo-Poderoso age de formas misteriosas.

Mas também sei que esse padre de Kreuzberg, bem familiarizado na realpolitik dos muros e sentinelas e franco-atiradores armados e polícia secreta, assim como o resto da população daqui, iria pensar em particular: *Ela é contra a Stasi. E quando você está contra a Stasi... Bem, nem mesmo o Todo-Poderoso tem a menor chance.*

Fui ao Der Schlüssel na noite passada. Um antro mesmo. Pedi uma vodca e uma cerveja e bebi os dois, estudando a clientela. Era a mistura costumeira de Kreuzberg, composta de motociclistas e punks e drogados. Observei-os furtivamente durante mais de meia hora, certificando-me de que nenhum deles estivesse me olhando com interesse, de que não tinha sido seguida. Fiquei obcecada com esse medo por alguns dias, sempre checando se ninguém estava me vigiando. Como naquela tarde, na Rádio Liberty, quando levei para o banheiro feminino o rascunho em inglês de uma matéria que eu estava traduzindo. Sentada no vaso fechado, com o manuscrito amontoado no meu colo, eu fotografei cada uma das sete páginas daquele ensaio. Era um texto que detalhava uma noite que tinha sido passada bebendo na companhia de dois soldados americanos que regularmente dirigiam em patrulha noturna pelo lado ocidental do Muro. Fiquei espantada que Herr Wellmann tivesse permitido essa peça, porque ela apontava que o trabalho dos soldados era monótono e que nada acontecia, uma vez que ninguém da RDA jamais conseguia passar para o outro lado. Era também algo que tratava com ironia as maratonas dos soldados nos bares locais quando estavam de folga. Eu começava a descobrir que a Rádio Liberty gostava de exibir a sua capacidade de transmitir certos

aspectos do modo de ser dos americanos ou até mesmo deixava um escritor criticar abertamente o seu presidente. Herr Wellmann sentia que isso demonstrava o poder da liberdade de expressão aqui no Ocidente, e que esta seria a melhor propaganda.

Eu estava fotografando uma dessas “propagandas” dentro de um dos reservados no banheiro feminino, desesperadamente preocupada que alguém pudesse entrar na outra cabine e talvez ouvir o farfalhar de papel, o clique suave do obturador da câmera. Claro que eu havia decidido, um dia antes de fotografar os documentos pela primeira vez, passar algum tempo sozinha no banheiro durante a hora do almoço, quando a maioria das pessoas estivesse fora das instalações, procurando câmeras escondidas por lá. Se tivesse, nenhuma parecia visível. Também prestei atenção se as bolsas eram revistadas antes e depois de as mulheres irem ao banheiro. Pelo que eu tinha percebido nas semanas em que estivera por lá até então, à parte a revista ocasional pelos guardas de segurança na saída do prédio, não havia hipervigilância no trabalho. Levando tudo isso em conta, neste primeiro dia com a pequena câmera, eu decidi usar um par de botas que comprei no dia anterior especificamente porque era de tamanho um pouco maior do que meu número e tinha espaço suficiente no dedo do pé direito para esconder a câmera. A ideia de Haechen de escondê-la na virilha me impressionou tanto pela estupidez quanto pelo perigo que representava, pois haveria uma protuberância reveladora lá sempre que eu fosse ao trabalho. Eu poderia viver com a câmera chacoalhando ao redor de minha bota o dia inteiro. Eu também nunca vi ninguém ser convidado a retirar seus sapatos.

Trazer os documentos para o banheiro foi fácil. Eu entrei com um arquivo debaixo do braço, imaginando que se alguém me perguntasse por que eu o estava carregando comigo, diria que o editaria enquanto usasse o banheiro.

Mas ninguém me perguntou nada. Fui capaz de fotografar todas as sete páginas de texto no espaço de cinco minutos; em seguida, guardei a câmera de volta junto ao dedão do pé direito na minha bota, puxei a descarga, saí para lavar as mãos e voltei para a minha mesa, grata por não haver um detector de som nas instalações que pudesse registrar o insano bater do meu coração quando me sentei no meu cubículo, consumida pelo medo e pela paranoia, mas também com um prazer infantil meio culpado por ter me safado depois de fazer algo ruim.

Assim que o dia de trabalho terminou, fui rapidamente para fora, prendendo a respiração caso a segurança se mostrasse prestes a realizar a primeira inspeção de sapatos da estação de rádio. Então percorri meu caminho de metrô para Kreuzberg e fui ao Café Schlüssel. Bebi minha vodca e a minha cerveja. Constatei que nenhuma das pessoas desalinhadas ali presentes se parecia com óbvios fantasmas dos órgãos de segurança, mas, de novo, eles poderiam ter recrutado alguns viciados, levando-os a me seguir em troca de dinheiro para comprar a droga. Fui para o banheiro. Fedia a encanamentos entupidos e desinfetantes. O banheiro em si era nojento. Mas achei imediatamente o piso solto. Abaixo dele havia um cartão. Eu o li rapidamente. *Hotel Liebermann, Oldenburg Alle 33, quarta-feira, sete da noite*. Repeti o endereço silenciosamente para mim mesma várias vezes, em seguida, rasguei o bilhete, despejei-o no vaso, soltei a descarga e fugi para as ruas cobertas de neve.

Aquela noite, e o dia seguinte inteiro, foi um pavor. Haechen, aquele ogro horrível. Repulsivo além da conta. Eu podia sentir seu hálito tóxico, a acidez de seu suor, e ainda podia sentir aquele

pequeno cepo ereto que era seu pênis empurrado para dentro de mim como se fosse uma ferramenta mecânica. Mais uma vez eu disse a mim mesma que isso ia além de todos os limites de tolerância; que eu deveria avisar a Stenhammer que o seu agente estava exigindo serviços sexuais de mim. Seria melhor fugir antes que ele começasse a exigir mais? E se ele insistisse em ter três encontros por semana? Ou mesmo quatro?

Mas, mesmo pensando tudo isso, eu compareci ao encontro como fora ordenado. E, sim, era outro hotel imundo em outra rua deserta. E, sim, ele estava novamente apenas de camiseta suja e de cuecas. E novamente ordenou que eu me despisse e, sim, montou em mim de novo. E, sim, ele novamente só levou alguns terríveis minutos para esguichar dentro de mim. Então, ele se retirou e gritou algumas obscenidades para mim quando viu que seu pênis estava coberto de sangue menstrual. Corri ao banheiro para inserir um absorvente interno e banhar uma toalha de mão na água. Voltei para o quarto e entreguei a toalha a ele.

Ele resmungou alguma coisa como agradecimento, desaparecendo dentro do banheiro com a toalha, fazendo xixi com a porta aberta.

— Você trouxe o filme? — gritou lá dentro.

— Claro — respondi.

Quando ele voltou, entreguei os dois rolos.

— Sobre o que são esses documentos? — perguntou.

Fiz um resumo. Ele parecia genuinamente entusiasmado que o texto envolvia o Exército americano guardando o Muro e dizia que eles gostavam de se acabar em bebida depois do turno da noite.

— Bom trabalho — disse ele —, mas vou reservar meu julgamento, e não vou deixá-los saber se foi um bom trabalho mesmo até que eu veja a qualidade das fotografias.

Ele então me questionou mais intensamente sobre como e onde eu fotografei os documentos. Alguém na estação me viu, alguém levantou alguma suspeita, percebi alguém rondando na minha rua ou me seguindo? Ele pareceu satisfeito com as minhas respostas. E disse:

— Você merece uma pequena recompensa.

Estendendo a mão para um envelope na mesa de cabeceira, ele extraiu de dentro uma pequena fotografia de Johannes. Sentado no chão, brincando com alguns blocos de madeira. O bebê parecia um ou dois meses mais crescido agora e exibia aquele meio sorriso encantador que sempre fez meu coração cantar toda vez que aparecia em seu rosto. Sempre achei que meu filho tinha herdado isso de mim, pois meus amigos costumavam dizer que eu era uma pessoa que nunca sorria por inteiro. Curioso como Johannes já compartilhava dessa mesma tendência, como se ele também hesitasse em confiar inteiramente no mundo. Claro, estou querendo ler demais um sorriso de bebê... Mas, ainda assim, não conseguia deixar de me perguntar se o fato de ser tirado da mãe, e de repente se encontrar no colo de estranhos, não tinha de alguma forma perturbado meu filho, que, mesmo sendo muito novo para estar consciente da grande reviravolta que acontecera em sua vida, no entanto *sabia*...

Senti um soluço estrangular minha garganta enquanto olhava para a fotografia. Mas eu o

reprimi, pois não queria permitir que esse bastardo tivesse o prazer de me ver chorar. Ainda assim, a partir do canto do meu olho, eu podia vê-lo me estudando, um sorriso um pouco presunçoso em seu rosto, pois ele sabia que, enquanto existisse a possibilidade de estar de novo com Johannes, poderia fazer praticamente tudo que quisesse comigo.

— Por favor, posso ficar com esta fotografia? — perguntei a ele.

— Não — respondeu. — Digamos que alguém a veja...

— Ninguém vai ver. Eu queria apenas deixá-la em casa.

— Mas você pode sentir vontade de levar essa foto com você para todos os lugares.

— Estou mais disciplinada do que isso.

— Não me convenceu. E eles sabem que você foi deportada para o Ocidente sem nenhuma fotografia de seu filho, porque, acredite em mim, esses sujeitos fizeram um inventário rigoroso de tudo que você trouxe. Se um dos seus colegas de trabalho vir esta fotografia por acaso, eles podem dizer a alguém que pode contar a alguém, e esse disse me disse vai chegar até eles, e perguntas seriam feitas sobre como você conseguiu essa foto, sobre com quem do outro lado essa mulher está mantendo contato...

— Eu nunca deixaria isso acontecer — repliquei. — Ninguém vem ao meu quarto. Então, por favor, deixe-me ficar com uma fotografia do meu filho. Você pode confiar em mim.

— Você ainda não provou ser alguém digno de confiança, ainda.

Com isso, ele tirou a fotografia da minha mão.

— Você pode ver essas fotos cada vez que nos encontrarmos — disse ele. — Será a sua recompensa pelo cumprimento de seus deveres, conforme especificado. Agora vá.

Fui a uma clínica pública em Kreuzberg ontem para conversar com a médica e disse que queria tomar a pílula. Ela me fez uma série de perguntas diretas, tais como “Você está planejando ter filhos?”.

A essa pergunta, a resposta categórica foi: “Não”.

Ela deu de ombros e me disse que eu poderia mudar de ideia algum dia.

Dez minutos mais tarde, já estava na rua com uma receita médica. Fui a uma farmácia e logo consegui minhas pílulas. O farmacêutico preveniu que a proteção integral não estaria “no lugar” até uma semana depois de começar a tomá-las.

— Por isso, sugiro que peça ao seu namorado para usar camisinha até lá — disse o homem.

Pedi um tubo de espermicida.

No dia seguinte, antes de ter que comparecer ao meu encontro com Haechen, parei em um banheiro na estação Zoo do metrô, peguei o tubo de espermicida de minha bolsa, desci meus *jeans* e minha calcinha, inseri o tubo e esvaziei pelo menos um terço dentro de mim. Ele não percebeu o leve aroma químico do espermicida quando estava penetrando em mim, dez minutos depois. Usei o mesmo

espermicida de novo antes das três visitas seguintes, enquanto esperava que a pílula começasse a fazer efeito. A ideia de ficar grávida desse homem era um pesadelo muito além dos pesadelos.

Já faz semanas desde a última vez que escrevi aqui. A vida é, na superfície, simples, imutável. Eu faço o meu trabalho. Eu traduzo o que é exigido. Sempre cumprio o prazo. Sou sempre pontual no trabalho. Fico na minha. Duas vezes por semana, chego ao trabalho com a câmara em minhas botas. Como o inverno está se esvaindo, comprei um par de botas mais leves, também um pouco maiores do que o meu tamanho, para esconder a câmara naqueles dias em que preciso fotografar os documentos. Tenho variado aquele meu sistema de levar os documentos ao banheiro para fotografar, pois descobri um espaço de estoque de artigos de papelaria debaixo da escada. Ninguém vai lá na hora do almoço. A luz é melhor do que a dos banheiros (Haecher me disse que ele recebeu eventuais queixas do seu pessoal de que a qualidade das fotos podia ser melhorada). Se eu deixar a porta aberta enquanto estiver tirando as fotografias, ninguém poderá me pegar de surpresa, porque essa sala fica no fim de um longo corredor no porão. Existe uma porta de metal no alto da escadaria que leva a esse corredor, que é o único ponto de entrada, e mesmo que você tente abrir essa porta em silêncio, ela faz um barulho muito perceptível. Os pisos são de concreto, por isso, mesmo usando tênis, seus passos podem ser ouvidos. Eu percorri essa sala de armazenamento por todos os cantos, para ver se havia alguma câmara escondida de circuito fechado ou mesmo daquelas no meio do teto. Não encontrei nada. Por isso, tornou-se o local perfeito na hora do almoço para fazer o trabalho exigido por Haechen.

Continuamos a nos encontrar duas vezes por semana em variações do mesmo quarto sombrio de hotel. A ordem do dia é sempre a mesma. Eu chego. Tiro a roupa. Ele trepa comigo pelos três minutos que leva para ejacular. Fumamos alguns cigarros. Eu lhe entrego o filme. Vou embora.

Não fiquei acostumada com a degradação de tudo isso. Eu ainda o acho bestial e grosso. Mas também aceito esses eventos duas vezes por semana como um dever a ser cumprido. Ele nunca fala nada que tenha a ver com ele mesmo. Não sei nada sobre sua própria vida, se há uma esposa, uma namorada, uma ex, crianças, onde ele nasceu, onde foi criado, se seus pais foram gentis com ele ou o fizeram sentir-se permanentemente sozinho, se ele tem um apartamento aqui na cidade ou se vive se mudando de hotel sórdido para hotel sórdido. Ele, por sua vez, não faz perguntas sobre mim. No entanto, decidiu recentemente me interrogar de modo demorado sobre a vida na Rádio Liberty, querendo saber tudo o que eu pudesse informar sobre os meus colegas.

Pawel particularmente lhe interessava, em especial porque ele continua a afligir-me, muitas vezes criticando minhas traduções por razões pedantes, fazendo sempre questão de olhar pelo decote de minha camisa, ou sempre me convidando para uma bebida, para sair para jantar, alternando brincadeiras com invectivas, constantemente me deixando nervosa.

— Vou informar Herr Wellmann sobre esse sujeito — informei Haechen uma noite.

— Suporte esse cara — respondeu ele. — Quanto mais desagradável ele for, melhor.

— Por que isso?

— Porque seus colegas de trabalho vão ver como ele está sendo detestável para você e como você está sendo estoica por suportar isso. Ele joga a seu favor.

E alguém está vendo como eu estou sendo estoica ao abrir as minhas pernas para você duas vezes por semana?

Tempo. Ele apenas se arrasta. Eu vivo uma existência circunscrita. O trabalho de tradução é meio interessante, frequentemente de rotina. Alguns dos nossos escritores têm talento. Alguns estão apaixonados por sua própria inteligência. A grande maioria está simplesmente morta na página. Mas Monica me disse que Wellmann é um homem que prefere o factual e o maçante ao exibicionista e talentoso. Ele é realmente um funcionário público, um servidor do Estado, embora tenha seus momentos de tio simpático, perguntando como estou passando, esperando que “você esteja encontrando o seu caminho neste mundo novo e que o passado esteja começando a ficar um pouco mais administrável” (sua primeira e única dica de que sabia tudo sobre a minha situação pessoal), juntamente com sua certeza: “Claro, eu menciono isso apenas para você e nunca irei discutir isso com mais ninguém”.

Por outro lado, Pawel era implacável quando se tratava de tentar obter alguma informação pessoal de mim, chegando a me desafiar uma vez na frente de outros quatro funcionários em um almoço em uma pizzaria local para explicar que tipo de “ação angelical” eu tinha feito para me expulsarem da RDA, me chamando de “lacônica Solzhenitsyn que provavelmente escreveu poemas medíocres sobre os direitos humanos em relação ao domínio burguês de sua boceta”. Foi nessa hora que joguei minha cerveja em seu rosto. Sua reação foi rir.

Monica tentou que ele fosse demitido depois disso, contando-me que enfrentou Wellmann quanto a Pawel, afirmando que ela ficou horrorizada ao saber que Wellmann permitia que um merdinha desagradável e sexista como aquele permanecesse na equipe depois de abusar de uma colega de uma maneira tão vil e depreciativa.

— Wellmann disse que simpatizava totalmente — foi o que Monica me contou, e que iria pessoalmente falar com Pawel, insistindo que ele me escrevesse uma carta de desculpas e prometendo nunca mais fazer esse tipo de coisa de novo.

Mas ele também lhe disse, categoricamente, que Pawel não poderia ser demitido.

— Minhas mãos estão amarradas aqui.

Foram essas suas palavras exatas. Com um sorriso nos lábios, Monica acrescentou:

— Nós todos sabemos o que isso significa.

Assim, ele também é um agente. Um deles. E, como tal, intocável.

Quando eu relatei tudo isso para Haechen vários dias depois, ele não poderia ter ficado mais animado (e isso de um homem que, apesar do verniz vingativo, nunca mostrou entusiasmo por nada),

querendo saber todos os detalhes da conversa relatada entre Monica e Wellmann. E quando a carta muito formal de Pawel, e devo dizer, muito contrita, chegou dois dias depois, fiz uma fotocópia e entreguei a Haechen.

Sim, eu estava sempre tentando agradá-lo, para lhe mostrar que eu estava a bordo e querendo satisfazer a ele e a seus superiores. Eu mesma comecei a mostrar um leve sinal de movimento recíproco quando ele me penetrava, na esperança de que ele, por sua vez, mostrasse um pouco de bondade comigo.

Mas quando as semanas viraram meses, quando ele às vezes me concedia cinco minutos para ficar com outro instantâneo de Johannes, comecei a perceber o que eu sentia desde o início, mas continuei tentando me convencer de outra forma: o fato de que ele faria, e poderia, esticar essa situação para sempre. Na única ocasião em que me atrevi a perguntar quando tudo isso iria acabar e eu iria reencontrar meu filho, ele simplesmente ficou estudando as unhas e respondeu:

— Essa decisão não é minha. E você devia pensar melhor em vez de abusar de minha paciência com essa merda. Você traiu a sua pátria, e agora está tentando provar o seu merecimento para voltar lá e, *talvez*, recuperar a guarda de seu filho. Dado o nível de sua traição, o simples fato de lhe oferecerem esta oportunidade para se redimir fala muito sobre a humanidade de nosso sistema. Mas não pense, por um só momento, que depois de alguns meses apenas você vai ser absolvida e lhe entregarão as chaves do castelo. Sem chance...

Após essa repreensão, entrei em parafuso por dias, a ideia de suicídio permanente em meus pensamentos. Não era como se Haechen me dissesse algo que eu já não tivesse conhecimento desde o início. A verdade era... Que não havia possibilidade de uma reversão de meu destino, não havia esperança, nem redenção possível ou saída desse labirinto de mentiras em que eu me enrascara.

Certa manhã, após a terceira noite seguida sem dormir, meus pensamentos começaram a girar em volta do suicídio novamente, só que desta vez havia uma calma lógica em minhas deliberações. Pílulas ou cortar meus pulsos no chuveiro? Ou talvez eu devesse tentar escalar o Muro e levar um tiro tentando repatriar-me de volta para a RDA (Não, isso daria a esses canalhas um tipo de propaganda a favor: *Ela estava tão infeliz no Ocidente, tão desanimada depois de ter sido despojada de sua cidadania da RDA, que estava disposta a ir tão desesperadamente longe e voltar para a pátria que ela traíra*).

Por acaso eu estava falando sobre essa história de tirar a minha vida? Sem dúvida. Um coquetel de desespero, desânimo, insônia, esmagamento, e a aceitação de que tudo estava perdido, sem possibilidade, *morto*.

Que, eu tinha decidido, é como eu queria estar.

No dia em questão, primeiro eu fui até Kochstrasse e fiz algumas perguntas sobre o terraço aberto ao público que ficava no trigésimo oitavo andar do prédio que abrigava o império Axel Springer de publicação. A mulher no balcão de informações no piso térreo brincou comigo, dizendo que se eu tivesse medo de altura, não deveria ir até lá, “porque o gradil era muito baixo e a vista para o solo, muito vertiginosa”. A única coisa que me impediu de comprar na hora um bilhete para essa torre de observação, de tomar o elevador diretamente para o topo e me atirar lá de cima antes

que eu tivesse a chance de mudar de ideia, foi o desejo de escrever uma longa carta explicativa ao Johannes, que eu encontraria algum jeito de ele recebê-la quando fosse mais velho. Era uma carta na qual eu contei...

Bem, tudo.

Olhando para o meu relógio e percebendo, na minha boa maneira alemã, que eu ia chegar atrasada para o trabalho, corri para o U-Bahn, ponderando uma questão durante todo o caminho até Wedding: Será que eu ia conseguir encontrar alguém que pudesse, depois de receber este envelope selado logo após a minha morte, ser confiável a ponto de seguir minhas instruções e encontrar uma maneira de entregar essa carta a Johannes quando ele fizesse dezoito anos?

Mais especificamente, será que Monica, a única “quase amiga” que eu tinha aqui, faria isso por mim?

Cheguei apenas cinco minutos atrasada e encontrei um bilhete escrito “urgente” sobre a minha mesa, de Herr Wellmann. Era a tradução de um texto explicando o programa Guerra nas Estrelas de Reagan e que Wellmann precisava para as onze da manhã. Peguei um café e acendi um cigarro. Rolei um papel em minha máquina de escrever. Fui trabalhar, finalizando esta apologia seca e concreta sobre um sistema de armas tão absurdo pouco antes do prazo. Revisei totalmente e entrei na antessala de Wellmann.

— Que ótimo que você já terminou — disse Frau Orff, vendo a cópia na minha mão. — Já vou lhe mandar entrar imediatamente.

Depois de telefonar para ele, Orff apontou para a porta. Eu bati e entrei. No momento em que fiz isso, vi sentado na cadeira em frente da mesa de Wellmann um homem em seus vinte e poucos anos. Ele se levantou quando entrei. Gostei desse gesto. Ele era alto, com um grande emaranhado de cabelos castanhos no alto da cabeça e uma mandíbula muito quadrada. Esguio, magro, interessante. Um homem livresco, mas alguém que, senti imediatamente, sabia um pouco mais sobre o mundo. Bonito, também. Muito bonito... Mas não muito consciente disso. Mas o que me atraiu imediatamente nele foram seus olhos. Eles eram inteligentes, atentos, mas também daqueles que irradiavam certo desamparo. Os olhos de alguém cosmopolita, mas solitário. Os olhos de alguém à procura de amor e que ainda precisava encontrá-lo.

Então ele me viu. E eu vi o jeito que ele me viu. E, senti, ele viu a forma como eu o vi. Nesse instante... Não pode ter sido mais do que alguns poucos segundos, mas pareceu muito mais tempo devido ao modo como nós mantivemos o olhar um no outro... Naquele instante, eu fui vítima de algo que só pode ser descrito como febril. Algo que eu nunca tinha sentido antes. Algo que achei desconcertante e maravilhoso e totalmente perturbador ao mesmo tempo.

Herr Wellmann nos apresentou.

Thomas Nesbitt. Seu nome é Thomas Nesbitt.

E acabo de me apaixonar por ele.

Diário dois

Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt.

Nas horas, nos dias transcorridos desde que eu o conheci, não fiz outra coisa senão repetir seu nome. Gosto de como seu nome soa. Tão sólido, tão maduro, tão americano...

Ele sorriu para mim quando saí da sala de trabalho de Wellmann. Que sorriso! Quantas coisas haveria por detrás daquele sorriso? Ou estou me enganando absurdamente? Estou projetando nesse homem (do qual nada sei) todas as possibilidades que me passaram pela mente no instante em que eu o vi, faz somente algumas horas? Quais são as verdadeiras possibilidades?

Amor. Amor verdadeiro. Algo que (eu reconheço aqui, na protegida intimidade do meu diário) não conheci nunca. Sempre me senti bem desafortunada nesse aspecto. Sem dúvida, as pessoas a minha volta que já se apaixonaram loucamente por alguém fizeram isso, em geral, pela pessoa errada. Ou por alguém que não correspondera às expectativas ou às esperanças depositadas.

Como as que eu estou depositando agora nele. Que sei dele, a não ser que é americano e que escreve? Certamente, ele deverá ter uma namorada ou inclusive estará comprometido com alguém já a ponto de casar-se ou, quem sabe, ele já esteja casado, mas não usa aliança.

Não, ele me dá a impressão de ser um desses homens que colocaria sim a aliança se estivesse casado e manifestaria claramente o seu compromisso.

Mas isso também é projetar demais minhas expectativas.

Então, é isso que se sente? Não sou capaz de concentrar-me em mais nada, exceto nele, embora talvez seja propenso a flertar com frequência e sempre se comporte com as mulheres como se comportou comigo.

Mas ele não se insinuou para mim. Simplesmente me olhou de uma maneira que era o reflexo exato do que eu estava sentindo desde o momento em que eu o vi. Ele soube. Da mesma forma que eu também soube.

Vi algo além. Vi por trás desse olhar uma solidão, uma necessidade, uma sensação de querer desesperadamente se conectar com alguém.

Mas, veja só, estou novamente projetando sobre ele o que eu penso.

Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt.

Não deixo de repetir seu nome. Como uma invocação, uma súplica, uma ladainha.

Fiquei sabendo que ele escreveu livros, ou pelo menos um livro. Mas quantos já escreveram um livro? E é um livro muito bom, apesar do que Pawel possa dizer.

Eu o vi sobre a mesa de Pawel esta manhã, quando fui entregar-lhe uma tradução. Desde o que

aconteceu semana passada (e de sua carta de desculpas), Pawel abandonou sua campanha de assédio a mim. Talvez tenha se dado conta de que agora sei quem ele é na realidade e por que não podem despedi-lo, ainda que eu esteja bastante convencida de que toda a emissora sabe há tempos, apesar de ninguém dizer nada. É uma das regras não escritas da Rádio Liberty: embora todos saibamos que ela é financiada pelo Congresso dos Estados Unidos e supervisionada pela CIA (mesmo ainda que de vez em quando recebamos visitas dos funcionários da USIA, que claramente são “agentes”), ninguém menciona nunca (exceto em voz baixa e sempre fugazmente) o aspecto de “serviço secreto” da organização. Eu penso nisso a cada momento que passo ali. Por quê? Porque não consigo deixar de pensar se estarão me vigiando. Naturalmente, depois de tantos meses, já teriam me detido se soubessem o que eu estou fazendo.

Como posso apaixonar-me quando estou vivendo uma existência dupla? Como posso pensar sequer em uma vida com Thomas, quando não posso deixar de ver Haechen duas vezes por semana?

— É bom? — perguntei a Pawel enquanto apontava para o exemplar do livro de Thomas sobre sua mesa, tentando parecer que o comentário fosse casual.

— Superficial, escrito por um autor se achando muito seguro de si mesmo e por sua vez muito empenhado em entreter — disse Pawel.

— Entreter é pecado? — perguntei.

— No comentário das orelhas do livro, diz que é “um autor de livros de viagem na tradição de Graham Greene”. Mas ele é americano demais — respondeu Pawel.

— O que você quer dizer com isso?

— Que insiste em mostrar sua erudição o tempo todo, como fazem todos os intelectuais novaiorquinos que querem informar-lhe do muito que leram. Como sua amiga Monica, obcecada em citar Proust ou Emily Dickinson na primeira oportunidade que aparece. Esse cara, Nesbitt, faz a mesma coisa: usa o Egito como uma desculpa para falar de si mesmo.

— Bem, pelo menos ele conseguiu publicar.

— Muitos escritores menos qualificados chegam a publicar — replicou Pawel. — E como um escritor de menor escalão que casualmente está vivendo em Berlim, é natural que Herr Nesbitt faça alguns trabalhos para nós.

— Você pode me emprestar o livro?

— Pode ficar com ele. Eu não preciso dele para nada. Mas, como nosso intrépido líder me designou a ele, terei que produzir o lixo dos programas que escrever.

— E como você é um grande especialista em tudo que está relacionado com lixo...

Levei o livro para casa e o devorei em uma noite. Naturalmente, Pawel havia sido o mesmo ranzinza mesquinho de sempre em suas críticas contra o livro. Era evidente por que havia lhe causado tanta inveja. Adorei o livro. Fiquei encantada que em seu conjunto tivesse a estrutura e o desenvolvimento de um romance. Fiquei fascinada pelo modo em que Thomas derivava um sem-fim de histórias interessantes de pessoas que ia encontrando pelo caminho. Gostei muito da sua forma de captar o exótico do Egito, juntamente com suas facetas mais radicalmente modernas. Mais que tudo

(nas poucas passagens em que Thomas se atrevia a falar de si mesmo de maneira pessoal, em um texto que, além de tudo, era a narrativa de um “observador desapegado”), o livro revelava que seu autor era um solitário, uma pessoa muito hábil para conseguir que os demais falassem por si mesmos, mas claramente afligido pela solidão.

Quando às três da manhã finalmente fechei o livro, duas palavras mantinham-se ocupando meus pensamentos:

Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt.

Eu não o mereço.

Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt. Thomas Nesbitt.

Já sei que não passam mais do que sonhos. E, como todos os sonhos românticos, são frutos da imaginação, não realidades.

Eu o vi rapidamente quando entrei para trabalhar, e depois mais uma vez, dentro da emissora.

Olhamo-nos fugazmente. Deus, eu tenho a impressão de ter sido muito distante, fria demais! Ele me olhou com um sorriso radiante. Como um homem apaixonado.

Vamos lá! Deixe agora mesmo de inventar coisas. Foi apenas um dos seus sorrisos bonitos e nada mais. Provavelmente ele sorri assim para todas as mulheres que vê. E você deveria ter lhe devolvido o sorriso.

Hoje chegou seu primeiro artigo! E pediram que eu o traduzisse.

Imediatamente, eu o li de cabo a rabo. Tratava sobre um dia transcorrido na Berlim Oriental, a primeira vez que passava “para o outro lado”. Logicamente, eu sentia curiosidade por suas impressões. Preocupa-me um pouco que em alguns pontos tenha insistido demais no óbvio, como na fundamental monotonia cinza do lugar. Mas eu fiquei encantada com o uso da neve como metáfora. A forma pela qual descreve Berlim Oriental em meio a uma tempestade de neve... curiosamente me fez sentir nostalgia. Isso é o que não entendem no lado ocidental e o que Thomas também não entendeu: o fato de que nós aceitamos a realidade cinza e concreta do lugar como algo que nos foi dado, o fato de que nem todos nós sonhamos com calças Levi’s e um Volkswagen novo, o fato de que, apesar de todas as limitações, é a nossa cidade, nossa sociedade e nosso mundo. Nós gostamos de suas peculiaridades, que nos impulsionam a formar comunidades e a estabelecer amizades muito mais profundas.

Também nos impulsionam a informar sobre nossos amigos.

Nostálgica? Sim. Deprimida? Sim. Cheia de emoções contraditórias sobre a conveniência de tomar a iniciativa com Thomas ou manter-me distante dele e não complicar as coisas.

Tive que ir ver Haechen nesta tarde. Como não conseguia uma ereção, me obrigou a fazer-lhe uma felação. Mesmo assim, permaneceu flácido e impotente, o que causou em mim um silencioso prazer.

— Da próxima vez, terá que fazer isso melhor — disse Haechen enquanto subia a cueca.

Eu gostaria de uivar, esbravejar, gritar e dizer-lhe que eu o acho absolutamente repulsivo.

Mas, como sempre, mordi a língua, como a criatura submissa que devo ser em sua presença. Não há nada pior que ter consciência de que uma pessoa lhe mantém em um lugar do qual não pode sair, que seu poder sobre você é praticamente absoluto.

No entanto, ele não pode impedir que eu tenha uma vida fora dessa degradação duas vezes por semana. E, até onde eu sei, tampouco me vigia.

Decidi que Thomas pode ser minha porta de escape de todo este horror. Thomas poderia fazer que essa outra parte humilhante de minha vida fosse, de certo modo, mais tolerável.

Isso, claro, caso ele esteja interessado em mim.

Mas pense nesse olhar de ontem.

Não foi mais do que um simples olhar. E não pode ser mais do que isso.

Não confia em ninguém, certo?

Por acaso deveria?

Nesta manhã decidi ser mais audaz. Levantei o fone do gancho do escritório e disquei o número que Thomas tinha escrito na primeira página do seu artigo, mas o homem que me atendeu tinha um sotaque decididamente estrangeiro. Quando eu lhe perguntei sobre Thomas Nesbitt, ele me explicou que só recebia suas mensagens e que provavelmente passaria ali mais para o fim da manhã. Eu lhe dei o número do telefone, agradeci e desliguei, sentindo-me bastante estúpida pelo telefonema. Será que Thomas pensaria que eu o estava assediando? Retornaria a ligação? Talvez tivesse ido longe demais. Como reagiria se retornasse a chamada e propusesse um encontro? Cada vez mais me preocupava a ideia de que eu não pudesse reagir normalmente se ele estivesse interessado em mim.

Eu o quero. Quero-o comigo. Mas acho que não sou capaz. Tenho medo de que tudo conspire para que eu nem sequer possa considerar a ideia de conhecê-lo um pouco mais.

E eu estou construindo tudo isto sobre algo que talvez nem sequer aconteça.

Depois, na última hora da tarde, o telefone tocou... E era ele. Agradável, entregue, solto... E talvez também com um ponto de nervosismo na voz? Conversamos um pouco. Brincou comigo sobre a razão de não possuir telefone em casa. Depois, quando eu lhe disse que tinha algumas perguntas para lhe fazer sobre o seu texto, indagou se podíamos nos encontrar para tomar um café. Em vez de responder que sim logo em seguida, tive que me colocar hesitante e estranha. Passaram-se pelo menos uns trinta segundos, até que reuni coragem e lhe disse:

— Tudo bem.

Senti-me tão idiota depois! E tão cheia de esperanças! E com tanto medo! Medo de que aconteça e medo de que não aconteça.

Ele aceitou que nós nos encontrássemos no café que eu havia escolhido. Propus o Ankara, que fica ao lado da minha casa. Fiz alguns comentários idiotas sobre o nome do bar onde ele recebe suas mensagens, que é Istambul, e lhe disse que agora ia mudar de Istambul para Ankara.

Como me arrependi de ter dito tamanha idiotice! E de minha conversa tão sem substância, como quando eu lhe perguntei se não se importava de vir para o lado ruim de Kreuzberg. Deve ter pensado que sou uma imbecil.

Essa noite quase não pude dormir, pensando, preocupando-me, perguntando-me o que aconteceria. O desejo de ser correspondido no amor é a mais calada das agonias. Tentei preparar-me em tudo, desde o cancelamento no último minuto até a descoberta de que tinha mulher e filho nos Estados Unidos e de que no próximo mês ela estaria em Berlim. Não podia aceitar a ideia de que o que eu sentia (essa força repentina e feroz) encontrasse correspondência nele. Quem se apaixonaria por mim?

Quando finalmente consegui pegar no sono, eram cinco horas da manhã e havia passado as três anteriores repassando várias vezes o texto de Thomas, assinalando os pontos que em minha opinião precisavam ser revisados. Às nove o despertador soou. Tomei um banho e me vesti, perguntando-me se o cardigã marrom e a saia verde de veludo que havia escolhido o fariam pensar que eu tentava com muito empenho parecer uma boêmia de Kreuzberg. Não sei como, mas consegui completar a jornada de trabalho e fiz o possível para chegar ao café Ankara cinco minutos atrasada em relação ao combinado. Ele já havia chegado e estava escrevendo em seu livreto, tão ensimesmado que a princípio não me viu entrar. Eu me alegrei, porque assim que eu o vi senti exatamente a mesma onda de sentimentos, a mesma sensação de que o pulso se acelerava e de absoluta certeza de que havia me inundado uns dias antes. Se eu queria uma confirmação, ali eu a tinha.

Aproximei-me da sua mesa.

— *So viele Wörter* — disse eu.

Tantas palavras.

Ele levantou a vista e sorriu. Como eu desejei lançar-me em seus braços naquele mesmo instante.

— *So viele Wörter* — repetiu ele enquanto se levantava e me estendia as duas mãos para estreitar uma das minhas.

Era a primeira vez que me tocava. Voltou a sentar-se e começamos a falar sobre seu artigo, mas ele queria saber muitas coisas sobre a minha vida em Prenzlauer Berg. Estava bem interessado em mim, e investiguei algumas coisas sobre a sua vida, como o fato de que seu pai era um homem que

não teve a vida que gostaria. E depois fez o comentário mais maravilhoso sobre minha profissão de tradutora: disse que os tradutores convertem em palavras matinais as escuras palavras noturnas. Pareceu-me muito poético para a monotonia do meu trabalho, mas fiquei encantada que quisesse demonstrar-me que valoriza o que eu faço.

E então... E então... Do nada, me disse que eu era maravilhosa. Fiquei tão desconcertada, tão intimamente perplexa, que na sequência fiz uma tremenda bobagem. Quando me propôs para irmos juntos jantar naquela mesma noite, eu lhe dei uma desculpa totalmente absurda sobre outros compromissos. Por que inventei essa idiotice? No que eu estava pensando? Eu sei muito bem. Seu elogio (quase uma declaração de amor) desconcertou-me tanto que minha primeira reação foi criar uma distração, uma desculpa, qualquer coisa para distanciar-me um pouco. E quando essa estupidez sobre outro compromisso saiu de minha boca, quis desdizer em seguida e responder-lhe que sim, que estava livre, mas temi que me considerasse emocionalmente instável. Entretanto, em seguida... Deus meu, que alívio! Perguntou-me se eu estava livre no dia seguinte. Tentei conservar a calma e lhe disse que sim.

Quando estávamos na rua, fiz algo terrivelmente impulsivo. Eu o atraí para mim e lhe plantei um beijo nos lábios. Mas imediatamente me separei dele, antes que eu ficasse louca. Eu o desejava tanto, tanto, ali mesmo, naquele instante! Quando me afastei, ele me esticou a mão e disse:

— Nos vemos amanhã.

Em seu olhar, pude ver que estava tão deslumbrado quanto eu.

Merda, merda, merda.

Depois de despedir-me de Thomas, voltei para casa e sozinha comi uma triste *tortilla francesa*, melhor dizendo, uma omelete fininha recheada no formato de um pastel arredondado, mas pensando o tempo todo que poderia estar com ele. Todavia, estava furiosa comigo mesma por ter recusado o seu convite para jantar, mas também me perguntava (tendo como base do questionamento aquele beijo furtivo) se ele não me consideraria uma vagabunda da pior classe.

Merda. Merda. Merda.

Não deixo de ver seu rosto diante de mim. Não deixo de recordar quão brilhante e culto é, em tudo o que sabe dos escritores da RDA, no quão interessado e curioso parecia, nessa vulnerabilidade e nessa solidão que voltei a ver no seu olhar. Como eu teria adorado dizer-lhe que o amo e que, se ele permitir, o farei sentir menos só no mundo e que pode confiar em mim.

É verdade que pode confiar em mim. Totalmente. Exceto no assunto relacionado...

Eu sabia que tinha que ir ao Der Schlüssel naquela noite para saber onde seria o próximo encontro com Haechen. Deixei-me cair por ali. Pedi o de sempre: vodca e cerveja. Otto, o garçom, é um sujeito corpulento, cheio de tatuagens, com a cabeça raspada e uns *piercings* enormes que estão esticando os lóbulos das orelhas. Então, alguns minutos depois, fui ao lavabo e...

Merda. Merda. Merda.

No cartão que ele me deixou, estava o endereço de um hotel em Wedding e dizia que queria me ver no dia seguinte às dez.

Merda. Merda. Merda.

Tenho que estar com Thomas.

Mas e se eu não me apresento na “reunião” com Haechen...

Uma vez mais passei a noite sem dormir. Telefonei para o trabalho e disse que estava doente. Passei o dia inteiro morrendo de preocupação. Nós havíamos combinado um encontro em um restaurante italiano perto da minha casa, um lugar simples onde eu já havia jantado poucas vezes antes. Ficamos de nos encontrar às oito, o que me deixava apenas setenta e cinco minutos para estar com ele, antes de...

E se eu não fosse ao hotelzinho barato onde então estaria hospedado Haechen? E se por acaso eu resolvo simplesmente não aparecer? O que ele poderia fazer comigo? Qual seria a sua vingança?

Eu conhecia a resposta. Agiria sem o mínimo de piedade, como sempre disse que faria. Eu tinha que arranjar um plano, uma ideia de como escapar por algum momento de meu encontro com Thomas... mas eu deveria fazer de uma maneira que...

Não podia perdê-lo. Não queria perdê-lo.

Entrei no restaurante e o vi, sentado com o livreto aberto sobre a mesa, com a mesma caneta-tinteiro que usa sempre, a cabeça baixa e total concentração. O desejo que senti por ele nesse momento foi devastador. Levantou o olhar e me recebeu com um maravilhoso sorriso de boas-vindas, mas eu me dei conta de que notava o meu cansaço e as olheiras que sem sucesso eu tinha tentado dissimular com maquiagem. Tentou beijar-me nos lábios, mas eu lhe dei o meu rosto e ofereci a bochecha, furiosa comigo mesmo por fazer-me distante. O que ele iria pensar depois da véspera, quando eu o havia beijado com tanta paixão? Quando eu me sentei, de repente senti-me terrivelmente esgotada. Na hora, acusei a falta de sono e temi que as contradições que faziam estragos em meu interior encontrassem uma maneira de manifestar-se. Porém, logo em seguida começamos a conversar. Eu o fiz falar do seu livro sobre o Egito e consegui que me contasse alguns detalhes sobre o casamento de seus pais e as razões pelas quais preferia não revelar muito sobre si mesmo em seus livros e contar as histórias dos outros. O que eu havia intuído sobre ele (sua infância solitária, a necessidade de esconder-se para sentir-se protegido e os pais que eram infelizes e por isso não eram capazes de valorizar seu filho, interessante e diferente) saiu na conversa com Thomas. Era fascinante ver como nós dois tentávamos nos conhecer e comprovar que ambos tínhamos mais interesse em ouvir a história do outro do que contar a própria. Havia uma autêntica comunicação... E uma compreensão tácita de que nós dois possuíamos experiência em primeira mão das grandes decepções da vida, pais pouco apreciativos ou um marido com quem não havia nenhuma perspectiva de futuro

em comum, o que deveria ser um dos componentes essenciais do casamento. Mas agora vejo com desesperada clareza que a minha união com Jurgen nunca fora um casamento autêntico. Inclusive cheguei ao extremo de revelar para Thomas algo que nunca havia contado para ninguém em toda a minha vida: o modo pelo qual os pais da minha amiga Marguerite foram degradados pela Stasi (tenho certeza) depois de eu contar para meus pais que tinha visto televisão ocidental na casa de campo deles, perto da fronteira com a República Federal, e a profunda culpa que senti por ter causado um problema tão terrível para o pai e a mãe de Marguerite. Thomas não podia ter sido mais compreensivo nem tão amável. Quando cobriu minha mão com a dele, eu não a retirei, mas queixei-me de que ele fosse tão razoável e compreensivo. E ele, em vez de ofender-se, pegou a minha outra mão e disse o mesmo que no dia anterior: que eu era maravilhosa. Nunca ninguém havia me dito tal coisa, nem meus pais, nem um namorado, tampouco um amigo. Propus que pedíssemos outro meio litro de vinho, porque sua bondade me perturbava demais e porque tudo o que ele estava me dizendo, sua incrível conexão comigo, o modo pelo qual parecia beber cada uma das minhas palavras e sua forma de olharme fizeram que eu compreendesse que estava apaixonado por mim. O pânico em meu interior ia aumentando minuto a minuto e, com ele, a sensação de que, se eu me entregasse para Thomas, nunca me perdoaria de tê-lo traído com o homem que nesse momento controla a minha vida. Não queria viver uma mentira, mas também sabia que agora Thomas era tudo para mim.

Quando a conversa chegou nesse extremo (quando nós dois reconhecemos que, de fato, isto era tudo para nós), de repente eu me surpreendi dizendo a Thomas que tinha que ir embora, que ele tinha de me deixar prontamente e poupar-se de tanta dor. Ele me olhava com expressão incrédula, enquanto eu não deixava de repetir que não podia ser, que tinha de afastar-se de mim imediatamente. Mas então soltei o que queria dizer-lhe desde o primeiro momento em que entrou na minha vida:

— *Ich liebe dich.*

E saí correndo, fugindo.

Corri pela rua acima em direção à avenida e tive sorte, porque em seguida vi um táxi livre. Chamei-o e subi, exatamente no momento em que vi Thomas correndo atrás de mim. Eu dei ao motorista o endereço de Wedding e me joguei no assento, chorando desconsoladamente. Não parei de chorar até que o táxi se deteve diante da fachada imunda do hotel. O lugar era horrível. Fiquei um bom tempo no táxi sem me mover. Honra seja feita ao taxista, devo afirmar que não pediu que eu me mexesse e saísse do veículo. Simplesmente parou o taxímetro e esperou até que estivesse pronta para ir embora. Eu não estava pronta, mas não tinha outro remédio senão sair, subir as escadas e ver mais uma vez aquele monstro. Quando peguei a bolsa e perguntei ao taxista quanto eu lhe devia, ele me disse:

— Nada.

Comecei a chorar de novo, diante do seu espontâneo ato de generosidade, e então ele acrescentou:

— Somente diga que sim e eu a levarei para longe disso tudo. Eu a levarei para onde você quiser ir.

— O senhor é muito amável — sussurrei, mas em seguida saí do táxi.

Dirigi-me com passo hesitante para a recepção do hotel, onde um homem com aspecto triste atendia ao balcão. (Em nenhum dos hotéis onde me vejo obrigada a encontrar-me com Haechen, nunca vi nenhum recepcionista com o aspecto, nem que seja medianamente, feliz, e naturalmente eu não os culpo.) Quando mencionei o nome de Haechen, me respondeu com uma voz monótona:

— Quarto trezentos e seis.

O de sempre. Haechen com sua camiseta puída e suas cuecas manchadas. Eu lhe perguntei por que tínhamos que nos reunir tão tarde.

— Porque não podia ser mais cedo — essa foi a sua resposta.

Ordenou-me que tirasse a roupa.

— Eu estava com uns amigos... — disse eu.

Limitou-se a encolher os ombros e replicou:

— Quanto mais rápido tirar a roupa, mais rápido voltará a ficar com seus amigos.

Desta vez a degradação caiu um pouco mais, porque insistiu em beijar-me na boca e eu senti seu hálito acre, o sabor de cerveja barata que deve ter passado o dia bebendo, as quatro décadas que inalava seus cigarros, a dieta gordurosa com que certamente subsiste e, sobretudo, sua suprema malvadez. Enfiou a língua na boca da mesma forma que mete seu patético pênis em meu interior, por um lado como um matador diabólico, por outro profundamente inseguro que é, um homem que sabe perfeitamente (eu intuo isso) que é qualquer coisa menos um homem, mas que está disposto a usar seu depreciável poder para que uma mulher seja involuntária receptora de toda a sua ruindade. Será que ele sabe, lá dentro, ou será um desses seres profundamente amorais que desenvolveram todo o tipo de mecanismo animal inato que lhes permite ocultar qualquer reflexão sobre si próprios?

Por sorte, não teve problemas de ereção, assim sendo havia acabado em poucos minutos. Vesti-me. Joguei-lhe os quatro rolos novos de filmes, pensando com sensação de culpa que entre muitos documentos havia fotos da minha tradução do artigo de Thomas sobre sua primeira visita a Berlim Oriental. Será que eles o deteriam na fronteira na próxima vez que tentasse percorrer a cidade somente por minha culpa? Por que tive que incluir seu artigo? Porque Haechen me havia dito que “eles” escutavam a Rádio Liberty o tempo todo. Há gente escutando dia e noite, pessoas que sabem que agora sou a principal tradutora, o que significa que provavelmente todos os textos de qualquer autor não alemão terão sido traduzidos por mim. E Haechen me havia dito em tom muito ameaçador que “irão se irritar muito se escutarem algo na rádio para o qual não estejam preparados de antemão”. Em outras palavras: “Dê-lhes tudo o que passar por sua mesa”.

Em todo caso, Haechen pareceu satisfeito por eu ter levado o dobro de rolos que habitualmente. Deu-me vários novos e me disse o que sempre me dizia ao fim de nossas “sessões”:

— Agora vá.

Caía uma tempestade de neve quando saí para a rua. Não me importei. Fui para casa e passei meia hora debaixo do chuveiro, tentando apagar até o último vestígio de Haechen. A ideia de enfiar-me na cama naquele momento me pareceu impossível. Por isso me vesti apressadamente e saí para a noite. Caminhei durante horas, sem rumo, sem saber para onde ir. Entrei em quatro bares pelo

caminho, para fumar um cigarro e beber um copo de vodca, enquanto dizia a mim mesma o tempo todo que devia voltar para casa, deixar o mundo atrás de um bater de portas e chorar em silêncio por tudo o que poderia ter acontecido com Thomas, tentando racionalizar comigo mesma que isso era o melhor.

Mas eu sabia o endereço de sua casa, porque ele mesmo o havia datilografado na primeira página do seu artigo. Quando passei em frente ao posto de controle fronteiriço de Heinrich-Heine-Strasse, ensopada pela persistente tempestade de neve, não pude deixar de pensar em Thomas e que Johannes estaria profundamente adormecido a tão poucos metros de onde eu me encontrava. Essas duas ideias me deixaram num estado tão devastador que comecei a correr de forma instável pelo chão molhado, já tarde da noite, a vodca que havia bebido, o turbilhão emocional da madrugada e o fato de que, assim que dobrei a esquina da Meriannenstrasse, me vi correndo diretamente para a sua porta, certa de que ele a abriria e...

Demoraram uns três minutos para ele descer a escada. Parecia que estava dormindo, mas seus olhos se encheram de assombro e (sim, também) de alívio quando me viu.

— Tenho... Frio — disse-lhe, deixando-me cair em seus braços.

E, enquanto ele me abraçava, eu lhe sussurrei:

— Não deixe nunca que eu vá embora.

Escrevi tudo o que me veio à cabeça assim que cheguei ao meu apartamento pela manhã. Corri o risco que nunca havia corrido no passado: fui até o porão para buscar o meu diário durante a luz do dia, para poder escrever tudo isso antes de ir trabalhar e de regressar mais tarde (Graças a Deus!) para a casa do Thomas. Fechei as cortinas do meu quarto para que ninguém me visse escrevendo. E assim que terminar de anotar meus pensamentos, o diário voltará para o porão e irei em seguida para o trabalho.

Mas primeiro...

Sexta-feira à noite. Não sei que horas deveria ser quando cheguei à porta da frente do prédio de Thomas. A única coisa que eu sei é que fazia frio e eu estava tremendo, mas estava totalmente decidida a estar ali, a dizer-lhe que o amava, a cair com ele na cama e a suplicar-lhe que não me deixasse nunca mais ir embora.

Quando subimos a escada, deitando na cama em questão de minutos, e quando o senti dentro de mim pela primeira vez... Soube uma vez mais que aquele era o homem da minha vida. Nunca tinha experimentado com ninguém uma intimidade tão extraordinária (não há outra palavra para descrever). Sim, houve um cara com quem eu saí durante uns dois anos, quando estava na universidade, um estudante de direito chamado Florian, com quem o sexo era fantástico. Mas não havia amor entre nós e, sem dúvida, essa primeira vez com Thomas foi pura e exclusivamente um ato de amor. E também foi assim na segunda, terceira, quarta, quinta vez... Perdi a conta de quantas vezes nós fizemos amor e da frequência com que nos empurramos mutuamente na cama para ficarmos

juntos. O que eu sei, sim, é que não deixamos de dizer que nos amamos e em nenhum momento paramos de nos olhar nos olhos, com essa devastadora sensação de certeza que sempre está presente. Em algum momento daquela primeira noite, antes de cair no sono, me desculpei profusamente com Thomas por ter fugido daquela forma do restaurante, e ele foi tão amável e tão compreensivo que não demorou nada para que eu caísse em seus braços e adormecesse profundamente.

Quando acordei, já era de manhã. Thomas deve ter se levantado antes, porque toda a minha roupa molhada estava pendurada nos aquecedores, secando. Meu amor estava na cama, profundamente adormecido. Fiquei sentada na cama ao seu lado e, durante vários longos e maravilhosos minutos, eu o estive olhando, acariciando seu cabelo, contemplando o ritmo de sua respiração, pensando em quanto ele é bonito, desejando com toda a minha alma compartilhar a vida com ele, prometendo-me que conseguiria encontrar uma maneira de sair dessa situação com... Não, não quero mencionar o nome dele aqui.

Levantei-me e pela primeira vez dei uma olhada cuidadosa em seu apartamento. Muito limpo, espaçoso, organizado e simples, mas por sua vez urbano, de uma maneira que eu só havia visto antes em revistas. E, naturalmente, não tem móveis caros, nem um aparelho de som enorme, nem um televisor grande (de fato, não tem nenhum televisor). As paredes são branquíssimas, todos os móveis estão lixados para que se veja a madeira original e tudo parece estar exatamente no seu lugar. Olhando ao redor (ao ver que todos os pratos, os copos, os livros e os discos estão perfeitamente ordenados e empilhados em suas devidas estantes e armários, que toda a sua roupa está pendurada em cabides de madeira no guarda-roupa e que seus sapatos parecem recém-engraxados e lustrados), meu primeiro pensamento foi: *Ele já tinha me dito que seu pai havia sido militar*. Mas também senti que essa necessidade de ordem era uma forma de proteger-se, a mesma proteção que encontrou quando o deixaram ir pela primeira vez à biblioteca. Quanta recordação tem essa história! Quando ele me contou, fiquei com a sensação de que eu o amava ainda mais e senti que também nisso havia uma conexão entre nós, porque nós dois tínhamos conhecido o mesmo tipo de tristeza de possuir uma família estranha e de não ter nunca se conectado verdadeiramente com alguém. Por isso, não podia deixar de pensar: *Os deuses sorriram para mim uma segunda vez. A primeira foi com o nascimento de Johannes. E agora...*

Quando fui até a cozinha e comecei a procurar algo na geladeira, em seus armários e em sua despensa (tudo bem abastecido e perfeitamente organizado), me surpreendi fazendo algo que não fazia desde que estava em casa com Johannes: cantarolar uma música.

Creio que era uma canção de Schubert, *An die Musik*, que conheci graças a Jurgen (devo lhe dar o crédito merecido). Preparei o café e pus na mesa pão, manteiga, mel, geleia de laranja e tudo o mais que encontrei. Depois, inesperadamente, Thomas apareceu ao meu lado e começou a beijar-me, tirou o roupão que eu estava vestindo, que eu havia encontrado pendurado ao lado do chuveiro, e me levou de novo para a cama.

Desta vez foi ainda mais intenso e mais concentrado, mais erótico do que antes. E voltamos a falar de quão revolucionário (palavra exata usada por ele) era tudo aquilo para nós dois... E que não permitiríamos que falhasse ou se estragasse... E que nós dois tínhamos recebido a maior surpresa de

nossas vidas...

Não saímos do apartamento. O senhorio de Thomas teve um breve encontro com o amante turco e então eu conheci a fascinante história desse homem chamado Alastair, que é *gay* e viciado em heroína e que foi encontrado à beira da morte por Thomas, que teve que levar o homem rapidamente ao hospital para salvar-lhe a vida, embora tenha sido modesto sobre tudo isso e também a respeito do fato de que, juntamente com o amante de Alastair, ambos limpavam e pintavam todo o estúdio, que havia ficado completamente ensanguentado. Eu lhe falei em linhas gerais sobre o meu casamento e lhe contei um pouco o que isso havia representado para mim. Comemos nosso primeiro jantar totalmente juntos (massa com molho de tomate e anchovas) e, para ajudar, ele inclusive tinha queijo parmesão autêntico na geladeira. Mostrei-lhe meu pequeno talento para o origami e falamos, falamos e falamos sem parar. A experiência foi quase tão eletrizante quanto havia sido a paixão física, porque a conversa, quase sempre em alemão (por insistência de Thomas), fluía entre nós não apenas com facilidade, senão com o mesmo tipo de intensidade, ardor e (sim, e por que não?) deleite que caracterizava nosso relacionamento.

Tenho de dizer que o dia de ontem talvez tenha sido o mais feliz da minha vida. Porque (agora eu sei) nunca havia conhecido o amor antes deste momento. Nunca o havia conhecido completamente.

E então, de maneira imprevisível, me pediu que eu fosse viver com ele. Deu-me uma chave e me disse que levasse minhas coisas para sua casa no dia seguinte. Eu me senti tão feliz e tão exasperada por tudo que a única coisa que consegui dizer foi:

— Você tem certeza?

Quando me respondeu que sim, eu lhe disse que levaria parte de minhas coisas no dia seguinte... Uma vez mais, movida pela precaução. Mas também tive medo de que, se deixasse o local onde vivo (o que teria gostado muito de fazer imediatamente), Haechen ficaria sabendo e isso seria o princípio do fim.

Mas o importante era que iria viver com o homem que eu amo. Faz apenas uns dias estava pensando em atirar-me do alto de um arranha-céu. A capacidade de horror que a vida nos causa fica compensada pela possibilidade do maravilhoso.

Hoje eu estava com medo de ir trabalhar. Não queria sair nunca do apartamento de Thomas, nem de sua cama. Não posso suportar a ideia de ter que entrar no Der Schlüssel esta noite e encontrar o bilhete que Haechen terá deixado para informar-me o local onde quer trepar comigo da próxima vez. Fico horrorizada de ter que passar a hora do almoço fotografando documentos em segredo no porão da rádio. Tenho que encontrar uma maneira de sair disso tudo. Preciso impedir que isto destrua o incrível presente que é amar Thomas e ser correspondida.

Hoje nós despertamos cedo, fizemos amor lentamente e com uma incrível concentração que não podíamos deixar de nos olhar nos olhos.

— Quero começar assim todas as manhãs — eu lhe disse depois, e ele me assegurou que será assim que ele sempre me despertará.

Antes de sair para encarar o mundo que não queria enfrentar, eu disse a Thomas que tive muita

sorte. E a sorte (como pude descobrir) é a grande variável existencial da vida. Pode vir de cara ou pode nos eludir por completo. Até mesmo quando Johannes nasceu, eu ainda precisava lidar com o fato de que tinha que viver com um homem que não me amava e que não desejava compartilhar comigo as responsabilidades e os prazeres da paternidade. Agora estou com um homem que me diz que quer compartilhar tudo comigo. A questão é esta: posso aceitar finalmente a felicidade? Posso considerar que eu a mereço? Posso aferrar-me à felicidade e permitir-me não afastá-la de mim, não deixar que ela desapareça?

Faz muitas semanas que não escrevo aqui, sobretudo porque não tenho ficado muito tempo em casa. Já levei a metade dos meus pertences no mesmo dia em que fiz meus últimos registros aqui. E desde então...

Felicidade.

Eu disse algo a respeito para Thomas faz pouco tempo.

— A felicidade existe — disse-lhe.

Pela primeira vez em minha vida, começo a acreditar nela, de verdade. Antes, sempre havia encarado a felicidade como algo parecido com uma faca de dois gumes, na melhor das hipóteses: a maravilha de ter um filho como Johannes e, ao mesmo tempo, viver com a aflição de ter um desastre de marido como Jurgen.

Mas agora com Thomas... Tenho de verdade a sensação de fazer parte de um projeto compartilhado de vida, de amar as mesmas coisas, de sermos amigos íntimos.

Dia após dia, não vejo a hora de chegar em casa para estar com ele. Quero senti-lo todo o tempo dentro de mim. Quero dormir em seus braços. Quero me sentar em frente a ele à mesa da nossa cozinha (sim, eu já me acostumei a dizer “nossa”) e falar sem parar. Adoro conversar com ele sobre livros, ir ao cinema com ele ou simplesmente viver a vida doméstica ao lado dele. Também nos cuidamos muito mutuamente. Quase todas as semanas, Thomas leva minha roupa para a lavanderia e eu quase sempre levo o café da manhã na cama para ele antes de sair para trabalhar. Amo esses detalhes compartilhados. E adoro a pessoa boa que ele é, sua decência e o tanto que ele quer o melhor para mim, o melhor para nós dois. *Tenho muita sorte*, digo a mim mesma. Muitíssima sorte.

Finalmente, Alastair voltou do hospital. Como Thomas havia me falado tanto dele (e como eu já tinha visto Mehmet duas ou três vezes quando ele esteve em casa), sentia uma curiosidade natural por saber como seria esse personagem tão extravagante. Thomas havia me contado que seu senhorio voltaria para casa desintoxicado e limpo da heroína, depois da agressão que quase levou sua vida embora. Também havia me advertido de que era um pouco brusco em sua forma de falar e que provavelmente estaria “em um estado de profunda misantropia”, ou seja, num estado de fobia social

por causa de sua abstinência de drogas.

Mas o que me surpreendeu imediatamente ao conhecer Alastair foi que, por debaixo da pátina da pessoa *blasé*, de um sujeito entediado da vida, ele é acima de tudo um cavalheiro e, além do mais, muito inteligente e divertido. Obviamente, tem uma opinião nada menos do que a melhor a respeito de Thomas, e não só porque lhe salvou a vida. Eu gostei muito quando o conheci e, além disso, entendo que sua coragem é admirável. Thomas me contou que o sujeito que tentou matá-lo também destruiu os quadros que estava pintando.

Apesar de tudo, Alastair se pôs a trabalhar de novo, um ou dois dias depois de sair do hospital. Todas as manhãs, quando desço para ir à Rádio, eu paro por um instante para ver as pinturas que estão “em andamento”. Thomas tinha razão quando disse antes de Alastair retornar que ele é um pintor verdadeiramente maravilhoso. Ao observar o desenvolvimento incipiente (adoro essa palavra) dos quadros novos (já que Alastair insiste em que não está tentando reproduzir as pinturas destruídas), não posso deixar de pensar que é um pintor com uma capacidade única para jogar com as cores, as dimensões e os conceitos de luz, e o faz de uma maneira tão assombrosa que me enche de admiração. Thomas escreve maravilhosamente. Alastair tem um incrível talento inato. E eu? O que eu posso oferecer?

Alguns dias depois de conhecer Alastair, nós nos encontramos casualmente na rua quando eu voltava para casa vinda da Rádio. Para meu espanto, ele me convidou para tomar uma cerveja. E quando nos sentamos, Alastair me contou que “seu amigo” Mehmet já não queria mais vê-lo, que a relação entre eles havia se acabado definitivamente e que aquela separação o afetou muito mais do que ele esperava. Então (conversamos em inglês) disse uma coisa que para mim pareceu extraordinária:

— Não é próprio de minha pessoa entrar em devaneios e exageros românticos, mas quero que saiba que você é a melhor coisa que aconteceu para Thomas em toda a sua vida. Sei com toda certeza que ele a adora. Por isso, espero que os dois mantenham o sangue frio e que consigam perceber o quanto isso é *bloody rare*.

Bloody rare. Naturalmente, eu tive que anotar para depois procurar no dicionário. É uma referência em relação a um grau de cozimento da carne assada: vermelha por dentro, até o ponto de parecer ensanguentada (*bloody*). Mas também significa excepcional, pouco comum, singular, único. São sinônimos que me encantam.

Bloody rare. Assim somos nós.

Na outra noite aconteceu algo incrível. Thomas insistiu (da maneira mais doce possível) que fôssemos ver um dos seus filmes favoritos: *Se meu apartamento falasse*, de Billy Wilder. Estava passando no Delphi. Um filme fantástico. Irônico, engenhoso... Adorei que o diretor (um vienense que começou sua carreira como jornalista e roteirista em Berlim e depois emigrou para os Estados Unidos) tivesse assimilado totalmente a sensibilidade norte-americana, mas conservava ao mesmo

tempo a veia sarcástica tão própria de Berlim. Seu lado corrosivo se manifesta na crítica do ambiente das empresas norte-americanas, mas, além de tudo, se vê sua faceta humana quando mostra que as pessoas insignificantes também têm histórias pessoais complexas. Eu gostei muito do filme, adorei vê-lo com Thomas e me fez pensar como seria maravilhoso vivermos juntos em Nova York. Eu poderia encontrar trabalho como tradutora ou professora. Poderíamos alugar um apartamento. Quem sabe ter um filho, e isso talvez me aliviasse a dor de...

Não. Essa pena, essa dor não se aliviará nunca. Sempre estará aqui, como uma mancha que nunca se remove e continua sempre tingindo tudo.

Mas talvez eu possa aprender a viver com essa mancha. Talvez não tenha outra opção. Quem sabe eu soubesse disso desde o começo. No melhor dos casos, Thomas (e a vida que poderemos ter juntos) é o antídoto que por fim me permitirá viver com esse pesar constante.

Ainda assim... Depois de ver o filme, eu estava no melhor humor possível.

E então, imprevisivelmente, Pawel apareceu. Estava entrando no cinema enquanto nós saíamos e abriu muito os olhos cheios de espanto quando nos viu. Eu me dei conta de que ele tinha bebido. Pawel nos cumprimentou com uma careta depreciativa e fez um comentário desagradável sobre a falta de talento dos dissidentes para viver na clandestinidade. Thomas disse que parasse, mas ele continuou. E quando criticou o que Thomas escreve, eu o chamei de “gentalha, ralé”. Então ele me respondeu que eu era nada mais do que uma medíocre que...

Antes que ele pudesse terminar a frase, Thomas lhe deu um belo de um soco. Muito forte. No estômago. Pawel se dobrou e nós dois saímos com toda pressa dali.

Fiquei surpresa, perplexa e (concordo, eu reconheço) encantada de Thomas ter me defendido dessa maneira. Então disse a Thomas que, embora não goste de falar sobre a minha vida íntima no escritório, se correr o rumor de que estamos ficando juntos, eu direi a todo mundo a verdade: que ele é o homem a quem eu amo.

Naturalmente, fui trabalhar na segunda-feira convencida de que todos lá na emissora já estariam a par do acontecido, uma vez que Pawel é conhecido como fofoqueiro. Supus que ele pudesse ter deturpado completamente a história para que parecesse que Thomas havia batido nele sem motivo algum. Mas acabou que Pawel esteve vários dias afastado do trabalho por doença. Quando eu o vi pela primeira vez depois daquilo, o sujeito se comportou como se nada tivesse acontecido e se limitou a me dar um bom-dia quando nos cruzamos no corredor. Tampouco havia tentado qualquer coisa comigo desde que Monica falou para Wellmann sobre a sua conduta. Porém, desde que isso aconteceu, ele se tornou distante, cortês e completamente profissional em seu trato com relação a mim.

Os cafajestes sempre se acovardam quando são desafiados. Ou quando alguém lhes dá um belo soco.

Ontem à tarde aconteceu uma coisa horrível, verdadeiramente horrível. Fui ao meu encontro habitual

com Haechen e, quando cheguei à porta, ele me pegou pelo braço e o retorceu com tanta força para trás das costas que comecei a gritar. Então me disse que quebraria meu pescoço se eu voltasse a chiar e me informou que estava sabendo da minha relação “com o americano”. Senti uma onda de pânico. Retorceu-me ainda mais o braço, com tanta força que pensei que o quebraria.

— Você acreditava seriamente que poderia ocultar isso de mim? — cuspiu Haechen. — Você acreditava mesmo nisso, sua puta barata?

Eu chorava tanto que não conseguia falar. Então ele me derrubou na cama, levantou minha saia, arrancou minha calcinha e...

O tempo todo passou me agarrando pelo pescoço com as mãos. Terminou logo em seguida, como sempre. Quando acabou, subiu as calças e me deu um soco no estômago. Encolhi-me como uma bola, chorando com tanta força que era impossível falar. Mas eu o ouvia dizer-me:

— Você merecia que eu lhe partisse a cara, mas isso deixaria sinais visíveis. E, além do mais, fui obrigado a informar sua grave insubordinação (outra de suas traições) aos nossos amigos do outro lado. Eles estão muito desgostosos com tudo isso. Naturalmente, sua traição compromete completamente qualquer possibilidade de recuperar Johannes.

— Eu deixarei de vê-lo — sussurrei entre soluços. — Eu farei o que você me pedir. Por favor, permita-me...

— O quê? Redimir-se?

Assenti.

— Por que iria confiar em você? — perguntou Haechen.

— Sempre fiz tudo o que você pediu e tenho trazido tudo o que você tem me encomendado — respondi.

— É verdade. Porém, você se enfiou na cama com um americano e tentou esconder isso de mim. E, a esta altura, já deve ter compreendido que nosso ofício é saber de tudo.

— Eu sei...

— Por isso, também sei que está bastante envolvida com esse sujeito, apaixonada inclusive. O quanto você ama seu filho? Está disposta a sacrificá-lo pelo seu escritor norte-americano?

Neguei com a cabeça.

— Essa é a resposta que eu estava esperando. A propósito, não vou pedir que deixe seu amante norte-americano. Ainda não. Mas você deve torná-lo útil para nós. E se você se negar...

Depois disso, dei algumas voltas pela rua. Minha vontade era ir contar tudo para Thomas. Estava certa de que ele entenderia, de que seu amor por mim...

Não. Seria pedir demais. Ele se sentiria muito traído.

Mas agora eu sabia que Haechen (ou alguém que trabalha para ele) me seguia em todos os

lugares, o tempo todo.

O que eu faço? Que conduta deveria escolher, moralmente?

Não há saída. Estou a ponto de perder tudo.

Thomas tinha saído para ir assistir a um concerto. Cheguei em casa, tirei os restos da calcinha que Haechen tinha arrancado e tomei um longo e abrasador banho. Quando Thomas entrou, eu já havia conseguido, como sempre, varrer tudo o que sentia (raiva, fúria, medo) para esse canto escuro que só eu conheço. Em seguida, peguei Thomas pela mão e o levei para o quarto. Fizemos amor. Tinha tanta angústia acumulada que me comportei com mais ardor inclusive, mais do que o costume e soltei um grito quando cheguei ao orgasmo. Depois me acocorei na ponta da cama, desejando poder contar tudo para Thomas. Ele me rodeou com seus braços e me perguntou se algo estava errado.

Tudo, pensei, mas não disse nada.

Só consegui dizer que eu o amava, fechei os olhos e fui dormir. Mas não fui capaz de dormir a noite toda. No meio da madrugada, eu me levantei, fui até a cozinha, me servi de um copo de vinho tinto, fumei vários cigarros e finalmente encontrei a solução que estava procurando para mim, para minha vida em xeque. Para executar o plano, terei que esperar o momento certo. Antes que faça minha jogada, tudo terá que estar em seu devido lugar, porque quando eu a fizer, será irrevogável. Enquanto isso, eu terei de deixar passar o tempo (e fazer tudo o que me peçam) até que chegue o momento.

E, quando tomei a decisão (quando compreendi que minha vida poderia ter uma saída), uma espécie de calma se apoderou de mim. Quando encontramos uma solução para o insolúvel, também temos esperança.

Em nosso encontro seguinte, Haechen não me bateu. Quando me beijou, meus lábios não se retorceram de horror. Ao contrário, eu lhe devolvi o beijo e balancei com toda audácia a minha pélvis para que ele gozasse com mais força.

Ele percebeu e, quando terminou, me disse:

— Quer dizer que você decidiu ser uma boa garota?

— Farei tudo o que você me pedir, por meu filho e por minha pátria — disse eu.

Pareceu acreditar.

— Você pode demonstrar seu patriotismo convencendo seu amante a fazer um pequeno trabalhinho para mim. Naturalmente, ele nunca saberá qual será a mão que o dirige. Você acredita ser capaz de convencê-lo a pegar algumas fotografias de seu filho na casa de sua amiga Judit?

Nessa noite, revelei para Thomas que tenho um filho. contei-lhe toda a história e ele a escutou num assombroso silêncio, do começo ao fim. Não acrescentei nada. Não exagerei no horror para tentar ganhar sua compaixão. Em nenhum momento chorei, ainda que contar tudo de novo me deixasse várias vezes à beira do choro. Eu simplesmente lhe contei os fatos, incluindo a descoberta de que minha grande amiga Judit havia me traído. E lhe disse que a vida sem Johannes era o mesmo que estar morta.

Thomas não poderia ter reagido de forma mais maravilhosa. Disse que agora ele me entendia muito melhor e que não acreditava que ele mesmo pudesse suportar tudo o que eu havia suportado.

Eu lhe contei que vários meses antes tinha recebido uma carta da minha amiga Judit, que alguém havia trazido por contrabando, na qual ela me dizia que se sentia destruída por ter me traído, me pedia perdão e me informava que tinha uma série de fotografias que me pertenciam. Thomas se ofereceu imediatamente para ir a Berlim Oriental, bater à sua porta e recuperar as fotos. Eu me senti tão culpada quando lhe disse isso! Porque não havia nenhuma carta de Judit. Eu sabia que teria as fotos apenas porque Haechen me havia dito que “sua gente” as levaria para a casa dela nesta semana e lhe instruiria sobre o que deveria dizer quando Thomas aparecesse em seu apartamento.

— A única coisa que o americano terá que fazer é trazer umas vinte fotografias — disse-me Haechen. — Eu ficarei com a metade, e a outra ficará com você. Viu só? Ainda sairá beneficiada em mandar seu namorado nesta expedição. Finalmente poderá ter algumas fotos de seu querido filho e, creia-me, a República ficará profundamente impressionada com sua ajuda. Para você, poderia ser o ponto de inflexão que espera.

Mas depois, enquanto o meu amado Thomas me dizia que iria pegar essas fotos e insistia que tinha que fazer isso, minha culpa não conhecia limites. Como pude fazer isso com ele? Como poderia envolver o homem que eu adorava num assunto tão sujo e cheio de sombras?

No entanto, quando o pânico ameaçava cegar-me, um grito dessa voz que raciocina em meu interior o neutralizou. A voz disse: *Faça o que tiver que ser feito para sobreviver nas próximas semanas. Depois tudo se ajustará e estará livre para sempre.*

Então, depois de fingir-me muito resistente para que ele fosse, finalmente lhe disse que sim e que ficaria imensamente agradecida se fizesse uma visita para Judit.

Thomas saiu nesta manhã para o Checkpoint Charlie. Eu lhe dei um forte e longo abraço antes que fosse e pedi que tivesse muito cuidado. Embora Haechen tivesse repetido para mim ontem que não devo me preocupar com a segurança de Thomas e que para eles mesmos lhes interessa que sua viagem para Berlim Oriental transcorra sem incidentes, eu não acreditei em uma só palavra daquele homem. Haechen é um indivíduo cuja vida inteira foi construída sobre engodos, mentiras e falsidades e que controla os demais por meio de chantagem, extorsão ou ameaça de danos físicos. Por isso,

como vou saber que tipos de jogo pretendem jogar com Thomas?

Porque eles são da Stasi. E suas normas desafiam toda a lógica moral.

Corri até a janela e vi Thomas partindo. Deus meu! Por favor! Faça-o voltar esta noite! Deus! Que ele volte são e salvo!

Antes das cinco ele já estava em casa! Parecia cansado e um pouco agitado, porque tinha uma história para contar. Os guardas fronteiriços o haviam retido no Checkpoint Charlie durante pelo menos duas horas. Não lhe deram nenhuma razão pela demora. E, embora tivessem revistado a mochila de cabo a rabo, não o fizeram tirar a roupa e ele levava as fotos escondidas na parte traseira das calças. Soltei um grito quando vi todas as fotos de Johannes. Ele cresceu, claro. Parece um pouco mais gordinho do que a última vez que eu o vi, o que foi um grande alívio para mim, porque isso significava que as pessoas que estão cuidando dele, seja lá quem forem, estão alimentando-o razoavelmente bem. Está com mais cabelo e o olhar ainda mais vivo, mas conserva aquele meio sorriso, sempre presente. Ao ver esse sorriso, ao ver outra vez meu filho depois de todos esses meses, foi impossível conter o choro. E quando Thomas me abraçou, chorei mais ainda.

Muito depois (enquanto ele dormia na cama depois de fazermos amor) eu me levantei e examinei as fotografias, Tateando uma a uma, enquanto me perguntava quais delas continham os microfilmes ou qualquer outra coisa que levavam escondido. Não senti nenhum volume em nenhuma delas. Mas eles são profissionais nesse tipo de coisa, suponho.

Haechen ficou muito satisfeito com as fotografias.

— Bom trabalho — disse ele, enquanto me entregava dez das vinte fotos que permitiu manter comigo, e na sequência acrescentou:

— Durante algum tempo não terá notícias minhas. Tenho assuntos para resolver em outro lugar. Mas é possível que eu lhe chame para se reunir comigo dentro de duas semanas, assim sendo, não deixe de olhar sob o ladrilho solto em Der Schlüssel. Duas vezes por semana, como sempre. Quando eu precisar de você, eu a farei saber. Não acredite que esta ausência será permanente.

Então me ocorreu que ele tem alguém aqui que faz uma parte de seu trabalho sujo, alguém que me segue, controla todos os meus movimentos, que deixa seus bilhetes e sabe tudo sobre mim.

Thomas me disse que vamos para Paris!

Paris! Não posso acreditar. Durante todos esses anos, Paris foi para mim como um planeta

distante, permanentemente fora do meu alcance. E agora...

Os quadros de Alastair continuam maravilhando-me. Eu falei isso a ele outro dia. Disse-lhe que são extraordinários. Sua resposta foi:

— Não tenho nem uma porra de uma ideia se eles são bons ou não. E é provável que não goste deles quando terminar. Mas você pode gostar deles em meu lugar.

Muito depois, Thomas e eu descemos para beber uns copos de vodca com ele, em seu estúdio. Quando Thomas foi ao banheiro por um momento, Alastair se voltou para mim e disse-me:

— Você parece mais feliz do que nunca. O que aconteceu?

— A vida tem se tornado cada vez mais simples — respondi.

Porque Haechen desapareceu. Por hora.

Acabo de voltar de Paris.

Paris.

Se eu morrer amanhã, poderei pensar: *Pelo menos, estive uma vez em Paris. E com o homem da minha vida.*

Por onde começo?

Pela Rue Gay Lussac, talvez? É a rua do precioso hotelzinho onde Thomas e eu tínhamos um quarto reservado durante várias noites. Thomas observou divertido que o edifício estava um pouco decaído, que era muito barulhento, que estava muito impregnado do cheiro de fumaça de tabaco e que o débil jorro da ducha do nosso quarto fazia honra à péssima fama do encanamento francês. Nada disso me importou. Estávamos em Paris e Paris era irresistível de mil formas que me encantaram. Sim, tinha seus momentos majestosos. Sim, havia cenários impressionantes. Mas o que eu mais gostei foram das coisas como a pequena padaria próxima ao hotel, onde vendiam uns *croissants* que eram mais parecidos a uma experiência religiosa. Ou as pequenas salas de cinema onde podíamos nos refugiar e ver filmes por poucos francos. Ou o reduto do jazz, perto de Châtelet, onde quase todos os músicos eram negros norte-americanos radicados em Paris, escandalosamente talentosos e com um ar incrivelmente descolado. Ou um pequeno café ao lado de nosso hotel, um lugar maravilhoso. Lá parecia que todos os trabalhadores do bairro surgiam para tomar um copo de vinho às nove da manhã e eu podia imaginar, durante o tempo que passava enquanto tomava um café sentada ao lado de Thomas, que estava vivendo uma existência boêmia e sem preocupações que somente existem — sei disso — na fantasia das pessoas que visitam a cidade com uma passagem de volta.

Que maravilhosa fantasia! Será que Paris seduz sempre, com sua sensualidade e sua imagem de uma existência sem travas? Entretanto, eu sabia muito bem que, como em qualquer outra parte, os habitantes de Paris também pagam aluguel, criam filhos, discutem com seus companheiros, desempenham trabalhos que não os satisfazem e estão imersos em toda a crua realidade da vida diária, essa que teremos que passar por cima quando nos sentamos em um café de uma rua pitoresca

no quinto *arrondissement*, para ver as pessoas passarem.

Levei para a viagem meu diário falso e anotei em suas páginas todos os filmes, os museus e os cafés que frequentamos enquanto brincávamos de ser parisienses. Mas eu teria gostado mais se pudesse ter levado comigo este meu “diário verdadeiro”, para confessar algo que ronda minha cabeça já faz algum tempo.

Com Haechen ausente de minha vida durante as últimas semanas, tomei uma decisão quando tive a última menstruação e soube que não corria perigo de ficar grávida *dele*.

Deixei de tomar a pílula.

Sim, eu sei. Eu sei disso. Teria que ter dito a Thomas na mesma hora. Sim, eu já sei que não deveria ter tomado essa decisão por nós dois. Sim, também sei que ele falou muitas vezes sobre ter um filho comigo. Mas a expressão “algum dia” sempre esteve presente nessas conversas.

Então, por que decidi ficar grávida sem consultá-lo?

Porque tenho medo de que volte a cair em cima de mim uma grande merda. Porque quero certezas. Porque sei que Thomas não se irritará por isto. Provavelmente se espantará. Ficará nervoso. (Todos os homens não ficam nervosos?) Mas ele me disse vezes o suficiente que isso é o que ele quer comigo. E eu quero agora. Outro filho. Uma nova vida.

Sim, ao mesmo tempo eu me sinto tremendamente culpada por tudo. Tenho de avisá-lo. Mas não posso, como tampouco posso revelar-lhe a traição ainda maior que cometi contra ele.

Será preciso que o amor (o amor profundo) inclua certo grau de traição? Eu venho me perguntando isso com frequência ultimamente. Se no início eu houvesse obedecido a meus instintos, teria afastado Thomas da minha vida, porque eu sabia desde o começo que eu era um campo minado de interesses em conflito. E porque devia responder perante o homem que havia anunciado que controlava o meu destino.

Mas se eu tivesse afastado Thomas de mim, se tivesse escolhido o caminho menos problemático (embora dificilmente pudesse haver algo que não fosse problemático no acordo faustiano que Heachen havia me oferecido), nunca teria sabido o que significa sentir-me tão segura com relação a outra pessoa e essa pessoa confirmar minha segurança.

Mas... Que droga! Por que eu não lhe disse simplesmente: “Quero ter um filho com você?”. Por que preferi me refugiar na confabulação e no ocultamento, quando uma exposição simples e direta dos fatos teria suscitado indiscutivelmente a resposta que eu tanto queria?

Por que eu complico tanto as coisas? Por que estou jogando com o amor do único homem que em toda a minha vida demonstrou se importar de verdade comigo?

Estávamos sentados no café do Odéon, de mãos dadas, bebendo vinho, quando pediu que me casasse com ele. Assim, sem mais nem menos. Sim, ele já havia mencionado antes o casamento, mas sempre como se falasse de um lugar para onde quisesse viajar em um futuro muito distante.

Desta vez foi categórico. Ele me disse isso logo depois de eu comentar (uma vez mais) que nós deveríamos nos mudar para Paris.

— E o que você acha se também nos casarmos? — perguntou-me.

A princípio, pensei que era só uma brincadeira. Mas ficou claro que ele estava falando aquilo completamente sério e isso me deixou perplexa. Não havia nada no mundo que eu desejasse mais.

No entanto, em vez de expressar a alegria que verdadeiramente sentia, fui até o banheiro feminino, tranquei-me em um compartimento, acendi um cigarro e fiquei racionalizando para poder colocar fim ao ataque de pânico que estava me invadindo. Disse a mim mesma mais uma vez que eu tinha um plano. Quando o pusesse em prática, tudo se ajeitaria. Assim sendo, voltei para a mesa e lhe disse que sim, que me casaria com ele. Thomas insistiu em pedir champanhe e então falamos de nossa possível vida em Nova York e dissemos que podíamos alugar um apartamento maior e conseguir um trabalho para mim... Sim, e também falamos que eu tinha perdido as esperanças de que algum dia eles me devolvessem a custódia de Johannes... E Thomas disse que era melhor aceitar a realidade, por mais difícil que fosse chegar a essa conclusão. E eu pensava o tempo inteiro: *O fato de ter renunciado à esperança é que me permitiu começar a elaborar o plano que me libertará de Haechen para sempre.*

Mas agora as coisas precisam avançar. Parte de mim reza para que possamos acelerar os trâmites (o casamento, o visto de residência) e tenhamos tempo de ir embora antes que Haechen volte para Berlim. Será que ele poderia me perseguir até Nova York? E depois, o que mais? Mais ameaças de delação? Agora que aceitei que não posso recuperar meu filho, também esfumaça o poder que Haechen tem sobre mim. Meu filho era o último recurso que tinha para me chantagear. Naturalmente, poderia ameaçar-me de morte, mas também tenho uma resposta para esta ameaça. Entretanto, vamos cuidar de uma coisa de cada vez. Tenho que ver Haechen uma vez mais para encerrar definitivamente este capítulo, terminar a história, revisar item por item e todos esses clichês que costumamos usar quando temos a esperança de que as coisas mudem. Depois, a vida poderá voltar a ser boa.

É a grande aspiração por trás disso tudo: a visão da vida como uma empreitada feliz e positiva, livre de tragédias, mesquinharias, ruindades e decepções. Também é grande a esperança por trás do amor: a realização plena com outra pessoa, que se converte no baluarte contra todo o mal que a vida pode colocar em nosso caminho... Ou pelo menos, pode aliviar um pouco a dor de tudo isso.

De volta a Berlim, contamos para Alastair que nos comprometemos em casamento em Paris. Ele também insistiu em beber champanhe e se mostrou assombrosamente emocionado com a nossa notícia. Intuo que ainda sinta falta de Mehmet.

Fiquei muito nervosa antes de ir à reunião com a consulesa dos Estados Unidos. Na verdade, estava aterrorizada.

Mas a reunião se desenrolou sem problemas. Não posso dizer que a consulesa seja uma

mulher muito sorridente, mas fez todas as perguntas apropriadas: sobre as razões da minha expulsão da RDA, a morte do meu marido e quanto tempo fazia que eu e Thomas nos conhecíamos. No fim, ela disse que não via razão alguma para negarem-me a solicitação, contudo enfatizou sua fala com a afirmação de que a decisão não era sua.

Depois, quando saímos, estive a ponto de desmoronar. Sentia-me tão tensa, tinha tanto medo... Justifiquei-me ante Thomas, atribuindo meu estado ao terror que me inspira todo o tipo de burocracia. Tentou tranquilizar-me, assegurando-me de que tudo iria sair bem e que não havia nenhuma possibilidade de recusarem a minha solicitação.

Mas o meu nervosismo era por outro motivo. Ontem comprei um desses testes de gravidez e, quando todos saíram para comer, fui ao banheiro do trabalho e fiz xixi sobre a tira reagente. Esperei dez minutos e vi que o papel mudava de cinza para rosa.

Tenho que dizer que estou exultante. Mas é uma alegria contida pelo fato de que ainda devo esperar o momento certo para contar a Thomas. Eu lhe explicarei dizendo que me esqueci de levar as pílulas para Paris e cruzarei os dedos para que ele não fique muito ofendido por tudo. Não posso evitar que se sinta enganado... E se ele pensar que foi uma armadilha...?

Mas ele também o quer. Disse-me isso várias vezes. E sabe que juntos faremos tudo isso de forma maravilhosa e que ter um filho será o começo de muitas coisas bonitas e de uma felicidade enorme.

Naturalmente, é um alívio que a gravidez tenha acontecido no intervalo de seis semanas durante as quais Haechen esteve ausente. Não poderia ter deixado a pílula se estivesse obrigada a satisfazê-lo.

Falo isso porque ontem à noite tive que estar com Haechen. Havia um cartão à minha espera em Der Schlüssel, que me indicava onde deveria encontrar-me com ele: um daqueles hoteizinhos baratos de costume. E logo que entrei pela porta (pouco antes de me penetrar), Haechen disse:

— Quer dizer que escapou para Paris com seu namorado?

Eu não respondi nada e ele me agarrou pelo rosto.

— Não volte a sair de Berlim sem a minha permissão. Você entendeu bem?

Assenti, sabendo que só deixava que ele trepasse comigo naquele momento para que parecesse que tudo continuava como sempre e que nada havia mudado. Eu queria fazer minha jogada naquele instante, mas sabia que não estava no lugar nem no momento adequado. Assim, simplesmente fiquei quieta esperando que ele acabasse. Depois ele me disse:

— Este fim de semana vamos sair da cidade — disse Haechen.

— Ah... — disse eu.

— Hamburgo. Tenho uns assuntos ali e quero que você esteja comigo.

— Eu tenho a ver com esses assuntos? — perguntei.

— Logo saberá. Viajaremos separados, depois de amanhã. Nós nos hospedaremos em diferentes hotéis, mas eu sairei à sua procura. Há um envelope sobre a cômoda com sua passagem de

trem e o nome do hotel. Leve a máquina de escrever. Terá que fazer algum trabalho de tradução quando estivermos lá. E sei que a Rádio Liberty está a ponto de entrevistar essa dupla de bailarinos traidores que acabam de desertar. Se conseguir a transcrição da entrevista muito antes que a transmitam, talvez eu os consiga convencer a devolver o seu filho.

O plano avança agora com muita rapidez. Sair da cidade é perfeito, e que o destino seja Hamburgo, melhor ainda. Também é perfeito que estejamos em quartos separados e que no envelope tenha duzentos marcos para pagar o hotel e cobrir os gastos básicos, assim como os documentos falsos que certificam que eu me chamo Hildegard Hinckel. Já comprei tudo de que preciso para a viagem na loja que está na outra ponta da cidade, longe do meu bairro. Disse a Thomas que a tradutora habitual de Herr Wellmann está doente e que Herr Direktor insistiu para que eu o acompanhasse nesta inesperada viagem a Hamburgo, onde dará uma palestra em um congresso e precisa que alguém faça a tradução simultânea. Thomas pareceu aceitar. Em seguida comentou que o escolheram para fazer a entrevista de Hans e Heidi Braun e que neste fim de semana trabalhará na transcrição. Sim, detesto ter de fazê-lo uma vez mais. Se tudo sair como o planejado em Hamburgo, poderei regressar para Berlim, ver meu amor domingo à noite, fotografar rapidamente a transcrição enquanto ele dorme, levá-la ao contato de Haechen e então...

Antes do fim de semana serei esposa de Thomas. E quem disse que eles não se abrandarão quando tiverem em mãos esse documento que tanto lhes interessa?

Thomas disse que é a primeira vez que estaremos separados desde que começou o nosso relacionamento.

“E será a última”, digo a mim mesma.

Estava com a reserva de trem das 12h13 da estação Zoo de Berlim para Hauptbahnhof de Hamburgo. Troquei por outra passagem, para o trem das 9h47. Houve um momento estranho na viagem, quando chegamos à fronteira de Berlim Ocidental e voltamos a entrar no território da RDA. Ao invés de parar, o trem pareceu ganhar mais velocidade. Pode ser que seja um detalhe imposto pelas autoridades da RDA. Talvez exijam que os trens de Berlim para Hamburgo circulem numa determinada velocidade para que ninguém tente subir nele ainda em marcha. Já teria existido alguma vez um Estado mais obcecado em manter seus cidadãos permanentemente enclausurados e controlados?

Hamburgo. O hotel estava no bairro com a pior fama, Reeperbahn. Isto também me pareceu uma boa notícia. Permitiram-me entrar mais cedo no quarto. O hotel era barato, todo em desordem e, além de tudo, um lugar onde prostitutas trabalhavam e pessoas entravam e saíam o tempo todo. Era o tipo de estabelecimento onde o pessoal tem instruções de não se inteirar de nada (contanto que

ninguém saia sem pagar a conta) e de não fazer perguntas nem contar nada para a polícia.

Saí para dar uma volta em Reeperbahn. Explorei as pequenas ruas e becos sem saída, um possível lugar para o desenrolar dos acontecimentos. Voltei para o hotel, cada vez mais nervosa. Acendi um cigarro e me concentrei para estudar um mapa da cidade e a sua rede de metrô. Esperava o telefonema dele, que não chegou até as sete daquela noite. Disse-me que estava em um bar em frente ao hotel.

— Quer subir? — perguntei.

— Mais tarde. Quero comer antes — respondeu Haechen.

Perfeito.

— Desço logo em seguida.

Peguei a pequena mochila que tinha levado dentro da mala. Fazia frio para essa época do ano, então coloquei o casaco longo de *jeans* com o qual tinha viajado e verifiquei o conteúdo dos bolsos. Tudo estava pronto.

Quando desci, notei que não havia nenhum empregado na recepção que tivesse me visto sair. Cruzei a rua e entrei no bar. Estava cheio de gente. Haechen se encontrava de pé ao lado do balcão, contemplando o palco, onde uma mulher nua inseria uma banana na vagina.

— O que acha? — perguntou Haechen, apontando com a cabeça o espetáculo.

Limitei-me a encolher os ombros e disse:

— Estou com fome.

— Podemos comer aqui. Eles servem comida — disse Haechen.

— Eu vi um pequeno restaurante italiano aqui perto. Dizem que preparam as melhores pizzas de Hamburgo.

— Quando você viu isso?

— Quando cheguei — respondi.

— Eu lhe dei ordens para ir diretamente ao hotel — disse Haechen.

— Mas estava com vontade de esticar um pouco as pernas, por isso fui dar um passeio e encontrei esse restaurante. E na vitrine vi um recorte de jornal emoldurado em que li que...

— Não gosto que se mantenha tão insubordinada e desobedeça minhas claríssimas ordens.

— Foi somente um passeio de dez minutos e nada mais. Eu lhe prometo que isso não voltará a acontecer. Mas o restaurante tem uma aparência muito boa.

— Caro?

— Não.

Vi que Haechen estava avaliando.

— Combinado. Mas depois do jantar vamos para o meu quarto. E terá que traduzir isto antes de voltar para Berlim no domingo.

Ele deslizou um envelope para mim, que imediatamente coloquei na mochila.

— Tudo bem — disse eu. — Tenho ótimas notícias para você. Antes de segunda-feira, conseguirei a transcrição das entrevistas de Hans e Heidi Braun.

— Sêrio?

— Totalmente.

— Isso sim que é uma boa notícia! Tem certeza de que a terá no domingo?

— Meu amigo me disse que trabalhará nela neste fim de semana.

— Então terá que fotografar o documento nessa noite. A oportunidade é perfeita. Eu ficarei por aqui alguns dias mais, mas sei que obter a transcrição dessa entrevista antes que a transmitam é uma questão de extrema urgência. Por isso, terá que deixar os documentos que eu pedi que traduza e as fotografias da transcrição, na próxima segunda-feira pela manhã, atrás da caixa d'água do mesmo banheiro de sempre, em Der Schelüssel. A possibilidade de ter a entrevista logo no começo da semana... Acredite, meu pessoal ficará tremendamente impressionado pelo presente que você está entregando. Creio que será uma ajuda muito importante para o seu caso.

Deixou o dinheiro sobre o balcão. Nesse momento, a mulher do palco estava fazendo coisas inexplicáveis com uma laranja. As luzes eram tão tênues e havia tanta gente ali que duvidei que alguém, algum dia, pudesse lembrar que estivemos naquele bar.

Começamos a andar pelas ruazinhas laterais. Haechen parecia curiosamente relaxado e me disse que preferia Hamburgo a Berlim, “porque aqui não estão todos espiando uns aos outros”. Deixou que eu mostrasse o caminho e fomos adentrando cada vez mais o labirinto de Reeperbahn, entre prostitutas, *sex shops* e bares de música altamente barulhenta em direção a uma região bem menos movimentada.

— Você tem certeza de que conhece o caminho? — perguntou-me Haechen enquanto dobrávamos uma esquina onde praticamente não havia nada mais que galpões e armazéns.

— Está aqui perto — respondi.

Na esquina seguinte eu lhe disse que era preciso virar à direita, porque o restaurante ficava no fim da rua. Deixei que se adiantasse alguns passos. Quando ele virou à direita, se deu conta de que eu o havia levado até um beco sem saída e muito escuro. Voltou-se bruscamente para mim e se encontrou com a minha mão direita, como que saída do nada, que lhe fincou no coração a lâmina de um canivete comprido. Eu o levava escondido no casaco, juntamente com um par de luvas pretas. Enquanto ele caminhava alguns passos diante de mim, coloquei as luvas, tossi para dissimular o ruído seco e decidido do canivete ao se abrir e esperei que ele se voltasse para mim, no instante em que compreendesse que havia se metido num beco escuro de onde jamais sairia.

Mas essa compreensão só lhe veio quando a lâmina afundou em sua carne. Usando o cabo como alavanca, eu o empurrei contra a parede do beco e em seguida lhe tapei o nariz e a boca com a mão livre, fechando suas narinas e selando com força a sua boca com a palma da minha mão. Mantive o olhar fixo nele enquanto ele se afogava com seu próprio sangue. Seus olhos cruzaram com os meus e vi perplexidade, medo e terror em seu olhar. Depois começou a vomitar sangue e tive que retirar a mão. Despencou no chão, se retorceu por algum tempo e finalmente caiu inerte.

Tive sorte, porque não havia ninguém nos arredores, nem se ouvia ruídos de veículos nem de passos se aproximando. Rapidamente revistei os seus bolsos das calças e tirei sua carteira. Abri sua jaqueta e peguei a documentação. Abri seu cinto, baixei suas calças e as cuecas. Depois, num só golpe, que me custou um enorme esforço, eu arranquei o canivete do seu peito. Com a carteira, a documentação e a lâmina aberta ensanguentada na mão, saí do beco, olhei para os dois lados da rua. Tinha escolhido muito bem o lugar. Não havia ninguém. Virei à direita e continuei andando com passos rápidos, mas tranquilos, por uma rua mais larga, até chegar a outro beco tão escuro quanto àquele onde então jazia morto Haechen. Sem perder tempo, tirei as luvas ensanguentadas, o casaco, os *jeans*, a camiseta e o tênis, tudo profusamente manchado de sangue. Abri a mochila e tirei uma muda de roupa idêntica a que eu usava antes, e que havia comprado no dia anterior em Berlim. Vesti-me em questão de segundos e enfiei o canivete, a roupa, a carteira e a documentação na mochila. Uma vez mais olhei para ambos os lados do beco antes de sair para a rua. Não se viam carros nem pedestres. Tinha a rua toda para mim. Virei à direita, cheguei a uma avenida e segui até a estação do metrô que eu havia localizado no mapa. Atravessei a cidade no U-Bahn até Planten un Blomen, um parque que, segundo o mapa turístico adquirido em Hauptbahnhof, tinha aproximadamente quarenta e sete hectares e mais um lago. Saí do U-Bahn na esquina sudoeste do parque e adentrei rapidamente por suas trilhas. Não demorei a encontrar o lago e, durante todo o caminho, vi somente um vagabundo que dormia na grama. Havia uma ponte sobre um canto do lago. Dali se apreciava a luz da lua. Peguei uma pedra e a lancei na água. Afundou rapidamente e me deu a impressão de que era bem profundo. Coloquei um par de luvas limpas que previamente havia guardado na mochila, abri o zíper de um dos seus bolsos, tirei a navalha e a joguei na água. Também tirei a carteira (que não estava muito ensanguentada) e recolhi o dinheiro que havia dentro. Continuei andando até sair do parque e joguei a carteira numa lata de lixo. Algumas ruas mais além, eu rasguei a documentação do espião e joguei os pedaços em outro cesto de lixo. Até então, eu já me encontrava numa zona não muito distante de Hauptbahnhof. Enquanto eu me aproximava da estação dos trens, vi uma grande lixeira de tamanho industrial localizada numa área de serviço na parte de trás da entrada principal do edifício. Por sorte, a grande lixeira estava com a tampa solta e cheia de lixo. Ali eu deixei a mochila. Continuei andando até a estação e, após fazer uma bola com as luvas que haviam tocado todos os objetos incriminadores, joguei-as na primeira lata de lixo que encontrei.

Depois me enfiei na estação do U-Bahn e peguei o primeiro metrô para o hotel, onde tirei toda a roupa nova e tomei um banho bem quente. Olhei o horário. Eram apenas 21h09. Eu ainda tinha mais uma hora. Desarrumei a cama para que no dia seguinte, quando a senhora da limpeza entrasse, visse sinais de que alguém havia dormido no quarto. Depois abri uma garrafa de vodka que havia levado comigo, bebi três goles e fumei três cigarros. Fiz a mala e desci. Mais uma vez tive sorte, porque não havia ninguém na recepção. Um rápido trajeto andando até o U-Bahn, outro igualmente rápido no metrô até a estação dos trens e às 23h07 parti para Berlim.

Antes das duas da madrugada, estava na cama, no meu quarto. Não dormi bem, porque tinha certeza de que a qualquer momento surgiriam os agentes da Stasi e me levariam com eles.

Permaneci escondida em casa o sábado inteiro e traduzi os documentos que Haechen havia me

dado. Para manter a cabeça ocupada, preparei também um rascunho da declaração que vou anexar à solicitação de permissão de residência. Agora já passa um pouco da meia-noite. Faz uma hora que desci sigilosamente ao porão para buscar este caderno e comecei a escrever. Verei Thomas antes das dezoito horas. Levarei a mala como se acabasse de regressar de Hamburgo. Devo tentar parecer tranquila e dissimular todo o medo que sinto nesse momento.

Como o agente de Heachen está me esperando, sei que devo forçosamente fotografar a transcrição da entrevista no domingo à noite e sair para entregar o rolo enquanto Thomas estiver dormindo. Agora a ideia é ganhar tempo. Se eu lhes dou tudo o que esperam de mim, estarei coberta, porque a história que lhes contarei, se eu for obrigada a contar algo, será a seguinte:

“Cheguei a Hamburgo como ele me indicou. Esperei no hotel, mas Haechen não compareceu. Fiquei até as dez da noite e depois decidi vir embora, porque Heachen e eu tínhamos um regra explícita e não verbalizada pela qual eu devia regressar diretamente para casa se ele não aparecesse em uma das nossas reuniões. No entanto, como sou uma agente leal, consegui a transcrição da entrevista com Hans e Heidi Braun.”

De fato, a entrega da transcrição será minha carta na manga, se a Stasi me acusar de envolvimento com o desaparecimento de Heachen.

Em qualquer caso, quando encontrarem o corpo de Heachen, ao ver a ferida com o canivete, a carteira desaparecida e as calças abaixadas pensarão que ele recorreu a alguém para praticar um pouco de sexo rápido num beco escuro e que esse “alguém” acabou sendo uma ladra assassina. Como não tem nem carteira nem documentação, o mais provável é que ninguém reclame o cadáver. De todo modo, duvido muito que a Stasi mandaria um representante para reclamar o corpo. Além disso, como eu me registrei no hotel com documentação falsa, não há nenhuma prova de que eu tenha saído de Berlim.

Pode ser que nas semanas que faltam até que Thomas e eu nos encaminheemos para os Estados Unidos um novo Haechen se ponha em contato comigo e insista que eu vá me encontrar com ele em outro sórdido quarto de hotel. Mas desta vez eu me negarei. Será que eles seriam capazes de me delatar como sua agente na Rádio Liberty? Não, não seria lógico, porque eles mesmos sairiam prejudicados, já que os serviços de segurança dos Estados Unidos e da Alemanha Ocidental colocariam em estado de alerta máximo seus agentes em outros organismos oficiais. Sim, também poderiam eliminar-me, mas eu já lhes terei proporcionado o grande golpe da contrapropaganda ao vazar a transcrição da entrevista com os Braun, e vários dias antes da sua transmissão. Se me matarem depois disso, provavelmente virá à tona que eu era sua agente na Rádio Liberty. Por que iriam querer tanta confusão em torno de alguém tão insignificante como eu?

Tenho medo. E desejo desesperadamente que estes dias passem de uma vez. Ainda que sinta uma espécie de intumescimento emocional depois de matar Haechen, não tenho a menor sensação de culpa. Tinha que fazer isso. Eu não tinha alternativa. Se eu queria começar a vida novamente do zero, sobretudo pensando neste novo ser que cresce dentro de mim, sim, eu tinha que fazer o que fiz.

Serei capaz de suportar tudo isso? Poderei guardar isso num quarto escuro da minha mente, fechar a porta e não voltar a abri-la nunca mais? Duvido. Mas já planejei, quando terminar de

escrever o diário, descer ao porão e deixar este (juntamente com o primeiro) no ladrilho solto que há dentro do tubo de ventilação em desuso e que sempre foi o seu esconderijo, só que desta vez não penso em voltar para buscar os cadernos antes que Thomas e eu saíamos da cidade. Se tiver sorte, dentro de dez ou quinze anos, quando vier visitar Berlim com Thomas e nossos dois filhos, eu lhes direi que tenho algo para fazer durante algumas horas, virei em peregrinação a Kreuzberg, ficarei algum tempo na frente do portão até que alguém entre ou saia do edifício e então descerei e recuperarei meus diários, como se fossem uma cápsula do tempo procedente de uma parte da minha vida que sempre me perseguiu e me fez ser o que eu sou, mas que consegui trancar em um compartimento selado. Tudo, menos a perda de Johannes. Sei muito bem que até o dia da minha morte não serei capaz de bloquear completamente essa parte da minha vida. Também não quero fazê-lo. Porque sua perda foi algo muito profundo. Mas agora tentarei fechar a porta para todas as outras coisas terríveis, sobretudo o fato de ter tido que matar um homem para poder começar uma nova vida. A morte de Haechen me permite conservar o bebê que levo no ventre (já que ele teria insistido que eu abortasse quando começasse a notar a gravidez). Se eu me esforçar e me concentrar, serei capaz de enterrar a lembrança do que fiz para conseguir a liberdade. Tenho que jogar essas recordações para o fundo do poço escuro mais inimaginável possível, cobri-las com uma tampa de concreto armado e não voltar nunca mais ao lugar do enterro, não o visitar nunca.

Serei capaz de fazer tudo isso? Posso induzir-me à amnésia voluntária que possa abranger tudo o que acabo de fazer neste fim de semana? O tempo dirá.

O que eu sei agora é isto:

As provas do crime estão dispersas e não há nenhum indício de que eu tenha estado um dia em Hamburgo.

Portanto...

Eu consegui. Consegui fazê-lo sem ser descoberta.

E agora...

Agora sou livre. Total e realmente livre. Agora posso começar de verdade a vida com Thomas. Com Thomas e o nosso filho. Vou ser mãe outra vez. E...

Estou livre.

Nós estamos livres.

Parte cinco

Aqui termina o caderno de anotações. Enquanto o fechava e empurrava para longe de mim, olhei para cima e notei que a escuridão tinha caído lá fora. Nas poucas horas em que fui levado a ler tudo isso, tinha ficado alheio ao mundo que existia além das palavras de Petra.

Estou livre.

Nós estamos livres.

Fechei os olhos e voltei a pensar naquela cena em meu apartamento um dia depois que ela escreveu isso. Quando eu a confrontei com a sua “traição” contra mim. Quando ela pediu para eu me acalmar e ouvir. Quando me recusei a ouvir. Quando eu estava tão furioso que não conseguia escutar o que ela estava me dizendo. *Por favor, deixe-me explicar.*

Mas em vez disso, eu só ouvi meu próprio orgulho ferido, o meu próprio senso de ultraje. Em vez disso, naquele momento crucial, eu bati a porta.

Peguei a garrafa de uísque que estava pousada ao lado de meu cotovelo, me servi de outra dose, tomei-a de um só gole e saí para a varanda que dava para minha cozinha. Como sempre, a noite do Maine era tão negra, tão impermeável. O termômetro marcava bem abaixo de zero, a neve estava caindo, mas eu me sentia indiferente a tudo isso. Porque estava pensando lá atrás, naquele momento no bar em Wedding e naquele espião da CIA, Bubriski, me explicando a teoria do radar e me dizendo:

— O radar funciona quando um campo magnético, quase como um campo de atração, se estabelece entre dois objetos. Um objeto, em seguida, envia um sinal para outro objeto a distância. E quando o sinal atinge o segundo, aquilo que é transmitido de volta não é o próprio objeto. Pelo contrário, é a imagem desse.

Em seguida, ele revelou tudo sobre Petra. E usou a metáfora do radar para ilustrar o fato de que eu tinha me apaixonado pela “imagem” que eu tinha projetado sobre ela e, no processo, não tinha conseguido ver o que ela realmente era.

Desde então, sempre que eu me via questionando se, na ocasião, tinha feito uma escolha desesperadamente errada, quando a minha culpa por tê-la entregado a Bubriski e seus colegas espiões às vezes aparecia do nada, tentava me consolar com a seguinte reflexão: *mas ela estava projetando uma imagem de si mesma que não correspondia à verdade.*

Eu sempre soube que estava apenas tentando validar a decisão impulsiva e raivosa que tinha tomado, uma decisão que, como vim a saber, tinha destruído tudo.

Um momento. Por que não deixei que ela me dissesse o que se mostrava tão desesperada para me dizer? Por que permiti que a minha arrogância lhe negasse a oportunidade de explicar tudo?

E agora...

O que página após página dos cadernos me dizia era...

Amor. O amor verdadeiro. Algo que, tenho que admitir dentro dos limites seguros deste diário, nunca tinha conhecido antes.

Essas foram suas palavras. Uma de tantas outras declarações de amor. Por mim. *O homem da minha vida*, como ela escreveu tantas vezes. Quando leio seus pensamentos sobre as minhas vulnerabilidades, as minhas defesas, a maneira como ela compreendia como toda a tristeza da infância ainda me obscurecia... Por acaso alguém tinha me entendido do jeito que Petra fez?

De pé naquela varanda, olhando para o vazio tenebroso mais além, tudo que eu podia pensar agora era: *você perdeu a única pessoa no mundo que o amou verdadeiramente. E você a perdeu porque matou esse amor. Matou-o através de seu moralismo. Uma necessidade de ser compensado pela ofensa sofrida. Para punir, sem considerar as circunstâncias.*

Página após página dos cadernos, ela também me informava o que tanto tentou me fazer saber na época, que seu papel como agente da Stasi foi algo imposto a ela; uma forma de chantagem maníaca que ela só aceitou porque sabia que era o único caminho pelo qual poderia reencontrar o filho. E eu não deixei que ela explicasse isso para mim.

Ou explicar o horror de seu relacionamento preso por contrato com Haechen, e como ela finalmente recorreu ao assassinato por que...

Porque foi a única maneira pela qual ela achou que poderia ficar livre para estar comigo. E porque ela estava carregando nosso filho.

Eu estou livre.

Nós estamos livres.

Nosso filho.

O que aconteceu com nosso filho? Era um menino, uma menina? E ele ou ela tem agora, o quê... Meu Deus, vinte e cinco anos de idade.

Voltei imediatamente para a cozinha, pegando a carta de Johannes que acompanhava os cadernos. Nela estava escrito um endereço de *e-mail*. Fui rapidamente para meu escritório, liguei meu computador e enviei a ele uma mensagem, em que se lia:

Estou indo a Berlim depois de amanhã. Podemos nos encontrar?

E assinei meu nome.

Então, acessei um site de viagens e marquei uma reserva mais barata de Boston a Berlim passando por Munique. O voo sairia de Boston amanhã à noite às oito e meia. No mesmo site, eu encontrei um hotel em um bairro chamado Mitte.

Mitte. Na antiga Alemanha Oriental. Um dia, um território proibido. Agora...

Radar.

“... Quando o sinal atinge o outro objeto, aquilo que é transmitido de volta não é o próprio objeto. É a imagem do objeto.” Fiquei convencido por essa postulação porque, na minha indignação por ter sido traído, enganado, trapaceado, eu estava pensando apenas na imagem.

Mas agora eu percebi que a “imagem” não era nada disso. O amor não era uma ilusão. Foi

profundamente real.

Agora meu sentimento de vergonha só era superado pelo pensamento: *O orgulho é a força mais destrutiva do mundo. Ele nos cega para qualquer coisa, exceto para nossa necessidade arrogante de estar certo, para defender o nosso próprio e frágil sentido do Eu. Ao fazer isso, ele nos impede de ver outras interpretações da narrativa que estamos vivendo. O orgulho nos leva a uma posição da qual você não pode ser retirado. O orgulho faz você se recusar a sequer considerar o motivo pelo qual alguém está implorando para ser ouvido. O orgulho insiste para que você jogue fora a única pessoa que conheceu no curso de cinco décadas de vida que lhe ofereceu a oportunidade de verdadeira felicidade. O orgulho matou o amor de sua vida.*

Sentei-me à mesa e olhei novamente para o obituário de Petra, para a fotografia que tão cruelmente delineava a devastação causada nas últimas décadas. A devastação que começou com Johannes sendo levado para longe dela e continuou durante todo o ano horrível estando a serviço de Haechen, e depois culminando no ataque causado pela minha traição a ela.

Nosso filho.

Eu a entreguei nas mãos dos serviços de segurança quando ela estava grávida do nosso filho.

Que estaria onde agora?

E como Petra conseguiu se reunir com Johannes de novo?

Nosso filho.

Eu estava indo para Berlim para me encontrar com nosso filho.

Tentei dormir, mas não consegui. Assim que surgiu a primeira luz da manhã, deixei de olhar para a pintura malfeita do teto do quarto. Levantei-me e arrumei uma mala pequena. Chequei meu *e-mail*. Havia uma resposta de Johannes:

Café Sibylle. Karl-Marx-Allee 72. Friedrichshain.

Dezoito horas amanhã. Você precisa pegar o U-Bahn para Strausberger Platz, em seguida, caminhar dez minutos.

Não se preocupe em me encontrar. Eu vou reconhecê-lo.

Terra. Campos. Edifícios. O esboço de uma cidade na extremidade curva do horizonte. E tudo refratado através da dormência de uma noite em que dormi sentado em um assento apertado.

Essas palavras vieram de volta para mim quando o voo de Munique virou para a esquerda e apontou para a cidade. Só que dessa vez o marco aéreo que definia Berlim, a estrutura que dividia a cidade em dois, parecia ter sido simplesmente expurgada de sua cartografia. Aqui do alto você poderia imaginar alguma mão divina empunhando uma borracha e simplesmente apagando aquela barreira, um dia tão árida, tão cruel, tão definidora. E agora? Agora, lá embaixo havia apenas uma

grande expansão metropolitana.

Então, pousamos no Tegel. Quando me acomodei em um táxi e dei ao motorista o endereço de meu hotel em Mitte, ele não mostrou nenhuma apreensão em ter que ir para o leste. Berlim era um canteiro de obras. Novos edifícios em toda parte. Uma permanente corrida arquitetônica para ver quem ficava melhor do que o vizinho, com projetos ultramodernos que competiam entre si em audácia e estilo. De repente, eu estava olhando para o recém-inaugurado Hauptbahnhof, uma enorme caixa de vidro e aço, distribuída em vários níveis, de onde saíam e entravam os trens com regularidade metronômica. Um pouco mais adiante assomava a torre de televisão de Alexanderplatz. Estávamos agora a não mais de um quilômetro dela. Em algum lugar, nos minutos que haviam se passado, eu tinha cruzado a fronteira que já não mais existia. Não se viam os restos do Muro em parte alguma. Tudo fluía livremente e de forma anônima. Era como se o Muro nunca tivesse existido.

Alexanderplatz. Continuava stalinista e brutal, como sempre, com algumas poucas mudanças. Um grande centro de *fitness* alastrando-se no segundo andar da torre. Um grande complexo comercial construído nas proximidades. Havia alguns dos antigos blocos de apartamentos da extinta RDA, como o edifício em que morou Petra ao chegar a Berlim, mas todos haviam sido reformados e modernizados. Uma tentativa de tornar palatável o esteticamente desagradável. Quando o táxi virou em uma rua em direção ao meu hotel, pude ver que uma grande área para pedestres havia sido aberta, alinhada com as mesmas lojas de roupa e as mesmas cadeias de restaurante que hoje podem ser encontradas em qualquer concentração urbana ao redor do mundo. Com os olhos da mente, eu pude retornar para aquela manhã de inverno de 1984, quando cruzei pela primeira vez para “o outro lado”, quando Alexanderplatz era tão triste e desolada como a estepe siberiana, e eu me sentia como se estivesse contemplando uma edição de emergência da vida: dura, nua, sem adornos, e despojada de toda noção de beleza ou conforto.

E agora...

E agora você pode comprar aqui.

Compras: a grande medida barométrica dos nossos tempos.

Meu hotel era muito estiloso. Descontroladamente estilizado, como se alguém estivesse tentando criar um bordel em estilo minimalista. Curiosamente, de suas janelas a gente podia ver os recintos de concreto de Alexanderplatz, era como ver a realidade reinventada da era soviética do ponto de vista das páginas multicoloridas de uma revista de moda. Tomei uma ducha e consultei o relógio. Ainda tinha muitas horas pela frente. Dei um passeio pelos arredores do hotel. Mitte havia se transformado em algo semelhante ao Soho de Nova York. Galerias interessantes. Cafês interessantes e *lofts* igualmente interessantes. Butiques de grife. Turistas modernos. Cinemas e teatros escondidos. Blocos de apartamentos renovados. Discernimento e dinheiro.

Continuei andando, desconcertado. A falta de sono tinha um pouco a ver com meu estado de perplexidade, assim como o fato de não ter conseguido assimilar ainda tudo o que eu havia absorvido nos últimos dois dias, uma dor renovada que agora me fez sentir, em todos os sentidos da palavra, tão pequeno.

Mas a perplexidade se devia também à mudança radical da paisagem urbana de Berlim, e à

sensação de que, sistematicamente, a parte oriental da cidade foi expurgando tudo que podia de seu passado. Mesmo a área de Friedrichshain, com a sua densa coleção de edifícios remanescentes do realismo socialista, estava remodelando suas torres de aparência sombria com brilhantes cores primárias e acabamentos redesenhados para extirpar de vez seu ar funcionalista.

Ao sair da estação do metrô de Strausberger Platz, não pude evitar pensar que em um desses blocos de apartamentos havia morado Johannes com a família da Stasi a quem foi entregue como um presente quando só tinha um ano de idade. Também recordei que Petra insistiu em morar a poucas ruas dali, mas a um universo de distância, em Kreuzberg, porque era o mais perto geopoliticamente que ela poderia ficar do filho que tinha sido tirado dela.

O Café Sibylle era uma espécie de anomalia. Estava situado no piso térreo de um enorme edifício inspirado nos palácios do proletariado tão apreciados pelos arquitetos moscovitas nos anos 1930. No interior, a decoração em estilo retrô remetia ao bloco do Leste Europeu em torno de 1955, como se os atuais proprietários quisessem conservar uma janela para a vida nos cafés da RDA, tal como era no momento culminante da Guerra Fria. O escritor de viagens dentro de mim está sempre tomando notas mentais e eu imediatamente avistei em um canto uma coleção de lembranças da era comunista. Havia um quarteto de senhoras idosas com rostos sérios e que estavam sentadas em torno de uma mesa de fórmica, conversando entre si em sussurros conspiratórios. Havia um casal de aparência ameaçadora, *skinheads* que saudaram amavelmente uma das senhoras, e uma mulher muito gorda, com um penteado armado, sentada em um banquinho atrás da caixa registradora, como se tivesse sido colocada lá havia trinta anos. Também havia, sentado em um canto, um rapaz de aspecto introvertido que vestia uma camiseta estampada com um motivo de mangá japonês e um moletom de capuz num azul elétrico. O cabelo estava em ponta com gel, conservava cicatrizes de acne juvenil no rosto e parecia permanentemente preocupado. Neste momento, estava absorto na leitura de uma *graphic novel* japonesa. Devia estar achando algo de divertido no texto ou nas ilustrações, porque tinha os lábios contraídos em um meio sorriso, que sugeria certa atitude ambígua e desconfiada de tudo.

Então esse devia ser Johannes.

Ele levantou os olhos da revista, viu que eu estava olhando para ele e soube imediatamente quem era eu. Com uma expressão grave, ele fez um gesto afirmativo. Fui até ele e estendi a mão. O rapaz aceitou-a sem muito entusiasmo e me concedeu um débil apertão antes de retirá-la.

— Sou Thomas — disse.

— Eu sei — respondeu ele.

— E como sabe?

— Vi suas fotos nos livros.

— Você leu meus livros?

— Não fique se achando...

— Eu nunca me vanglorio pensando que alguém lê meus livros, porque são muito poucas as pessoas que fazem isso... Posso me sentar?

Ele assentiu, apontando com a cabeça uma cadeira vazia à sua frente. Notei que seu copo de cerveja estava vazio.

— Toma outra? — perguntei.

Ele encolheu os ombros e, depois de um momento, disse que sim.

— Agradeço que tenha aceitado se encontrar comigo com tão pouca antecedência.

— Não posso dizer que eu tenha a agenda muito ocupada... — replicou ele.

— Está estudando? — perguntei.

— Não, nunca fui à universidade.

— A decisão foi sua?

— De certo modo sim, porque quando um cara não estuda nem se preocupa em ser aprovado nos exames, geralmente ele não entra na universidade. Mas me diga uma coisa... Você veio sei lá de onde mora só para falar sobre meu fracasso como estudante?

Ele disse tudo isso em um tom monótono imutável. Notei também que ele jamais fez contato visual comigo, e seus olhos estavam sempre em outro lugar.

— Eu queria conhecer você — respondi.

— E a troco de quê?

— Acho que você sabe...

— Por causa de seu sentimento de culpa?

Mas uma vez, o comentário foi feito sem raiva nem segundas intenções.

— Sim, meu sentimento de culpa tem algo a ver com o fato de eu estar aqui.

— Eu li os diários — comentou ele. — É normal que se sinta culpado.

— É assim como me sinto.

— Você também deveria saber que ela sempre falava de você.

— Sério?

— Você me parece surpreso.

— É apenas que... Já se passou mais de um quarto de século desde que...

— Desde que a entregou para a CIA?

Fiquei em silêncio, com os olhos fixos na mesa, pensando: *Eu mereço. Tudo isso e muito mais.*

— Não vou tentar justificar o que eu fiz — respondi. — Foi errado. E mesmo não conhecendo toda a verdadeira história antes de ler os diários, eu...

— Minha mãe matou um cara. Isso me pareceu bem legal. Gostei muito quando soube disso, principalmente porque ele era um canalha, como o nojento da Stasi que teve minha custódia durante cinco anos.

— Você ficou com ele apenas por cinco anos?

— *Apenas?* Isso me pareceu uma vida inteira. Mas por que está interessado nessa história?

— O que você acha?

— Então... Os diários... Eles pegaram você, certo?

— Você está surpreso?

— Eu não sei nada sobre você...

— Sabe de algumas coisas.

— Eu sei o que minha mãe escreveu naqueles cadernos. Eu sei o que ela me contou sobre você. Sei o que fez e as consequências disso para ela.

— E que consequências foram essas?

— Essa é outra conversa, para outra hora.

— Como ela conseguiu trazer você de volta? — perguntei.

— Você é muito direto... Todos os americanos são diretos assim?

— Este aqui é — respondi. — Como ela conseguiu recuperar você?

Minha vontade era de perguntar: *E você tem um irmão ou uma irmã em algum lugar?* Mas o ar perturbado de Johannes me fez hesitar. Especialmente porque a resposta dele para minha última pergunta foi:

— Você não ia me pedir outra cerveja?

Levantei a mão quando vi uma garçonete. Johannes pediu uma Hefeweizen e eu pedi duas. Quando a mulher foi embora, Johannes ficou olhando para a frente por bastante tempo, sem virar-se para mim uma única vez. Finalmente, falou:

— Eu não queria fazer isso.

— O quê, conhecer-me?

— Enviar-lhe os diários — respondeu ele. — Mas minha mãe insistiu. Foi uma das últimas coisas que ela me pediu. E ela me fez prometer que o faria.

— Ela morreu de quê?

— Câncer.

— Foi rápido?

Ele negou com a cabeça, depois acrescentou:

— Mas ela continuou fumando até o fim, com uma convicção e uma coragem admiráveis.

— Então, foi o quê, câncer de pulmão, de garganta?

— Foi câncer, um câncer causado pela radiação a que ela foi submetida na prisão. Ou, pelo menos, era isso que os médicos pensavam já que cerca de cem outros prisioneiros que eram mantidos em Hohenschönhausen na mesma época que minha mãe morreram de diferentes tipos de leucemia. Minha mãe contava que, quando eles a detiveram pela primeira vez, fizeram fotos em uma sala especial e que, depois da sessão, teve essas queimaduras vermelhas por toda parte. Radiação. Escondida da vista. Os desgraçados pensavam que poderiam impregnar seus prisioneiros com a radiação para depois mantê-los controlados com aparelhos de detecção. Parece uma história saída de

um desses filmes ruins de cientista louco. Todo mundo que recebeu o mesmo tratamento em Hohenschönhausen ou está morto, ou está a caminho. Minha mãe foi uma das últimas.

— Sinto muito.

— É mesmo?

— Mais do que sou capaz de expressar.

Ele se manteve em silêncio por alguns minutos e depois disse:

— Encontrei meus outros “pais” há alguns dias na rua. Eles estão em seus sessenta anos agora. Ainda juntos. Tão duros e retesados como sempre foram. Fazia uns vinte e cinco anos que não os via, desde que minha mãe me pegou de volta. Eu os vi andando na minha direção. Eu meio que sorri. Eles passaram direto, não me reconheceram.

— E isso o surpreendeu?

— Não, isso me agradou — respondeu Johannes. — Porque, quando eu estava com eles, nunca soube que tinha essa verdadeira mãe que estava trancada em algum lugar.

— Sua mãe foi presa depois...

— Depois do que você fez? É isso mesmo. Presa e em seguida enviada para Karl-Marx-Stadt como uma forma de exílio dentro das fronteiras do país. Essa cidade era a nossa Sibéria. Mas você me interrompeu. Cinco anos com as pessoas que se diziam meus pais. Eles eram muito rígidos. Eu tinha que chamar aquele meu suposto pai de “senhor”. Minha “mãe” também era uma oficial da Stasi e não se sentia confortável com a ideia de demonstrações de afeto. Ou, pelo menos, é isso que eu acredito recordar daquela época. O fato é que me lembro de muito pouco, exceto que meus “pais” eram sempre distantes de mim, sempre tão formais... Mas eu achava que eles eram meus pais verdadeiros e pensava: *É assim que os pais se comportam*. Então, em um belo dia, alguns homens de terno apareceram à porta do nosso apartamento, não muito longe daqui, em Friedrichshain. Eles estavam acompanhados por dois policiais. Um dos homens conversou com o meu “pai”. Então ele falou comigo. Disse que queria me levar a algum lugar para encontrar uma mulher que gostaria muito de me conhecer. Era tudo um pouco confuso. Meus pais ficaram ali, sem dizer nada, enquanto um dos caras de terno lhe dizia algo em voz baixa e o outro lhes entregava um monte de papéis.

“O que eles estavam fazendo era dizer a essas pessoas (a meus ‘pais’) que tinham provas de que eles haviam conseguido esse menino (eu) através de meios ilícitos. Assim como também sabiam que, no desempenho de seu ‘exercício profissional’, haviam cometido numerosos crimes contra a humanidade.”

Fez uma pausa, e um meio sorriso voltou a animar seus lábios fugazmente.

— Estou falando demais? — perguntou.

— Nem um pouco.

— Você está mentindo. Eu sei que eu falo demais. Meus professores todos diziam a mesma coisa. Meus amigos também, pelo menos os poucos que tenho. Dietrich me fala isso o tempo todo.

— Quem é Dietrich? — perguntei.

— Meu chefe.

— Onde?

— Em uma livraria a algumas ruas daqui. Trabalho lá há coisa de sete anos. Somos especializados em quadrinhos, *graphic novels*. Especialmente coisas japonesas. Mangá.

— Estamos nos desviando do assunto de quanto voltou para sua mãe.

— Você realmente quer ouvir tudo isso, não é?

— Quero — respondi.

— Meus supostos pais, quando entenderam o que de fato estavam dizendo aqueles homens de terno, coisa que eu não conseguia compreender naquele momento, bem, a minha “mãe” começou a soluçar... Meu “pai”, seu nome não é importante, ficou lá todo de boca bem fechada. O homem de terno que tinha falado comigo, ele foi realmente muito gentil, me perguntou:

“— Você gostaria de conhecer sua mãe de verdade, Johannes?”

“— Mas esta é minha mãe — respondi, apontando para a mulher que sempre desempenhou esse papel.”

Nesse ponto ela começou a chorar. Em voz alta. Seu marido lhe disse para se controlar e parar de chorar, que ela devia se comportar.

“— Não — disse o homem —, os Klaus cuidaram de você enquanto sua mãe verdadeira estava muito doente, mas agora ela já está muito melhor e quer ficar com você.”

“— Mas... Esses são meus pais...”

Até meu “pai”, que segundo eu soube mais tarde contribuiu para desenvolver métodos pioneiros de tortura psicológica contra os dissidentes, chorou quando me ouviu dizer isso.

“— Vou lhe dizer o que faremos — disse o homem de terno. — Venha comigo conhecer sua mãe verdadeira e veremos como se sente depois disso.”

— Eles me levaram de carro a um lugar que se parecia com uma escola, com uma sala com todos esses jogos e brinquedos. Lembro-me de entrar com o homem de terno e ser recebido por essa mulher que foi muito gentil. Ela me pegou um pouco de suco e me perguntou do que eu gostava mais de brincar. Eu disse que gostava de quebra-cabeças. Ela foi buscar um, acho que era do Portão de Brandemburgo, com peças maiores, para crianças pequenas. Sentei-me em um canto e fiquei trabalhando nesse quebra-cabeça por um longo tempo. Quando olhei, vi essa mulher ainda me observando. Ela tinha cabelo curto. Eu não posso dizer se lembro que ela era magra, porque sempre foi magra. Mas quando levantei a vista, ela sorriu. E eu devolvi o sorriso. Não me lembro de muita coisa mais que aconteceu depois... Embora, quando estava morrendo, faz algumas semanas, eu lhe perguntei como tinha sido aquela primeira vez que me viu, depois de mais de cinco anos, e mamãe me disse que teve que se esforçar muito para não chorar, porque estava com medo de me assustar. Mas ela se aproximou e me ajudou a armar o quebra-cabeça. Depois, me contou coisas de quando eu nasci, que meu pai escrevia histórias e que ela cantava canções para que eu pegasse no sono...

“O fato é que não me lembro de nada disso. Mas minha mãe me contou tudo isso três semanas

atrás como se tivesse acontecido ontem. Ela disse que, quanto mais conversávamos naquele primeiro dia, mais eu parecia confiar nela. Houve um momento, depois de cerca de uma hora, em que eu fiquei cansado e coloquei minha cabeça no ombro dela. Ela disse que mesmo os homens na sala, todos membros da Bundesnachrichtendienst, começaram a soluçar.

“Eles nos colocaram nessa casa de acolhimento durante algumas noites, para ter certeza de que eu me adaptaria. Mas eu aceitei logo que ela era a minha mãe verdadeira, talvez porque ela havia sido tão gentil e carinhosa comigo. Então, depois de cerca de uma semana, eles permitiram que mamãe me levasse para casa...”

— E onde ficava?

— Prenzlauer Berg. O mesmo apartamento em que vivia com meu pai. Quando ele morreu e ela foi expulsa, eles deram o apartamento a outras pessoas. Mas quando o Muro caiu e minha mãe não teve mais que ficar no exílio em Karl-Marx-Stadt, ela foi ao ataque como uma autêntica fera. Foi pelo menos isso que ouvi de seus amigos no funeral. Uma semana depois do colapso da RDA, minha mãe já havia encontrado alguns advogados muito bons em Berlim Ocidental que conseguiram nos reunir. Os Klaus não se atreveram a se opor. Os advogados também lhe recuperaram o apartamento. Quando começou a ficar doente, há uns cinco anos, eles conseguiram que o Estado lhe pagasse uma indenização, porque a causa de sua enfermidade era a radiação à qual fora submetida na prisão. Foi bastante dinheiro. Acho que uns cem mil euros, ou mais. Então ela comprou o apartamento para nós dois, ou mais para mim. Disse que precisava me deixar alguma herança... O que sobrou... Ela ganhou do Estado assistência médica gratuita e uma pequena pensão. Mas ela não tinha emprego, então todo o restante da indenização foi gasto durante os cinco anos em que esteve enferma. Ainda assim, todos os anos ela insistia em me levar para viajar a algum lugar interessante: Londres. Paris. Istambul. Uma semana na Sicília. Uma semana em Marrakesh. Viajávamos com pouco dinheiro, mas víamos outros lugares. Ela me contou que esse era seu sonho quando jovem (quando não podia sair da RDA): mover-se livremente pelo mundo. “Como o meu Thomas.” Isso é uma citação direta. “Tal como o meu Thomas.”

Baixei a cabeça e não disse nada.

— Mas outra vez eu estou falando demais, *ja*? Isso é o que sempre diz Dietrich. “Você fala demais, Johannes. Você começa e não consegue parar. Você diz o que quer que venha a sua cabeça. Você tem um problema, que é não calar a boca.”

— A mim isso não incomoda — respondi.

— Isso é porque se sente culpado. Quando minha mãe pediu para lhe mandar os diários, os cadernos de anotações, eu perguntei o motivo. “Você quer que o homem se sinta culpado depois de todos esses anos?” E ela respondeu: “Não, eu quero que ele saiba o quanto eu me equivoquei.”

— Sua mãe não se equivocou em nada. Eu, sim, errei.

— Então, o que está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Vim conhecer você... — respondi.

— Você viajou até aqui só para me conhecer?

— Como posso explicar... Você era uma parte muito importante da nossa vida juntos naquela época. Sua mãe não podia suportar o fato de que eles haviam tomado você dela. Tudo, absolutamente tudo, na vida dela girava em torno de como ela poderia recuperá-lo.

— Eu sei. Eu li os diários.

— E o que pensou ao lê-los?

— O que pensei? Pensei: “Mãe, foi uma loucura gastar toda essa energia comigo”. Quer dizer, depois de tudo, sou um cara que trabalha em uma livraria e lê mangá o tempo todo. Não tenho muitos amigos, não tenho namorada. E alguns psiquiatras disseram a ela que tenho esse transtorno maníaco que me faz falar o tempo todo, dizendo o que vem à cabeça.

— Sua mãe te amava mais do que qualquer coisa.

— Sim, esse foi o problema dela. Assim como amar você.

Novamente, eu não disse nada.

— Isso dói, né? — perguntou ele.

Eu só encolhi os ombros.

— Diga a verdade — disse ele. — Isso dói, certo?

— Sim — respondi. — Dói.

— Ótimo — disse ele, com o mesmo tom uniforme de voz. — Venha, vou lhe mostrar onde ela morava.

Havia um táxi livre quando saímos para a Karl-Marx-Allee. Johannes me disse que pagar para alguém nos levar era uma forma idiota de gastar dinheiro, mas eu estava um pouco mareado, porque os efeitos do fuso horário estavam misturados com o exasperante discurso de Johannes, sua franqueza sem censura, a sua estranheza profunda que também lhe permitia contornar os bons modos e as normas da cortesia, e, em vez disso, articular tudo o que estava em seu cérebro no momento em que você falava com ele. O que achei mais inquietante nisso tudo foi a maneira como ele também era capaz de chegar ao fundo do assunto e expressar a verdade tal como a via, uma verdade que, embora totalmente subjetiva, tinha todo o peso da verdade para ele.

Eu o convenci a irmos de táxi. No caminho, ele me disse que estava esperando abrir muito em breve sua própria livraria de quadrinhos e *graphic novels*. Já tinha inclusive escolhido o local: em Prenzlauer Allee, entre Marienburgerstrasse e Christburger Strasse. Do lado leste da rua, uma caminhada de cinco minutos de seu próprio apartamento em Jablonski Strasse.

— Em Prenzlauer Berg — explicou —, moram só jovens casais e burgueses boêmios, um público ideal para os quadrinhos e as *graphic novels*. Se eu conseguir convencer um banco a me emprestar algum dinheiro...

— Quanto você ganha na livraria?

— Cerca de duzentos e cinquenta euros por semana sem os impostos. Dá uns cento e oitenta livres. Mas, graças à minha mãe, não tenho que pagar aluguel nem tenho muitas despesas. Consigo guardar uns cinquenta por semana, e já tenho mais ou menos quatro mil guardados. Se o banco me

emprestasse quinze mil...

— E quais são os seus planos?

— Nem mais nem menos do que a livraria de *graphic novels* mais completa e mais legal da capital. A instalação de que eu mais gostei tem cerca de cinquenta metros. O dono está disposto a me alugar por menos de mil euros por mês, o que também não é barato. Mas eu estive fazendo alguns cálculos. Se eu conseguir que ela seja a livraria meio que obrigatória dos aficionados do gênero em Berlim, ganharei facilmente mais de três mil semanais.

— E não terá chefe...

— Exatamente. Isso seria uma mudança. Não responder a um cara mesquinho que realmente não sabe merda nenhuma sobre mangá e que só entrou nesse negócio porque *graphic novel* vende e não tem amor nenhum pelo que está vendendo. Era isso que minha mãe dizia sobre os seus livros. Todos eles demonstram seu amor.

— Ela dizia mesmo isso? — perguntei.

— Que você tinha amor pela literatura, amor por viajar, o amor por fugir...

— Coisa que fiz muito...

— Ela disse isso também.

A Jablonski Strasse era uma rua de prédios veneráveis, tudo impregnado com o grafite onipresente que parecia ser um componente essencial da nova paisagem de Berlim. Embora muitos dos blocos de apartamentos tenham sido submetidos à cirurgia plástica arquitetônica, ainda havia vários que permaneciam assumidamente arraigados à época da RDA. O de Johannes era um desses: o exterior com acabamento de pedra de uma desbotada cor parda; janelas tristes, algumas das quais estavam fechadas com tábuas de madeira. A porta principal a ponto de cair das dobradiças e um vestíbulo que cheirava a concreto sem revestimento e mofo.

— Eles estão pedindo três mil euros a cada morador para ter toda a fachada e todos os corredores reformados — disse ele. — Mas ninguém que mora aqui tem três mil para gastar.

Seu apartamento ficava no último andar. Subi preparado para o pior: uma mistura tóxica, pratos empilhados na pia, banheiro sem limpar por meses, a roupa suja em todos os lugares e comida velha na geladeira.

Na verdade, as escadas que levavam para seu apartamento no quarto andar não anunciavam nada de bom, porque foram pintadas pela metade e eram mal iluminadas, com uma única lâmpada pendurada no teto.

Mas o apartamento em si... Johannes também teve que decidir em algum momento que a ordem interna era a solução para a bagunça da sua vida. Ele tinha pouco mais de quarenta e cinco metros quadrados, metade dos quais foram ocupados por uma sala com mobiliário básico: um sofá e uma poltrona preta, moderna e sóbria, que, para o deleite de sua mãe, Johannes tinha encontrado (me disse) em uma lixeira em frente de um *show room* de mobília. Os dois móveis possuíam algumas molas quebradas e haviam perdido um pouco do enchimento, mas Johannes tinha um antigo colega de escola que trabalhava em uma fábrica de móveis e reformou ambos por cem euros. Ele mencionou a

soma com especial orgulho, assim como explicou os cinquenta desenhos de mangá que cobriam as paredes. Nenhum fora enquadrado. “Eu não tenho muito dinheiro”, disse ele. Mas todos foram colados às paredes exatamente com o mesmo tipo de adesivo que dava o efeito dos quatro cantos de uma moldura à volta de cada imagem. E o mais fascinante de tudo foi que eles estavam alinhados em fileiras exatamente iguais cuja distância era perfeitamente medida, de modo que nenhum desenho parecia afastar-se do resto mais do que os outros.

Eu observei tudo isso, juntamente com a simples cozinha e a quantidade de *graphic novels*, todas em ordem alfabética, empilhadas nas muitas prateleiras do apartamento. Johannes me mostrou seu quarto, onde havia uma cama de solteiro com a colcha esticada como o couro de um tambor, no estilo das camas de hospital. Ele me mostrou sua vasta coleção de CDs de estranhas bandas escandinavas de *heavy metal*. Então abriu a porta e disse:

— Este é o lugar onde minha mãe trabalhava e dormia.

O que eu vi quando a porta se abriu me pegou de surpresa. O quarto não poderia ter mais de sete metros quadrados. Petra também dormia em uma cama de solteiro que ocupava todo o comprimento de uma parede. Na parede oposta, havia uma mesa branca tão simples quanto a cama, com um computador antigo. Mas então notei a biblioteca em sua área de trabalho, e lá, cobrindo duas prateleiras longas, cerca de dois metros cada uma, estavam várias dezenas de exemplares dos quatorze livros que eu tinha escrito em várias versões. Os originais em inglês, tanto capa dura quanto brochura, ocupavam a prateleira de cima, enquanto a de baixo era forrada, uma após outra, pelas traduções para alemão, francês, italiano, grego, polonês, sueco e finlandês.

Com os livros, havia quatro arquivos de grandes dimensões, com uma legenda que foi repetida na parte de trás dos quatro, “*T. N.: Journalismus*”. Johannes abriu um deles e me mostrou uma série de artigos que eu tinha escrito nos últimos vinte anos, para publicações tão diversas como *National Geographic*, *The New York Review of Books* ou o Suplemento Literário de *The New York Times*.

Como ela havia conseguido encontrar todos eles? E por que ela se preocupou em fazer isso?

Assim que minha mente levantou essa questão tão inútil, eu me vi procurando pela cadeira de Petra, puxando-a para mim e deixando-me cair nela no mesmo momento em que desmoronei, começando a chorar com uma infinita tristeza.

Todos esses anos... O tempo todo me perguntando sobre ela e dizendo que tudo pertencia ao passado, para não voltar a ele, que eu corria o risco de abrir a caixa de Pandora...

Todo esse tempo, quando sentia a falta dela no escuro do meu canto, quanto me arrependi do que tinha feito, do que havia desperdiçado e perdido, e de todas as coisas terríveis que certamente devem ter acontecido a ela depois que a entreguei...

Durante todo esse tempo... Ela tinha estado lá. Comigo. Seguindo meu trabalho, minha carreira, recolhendo meus livros em todas as línguas que pudesse encontrar, tentando localizar todos os meus artigos e buscando manter-se a par de tudo o que eu fazia, meus interesses profissionais, o que eu pensava e sobre o que escrevia acerca do mundo e da vida como nós a experimentamos.

Vendo todos os livros e artigos reunidos com esforço e perfeitamente ordenados, como uma espécie de homenagem à ínfima obra que deixarei quando a morte finalmente vier me buscar, me veio à mente uma ideia simples, mas avassaladora, que se recusou a ir embora: “Ela me amava e eu não soube enxergar isso”.

Enquanto eu chorava, Johannes se sentou na beirada da cama e olhou para mim com distanciamento quase clínico. Quando eu finalmente me acalmei, ele disse:

— Eu odiava você. Toda vez que minha mãe gastava dinheiro que não tínhamos comprando um de seus livros, cada vez que recebia um pacote de Nova York, Londres ou Lisboa com a sua nova *magnum opus* (e ela ainda tinha que colecionar as merdas das traduções!), ela ficava sentada onde você está agora. E fazendo o que você está fazendo. Começava a chorar.

Ele se levantou e procurou alguma coisa em uma prateleira acima da minha cabeça. Um envelope em papel pardo grosso. Ele jogou-o na minha frente. Tinha meu nome escrito com a letra dela:

— Minha mãe me pediu para entregar a isso a você caso um dia viesse a Berlim. Mas só se viesse fisicamente para cá... Mas pode ir a outro lugar para lê-lo, porque eu não quero estar com você agora.

Ele voltou a ficar de pé. Peguei o envelope e eu o acompanhei até a porta do apartamento, que ele abriu. Eu cruzei o umbral, com o envelope debaixo do braço.

— Sinto muito — murmurei. — Eu sinto... Tanto...

Johannes ficou olhando para o vazio e finalmente disse:

— Todos nós sentimos.

Dois

Queridíssimo Thomas:

Bem, finalmente. *Enfin. Endlich.*

Eu particularmente gosto da palavra alemã. *Endlich.* No final de tudo, que é onde estamos. Esta é uma carta que deveria ter sido escrita anos atrás... Ou melhor, décadas atrás, mas que não escrevi por diversas razões, algumas complexas, algumas muito pessoais, e algumas triviais.

Endlich.

Como começar? Por onde eu começo?

Pelos fatos.

Há cinco anos padeço de um tipo de câncer no sangue conhecido por um nome científico tão comprido quanto impressionante: leucemia linfoblástica aguda de precursores de células B. Naturalmente, eu li muito sobre a doença contra a qual tenho lutado nos últimos sessenta meses e que parece determinada a arrancar-me a vida mais cedo do que eu gostaria. Há cerca de vinte subclasses deste tipo de leucemia. Algum tempo atrás, eu encontrei uma definição na rede, e cito-a agora, porque eu acho que resume tudo:

A leucemia aguda é caracterizada por um aumento rápido de células sanguíneas imaturas. O acúmulo impede que a medula óssea venha a produzir células sanguíneas saudáveis. Leucemia requer tratamento imediato devido à rápida progressão e à proliferação de células malignas, as quais entram na corrente sanguínea e podem se espalhar para outros órgãos.

Parte de mim está sinistramente divertida pelo fato de que sejam as células sanguíneas *imaturas* que estão causando estragos no meu corpo. Afinal, muitas das coisas que fizeram estragos na minha vida aconteceram quando eu tinha vinte anos, quando era imatura e não sabia como o mundo funcionava.

Ou será que estou procurando uma metáfora quando não se precisa de nenhuma?

No mesmo site, há mais dados sobre a leucemia e suas causas:

Nos adultos, uma das causas conhecidas é a radiação natural e artificial ionizante.

Claro, viver fumando dois maços de cigarros por dia, como faço há trinta anos, não deve ter ajudado muito as coisas. Mas a exposição à radiação é (como se diz em maus romances policiais ingleses de certa época) a “arma fumegante”. Eu lhe contei faz tempo que me “fotografaram” em Hohenschoenhausen depois da minha primeira prisão. Quando fui deportada de Berlim Ocidental, em 1984, também fiquei um tempo encerrada em Hohenschoenhausen (eles nunca me disseram em que prisão eu estava, mas eu me recordava da experiência anterior). A razão pela qual me prenderam foi a morte do querido Herr Haechen. A Stasi estava convencida de que eu era a culpada. Assim, quando o Bundesnachrichtendienst e os americanos me mandaram de volta (depois que eu lhes pedi que me concedessem asilo político e um de seus compatriotas me respondeu: “Nós já lhe concedemos e veja

o que aconteceu”), eles me prenderam imediatamente como suspeita de assassinato. Mas, como eu havia dissimulado muito bem a minha trilha, e Haechen não havia deixado nenhum indício de que ele pensava encontrar-se comigo em Hamburgo, não puderam acusar-me diretamente. Claro, eles recorreram à coerção psicológica: fui privada de sono e, durante uma semana terrível, fui submetida a dezoito horas de interrogatório. Mas a partir do momento em que eu me vi trancada em uma cela, percebi que tinha uma carta vencedora nas mãos, a qual era simplesmente o meu silêncio. Se eu confessasse, estaria perdida. Seria condenada à prisão perpétua. Seria um pesadelo sem fim. Se eu me recusasse a falar, se ficasse em silêncio, não poderiam me acusar de nada.

Então essa foi a minha tática, e a subsequente guerra de nervos durante os cinco meses que eu fiquei trancada em Hochenschoenhausen foi desesperadora. A cada três dias eu tive que ser “fotografada” de novo e de novo ficava com bolhas vermelhas nas costas.

Radiação.

No fim, venci meus interrogadores. Eles desistiram. E me disseram que eu tinha perdido para sempre qualquer possibilidade de alguma vez voltar a ver Johannes. Mas é preciso saber que algo mais me aconteceu no início da minha prisão. Eu estava grávida, talvez cerca de seis ou oito semanas, com nosso filho. Assim que fui deportada, fui completamente examinada por vários médicos. Os exames de sangue e urina confirmaram a gravidez. Uma vez que eles sabiam (pelos relatórios de Haechen sobre mim) que você era o pai do bebê, decidiram agir. Um dia na prisão fui levada para a ala do hospital. Exigi saber por que estava sendo levada para lá. E eles me disseram que era para fazer outro exame de rotina. Logo intuí algo terrivelmente ruim e exigi conversar com o médico. Exigi um advogado. Exigi...

Mas, de repente, dois enfermeiros entraram no quarto. Tentei me levantar para fugir, mas eles me seguraram na cama entre ambos enquanto a médica me dava uma injeção que me deixou inconsciente.

Quando acordei várias horas mais tarde, estava amarrada a uma cama de hospital. Por conta da dor que estava sentindo na virilha, soube o que eles haviam feito enquanto eu estava sob o efeito da anestesia. A médica (chamada Keller) veio me ver e garanto que sorria quando falou:

— Removemos todo o lixo capitalista de dentro de você. Demos uma boa raspagem e tudo foi completamente removido.

Naquele momento, eu prometi a mim mesma que um dia iria destruir a mulher, exatamente como havia ajustado as contas com Haechen e como estava decidida a descobrir o nome dos oficiais da Stasi que estavam com Johannes e acabar com eles. É horrível agora reconhecer isso, mas embora eu tivesse perdoado Judit pelo que ela fez, porque o fez por fraqueza, por medo e pelas pressões que recebeu para que cooperasse, nunca poderei perdoar aqueles que permitiram que o sistema aumentasse sua própria crueldade. Como uma doente terminal que tem uma semana de vida apenas, posso dizer agora que eu nunca perdi um minuto de sono sequer por matar Haechen. Ele estava me matando lentamente com sua falta de piedade, e eu sabia que no momento em que recebesse a ordem de me eliminar, se um dia viesse essa ordem, ele a executaria sem um pinga de hesitação. Eu acho que a única razão pela qual a Stasi não me matou naquele momento era porque os americanos e o

pessoal da Bundesnachrichtendienst sabiam da minha existência. Apesar de eles terem me entregado, não ia pegar bem eu cometer “suicídio”. Era melhor que eles tentassem me destruir psicologicamente, obrigando-me a abortar o filho que eu tanto desejava e enviar-me depois ao canto mais escuro desta República também sombria: Karl-Marx-Stadt, uma espécie de exílio interno.

Karl-Marx-Stadt era uma cidade industrial, sem charme, caráter e cultura. Mas eu tinha uma estação da DDR Rundfunk, a emissora estatal da RDA, e consegui um emprego em um programa sobre livros. E também me arranjaram um pequeno apartamento. Comecei a dormir com um colega da rádio, um homem quieto e tranquilo chamado Hans Schygula que, como eu, tinha sido mandado de Berlim para o exílio, mas pelo crime de propagação de *free jazz* e da música de Stockhausen uma vez no serviço de nacional rádio. Hans era mais velho do que eu: mais de cinquenta anos, divorciado, um amante dos livros e boa pessoa. Ajudou-me a passar o dia a dia, especialmente no início, logo que cheguei a Karl-Marx-Stadt e tentava absorver o que tinha sido feito comigo no hospital da prisão. A perda de nosso filho foi tão devastadora que percebi que tudo que eu poderia fazer para sobreviver era apagar isso da minha consciência.

Você provavelmente acha que eu te odeio por ter me entregado. Sim, houve momentos em que eu realmente odiei você, especialmente no início, quando eles me devolveram a Berlim Oriental e também durante os meses na prisão, quando fui forçada a abortar.

Mas, honestamente, meu amor, eu odiei mais a mim mesma por não ter tido a coragem de lhe contar tudo no início do nosso relacionamento. No entanto, tudo o que eu tinha vivido até então (meu condicionamento social inerente à formulação de minha visão de mundo) havia me ensinado a esconder, ocultar e reprimir. Sempre vi (e senti) o profundo amor que você sentia por mim. Mas eu não podia confiar plenamente nesse amor. Tive que acreditar forçosamente que, se a verdade viesse à tona, você fugiria de mim e me acusaria de traição. No entanto, ao não lhe contar toda a história, a maneira como Haechen usava Johannes para fazer chantagem, eu destruí tudo. Se eu tivesse estado em seu lugar, tenho certeza de que teria reagido da mesma forma. E a minha única grande esperança durante todos esses anos é que você não tenha sofrido demais com tudo isso... Mas em cada um de seus livros (leio-os todos) há sempre uma referência à vida como uma sucessão de tristes lembranças que muitas vezes escondemos. Isso, juntamente com todos os indícios que deixou passar em seus livros mais recentes sobre a fragilidade de seu casamento, me faz pensar que os danos sofridos por nós dois jamais cicatrizaram completamente.

Quanto a mim... Graças a Hans, os anos em Karl-Marx-Stadt eram quase toleráveis. Depois, o Muro caiu. A poucos dias de podermos cruzar para o Ocidente sem problemas (e depois de ir andando até Kreuzberg e recuperar os dois diários que eu havia escondido no porão do meu prédio, na véspera de minha prisão), entrei em contato com uma advogada fabulosa chamada Julia Koch, especialista em direitos civis. Ela aceitou o meu caso depois de ouvir como Johannes fora retirado de meu convívio à força. Eu acho que Julia considerou que meu caso seria um teste e demonstraria até que ponto a Stasi poderia ser responsabilizada por suas ações. Em apenas seis semanas de implacável pressão, os Klaus, o casal a quem eles “presentearam” com Johannes, fora expostos à vergonha pública pela imprensa local. Falou-se muito de nosso caso, sobretudo porque foram

aparecendo outras pessoas, que declararam que Herr e Frau Klaus eram dois dos mais vingativos e cruéis interrogadores da Stasi. E o fato de que, além de tudo, adotaram alegremente a um bebê que havia sido arrancado de uma mulher inocente, erroneamente acusada de ativismo político... Pelo que sei, tiveram que sair de seu apartamento em Friedrichshain, e ouvi dizer que terminaram a sua carreira cumprindo tarefas administrativas no escritório local da Receita Federal.

Quanto à médica, aquela que me disse com um sorriso que tinha abortado o meu filho, também estava na mira de minha advogada. Quando seu nome veio a público, cerca de trinta mulheres, todas tendo passado em um momento ou outro por Hohenschoenhausen, informaram que essa mesma senhora lhes havia praticado o aborto, e em alguns casos esterilizações sem consentimento das pacientes. O resultado foi a expulsão da mulher da ordem dos médicos e, seis meses mais tarde, seu carro caiu de uma ponte, perto de Berlim, ao dirigir bêbada.

Gostaria de poder dizer que sua morte deu-me algum prazer. Tudo que eu conseguia pensar era que as pessoas que cometem atos de selvageria contra o outro sempre buscam justificar suas ações com frases do tipo “Estava apenas cumprindo ordens” ou “Disseram-me que isso era para o bem da Pátria”, ou ainda, “Foi o sistema que me transformou no tipo de pessoa que eu fui”. É como quando acreditamos que ao eliminar uma raça inteira de pessoas, ou levantar um “dispositivo de proteção antifascista” que contenha todo um país, ou prender quem ousa criticar o regime sob o qual vivemos, vai resolver problemas comuns, quando a verdade é que os muros desmoronam e os regimes caem em descrédito e são derrubados. Toda uma realidade coletiva se revela profundamente falha e, ainda assim, o circo humano continua.

Um dia não muito tempo atrás, quando eu ainda podia andar um pouco, pedi a Johannes para me levar para o Portão de Brandemburgo. Eu me lembro de que, quando era pequena, o Muro estava sempre lá, na frente dessa entrada cerimonial. Como a gente era capaz de ver as ruínas do Reichstag e as árvores lá do Tiergarten, a oeste. Tão perto e ainda assim incrivelmente longe! Era o Planeta Proibido no qual nunca nos seria permitido entrar.

Então, Gorbachev decidiu retirar seu apoio à nossa pequena e patética República, e tudo veio abaixo. O centro não podia suportar a pressão. E o resultado...

Agora qualquer um pode chegar ao outro lado.

Então lá estava eu, apenas duas semanas atrás, com meu filho. O filho que foi arrancado de mim por causa de tudo o que o Muro representava. Agora Johannes tem vinte e oito anos; é um homem maravilhoso e original, e também uma pessoa que muita gente considera como alguém estranho e diferente. Sim, ele é singular. É verdade que vive em seu próprio mundo, um mundo de histórias em quadrinhos, *graphic novels* e artistas japoneses, que tem muito pouco a ver com o funcionamento da realidade dos outros. Mas não é muito mais interessante ser como ele é? Ele não tem muitos amigos, nem há uma mulher em sua vida. Mas é um bom homem e um filho muito bom. Toda vez que eu olho para ele, não consigo parar de pensar no horror que arrancou meu filho de mim e na providência que nos reuniu de novo. Já se passaram mais de vinte anos desde essa nossa reunião. Porém, ele me diz que se lembra de muito pouco dos anos que viveu longe de mim, com “aquela gente”. E também não se lembra de nada da RDA.

— É sério que tinha um muro ali? — perguntou, enquanto eu segurava o braço dele diante do Portão de Brandemburgo.

— Você sabe que sim — respondi. — Já te disse mil vezes e você já estudou na escola.

— Mas eles não deixaram nada de pé.

— Porque era horrível demais para deixar qualquer coisa.

— Eles deveriam ter deixado um pedaço — disse Johannes — para as pessoas se lembrarem de como era ruim...

Eu não teria dito melhor. Fiquei muito impressionada com suas habilidades analíticas. No entanto, o que ele virá a descobrir quando for um pouco mais velho é que se continuarmos a olhar para as paredes que nos dividiram e nos calaram, continuaremos presos pelo horror que essas paredes representaram. Talvez seja essa a questão que abarca toda a vida. É possível sempre olharmos para a frente, que é o conselho que sempre nos dão? Ou é preciso conservar alguns vestígios cruciais de nosso passado, por mais dolorosos e terríveis que sejam, para compreender que há certas coisas na vida que nos transformam tão radicalmente que ficam conosco para sempre? Podemos realmente fechar a porta e deixar de fora as coisas que ainda nos atormentam?

Eu queria tanto esse filho de nós dois! Eu sei que não deveria ter parado de tomar a pílula sem lhe dizer. Sim, eu gostaria de ter tido a coragem de falar das sombras que me perseguiram por todas as partes...

Mas eu não lhe contei nada, e isso só compreendi agora, por não acreditar que eu merecia a felicidade que você representava, nem a vida que poderíamos ter dado um ao outro. Talvez essa tenha sido a pior coisa nos últimos trinta anos. Saber que você era o homem da minha vida; que nunca me senti assim com ninguém nem antes nem depois; saber, e essa é a tristeza que levarei para o túmulo, que tive um momento, um momento extraordinário com você.

Mas se não podemos nos aferrar ao momento, ele se torna apenas isso, um momento. E a vida, como o tempo, tem sua lógica implacável, uma dinâmica inexorável para a frente que ninguém pode parar. Até que ela se esgota para você.

A ideia de que minha vida está sendo tirada de mim quando ainda estou na casa dos cinquenta... Penso naqueles homens e naquelas mulheres na prisão que tinham ordens de apontar para mim seus canhões de radiação, e que quase trinta anos depois estão precipitando minha morte.

Mas daqui a cinquenta anos, quando eles também tiverem desaparecido desta vida, quando a doença e a velhice e o tempo os tiverem excluído, será que alguém por acaso vai se lembrar do fato de que o aparelho de segurança de um Estado desaparecido usou a radiação para marcar seus prisioneiros políticos e os condenou a padecer de uma forma fatal de leucemia? Alguém se recorda agora dos efeitos do gás mostarda durante a Primeira Guerra Mundial? Ou das epidemias de tifo nas trincheiras? Será que houve em Berlim, em 1910, uma mulher que injustamente teve seu filho apreendido e que, ao contrário de mim, não o conseguiu de volta? E, pelo resto de sua vida, não superou a perda? Quem é a testemunha de sua história, hoje em dia? Ninguém. Porque seus irmãos, amigos, colegas, vizinhos, pessoas com quem ela passou a sua infância, os primos que a viam uma

vez por ano e o homem que lhe vendia o jornal todas as manhãs já morreram há muito tempo. Pense, no entanto, na dor que ela carregava, que por sua vez foi misturada com a dor de todos aqueles que viviam no mundo ao mesmo tempo. Todos eles, assim como nós estamos fazendo agora, tiveram que lidar com coisas terrivelmente difíceis, cruas e desesperantes durante o tempo em que viveram.

Mas então a mortalidade leva toda uma geração. E o que acontece com toda aquela dor que eles carregavam? Desaparece. É esquecida.

Não considero que a minha vida tenha sido desafortunada. Ao contrário... Hans se mudou de Karl-Marx-Stadt e veio morar em Berlim ao mesmo tempo que eu, e lutou para conseguir de volta seu emprego na rádio na nova Alemanha unificada. Mesmo morando em apartamentos separados, em primeiro lugar porque eu precisava dar tempo para Johannes se adaptar, e depois porque Hans e eu preferíamos morar cada um em sua casa, continuamos a ser um casal até que ele morreu de câncer pancreático, há dois anos. Eu estava apaixonada? Na verdade, não. Mas ele era meu amante, minha rocha. Quando eu comecei a ficar doente, foi ele quem me pediu para ligar de volta para o meu rottweiler, Julia, minha advogada. Ela conseguiu para mim uma indenização do Estado. Não era muito, mas o suficiente para comprar um apartamento para Johannes, para que eu possa morrer em paz sabendo que, no pior dos casos, meu filho tem um teto sobre sua cabeça para o resto de sua vida, e totalmente pago.

E agora tenho que lhe falar sobre Johannes, meu amor. Agora que Hans morreu, e em breve eu irei embora, meu filho vai estar sozinho no mundo.

Embora ele tenha capacidade suficiente para pagar suas contas, levar a roupa para lavar e mudar a roupa de cama uma vez por semana, temo de verdade que ele não tenha amigos. Que ele se isole, que não seja capaz de se conectar com nada.

Por isso, e se lhe for possível, peço-lhe apenas uma coisa: seja seu amigo, ele precisa de alguém para conversar, para buscar conselhos, alguém a quem procurar apoio. O fato de que você está aqui, lendo esta carta, significa que você já fez todo o caminho de sua casa no Maine para Berlim, porque você sabia que tinha negócios inacabados. E porque nunca o sentimento de perda se dissipou totalmente.

Eu sei que deveria ter escrito anos atrás. Sonhava com isso, mas sempre afastava a esperança. Porque tinha vergonha de ter decepcionado você, porque também acreditei que não merecia seu perdão. Somos tão absurdos, não somos? Nós nos aferramos a nossos tormentos, a nossas agonias, a nossos pequenos dramas, e os usamos para sabotar o que mais queremos e o que, na realidade, mais merecemos.

Amar você. E ser amada por você. Que presente nesta vida! Eu merecia você. E você mereceu a mim. O momento veio e se foi. E ainda choro quando penso em nós.

Ich liebe dich. Damals. Jetzt. Immer.

Deine Petra.

Três

I*ch liebe dich. Damals. Jetzt. Immer.*

Eu amo você. Então. Agora. Sempre.

Deine Petra.

Sua Petra.

Deixei cair a última página da carta sobre a mesa e fiquei parado ali por um longo tempo. Era bem mais de meia-noite. Um pouco mais cedo, tinha jantado sozinho em Prenzlauer Berg. Caminhei pelas ruas elegantes ao redor de Kollwitzplatz, e passei pela Rykestrasse, em frente ao número trinta e três, onde Judit viveu e onde, há vinte e seis anos, bati à porta de sua casa, perguntando sobre algumas fotografias de uma criança que tinha sido arrancada do convívio de uma amiga dela; uma amiga que passou a ser o amor de minha vida. Uma mulher a quem essa Judit traiu. E a quem, tempos depois, eu também traí. Porque pensei que *ela* havia me enganado.

Mas o que eu fiz foi enganar a mim mesmo.

Petra. Meine Petra.

Levei a carta comigo quando fui jantar, mas ela continuou fechada em seu envelope. E ali ficou mais tarde, enquanto eu bebia um drinque em um bar situado um pouco mais à frente, em Prenzlauer Allee. Só depois de uma lenta caminhada de volta para Alexanderplatz e de uma última dose no bar do hotel é que me atrevi a subir para meu quarto e abrir o envelope.

Li uma vez. Levantei-me e comecei a andar para cima e para baixo no quarto, sentindo-me oprimido, perdido... Voltei a ler a carta. Li pela terceira vez, fiquei de pé, peguei meu casaco e a chave do quarto e dirigi-me para a porta.

Fazia frio lá fora. Tinha acabado de nevar. Virei à direita e passei em frente a alguns antigos blocos de apartamento da RDA e depois junto a um terreno em obras onde antes se erguia uma monstruosidade de concreto chamada de Palácio da República, e que tinha sido a sede do Parlamento da Alemanha Oriental. Durante a sua demolição em 2002, descobriu-se que suas paredes continham níveis tóxicos de amianto.

E a exposição ao amianto (assim como a exposição à radiação) provoca câncer.

Petra. Meine Petra.

Segui adiante, passei em frente à renovada catedral de Berlim, ao renovado Museu de História da Arte, da reformada Ópera Estatal e do modernizado complexo de edifícios da Universidade Humboldt, onde estudou Petra. O fim do comunismo sempre traz consigo uma nova demão de pintura, não é? A avenida Unter den Linden, antes sombria durante a existência da Alemanha Oriental, se tornou uma via comercial e turística, com o Museu Guggenheim, uma concessionária da Ferrari e vários hotéis cinco estrelas. As cidades podem fazer isso: livrar-se de

sua antiga identidade e tornar-se algo diferente, com o mesmo exterior, embora renovado e remodelado. Nós, como indivíduos, também podemos mudar de forma física. Podemos perder peso e desenvolver os músculos, ou ir em direção contrária e encher-nos de gordura. Podemos vestir roupas que dizem muito da imagem que pretendemos transmitir ao mundo. Podemos demonstrar aos outros a nossa riqueza, nossa pobreza, nossa autoconfiança ou as nossas dúvidas. Nós, assim como as cidades, podemos mudar todo o nosso exterior. Mas aquilo que nunca poderemos fazer é mudar a história que nos fez ser quem somos. É uma história completamente ditada pelo acúmulo das muitas complexidades da vida, da sua capacidade para o espanto e o horror, para o otimismo e o desespero, para a luz resplandecente e a mais profunda obscuridade. Nós somos o que aconteceu conosco. E levamos a todas as partes tudo aquilo que nos moldou, tudo o que não tivemos, tudo o que sempre quisemos e nunca conseguimos, tudo o que conseguimos mas nunca desejamos, tudo o que encontramos, mas depois perdemos...

Petra estava certa: há certas coisas na vida que mudam tão radicalmente que permanecem conosco para sempre. E nunca podemos fechar completamente a porta para o que ainda nos assombra.

Petra. Meine Petra.

Virei à esquerda para a Friedrichstrasse. As lojas eram ainda mais seletas. Relógios suíços, alta-costura parisiense, *design* sueco, chocolates belgas... Todas as lojas estavam fechadas, todas as cortinas, baixadas. A rua, vazia. Tinha toda a cidade só para mim. Continuei caminhando, com as palavras de Petra girando em meu interior e uma sensação de perda que não era apenas aguda, mas profundamente recente... Mesmo depois de vinte e seis anos.

Será que algum dia eu poderia aceitar o que aconteceu? Ou será que isso continuaria me assombrando para sempre? Eu encontrei a felicidade e a perdi. Ou a desperdicei. Nós controlamos o nosso destino muito mais do que gostaríamos de admitir. Mesmo quando uma terrível tragédia se abate sobre nós, podemos escolher entre sermos impedidos por ela ou, de alguma forma, seguir em frente. Mais revelador ainda é que sempre podemos optar entre ficar ou sair. Desejar a paz doméstica e, ao mesmo tempo, temer suas limitações; saber que estamos tomando uma decisão fundamentalmente errada e ainda assim mantê-la. Aceitar o amor ou evitá-lo.

Fui culpado de tudo isso. Só agora, com a voz de Petra ainda ressoando em meus ouvidos, me dei conta de que as decisões tomadas me haviam trazido até onde estava, andando sozinho por uma rua coberta de neve, enlutado, solitário, distanciado de uma esposa que nunca realmente amei, sentindo a ausência da minha filha e pensando sem parar sobre como as coisas poderiam ter sido com Petra... E como toda a trajetória de minha vida poderia ter sido diferente e (talvez) mais brilhante se eu tivesse ouvido quando ela me pediu para ouvir sua explicação.

“O momento veio e se foi. E ainda choro quando penso em nós.”

Continuei caminhando, tão absorto em minhas reflexões e em meu arrependimento que, de repente, me encontrei sem perceber na estação do metrô de Koschstrasse. Fiquei surpreso ao me ver lá. Como eu consegui descer por essa rua, até chegar a esta estação de metrô, sem primeiro passar pelo Checkpoint Charlie?

Porque o Checkpoint Charlie tinha desaparecido há muito tempo. Refiz meus passos e descobri que tudo o que restou daquela grande divisória ideológica foi o famoso sinal no lado oeste:

“Você está saindo do setor americano.”

O resto da parafernália da Guerra Fria (as cercas eletrificadas, o arame farpado, as casamatas de concreto, as sentinelas com binóculos, os franco-atiradores e o próprio Muro) tinha desaparecido há muito tempo. Havia, como observei, um pequeno museu dedicado ao Checkpoint Charlie. Quanto ao restante, o Muro tinha sido substituído por prédios de escritórios, todos novos, brilhantes e comerciais. A divisória, que tantas coisas havia separado, o símbolo de tudo aquilo que tinha mudado o curso da minha vida se foi.

Tinha sido extirpada.

E eu havia simplesmente passado ao largo, esquecendo-me de que o Muro uma vez tinha estado lá.

Todas as histórias pessoais desaparecem quase por completo. A maioria das histórias geopolíticas também.

Quando voltei ao meu hotel, já era mais de duas horas da manhã. Um *e-mail* esperava por mim:

Estou indo para o meu bar de sempre: o Vebereck em Prenzlauer Allee. Eu estarei lá até por volta das três.

JOHANNES

Peguei um táxi e cheguei dez minutos depois. O Vebereck parecia vagamente gótico: paredes pretas, iluminação fraca, velas acesas e cera derretida em todas as mesas. Johannes estava em uma delas num canto lendo um mangá. Tinha uma cerveja diante dele.

— Então você sofre de insônia também — disse ele quando me aproximei.

— Sempre. Quer outra cerveja?

— Sim, por que não?

Fiz sinal ao garçom para trazer mais duas.

— E o que o manteve acordado até tão tarde? — perguntou. — O fuso horário? Consciência pesada?

— Sim, é por aí — respondi.

— Você leu a carta de minha mãe?

Assenti.

— E...?

— Quer dizer que você não conhece seu conteúdo?

— Minha mãe a colocou em um envelope lacrado cinco dias antes de sua morte e me pediu que não a lesse, mas que tentasse fazer você vir a Berlim para ler a carta aqui. Acho que seus últimos desejos foram cumpridos.

— Acho que sim... — respondi em voz baixa.

— Você sempre se sentiu culpado por tudo?

Eu ri e respondi:

— Sempre.

— Minha mãe sempre mencionava isso sobre você. A sensação de arrependimento que se notava em seus livros, o modo como sempre parecia estar fugindo de si mesmo... Minha mãe era a mais astuta de seus críticos.

— Era mesmo. E eu a amava mais do que...

Johannes levantou a mão como um guarda de trânsito me dizendo para parar.

— Não preciso ouvir mais nada disso, porque já ouvi tudo antes. Minha mãe era sua maior admiradora, sua seguidora mais incondicional, sua leitora mais entusiasta. Pelo modo como ela falava sobre seus livros, “Você viu com que maestria o Thomas descreveu a selva da Costa Rica?”... “Gostaria que ele falasse um pouco mais sobre sua mulherzinha tão fria neste livro”, era como se você estivesse sempre presente no apartamento.

— Ela sabia que minha mulher era fria?

— Bem, estava lá, na página dos livros, não estava?

— Ela logo será minha ex-mulher. Estamos nos divorciando.

— E minha mãe acaba de morrer. Escolheu bem seu momento...

Mordi os lábios e senti que meus olhos se enchiam de lágrimas.

— Eu disse algo errado? — perguntou Johannes.

— Não, não é nada — sussurrei.

— Como não é nada? — replicou ele. — Eu fiz você chorar. Por que você não me insulta, diz que eu sou um merda ou alguma coisa do gênero?

— Porque o único merda aqui sou eu...

— Não, você é apenas o mais triste de nós neste bar. Pelo que ouvi, tenho a impressão de que você está assim há anos. A menos que eu esteja completamente errado, claro.

— Não, você não está errado.

— Então, eu tenho razão, você é um cara triste.

— Sim — retruquei. — Esse sou eu. Um cara triste.

Johannes refletiu sobre isso por um momento e finalmente disse:

— Minha mãe achava isso de você também. Era uma coisa que a aborrecia, que não lhe parecia justa: “Ele é uma pessoa tão inteligente, tão talentosa, ele deveria ser feliz”.

— Mas eu fui feliz. Com ela.

— Ainda assim, escolheu a tristeza...

Esse comentário me caiu como uma bofetada em pleno rosto, mas não recuei. Apenas dei de ombros e falei:

— Sim, foi exatamente isso que eu escolhi.

O garçom nos convidou a sair alguns minutos mais tarde, informando que naquela noite o bar fecharia às três horas. Uma vez na rua, Johannes me disse que gostaria de me mostrar onde ficaria sua livraria. Nós nos dirigimos para o sul até a próxima rua e vi um prédio vazio que era o salão de uma cabeleireira. Na frente havia um cartaz escrito “Aluga-se” em vermelho. O local tinha duas janelas grandes e, apertando os olhos através do vidro sujo, distingi que era bastante espaçoso para uma livraria de bom tamanho.

— Quanto você disse mesmo que eles estão pedindo por mês? — perguntei.

— Novecentos.

— Isso me parece bem razoável para um bairro como este.

— Sim, seria um bom negócio. E eu tenho vários amigos carpinteiros e pintores que me fariam toda a reforma a um preço muito acessível. Claro, o maior investimento seria no estoque porque, como eu já disse, planejo fazer desta livraria a melhor de seu tipo não só em Berlim, mas também em toda a Alemanha.

— E você precisa de uns quinze mil para conseguir colocar as coisas em movimento...

— Isso, se eu conseguisse fazer o banco me ouvir.

— Eu vou arrumar esse dinheiro para você.

Johannes me olhou com cautela:

— Você está falando sério? — perguntou.

— Totalmente.

— Mesmo que a coisa toda seja um fracasso?

— Não será nenhum fracasso — respondi.

— E como pode ter tanta certeza?

— Porque você é o cérebro por trás dessa operação.

— Muitas pessoas aqui pensam que o negócio está fadado ao fracasso, precisamente porque a ideia é minha — retrucou ele.

— Mas eu não sou uma dessas pessoas.

— Eu não quero sua caridade.

— Tudo bem, então não vamos chamar esses quinze mil de presente, vamos chamar de um investimento de minha parte.

— Um investimento que pretendo devolver com juros...

— Isso seria ótimo — comentei —, mas não essencial.

— Pois eu acho absolutamente essencial — respondeu Johannes.

— Tudo bem para mim, então.

— Você pode mesmo conseguir esses quinze mil euros?

— Tenho algumas economias — respondi.

- Mas você não é um cara rico...
- Deixe que eu me preocupe com esse negócio do dinheiro.
- Você está fazendo isso porque se sente culpado, não é?
- Bem — repliquei — essa é uma parte da equação, sim.
- E qual é a outra parte?
- Isso é o que ela queria...

Silêncio. Johannes baixou a cabeça. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele as enxugou com as costas da mão.

- Sinto falta da minha mãe — finalmente disse.
- E eu sei bem o quanto ela amava você.

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, ele me olhou diretamente nos olhos. E disse:

— Você sabe o que minha mãe me disse na noite em que morreu? “Eu sempre achei que a vida fosse essencialmente injusta, especialmente durante todos esses anos em que você não esteve comigo. Mas então recuperei meu filho e a vida já não me pareceu tão injusta assim.” Quem me disse isso foi uma mulher que estava morrendo pelo menos uns trinta anos mais cedo, por causa de um câncer que outros lhe causaram.

- Você deu sentido à vida dela, Johannes.
- Você também...

Voltei para o Maine na noite seguinte. Peguei meu carro em Boston e fui para o norte na interestadual escura. Neve fresca tinha caído enquanto estive fora, mas o cara que manteve a minha entrada de carro transitável também limpou o caminho que levava à minha porta. Só quando entrei em casa é que percebi que passei praticamente três dias sem dormir. E pensei também: *Ainda é difícil voltar para uma casa vazia.*

Coloquei na máquina de lavar a roupa suja que estava em minha mala de viagem. Depois, fiquei uns dez minutos debaixo do chuveiro, tentando livrar-me do voo de dez horas e das três horas na estrada. Eu me servi de uísque e dei uma espiada nos *e-mails*. Havia um de minha filha:

Você está em casa, pai? Eu nunca sei. Eu podia ir da faculdade amanhã se você quisesse jantar em algum lugar.

Respondi a ela imediatamente:

Vou facilitar as coisas. Posso ir para Brunswick. Como era mesmo o nome daquele restaurante italiano de que você gosta tanto?

Combinamos de nos encontrar às sete da noite.

Tinha também um *e-mail* de Johannes:

Falei com o corretor de imóveis e vou assinar o contrato de arrendamento das instalações na semana seguinte. Falei com um advogado. Irá elaborar um contrato entre você e a empresa que

estou formando (da qual eu sou o único acionista), para abrir a livraria. Todos os assuntos relacionados ao seu investimento serão claramente definidos. Prefiro que você passe esse contrato para um advogado, de preferência alguém que entenda alemão, após o recebimento. Como eu disse na outra noite, eu só vou aceitar o seu dinheiro como um investimento, e só se você prometer voltar a Berlim para a inauguração da livraria.

Escrevi de volta:

Claro que estarei aí para a inauguração. E se você quiser me chamar para um bate-papo, aqui está o meu endereço de Skype.

A resposta de Johannes:

Eu tenho Skype também! Não vai custar nada para nenhum dos dois, e agora posso encher o seu saco por horas sobre os últimos mangás que vou forçar você a ler!

Pode perturbar à vontade, escrevi de volta. E você sabe que pode me chamar sempre que quiser. Dia ou noite. Porque, como você, eu não durmo muito.

Mas naquela noite eu dormi muito. Nove horas seguidas. Quando despertei, era um desses raros dias de inverno no Maine no qual o céu amanhece completamente azul e sem nuvens. A temperatura estava bem abaixo de zero, mas sem ser um frio polar. A neve ainda estava intocada. O mundo parecia estranhamente ordenado e racional, naquela manhã inigualável e luminosa.

Fui me atualizar com minha correspondência. Escrevi várias páginas de uma longa história que eu estava contando sobre uma viagem para a Maurîtânia e que tinha feito pouco antes do Natal. Então entrei no carro e rumei para o sul, em direção ao restaurante italiano de Brunswick de que Candace gostava tanto. Quando cheguei, ela já estava me esperando. Candace não me viu de início, assim que entrei, e então pude admirá-la sozinha sentada à mesa. Pareceu-me uma jovem elegante e segura de si mesma; vestida de forma simples, mas com estilo, em seus *jeans* e um suéter preto; uma garota obviamente inteligente e atraente, mas sem a angulosa severidade da mãe. Estava inclinada sobre um livro e mordiscava a ponta de um lápis.

— Esse livro vale a pena ser lido? — perguntei logo que me aproximei da mesa.

Ela levantou a vista e me cumprimentou com um sorriso enorme que, no entanto, parecia ofuscado por alguma preocupação subjacente.

— Thomas Mann. *A montanha mágica* — respondeu Candace. — “Alta literatura estrangeira na versão traduzida.” Eu tenho uma prova na segunda-feira.

— É muito longo — repliquei —, mas muito bom, à sua maneira um pouco imperiosa.

— “Imperiosa”. Eu gosto dessa palavra.

— Bem, pode roubá-la, se quiser — disse, sentando-me. — Posso tentá-la com uma taça de vinho?

— Você sabe que eu ainda tenho alguns meses antes de me tornar maior de idade, pai.

— Pode deixar, eu assumo a responsabilidade se a polícia chegar.

— Meu pai, um delinquente — disse ela, com um sorriso.

— Ei! Eu me lembro de quando estudei aqui, a idade em que se podia beber era dezoito. Claro, isso foi nos decadentes anos setenta, quando ainda não éramos tão obcecados neste país com a microgestão de todos os comportamentos sociais.

— Falou meu pai, como um autêntico libertário.

— Não — retruquei —, falo como um homem que já chegou aos cinquenta anos...

O garçom veio e pedimos meia garrafa de Chianti.

Ele olhou para Candace, mas deu de ombros e foi procurar o vinho.

— Viu? — disse eu. — Nós o enganamos.

— Bem, meu limite é uma taça — respondeu ela.

— Eu também, já que vou voltar dirigindo para casa. E acabo de chegar de outro lugar.

— E qual foi esse “outro lugar” nesta semana?

— Você sabe que fiquei mais de um mês e meio seguido neste país sem viajar.

— Deve ser um novo recorde para você.

— Estive em Berlim.

— Hum... O seu antigo território — disse ela. — Eu vejo que você está um pouco cabisbaixo, pai. Aconteceu alguma coisa em Berlim?

— Muitas coisas — respondi.

— Quer me contar ou não?

— Quero, mas agora não.

Notei que minha filha estava me observando. À sua maneira sempre interessante e sempre analítica, Candace estava também considerando a situação em silêncio. Então ela me sorriu com uma expressão compreensiva e me disse:

— Sem problemas, pai. Mas quando se achar pronto para me contar, claro que estarei pronta para ouvir. Mas é que você parece... Não sei, acho que a melhor palavra para descrever é “pensativo”...

— Sim — respondi —, “pensativo” é uma palavra que descreve muito bem. Mas quando entrei no restaurante há pouco, fiquei observando você e me parecia... Bem, “pensativa” é a palavra que eu usaria para descrevê-la, também. E não tinha a ver apenas com Thomas Mann, certo?

Nosso vinho chegou. Brindamos com nossas taças. Pude notar que Candace estava calculando como contar-me alguma coisa difícil de dizer, pois exibia aquela expressão que usava quando tentava tomar uma decisão importante. Vendo-a em meio a esse conflito interno, senti uma pontada de amor tão intenso por minha filha, ao compreender também que ela estava começando a entrar na idade adulta, com todas as suas complexidades inerentes.

Candace baixou os olhos para o prato vazio que tinha à sua frente e disse:

— Paul me pediu em casamento.

Paul era Paul Forbusch. Um rapaz muito amável e muito atencioso, do norte do estado de Nova York e que estava na mesma classe em que ela e que eu tinha visto em várias ocasiões. Estudava filosofia e teologia, e nunca fora menos do que extremamente gentil e carinhoso com minha filha. Ele até mesmo me contou uma vez o quanto a adorava, quando vieram passar um fim de semana em minha casa, e eu não interpretei o papel do pai escandalizado quando eles compartilharam a mesma cama no quarto de hóspedes. Candace subira a escada antes que ele, e então Paul se virou para mim, dizendo:

— O senhor sabe que sua filha Candace é...

— Paul, não estamos em um romance de Jane Austen, por isso pode me chamar de Thomas. E já sei que Candace é minha filha, de modo que...

— Não é isso, senhor Thomas, é que eu apenas queria dizer que Candace é a melhor coisa que já me aconteceu na vida.

— Isso é muito bonito de se dizer, Paul.

— E eu também acho que ela é a pessoa mais inteligente que conheço.

Parte de mim se perguntou imediatamente se, talvez por causa de minhas muitas ausências durante a sua infância e o relacionamento frio entre sua mãe e mim, o que Candace viu em Paul foi decência e estabilidade, duas qualidades admiráveis, mas não exatamente as mais interessantes.

E agora...

— E quando foi essa proposta? — perguntei.

— Cerca de três semanas atrás — Candace respondeu.

— Entendo.

— Eu sei que deveria ter lhe contado antes.

— Nem tanto. Você precisou de tempo para pensar antes de falar comigo.

— Eu ainda não disse nada para a mamãe.

— Bem? E você, como está sentindo? Feliz? Surpresa? Horrorizada?

— Um pouco dos três — ela respondeu. — Eu não sei se você sabe que Paul acaba de ser admitido na Escola de Teologia de Yale, onde ele deve cursar um mestrado e talvez um doutorado. E, no fim, ele vai ser ordenado um ministro episcopaliano.

— Ah, que bom — disse eu.

— Não pude deixar de notar certa ironia em seu comentário — rebateu Candace.

— Olha, felizmente, os episcopais não são pentecostais. E ele é um cara legal, mas...

— Pai, eu acho que eu o amo.

— Bem, isso é muito importante se você pretende se casar com ele. Mas note como você qualificou a declaração, dizendo “eu acho”. Desculpe... Sei que não estou pulando de alegria e dizendo como tudo é fantástico, mas é que...

— Para você, ele não está à altura, é isso? — cortou Candace.

— Não é isso — respondi. — Eu acho que Paul é excepcionalmente gentil e atencioso. E eu sei que ama você.

— Estou vendo chegar um “mas”...

— Bem... Você sabe que eu tenho reservados quinze mil dólares para dar a você como um presente de formatura. Tenho a esperança de que você aceite e se perca pelo mundo durante um ano. Vá viajar pelo sudeste da Ásia, de lá para a Austrália. Consiga um daqueles vistos de trabalho que eles dão para o pessoal que acaba de completar os estudos. Passe metade do ano na Grande Barreira de Corais ou trabalhe em um jornal de Sydney. Tenho alguns conhecidos na cidade. E então volte, ou não volte, e só depois pode começar a pensar sobre o que você fará em seguida.

— Em outras palavras, não case.

— Em outras palavras: primeiro, tente encontrar o seu lugar no mundo. Não se prenda a um canto, especialmente se mais tarde você descobrir que não era bem o canto onde desejava estar.

— Paul me disse a mesma coisa — comentou Candace. — Ele sabe que você vai me dar os quinze mil dólares e está me animando para que eu vá viajar. Disse também que o pai dele, um contador, nunca faria algo tão fantástico. Ele quer que eu viaje. E quer que eu volte para me casar com ele.

— Paul é um rapaz muito progressista.

— Pai, lá vem a ironia de novo...

— Eu acho que o Paul está certo — disse eu. — Saia pelo mundo, viaje. Viva suas aventuras. Então, dentro de um ano, se você ainda quiser se casar com ele...

— Eu acho que quero me casar com ele agora — respondeu Candace.

— Ah.

— Você parece decepcionado.

— Você nunca me decepciona, Candace. Nunca.

— Mas acha que estou me precipitando e que não dediquei toda a reflexão que esse assunto merece. O problema é que eu pensei muito, pai. Paul é alguém que me respeita e me ama apaixonadamente. Ele não vai tentar tornar-me alguém que eu não quero ser e me dará muita liberdade para ser eu mesma.

— Tudo isso soa muito bom — respondi. — É só que... Por que não aceita a oferta dele de ir viajar pelo mundo durante um ano?

— Para conhecer um surfista em Bondi Beach que vai me fazer curtir um período legal e me convencer de que o mundo é um pouco maior do que pode oferecer um futuro pastor episcopal?

Eu sorri e disse a mim mesmo: *Cale a boca e pare de dar conselhos*. Mas em vez disso, falei:

— Candace, eu jamais direi a você o que fazer com sua vida. Apenas certifique-se de que esse é o homem que você ama de verdade, nada mais.

— Eu tenho certeza. Sei que antes eu falei “eu acho”. Mas foi só uma maneira de falar, porque estava nervosa e pensei que se dissesse “Eu tenho certeza de que ele é o homem da minha vida”,

então você me diria...

— Candace — interrompi —, aquilo que eu penso, definitivamente, importa muito pouco. O que vale mesmo é aquilo que você sente, e nada mais. E se você realmente sente que ele é a pessoa...

— Você sentiu isso, certo? — perguntou ela.

— Sim.

— Mas não com a mamãe.

— Foi ela que lhe disse isso? — perguntei.

— Para falar a verdade, foi. E ela também disse que tampouco havia sentido algo por você alguma vez.

— Bem, sua mãe sabe falar com franqueza.

— Mas ela também disse que você nunca quis falar com ela a respeito dessa mulher.

— Talvez porque, se tivesse conversado com ela sobre isso, eu a teria incomodado.

— Só porque uma vez você se apaixonou por alguém?

— E porque ainda me dói.

— Isso é muito triste.

— Não. É apenas a vida. Em qualquer caso, se as coisas tivessem dado certo com essa outra pessoa, você não existiria.

— Então... — disse ela — eu sou a recompensa?

— Sem dúvida, você é a melhor coisa que já me aconteceu, Candace.

Ela estendeu o braço por cima da mesa, me tocou levemente a mão e sussurrou:

— Obrigada. — E acrescentou a seguir: — Mas você continua muito sozinho, pai.

— Isso pode mudar — respondi.

— Só se você quiser.

— Eu acho que todos nós devemos empreender a viagem com esperança, Candace. Mesmo quando pensamos que tudo está perdido, temos que tentar nos convencer de que a vida pode mudar de rumo... E de que ainda continua carregada de possibilidades.

— Então — retrucou ela —, se me caso com Paul porque o adoro... E depois, dentro de dez anos, tudo dá errado e me vejo com dois filhos e sem um centavo...

— Prometo que não falarei “Eu te disse!”. Mas digamos que isso aconteça. Digamos que tudo dê errado e que você tenha dois filhos pequenos. Tudo depende da interpretação. Você pode pensar que todas as portas estão fechadas, ou pode pensar que “crise” é sinônimo de “oportunidade”. Você pode ficar sentada em sua casinha de subúrbio, sentindo-se deprimida, ou levar seus filhos para outro país e começar de novo. Essa é a grande tragédia para muitas pessoas. Elas esquecem que a vida é uma estrutura extremamente flexível... e que podemos escolher os seus limites e horizontes.

— Nem todo mundo é tão livre quanto você, papai.

— Eu não sou tão livre. Na verdade, eu sou tudo, menos livre.

Poucas horas depois, eu a levei de volta para seu apartamento perto do campus. Quando o carro parou, imaginei Paul sentado numa cadeira de balanço na sala de estar dos dois, debruçado sobre um livro muito espesso.

— Podemos ir visitá-lo neste fim de semana? — perguntou Candace.

— Eu adoraria.

— Eu vou me casar com ele, pai.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se inclinou para mim, me deu um grande abraço e saiu.

Esperei até que ela tivesse entrado em casa antes de arrancar e me dirigir para o norte, a caminho de minha casa. Enquanto dirigia, refleti sobre o fato de que minha maravilhosa filha tivesse feito seu anúncio final coincidir com uma saída rápida do carro. Isso me entristeceu, mas eu entendi a razão de sua atitude. Nós somos muito parecidos, Candace e eu. Mas ela está com vinte e um anos e tem que viver a própria vida. Talvez Paul seja a melhor coisa que lhe venha a acontecer na vida: um homem que a ama imensamente e lhe dá a flexibilidade de que necessita, mas também faz que ela se sinta amada, adorada e completa. Ou talvez ele se torne um pedante egoísta e controlador, ansioso por demonstrar sua superioridade moral e que converterá sua vida em um inferno. Também pode ser que tudo acabe em um meio-termo legal. A única coisa certa é que estamos sempre correndo riscos em nossa vida. Sempre nos convencemos de que um projeto, um caminho específico para o futuro, será melhor para nós... Ou que, pelo menos, irá fazer deste breve espaço de tempo de que ainda dispomos valer a pena ser vivido e nos pareça de algum modo completo.

Completo.

Existe alguma coisa na vida verdadeiramente completa? Ou tudo se reduz a encontrar e perder, perder e encontrar?

Minha filha, minha única filha, quer se casar. Claro, eu lhe dou a minha bênção. Claro, eu tenho as mais profundas dúvidas sobre o real motivo de sua decisão. Claro, eu me pergunto se ela não está tentando, como todos os outros, buscar compensação por tudo o que não teve na infância. E é claro que me sinto culpado por isso. E, sem dúvida, procuro amenizar essa culpa pensando que somos amigos, que nós podemos conversar, que nos entendemos.

Você continua muito sozinho, pai.

É verdade. Mas eu conheci o amor em sua manifestação mais profunda e ilimitada. Encontrei e perdi. Perdi e encontrei.

Que privilégio foi tê-lo encontrado, mesmo que apenas por um instante fugaz, transcendente!

E agora...?

Agora, estou em uma estrada. Agora a noite não poderia ser mais fria e mais escura. Agora estou em um carro dirigindo para o norte. Agora estou sozinho.

A estrada é larga e aberta. Dentro de algumas horas, amanhecerá. Outro dia, um dia a mais. Quantas oportunidades excepcionais! Quantas possíveis trivialidades! Nossas escolhas são tudo e são nada. A história pode acabar bem. A história pode ter um final trágico. Mas a estrada está

sempre lá. E, goste ou não, temos que percorrê-la.

E a maneira como a percorremos... E quem encontramos pelo caminho...

O amor é sempre a busca principal. Por que o que se torna um caminho desses sem algum tipo de significado concreto? Como podemos nos lançar no momento cada vez mais débil do tempo sem alguém para retardar a marcha das coisas, que faça que tudo valha a pena e que dê uma real importância a essa viagem?

Petra. Meine Petra.

Continuarei sendo atormentado por isso para sempre? Ouvirei o eco dessas três palavras por todas as estradas que eu percorrer? Porque aquilo que todos nós queremos intensamente, eu encontrei uma vez.

E, depois, perdi tudo...

Aqui está a estrada. O novo dia. O que me espera mais adiante. A esperança de encontrar algo revelador e profundo. A ideia de que isso nunca mais vai cruzar meu caminho. A necessidade de dizer a mim mesmo que a vida é uma questão de segundas chances. O imperativo de avançar. A solidão inerente à existência humana. O desejo de se conectar com alguém. O medo inerente a essa conexão.

E, no meio disso tudo, está também...

O momento.

O momento que pode mudar tudo. O momento que às vezes não muda nada. O momento que mente para nós. Ou o momento que nos diz quem somos, o que procuramos, e o que tanto desejamos trazer à luz... Ainda que possivelmente nunca o consigamos.

Será que alguma vez seremos verdadeiramente livres do momento?

¹ Oh, eu fiz uma tribo/ com meus verdadeiros afetos/ e minha tribo está dispersa. / Como o coração pode se reconciliar/ com seu banquete de ausências? (Tradução livre)

³ Lei aprovada pelo governo norte-americano com o objetivo de facilitar aos soldados que combateram na Segunda Guerra Mundial obter financiamento para estudos técnicos ou universitários, para compra da casa própria ou para abrir um negócio, além de uma pensão durante um ano. (N.T.)

⁴ Termo relacionado à psicologia. Diz respeito à metodologia de Ivan Petrovitch Pavlov [1849-1936], fisiologista russo, conhecido por seus experimentos e teorias acerca dos reflexos condicionados. (N.T.)

⁵ RDA: República Democrática Alemã. (N.T.)

⁶ *Volkspolizei*: Polícia Popular Alemã. (N. T.)

⁷ Bem-vindo a Berlim. (N.T.)

⁸ *Lingua franca* (sem acento no “i”) é uma expressão latina para língua de contato e comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos para o comércio internacional e outras interações mais extensas. No Império Romano e no milênio seguinte, a *lingua franca* foi o grego no Oriente e o latim no Ocidente. O português serviu de *lingua franca* na África e Ásia nos séculos XV e XVI. O francês serviu de *lingua franca* em seguida, sendo a língua da diplomacia na Europa a partir do século XVII. O inglês é a *lingua franca* atual no mundo dos negócios e na diplomacia. (N.T.)

- ⁹ Expressão de origem romana que significa zerar a mente, limpar tudo em volta, começar uma nova vida e esquecer seu passado. A palavra *tabula* refere-se às tábuas cobertas com fina camada de cera, usadas na antiga Roma para escrever, fazendo-se incisões sobre a cera com uma espécie de estilete. As incisões podiam ser apagadas, de modo que se pudesse escrever de novo sobre a *tabula rasa*, isto é, sobre a tábua apagada. (N.T.)
- ¹⁰ O capitalismo é uma merda. (N.T.)
- ¹¹ Palavra de origem inglesa que vem de *perma*, permanente, e *frost*, gelado, usada pela primeira vez em 1943 por S. W. Muller; uma constituição de terra, gelo e rochas permanentemente congelados. (N.T.)

- ¹² *Wedding* é a palavra inglesa que significa casamento, fazendo assim um trocadilho com o nome do bairro em que estão. (N.T.)
- ¹³ Polícia Secreta da Alemanha Oriental, fundada em 1950 e que seguia o modelo do departamento de segurança da União Soviética. (N.T.)
- ¹⁴ Krups: fabricante alemã de eletrodomésticos. (N.T.)
- ¹⁵ O deus supremo, Wotan é uma versão germânica de Odin — um dos principais deuses da mitologia nórdica que tem o dom e o poder de sabedoria, razão, memória, guerra, vida e morte, magia, poesia, profecia, vitória, caça e prosperidade, o equivalente ao Zeus grego e ao Júpiter romano. (N.T.)
- ¹⁶ United States Information Agency. Agência de Informação dos Estados Unidos, em português. (N.T.)
- ¹⁷ *Tristão e Isolda* é uma história lendária sobre o sentimento de paixão incontrolável entre o cavaleiro Tristão, originário da Cornualha, e a princesa irlandesa Isolda (ou Iseu). Os dois, por um acidente de origem mágica, se tornam perdidamente apaixonados. A lenda foi contada e recontada em muitas diferentes versões ao longo dos séculos, gerando outras versões, peças de teatro e até filmes. (N.T.)
- ¹⁸ “Alabama Song” (também conhecida como “Moon of Alabama”), música cantada e escrita em inglês e que foi regravada por nomes como David Bowie e The Doors anos mais tarde. Uma tradução aproximada da letra seria: “Mostre-me o caminho para o próximo bar de uísque / Não me pergunte por que, não me pergunte por quê. Porque se não encontro o caminho, só sei que a gente deve morrer. Porque se não encontro o caminho, só sei que a gente deve morrer / Oh, lua do Alabama, agora nós devemos dizer adeus, nós perdemos nossa velha boa mãe e devia ter uísque, oh, você sabe por quê...” (N.T.)
- ¹⁹ O branco normalmente usado na maquiagem do teatro japonês. (N.T.)
- ²⁰ Em inglês, *dope* quer dizer tanto “narcótico” quanto pessoa “tola, imbecil, idiota”. (N.T.)
- ²¹ *Weltschmerz* (a dor do mundo, ou o cansaço do mundo) é um termo cunhado pelo escritor alemão Jean Paul e denota o tipo de sentimento experimentado por alguém que entende que a realidade física nunca pode satisfazer as exigências da mente. (N.T.)

²² Agradável, em alemão. (N.T.)

²³ Mais do que um sósia, segundo as lendas germânicas, é um ser fantástico que tem o dom de copiar as características da pessoa que ele escolhe ou que passa a acompanhar. Copia tudo, tanto interna quanto externamente. Numa definição moderna, seria um clone. (N.T.)

²⁴ Expressão idiomática que pode significar “vir do nada” ou ainda excêntrico, estranho, esquisito, errado, desinformado, por fora, dependendo do contexto. A origem dessa expressão é o “left field”, região afastada do centro do campo onde ocorrem as jogadas principais durante uma partida de beisebol. (N.T.)

- ²⁶ *Lied*: melodia vocal geralmente baseada em um poema popular. (N.T.)
- ²⁷ O termo *mein Mann* em alemão quer dizer de modo carinhoso “meu marido”. (N.T.)
- ²⁸ Dona de casa. (N.T.)

- ²⁹ Divisão administrativa usada em alguns países francófonos e também nos Países Baixos. Seria uma espécie de bairro, caracterizado por números. (N.T.)
- ³⁰ *Rive Gauche* (margem esquerda, em francês) é o nome que se dá em Paris para a metade sul da cidade em razão de sua situação em relação ao curso do rio Sena, em oposição à margem direita – *Rive Droite*. (N.T.)
- ³¹ Em francês, “chapéu” é uma expressão genérica que se utiliza como apreciação ou respeito, dando a entender que o mais pertinente nesse momento seria tirar o chapéu para cumprimentar a alguém. (N.T.)
- ³² Pintura, desenho ou escultura constituída por três painéis: um painel central e fixo e dois laterais dobráveis que podem se fechar, cobrindo completamente o central. (N.T.)
- ³³ *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto) foi um movimento literário romântico alemão que ocorreu no período entre 1760 e 1780. (N.T.)

³⁴ Escritor americano de ficção científica que teve várias de suas obras adaptadas para o cinema, entre as quais *Blade Runner*, *O vingador do futuro* e *Minority Report*. (N.T.)